

Jorge de Sena

SINAIS DE FOGO



LIVROS DO BRASIL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Jorge de Sena

SINAIS DE FOGO



LITROS DO BRASIL



Jorge de Sena nasceu em Lisboa a 2 de novembro de 1919 e morreu em Santa Bárbara, na Califórnia, a 4 de junho de 1978. Licenciado em Engenharia Civil pela Faculdade de Engenharia do Porto, parte para o exílio no Brasil em 1959 e aí doutora-se em Letras e torna-se regente das cadeiras de Teoria da Literatura e de Literatura Portuguesa. Muda-se para os Estados Unidos da América em 1965, lecionando na Universidade de Wisconsin e, anos depois, na Universidade da Califórnia. Poeta, ficcionista, dramaturgo, ensaísta e tradutor, é considerado um dos mais relevantes escritores de língua portuguesa do século XX, autor de títulos como *Metamorfoses* (1963), *Os Grão-Capitães* (1976), *O Físico Prodigioso* (1977) e *Sinais de Fogo* (1979), este último considerado a sua obra-prima.

Sinais de Fogo

Jorge de Sena

Publicado por

Livros do Brasil (www.livrosdobrasil.pt)

© Mécia de Sena, 2017

© Porto Editora, 2017

Imagem da capa: Título desconhecido (*Coty*), de Amadeo de Souza-Cardoso. Pormenor.

Fotografia do autor: © Américo Diégues/Arquivo JN

1.^a edição em papel na Livros do Brasil/Porto Editora: junho de 2017

Livros do Brasil é uma chancela da Porto Editora

Email: editora@livrosdobrasil.pt



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-38-3007-1

**Este livro respeita
as regras do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.**

PARTE PRIMEIRA

I

Ramon Berenguer de Cabanellas y Puigmal já era célebre, quando, por fusão de duas turmas, passou a ser meu colega no 6.º ano dos liceus. As suas calmas e sonhadoras extravagâncias, o seu ar de senhor de idade, o mistério adulto de que rodeava a sua figura pequena e atlética, a sua profunda convicção de que, desde o século XII ou XIII, a Espanha devia à sua família o condado de Barcelona, as perguntas absurdas, feitas com o ar mais convicto e ingênuo do mundo, com que ele era o terror dos professores inseguros, e o seu famoso sistema filosófico que tudo explicava e o dispensava, «graças ao controle das energias do cérebro», de estudar as lições (salvo em casos de última emergência), tudo isto não fazia dele um ídolo nem um chefe, mas um ente respeitadíssimo, apesar da ironia com que todos o apontavam. Uma vez, numa aula de filosofia (o professor era um pobre diabo, muito lendário pela degradação intelectual a que chegara, e a quem, certo dia, na indisciplina ruidosa que eram essas aulas, demonstrámos o argumento de Diógenes arrastando todas as carteiras, sentados nelas, para os vários cantos da sala), D. Ramon levantou-se, e objetou que todos os seres vivos tinham alma, o que, segundo as regras da ciência, era uma verdade, e não um ponto controverso da especulação filosófica. Fez-se um silêncio de expectativa risonha. E o professor, debruçando sobre a secretária os bigodes pendentes e amarelados, perguntou-lhe: – Quais regras da ciência? –. E ele, entreabrindo os lábios finos que nunca se sabia quando sorriam ou se apertavam de contrariedade, respondeu: – A observação e a experimentação. – Ah, muito bem, e como foi que o senhor observou e experimentou a alma dos animais? – Como, senhor doutor? Pessoalmente –. E foi uma gargalhada geral. Ficou imperturbável. – Pessoalmente? – repetiu o professor. – Sim senhor. Fotografando a morte de um gafanhoto –. Nova gargalhada. – Um gafanhoto? E o que deu a fotografia? – continuou o professor como que desperto da sua sonolência costumeira. – A fotografia, senhor

doutor, foi tirada por um irmão meu, enquanto eu matava o gafanhoto. Mas de modo que se visse a alma passar. E, nela, vê-se nitidamente a alma subindo ao céu. – A alma do gafanhoto, a alma do gafanhoto – repetíamos todos por entre as risadas. E ele, circunvagando um olhar por sobre as nossas cabeças, afirmou: – Sim, a alma do gafanhoto subindo ao céu –. O professor riu também, como nunca o tínhamos visto rir: – Essa é boa, Sr. Puigmal, essa é muito boa. Subindo ao céu? Ah, ah, ah. E como subia ela? – Em espiral, senhor doutor –. Foi um charivari de riso. Ele levantou a mão, solicitando silêncio; o rosto enublou-se-lhe de um ar muito compungido, e disse: – Perdão, eu equivoquei-me –. Todos ficaram suspensos da pausa que se seguiu; ele ia, num golpe de teatro, confessar a brincadeira. – Equivoquei-me, cometi um lapso, não era em espiral, era em hélice que ela subia –. E sentou-se. Foi constrangido o riso que se seguiu. O professor enfureceu-se: – E essa fotografia onde está? Tem-na aí consigo? Tem? Passe-a para cá –. O Puigmal levantou-se muito digno: – Tenho, sim senhor, mas não há lei nenhuma que possa obrigar um cientista a revelar os documentos das suas pesquisas, enquanto não estiverem concluídas –. Os nossos olhares iam de um para o outro. – Não há? Não há? Pois sou eu quem manda. Eu! Ouviu bem? Eu! –. Nunca o tínhamos visto assim. – Não posso, nem devo, até porque as experiências não me pertencem, mas a meu irmão também. – Ah não pertencem? Não lhe pertencem, porque o senhor é um intrusão. – O senhor doutor ofende-me sem necessidade. Mas todos os cientistas esperam sempre a hora de serem mártires. Peço licença para me retirar –. A esta altura o silêncio e a imobilidade eram totais. – Pede-me licença? Pede-me licença? Eu é que o ponho na rua, e vou participar do senhor. Saia! Ponha-se lá fora! –. Ramon ajustou o fato, saiu da carteira, passou por entre as filas, e, ao pé da porta, voltou-se para dizer: – É uma injustiça que o senhor comete. Eu fotografei, com meu irmão, a alma do gafanhoto. Mas nem teria sido preciso senão como documento. Porque eu vi-a –. E, abrindo a porta com a sua

mansidão, saiu. Alguns tentaram rir-se. Todos estávamos perplexos. Mas qual não foi o nosso espanto, ao perceber que o professor chorava: – A mim... Isto só a mim... E se eu tivesse feito o mesmo com a Alicinha, quando ela morria, quem sabe, quem sabe... –. A Alicinha era uma filha dele, todos sabiam, que morrera já crescida, e sobre a qual, nos seus devaneios, às vezes dissertava em aula. Felizmente, a campainha veio tirar-nos do embaraço. E corremos para o pátio, onde Puigmal se passeava de mãos atrás das costas. As opiniões dividiam-se: ele exagerara na brincadeira, aquilo era a sério, não era... Fizemos um apertado círculo à volta dele. E o Mesquita, que era o sempre reeleito chefe de turma, pelo prestígio das suas aventuras amorosas (era amante de uma mulher casada, e que não era a primeira, não), plantou-se na frente dele, e perguntou: – Puigmal, essa do gafanhoto... tu inventaste para gozar o gajo? –. Ele levantou os olhos indiferentes e claros na face quadrada e mate, e repetiu: – Eu vi. – Viste o... – disse o Mesquita. – Não, isso não vi. Mas a alma do gafanhoto eu vi –. O Mesquita ergueu a mão, com o ar de quem significava que o que ele fazia ao velho Torres não lhe fazia a ele. Mas baixou-a, talvez pensando que um dos poderes do Puigmal era saber luta, e arriscava a sua autoridade ante demasiado público. E disse: – Tu juras que é verdade essa história? – Claro que juro, e pelo que vocês quiserem. E é o que repetirei ao reitor, se ele me chamar. Mas não chama, que o Torres não participou de mim –. A expectativa desperdiçou-se na discussão de se o professor participaria ou não. E a campainha convocou-nos para a aula seguinte, a última da tarde. Eu e o Mesquita costumávamos voltar para casa juntos, porque morávamos perto um do outro, e eu era como que o confidente das suas proezas. Puigmal fazia também caminho para o mesmo lado, mas morava muito mais longe do liceu que nós. Nunca, porém, entre nós e ele, se estabelecera convívio que permitisse voltarmos os três juntos, talvez porque sempre ele assumia, no pátio, ares de experimentada superioridade, quando o Mesquita aludia, aliás sem

alarde mas com hábeis reticências, às suas aventuras. A alma do gafanhoto, naquele dia, aproximou-nos dele. E datou de então a nossa amizade.

Não foi, a princípio, uma amizade fácil, e creio mesmo que o não foi nunca. Mas nós tolerávamos a sua displicência, o condado de Barcelona, a alma do gafanhoto, os mistérios, em troca de uma fascinante simpatia que afinal, sem que antes tivéssemos notado, irradiava dele, num misto de alegria infantil e acaciana gravidade, iluminando-lhe o rosto quadrado e vago, quando dissertava sobre o que lhe vinha à cabeça. Nós já éramos suficientemente maduros de espírito, para percebermos a que ponto quase nada do que ele dizia tinha base concreta, ou provinha do mínimo estudo. Mas descobríamos, pouco a pouco, que não havia a mínima falsidade no que ele deduzia ou inventava, ou, o que era o mesmo, que ele vivia num mundo seu, onde não penetravam as ideias dos outros, e onde quanto ele pensava tinha valor idêntico ao que houvesse pensado um Newton qualquer. E esta segurança que se desfazia a descobrir as demonstrações dos teoremas, se recusava a ler qualquer obra literária (porque, quando ele escrevesse, faria um livro *definitivo* que não poderia ser, de antemão, influenciado pelo estilo de ninguém), e nada nos confidenciava da sua vida (porque um homem, para sê-lo, só se confessa ao seu demónio familiar), se era muito irritante, foi perdendo, com o tempo, a finura do traço, e, com o hábito, o poder de ferir-nos, do que ele tirava, acabámos reconhecendo, um inocente prazer. E já não estranhávamos o tom doutoral com que ele ia descobrindo, com condescendência, as coisas que nós, os outros dois, já tínhamos estudado.

Rotativamente, estudávamos em minha casa ou na do Mesquita. A casa do Puigmal era como que um recinto sagrado de que ele, com delicada reserva, nos afastava. O Mesquita, não sei por que coincidência, conhecia-lhe a família: o pai, a mãe, o irmão mais velho. E, às vezes, falando-me deles, manifestava a sua incompreensão de uma reserva que nada do que ele sabia parecia

justificar. Eram pessoas como as outras, muito simpáticas, bondosas mesmo, que viviam bem, sem nada que esconder. E nada mais natural que os amigos dele irem a casa dele estudar, do mesmo modo que ele vinha às nossas casas. Mas sempre ele desviava as alusões a um rotativismo tão unilateralmente cumprido. E contra uma obstinação dele não havia rodeio que prevalecesse.

Um dia, o Puigmal faltou às aulas. No dia seguinte, também. À tarde, ao voltarmos do liceu, o Mesquita e eu considerámos que ele estaria doente, e que o melhor era telefonarmos a saber dele. Naquele tempo, os telefones eram raros, mas tanto o Mesquita, como o Puigmal, tinham telefone.

– Acho que podíamos ir visitá-lo – disse eu.

O Mesquita olhou de revés para mim, e sorriu. Fomos.

Parámos diante do prédio, nas Avenidas, que era imenso (para aquele tempo). A entrada, muito pomposa, era sombria.

O Mesquita, olhando para as janelas em que o sol do poente brilhava, disse: – E se ele se zanga connosco? Não seria preferível telefonarmos primeiro, de qualquer parte?

– Corremos o risco – disse eu. – Se ele diz que não quer visitas, quando é que a gente consegue outra ocasião de quebrar este enguiço?

Entrámos, subimos a escada até ao primeiro andar em que ele morava, e parámos no escuro, fitando a campainha dourada que havia na porta.

Foi a minha vez de hesitar. O Mesquita tocou a campainha. O silêncio começou a rodear-nos de uma crescente penumbra que cheirava a bafio, cera e passadeira de esparto.

– Tocamos outra vez? – perguntei.

– Espera – e ambos colámos a cabeça à porta. Nada se ouvia. Parecia que não havia ninguém em casa. A minha campainhada retiniu fortemente. Nada.

– Se calhar, não estão cá, foram todos de viagem para a quinta – disse o Mesquita. A quinta que o pai de Ramon havia recentemente

comprado, nos arredores de Lisboa, era-nos conhecida pelas alusões dele, e, no escuro, revi as imagens que ele evocava: uma casa antiga e baixa, escondida entre o arvoredor, na encosta de uns montes, longe de tudo, as adegas abandonadas e cheias de palha, as portas que rangiam, os candeeiros que, em cima da mesa, três e quatro, não bastavam para afugentar as sombras húmidas que persistiam nos cantos da sala.

– Vamos embora – disse o Mesquita. – Foram todos para fora. Por isso é que ele faltou.

E começámos a descer a escada. Íamos no patamar, quando a luz se acendeu. Parámos, voltados para cima. A porta entreabriu-se, e a cabeça de Puigmal espreitava.

– Que é que vocês querem? – e a voz dele era inquieta e contrariada.

– Faltaste dois dias... Julgámos que estivesses doente, e viemos ver-te – respondi eu.

– Hum... Mas não estou doente – e a cabeça sumiu por momentos, olhando para dentro, e logo voltou.

– Bem... – disse o Mesquita. – Se não estás doente, vamos embora.

– Já que aí estão, subam – e a porta abriu-se.

Subimos e entrámos. A casa tinha um corredor imenso, com portas a um lado e outra ao fundo. Mas foi para uma sala logo à esquerda da porta, que ele nos fez passar. Era uma sala grande, estranhamente vazia, com sacadas para a avenida, em que havia daquelas antigas secretárias muito altas, de se escrever em pé nos grandes livros de comércio, encostadas às paredes. Atrás de Puigmal que fechara a porta e nos ultrapassara, entrámos numa outra sala contígua, também iluminada já por uma lâmpada nua que pendia no teto. Ele postou-se atrás de uma pequena secretária que estava perto da janela, e disse: – Sentem-se –, e sentou-se ele mesmo, com as mãos unidas sobre a secretária, com o ar de quem nos dava audiência.

Nós sentámo-nos em cadeiras que, além de uma poltrona pequena e de uma estante de portas envidraçadas com cortinas amarelas, eram, com a secretária e a cadeira dele, a única mobília do pequeno escritório. O mesmo cheiro de bafio, cera e passadeira, que havia na escada, era o que havia ali, como se numa casa que, depois de limpa e encerada, tivesse ficado desabitada e fechada por muito tempo.

– Como estiveste dois dias sem aparecer no liceu, ontem e hoje, e não tinhas dito que ias para a quinta – disse o Mesquita –, julgámos que estivesse doente, e viemos ver-te.

– Podiam ter telefonado.

– Podíamos – disse o Mesquita, e um silêncio constrangido se seguiu.

Então, solene, o Puigmal explicou: – Os meus pais foram, com as criadas, para a quinta, mas eu e o meu irmão, por causa das aulas, ficámos cá.

Eu e o Mesquita entreolhámo-nos, perplexos.

– Mas aproveitámos a oportunidade para fazermos algumas experiências.

Creio que não contivemos ambos um sorriso em que havia a lembrança da alma do gafanhoto. O Puigmal percebeu, e acrescentou: – Não dessas, outras experiências.

– E o teu irmão onde está? – perguntei eu que nunca lho vira, mas sabia que ele frequentava medicina.

– Está lá dentro, precisamente concluindo a sua parte numa.

– Ah – disse o Mesquita que conhecia o irmão. – E é de medicina a experiência dele?

– Não propriamente. Mais exatamente é de anatomia, e de fisiologia também – e sorriu com misteriosa malícia.

Os olhos do Mesquita brilharam logo.

– Ah, foi então *isso* que tu ficaste fazendo? E em casa... Sozinhos?...

– Isso é uma longa história... – e o Puigmal recostou-se num

espreguiçamento que era muito dele, quando queria sugerir um mundo de prazeres discretos.

– Conta – disse eu, esperando já uma daquelas histórias em que se não sabia a parte da verdade e a da mentira.

– É muito simples – começou ele. – Nós ficámos realmente por causa das aulas. Os meus pais às vezes vão para fora, e fazem isso para aprendermos a arranjar-nos sozinhos (a compra da quinta era recente, e, antes, ele falava em que o pai, por causa dos negócios, viajava muito, mas sempre só). E o caso é que nos arranjamos. Tu lembras-te de eu te ter contado – e dirige-se ao Mesquita – aquela história das nossas vizinhas das traseiras? Duas irmãs que moram neste quarteirão, mesmo por trás de nós? (o Mesquita assentiu de cabeça, mas eu lembrava-me também de uma história parecida e que era uma das grandes aventuras do Mesquita: de como ele era amante de uma fulana que morava num prédio cujas traseiras davam para o quintal da casa dele, e de como ele, de noite, já deitada toda a gente, ia para casa dela, saltando o muro e subindo a escada de serviço, em pijama, e de como, uma vez, o marido chegara de viagem inesperadamente, e ele ficara horas, ao frio, completamente nu, escondido no fundo da escada de serviço, sem poder saltar o muro, porque o marido, em cima, fazia sentinela, gritando que mataria o dono daquele pijama que não era seu, e a mulher gemia: – Mas é teu, é teu, eu durmo sempre com o teu pijama, quando não estás cá... Olha a vizinhança que te ouve...).

O Puigmal continuava: – Pois é essa história. Sempre as namorávamos por sinais. E, ontem e hoje, como só estávamos nós em casa, elas saíram para as aulas, deram a volta ao quarteirão, de manhã e de tarde, e vieram estudar connosco.

– E estão lá dentro? – perguntou o Mesquita. – Viemos interromper a lição?

– Estão. Mas a lição desta tarde já devia ter acabado, são mais que horas de elas chegarem a casa. O pior é que, com vocês aqui, devem estar com medo de sair – e levantou-se, passou à sala

contígua, e deixou-nos sós.

– Tu acreditas nisto? – perguntei.

– Não – respondeu o Mesquita. – Mas espera aí que eu já o caço.

Ficámos ambos calados, e não tardámos em ouvir no corredor um tropel de passos abafados, vozes murmuradas, a porta que se abria e fechava.

Ramon voltou, com o irmão atrás. Era exatamente igual a ele, mas como que uma reprodução ampliada e mais envelhecida (apesar de a diferença de idade, entre eles, ser de apenas um ou dois anos). Apresentou-mo, e ele cumprimentou efusivamente o Mesquita que já conhecia, depois de, com um aprumo que parecia germânico, ter feito uma breve curvatura perante mim.

Estávamos todos de pé, e o Mesquita disse: – Com que então, ontem e hoje, não tiveram descanso a desflorar as virgens?

– Virgens? – repetiu o irmão de Ramon, olhando para nós todos, um após outro.

– Não eram virgens? – insistiu o Mesquita. – Então são manobras de rotina.

– Eram e ficaram virgens – declarou Ramon.

– Ah, então estiveram a ensiná-las a jogar a bisca lambida? – perguntou o Mesquita. – Ou eram só beijinhos e abraços?

– Nem uma coisa nem outra – disse secamente o irmão de Ramon. – Apenas fizemos experiências sobre a elasticidade himénica.

– Mas que interessante! – exclamou o Mesquita. – Andaram então só passeando pelas bordinhas do lago...

– Não propriamente – disse Ramon. – Estivemos experimentando um produto novo, de nosso fabrico, que tem esse efeito.

O Mesquita desatou às gargalhadas: – Mas que grande coisa! O pior é se a elasticidade não dá para coisas grandes!

Os dois irmãos formalizaram-se. E o mais velho replicou: – Dá perfeitamente para dimensões normais. Quer ver?

– As dimensões? Não, obrigado. Mas o produto, isso quero.

O estudante de medicina saiu, e Ramon disse: – Tu julgas que é história, mas vais ficar pasmado.

O outro voltou, apresentando-nos uma latinha de metal, que abriu. Dentro havia uma pomada clara e perfumada.

Mesquita pegou na latinha, aproximou-a dos olhos, do nariz, tocou a pomada com um dedo: – Isto é vaselina, com perfume.

– É? Observe – disse o outro. E foi à estante, trouxe um pedaço de papel de seda, pousou-o em cima da secretária, tirou da mão do Mesquita a latinha, e esfregou com pomada uma área do papel. Depois, segurando o papel esticado, disse-lhe: – Fure com um dedo.

O Mesquita espetou o indicador e pousou-o teso no papel. Este encurvou-se e não rompeu.

– Vês? – disse Ramon.

– Isto não é papel de seda – respondeu o Mesquita.

E o irmão de Ramon disse: – É papel de seda, isto – e erguia a latinha no ar – é que não é vaselina.

O Mesquita ficou interessado: – E como é que isso se põe, para dar efeito?

– Com um dedo. E você mesmo se unta com o produto.

– E vocês estiveram experimentando isso nelas? – perguntei eu.

– Claro – disse o irmão de Ramon. – Bem vê que em prostitutas não seria possível.

Rimo-nos todos. E o de medicina, olhando o relógio de pulso, exclamou: – Desculpem-me, mas tenho de sair.

– Você vai dar-me um bocadinho dessa coisa, para eu experimentar – disse o Mesquita.

– Pode ficar com essa latinha – respondeu ele, e saiu.

Ramon voltou para trás da secretária, enquanto o Mesquita, fechando cuidadosamente a latinha que tornou a cheirar, a guardava no bolso.

Ouvimos a porta da rua bater. E Ramon disse: – Sentem-se, fiquem mais um bocado.

Sentámo-nos. Eu olhei para fora. Já era noite fechada.

– Ó Mesquita – disse eu –, acho que também são horas de irmos para casa.

Ele olhou para o relógio de pulso, e concordou: – E são mesmo. Vamos que eu já ganhei o meu dia – e piscou-me o olho.

Ramon disse: – São apenas seis horas e meia, ainda anoitece cedo. Mas, se vocês esperarem mais uns dez minutos, podem ver uma coisa que nunca viram.

– Outra pomada como esta? O retrato da alma do gafanhoto? – perguntou o Mesquita.

Ramon abriu uma gaveta da secretária, tirou uma pasta de papéis, remexeu nela, e estendeu-nos uma fotografia em que eu peguei. Via-se nela um canivete decapitando um gafanhoto, e sobre este, muito transparente, um outro gafanhoto voava. Passei o retrato ao Mesquita que disse: – Isto são duas fotografias sobrepostas.

– São – disse Ramon –, porque não foram tiradas no mesmo instante. Mas representam o mesmo acontecimento.

– Que vocês me deem a pomada de elástico, vá – disse o Mesquita. – Mas que tu tornes com essa história, não.

– Eu conto-te outra. Devem estar faltando uns cinco ou seis minutos – disse Ramon, olhando o seu relógio. – Imaginem vocês que, nesta casa, morreu um tio meu, há anos. Aquela estante era dele – nós voltámo-nos e fitámos as cortinas amareladas por trás dos vidros – e, todas as tardes, quando voltava da rua, à mesma hora, ele ia à estante tirar um livro. Na estante, agora, não há nenhum livro dele. Mas sempre, à mesma hora, a porta da estante se abre e fecha. Querem ver? Faltam apenas uns quatro ou cinco minutos.

Eu senti um calafrio, e olhei para o Mesquita. De perna traçada, bamboleava calmamente a perna, de olhos baixos.

– O mais curioso é que meu tio – dizia Ramon – era um livre-pensador, muito trocista de tudo, que não acreditava em nada, e muito menos em espíritos. Mas o caso é que, todos os dias, e mesmo aos domingos, vem procurar um livro na estante. Vão ver.

Ficámos quietos e calados, de olhos fitos na estante.

– Já está passando da hora – disse Ramon –, talvez que hoje não venha.

Um estalido. E a porta da estante abriu-se para trás, parou, e tornou a fechar-se devagar.

Eu sentia frio, uma vontade medonha de sair correndo. Ramon disse: – Viram?

– Como é que tu fizeste isso, meu malandro? – exclamou o Mesquita. E levantou-se, foi até à estante que abriu, experimentando repetidamente o abrir e fechar da porta. Depois, agachou-se, e esquadrinhou as tábuas do soalho nu, e veio vindo de gatas até à secretária. Perto desta, continuou passando as mãos no chão. A seguir, levantou-se um pouco, e perscrutou o tampo da secretária, com os olhos ao nível do tampo. Pôs-se de pé, ao lado do Puigmal, e, segurando-o pela gola do casaco, insistiu: – Não acredito nisto. Como foi que tu fizeste a porta abrir e fechar?

Ele, com um sacão leve, soltou-se da mão do Mesquita, e levantou os olhos, com as sobranceiras muito arqueadas: – Não fiz nada. Não fui eu quem abriu e fechou aquela porta.

– Então quem foi? – perguntei.

– Meu tio. Eu já tinha dito – respondeu Ramon.

O Mesquita afastou-se em direção à porta: – Anda, vamos embora, antes que a casa caia, e ele diga que foi a avó dele.

O Puigmal levantou-se: – Não teimo com vocês para se demorarem mais um pouco, porque já é tarde. E, quanto à minha avó, que já morreu, essa mudou-se para a nossa quinta, logo que a comprámos. Foi de resto para satisfazer o sonho dela de termos uma quinta que meu pai a comprou.

– E o teu avô? – perguntou o Mesquita, muito calmo. – Tu nunca tinhas falado neles.

– Nunca falei, porque a maior parte das pessoas não acredita nestas coisas. Mas, como vocês iam estar aqui na hora da estante, eu tive de falar. Estes meus avós são os paternos. Meu avô ficou em

Barcelona.

– A conspirar pelo condado? – perguntou o Mesquita.

– Exatamente. Não sai do Arquivo provincial, onde sempre estava pedindo certidões e fazendo buscas.

– E vocês, com a família toda em casa, assim invisível, não têm vergonha de fazer experiências da elasticidade, diante deles? Porque podem estar na mesma sala, não podem? – perguntei eu.

– Primeiro, não há que ter vergonha, já que eles deixaram de ter as limitações físicas e morais de que sofriam. E, segundo, porque, desde que não sejam convocados, os espíritos mantêm-se em dormência, dependentes apenas do lugar de eleição, a que as suas manifestações se reduzem. No caso do meu tio, aquela porta.

Estávamos no corredor, junto da saída.

– Bem, boa noite – disse o Mesquita, e saímos para a escada.

Quando íamos no patamar, ele chamou-nos. Parámos sob a luz forte que iluminava a escada luxuosa e ampla. O Puigmal, escancarando a sua porta, saiu, e desceu o lanço rapidamente, no seu passo atlético.

– Olha, Mesquita, esse produto da latinha... não é para o que nós dissemos. É uma amostra de creme para a pele, que estamos experimentando. Mas podes pô-lo, que até faz bem. E facilita, é claro.

O Mesquita tirou a latinha do bolso, e o metal brilhou.

– O melhor é ficares com ela, pode fazer-te falta.

– Não, não faz. Guarda.

Eu perguntei: – E as tuas vizinhas são mesmo as tuas vizinhas?

– São – e Puigmal aproximou-se mais –, mas se vocês prometem guardar segredo, eu digo-vos a verdade –. Fez uma pausa dramática. – Não eram elas quem aí estava agora. Tinham vindo muito antes. Quem aí estava eram... uns catalães.

– Por causa do condado, não? – repetiu o Mesquita.

– Sim, está iminente um levantamento na Catalunha. Mas não contem a ninguém, que eles são anarquistas, e podem matar-nos a

todos, se a conspiração falha por nosso descuido.

– E os anarquistas vão pôr vocês de príncipes? – perguntei.

– Não, mas os nossos interesses coincidem no separatismo.

– E se eles proclamam a república catalã, antes de vocês lá chegarem?

– Era precisamente o compromisso que estivemos discutindo hoje.

– E o teu pai – perguntou o Mesquita – não está nisso?

– Meu pai abdicou em meu irmão, e por isso é que se retirou ontem para a quinta.

Não resisti: – Exilou-se?

Ficou imperturbável: – Exilar-se! Isso nem tem sentido. Apenas se afastou, para facilitar as negociações. Boa noite. Amanhã, já volto ao liceu – e, subindo a escada, entrou em casa e fechou a porta.

Saímos para a rua, e andámos longo tempo silenciosamente.

– São doidos varridos – comentei, quando já estávamos longe.

– Talvez – respondeu o Mesquita. E tirou do bolso a latinha que guardara. Parámos junto dum candeeiro, a cuja luz ele examinou a pomada: – Hei de pedir a meu pai que mande analisar isto.

O pai dele tinha, além de uma espantosa coleção de livros pornográficos, um laboratório de análises. Mas, de súbito, ele mudou de ideias, e atirou com a latinha para a valeta: – O melhor é deitarmos fora esta porcaria que a gente não sabe o que é.

– Mas, se o teu pai fizesse a análise, ficávamos sabendo.

– Sabendo o quê?

E eu refleti que ele tinha razão. Sabendo o quê? Que não era creme para a pele? Podia ser unguento para a conquista da coroa catalã... E, mesmo assim, ter poderes para dar elasticidade a membranas de matéria orgânica...

II

Durante muito tempo, não falámos, eu e o Mesquita, nas aventuras daquele dia. Com o Puigmal, muito menos. Mas ele restringira muito as suas atitudes. Não sei se para dar-nos satisfação, quase se tornara invisível no liceu: não que faltasse demasiado, apenas não fazia intervenções extemporâneas, nem cultivava o exibicionismo intelectual, e deixara de explorar o pretenso ar modesto com que, no pátio, afastando-se meditativamente de todos, se tornava notado. Vinha estudar connosco, como de costume; mas, em nossas casas, abstinha-se de fazer-nos perder o tempo com a raciocinada pesquisa de demonstrações óbvias, e só continuava ostensivamente igual a si mesmo, em recusar-se a ler os livros, ouvindo as nossas discussões, de olhos no teto, muito abstrato na aparência, para preservar a sua dignidade alapardada no sofá, mas atento, como se depreendia de alguma interrupção pertinente que às vezes fazia. Foi quando nós voltámos a notar a sua extravagante maneira de ser, que, com o hábito dela, havíamos esquecido, em tempos anteriores.

O fim do ano letivo, que já era então o último do liceu, aproximava-se, e com ele os exames finais. Sairmos do liceu, porém, não nos separaria, porque todos três pretendíamos frequentar a Faculdade de Ciências. Apesar dos receios ansiosos que os exames e, sobretudo, as provas de admissão à faculdade nos incutiam, já antegozávamos a perspectiva de sermos universitários, com a independência que isso significava: aulas a que se não era obrigado a assistir, de cadeiras que seriam, em cada ano, mais ou menos as que escolheríamos tirar... E não era tanto a ideia de uma carreira a seguirmos o que nos incentivava, mas muito mais essa famosa liberdade superior. Uma tarde, em casa do Mesquita, a conversa derivou todavia para planos mais concretos de futuro. E Puigmal, num tom vago, declarou que, para ele, a Faculdade de Ciências seria apenas um rápido intermédio de preparatórios para ingressar

na Escola do Exército.

A declaração deu-nos quase um sobressalto de pasmo. A carreira militar nunca aparecera entre as nossas cogitações e ele, muitas vezes, chegara mesmo a exibir um antimilitarismo irónico, dizendo que a tropa era uma ociosidade paga pelo Estado, e uma forma fardada de analfabetismo. O Mesquita não se conteve que lho não lembrasse.

– Pois é – respondeu ele. – E eu continuo a pensar da mesma maneira. Mas afinal é isso mesmo o que me interessa. Se o Estado me paga para não fazer nada, e se a profissão só me obriga a estudar coisas idiotas, eu fico com o tempo livre para ocupá-lo noutras coisas, e com o espírito livre para pensar nas minhas pesquisas.

– Mas isso não é assim – comentei eu. – Porque as pessoas com quem vais conviver, as obrigações de quartel em que passarás a vida, e o teres sempre de ir para onde te mandarem, tudo acabará contigo, e há de fazer de ti um fulano igual aos outros.

Ele sorriu com superioridade: – Não... Concentrando livremente as energias espirituais, quando temos grandes reservas delas e não é preciso gastá-las todos os dias, um homem defende-se disso tudo. E pode mesmo atingir um grande prestígio.

– Um grande prestígio como? – perguntou o Mesquita.

– Muito simplesmente. Entre os camaradas de carreira, porque é um homem superior que pensa em coisas que eles não entendem. E, entre as outras pessoas, porque é um militar que pensa, e portanto é, de certeza, um homem superior. É prestígio duas vezes.

– E, mesmo admitindo que tudo aconteça assim – observei eu –, tu já pensaste em quantas chatices tens de aturar, enquanto passas o dia mandando «esquerda, volver» e «direita, volver»?

– Já. E não acho que ficar mandando os soldados seja uma chatice. Deve até ser um grande prazer. Uma data de homens bisonhos, ali às minhas ordens, e eu podendo fazer deles o que eu quiser...

– Afinal, não houve levante nenhum na Catalunha – interrompeu o Mesquita. – Pelo menos, não veio nada no jornal. E não foi porque eu tivesse falado...

O Puigmal começou: – Nem tudo vem no jornal. As questões de alta diplomacia estão sujeitas ao sigilo das chancelarias. Mas, na verdade, o levante falhou. E nós, por agora, suspendemos toda a atividade política. De resto, é conveniente que fiquemos quietos durante algum tempo, para não prejudicar a minha entrada na Escola...

Foi a minha vez de interrompê-lo: – Mas como é que pensas servir no Exército, se pretendes ser catalão, quando o condado de Barcelona for restaurado na tua família?...

Ele, porém, tinha resposta para tudo: – Que tem? A nobreza exilada segue, em geral, a carreira militar, a mais compatível com as suas tradições nos países em que se fixa. Mas isso não impede que reassuma a nacionalidade de origem, na primeira oportunidade que lhe apareça. Desde sempre, são muitos os exemplos disso.

O Mesquita exasperou-se: – Olha, Puigmal, não venhas outra vez com as tuas histórias. Parecia que estavas melhor, mas afinal estás muito pior da infeção. Se tu queres agora ir para a Escola do Exército, há de haver alguma razão, e não é nenhuma das que tu apregoas. O que eu sempre tenho ouvido dizer é que, se uma pessoa não pode, por qualquer razão, continuar estudos superiores, vai para a tropa. É ou não é verdade?

– É e não é – respondeu ele, sem pestanejar. – Uma pessoa pode ter também essa razão, mas pode acontecer que essa razão coincida com outras. E é o meu caso.

– Ora! O que tu estás é a querer-te convencer de que gostas muito de uma coisa que, no fundo, te não interessa – replicou o Mesquita.

– Não senhor. Nunca ninguém conseguiu convencer-me de nada, até hoje. Nem eu mesmo. Se eu sou como sou, é porque sou assim mesmo. Não sou eu quem me dirige, nem ninguém; as minhas

energias espirituais é que, conforme eu vivo, decidem por mim.

O Mesquita postou-se diante dele, com as mãos nos bolsos das calças e o seu ar agressivo das grandes ocasiões: – Onde é que tu leste isso?

– Nunca precisei de ler nada, para saber as coisas. Às vezes acontece que encontro alguma que confirma os meus pontos de vista – e dobrou-se para o bolso do casaco, de onde extraiu um jornalzinho.

O Mesquita tirou-lho da mão, e eu levantei-me para ver. Era um jornaleco pequeno e mal impresso em mau papel, como aqueles jornais de província, que vivem das assinaturas entediadas de quantos alguma vez tiveram que ver, por acaso do nascimento ou das deslocações, com as cidades e vilas em que eles se publicam. Mas este intitulava-se *Vozes de Além-Túmulo*, e subintitulava-se «boletim científico mensal de espiritualismo e metapsíquica», sendo, além disso, órgão da Secção Portuguesa de uma liga internacional de espiritismo.

– Tu pertences a esta associação? – perguntei.

– Eu? Era o que me faltava. Não pertenço, nem pertencerei nunca, a associação nenhuma. O meu pai e a minha mãe é que pertencem. Mas, para eles, isso é uma espécie de religião também, com Padre-Nossos e Ave-Marias e tudo. Eu só me interesso pelos aspetos científicos.

Nós desdobrámos o jornalzinho, e abrimo-lo. Tinha só quatro páginas. Mas, na terceira página, era reproduzida, de modo muito indistinto, a ampliação de uma fotografia que nós logo reconhecemos. Por cima, o título dizia: «Metapsíquica animal – experiências do Prof. Paulo Cabanellas, da Academia das Ciências de Zurique.»

– Este professor... são vocês? – perguntou o Mesquita.

– Somos.

– Mas isto é uma intrujice.

– Como uma intrujice? Se eu e o meu irmão publicássemos isso

com os nossos nomes, quem é que acreditava? Além de que o nome é só pseudônimo em parte. Cabanellas é apelido nosso. O nosso avô chamava-se Pablo.

– E a Academia das Ciências de Zurique? Não há lá uma Academia dessas? Não é mentira? – insisti eu.

– Se há lá essa academia, como há, não é mentira.

– Mas nenhum Paulo Cabanellas é membro dela! – exclamou o Mesquita.

– Isso é uma coisa que tu não podes afirmar, sem conhecimento prévio da lista dos académicos. E quem é que vai verificar isso? O que importa é que a nossa comunicação científica seja divulgada, e de maneira convincente. De resto, os leitores desse jornal o que querem é ser convencidos. Não vão preocupar-se com essas minudências.

– Mas é uma mistificação – declarei.

– Mistificação, penso eu – afirmou Ramon –, é uma mentira que se prega a pessoas que não estão interessadas em ser mistificadas com ela. Mas, se a matéria é verídica, e as pessoas estão interessadas nela, o modo como se lhes dá ciência da matéria, ao gosto delas, não é mistificação. E foi o que nós fizemos.

Ficámos a olhar para ele que se levantou, e estendeu a mão para o jornal.

– Não, espera aí, eu quero ler isto – disse o Mesquita. – Quem foi que escreveu?

O Puigmal era a imagem da modéstia científica: – Fui eu.

– E não dizias nada à gente? – perguntei.

– Para quê? Vocês são dos que se riem dessas coisas... E a propósito. O meu pai tem estranhado que seja sempre eu a estudar nas vossas casas e nunca vocês na minha. Ou melhor, a minha mãe é que estranhou e falou nisso, e realmente é estranho. Não percebo porque é que vocês não vão lá. Devíamos...

– Mas tu nunca falaste nisso! – berrei eu. – Sempre nos afastaste! Nunca disseste nada!

– Vocês nunca insistiram. E não me cabia a mim insistir. Mas nunca disse que lá não fossem. E vocês foram sem eu dizer.

– Fomos, porque julgávamos que estivesse doente – gritou o Mesquita.

– Mas eu não estava doente. E vocês serviram-se desse pretexto para lá irem.

– Essa agora! Ainda por cima, hein? – exclamou o Mesquita.

– Ainda por cima, nada. E talvez vocês não saibam que fui eu quem os *chamou*. Sim... sim... *eu*. Concentrei-me, concentrei-me... e vocês foram – e abriu a boca num largo riso silencioso que lhe fazia a cara retangular.

– Então, se foste tu quem nos chamou – disse eu –, para que te queixas de lá não irmos? Podias ter feito isso antes, e mais vezes.

– Pois podia. Mas, como sou vosso amigo, nunca quis influenciar qualquer de vocês.

– Mas então não te queixes de a gente lá não ir – disse o Mesquita.

– Eu não me queixei. A minha mãe e o meu pai é que...

– Basta! Discutir contigo nunca mais acaba. *Agora*, tu queres que a gente vá a tua casa. Está bem. Vamos lá amanhã.

– Ótimo, ótimo – exclamou o Puigmal.

– Mas previno-te de uma coisa – disse o Mesquita. – Se tu amanhã me vens com pomadas elásticas, e com espíritos da família, e o diabo, eu faço um escarcéu tal, que te hás de lembrar dele a vida inteira. Estamos entendidos? Deixas-te de uma vez dessas gracinhas connosco.

– Mas não são gracinhas. O meu tio...

– O teu tio o raio que o parta. Julgas que eu não vi o fio preso à porta da estante?

– Viste um fio? Mas, explica-me uma coisa, se um fio pode servir para puxar a porta, como é que serve para fechá-la?

– Ora, outro fio, por trás, que alguém puxe por trás da estante, de outro quarto...

– Mas tu não viste esse fio, pois não?

– Não.

– Então...

– Então, queres dizer que o teu defunto tio só fecha as portas que vocês abrem, não é?

– Quem abre a porta é o meu tio também. Mas, ultimamente, a porta está perra, e é preciso ajudá-lo.

– Pois estás avisado. Quando alguma vez lá estivermos, tu não tornas a ajudá-lo.

Fomos no dia seguinte a casa dele. Quem nos abriu a porta foi uma criada em que nos ficaram os olhos, depois que ela se afastou pelo corredor fora, com um traseiro que parecia rebrilhar cada vez mais, na sombra e na distância. Ele veio logo à porta da sala grande, para nos levar ao escritório pequeno. Mas, na sala grande, apresentou-me ao pai que estava encostado a uma das secretárias altas e era exatamente como ele e o irmão, mas em modelo intermédio, mais velho (é claro), entroncado e careca. Era muito afável, cumprimentou efusivamente o Mesquita perguntando-lhe pelo pai, e manifestou, com grandes requintes de miopia (porque aproximava excessivamente a sua cara da minha), a sua satisfação em conhecer-me, pois que o Ramon lhe falava muito de mim. E terminou por pedir que estivéssemos à vontade, que na sala ao lado não o incomodávamos nada. Instalámo-nos no pequeno escritório, mais ou menos como da outra vez tínhamos estado: Ramon sentado à secretária, nós em frente, nas cadeiras. Mas o Mesquita logo se levantou, dizendo que queria ver as vistas da janela. As vistas eram as copas das árvores na placa a meio da avenida, e, do outro lado, grandes prédios como aquele em que estávamos. O Mesquita perguntou se ele conhecia a vizinhança, quem morava ali defronte, se havia alguma que valesse a pena. Ramon não sabia quem morava naqueles prédios fronteiros; mais adiante – e apontou – moravam uma senhora amiga da mãe dele e o marido. Mas só lá moravam quando algum deles vinha a Lisboa. A maior parte do tempo,

porém, viviam nos Açores. O sujeito era mesmo açoriano, a senhora não. E eram muito ricos. Eu perguntei para que tinham eles aquela casa se nunca estavam em Lisboa, podiam ir para um hotel. Ramon declarou que, se eles eram muito ricos, estavam no seu direito de ter as casas que quisessem. Ele, se ainda um dia fosse rico, gostaria de ter várias casas, e de ser uma pessoa diferente em cada uma. Teria assim tantas vidas quantas as casas que tivesse. O Mesquita, então, perguntou-lhe se ele punha uma mulher diferente em cada uma. E eu perguntei-me a mim mesmo se meu pai seria diferente em cada uma das duas ou três casas que tinha. Ramon respondeu que não: e era o que lhe faltava ter de sustentar essas mulheres todas, como os sultões faziam. Não. Ele, quando tivesse a sua independência e várias casas, não era para aturar uma mulher em cada uma, mas para ter várias personalidades: numa seria ele mesmo, noutra seria um caixeiro-viajante, noutra um oficial de marinha, que andava em cruzeiros a maior parte do tempo, noutra... e assim por diante. As amantes que cada um desses homens tivesse seriam deles, e a responsabilidade também. Além de que ele achava sempre preferíveis as mulheres dos outros, e era muito mais cómodo assim. O Mesquita escandalizou-se: como preferíveis? que diria ele, uma vez casado, se todos os outros homens pensassem dessa maneira? Eu lembrei-lhe que, pelo menos duas das que ele tinha tido, eram casadas, e ele entrava em casa delas e dos maridos; e referi mesmo o episódio da escada de serviço.

– Ah – disse o Mesquita –, mas é muito diferente. Elas é que me chamaram lá, e eu não tinha maneira de levá-las a outra parte. E todas elas sabiam muito bem quem eu era. Não é o mesmo que fingir de muitas pessoas, e enganar toda a gente. Eu não enganei ninguém, nem sequer os maridos que eu não conhecia senão de vista, por causa das dúvidas. Quem enganava os maridos eram elas. E eu até acho que um deles gostava de ser enganado. Outros que a aturassem que não ele. Também... não foi pouco trabalho o que eu tive.

Ainda eu e o Puigmal ríamos, já ele continuava: – Vocês nem calculam o que era! De uma vez que dormi com ela, e dormir é um modo de dizer porque não preguei olho a noite toda, a certa altura já tinham sido tantas, e ela sempre a pedir mais e a puxar-me pelo instrumento que, coitado, já não se tinha de pé, que eu levantei-me da cama, e fugi.

– E depois? – perguntámos nós.

– Depois... dias depois, eu vi-a a falar na rua com um fulano, e ela olhou para mim com um ar de quem dizia que aquele durava mais do que eu. Cheguei a casa, e telefonei-lhe. E ela disse-me isso mesmo. Eu respondi que aceitava o desafio. E ganhei.

– E como é que sabes que ganhaste? Foi ela quem disse?

– Qual nada, nessa não caía eu. Desafio é desafio. Ficámos lá os dois, e foi primeiro um e depois o outro, primeiro um e depois o outro, primeiro um e depois o outro... e ganhei. Quando o outro perdeu, eu ainda dei mais uma, para prova, e de brinde. Ela ficou que nem podia levantar-se da cama.

– Essa, tu nunca tinhas contado – disse eu.

– Não? Mas também o Ramon não tinha vindo com essa teoria de ser muitas pessoas. Porque é muito diferente ter muitas mulheres, e um homem repartir-se, ou ter poucas e dar cabo delas todas.

Ramon declarou que não concordava. Era muito mais seguro, para conquistar as mulheres, tê-las sempre com fome, à espera, desconfiadas de que havia outras na nossa vida, do que tê-las tão satisfeitas que elas se convencessem de que eram as únicas. A partir desse momento, o homem perdia o prestígio.

– Qual prestígio, qual carapuça! – disse o Mesquita. – O prestígio está todo aqui – e completou com um gesto significativo.

– Queres dizer – perguntei eu – que quem tem muitas, ou deseja ter muitas ao mesmo tempo, é porque tem medo de não chegar para uma?

– É claro como água.

Bateram à porta do escritório. E a porta abriu-se para dar passagem a um tabuleiro enorme, com um bule de chá, chávenas e bolinhos e compotas, à criada que nos recebera, e a uma senhora alta e magra que devia ser a mãe do Ramon. Levantámo-nos todos, e ela cumprimentou-nos, com uma voz muito doce, macia, e cristalina, que condizia com o rosto dela, muito fino, enquadrado de bandós negríssimos, como nos retratos antigos. Os filhos não se pareciam nada com ela. Mas talvez fosse dela o tom repousado de falar, uma simpatia envolvente, e, ao mesmo tempo, um ar empertigado que a doçura não escondia. Desfez-se em amabilidades: pelas conversas do filho, ela sabia como éramos bons rapazes e ajuizados, estudiosos, sabia que as nossas mães eram senhoras muito simpáticas a quem ela mandava os seus cumprimentos, e que desculpássemos a intromissão dela, mas um chazinho sempre dispunha bem, não se podia estar a estudar todo o tempo, era preciso repousar, e depois de um chá até o trabalho rende mais. Estivéssemos à nossa vontade, não fizéssemos cerimónia, aqueles bolinhos de mel, que ela fazia, eram muito bons, toda a gente gostava, ela esperava que também nós gostássemos. A criada dispunha a bagagem do tabuleiro em cima da secretária, enquanto ela falava e corrigia a disposição que a criada dava aos objetos. A criada saiu com o tabuleiro. E a senhora, depois de nos sorrir e dizer adeusinho com a mão, fechou a porta. Ficámos calados, com vergonha da conversa que ela interrompera e tinha sido o nosso estudo até ela entrar. Mas Ramon quebrou o silêncio, incitando-nos a tomar o chá que ele mesmo serviu, e logo desatou a comer os bolinhos barrados de compota, delicadamente, nas pontas dos dedos, uns após outros, com uma velocidade incrível. Do ar enfasiado e displicente como ele às vezes lanchava nas nossas casas, nada restava senão o jeito dos dedos segurando os bolos.

Depois desta vez, voltámos a casa dele com regularidade. O chá monumental não falhava nunca. O apetite de Ramon também não. E as «gracinhas» não se repetiram. Foram de resto, esses, os dias dos

exames sucessivos, primeiro os do liceu, depois os da admissão na faculdade, com a emoção de vermo-nos nas salas enormes e desconhecidas, cujas portas se abriam para largos e sombrios corredores abobadados, onde circulava uma multidão de rapazes e raparigas. A ordem alfabética separava-nos uns dos outros, e mesmo reatávamos relações mais íntimas com outros colegas de liceu, que eram, no mar de cabeças aflitas escutando os pontos, como ilhotas conhecidas, com quem se trocava um sorriso de estímulo e confiança. Fomos admitidos, e entrámos enfim em férias. Ramon passaria grande parte delas na quinta, e convidou-me a ir para lá uns dias. Mas eu, lembrado de que a avó «morava» lá – na verdade, ou na imaginação deles, o que era o mesmo para os efeitos possíveis –, declinei muito reconhecido o convite, e fui, como de costume, para a Figueira da Foz, passar o verão em casa de uns tios. O Mesquita ia todos os anos para Sesimbra, o que era, suponho, uma tradição de família: ele e os pais, como outros parentes e antepassados, não concebiam que fosse possível veraneiar-se noutro lugar. E só voltámos a encontrar-nos em outubro, naqueles mesmos corredores abobadados de que já nos sentíamos proprietários, embora desconfiados dos olhares que nos deitavam os que já não eram «caloiros». No ano anterior, também nos havíamos separado nas férias. Mas estas tinham sido apenas um hiato na rotina do liceu; e havia anos que as férias não eram outra coisa. Agora, não. O liceu findara, e, com ele, todo um estilo de obrigações e de vida. E estas férias eram como que o refazer prévio de uma nova pele. Na Figueira, eu sentira perfeitamente isso. O meu tio que gastava as noites todas, e o dinheiro que ganhava, no Casino, levava-me às vezes consigo, em anos passados, e eu ficava vagueando, até me aborrecer, pelo salão de baile, os corredores, as antessalas, porque não me deixavam passar a porta do bar ou dos salões de jogo. Mas, nestas férias, não fora assim. Meu tio, afirmando categoricamente que eu era um «universitário», e que um universitário era, para todos os efeitos, maior e vacinado, arrancara-me da gerência um

cartão de livre-trânsito. E eu, com alguns conhecidos de praia e um primo meu (que, nesse ano, também estava em casa de meu tio), circulava pelo casino todo, impante de importância, fazendo olhos de carneiro mal morto às «borboletas» do bar, que eram caras como o diabo. E tive mesmo um arranjo com uma delas, que me chamava «seu filho» (o que me irritava) e me levava de graça para o quarto dela. Tive uma briga medonha com o meu primo, porque ele, de raiva (o azar dele era célebre: nunca arranjava quem queria), disse que ela me pagava. Era isto um ponto que, no liceu, havíamos discutido longamente. E a ideia de ser pago por uma mulher, de receber-se dinheiro de uma amante a troco de servi-la, constituía o cúmulo da degradação masculina. É claro que se contavam casos de homens que deviam a sua ascensão social ao facto de terem sido amantes das esposas de maridos influentes. Mas, embora isso não pudesse ficar bem definido nas nossas discussões, tais casos não se revestiam do carácter repelente de «ser-se pago por ou para»: eles não tinham, em princípio, recebido dinheiro delas... No entanto, a coisa não deixava de ser imprópria, porque revestia de aspetos interesseiros a disponibilidade gratuita que, para nós, era a essência mesma da virilidade amorosa. O contrário, porém, não colidia com esta visão. Nada mais natural que o homem comprar aquilo que desejasse. E, se é certo que ter relações com mulheres «sérias» constituía o melhor sinal da virilidade (e também da segurança, porque as mulheres «sérias» não propagavam doenças venéreas), a verdade é que «ir às putas» significava, além de um risco de doenças que eram um tributo à independência, uma demonstração pública e verificável (pelos inquéritos ulteriormente feitos junto delas) dessa virilidade, e, ao mesmo tempo, era sinal de que uma pessoa tinha dinheiro seu, porque o ganhara, ou porque os pais lho davam, mensalmente, para isso mesmo, num reconhecimento familiar (as tias solteironas abanavam a cabeça com sorrisos contidos e o olhar brilhante) de que se era um homem. Toda esta moralidade, uma vez, teve de ser urgentemente readaptada, quando uma criada da

minha casa, que era a imagem da inocência bronca, me pregou uma doença de que, naqueles tempos anteriores às sulfamidas e aos antibióticos, me vi doido para me livrar. Mas, no liceu, a dificuldade com que eu andava, e os algodões visíveis quando nos despíamos para a ginástica, haviam sido admirados num misto de terror e da maior reverência, que largamente me compensava do sofrimento e do medo. Por tudo isto, meu primo levou uma sova, e eu fiquei com um olho todo negro. Em casa, continuávamos ambos como se nada fosse. Mas, na praia, no casino ou na rua, não nos falávamos. Fizemos as pazes no fim das férias, quando eu lhe cedi a Odette (que, sabedora da história, não queria nem vê-lo – «não sou tão ordinária, nem estou tão desgraçada que pague os homens»), a troco de vinte escudos para convencê-la a recebê-lo. Os nossos amigos comuns haviam sido os intermediários deste arranjo diplomático que, de resto, perdia toda a importância, no desmanchar de feira que já era outubro.

III

As aulas, muitas menos do que as que estávamos habituados a ter, maciçamente, no liceu, e sobretudo dispersas pelo dia todo, permitiam e mesmo determinavam uma vagabundagem ociosa. Porque éramos livres de entrar e sair da faculdade, e ninguém nos perguntava para onde íamos, e estávamos – pelo menos nós três – muito mais longe de casa, a sensação de liberdade era absoluta, tão absoluta, que quase perdemos o hábito de estudar regularmente. E verificámos que era assim que todos procediam. Só à aproximação dos exames de frequência, toda a gente desaparecia, e se fechava em orgias de estudo contínuo, apenas cortadas pela correria a um funcionário da faculdade, muito gordo e sebento, que era, por uns cobres, o fornecedor de atestados de doença, para jogarmos nas segundas chamadas. Mas mesmo da entrega dos requerimentos e dos atestados ele se encarregava, e de marcar as datas desejadas. Outra grande novidade da faculdade era que tinha alunas. Naquele tempo, não eram numerosas; e não havia, entre nós e elas, camaradagem nenhuma. Quando eu entrara para o liceu, ainda havia no último ano algumas, que eram entidades míticas de quem se diziam horrores, e os últimos remanescentes de o liceu ter sido misto. Entretanto, para a separação dos sexos, e para atender-se a uma população estudantil feminina, haviam sido criados em Lisboa dois liceus femininos. E, para nos espantarmos com a concentração de raparigas que estudavam (estudariam?) o mesmo que nós, muitas vezes tínhamos faltado, em grupos, às aulas, e tínhamos ido em excursão até um deles. Elas fugiam em grupos também, e não voltáramos lá, desde que, às esquinas, estavam polícias encarregados de enxotar-nos. Agora, na faculdade, lá estavam elas. E nós dificilmente concebíamos como colegas os membros de uma espécie humana, que, sem sexo, eram mães, tias ou irmãs, com algum sexo eram pessoas conhecidas, e com o sexo todo eram tudo isso, mas para os outros. As irmãs de um colega nosso haviam sido

célebres por essa ambiguidade, que era aliás partilhada pelas primas de nós todos. Umas festas que havia em casa dele – que era um palacete nas avenidas, dentro de um jardim – acabavam sempre por elas e as amigas delas nos levarem para os cantos escusos da casa, para umas atividades meramente exteriores em que eram peritas. E contava-se, aplicada à casa, a história do senhor muito rico que, admoestando os rapazes que frequentavam as reuniões das filhas, recomendava que fizessem o que quisessem, mas não sujassem os reposteiros. As nossas colegas de faculdade eram, porém, animais estranhos. Pouco a pouco, dividiram-se em três categorias que constituíam, na verdade, o *status* de que gozavam, segundo as regras existentes e que fomos aprendendo. Umas, muito poucas (e eram mais as vozes que as nozes), passavam por ser mulheres muito acessíveis que, todavia, adquiriam, nos corredores e nas conversas, uma respeitabilidade discreta que nos intimidava e era, contraditoriamente, partilhada por outra categoria: a das muito feias e sem graça, que ninguém se lembrava de considerar femininas, apesar dos esforços desesperados delas ou de algumas delas. Uma terceira categoria, de muito poucas também, difundia sobre as outras duas o manto de uma altura que as aparentava às damas medievais das cortes de amor. Não seriam bonitas todas, nem ninguém lhes fazia poemas ou era seu *chevalier-servant*; mas, em círculo respeitoso, ouviam-se os seus decretos sobre a forma de resolver os problemas, e obtinham-se informações sobre as aulas a que não tínhamos assistido. E, às vezes, lanchava-se com elas (e com algumas da primeira categoria citada) no «General» que era o nome tradicional de uma pastelaria que havia defronte da escola e que pertencia ao folclore familiar de toda a gente, através das recordações de pais e tios. E, naquele tempo, entre nós e as nossas colegas, não havia naturalidade de relações: ou eram tornadas inacessíveis pelo consenso geral, ou eram comodamente dessexualizadas pela nossa timidez. Seria quase impensável que as namorássemos; e elas, na verdade, tinham namorados alheios à

faculdade, que vinham buscá-las ao portão e não se atreviam a entrar nos corredores que, todavia, eram acessíveis ao público. Vida acadêmica, não havia nenhuma. Existiam as instalações muito abandonadas de uma associação que ninguém frequentava, e cujas diretorias não faziam nada, nem nós conhecíamos. Estávamos, de resto, desabituaados de qualquer atividade desse tipo. No liceu, a única manifestação coletiva era, tradicionalmente, uma greve comandada pelos dos últimos anos, a socos e pontapés nos pequenos (e com a já sabida invasão do pátio dos «pequenos», para esse efeito), por ocasião do 11 de novembro, dia do Armistício, e que não era feriado. Ninguém pensava nos mortos da Grande Guerra, e não se tratava de uma afirmação de pacifismo: era apenas um costume pelo qual, quando mais velhos, obrigávamos os mais novos a faltar às aulas naquele dia, tal como, anos atrás, haviam feito connosco. De política, nenhum de nós sabia nada. Era como se tudo o que vinha nos jornais se passasse a séculos e milhares de quilómetros de distância. As nossas famílias não se interessavam por política, senão em termos de «Ordem», e louvavam-se da paz que o governo impusera a um país em desordem. Qual seria esta desordem e como era a ordem que o governo impunha, nós não fazíamos grande ideia. Os jornais falavam às vezes do caos administrativo e financeiro do passado, enaltecendo as providências do governo. Este, a julgar pelos jornais, ocupava-se em inaugurar obras públicas – lanços de estrada, chafarizes, casas do povo de não sei onde –, a propósito das quais invariavelmente eram recordados Afonso Henriques, Nun'Álvares, Vasco da Gama, e outros heróis menores. Mas as transcendências do orçamento e da dívida pública ultrapassavam de muito as especulações das nossas famílias da média ou da alta burguesia. A «ordem» era o contrário de haver «revoluções». Eu não me lembrava pessoalmente dessas revoluções do passado, que, na minha casa, se consubstanciavam no escândalo de uma criada, em 1910, quando do 5 de outubro, ter assomado entusiasmada à varanda, para saudar com vivas os revolucionários

que passavam. Minha mãe, que não era monárquica nem coisa nenhuma, repusera a «ordem», despedindo-a, o que, suponho, a família considerara um ato de coragem, equivalente ao das matronas ilustres, como D. Filipa de Vilhena. Na minha infância, ainda houvera «revoluções» que eram, para mim, inseparáveis de passarmos dois ou três dias no quarto interior e escuro da casa, deitados no chão, «por causa das balas perdidas», enquanto meu pai e o vizinho de baixo, na escada, discutiam de onde eram os tiros que se ouviam: a Penha de França, a Graça, a Ajuda, etc., sem chegarem a outro acordo que o resultante de, a um estrondo maior, meu pai voltar para dentro, e recolher-se ao quarto escuro, chamado pelos clamores lancinantes da minha mãe. Depois, as revoluções tinham efetivamente acabado, ou abortavam longe e em silêncio, esmagadas suplementarmente pela severidade dos periódicos (que meu pai lia alto, com grandes assentimentos de cabeça) e por grupos de pescadores da Nazaré ou lavradeiras do Minho, que, com os seus trajes típicos, vinham ao Terreiro do Paço, com os regedores na frente e a banda de música, oferecer flores aos salvadores da ordem, que se juntavam todos numa janela a agradecer, como eu e outros, escapados ao liceu, havíamos ido ver uma vez. Mas, de um modo geral, a minha família toda abstinha-se de «políticas», coisa que era reservada a uma espécie humana que nela não tinha representação: os «políticos», olhados todos com irónica displicência, mesmo que fizessem parte do grupo dos mantenedores da ordem tão desejada. A família reprovara mesmo, e escamoteara como uma doença secreta, o telegrama de aplauso, que um tio meu (num momento de entusiasmo subsequente à última revolução que havíamos passado debaixo das camas) mandara ao governo. Só muitos anos mais tarde descobri que um irmão de minha mãe, que morrera jovem e tuberculoso, havia sido – apenas nas leituras de traduções baratas – «anarquista!». Minha avó materna jamais falava nele, e creio que não acreditara nunca em que ele tivesse morrido mordido, nos pulmões, pelo bacilo de Koch,

mas, na cabeça, pelo de Kropotkine. Claro que, ainda no liceu, o *Anschluss* fora discutido, e a Guerra da Etiópia também. Mas a ascensão de Hitler, cujo nome começava a ser conhecido, não aparecia, mesmo no noticiário dos jornais, como uma ameaça às democracias, mas sim como uma perturbação da «ordem» estabelecida pelos «Aliados» na Primeira Grande Guerra. E Mussolini era muito louvado oficialmente, ainda que com discrição, pela sua autoritária organização do progresso da Itália. Todavia, a guerra da Etiópia não era o mesmo que o *Anschluss*... Que se unissem povos da mesma língua e da mesma raça, não nos parecia coisa por aí além. Que se atacassem o Negus e os «ráses», que o noticiário apresentava habilmente na contradição de serem uns selvagens quase antropófagos, que se recusavam às delícias do progresso, em nome de uma independência que datava desde Salomão e a Rainha do Sabá (e todos nós conhecíamos, de nome, muito mais a Etiópia do que a Áustria, já que esse país figurara nas pompas onomásticas dos reis de Portugal, que sabíamos de cor desde a escola primária), eis o que era, sem dúvida, uma agressão. Não o eram, é claro, as campanhas de ocupação africana, que andavam então na moda oficial: os italianos não tinham sido, na verdade, os descobridores da Etiópia, como *nós* o havíamos sido de tudo e da Etiópia também. Era, de resto, nestes termos de passado histórico que tudo era avaliado; e, a tal ponto as coisas nos eram distanciadas, que a república fora proclamada em Espanha, sem que déssemos por isso. Para mim, a Espanha era meramente um nome, e a multidão de espanhóis que costumavam veranejar na Figueira da Foz, e atroavam com a sua agitação e a sua gritaria as ruas dos «cafés». E, no meu tempo, já as espanholas haviam sido batidas, no campo da prostituição, pela concorrência nacional. Na Figueira, elas não faziam vida, porque os compatriotas logo tratavam de as repatriar, por causa do bom nome da Espanha, a menos que fossem as bailarinas do Casino, que, essas, muito lambidas e com sapateados, exemplificavam, para admiração dos portugueses, a

grande arte da Hispânia. Conheci uma vez, no «Pasapoga» de Madrid, uma dessas repatriadas da Figueira: todos os anos ia passar o verão com a família, graças ao pudor patriótico.

As aulas na faculdade não contribuía, como já disse, para mantermos o mesmo tipo de união anterior. Tirando as práticas, onde estávamos ocupados, nas teóricas só nos encontrávamos por acaso de lá irmos. E a nossa vida ampliava os horizontes, simultaneamente restrita a uma solidão maior e a um convívio mais generalizado, mas também mais vago. E nem sempre, em consequência, estudávamos os três juntos: eu, o Mesquita, e o Puigmal. Eu estudava algumas vezes com o Mesquita, e encontrava lá o Puigmal. Mas raro ia a casa deste, onde me parecia que o Mesquita não ia nunca. Este alargara imenso o seu raio de ação sexual, no que a liberdade maior (disponibilidades de tempo, que as outras o pai lhas dera sempre todas) ia ao encontro da sua fúria ampliada. Encetara um namoro apaixonado que se prolongava de casa da rapariga para o telefone e do telefone para casa dela. Era, mais que um namoro, um noivado. Mas quanto mais o namoro se incendiava, mais se multiplicavam os seus casos. E nunca posso esquecer o casamento dele, muito solene, anos depois, com uma chusma de antigas amantes na igreja, todas chorando de comoção e algumas até felicitando-o com abraços e beijos, sob o olhar complacente e dominador da que era sua mulher, e que sabia de quase todas, por ele mesmo. Na faculdade, o Puigmal recomeçara as suas intervenções. Não nos anfiteatros, onde ao fundo um professor perorava e não havia possibilidade de interromper-se-lhe o douto fluxo; mas nas aulas práticas, onde ouvia com a maior atenção as explicações para a realização de um trabalho, e depois alterava as proporções nas análises químicas, ou as ligações elétricas nos trabalhos de física, com resultados extravagantes, que, da discussão com os assistentes, acabavam envolvendo o catedrático, se ele estava presente. A princípio, ao formarem-se os grupos para os trabalhos práticos, havíamos, eu e o Mesquita, constituído um com

ele. Mas, depois de uma discussão terrífica com o professor de física, em que este acusara o Puigmal de «perversidade científica», tremera de tamanha fúria (arregaçando as calças, mostrara as pernas peludas, para que todos vissem como estava arrepiado), e pusera fora o nosso amigo, o grupo desfizera-se na aula seguinte, por determinação do mesmo professor, transmitida pelos assistentes: o Puigmal só poderia continuar a estragar os aparelhos (como acontecera) se trabalhasse sozinho... Em química, fora o mesmo: os assistentes (por sinal, uma assistente muito gorda, que rebojava, com papéis sempre debaixo do braço, por entre os altos pianos de tubos de ensaio) tinham exigido que o Puigmal não formasse grupos de mais de uma pessoa... Esta proibição, porém, feriu-o profundamente, era um incompreendido, a ciência oficial não permitia o progresso, todas aquelas criaturas ensinantes eram uns asnos de incompetência, se não fosse a Escola do Exército ele abandonava estudos que eram impossíveis. No caminho de casa, que nessas horas de amargura ele fazia mais amiudadamente connosco (e, na maior parte das vezes, comigo, já que o Mesquita, com os telefonemas – os de namoro e os outros –, as visitas à namorada, e os encontros marcados, não tinha mãos a medir), ele lamentava-se. E eu aconselhava-o a que se abstinésse de experiências, já que a faculdade era apenas os preparatórios sem os quais ele não entraria na Escola. À medida que o ano ia avançando, a amargura do Puigmal transformou-se num pânico de que eu o julgava incapaz. Não passava em física, já se informara de que a Escola não o admitia condicionalmente, estava perdido. Eu não concordava com tamanhos exageros: não me parecia que estivesse em tão grande perigo, e, se efetivamente não passasse, tiraria mais um ano de faculdade, com a física, e concorreria a Artilharia. Esta arma, porém, não o interessava. Como podia dedicar-se livremente à invenção de armas especiais, se fosse obrigado a estudar canhões e mais canhões? O grande sonho dele era a preparação da «nuvem da morte», um vapor ou gás que, depois de convenientemente

disseminado (e com uma densidade capaz de resistir aos ventos), se incendiaria automaticamente, à sua ordem. Precisava entrar já na Escola, e para Infantaria. E acabou suplicando-me que estudasse com ele, quase todos os dias, sempre que eu pudesse, para ele passar. Assim foi. Se eu ficava em casa, lá aparecia ele. Se eu ia a casa do Mesquita, lá ia ele. Outras vezes, levava-me para sua casa. Eu tinha de explicar-lhe e repetir-lhe, em voz alta, as matérias. Estudar por conta própria, não estudava; mas ouvia-me atentamente, recusando terminantemente ir além dos apontamentos de aula ou das sebatas dos professores. Qualquer livro da biblioteca da faculdade, para aprofundamento de uma questão, parecia-lhe um obstáculo na sua carreira militar. Quando achava que sabia já, como ele queria saber, qualquer assunto, o seu desânimo estudioso dissipava-se por magia. Ficava esfusiante, exigia um intervalo, e punha-se à janela (se estávamos em casa dele), comentando a vizinhança. As duas irmãs que moravam nas traseiras, agora muito sérias, namoravam um par de idiotas, e fingiam que o não conheciam. Estava em Lisboa, e morava só com um sobrinho, aquela senhora dos Açores, que a mãe conhecia. E outras coisas como estas, de pura bisbilhotice ridícula, que eu ouvia pacientemente, por vê-lo tão bem disposto. Sempre o chá nos era servido, quando eu lá ia à tarde. A mãe dele, todavia, raro me dava um ar da sua gentileza. O irmão quase nunca o vi. Só o pai às vezes estava, conversando com outros sujeitos, no escritório que atravessávamos.

Uma tarde, quando entrámos, não havia ninguém no escritório. As altas secretárias perfilavam-se contra as paredes, com pastas empilhadas no topo. Mas, dia a dia, a impressão que, com gente ou sem gente, aquilo tudo me dava, era a de um cenário abandonado que se cobria calmamente de um pó fino e de uma crosta de bafio seco. No escritório pequeno, que parecia privativo do meu amigo (nunca ninguém lá entrava a procurar alguma coisa), embora ele não tirasse nunca nada da estante famigerada (que, fosse qual fosse

a hora, me respeitava com a maior impassibilidade e a mais anônima das inocências), começámos o nosso estudo, ou melhor, eu dei início ao meu papel de gramofone benevolente. A certa altura, ouvi que alguém entrava no escritório grande, ao mesmo tempo que a porta da rua se fechava. E vozes abafadas discutiam, uma delas sem dúvida a do Sr. Puigmal. Continuei a minha repetição. Mas as vozes cada vez menos eram abafadas, ou pelo menos o não era a voz desconhecida. Esta falava numa agitação crescente que a outra tentava, insinuante, conter. Eu continuei como se nada fosse, e o Ramon, sentado à secretária, também. Mas as vozes, embora não se percebesse o que diziam, subiam sempre de tom, e era impossível que o meu amigo não fosse incomodado por elas, e muito mais do que eu. De súbito, Ramon levantou-se e foi entreabrir a porta de comunicação que um puxão lhe fechou na cara. Não voltou a sentar-se e foi para a janela; e, de lá, disse-me: – Sabes quem ali está?

Fiz, com o beijo inferior esticado, sinal de que não podia saber.

– É aquele sujeito dos Açores, muito rico, que o meu pai conhece. O marido daquela senhora em que te falei. Os que moram ali adiante, quando estão em Lisboa. Ela está cá, como eu te disse. Mas eu não sabia que ele já viera.

Eu fiquei na mesma. Que havia de extraordinário naquilo? Mas o Puigmal continuou: – Sempre achei esquisita a vida deles. Ela vem a Lisboa muito, demora-se aí um mês, e vai-se embora depois. Ele, é raro cá vir. Mas o que eu sempre achei mais esquisito é a vida dela. Deve ter uma família enorme...

– Porquê? (as vozes continuavam a discussão, a do outro sujeito agora lacrimosa e suplicante)

– Porque os sobrinhos dela são muitos. Volta e meia está lá outro.

– E que tem isso? (era patente que o sujeito chorava)

– Tem muito. Porque ela é velha amiga da minha mãe, e o meu pai fica sempre furioso quando ela vem cá a casa.

(as lágrimas e os rogos enchiam a sala contígua)

– E os sobrinhos nunca vêm com ela. São tanto seus sobrinhos como eu.

(ouvi claramente o pai de Ramon dizer: – Fale mais baixo. É uma vergonha. Está gente aí ao lado.)

– Estás a perceber? Ela, quando vem a Lisboa, é para flautear-se à vontade. E mete-os em casa.

(o pai de Ramon dizia: – Você está louco! Não pode pedir-me uma coisa dessas! É uma indignidade! Está louco! Domine-se! – e eu lembrei-me, subitamente, de uma senhora amiga da minha família, que, viúva, morava com uma filha que ficara solteira para não a largar um momento, senão ela assaltava, na porta da rua, o padeiro, o leiteiro, mesmo os marçanos imberbes da mercearia)

– Desta vez, vais ver, ele descobriu.

– E que tem o teu pai com isso?

O Ramon disse, intensificando os seus ares misteriosos: – O meu pai deve-lhe grandes favores, muito grandes. E a minha mãe tem grande influência nela. Se calhar, veio pedir para intervirem.

– Intervirem, como?

– Não sei. Para ela ter juízo. Para se separarem. Não faço ideia.

A discussão esmorecera ao lado, mas não acabara. Parecia mesmo que atingira um estado de equilíbrio, em que podia prolongar-se horas e horas. Fazia-se tarde para mim e para a minha curiosidade de ver o homem. Declarei que era tempo de ir-me embora. Mas perguntei: – E como é que eu saio daqui? – e olhei para uma porta que havia ao lado da estante.

– Por aí não – disse Ramon (e eu lembrei-me dos mistérios, de portas fechadas por ele, a meu lado, à medida que eu avançava pelo corredor interminável até à casa de banho, ao fundo, quando eu pedia para lá ir). E foi bater na porta de separação.

A porta de separação entreabriu-se, e assomou no intervalo a cabeça do Sr. Puigmal: – Que é? (ouviam-se, ao lado, suspiros entrecortados)

– Aqui o meu amigo precisa sair – respondeu Ramon.

O pai dele cumprimentou-me de cabeça, e disse: – Saia agora –. E abriu mais a porta, dando-me passagem.

Eu passei rapidamente, fazendo um leve cumprimento, e olhando de viés o sujeito. Depois que saí, pareceu-me que ele era alto e forte, mas não gordo, estava muito bem vestido, muito penteado e barbeado, usava óculos grossos que segurava com uma das mãos, enquanto com a outra acabara de limpar os olhos com o lenço, e que dele se desprendia um ar de máscara elegância que era também o de loções finas. Provavelmente, alguns aspetos me sugeriram outros que, na verdade, eu não tivera tempo de distinguir. Este relance tão rápido foi a única vez que vi o Sr. Vilasboas.

IV

Dias se passaram, sem que eu me encontrasse com o Puigmal que não chegara a combinar comigo outra sessão de estudo. Até que, uma noite, ele apareceu em casa do Mesquita, onde eu estava. Quando o estudo não era urgente e premente, o Mesquita deixava os amigos na sala que tinha para estudar (a casa dele era magnífica, imensa, com várias salas fechadas que só se abriam em grandes dias de festa), e ia para o telefone arrulhar docemente. Para os arrulhos serem mais confortáveis, junto do telefone havia mesmo um canapé em que, se o íamos lá procurar por qualquer razão, ele se estava espojando lubricamente. Se, porém, o estudo era premente, então era o telefone que vinha para a sala de estudo, mudado para uma ficha, e ele, embora mais comedidamente e numa voz que, do outro lado do fio, devia ser inaudível, prosseguia os arrulhos, distraíndo-se do estudo com o olhar vago e rebrilhante, ou de auscultador na mão, intervindo nas discussões. Daqui resultava uma confusão tremenda, com explicações para o telefone, quando a namorada julgava para ela, e não entendia, qualquer coisa que ele nos dissesse a nós, e com as dúvidas científicas, que levantássemos, sendo rebatidas com intercalações de «filha», «querida», «meu amor», «meu anjo», que nos atirava com a mesma cara apaixonada que emitia, para o fio, diferenciais e integrais, fazendo boquinhos beijocantes. Quando, naquela noite, o Puigmal entrou, a confusão atingira já as raias do delírio: eu, a teoria dos conjuntos, e o amor dos dois lados do fio éramos indistinguíveis.

Cumprimentado com um adeusinho de mão pelo Mesquita que, subitamente, estava ouvindo uma longa declaração em silêncio, o Puigmal disse-me que passara por minha casa e lhe tinham dito que eu viera para ali, e logo acrescentou: – Já sei a história toda. Vais cair para trás. É de pasmar. Ela...

– Ela quem? Que história é essa? – perguntou o Mesquita, afastando o telefone.

Eu adiantei-me ao Puigmal: – Lembras-te daquela vez que estávamos em casa aqui do Puigmal e que ele falou de uma senhora amiga da mãe dele, que morava uns prédios mais adiante, na Avenida?

– Uma gente dos Açores, e tinham sempre a casa fechada, e ela vinha às vezes a Lisboa, não é? – ele lembrava-se, e logo explicou para o telefone: – Foi o Puigmal que chegou e está a contar a história de uma vizinha dele, que é amiga da mãe. É um casal que vive nos Açores, mas às vezes ela vem a Lisboa. Não. Eu acho que ela vem sozinha, para ficar à vontade – isto tanto podia ser para nós como para o telefone – e fazer o que lhe dá na gana. Ó Puigmal, ela engana o marido? É, ela engana o marido. Espera. Quem são?... Vilasboas... Chamam-se Vilasboas... Eles têm filhos?... Não, não têm filhos... Hum... E... O que é que aconteceu?... Há dias, o Jorge estava em casa do Puigmal... Sim... Ouviram uma grande choradeira ao lado... Sim... O escritório do Puigmal é ao lado do do pai... E tu, quando saíste, viste o homem?... O Jorge viu-o, sim viu, estava... hum... a limpar os olhos... Não... a conversa era com o pai do Puigmal... Então ela vinha para Lisboa enganá-lo à vontade?... Não, o Puigmal diz que a mãe e o pai dele deviam desconfiar de tudo, porque às vezes discutiam... sim... o pai é quem devia desconfiar, porque embirrava com as visitas dela... Claro, eram amigas... Ó Puigmal, eram amigas de infância?... É, tinham andado no colégio juntas... E que é que o homem queria?... Imagina, meu amor, espera... Hum... Ela vinha para Lisboa, arranjava amantes... Hum... Calcula, sempre rapazes... Não, filha, que ideia, esta parece-me que não conheço, deixa ouvir... É... Levava-os para casa até se fartar, e depois voltava para lá... Pois, para o marido. Ele fingia que não sabia... Ah, essa é boa... Olha, minha filha, é coisa que não há maneira de saber-se... Mas, ó Puigmal, ela só fazia isso em Lisboa?... Não?... Ah, ele diz que ele disse que era só em Lisboa... Calcula, se calhar, lá, era uma senhora muito séria... Não, o Puigmal diz que ele também disse que gostava muito dela... Pois é,

mas preferia que ela não fizesse má figura lá, num meio tão pequeno... O quê?!... Olha, é que desta vez ela tinha levado, no barco, o último dos fulanos, estava apaixonada por ele, e levou-o... É... Um «ménage à trois»... Espera... Não, ele não gostou... Na cara dele, não... E pôs o tipo na rua, ou melhor, no navio... Hum... O quê?... Foi... Não, não, ela veio atrás dele... Do rapaz, é claro, estava apaixonada... Tu não ias assim atrás de mim?... Não?... Ah, ah... Ameaçou-o de que não voltava mais. Ameaçou, não, disse-lhe mesmo que não voltava mais... Veio para Lisboa... Espera, é isso mesmo, ele veio atrás dela, no barco seguinte... Veio buscá-la... Em casa do Puigmal?... Ó Puigmal, ela foi a tua casa?... Não, já a tinham visto, mas não tinha ido lá... Foi... O Vilasboas... Quem?... O marido, isso, eu não te disse que ele se chama Vilasboas?... Ela recusou-se a voltar para casa, por mais que ele lhe pedisse... Não sei... Ó Puigmal, ela quer separar-se do marido e ficar com o rapaz?... É, o Puigmal diz que ela não queria saber de nada... Espera... Então, o marido insistiu com ela... Não, não é assim... parece que ela nem quis falar com ele... O Vilasboas então foi procurar o pai do Puigmal e pediu-lhe para ser intermediário, é, imagina que eu punha alguém de intermediário entre nós, minha querida... Hum... meu amor... Queria que o pai do Puigmal lhe propusesse... Ah, ah, ah, espera aí... nem imaginas... propusesse a ela que voltasse, voltasse de qualquer maneira, com quem quisesse, porque não podia viver sem ela... Se tu um dia me fizesses isto... não... não... Ah, que é que eu fazia? Ela está a perguntar-me o que é que eu lhe fazia... Olha, o mesmo que fiz àquela que te contei... Ah, ah, ah... Ó Puigmal, e o teu pai?... O pai do Puigmal recusou... Hum... Ele ameaçou-o de executar umas letras que o pai do Puigmal lhe deve... Não, não falou com ela... E onde está essa gente toda? Em Lisboa ou lá?... O Puigmal não sabe... É, talvez estejam e talvez não estejam... Ó Puigmal, eles estarão todos três em casa?... O Puigmal diz que não sabe... Pode ser história dele... Ficou furioso, está aqui furioso, ouves? Diz que é verdade. E pode ser que

seja... Ó querida, tu sabes lá... Ele há cada uma... O Puigmal diz que depois nos conta o resto, quando souber... Ora, está bem de ver... Não fala?... Hum... Mas isso de letras protestadas é um caso muito sério... – e fazia a Puigmal um sinal de que se não zangasse. – Vais ver... E quando aquele acabar, vem buscar outro... A minha bibichinha vai fazer óó? Vai? E não tem medo, logo depois desta história?... Não vai ficar a pensar nestas tolices, não?... Tolics com o seu querido, pode... Pode... Pode... Também pode... Mas não abuse, não? – e a voz afogou-se em murmúrios, intercalados de beijos. Quando aquilo acabou (e já o telefone ia a ser pousado, e ainda voltava para mais um murmúrio), pousou o telefone: – Mas que história, hein? Ah, mas eu curava-a. Se fosse comigo, eu curava-a.

– Se fosse contigo, o quê? – perguntei.

– Pois é... – e espreguiçou-se com os olhos no telefone. – Se eu fosse o marido, pegava duma pistola, e obrigava o tipo a esfalfar-se nela, até não poder mais. Ou até ficar bem envergonhado diante dela. Se eu fosse o rapaz, bem... – e deu uma gargalhada – se eu fosse o rapaz tinha fugido pela escada de serviço, mesmo em pelota.

– E a ela, a ela que fazias tu? – perguntou o Puigmal.

– A ela? – repetiu. – Ah, não pensei nisso – e fitou o telefone, comoveu-se: – Não sei... não sei o que fazia. Puigmal, tu contas o resto, hein?

O Puigmal, porém, não chegou a contar-nos o resto da história. Porque o evitasse, porque nós nos esquecêsemos de insistir, não contou. Depois dos exames, ainda eu e o Mesquita acompanhámos, com um interesse que ele nos fazia partilhar, o concurso dele para a Escola do Exército. Entrou. Eu soube logo da notícia, por ele mesmo. Passou em minha casa, vindo da Escola, antes mesmo de ir dar a notícia aos pais. Pelo ar compungido com que entrou, pensei que não entrara. Mas como? Ele passara a inspeção, passara as provas escritas, saltara, entre outras coisas, a célebre vala...

– Então?

– Entrei.

– E estás com essa cara? Não era o que tu querias?

– Era.

– Então?

– Pois é. Mas, agora, acabou tudo.

– Tudo, como? Entraste...

– Entrei... Mas como é que eu saio de lá?

– Mas tu acabas de entrar onde querias, não tinhas outra ideia, e já estás a pensar em como hás de sair? Sabes como é que saís? General reformado, e é um pau.

Sentou-se meditando: – Eu tinha muitas ideias, tinha, mas agora tudo acabou.

– Olha cá. A verdade é que tu não querias isso, pois não? No fundo, tu não querias isso?

– É -. E ficou calado. Mas, de repente, disse: – Todavia, a carreira militar tem vantagens inegáveis, lá isso tem. E tu já pensaste na minha figura fardado? As pequenas todas debruçadas para me verem... Será que a farda me fica bem? – e levantou-se, olhando-se em volta.

– As fardas ficam sempre bem, para quem gosta delas – disse eu.

– Achas que a mim não fica?

Olhei-lhe a figura atlética: – Claro que fica.

No dia seguinte, parti para a Figueira da Foz, no comboio da manhã. Comprei um jornal. A primeira página estava cheia da mesma coisa: rebentara em Espanha uma Revolução que o jornal, em grandes letras, chamava Nacional.

PARTE SEGUNDA

V

Quando cheguei à Figueira, a estação era um tumulto de espanhóis aos gritos, com sacos e malas, crianças chorando, senhoras chamando umas pelas outras, homens que brandiam jornais, e uma grande massa de gente comprimindo-se nas bilheteiras.

Eu não entendia nada do que tinha acontecido, e não compreendia como uma revolução – coisa que a minha família passava, em tempos idos, no quarto escuro – podia obrigar as pessoas a uma agitação daquelas e a quererem regressar precipitadamente. As revoluções eram feitas por militares e por revolucionários, que se preparavam para isso, e esmagadas pelos governos que as atacavam, sendo depois saudados por magotes de povo à moda do Minho. As pessoas que veraneavam tão longe não podiam ser, por certo, revolucionários. Pessoas dessas eram, sem dúvida, como nós: e, se não tinham quarto escuro, nem precisavam dele, podiam muito bem esperar sossegadamente, ao sol da Figueira e tomando banho de mar, ou sentadas nos cafés, ou à volta das mesas de jogo do casino, que a revolução acabasse. Isto eu meditava, de mala na mão, a caminho da casa de meus tios. Mas ocorreu-me (tinham-me contado, ou fora numa das revoluções escuras da minha infância) que, uma vez, um tio meu estava em nossa casa, quando a revolução rebentara, e a minha tia, não o vendo chegar, julgara que ele tinha morrido. Aquela gente, portanto, não era de famílias completas, outros membros da família tinham ficado em Espanha, e os que aqui estavam temiam por eles. Ou por suas casas. Para mim, uma revolução não era uma guerra. Era umas pessoas e uns regimentos que vinham para a rua, ou uns quartéis que os da rua queriam assaltar. Mas lembrei-me de velhas gravuras da *Ilustração Portuguesa*, do tempo da Grande Guerra, com os alemães roubando as casas dos belgas, e que eu folheara em pequeno, procurando figuras para recortar. Aquela gente temia,

pois, por suas casas. Mas pareceu-me incrível. Uma revolução em Espanha não era uma guerra, nem tinha alemães que entrassem assim na casa de cada um. Os espanhóis, porém, eram uma gente medonha, quem sabe o que fariam? Já via o portão dos jardins dos meus tios, quando me veio à cabeça o que eu lera em romances de Camilo, que se passavam no tempo das invasões francesas e das revoluções liberais e outras. Podia ser uma revolução daquelas. Empurrei o portão e entrei. O cão veio ao meu encontro e festejou-me. Eu dei a volta à casa, para chegar à porta envidraçada que abria para o jardim. Minha tia, com os seus cabelos sempre muito louros, estava sentada à mesa, com uma costura. Meu tio estava de pé, e esbracejava. Logo que me viram, vieram ambos à porta, para os abraços, perguntando-me pelos meus pais (a minha mãe era irmã dele) e pela minha avó (que era mãe dele e de minha mãe). Eu respondi e sentei-me. Meu tio, pondo as mãos na mesa, perguntou-me pelos exames, se eu passara, perguntou depois pelo «General», a pastelaria que também frequentara na juventude, quando tirava os seus preparatórios para uma carreira militar que a Grande Guerra (com os gases e os sofrimentos dos campos de concentração alemães) lhe cortara. E, logo, sem transição, exclamou que era uma desgraça para a Figueira aquela revolução, os espanhóis estavam todos a ir-se embora, mesmo que a revolução durasse pouco já não voltavam, o verão ia ser um desastre. Minha tia concordava de cabeça, cosendo aplicadamente. E eu sabia o que ela estava pensando. Meu tio vivia da sua reforma pequena (que, por uma briga com o Ministério da Guerra, nunca lhe fora atualizada), e de lições que dava nos colégios da cidade (que não lhe pagavam as férias). No verão, esfolando nos mais variados jogos os espanhóis pelos cafés (muitas vezes o vira nos salões dos fundos, com a bela cabeleira negra, despenteada e levemente grisalha, e um cigarro apagado ao canto da boca, sentado a mesas que os «mirones» rodeavam, fascinados e assustados com a sua perícia e a sua sorte), ganhava ele com que desbaratar à noite no casino, à roleta. Só

muito depois eu soube que o casino, independentemente do que ele perdia por conta própria (e de que não o reembolsava), lhe dava umas «entradas», para ele animar os fregueses. Ele continuava a sua lamentação: já ontem, às primeiras notícias, o êxodo começara. Os Aleixandres, os Pozas, os Murtell, faziam as malas. – E como está a estação, hein? Cheia deles, não? – Eu confirmei-lhe os receios, e alarguei-me numa saborosa descrição do tumulto. – Pois é – dizia ele – e o pior não é isso. Mulher, sabes o que é pior? O pior é que mesmo os que ficam, receosos do futuro, vão poupar o dinheirinho, a ver em que param as modas. Olha, tu já almoçaste? – Comera um lanche no comboio. – Lanche? Mulher, então tu deixas o meu sobrinho, meu sobrinho, ouviste, porque um filho de irmã minha é com toda a certeza meu sobrinho, tu deixas o rapaz passar fome? Vai arranjar-lhe uns ovos! Tu queres ovos? Não queres ovos? Porque é que não queres ovos? Queres ovos, sim senhor. Mulher – e esgalgava pela sala a figura magra e curvada, com a inseparável bengala no braço –, ovos para o meu sobrinho. Ovos com presunto. Com presunto é melhor, não é?

Minha tia tocou a campainha, e apareceu uma criada que eu não conhecia do ano anterior. Enquanto ela lhe dava as ordens, meu tio aplicou uma palmada no rabo da rapariga, e disse-me, piscando o olho: – Esta não conhecias tu! E é boa, muito boa, tu vais ver como ela é boa.

– Justino! – exclamou minha tia, com a sua voz cristalina e risonha. – O teu tio não tem emenda.

– Não tenho emenda? Ah é? O que eu não tenho é mulher que preste.

Minha tia curvou-se sorrindo para a costura, e perguntou-me se eu não queria lavar-me. Disse que sim, e fui para a casa de banho, depois de tirar a roupa da mala. O que meu tio dissera e minha tia engolira era expressão da tragédia deles. Tinham tido um filho – era a criança mais bela, mais inteligente, mais viva, etc., no consenso deles, embora só raramente minha tia falasse do pequeno – que

morrera de uma meningite, havia muitos anos. Eu nem chegara a conhecê-lo. A criança adoecera de repente, ou melhor, piorara de uma indisposição que parecia vulgar. Meu tio descrevia sempre os gritos dele, agudos e repetidos a intervalos iguais, e o terror com que segurava nas mãozinhas a sua. E estendia a mão magra, longa e ossuda, muito bonita, apesar das unhas roídas e dos dedos queimados do cigarro, de um modo que quase se viam as mãozinhas, agora invisíveis, ainda segurando o pai, no terror instintivo da morte. Minha tia, sem saber que fazer, esperara até altas horas da noite que o meu tio chegasse a casa. E meu tio acusava-a pela sua estupidez, pela sua falta de expediente, pelo seu carácter desnaturado de mãe. Todos os domingos de manhã, meu tio ia ao cemitério, onde não consentia que ninguém, e muito menos minha tia, fosse com ele. Na admiração daquele filho que era uma obra-prima, não tinham querido ter mais. Neste ponto, minha tia acusava meu tio de a obrigar a abortar, e meu tio ripostava que não era verdade, que a vaidade dela é que não queria ter outros filhos. Tudo isto eu sabia pelas frases indiretas com que se feriam (ela, muito raramente), ou por referências isoladas e dispersas. Anos depois, passada a intensidade maior do desgosto – e o medo que ambos tinham de que a morte viesse buscar-lhes outros filhos que tivessem –, desejaram-nos ardentemente, minha tia engravidou, e o parto foi uma catástrofe prematura, de que ela teve de ser operada com consequências definitivas. Daí por diante, meu tio dizia a torto e a direito que ela «não prestava», e vingava-se, dentro de casa, assaltando de noite os quartos das criadas. Dormiam ambos, aliás, em quartos separados. Nunca entendi, porém, porque é que minha tia não empregava criadas bem velhas e feias, a menos que, apesar de tudo, a solução lhe agradasse. Era, de resto, o que meu tio dizia, nas ocasiões em que manifestava um ciúme mórbido: – Estás segura... não há perigo, não é? Podes pôr-me os cornos à vontade –. Minha tia respondia-lhe, com o eterno sorriso, que ele era antiquado, havia muitas maneiras de evitar-se o perigo, que fosse à

farmácia perguntar. Ele respondia que não era antiquado, mas que essas coisas só se usavam com as putas, que entre amantes não se dizia «espera aí, deixa primeiro pôr isto». Minha tia retorquia que ele falava de cor. E ele, para mim, quando eu lá estava: – Vês como a tua tia não fala de cor? Vês, ela sabe. E depois cá estou eu para pai putativo – e soletrava muito marcadamente as sílabas da palavra.

Voltei à sala de jantar, onde os ovos e a mesa posta me esperavam, e minha tia continuava sentada com a sua costura.

– O teu tio saiu, disse que ia até à estação. E que tu, se quisesses, o procurasses depois no café.

Comi, fazendo mentalmente um itinerário que me permitisse verificar quem, dos meus amigos do ano passado, estava na Figueira. E ia respondendo às perguntas da minha tia, sobre a família toda que ela, nas entrelinhas das suas perguntas, sempre deixava entender que considerava de doidos como o meu tio. Era raro que ela saísse de casa. Às vezes, ia ao cinema, quando eu (ou qualquer outro sobrinho veraneante) me dispunha a acompanhá-la. E, que eu desse por isso, não se dava com ninguém. Certas tardes, ela punha uma trela no grande lobo da Alsácia, e descia até à praia, mas lá para diante, para os lados de Buarcos, onde o vento levantava tenuemente o areal e os barcos dos pescadores, varados à beira de água, pareciam flutuar suspensos, arregalando de pasmo o olho que tinham na proa. Minha tia ia ao longo da muralha, com o cão puxando-a, e os cabelos louros brilhando ao sol poente. Mais que uma vez, passeando com amigos, eu a vira ao longe; mas ela, ou andava absorta, ou fingia que me não distinguia entre os passeantes para quem, na verdade, não olhava. Só uma vez – tinha sido no ano anterior e quase no fim da minha estadia – não fora assim. Ela tinha soltado o cão que corria à desfilada pela praia. E o cão, vendo-me, corraera para mim, e ficara correndo de mim para ela. Minha tia chamou-o e prendeu-o. E, depois, disse-me com a mão um adeus risonho, de uma juvenilidade que me comoveu e

sempre passei a ver nela. Um dos meus amigos perguntou: – Quem é? –. Outro respondera: – É a tia dele –. E o primeiro disse: – Não te zangas, se eu falar? – Não, que é? – Que linda mulher que a tua tia é –. Eu voltei-me para vê-la, e recordei-lhe os traços que à distância não via distintamente. Minha tia – e eu nunca pensara nisso – devia ter sido realmente lindíssima; mas agora, escondida dentro dela, só havia uma menina graciosa e gentil. – Não acho – disse eu. – Desculpa, não queria ofender, muito pelo contrário – disse o meu amigo. E a conversa ficara por ali. Eu tomava o chá, com os olhos nos cabelos louros da cabeça que se curvava para a costura, e pedi licença para sair. Ela levantou os olhos para mim: – Vai, vai, vocês os rapazes nunca se cansam. A viagem que tu fizeste... Horas... Vai, aproveita as tuas férias. E os homens não se querem em casa. A Maria – por determinação de meu tio, todas as criadas de «fora» se chamavam Marias, enquanto as cozinheiras eram Micaelas – põe a mala no teu quarto –. E eu saí em direção ao «Bairro Novo», o dos cafés, pensando já em procurar a Odette.

O «Bairro Novo», porém, parecia varrido por um vendaval. Os cafés estavam apinhados na mesma, mas nas ruas não havia a circulação habitual de gente passeando. Grupos discutiam parados. Jornais voavam pelo chão. E, por sobre tudo, pairava uma tensão violenta, como se todas aquelas pessoas fossem sobreviventes de um tufão. Apesar de não entender o que se passava, senti que era assim. Corri as pensões onde os meus amigos costumavam ficar. Dois deles estavam veraneando, sim, mas tinham saído. Fui mais longe, até à pensão suspeita, com uma palmeirinha de cada lado da porta, onde a Odette se hospedava. Este ano a Odette não viera, disse-me a patroa. Ficara pelo Porto, ou fora fazer a Póvoa do Varzim, já uma vez ela fora fazer a Póvoa do Varzim. Uma mulher que estava sentada numa cadeira de verga ao pé do balcãozinho, e que me lançava olhos, interrompeu: – A Odette? Não... Está no Porto por conta de um ricaço. Eu sei –. Desconsolado, saí. Mas levava comigo uma pontinha de orgulho: a Odette, que fora «minha» de graça,

estava por conta de um ricoço... É porque ela valia alguma coisa, como eu achava que ela valia. Voltei às ruas do Bairro Novo. Como a tarde caía, pareciam readquirir a animação antiga. Mas não era. De súbito, a uma das mesas no passeio, estalou uma desordem. Dois senhores batiam-se, e outros pareciam a ponto de bater-se, aos gritos de «comunista», «fascista». O tumulto generalizou-se logo a outras mesas e à rua. Dos grupos que estavam parados, destacaram-se homens que se juntaram aos das mesas, outros fugiam, as mesas e as cadeiras voavam, os que fugiam tropeçavam nelas. Um homem saiu a correr do meio do tumulto, perseguido por um punhado de outros que outros agarravam. De dentro de um café refluíu uma onda de gente, que me envolveu, e de repente vi a meu lado o Rodrigues, aquele meu amigo que identificara ao longe a minha tia e que eu não encontrara na pensão. O Rodrigues batia num sujeito que se atirava a ele, no meio do burburinho, e era como se os mais não dessem por ambos. A massa de gente correu por nós, e com ela o sujeito em que ele batia. A outro que passou correndo, o Rodrigues passou uma rasteira, e o homem estatelou-se no chão. Agarrei no Rodrigues por um braço, arrastei-o para outra rua, entrámos num café que estava deserto, com meia dúzia de pessoas e os criados à porta, de avental, espreitando para fora.

– Que estavas tu ali a fazer, à pancada? Que tens tu com isso? – perguntei.

O Rodrigues, muito magro e alto, puxava as calças para cima, que estavam quase caindo, e entalava a camisa: – Nada. Mas aproveitei para molhar a sopa nessa espanholada de merda –. Era proverbial a sua raiva dos espanhóis, que se alimentava de ódio ao conde de Trava, aos Castros da Dona Inês, aos derrotados de Aljubarrota e das campanhas da Restauração, e também da reclamação de Olivença, que sempre exigia, em altos brados, a qualquer espanhol, mesmo criança, que se aproximasse dele. As férias que vinha todos os anos passar na Figueira eram um martírio que ele gozava masoquisticamente. E tinha chegado a sua grande

hora. Os olhos brilhavam-lhe de satisfação sádica: – Canalhada... Vêm para aqui comer o que é nosso... Sujar as ruas... E ainda fazem desordens! Então cá estás, hein? –. Sentámo-nos a conversar. A vida dele era complicada, eu sabia. A mãe dirigia, e era dona de um grande hotel, perto do Buçaco. Ele passara os anos de liceu num colégio interno da Figueira, e havia dois que estudava em Coimbra. A mãe, viúva, não o queria em casa, ou melhor, no hotel, porque, sem perder de vista o livro das contas e a chave do cofre, ela passava a vida em aventuras noturnas: hóspedes, criados, os músicos que tocavam ao jantar, tudo, à vez, dormia com ela. De dia, era a severidade em pessoa; à noite, chegava a haver choques à porta do seu quarto, por algum se enganar na hora e no dia, ou não estar convencido de que a sua vez já tinha passado. Isto dizia ele, e deveria haver exagero, pela raiva com que o dizia. A fama dele, de resto, não era das melhores. Contava-se que, no colégio, andara envolvido em aventuras suspeitas, era muito requestado pelos pederastas com os quais ia dormir. Eu visitara, depois de saber disto, o colégio, onde meu tio era professor. E as camaratas eram muito curiosas: uma série de cubículos de madeira, no meio da sala, com portas como as das capoeiras, e uma cama em cada um. À hora de recolher, os padres fechavam os alunos à chave. Eu perguntei como é que iam urinar de noite, e o servente que andava comigo e com meu tio a mostrar-me o colégio – era, é claro, nas férias – sorriu superiormente, e abriu o armário que havia ao lado da cama, onde, num cacifro à medida, estava arquivado um bacio de louça. Mas os interessados em abrir as portas tinham chaves. Quem me contou isto – e era um rapaz da Figueira que fazia grupo connosco, mas frequentara o colégio como externo –, acrescentara que, para um dos prefeitos, aquilo era um negócio da China, vendendo chaves e confiscando-as. O Rodrigues fazia grandes alardes de virilidade, e um dos seus maiores prazeres era prová-la publicamente, quer exibindo-se (e todos, rindo, concordávamos em que ele tinha com que fascinar pederastas), quer pagando a uma mulher mais caro,

para assistirmos, como fez uma vez. E sempre que cruzava por nós um jovem magrinho e ondulante, que andara no colégio, o Rodrigues perseguia-o um pedaço, com palavrões que o outro, muito empertigado, fingia não ouvir, e voltava afogado, ajustando, como ele dizia, a «bagagem» dentro das calças, e repetindo ainda os palavrões que soltara. Agora, sentado diante de mim, parecia possuído da mesma excitação. Perdera o ano em Coimbra, a mãe só lhe dava a mesada se ele se formasse em Direito, coisa que detestava. Eu já ouvira aquilo nos dois anos anteriores. Debruçou-se para mim sobre a mesa, com os olhos fundos e humidamente olheirentos na face de um moreno pálido, o nariz longo e de narinas palpitantes, a boca grossa e descorada, o queixo ossudo: – Tu queres saber porque é que eu tenho raiva de espanhóis, queres? – fez uma pausa em que os olhos dardejaram. – Porque o meu pai era espanhol, ouviste? – Nunca me falara, ou a alguém que eu soubesse, no pai. Para todos, sempre fora o filho da dona de um hotel que ele tornava lendário, descrevendo os extensos corredores, as alcatifas, o quinteto ao jantar. – Quando morreu o teu pai? Há muito tempo? – perguntei. Recostou-se na cadeira, a olhar para fora: – Eu tinha dez anos, quando ele morreu. Mas já sabia da vida o suficiente, para perceber que ele era um corno sem vergonha –. Fiquei calado, constrangido. Ele voltou o rosto para mim, sorriu como se me consolasse, e disse: – Não vale a pena fazeres essa cara. É a verdade. Tomas uma cerveja? Eu pago – e chamou o criado. Depois, enquanto bebíamos, declarou que, nestas férias, tinha de tomar uma decisão de que dependia a sua vida. A mãe, se ele se não formasse em Direito, cortava-lhe a mesada. Não lhe daria dinheiro para outro curso. Ele queria formar-se em História, como eu sabia. Portanto, ou estudava, e formava-se contra vontade; ou, então, deixava-se reprovar mais um ano, e tinha de arranjar-se de qualquer maneira. O que é que eu pensava?

– Porque não ficas em Coimbra, trabalhando, dando lições, sei lá, e estudas a História que queres? E a tua mãe há de acabar por

dar-te a mesada, vendo que tu estudas.

– Tu não a conheces. E como é que eu vou trabalhar? Em quê? Lições? Tu julgas que isso em Coimbra é fácil? Com metade da Academia a dar explicações à outra!...

– Vai para Lisboa ou para o Porto.

– Já tenho pensado em ir para Lisboa... Com a minha «bagagem», acho que fazia lá fortuna. Tenho ouvido coisas...

Eu desviei os olhos, por ele, lembrando-me de tudo o que se dizia. Percebeu, cerrou os dentes, piscou tremulamente as pálpebras, e sibilou: – Mas não é? No colégio, eu tinha tudo quanto queria –. Levantei-me. Ele pôs o dinheiro na mesa, e seguiu-me. À porta, segurou-me um braço: – Desculpa... – levantei os olhos para a cara dele, que, do cimo da figura magra, pendia para mim. – Mas eu não tenho ninguém. Não tenho família, não tenho amigos – e a voz tremia-lhe. Endireitou-se, disse com a voz habitual: – Anda, vamos ver se essa cambada de cornos já acabou de se borrar de medo.

A rua dos cafés estava praticamente deserta. As mesas e as cadeiras formavam, arrumadas e vazias, uma estranha massa branca que eu nunca vira. Um par de guardas republicanos, gordos e baixotes, vinham a passo na nossa direção. O Rodrigues, quando passaram por nós, perguntou-lhes: – A espanholada foi toda corrida daqui para fora, hein? – Alguns comunistas que estavam a fazer desordem foram presos, sim senhor – respondeu um deles.

Íamos em silêncio, no caminho da pensão dele.

– Janta comigo. Porque é que não jantas comigo?

– Ainda hoje cheguei, e não disse aos meus tios que não ia jantar.

– Ah tu chegaste hoje? Julguei que já cá estivesses há mais tempo, e a gente ainda se não tivesse encontrado.

– Pergunta aí na pensão se eu não vim procurar-te hoje mesmo – disse eu, sentindo a mania dele, que era de que o evitavam e ele é que nos impunha a sua presença.

– Então janta comigo. Eu ontem não jantei na pensão, a patroa até me deve um jantar. Os teus tios não se importam. O teu tio é um ponto. Tu sabes que ele foi meu professor de matemática e de desenho? Eu contei-te alguma vez aquela do compasso? Já?

Já tinha contado, e estávamos parados à porta da pensão. Ele disse: – O Zé Ramos está cá, mais a irmã – era o que louvara a beleza da minha tia. E continuou: – Não te zangues com o que eu vou dizer. Mas do que eu precisava era de uma mulher assim como a tua tia. Ele maltrata-a, eu sei, ele mesmo nos contava no colégio, e não a merece. Com uma mulher como ela, eu estava salvo. Janta comigo. E depois vamos por aí, vou mostrar-te as novidades deste ano.

– Janto, mas a seguir volto para casa.

Entrámos na sala que, em atenção à freguesia espanhola, tinha um letreiro dizendo: COMEDOR. Só estavam a jantar umas quatro pessoas dispersas pelas mesas. Sentámo-nos. Ele começou a riscar a toalha com o garfo, aplicadamente.

– No colégio, uma vez, fugi de noite da camarata, e fui espreitar à casa do teu tio... Nesse tempo, ainda não tinham aquele cão... Acho que mal sabem que o compraram por minha causa... Eu subia à árvore, espreitava a tua tia... e caí da árvore e gritei. Não da primeira vez, é claro. Foi um reboliço. Desatei a fugir e saltei o muro. Mas ainda ouvi o teu tio chamar-lhe nomes, perguntar pelo amante que tinha fugido. Era eu, empoleirado na árvore, e ela nem sabia de mim. Nunca mais lá voltei.

Quando acabámos de jantar, combinámos encontro para o dia seguinte e voltei para casa.

VI

Minha tia estava, como sempre, sentada à mesa com a sua costura, e o cão que saltara na minha frente, à entrada da avenida de altíssimas palmeiras, que ia do portão ao palacete, veio deitar-se-lhe aos pés. Na casa, não havia horas para ninguém, sobretudo em férias. E ela perguntou-me apenas se eu já tinha jantado. Respondi-lhe que encontrara um amigo, o Rodrigues – e fitava-a especialmente –, e que ele insistira por que eu jantasse com ele.

Ela olhou para mim, franzindo pensativamente o sobrolho, com a agulha no ar, e interrogou-se: – O Rodrigues? Não é um do Buçaco, que foi aluno do teu tio? No colégio de São José. O teu tio sempre fala nele. Parece que era o diabo lá. Fugia de noite – e recomeçou a costura. Depois, estendeu a toalha para observar os lugares que ainda reclamavam passagens, e acrescentou: – Dizia a toda a gente que estava apaixonado por mim. É muito costume dos alunos isso de se apaixonarem pelas mulheres dos professores, não é?

Respondi que não sabia. No liceu, em Lisboa, não conhecíamos as famílias deles.

– Deve ser coisa de província, realmente. O teu tio, quando soube o que ele dizia, achou graça, chamava-lhe idiota, foi ele mesmo quem me contou. Parece-me que foi a única vez que se riu dessas coisas, com as manias que tu lhe conheces. Mas deve ter sido porque o rapaz tinha má fama, e pensou que assim não havia perigo.

– Má fama?

– Sim, não sabias? Bem, eu não entendo muito dessas histórias, apesar da linguagem do teu tio. Má fama, é como quem diz. Mas dizia-se que ele não era expulso do colégio, por causa da paixão que o Rufininho, tu conheces o Rufininho? – era o rapaz que o Rodrigues perseguia com insultos – e outros, tão ricos como o Rufininho, tinham por ele. Se ele fosse expulso, o Rufininho e os

outros saíam do colégio. E os pais do Rufininho pagavam tudo e mais alguma coisa que os padres quisessem para terem o Rufininho lá.

Calou-se após aquela expansão de temas impróprios, em que ela sempre falava muito naturalmente influenciada pelo desbocamento de meu tio, e pelo isolamento que fazia seus os assuntos dele. As borboletinhas voltejavam em torno do candeeiro. O cão arrebitou as orelhas, levantou-se num grande espreguiçar-se, e foi até à porta.

– Não deve ser o teu tio, ainda é cedo. A menos que o jogo hoje esteja fraco, por causa dessa revolução. A Maria contou-me que é uma correria, tudo a ir-se embora. Chegaste a encontrar o teu tio no café?

Disse-lhe que não, e falei-lhe da desordem que tinha visto. E perguntei: – O tio não veio jantar?

– Não – e sorriu-me. – Mas não estou em cuidado. O teu tio não se interessa por políticas, e isso é coisa de espanhóis que são uns desordeiros.

Eu não tinha essa impressão: discutiam muito, esbracejavam, mas acabavam aos abraços, com muitas vénias, tratando-se mutuamente de «dons». Mas tinha sido diferente, naquele dia.

O cão voltou a deitar-se aos pés dela, soltando um rosnido e suspirando fundo. Ela inclinou-se: – Tejo, o que é? – ele deu ao rabo sem mexer-se mais. – O que é que o meu Tejo tem? – ele levantou a cabeça e tornou a pousá-la. Então, a minha tia disse: – Não sei o que este cão tem hoje. Está inquieto. Ele pressente qualquer coisa.

– A revolução, se calhar – disse eu. – Talvez ele seja espanhol.

– E olha que é. O teu tio comprou-o uma vez, ainda tu não vinhas para cá, a um espanhol que era parceiro dele no café. Foi depois que julgámos que andava gente de noite, no jardim.

O nosso silêncio prolongou-se, apenas cortado pelos rosnidos intermitentes do cão. Eu bocejei discretamente.

– Se quiseses ir deitar-te, deves estar cansado, não faças cerimónia, que eu também não vou esperar pelo teu tio...

Dei-lhe as boas-noites, e subi para o quarto. A casa tinha três pisos. Ao nível do jardim, eram aquela sala em que eles comiam, uma grande copa, a cozinha, um quarto de engomados, outros compartimentos. Por cima, era o andar nobre, para cuja entrada se subia por uma escadaria abrindo em dois leques, na fachada principal. Por dentro, a comunicação era uma escadinha pequena. Nesse andar eram as grandes salas que eles não usavam, salvo a que guardava a biblioteca, onde às vezes se ia buscar um livro. Por uma escada que partia de um recanto do «hall», e ascendia numa ampla curva, subia-se para o andar dos quartos que eram muitos, quase todos fechados. Para que queriam eles uma casa tão grande? Ambos, todavia, se acusavam de mania das grandezas, embora o tamanho daquela casa nunca entrasse, ao que eu tinha ouvido, nos pormenores das acusações. No meu quarto de teto altíssimo, abri a janela que dava para o lado oposto da pequena entrada térrea da sala de jantar. Debrucei-me para o jardim escuro. A noite estava estrelada, e uma lua fininha parecia suspensa e imóvel sobre uma sombra recortada que era o mirante que havia naquele canto do jardim. Para chegar-se lá, era preciso atravessar a mata de arbustos que tinham crescido à vontade. Pelo jardineiro que de vez em quando vinha cuidar do jardim, só era limpo e plantado o outro lado, como se a avenida das palmeiras fosse, muito varrida, a divisória entre o mato e um jardim de verdade. Assim era desde que meu primo tinha morrido, porque minha tia costumava ir, com ele no carrinho, costurar para o mirante. Talvez mesmo que um golpe de sol (porque o mirante de pedra, no ângulo do muro, não era coberto) tivesse sido, por descuido de minha tia, a origem do mal que o matara. Isto não era, para meu tio, em todo o caso, ponto de fé; mas o mirante, e tudo que confinava com ele, fora abandonado às urtigas. Eu, às vezes, ao fim das tardes, depois do jantar, gostava de ir até lá, porque a estrada de Tavadere passava rente ao muro, muito branca de um pó que já se enquistara nos muros que a ladeavam. Carros de bois passavam chiando, e aquilo era bucólico e

repousante. Meu tio, uma vez, viu-me ir para lá, e lançou-me um olhar feroz. Mas não disse nada. Estimava-me muito, à sua maneira brusca e imprevisível, e só o facto de eu não atinar com os jogos de vasa, nem com o xadrez, me desmerecia na sua consideração. Esta subira muito, no ano anterior, quando, passando por mim na sala de jogo do casino, me viu arriscar medrosamente cinco mil réis na roleta. Piscou-me o olho, fitou a roleta com ares de falcão, e mudou-me de lugar a ficha. Perdi. Ele deu-me outros cinco mil réis e uma palmada no ombro. Ganhei. Mas eu tinha sempre pouco dinheiro, e um grande receio de viciar-me no jogo. Em minha casa, a maior audácia em matéria de jogos era o loto a feijões, em raras noites de reunião familiar. Cartas, não havia. E os parentes estigmatizavam duramente a «batota», enquanto colocavam as marcas no lugar, acusando-se mutuamente de «batoteiros», e aludindo, com desagrado de minha mãe, à vida desgraçada do tio Justino. Mas, antes de eu partir para a Figueira, era minha mãe quem me chamava de parte, já à porta de casa, para segredar-me que o jogo era uma coisa terrível e eu não pusesse os pés no casino. Este, para minha mãe, parece que não tinha senão mesas de jogatinas variadas. E eu sorria sempre, com íntima ironia, de uma ingenuidade que ignorava as outras «perdições» em que no casino era possível cair-se... Essas, porém, para ela não existiam. Embora não me tratasse já como criança, e tivesse comigo uma constrangida timidez, não possuía qualquer consciência da vida de um homem. Chorava muito das infidelidades de meu pai, quando lhe chegavam ao conhecimento, o que não era difícil. Mas isso era como que uma cruz do casamento, que ela suportava pior ou melhor, como as outras, mas não tinha conexão com a disponibilidade masculina. Quando os parentes falavam das tropelias deste ou daquele rapaz, e indiretamente me incluíam na classe tropeliante, acentuando que eu estava um homem feito, ela obstinadamente recusava, num silêncio tácito, pensar que as tropelias fossem mais que um excessivo loto de feijões. Mesmo quando eu apanhara aquela doença que me fazia

andar com cuidado e me sujava as cuecas, ela não tomara conhecimento, não por discrição, mas por omissão; e obrigara-me teimosamente a tomar fortificantes e abridores do apetite.

Ouvi o cão ladrar, e passos que faziam ranger o areão da avenida das palmeiras. Devia ser meu tio que chegava muito mais cedo que o costume. Uma borboletinha teimava em voar à volta da minha cabeça. Lembrei-me dos mosquitos, e fui apagar a luz. Voltei para a janela. O silêncio era completo numa treva ruidosa. Cigarras e grilos cantavam. O areão rangeu outra vez. Meu tio que tornava a sair? Comecei a despir-me. Mas não tirara o pijama da mala. Ia acender a luz, quando pensei que era melhor, por causa dos mosquitos, fechar a janela primeiro. Fui fechá-la. Senti um baque. Movia-se no mirante alguma coisa. Ou era impressão minha? Fiquei quieto, observando. Não havia nada. Encostei as vidraças e as portadas de madeira, vim acender a luz, procurei o pijama que vesti, deitei-me e apaguei a luz. Espreguicei-me, sentia-me muito cansado. No dia seguinte, tinha de procurar o José Ramos e a irmã. Encontrava-os na praia, eu sabia mais ou menos a altura em que os pais deles costumavam alugar barraca. A Mercedes era bonita, e distinguira-se, para mim, das amigas dela, com quem a gente, pela manhã, no banho, brincava de empurrá-las para a água, ou, à tarde, ficava deitado na areia, sob o olhar vigilante das mães, jogando entediadamente o prego que elas atiravam sabiamente, com muitas regras sucessivas. Passear com elas, naquele tempo, era ainda impensável. O mais que elas faziam era passearem à tarde pela esplanada, em grupos compactos, cujo número compensava a falta de vigilância das mães e das tias. Nós, em grupos, seguíamos-las, ou cruzávamos acintosamente por elas. Mesmo que um irmão de uma estivesse num grupo de rapazes, a aproximação não se dava. Pelo contrário: isso vincava ainda mais a distância. Quando no casino havia «bailes juvenis» (para o que, nessa noite, às prostitutas mais ostensivas era proibida a entrada, e as passagens para a sala de jogo eram rigorosamente controladas), elas iam, «devidamente

acompanhadas», sem o que não entrariam. Esta severidade da gerência era muito louvada pelas famílias, nas conversas de praia, de barraca para barraca contígua. Sentadas em cadeirinhas baixas, e fazendo intermináveis «tricots», cujos pontos ensinavam umas às outras, as senhoras discutiam estas questões, e informavam-se discretamente de quem nós éramos, com vistas aos namoros das filhas. A perseguição feita a alguns, muito insidiosa, chegava a incluir irmãos e primos, ou, pelo menos, tentava conseguir que a amizade deles, por alguém «de posição ou de futuro», arrastasse a desejada vítima para o redondel das cadeirinhas. Daí que, cautelosamente, nós nunca caíssemos em jogar prego perto das barracas, mas nos toldos. Estes constituíam aliás, na sua formatura em filas perpendiculares à das barracas, uma espécie de proletariado olhado com desdém pela aristocracia barraquina. Todas as famílias que se prezavam alugavam barraca para a temporada. Meus tios, que nunca punham os pés na praia, também tinham a sua, o que me garantia certo «status» perante as senhoras. Os toldos eram para veraneantes sem categoria, que, por mais que fizessem sorrisos amáveis, não conseguiam arrancar às damas das barracas mais que um leve reconhecimento de cabeça. E não lhes adiantava conspirar para uma aproximação, utilizando as crianças que tinham. Se alguma criança de barraca se extraviava num toldo, logo as criadas iam buscá-la, a pretexto de que fugira, podia perder-se. As famílias espanholas, de um modo geral, tinham os seus setores ao longo da praia; mas também aí a separação entre toldos e barracas era efetiva. Ser-se «alcoviteiro» era, entre a rapaziada, uma suspeição desonrosa; e alcoviteiro era o que favorecesse os manejos casamenteiros das famílias. Eu namoriscara a Mercedes, muito mais porque a mãe dela me olhava de viés, do que por interesse que ela me despertasse; e o Zé, para não ser acusado de «alcoviteiro», afastava-se ostensivamente de nós. O Rodrigues era tratado ambigualmente pelas senhoras. Sabiam-no herdeiro de um grande hotel, mas dizia-se que isso era duvidoso, que a mãe dele, de um

momento para o outro, podia casar outra vez. Mas, quando ele, em fato de banho, se aproximava das barracas, havia um frémito mal disfarçado; e eu ouvira, uma vez, duas senhoras comentarem «que ele estava bem fornecido». No dia seguinte, tinha de procurar o Zé.

No corredor alcatifado, havia uma árvore, e minha tia, em camisa, costurava à sombra. A um lado e outro do grande corredor do hotel, sucediam-se portas de capoeira, com muitos rapazes lá dentro, como galinhas. Em cima da árvore, estava o Rodrigues, de fato de banho, espreitando para baixo. Dos galinheiros, os rapazes cacarejavam, diziam à minha tia as coisas que o meu tio dizia. No fundo do corredor, era a rua dos cafés, com mesas como as do «General», e a mãe do Puigmal servia o chá. À mesa, estávamos eu, o Mesquita, e o meu tio, este sentado de costas para a árvore. Eu, vendo o Rodrigues em cima da árvore, fazia tudo por distrair meu tio, não fosse ele voltar-se, porque o Mesquita, ao telefone, falava com a namorada e não conversava com o meu tio. Depois, a Mercedes, vestida como se fosse a Odette, estava deitada na cama, fumando, e o Puigmal, fardado, debruçava-se para ela, dizendo que o pai tinha falado com o sujeito. Este, com óculos muito grossos, ia pelo corredor fora, chamando pelo Rodrigues. Perto da árvore, era magrinho e novo, não tinha óculos, e parecia o Rufininho. Meu tio voltou-se, o Mesquita pousou o telefone, e dois guardas republicanos vinham por entre as mesas, agarrando homens que fugiam para a bilheteira da estação, que estava fechada e era no mirante escuro do jardim. Meu tio levantou-se, e correu muito devagar pelo corredor fora, de bengala em punho. Fui atrás dele. Mas meu tio estava em cima da árvore, aos gritos, e à sombra da árvore não estava a minha tia, e sim o Mesquita, todo nu e agachado. Procurei com os olhos a minha tia, que não vi, mas vi o Rufininho agarrado ao Rodrigues, enquanto todos nós rodeávamos a cama. Quem, porém, estava debaixo do Rodrigues não era o Rufininho, mas uma mulher que eu nunca vira, muito loura, que me agarrava por um braço e dizia com a voz do Rodrigues: – Eu não

tenho ninguém, eu não tenho ninguém... A Mercedes, então, levou-me para trás de um reposteiro que era de uma janela do casino, e começou a desabotoar-me. Nessa altura, meu tio vinha pelo corredor, com dois senhores que eu não conhecia, e as portas dos galinheiros abriram-se todas, e delas saíram para fora os bacios de louça. Eu, com medo que meu tio me visse, afastava as mãos da Mercedes. Estávamos à beira de água, para os lados de Buarcos, era de noite, e um grupo de homens saltava para um barco. O Rodrigues vinha correndo pela praia, aos gritos, seguido por guardas e polícias. O pacote desatracou da praia, e afastava-se. Então, a mulher loura apareceu à beira de água, chamou e começou a entrar no mar, vestida e calçada. Eu desci ao camarote, onde o Puigmal jogava as cartas com o meu tio, e perguntei onde era a casa de banho. E acordei com uma grande vontade de urinar.

Ainda era noite. Acendi a luz, saí para o corredor, havia claridade na casa de banho. Voltei para o quarto, e esperei sentado na cama. Ouvi a porta da casa de banho abrir-se, tornei a sair. Um vulto esgueirou-se para um dos quartos vazios. Fiquei perplexo. Mas havia luz no quarto do meu tio. Alguém tinha chegado entretanto. Era isso os passos que eu ouvira no jardim. Mas quem? Os meus tios não tinham dito nada. Hesitei entre voltar para o quarto e bater à porta do meu tio. De qualquer modo, fui primeiro à casa de banho, e urinei. O esguicho fez saltar na retrete um invólucro amarrotado de cigarros. Minha tia não fumava, meu tio gostava de enrolar os seus cigarros, eu não acabara à tarde nenhum maço... Debrucei-me para ver. Era um invólucro de cigarros espanhóis.

Mas então era um espanhol o novo hóspede, aquele vulto que eu vira entrar para o outro quarto? Voltei para o meu, sem atinar com a solução do problema, e deitei-me. No dia seguinte, saberia.

VII

Acordei cedo, com o sol a entrar-me pela fresta da janela. A princípio, não me lembrei de nada, apenas antegozando a praia e o banho matutino. Mas logo – como num sonho vagamente recordado – vi o invólucro de cigarros. E arranjei-me e vesti-me rapidamente, com a impressão de que não havia ninguém no andar dos quartos e os meus tios já haviam descido. Desci correndo a larga escada de caracol, e depois a escadinha para baixo. Entrei na sala de jantar. Sentados à mesa, estavam dois sujeitos, um muito novo, de bigode, e outro mais velho, corpulento. Parei interdito. Eles levantaram-se ambos, cerimoniosamente, e disseram: – *Buenos dias* – e o corpulento perguntou: – *Es usted el sobriño de Don Justino?* –. Reparei então na ausência de meus tios, embora a mesa estivesse posta; e respondi afirmativamente, olhando em volta. O mais velho explicou-me que os meus tios estavam na cozinha, fazendo o café. Fui à cozinha. Meu tio, de calças já vestidas mas casaco de pijama e chinelos, como andava sempre pela manhã, e com a bengala no braço (até parecia que dormia com ela), falava para minha tia que, ao fogão, aquecia o café.

– Já os viste? – perguntou-me ela.

– Quem são?

Minha tia, sem desviar-se do fogão nem levantar a cara, disse: – Mais uma loucura do teu tio.

– Loucura? Loucura, hein? Os homens não tinham onde esconder-se, podiam ser presos, eu ofereci-lhes a minha casa, onde está a loucura?

– Pois é. Mas, se a polícia vier cá procurá-los, eu quero ver como te saís desta. Para o teu tio é sempre tudo muito fácil.

– Cala-te, mulher! Não vem cá polícia nenhuma. E põe o café na mesa. Tu – falava comigo – vais para a praia, e não digas nada a ninguém. As criadas não os viram chegar, eles entraram pelo lado de Tavarede – tinham sido as sombras no mirante, sem dúvida –,

ninguém sabe que vieram para cá. Mulher, tu não dizes uma palavra seja a quem for. No meu sobrinho, eu confio, é meu sobrinho e basta.

A minha tia pegou na cafeteira, e saiu da cozinha. Eu perguntei: – E as criadas? Se elas falam? – embora achasse tudo aquilo absurdo.

Ele aprumou-se jovialmente, tirou da boca a prisca amarelada, cuja cinza sacudiu com o dedo mindinho, e disse: – Aqui o teu tio, em 1917, atravessou a Alemanha desde a Áustria à Holanda, sem saber mais que três ou quatro palavras de alemão – os olhos brilhavam-lhe –, e livrou-se que foi uma beleza. Tu julgas que eu sou tolo? As criadas foram-se embora esta madrugada, estão em Tavadede ou no diabo, que é a terra delas. E nós já partimos hoje, de manhã cedo, para Coimbra, porque a minha sogra está muito mal. Está claro que é história. Foram a toque de caixa – e acendeu um fósforo muito rente à ponta de cigarro, com a cabeça de banda.

Eu entrei no jogo: – E o cão para onde foi?

Meu tio ficou estático, o fósforo queimou-lhe os dedos, ele soltou um palavrão, e repetiu: – O cão?!

– Sim, o cão.

Fincou a bengala no mosaico, apoiando nela o corpo com ambas as mãos. Piscou os olhos. Sinal de meditação profunda.

– Raios, esqueci-me do cão.

– E eu? Eu, que cheguei ontem, para onde fui?

Ergueu para mim uns olhos pasmados: – Pois é, e tu, para onde foste?

– O tio é que sabe.

– Sei? É o diabo... o diabo. Espera. Mas eu posso ter deixado ao cão comida para uma data de dias, não posso? São umas estúpidas, não vão pensar nisso. E há uma razão melhor, para não se lembrarem do cão, não estranharem. É que elas detestam o cão, até devem ter ido contentes de a gente se esquecer dele.

– E eu? – tornei a perguntar.

– Tu é o menos. Um rapaz, um homem, arranja-se em qualquer parte – aprumou-se: – não penses nisso. Quando a gente pensa muito as coisas, elas não dão resultado. Anda tomar o café.

Na sala de jantar, os dois homens já bebiam café e comiam pão com manteiga, com a minha tia que conversava animadamente com eles, rindo de boca cheia, apesar de segurar o pão com os dedos delicadamente soerguidos. A sua capacidade de descuidada adaptação parecia ilimitada. Levantaram-se ambos, quando entrámos, sentaram-se ao sentar-se meu tio, e não recomeçaram a comer enquanto ele se não serviu. Passadas estas silenciosas delicadezas, todos comíamos e passávamo-nos as coisas, numa grande algazarra.

Os dois espanhóis falavam num misto de castelhano e português. E, em resumo, a história deles era a seguinte. Havia dias já que os ânimos estavam muito exaltados, entre a «colónia» espanhola, e divididos pelos acontecimentos. Cada extremo reclamava, em termos violentos, a cabeça do outro, e considerava iminente a «sua» revolução. Mas, apesar de tudo, a coisa passava-se em desavenças de vizinhos, na praia, no café, nos hotéis e pensões. E ninguém pensava que a «sua» revolução, mesmo que estourasse, lhes pedisse mais do que isto. Na véspera à noite, porém, já a confusão contraditória das notícias da rádio – e foi a primeira vez, na vida, que eu ouvi que a rádio tivesse esta importância – dava a entender que a situação era gravíssima, com os levantes militares alastrando de Marrocos a todas as províncias, e com o povo reagindo violentamente nas ruas e exigindo armas. A revolução de *los curas*, não tinha dúvida disso o mais velho, estava na rua, contra *la liberación de España*, e não era apenas, nos moldes tradicionais, mais um golpe militar, para restabelecer a ordem. E acentuava muito ironicamente a palavra, acrescentando: *la de los curas y de los generales, la de los banqueros y de la aristocracia*. O mais novo criticava estas generalidades: *las derechas* eram muitas e desunidas por oposições profundas. Havia os carlistas, os monárquicos

liberais, os católicos que eram republicanos, os que não eram, e a Falange. Uns queriam a restauração monárquica e outros não. Mas, para os que queriam, o rei não era o mesmo. E uns grupos queriam reformas sociais, e outros faziam a revolução para que não houvesse nenhuma. O mais velho reconhecia que isso era verdade, mas que *los nuestros* também eram muitos e muito mais desunidos. Havia os anarquistas, os comunistas, os socialistas, os republicanos – e enumerava uma série de siglas partidárias que eram chinês para mim. A luta ia ser dura, mas rápida: e o povo ia ganhar de uma vez o que só com a República, sem revolução, seria muito mais difícil. Esta era a opinião do mais novo. O mais velho contraditava-o, dizendo que os políticos da República eram umas raposas que ele conhecia bem, e tinham, no fundo, tanto medo do povo como os generais e os curas e os banqueiros. E as hesitações deles, a mania de combinarem tudo nos bastidores, havia de desgraçar a revolução. O mais novo ripostou que a juventude, o operariado, os mineiros, tinham força suficiente para levar tudo de vencida.

– E armas, eles têm armas? – perguntou meu tio, erguendo o queixo para reacender a ponta de cigarro.

Tê-las-iam, assaltariam os quartéis (aquilo começava a ter analogias com as «minhas» revoluções).

– Todos os quartéis? – perguntou meu tio.

O mais novo levantou-se: – *Usted, Don Justino, no conoce lo que es la España del pueblo. Nosotros, los que usted conoce, seremos amigos del pueblo, más el pueblo de España...* – e calou-se numa meditação patriótico-revolucionária.

Minha tia então perguntou: – E acham que vai durar muito? E o nosso governo que vai fazer?

O mais velho foi quem lhe respondeu, contendo meu tio com um gesto. Seria uma deselegância pronunciarem-se sobre o que faria o governo português. Mas era evidente que as simpatias oficiais iam para a rebelião, embora com certa cautela, na dúvida do que pudesse acontecer, o fiasco da revolução, por exemplo, e que isso

dificultasse as boas relações de vizinhança no futuro.

O mais novo criticou-o com ímpeto. Que o desculpassem, mas a altura não era para hipocrisias diplomáticas. As rádios portuguesas já estavam ao serviço dos rebeldes, abertamente. Dizia-se que os comboios de munições já estavam em marcha. E o que acontecera ontem não deixava margens a dúvidas. Que destino teriam os que tinham sido presos? Não estaria acontecendo o mesmo por toda a parte com os residentes ou os veraneantes espanhóis?

O mais velho ficou silencioso. E foi meu tio quem quebrou o silêncio.

– Os senhores são meus hóspedes o tempo que for preciso. Se esses bisbórrias desses militares que nos governam não sabem cumprir as leis da guerra, eu sei – e logo sem transição acrescentou: – Que não havia outra coisa a esperar dessa gente que nem sabe pagar uma pensão aos seus inválidos de guerra. Sim, eu não sei se lhes contei alguma vez. A minha pensão de inválido de guerra, e inválido de verdade, não é como muitos que eu conheço e que ficaram inválidos de constipações e hemorroidas, sem sequer terem posto os pés nas trincheiras, a minha pensão nunca foi atualizada. Eu recebo hoje o mesmo que recebia há vinte anos. E sabem porquê? Sabem porquê? Tu sabes porquê, mulher? E tu? – e acenava-me com a cabeça e o punho da bengala.

Todos dissemos em coro que não sabíamos. E ele sorriu com superioridade.

– Nem esta minha mulher sabe, e mesmo que soubesse não percebia.

Minha tia, rindo, perguntou: – Mas não foi porque tu nunca fizeste o requerimento que devias fazer?

– O requerimento! O requerimento... – e, com movimentos de lado à cabeça, indicava-a displicentemente aos espanhóis e a mim. – Isso foi o pretexto deles. E é uma longa história, uma longa história. Eu já contei de como fugi de um campo de concentração e atravessei a Alemanha toda, com uma alemãzinha? Já?... Tens

ciúmes, mulher? Ela tem ciúmes, calculem; e, naquele tempo, eu nem a conhecia. Mas não tem dúvida, os senhores são meus hóspedes, ficam aqui muito quietos, e logo se vê.

Das minhas perguntas e das de minha tia, e das explicações dos espanhóis, concluía-se o seguinte. Nos dias precedentes, as denúncias ferviam entre a colónia espanhola. Os direitistas queriam fazer crer às autoridades portuguesas que havia um vasto plano de agitação da República espanhola, para tumultuar Portugal e arrastá-lo para uma federação comunista ibérica. Era claro que este procedimento visava dois fins: por um lado, criar em Portugal uma forte corrente de opinião contra a República e a revolução social que se impunha (o que servia às direitas portuguesas e às espanholas, pois que seria pretexto para neutralizar qualquer reação a que Portugal fosse uma base de apoio da rebelião, e para, a coberto de que qualquer manifestação em favor da República era sinal de conivência com os inimigos da independência portuguesa, liquidar as últimas resistências à aproximação de Portugal e dos países fascistas); e, por outro, impedir, por todos os meios, que a luta contra a rebelião se organizasse de maneira a que, pela legalidade diplomática que necessariamente a protegeria, a manobra direitista – e é claro que o governo português, ou grande parte dele, estava interessado nela – fracassasse na repercussão internacional. Constava que a Embaixada do governo espanhol em Lisboa já estava cercada, «para proteção», e que o embaixador estava recluso na sua residência. De resto, em Portugal, à volta do general Sanjurjo exilado, estava um dos focos da conspiração, e as autoridades portuguesas não podiam ignorar que assim era, visto que – os dois espanhóis garantiam – as autoridades da República mesmo em Portugal vigiavam de perto essas atividades suspeitas e tinham mais do que uma vez solicitado que elas pusessem cobro à livre movimentação dos conspiradores que se reuniam e que entravam e saíam a seu bel-prazer. Eles dois eram pessoas especialmente visadas, embora não estivessem, no momento, na

atividade política. E não havia grande diferença entre eles e os que já tinham sido presos na véspera, «internados por atividades subversivas». Eram parentes ambos, ainda que distantes. Afastados que estavam da imediata atividade política, sabiam-se vigiados. E, por isso, na véspera, tinham saído das pensões com as famílias, e tinham ostensivamente embarcado num dos comboios. Estes, era sabido, ficavam detidos na fronteira de Vilar Formoso, já ocupada pelos rebeldes. Chegar a Madrid era impensável, ao que se depreendia da confusão das rádios. E eles, na fronteira, também seriam presos, e sabia Deus o que lhes aconteceria: os rebeldes estavam tentando dominar pelo terror, não poupavam ninguém. Eles mesmos se gabavam de não dar quartel. As famílias não correriam tanto perigo. E ali estavam, até que a situação se esclarecesse.

Eu perguntei como tinham vindo para casa do meu tio, se haviam chegado a entrar no comboio. Na confusão da estação, com toda a gente assaltando os comboios, tinha sido facilíssimo. E riam: bastava entrar por um lado e sair pelo outro. Era o que ambos tinham feito.

Meu tio então contou o resto. À tarde, no café, quando as desordens – provocadas pelos fascistas, acentuou o mais novo dos espanhóis – tinham estourado, estavam jogando o poker com ele e com outros amigos. Na barafunda, tinham fugido pelas traseiras e combinado tudo. Fingiam que embarcavam, e de noite vinham ao mirante, e ali estavam. – E, agora, é só por uns dias – rematou meu tio –, enquanto a revolução não acaba. E, entretanto, fazemos aqui, em sossego, uns pokerzinhos especiais...

A minha tia trocou comigo um olhar muito rápido. Os espanhóis ficaram silenciosos, brincando com os talheres. Meu tio percebeu o constrangimento, e disse:

– A feijões, está claro. Mulher! Tu tens feijão em casa, que chegue para nós?

Houve um alívio risonho. Minha tia garantiu que tinha imenso

feijão: dava para comer ao almoço e ao jantar, e ainda sobrava para o que fosse preciso.

Eu olhei para o relógio. Era tardíssimo já para ir à praia. O melhor seria não tomar banho, descer até à avenida marginal, ou procurar os meus amigos nas pensões.

O mais novo dos espanhóis percebeu a minha hesitação, e perguntou-me se os meus amigos estariam à minha espera.

Quando eu ia responder, meu tio disse: – Ninguém vem cá procurá-lo, não vem. Desde sempre, a rapaziada está habituada a não pôr aqui os pés. Com uma mulher como a minha, todos os cuidados são poucos...

Minha tia levantou-se da mesa, e saiu para a cozinha. Eu e os espanhóis ficámos de olhos baixos. Meu tio deu-se perfeita conta das implicações do que dissera, mas não emendou nada. Levantou-se da mesa, acabou de enrolar e de lamber o cigarro que tinha nas mãos, pôs a cabeça de esguelha para acendê-lo com as mãos em concha, puxou uma fumaça, apoiou-se na bengala com ambas as mãos, e disse: – A casa está toda às ordens dos senhores. Se quiserem livros para ler, o meu sobrinho mostra-lhes a biblioteca.

Levantámo-nos os outros três, e eu guiei-os até ao salão imenso, alcatifado, cheio de sofás, poltronas, mesinhas com candeeiros, e estantes giratórias da altura de uma pessoa, carregadas de livros. A base principal eram as edições antigas de Chardron e depois da Lello: o Eça, o João Grave, o Coelho Neto, o Abel Botelho, a coleção Lusitânia, a Biblioteca Racionalista, os Sermões do Padre Vieira, a Nova Floresta do Padre Bernardes, o Guerra Junqueiro, etc., acompanhados de uma multidão de romances franceses cuja capa amarela, de brochura, alternava com as lombadas encadernadas e mais ou menos rubras. O tom dominante da sala era aliás o amarelo, um amarelo torrado, que estava na alcatifa, no forro dos assentos estofados, no papel adamascado das paredes, e mesmo nos *abat-jours* dos candeeirinhos de mesa ou nos que havia nas lâmpadas do lustre central de muitos braços. Acendendo-se o

lustre, porque as janelas estavam sempre fechadas, a luz era baça e quebrada. E havia um cheiro de bafio, uma humidade fria, uma quietação abandonada que abafava as vozes, inseparáveis, para mim, da excitação afogueada com que, em anos anteriores, eu lera os ardores eróticos ou naturalistas que havia naquela livralhada toda, ou o anticlericalismo a que outros reacendiam. No Vieira e no Bernardes, eu apenas ensaiara um dente suspeito, logo desinteressado. Ambos me pareciam, cada um à sua maneira, dois grandes imbecis. Fiz rodar algumas das estantes que chiavam e balanceavam inseguras nos seus eixos. Os dois espanhóis, atrás de mim, disseram que eu não me incomodasse, que eles ficariam ali até à hora do almoço. Deixei-os ficar, e desci até à cozinha, para falar com a minha tia, antes de sair.

Estava preparando afanosamente o almoço, e, com o mais juvenil dos sorrisos, chamou-me a que olhasse o interior de uma panela que destapou: era feijão. E logo disse: – Até é uma distração ter essa gente aqui, não é? – e ergueu para mim os seus olhos muito grandes, verde-azulados, que uma das glândulas lacrimais inchada e vermelha desfeava.

Eu fiz que sim com a cabeça, informei-a de que eles tinham ficado na biblioteca, e disse que ia até lá baixo.

– Vai, vai. O teu tio pediu que, quando voltasses, trouxesses do Bairro Novo cigarros espanhóis para eles.

Mentalmente reví o invólucro amarrotado que flutuara na retrete, e saí. Estas pequenas comissões – agora a pretexto dos espanhóis – eram o ónus do meu veraneio. Quer ela, quer meu tio, encomendavam-me isto ou aquilo, mas, na maior parte dos casos, esqueciam-se de dar-me o dinheiro ou de me reembolsar. Eu gostava de ser-lhes útil: o que me irritava era ter de gastar nisso o meu pecúlio pessoal que eu administrava com avara cautela. A manhã estava luminosa e quente. As palmeiras adejavam num leve restolhar. No portão, subitamente, dei comigo parado, inspecionando cautelosamente as vizinhanças. Não se via ninguém.

E a rua, cujo macadame chispava, descia longa e vazia diante de mim.

VIII

No Bairro Novo, que atravesssei, havia uma quietude matutina. Nas mesas dos cafés só uns raros sujeitos gozavam da sombra ante uma cerveja. Eram, como de costume, pais de família, que se recusavam a encher de areia os sapatos na praia. Raramente pais tomavam banho, como aliás as mães ou as tias. Nem mesmo eram olhados com bons olhos, pela opinião das barracas, aqueles ou aquelas, raros, que o faziam. A nudez exposta era coisa reservada à gente solteira ou muito jovem: por extensão era tolerada ainda nos pares recém-casados. Ou então era uma manifestação de inferioridade social, própria da gente dos toldos (que, no entanto, muito empertigados nos seus banquinhos, imitavam em tudo a das barracas), ou da saloiada do campo, que, ao domingo, com grandes cestas de farnéis, que escandalizavam as senhoras, invadiam a praia, para se banharem em grandes correrias e gritos, atirando água e areia aos corpos desajeitados em que antigos e bamboleantes fatos de banho eram resguardados por cuecas e por camisas femininas que se colavam à carne. Por isso, ao domingo, de manhã ou à tarde, as barracas ficavam vazias. E as famílias passeavam na muralha, sem descer à praia, ou juntavam-se aos pais nas mesas dos cafés. Aos dias de semana, ao fim da tarde, os maridos costumavam aparecer, pelo menos alguns deles, avançando com grande cuidado pelas pranchas de madeira, que levavam às barracas. E as crianças deles tinham mesmo por missão especial e vespertina o ajeitar das pranchas e o limpá-las da areia que jogos e correrias houvessem acumulado nelas. Os senhores, de casaco e gravata, abanando-se com os chapéus de palha, sentavam-se na frente das barracas, entre as senhoras dos seus séquitos, e cumprimentavam-se de umas barracas para as outras, como se mal se conhecessem uns aos outros, das mesas dos cafés, e do casino para cujo bar, à noite, todos mais ou menos se esgueiravam. E ficavam olhando o mar e a beira de água onde, às vezes, uns pares de namorados se passeavam de

mão dada, recortados pelo sol poente.

Quando me aproximava já da praia, procurando o lugar em que o Zé Ramos e a Mercedes costumavam ter barraca, lembrei-me da comissão dos cigarros para os espanhóis. Voltaria atrás? E decidi que seria melhor comprá-los no regresso. Encontrei, sentado na borda da muralha, o Carlos Macedo que fizera, no ano anterior, parte do nosso grupo. Festejou-me calorosamente, e logo encadeou uma catadupa de perguntas sobre a minha vida durante o ano letivo, e contando-me da dele. Era assim mesmo, terrivelmente falador, quando não ficava quieto e calado como rato, o tempo que fosse preciso, preparando o assalto aos ouvidos alheios, que desencadeava no primeiro momento oportuno. Mas eu senti-me desconfiado com aquela verborreia que me parecia dirigida para a casa de meu tio. Depois, enquanto ia respondendo vagamente às perguntas dele (e não era preciso responder com precisão, porque ele nem ouvia as respostas), lembrei-me que ele andara como externo no Colégio com o Rodrigues, que fora ele quem me contara as histórias do colégio, e que, de certo modo, teria pertencido à roda dos adoradores de minha tia. O Rodrigues não gostava dele, devia pressentir que a memória célebre do Macedo, aliada à verborreia, falaria de mais. Porque as ostensividades sexuais e viris – notava eu agora, fitando o Macedo pequenino e nervoso, muito moreno e barbado (as senhoras fascinavam-se tanto com os pelos dele, como com o «fornecimento» do Rodrigues) – intensificavam-se grandemente, se o Macedo estivesse connosco numa ocasião propícia. Mas o Rodrigues mantinha com ele atenções especiais no trato. Era como se quisesse comprar-lhe o silêncio com delicadezas que não tinha com quase ninguém. Ou então aquele macaco pequeno e bonito (porque o Macedo estava longe de ser feio, na opinião das raparigas que apenas lamentavam que ele lhes desse pelo ombro ou menos) fascinava a sua altura esgalgada e magra. O Macedo estava agora no Porto, estudando Medicina. Lá, encontrara a Odette mais que uma vez; e, mesmo quando primeiro a encontrara

na rua, por acaso, ela lhe dera uma de graça, em homenagem ao nosso grupo. Eu pensei que seria em homenagem a mim, mas não disse nada. Ele perguntou-me se eu já vira o Rodrigues e os Ramos. Respondi que, na véspera, encontrara o Rodrigues; mas que os Ramos eu descera mesmo para procurá-los.

– Eu estou aqui à espera deles. Chegaste ontem, não foi? E logo te atrasaste hoje? Porque é que não vieste tomar banho? Vieste no comboio da noite? Não? Então que ficaste tu a fazer?

– A conversar com os meus tios.

– O teu tio está cada vez pior, não sei se sabes. Cá na cidade, toda a gente tem pena da tua tia. O que ela deve passar! O meu irmão diz que ele, no colégio, está que ninguém o pode aturar. Tu lembras-te do meu irmão?

Mentalmente, revi uma figura de menino magrinho, muito diferente dele, e que, no ano anterior, teimava em fazer de homem e juntar-se a nós que o enxotávamos.

– Lembras-te? Este ano cresceu, está um homem, já pode andar connosco. O meu irmão diz que o teu tio, nas aulas, é ponteiro para um lado, cadeira para o outro, livro de ponto pelo ar, um inferno. Nem as piadas dele já conta. Um grupo de alunos queixou-se dele, e diz-se que os padres o chamaram e o ameaçaram de despedi-lo, se aquilo continuava. Julgas que ele se ralou? Pelo contrário, foi muito pior. Agarrou no pobre do padre Augusto por um braço, levou-o de rastos, de classe em classe, obrigou-o a dizer quem tinha feito queixa. O padre esbracejava e gritava, foi um escândalo, mas ninguém lhe acudia, com medo do bengalão do teu tio. E o padre Augusto lá ia, coitado, coitado é como quem diz que é um patife que merecia aquilo e muito mais, e apontava, foi aquele, foi aquele, e mais aquele. Então, o teu tio chamou os rapazes todos, e, ali mesmo diante dos padres, declarou que os queixosos estavam expulsos do colégio, não por terem feito queixa dele, mas por não serem homens, serem uns invertidos que não tinham coragem para defrontá-lo, se tinham alguma coisa contra ele. Os rapazes ficaram

furibundos. Os padres também. O padre Augusto torcia as mãos e dizia: – Senhor Tenente, modere a linguagem. – E o teu tio, logo: – Modero o quê? Modero o quê? Os senhores é que me deviam agradecer que eu seja professor neste antro de perversão. No dia em que eu sair daqui, não há mais homens nesta casa. Os senhores – e voltava-se para os padres – fizeram voto de não ser, e estes rapazes, daqui a pouco, deixam todos de saber se o cu é deles ou dos outros. – Nisto, o padre Augusto desmaiou. E o teu tio voltou-se para a rapaziada e perguntou: – Querem um homem aqui ou não querem? – E a rapaziada em coro respondeu: – Queremos! Viva o Senhor Tenente! – Mas a pancadaria nem por isso diminuiu. Os padres nem lhe falam. E não o puseram na rua. Mas diz-se que, agora em outubro, quando ele lá voltar, está despedido.

– E os que o meu tio «expulsou»?

– Claro que continuaram no colégio. Mas não queiras saber o que o teu tio lhes faz. Explicações, nenhuma. Chamadas, nenhuma. Só os exercícios escritos que as classes fazem. Nunca lhes dirige a palavra que não seja: a menina para aqui, a menina para ali, Dona Micaela, Dona Maria, as senhoras não se sentem bem? E o pior é que a vingança dele pegou, e ninguém trata os desgraçados senão assim. O meu irmão é Micaela.

O pai deles era capitão da Guarda Fiscal, postado na Figueira havia séculos, com os bigodes caídos, e um grande ar aprumado de general na reforma. Eu perguntei:

– E o teu pai que diz a isso?

– Ora, sabes como é. Toda a gente estima o teu tio, lhe desculpa as maluqueiras. Depois, o colégio é bom, é o melhor, mas tem uma fama desgraçada. No fundo, toda a gente se riu e esfregou as mãos. O que eu te digo é que, se o meu irmão fosse um dos mariquinhas, estava perdido. O meu pai até o chamou, e pregou-lhe um sermão medonho. Ainda por cima.

Houve um silêncio risonho e preenchido pelo vozear da praia que se esvaziava. O sol queimava a pino.

– Tu ficaste mesmo de encontrar-te com o Zé e a Mercedes aqui?

– Fiquei. Aqui mesmo. E eles não faltam, garanto-te. E não faltam, porque eu tenho um recado para eles. Um recado urgente – e fitou-me os olhos escuros e brilhantes, na expectativa da minha curiosidade. Eu não disse nada, ele levantou-se, e espreguiçou-se retesando os músculos, como se fosse um atleta gigantesco. Defronte de mim que continuava sentado, era pouco mais alto que a minha cabeça.

– Sabes da revolução em Espanha, não sabes? Tu não lês os jornais? Não ouves o rádio?

Sim, sabia, lera o jornal na véspera – e estremeci.

Tornou a cravar em mim os olhos: – O que é que tu achas disso?

– Disso o quê?

– Ora, da revolução! Tu não sabes o que aconteceu ontem? Sabes? Não? Ah tu chegaste a assistir? Então viste a pancadaria que os fascistas provocaram no Bairro Novo, tudo para prenderem uns republicanos que eles tinham de olho. A polícia, esta madrugada, levou-os para o Porto, de automóvel.

Eu senti um calafrio, e vi-me de automóvel, com os meus tios e os dois espanhóis, a caminho do Porto. E só via o automóvel e a Torre dos Clérigos e as duas pontes metálicas, porque nunca tinha ido ao Porto.

– É uma infâmia. Prenderem-nos, porquê? E que vão fazer deles? Dizem por aí que os vão entregar na fronteira. O comandante da polícia disse ao meu pai que a ordem de eles irem para o Porto veio telefonicamente de Lisboa. Portanto, é o governo. Tu ouviste o Rádio Clube? É uma gritaria de meter nojo.

Eu estava perplexo, nunca o conhecera tão político, e mesmo nem muito nem pouco. E, com cuidado, observei: – Mas que tens tu com isso?

– Que tenho com isso? Mas tu não vês que esta revolução é contra nós? Contra a liberdade? Que é parte da conspiração fascista?

Ante o meu silêncio, calou-se a olhar-me; e, cerrando o sobrolho, perguntou-me: – Mas afinal de que lado estás tu?

– Eu?

– Sim, tu.

– Não sei.

– Não sabes? Como não sabes? Tens andado a dormir?

– Não... Ou talvez... É possível que tenhas razão, e que eu tenha andado a dormir.

– Andaste mesmo. Mas parece-me que já estás a acordar. Precisas de ler umas coisas que eu hei de emprestar-te. Mas onde diabo se meteram esses Ramos de uma figa? Pois é, meu caro, se ganharmos a revolução na Espanha, isto aqui vai ser uma limpeza –. Com um gesto largo abarcava o panorama.

– Uma limpeza?

– Claro que sim. Acabamos com tudo isto. E, se essa velhada republicana julga que vai voltar ao poder nas nossas costas, está muito enganada. Lá no Porto, a nossa rapaziada está a trabalhar muito bem. Disciplinada, obedecendo às ordens do partido, recrutando... mas agora é que vão ser elas. Porque isto é tudo contra nós. Não tenhas ilusões. Tudo vai ser pretexto para irmos parar ao Tarrafal. Lá na minha pensão, no Porto, é tudo gente segura, que não dá com a língua nos dentes. E tu... dás-me a tua palavra de honra, que não contas a ninguém uma palavra do que te disse?

– Claro que dou.

– Toda a cautela é pouca. Eu nem devia ter falado.

– Não digo a ninguém.

– Eu, se falei contigo, acho que foi por sempre achar que eras um tipo sério, de confiança. Já com o Rodrigues...

– Que tem o Rodrigues?

– Nada. Mas não acho que se possa confiar nele para estas coisas.

Eu revi o Rodrigues espumando de raiva antiespanhola, e disse:

– O que ele não pode ver são os espanhóis. Sabes porquê?

– Ora se sei... O pai dele era espanhol, e deixava-se cornear a toda a hora.

– Ele contou-te isso?

– Contou. A ti também? Mas olha que, se te contou, é porque é teu amigo. Porque ele nunca fala nisso a ninguém.

– Mas no colégio vocês sabiam?

– Não. Eu sabia. Uma vez, desatou a chorar, e contou-me tudo.

– A chorar?

– Sim. Um dia, no recreio, há muitos anos, chamaram-lhe galego. Ele ia matando o tipo com pancada, a gritar que era português, que tinha nascido em Portugal, que a mãe era portuguesa, não admitia. Depois, quando o separámos do outro, eu fiquei ao pé dele. Começou a chorar, e contou-me tudo. É uma história terrível, um exemplo típico da decadência do mundo capitalista, da desagregação moral desta sociedade torpe em que vivemos. A mãe é uma cabra nojenta. O meu pai ainda chegou a conhecer o pai dele, no tempo em que ia fazer, todos os anos, cura de águas. Quem o visse, diz o meu pai, não imaginaria que aquele homem, todo medidas muito dignas, muito respeitável, muito bem vestido, era o boi mais manso do mundo. Eu, de resto, estou convencido que o meu pai ia para lá, durante anos a fio, muito menos por causa das águas que para dormir com ela.

Senti um desejo de arrelia-lo: – Então o teu pai ajudou também à decadência do mundo capitalista?...

– Não acho. Uma coisa é um sujeito aproveitar as oportunidades, e outra coisa é um homem não aprender quando está a mais.

– Olha que eu sei de um sujeito que é podre de rico, e que gosta tanto da mulher, que atura os amantes todos que ela arranja.

– É a mesma coisa. Esse deve pensar que o dinheiro lhe dá o direito de conservar a mulher, apesar de ela andar a dar com a cabeça nas paredes. O pai do Rodrigues, esse confundia a sociedade no hotel com a cama da mulher. Na Rússia, nada disso é possível.

Se um homem conquista uma mulher e ela aceita dormir com ele, muito bem. Se ela ou ele se fartam, separam-se e pronto. E isto não tem nada que ver com o trabalho de cada um. Se o meu pai dormiu com a mãe do Rodrigues, e eu não sei que tenha dormido, foi porque ela quis. Se havia um marido que não se importava, é uma questão de consciência dela e da consciência do marido.

– E do teu pai, não?

O pai tinha ficado viúvo, quando o filho mais novo era ainda uma criança muito pequena. Uma tia, irmã do pai que não tornara a casar, viera tomar conta deles. Os arranjos do capitão Macedo eram célebres na Figueira, porque ele os passeava de braço dado, diante de toda a gente e dos filhos também, com um ar de casto namorado, e debruçando para as damas de sua eleição uns bigodes que pendiam enternecidos. Mas toda a gente sabia que dormia com elas, regularmente, com uma pontualidade de horários de caserna.

– Claro que, do meu pai, não.

– Mas porquê? Será que não se intrometia entre marido e mulher?

– Olha, até que enfim lá vem o Ramos – e acenou para o nosso amigo que vinha vindo, mas sem a irmã que eu esperava encontrar também.

O Ramos era alto e forte, louro, corado, e abraçou-me efusivamente. Mas a efusão dele, guardada para as grandes ocasiões, tinha uma reserva seca, como a das suas poucas falas, e que todos atribuíam – o que o irritava – à sua ascendência germânica. Ele explicava sempre, nas suas frases curtas e na sua voz pausada e grave, que um avô alemão era um acidente que podia acontecer a qualquer pessoa. O pai dele (o avô tudesco era por parte da mãe), que o meu tio conhecera, fora oficial do Exército e morrera na Grande Guerra, quando ele tinha meses de idade. E o drama dele, mais tarde, tinha sido precisamente o de ter sido criado num meio extremamente germânico, quando os alemães lhe tinham morto o pai por quem, aliás, a mãe mantivera sempre uma

ostensiva ternura. A Mercedes era filha do segundo casamento dessa senhora, com um primo direito do primeiro marido. Aquela ternura ostensiva contribuía, por certo, para que ela casasse com ele. Os dois primos eram como que a alma um do outro. E o Zé Ramos, sem prejuízo de ter endeusado o pai, tinha pelo padrasto uma grande estima filial.

– A tua irmã? Onde está a tua irmã? Aqui o Jorge ficou a fazer-me companhia, só à espera de a ver. Ele chegou ontem – disse o Macedo.

– Foi para a pensão. E tu desculpa a demora, porque fui levá-la.

– Não tem importância, não perdi tempo. Estivemos a conversar. Falámos do caso de ontem. Sabes? Eles levaram os homens para o Porto esta madrugada, de automóvel. O comandante da polícia disse ao meu pai que iam levá-los.

– E levaram? – perguntou o Ramos.

Eu fiquei na dúvida sobre o que ele ia dizer, visto que me afirmara que eles tinham sido levados já.

– Levaram. Posso garantir que levaram, porque perguntei a um guarda-fiscal meu amigo, e ele jurou-me que tinha visto.

Todos sabíamos que, desde a infância, a intimidade dele e do irmão com os guardas-fiscais, velhos soldados tão eternizados na Figueira como o pai, era enorme. E, ao que ele se gabava, com os contrabandistas também.

– Bem – disse o Ramos.

– E que é que eu faço? – perguntou o Macedo.

– Por enquanto, nada – disse o Ramos.

– Podes falar à vontade. O Jorge é dos nossos – adiantou o Macedo.

O Zé olhou para mim, dos pés à cabeça, como se me visse pela primeira vez.

– Tu estás de acordo connosco? Sabes o risco que corres?

– Olha, Zé, eu não estou nem deixo de estar. Confesso que, não sei. Só hoje comecei a pensar nisso.

De repente, eles dois, os espanhóis na casa de meu tio, a pancadaria no Bairro Novo, as notícias de jornal, tudo me parecia uma brincadeira de crianças malucas e convencidas de que eram isto e aquilo. Que tinha eu que ver com isso tudo? Era como se, desde a véspera, o mundo tivesse mudado de eixo e de realidade. As pessoas batiam-se na rua por política, outras eram presas sem razão, o meu tio albergava espanhóis, estes dois estavam evidentemente metidos em coisas que eu nunca sonhara. E, entretanto, a praia esvaziava-se, quase só nós ainda estávamos ali, diante de um mar que a luz do meio-dia esbranquiçava e era o mesmo do ano passado.

– É tarde – disse eu. – Vamos andando para casa.

Vimos vindo silenciosos. Quando atravessávamos a rua dos cafés, o Macedo apontou para um deles, e disse: – Foi ali que a coisa começou.

– Foi? – repetiu o Ramos, parando.

E eu respondi-lhe: – Foi. Eu vi começar. E até encontrei o Rodrigues no meio da confusão.

– Que estava ele aí a fazer? – perguntou o Zé.

– Se calhar – disse o Carlos Macedo –, com a raiva que ele tem dos espanhóis, ia passando, e aproveitou a ocasião para cevar os instintos.

– E olha que foi isso mesmo, ao que me pareceu – disse eu.

O Zé Ramos olhou para mim e declarou: – Como achaste que ele está?

– Pior do que nunca.

– Pior do que nunca, está certo. Mas aquilo ainda não é a décima parte do caminho que ele há de percorrer.

– Até onde? – perguntei.

– Até se destruir.

Eu recomencei a andar, lembrado de que precisava de comprar os cigarros para os espanhóis, e também para escapar a frases que me pareciam demasiado solenes.

– Aonde é que tu vais com tanta pressa? – perguntou o Macedo.

– Comprar cigarros – e entrei numa tabacaria.

Quando saí, o Macedo perguntou-me: – Tu agora fumas cigarros espanhóis?

Eu devo ter perdido a cor, para perguntar por minha vez: – Eu? Porquê?

– Porque vi que eram cigarros espanhóis os que meteste no bolso. Ora mostra lá.

– Meu tio pediu-me que lho comprasse.

– Mas ele sempre fumou cigarros de mortalha! Como é isso?

– Não sei. Ele pediu-me esta marca – e tirei do bolso um dos maços.

O Zé Ramos olhou para o maço, e disse: – Olha, Macedo. Tu não fazes nada. Eu vou telefonar para o Porto, e depois falo contigo. Encontramo-nos aqui os três logo à tarde? Quatro horas? Até logo.

E separámo-nos.

IX

Quando cheguei a casa, não havia ninguém na sala de jantar, nem sinais de ter sido posto almoço. Mas o cão viera ao meu encontro, e foi à minha frente lá para dentro. Segui-o. Os dois espanhóis e meu tio estavam almoçando num dos outros quartos vazios, sentados a uma mesa muito pequena, de onde transbordavam os braços deles em mangas de camisa. Meu tio presidia, ainda de casaco de pijama, e falava animadamente. Ao lado dele, de pé, minha tia tinha uma travessa na mão, e sorriu-me. «Don Justino» gritou por cima dos pratos, dos copos e dos braços, que eu me sentasse no lugar vago, que tinham mudado para ali por causa do perigo de uma pessoa qualquer chegar de repente à porta da sala de jantar, que a minha tia fizera feijão para o almoço para gastar os feijões na ideia de que não sobrassem para um pokerzinho, mas que o feijão estava muito bom. Eu sentei-me na única outra cadeira que ali tinham posto, por certo em minha intenção. Os espanhóis encolheram graciosamente as asas e os pratos, e abriram um espacinho para o meu feijão. A animação deles todos, muito devida às garrafas que meu tio desenterrara do pó da despensa (onde todos os anos eu via a formatura virginalmente coberta de teias de aranha) e que estavam no chão, de gargalo esguio, ao lado dele, contrastava com a inquietação que me acompanhara pela rua acima, e mesmo a acirrou. Fui comendo tão calado e sisudo, que meu tio se deu conta.

– Ó rapaz, que é que tu tens? Achas que não ganhamos a guerra?

– Não, tio. É que eu encontrei dois amigos meus, eles viram-me comprar os cigarros, e parece-me que desconfiaram de alguma coisa.

Os dois espanhóis ficaram, um de garfo e outro de copo no ar, olhando para mim. Meu tio fez o contrário: pousou os braços na mesa. Minha tia abriu a boca, mas ele perguntou primeiro: – Que amigos?

– O Carlos Macedo e o Zé Ramos.

Meu tio suspirou fundo, relanceando tranquilizadamente um e outro dos espanhóis, e explicou-lhes que o Carlos Macedo era filho do comandante da Guarda Fiscal, um velho amigo seu, e que o Zé Ramos, como o Carlos, tinha sido seu aluno no Colégio. Ele conhecia-os, não havia perigo. Eram ambos bons rapazes. Depois, meditou um pouco, e acrescentou: – O pior é que esse Carlos é um tipo que fala pelos cotovelos. Nas aulas, eu passava o diabo para ele estar calado. Se alguma vez encontra alguém e está sem assunto, é capaz de dizer qualquer coisa –. Mastigou vagarosamente uma garfada – os outros haviam parado de comer –, meteu os dedos de uma das mãos no cabelo, engoliu, e, com outra garfada a caminho, disse: – Mas o Carlos não fala nisto, que eu conheço-o. O pai, há tempos, falou-me, com preocupação, nas ideias do rapaz. Parece-lhe que, lá no Porto, deram a volta ao miolo do Carlos – e pousou o garfo para fazer um gesto elucidativo – que agora tem ideias avançadas. É. Ah! É isso mesmo. O capitão Macedo até me disse que a culpa é do Zé Ramos. Ora aí está. Não vale a pena a gente ralar-se –. E pegou do chão uma das garrafas que despejou pelos quatro copos. Depois, ainda com a garrafa suspensa sobre o meu, disse: – Mas tu não fales mais nos cigarros. Trouxeste os cigarros?

Eu tirei do bolso os maços, e apresentei-lhos por sobre a mesa. Os espanhóis desfizeram-se em agradecimentos, queriam pagar-me. Meu tio deteve-os com um elegante gesto de definitiva proibição, pegou nos cigarros, e, como se lhes apresentasse graciosamente uma comenda ou um diploma, distribuiu por eles os maços.

Estavam, porém, ambos inquietos com a falta de notícias desde a véspera, sem jornal, que só havia à tarde, e sem rádio, que meu tio não tinha. E perguntaram-me se eu tinha ouvido alguma coisa. Informei-os do que o Macedo me dissera: que tinham levado, de madrugada, os presos para o Porto. Quanto ao que se estaria passando entretanto em Espanha, eu não falara com mais ninguém, não sabia nada. Eles estavam inquietos. A euforia de vinho e feijão

guisado dissipara-se por completo. E, enquanto eu comia, discutiram do que fazer. Se os outros tinham sido levados para o Porto, haviam feito bem em se esconderem, até que a situação se esclarecesse. Mas, escondidos e privados de contactos, não podiam avaliar do que se passava, e, quem sabe?, estariam perdendo um tempo precioso para regressarem a Espanha e juntarem-se aos seus amigos em Madrid. Porque ambos viviam em Madrid. O mais velho, Don Juan de Diós de Medrano y Arrabal, não era da capital, mas das Astúrias; e o mais novo – que não percebi que relação de parentesco tinha com ele – chamava-se Don Fernando de Azlarreguí, e era basco. Don Juan mandara a esposa e os filhos, um rapaz e uma rapariga, regressarem a Madrid. Mas, como os comboios, ao que constara, não iam além de Vilar Formoso, recomendara que, caso em Alfarelos a notícia se confirmasse, em vez de seguirem para Madrid, via Vilar Formoso, tomassem o comboio descendente, para Lisboa, e daí tentassem entrar em Espanha por Badajoz. O mesmo faria a esposa de Don Fernando, que ia com eles. Em Lisboa, tinham amigos, através de quem receberiam notícias. Com o consulado na Figueira não podiam contar, porque o cônsul e o pessoal eram notoriamente fascistas ou monárquicos. Don Juan era muito conhecido como chefe socialista das Astúrias, que tivera papel de relevo – isto dizia o mais novo – na revolta dos mineiros. Precisamente por isso estava agora afastado da política em Madrid, por ter discordado publicamente da repressão militar que o governo da República consentira, para apaziguar as direitas. Don Fernando era um ativo agente do separatismo basco, e pertencia ao grupo dos católicos de Aguirre. Um e outro estavam em todas as listas de eventuais prisões: a pancadaria no Bairro Novo resultara mesmo de um fascista ter gritado que o consulado tinha uma lista de todas as pessoas que estavam na Figueira e que deviam ser detidas. Tudo isto começava a dar-me, no limpar do prato de feijão, uma imagem tumultuosa e agitada da Espanha que, para mim, se somava ao mirífico

separatismo catalão de que me falava o Puigmal. Que o Minho, as Beiras, o Alentejo e o Algarve pudessem alimentar ideias separatistas em relação ao governo de Lisboa, fosse ele qual fosse, era portuguesmente impensável. E as manias do Puigmal não me eram suficiente ponto de referência. Províncias que andassem de um país para outro, era diferente, e, mesmo assim, a minha ciência histórica não sabia de mais que a Alsácia e a Lorena que, guerra sim, guerra não, eram francesas ou alemãs. Mas era diferente. E a Espanha (que, na minha instrução primária e depois no liceu, era Leão para D. Afonso Henriques, Castela para D. João I, e, desde Filipe II e também as Guerras da Restauração, um monólito de suspeita e perigosa vizinhança, cuja formação eu vagamente via ligada a Covadonga e ao *Eurico, o presbítero*), de repente, transformava-se numa coisa que era uma data de Portugais de 1640, todos querendo separar-se uns dos outros, ao mesmo tempo que todos, ainda por cima, pretendiam fazer uma revolução comunista. Mas nem Don Juan nem Don Fernando (e eu sempre achara muito ridícula aquela prosápia de tratarem-se assim, quando, para mim, o Don era inerente aos medalhões dos reis, que eu tinha, desde a instrução primária, num vasto «quadro sinóptico» de História de Portugal, e não ia sem um cognome: o Povoador, o Eloquentes, o Africano, etc.) eram comunistas, eles juravam que não eram. O mais novo era mesmo católico. Ser-se católico assim também era coisa que eu não entendia. Na minha família, quer do lado de meu pai, quer do lado de minha mãe, o catolicismo era a igreja onde a gente era batizado ou se casava, e era o padre que se chamava quando as pessoas morriam. O resto era beatério de província ou de senhoras solteironas e desocupadas (e, por isso mesmo, as tias solteiras, para não acentuarem o seu virginal estado, se abstinham de frequentar a igreja). Um homem proclamar-se católico, como Don Fernando fazia, era incompreensível e mesmo ridículo. Nunca ninguém, diante de mim, fizera isso. E ele, ainda para mais, era tão furiosamente inimigo dos «curas» como Don Juan. E se a religião

era a igreja e os padres, como se podia ser católico e detestar os padres? É certo, ao que eu ouvia, que Don Fernando abria uma exceção para os padres bascos. Mas parecia-me que, para ele, esses homens eram mais bascos que padres. Depois, tudo se extremava em termos de fascista e de comunista, e mesmo o Zé Ramos e o Carlos Macedo, que não eram espanhóis nem filhos de espanhol, nem nada de semelhante, também raciocinavam assim. Eu percebera que raciocinavam. De modo que havia gente, em toda a parte, que mutuamente se via como na verdade não era. O comunismo era uma coisa que havia na Rússia, e de que, uma vez, um professor no liceu nos falara. E, nessa altura, eu e os meus colegas só havíamos retido, fascinadamente, uma coisa que ele veementemente condenara: o amor livre. Este amor livre era como se todas as mulheres fossem prostitutas gratuitas, e a gente pudesse dormir com quem quisesse, sem pagar, sem responsabilidades nenhuma, e sem maridos que, no cimo da escada de serviço, ficassem de pistola em punho à espera de ver-nos fugir em pelota. Não havia coisa melhor. Isto mesmo o Mesquita, levantando a mão, havia observado ao professor, depois de perguntar-lhe se, desvirgando-se uma rapariga, não se era obrigado a casar com ela. O professor – que era o de Higiene, um médico muito jovem a quem nós fazíamos corar com medonhas e maliciosas perguntas que ele pedia licença para responder em particular ao interessado e nós, em altos brados, exigíamos que tivessem resposta ali mesmo, por serem de interesse geral – indignara-se, e perguntara solenemente se era esse o destino que desejávamos para as nossas irmãs. O Puigmal, muito conspícuo, pedira a palavra para dizer que, salvo uma ou outra diferença, todas as mulheres eram sempre irmãs de algum homem, e que, portanto, se os homens respeitassem todas as irmãs de algum homem, isso condenava automaticamente as filhas únicas ou as que não tinham irmãos. E logo embarcara numa outra questão. Se o sexo dos filhos dependia do testículo esquerdo ou direito dos pais – mas quem disse isso? quem disse isso?, gritava o

médico –, haveria razões biológicas que votavam essas raparigas à desgraça, por causa dos testículos dos pais. O professor, então, invocara as proibições do incesto: queríamos nós as nossas irmãs? Imediatamente nós tínhamos ficado ofendidos, porque não era isso o que se discutia: falávamos, cada qual, das irmãs dos outros. O Mesquita, então, pusera um ponto final na questão, afirmando que, evidentemente, um homem podia respeitar a irmã de um amigo, pelo amigo; mas que, querendo uma mulher, e se a mulher deixava, os parentes dela não eram para ali chamados. O professor de Higiene ripostara que éramos uns depravados e que os nossos pais mal sabiam que gente tinham em casa, uns animais capazes de tudo. E o amor livre era o retorno à animalidade. Fora nessa altura que um colega nosso, o Vasconcelos, que era extremamente tímido e silencioso, fizera uma pergunta que ficou lendária: – E os cães? – Todos, nós e o professor, havíamos olhado para ele interditos. Ele, com os dedos folheando o caderno e de olhos baixos, insistira: – E os cães? – O professor perguntara se ele queria referir-se à inconsciência sexual dos cães. Sim, queria. Porque – e não levantava os olhos – os cães não conheciam proibições de sexo ou de incesto, e, se esse amor livre tinha proibições de sexo e de incesto, não era um retorno à animalidade, mas outra maneira de considerar-se as relações humanas. E rematara: – Lá os homens têm... relações uns com os outros, livremente? E com as irmãs e as mães? – O médico ficara atrapalhado: – Essa agora! Os russos são homens como nós. – Então – dissera o Vasconcelos –, o senhor não pode dizer que o amor livre é um retorno à animalidade – e só nesse instante levantara os olhos para circunvagiar pela classe um olhar de malicioso triunfo, que era a libertação de anos de timidez. Mais tarde, no recreio, tínhamos discutido o comunismo. Era a abolição da propriedade em todas as suas formas, o Estado tinha tudo, e era ele que dava as coisas de que as pessoas precisavam, e toda a gente era obrigada a trabalhar para o Estado, para pagar aquilo que recebia. As opiniões tinham-se dividido. Aqueles que eram filhos de

funcionários do Estado não viam diferença nenhuma. Os que eram filhos de médicos, advogados, comerciantes, achavam que havia diferença, porque uma pessoa não podia ganhar o que quisesse. E a discussão tinha ficado por ali, esfriando pouco a pouco, abstrata, acadêmica, longínqua.

Os espanhóis levantaram-se da mesa, e meu tio perguntou-me se eu ia sair depois do almoço, que era para trazer jornais. Ele também ia sair, para trazer uma surpresa... Uma surpresa... Havíamos de ver a surpresa que era! Subimos todos para os nossos quartos; e ele, pela escada acima, parava de repente, fazendo que nos chocássemos uns com os outros, para reiterar a categoria da surpresa.

No meu quarto, deitado em cima da cama, pesado de ter comido e bebido bem, eu reconsiderava os acontecimentos, numa sonolência que me invadia. A luz entrava pelas frestas das portadas encostadas. Eu tirara só os sapatos, para estender-me na cama. Estava muito calor. Levantei-me, despi-me todo, como gostava de fazer, e tornei a deitar-me. Rebolei-me agarrado ao travesseiro. Tinha de resolver quanto antes o problema da Odette. Hoje mesmo. E de ver a irmã do Ramos. De repente, lembrei-me de que precisava escrever para minha casa, a dar contas da minha chegada e dos meus tios. Era um proforma das férias. Eles e a minha família nunca se escreviam; e que eu nunca escrevesse também não tinha importância. Mas que eu, partindo de férias, não escrevesse aos meus pais participando que chegara bem, que os meus tios estavam bem, e que a praia estava no mesmo lugar, eis o que seria tido como imperdoável crime. E eram precisos também os postais ilustrados do costume, para o resto da família. Cumprida essa obrigação, eu não precisava de tornar a escrever a ninguém. E à Maria Helena? Tinha de escrever-lhe. Ela, antes de eu partir, insistira muito por que eu lhe escrevesse. Eu declarara que cartas de namoro não eram comigo. Ela chorara, dizendo que eu queria aproveitar as férias para deixá-la, e namorar outras. Eu respondera que eu podia muito bem namorar outras e escrever-lhe todos os dias. E havíamos chegado a

um acordo: eu escreveria todas as semanas (o que, fiz-lhe ver, em três meses, era uma dúzia de cartas para ela mostrar às amigas). A dizer o quê? No comboio, eu tinha vindo a pensar no caso. Seria que eu não gostava dela? Ou que eu era, de facto, e como ela dizia, uma pessoa seca, incapaz de gostar de alguém, de amar perdidamente (eram as suas palavras)? Para mim, amar perdidamente alguém com quem não podia ter relações não fazia sentido nenhum. Intimamente, eu ria-me do Mesquita, e daquela paixão telefónica que ele exibia. E repugnava-me profundamente ficar sonhando, dia e noite, com a ocasião em que as namoradas fossem possuídas, quando eu não podia possuí-las e não tinha a mínima intenção de casar com elas. Isso de casamento era, para mim, uma hipótese distante que, na minha família, não surgia moralmente no espírito de ninguém, antes de uma pessoa ter uma «situação» na vida. O que nelas me interessava era um convívio terno e carinhoso, tornado mais aprazível pela excitação dos contactos, e uma intimidade de conversa, que eu não tinha em casa, e não concedia nem recebia das mulheres ou das raparigas com quem ocasionalmente tinha relações. Mas sempre eu me recusava a fazer planos, do estilo «quando eu for tua, coso-te as meias», «como queres a tua casa», «ai eu quero só três filhos»; e creio mesmo que os meus namoros morriam para mim, no dia em que elas começavam a tomar essas confianças sentimentais. A Maria Helena, que eu conhecera no caminho da Faculdade, aceitara as condições expressas que eu impusera: nunca me falaria nessas parvoíces, nem começaria a pensar no dia em que casaríamos. Namorávamo-nos, passeávamos juntos, eu dava-lhe longos e sábios beijos na escada, eu conversava com ela de tudo o que me vinha à cabeça, e mais nada. Ela aceitara, mas pouco a pouco os nossos passeios e conversas haviam começado a ser melancólicos. Eu via que ela fazia imenso esforço para não possuir mentalmente a minha vida. E a cena das cartas, com as lágrimas e as lamentações, fora muito chata. Ela chegara mesmo a insinuar que eu não gostava dela, porque

nunca exigira dela mais que beijos, e porque eu não sabia senão gostar de mulheres perdidas. Eu protestara. E abraçara-a e beijara-a com excessos de violência, a que ela se entregara toda curvada para trás. Eu, levantando-lhe a saia e abaixando-lhe as calças, pusera-lhe lá a mão. Ela estremecia toda, com gemidos, e eu, desabotoando-me, metera-lho entre as pernas que ela apertou. E tinha sido só aquilo, assim mesmo, e limpei-a com o lenço. Mas ela havia ficado gratíssima, ainda no susto de que eu a violasse na escada. E tínhamo-nos separado com a promessa da carta semanal. Agora, ali deitado na cama, eu sentia uma frustração imensa. Escrever-lhe-ia, como ela me pedira que fizesse, para a tabacaria da rua próxima à da casa dela, e onde a conhecera, uma vez que, à passagem, entrara para comprar cigarros, e ela estava lá a folhear revistas. A dona da casa, muito alcoviteira, com papelotes no alto da cabeça e a boca pintada em forma de coração, protegia todos os namoros das meninas das redondezas. Recebia e transmitia recados, e, em casos especiais como férias fora, servia de caixa postal. Comecei mentalmente a redigir a carta. Diria que a queria só para mim, que não pensava senão no dia em que a teria nua numa cama, em que entraria nela até ao fundo, lhe meteria os tampos dentro. Não, não podia dizer assim. Diria que as pernas dela eram como veludo quente, mas eu queria sentir outro veludo, um veludo húmido de sangue e de desejo. Que a faria minha, com cuidado, com ternura, com violência, até que ela me conhecesse não só pelas minhas mãos, não só pela entrada da minha carne, mas pelo meu movimento, pelo meu peso, por... Onde é que eu lera aquilo? Que sabia eu? Alguma vez eu possuía alguém que não o meu próprio desejo de possuir? Mesmo quando elas chegavam até ao fim – e a primeira vez que isto me acontecera, eu tivera um susto tremendo, julgando que a criada, à noite, na minha casa, estava tendo um ataque de nervos e ia acordar o prédio inteiro, e foi um susto que ia estragando tudo –, eu, se por um lado ficava orgulhoso de ter provocado um resultado que continuava a ser para mim um

mistério estranhíssimo e imprevisível, por outro lado ficava perturbado na expansão do meu desejo, como se o facto de a mulher permitir-se um prazer profundo e completo fosse uma espécie de interferência incómoda na minha solitária satisfação. Sentei-me repentinamente na borda da cama, e olhei para o meu sexo com espanto. «Ele» nunca tinha pensado em ninguém senão nele mesmo. Eu era uma criança. Os meus amigos eram crianças. Todos nós era como se tivéssemos afinal só dezasseis anos ainda. E não seria que quase todos os homens continuavam assim? Que nenhum crescia para fora de si mesmo? E não era isso que o mundo inteiro desejava que continuássemos a ser? Não seria que toda a gente tinha medo de dar-se, porque tinham todos medo de perder o pouco que tinham? Não seria que toda a gente apenas se emprestava como quem empresta dinheiro a juros? O meu sexo fingia uma grande distração, uma serena inocência. Mas não comprava ele o seu prazer, sem pensar no prazer alheio? Não lho comprava eu, a dinheiro, a cálculos e contactos, a pensamentos, a atenções solícitas como se ele fosse outra pessoa que não eu mesmo? «Ele», de repente, começou a palpitar e a entumescer-se. Era como se quisesse dizer-me que tudo isso seria verdade, ele concordava, mas que ele podia muito mais do que eu... Ele era o futuro. Oh, não por poder gerar. Isso era precisamente o que o prendia. Mas por poder dar e tomar prazer, por ser a *minha* liberdade. Liberdade de quê? O que eu tinha era raiva de não ter *tido* efetivamente a minha namorada. Ou não? A minha liberdade seria poder tê-la, sem receio de ficar preso, ou precisamente não chegar a tê-la, sem que o medo fosse meu e dela. Porque, evidentemente, eu não podia ter feito, ali na escada, mais do que fizera; e, se eu tivesse tentado, ela mesma teria fugido. E, noutra ocasião, quem me impedia de ter cautelas, de começar por desvirgá-la e de acabar como tinha acabado? Lembrei-me então de um caso que eu conhecia, e que no liceu tinha sido, entre nós, muito falado, anos atrás. Um fulano tinha tido relações com uma criada da casa

dele, sempre com o maior cuidado, e sem saber que ela metia em casa o marçano da mercearia. E depois ela engravidara e acusara-o de ser o pai da criança. Se eu libertasse a Maria Helena, ela poderia fazer o mesmo comigo. «Ele», portanto, era um dador de prazer e um libertador, mas podia ser preso por quem libertava e que ficava com a liberdade de escolher quem mandar prender. Logo, para que isso não acontecesse, era preciso que vários homens tivessem relações com essa mulher, e soubessem uns dos outros. Mas como poderia uma mulher «amar» realmente vários homens ao mesmo tempo? E sobretudo sabendo que eles sabiam uns dos outros? As prostitutas tinham prediletos, e nós frequentávamos de preferência esta ou aquela. Mas isso não era amor: era hábito, era gosto de fingir que as pessoas não eram o que eram, ou de fingirmos que, tendo relações sexuais, amávamos. Só o casamento era, então, o encontro desses dois mundos, aquele em que, por amor, não se passava das coxas, e aquele em que, para passar-se das coxas, não havia amor? Mas conhecia eu alguém que me provasse que o casamento era essa união harmoniosa dos dois mundos? Meus pais? Meus tios? Os pais dos meus amigos? As amantes casadas dos meus amigos? Aquela senhora cujo caso o Puigmal nos contara? Mas onde estava a felicidade deles? E não estavam as famílias ali na praia, à caça da gente? Não era para que casássemos? E perguntavam-se elas se os noivos gostavam realmente um do outro? Ou a rapariga acabava gostando do rapaz, à força de lho porem na frente e de ela se habituar a pensar que a deixariam dormir à vontade com aquele homem? E ele? Não se deixaria gostar dela, por acabar vendo nela a pessoa com quem podia, sendo ela exclusivamente sua, dormir com todas as que tivera e que não tivera? Senti então um desejo violento, não de alguém, mas de dormir com alguém. Era verdade: eu nunca dormira com ninguém uma noite inteira. Nunca. Nem mesmo na Figueira. E era o que eu ia fazer.

Vesti-me e descí. Compraria os postais, no dia seguinte escreveria a toda a gente. Ou no outro dia. E compraria os jornais

que o meu tio pedira. E também traria cigarros para os espanhóis. Depois do jantar, eu resolveria o meu problema. E queria ver a cara que os meus tios fariam. Se calhar, não faziam nenhuma.

X

Noutra tabacaria que não aquela onde pela manhã comprara os cigarros, comprei mais e também os postais para mandar à família. E depois fui até ao lugar do encontro combinado com o Macedo e o Ramos. Não os encontrei. Era cedo ainda. E fui à pensão do Ramos. Aí, quando entrava, é que notei uma agitação entre os hóspedes reunidos na sala e no vestíbulo, e senti que uma agitação semelhante fora o que me impedira de ter ficado à espera dos meus amigos, no lugar combinado. Parecia que os espanhóis afinal não tinham desertado tanto quanto eu havia julgado na véspera. Mas, por outro lado, a exuberância ou a movimentação dos grupos, na rua, ou assim dentro de um hotel ou pensão, tinham uma reserva contida, toda feita de silêncios e de gestos breves, que completavam frases deixadas em suspenso. Enquanto esperava o Ramos, cheguei a supor que alguns me olhavam com estranha curiosidade, como se eu fosse alguém que estava ali a mais, ou como se desconfiassem que eu era um mensageiro secreto. O Zé desceu, e disse-me: – Já sabes o que aconteceu? – Mas o melhor era subirmos para o quarto dele. No quarto estava o Macedo e um outro rapaz que eu não conhecia, alto, magro, muito moreno, e que se chamava Almeida. Acontecera que, naquela manhã, o general Sanjurjo – tinha sido ouvida a notícia na rádio – morrera, em Cascais, num desastre de avião. Eu não fazia a mínima ideia de quem fosse aquele general. E eles não sabiam muito mais do que eu. O general estava exilado em Portugal, e, quando ia de avião para Espanha, para assumir a chefia da revolução, tinha caído e ardido. O avião era espanhol e vinha buscá-lo, mas, ao levantar voo do campo da Marinha, perto de Cascais, fizera-se em pedaços contra as árvores da mata próxima. O Macedo e o Ramos viam, no facto de ser da Marinha o campo, uma prova da conivência do Governo português. Eu, por acaso, conhecia o local, onde fora de passeio, uma vez numa excursão à Boca do Inferno. E parecia-me que aquilo era uma quinta que se chamava da

Marinha, mas não que pertencesse à Armada. O Macedo disse: – Ora. Um avião espanhol não entra por aqui dentro, não pousa, não embarca um passageiro importante como ele era, sem que ninguém saiba. Se fosse perto da fronteira, ainda seria possível, mas perto de Lisboa, tendo de atravessar o país todo, não –. Bem, isso era diferente, na verdade, concordei eu. Mas toda a gente estava com o nariz no ar, por causa da morte desse general? Estava. Havia quem pensasse que a revolução, sem chefe, poderia desfazer-se, por falta de quem a unificasse. Em cada comando que se tinha revoltado, havia um general que, sem dúvida, cobiçava a chefia. Iriam eles entender-se? Mas eu tinha dúvidas, e dei comigo a expô-las. Se a revolução era tão vasta como eles diziam, tendo rebentado em tantos lugares ao mesmo tempo ou quase ao mesmo tempo, não dependia de um só homem, mas de muita gente, e tinha evidentemente sido muito organizada. Não era coisa que rebentasse de repente, sobretudo quando as forças políticas eram tão diversas, e com interesses tão opostos algumas delas. E, uma vez que essa gente toda se tinha lançado numa coisa tão larga, não era a morte de um chefe que ia desfazê-la. Provavelmente, nem havia assim um chefe único, mas muitos, cada um à espera da sua oportunidade, depois que as coisas se definissem. A morte de um deles poderia atrapalhar os grupos que ele representasse. Mas os outros até ficavam favorecidos, e aqueles grupos não iriam retirar-se por ficarem sem cabeça. Pelo contrário, se se retirassem e a revolução vencesse, o que lhes aconteceria? E, ao fazer esta pergunta, na sequência dos meus raciocínios, calei-me, sentindo os três muito calados, de olhos fitos em mim.

– Eu não te dizia? – comentou o Macedo para o Ramos.

E o Ramos, limpando as unhas que tinha sempre irrepreensivelmente limpas, mas que ele, na praia, cuidadosamente expurgava mesmo de um grãozinho de areia, disse: – É... tu tens razão. Tu estás bem informado, não estás?

Protestei que não estava, que só desde a véspera é que pensava

naquelas coisas – o que era verdade –, e que talvez por isso mesmo as podia ver melhor. Mas talvez eu estivesse enganado. E comecei a desenvolver argumentos contrários. Podia ser que aquilo não tivesse a extensão que todos diziam, uns porque queriam a revolução e sonhavam com ela muito grande e vitoriosa, e outros porque, fazendo-a muito grande, tinham o pretexto para realizarem a outra revolução, a revolução comunista que desejavam. Sendo assim, a morte do general podia fazer falhar tudo. E os revolucionários, se não tinham força para vencer logo e em toda a parte, não haveriam de querer servir de pretexto àquilo mesmo que combatiam.

– Mas você disse que uma coisa destas, quando começada, não acaba assim – disse o rapaz que se chamava Almeida e que não tinha falado ainda. A voz dele era muito pausada e de baixo profundo; e, olhando-o, vi que ele não era um rapaz, mas um homem dos seus trinta anos, muito mais velho que nós. Quem seria aquele homem? Ele continuava: – Eu não entendo nada dessas coisas da politicalha que são porcarias de gente de terra. Nem quero entender. Para mim, o que importa é a República. E eles querem destruir a República na Espanha, para ser mais fácil acabarem com ela aqui.

A minha interrogação interior foi no olhar que dirigi ao Macedo e ao Ramos. O Macedo respondeu-me: – O Almeida é oficial da pesca do bacalhau. É aqui da Figueira.

Eu ia perguntar por que nunca o vira nos anos anteriores, quando bateram à porta do quarto. Era a Mercedes. Eu levantei-me para cumprimentá-la; e, numa trémula perturbação de vê-la, que me abria em sorrisos, senti que, afinal, era por causa dela que eu lá fora.

Mas ela, com os cabelos castanhos caídos, e os grandes olhos, e os seios arredondando-se na blusa de decote quadrado, sorriu-me afavelmente, e, inclinando o corpo para falar para trás de mim que lhe encobria a vista, perguntou: – Ó Manuel, tu vens connosco no passeio a Tavadrede? –. Eu voltei-me para ver o Manuel a quem ela

falava e era o homem chamado Almeida. Ele respondeu que sim, que ia. E levantou-se e saiu com ela.

No silêncio que ficou no quarto, eu perguntei com a maior naturalidade possível: – Vocês vão de passeio a Tavadrede hoje?

O Ramos respondeu: – Eles é que vão, com umas amigas da minha irmã. Nós não vamos.

– E quem é que vai? Eu conheço? – perguntei.

– Vai a minha irmã com o Almeida, vão as duas Prates, lembraste delas?, duas gordinhas que tu conheces de Lisboa e que estavam cá no ano passado, o noivo que uma delas trouxe, e mais umas outras, e os meus pais também, que nunca tinham ido. Ficou combinado ao almoço. Elas também contavam contigo, mas nós dissemos que já estavas combinado connosco.

Estas explicações do Ramos silenciaram-me por dentro. Só aquele Almeida...

– Quem é este Almeida?

– Já te disse quem é. Anda no bacalhau. É cá da terra. Eu conheço-o há muitos anos, desde sempre – respondeu o Macedo.

– Mas eu nunca o tinha visto.

– Porque não calhou. Espera. Nem podia ter calhado. Nos últimos anos ele tem andado sempre no mar, tem feito todas as campanhas. Este ano é que ficou em terra.

Um novo silêncio foi interrompido pelo Zé Ramos que disse: – Ele vai casar com a minha irmã.

– Com a tua irmã?

– Sim. Que é que isso tem?

– Mas é tão nova a tua irmã... Muito mais nova do que ele, não é?

– Não é assim tanto. Ele parece mais velho do que é, mas tem só vinte e seis anos.

– E quando casam?

Eles entreolharam-se, e o Ramos respondeu: – Pensavam casar lá para a primavera.

– E já não pensam?

O Ramos levantou-se, foi até à janela que dava para um saguão, e disse: – Se não houver qualquer contratempo, o Almeida quer casar no ano que vem, antes de embarcar outra vez.

– Mas agora, com tudo o que está acontecendo, não se... – mas o Ramos cortou a palavra ao Macedo, e rematou-lhe a frase: – Não temos nada com isso. Eles é que sabem.

– Foi no Porto que ele conheceu a tua irmã?

– Foi – e contar-me a história pareceu-me que o aliviava de um peso: – Este ano ele esteve no Porto a tratar-se no médico, e procurou o Macedo, para ficar na mesma pensão. E, um dia em que tínhamos combinado ir ao cinema, à matiné, eu tive de dar um par de estalos num fulano que se tinha sentado ao lado dela e lhe encostou a perna. No intervalo, eu e a Mercedes procurámos aqui o Macedo. E fomos encontrá-lo a falar com um tipo que me pareceu o mesmo que saíra do nosso lado, depois dos estalos. E era. Desfez-se em desculpas... e acabou namorando a minha irmã. Era este Almeida, e é um tipo fixe.

– É uma boa piada – disse eu; e, quando ia acrescentar que um empernanço e uns estalos fraternos eram caminho para o casamento, calei-me.

– Vamos ficar aqui a tarde toda, ou damos uma volta? – perguntou o Macedo.

Eu levantei-me e disse: – Vamos dar uma volta.

– Vão vocês dois, eu não saio – disse o Ramos.

Ainda lhe perguntei: – Que fazes logo à noite?

– Nada de especial. Mas não contem comigo.

Saí com o Macedo. Na rua, ele parou.

– Olha lá, parece que tu ficaste engasgado com o noivado da Mercedes. Vinhas com alguma intenção de a namorar? – e olhava para mim.

– Não sei. Francamente, não sei. Mas nunca nenhum de nós tinha ficado noivo. Aqui na praia, isso acontecia aos outros, mais

velhos do que nós.

– Mas vinhas na intenção de namorá-la, ou não?

– Já te disse que não sei. Mas, na verdade, eu tenho pensado muito nela.

– E ela simpatiza contigo. Mas, agora, não tem senão olhos para o Almeida. Tu desculpa que te diga, mas nem te viu. Não é por mal, ao almoço até falámos de ti. Eu não sei o que é que o Almeida tem. Mas sempre foi assim. Com aquele ar de tição sem pelo, as mulheres caem que nem uns patos. É só ele querer. Acho que é da pesca.

– Da pesca?

– Sim, quando sabem que ele é do bacalhau, e vive seis meses do ano sem ver uma mulher, ficam fascinadas. Se calhar pensam na concentração que deve haver nas bolas dele. E sonham com esvaziar-lhe aquilo tudo. No que elas não pensam é que ficam os outros seis meses a ver navios.

– É uma vida bem dura, a deles – comentei eu.

– E é. Mas ganham muito dinheiro. O meu irmão quer ir para essa vida. Logo que acabar o colégio, vai para Lisboa, para frequentar a Escola Náutica. Não é por causa do dinheiro. Sempre teve a mania do mar. Eu até queria falar contigo a esse respeito, porque não conhecemos ninguém em Lisboa, e tu podias tomar conta dele.

– Posso tomar. Tomo com muito gosto. Talvez que até possa ficar lá em casa. Quando é que ele acaba o liceu?

– Só no ano que vem. Mas eu até queria falar já contigo. E obrigado, ouviste? – e levantou a mão bem alto, para poder dar-me uma palmada afetuosa nas costas.

– Vamos ficar aqui? – disse eu, vendo umas mesas vazias num café.

– Não, chateia-me estar no meio dessa espanholada. A que anda por aí a mostrar-se é toda fascista. E faz-me engulhos vê-los levantarem o braço e dizerem uns para os outros *Arriba España*.

– Eles fazem isso?

– Ah... ainda não viste? E não tarda que por aqui seja a mesma coisa.

– Por aqui, onde?

– Aqui, em Portugal.

Eu lembrei-me da AEV que aparecera quando eu estava no liceu, e a que pertenciam alguns rapazes de outras turmas que não a minha. A essa «Ação Escolar Vanguarda», que era «nacional-sindicalista», havia na minha turma um só que pertencia. Era o Coelho, um fulano alto e espadaúdo, de fala mansa, com quem quase ninguém se dava. Não que ele fosse chato. Mas parecia muito mais velho que nós, com as suas maneiras reservadas e o seu tamanho. O Mesquita, uma vez, brigara com ele, porque ele quisera, na aula, antes de entrar um professor, distribuir panfletos. Ninguém estava interessado naquilo, e distribuir assim panfletos parecia-nos ridículo, qualquer coisa como os anúncios dados na rua, chamando à grande liquidação dos Armazéns do Chiado. O Mesquita declarara que, enquanto ele ali estivesse, não se distribuía papelinhos. O Coelho, muito mansamente, perguntara o que é que ele tinha contra a AEV. Não tinha nada. Não sabia o que era. Nem queria saber. Mas políticas ali dentro, não. À porta do liceu era outra coisa. Quando saímos, ao fim da tarde, o Coelho estava ostensivamente distribuindo os panfletos na porta da rua. Ostensivamente, vigiados pelo Mesquita, nenhum de nós pegara neles. Na manhã seguinte dobrávamos eu e o Mesquita a esquina do liceu, vimos um grupo de rapazes na esquina, que nos impediram o passo. Eram os da AEV de outras turmas. E um deles interpelou o Mesquita: – Porque é que você impediu a distribuição dos nossos panfletos? –. Ele respondera: – Dentro da aula, não. Mas, fora, tanto me faz. O que é que vocês querem? Deixem-me passar –. O que o interpelara tirou do bolso um papel, fez uma bolinha com ele, e disse: – É? Você vai mas é engolir esta pílula, e já fica a saber quem nós somos –. Eu olhara em volta. Os outros eram uns dez e cercavam-nos aos três que estávamos no meio. Mas ouvi o Mesquita dizer: – Desde que não seja merda eu

engulo. Vocês garantem que isso não é merda? A vossa associação não é uma merda? –. Os outros cresceram para ele, mas o que falara deteve-os: – Esperem, ele disse que engolia, vamos lá a ver. – Eu engulo. O que eu quero é saber primeiro o que diz o papel –. Um dos outros disse: – Vamos limpar-lhe o sebo, que ele está é a fazer-se esperto. – Não – disse o do papel. – Ele tem direito a saber o que engole –. E, tirando outro papel do bolso, mostrou-o. Eram duas rodas dentadas, e uma seta ligava um ponto preto entre elas aos dizeres «Nós somos o grão de areia que paralisará o maquinismo infernal», e por baixo, em letras verdes: AEV. Era igual aos cartazes que apareciam colados pelas paredes. – Mas isto é uma merda, não diz nada. E merda eu não engulo – declarou o Mesquita. E deu um soco na boca do estômago do outro. Envolvemo-nos à pancada; mas pouco durou: um polícia vinha vindo, e eles fugiram. E nós pusemo-nos a caminho para a porta do liceu, olhando para trás desconfiados, como se o polícia, parado na esquina, nos estivesse seguindo. O Coelho estava na entrada, e dirigiu-se ao Mesquita: – Se você me dá licença, eu não tenho nada com o que aconteceu, e peço-lhe desculpa –. O Mesquita olhou para ele, de alto a baixo: – Não tem de quê. E não me distribua papelinhos na aula, senão quem os engole é você mesmo. E diga lá aos seus guarda-costas que eu não tenho medo deles –. Então acontecera uma coisa extraordinária. O Coelho perfilara-se, levantara o braço estendido... Nós pasmados para ele, sem perceber. E voltámo-nos. Era o Dr. Pimenta, um professor de História, que ia entrando, lhe correspondia disfarçadamente, levantando a mão sem despegar o cotovelo do corpo. Já na aula o Mesquita dissera-me a meia-voz, antes de chegar o nosso professor: – Nem uma palavra sobre esta palhaçada, ouviste? –. E eu esquecera-me por completo daquela aventura que não tinha para nós significado.

Passeando ao lado do Macedo, recordava-me dela, ligava outros factos. Do Dr. Pimenta, que nunca tinha sido meu professor, dizia-se que era monárquico, e não perdia ocasião, nas aulas, de falar de Sua

Majestade. Esta Majestade era para mim uma entidade vaga; e eu não compreendera como, sendo professor da República, ele podia fazer aquilo. Parecia-me ainda pior que o Puigmal. Porque este tinha pretensões, de que nós ríamos, num país estrangeiro. E o Dr. Pimenta, esse tinha-as em relação ao seu próprio país, cujo funcionário era. A monarquia acabara em 1910. E o rei deposto morrera, todos tínhamos visto o enterro dele, em Lisboa, quando o tinham trazido da Inglaterra. A Majestade do Dr. Pimenta era outra: um neto de D. Miguel. E essa gente era absolutista, e tinha sido banida havia um século. Nos livros de História, D. Miguel nem figurava. O rei, na altura de ele ter governado, era D. Pedro IV e tinha o monumento do Rossio.

O Macedo, a meu lado, disse de repente: – Olha para aquilo. Olha o teu tio.

Eu olhei na direção que ele apontava. Meu tio ia cruzando a outra rua, e abria caminho com grandes floreados risonhos da bengala. Atrás dele, ia um rapazinho com um grande rádio à cabeça. Como um propagandista, meu tio cumprimentava a um lado e outro os seus conhecidos, e, sem parar, voltava-se ao contrário da marcha e apontava para o rádio com a bengala. As pessoas riam; e ele, como se regesse uma invisível banda de música, ia passando.

Corri para ele. Arregalando-me uns olhos maliciosos, parou, e bateu com a bengala pancadinhas leves no aparelho: – Ora aqui está a surpresa! Que me dizes à surpresa? É bom, hein?

Grande o rádio era. E eu disse que era muito bom, aquela marca era muito boa. E acrescentei em voz baixa: – O tio já sabe do desastre?

Já sabia, sim. E perguntou-me se eu comprara os cigarros. Apalpei-os no bolso.

– Dá cá, que eu levo – e, encostando-se a mim, enquanto cumprimentava com sorrisos e acenos de cabeça um conhecido que se aproximou e lhe elogiava o rádio, passou-os para o bolso dele.

De repente, ainda ele arrumava os maços e respondia ao outro,

eu disse: – Se o tio me der licença, eu não vou jantar. Fico por aqui.

– Na pândega, hein? Isso, há por aí muita espanhola viúva, que é preciso consolar. Fica, fica.

E eu fiquei vendo o chapéu dele, à banda, e a bengala no ar, e o rádio vacilante, que desapareciam por entre as cabeças paradas.

Voltei para junto do Macedo.

– O teu tio saiu-se... É para ouvir as notícias da revolução?

– Acho que sim. Anda entusiasmado.

– Com que lado?

– Acho que não tem lado.

– É conforme. Com a raiva que ele tem de militares, se se convence que o Exército está todo do lado dos revoltosos, ele toma o partido da República. As discussões que ele costuma ter com o meu pai são medonhas; e, nas aulas, ele sempre contava porque é que tinha ficado tenente toda a vida. Quando o meu pai defendia a tropa, ele respondia-lhe que também ele ficara a marcar passo em capitão. Mas o cómico é ele exigir, tu sabias?, que a gente o trate por senhor tenente. Fica uma fera, quando alguém o trata por «professor», por «senhor doutor». Responde logo que doutor ele é da mula ruça, mas que é mais competente que os lentes de Coimbra. O Dr. Carvalho que é lente de Coimbra, esse às vezes diz-lhe, meio a sério e meio a brincar, que ele devia tirar o curso de matemática. E o teu tio chegou a matricular-se, tu sabes? Mas aborreceu-se logo, e não fez nada. Tu conheces um dos filhos do Dr. Carvalho, aquele que andava connosco. Este ano ele ficou em Coimbra, o pai não o deixou vir, tem exames de segunda época. O outro é que andou por aí.

Eu não o ouvia senão vagamente já. E ele continuava a falar como uma máquina. Estávamos à beira da praia, e íamos andando na direção de Buarcos. O sol incomodava.

– Vamos até às barracas? – propus eu.

– Para quê? A maior parte do nosso grupo não está. E, de qualquer maneira, já não é cedo.

Para aquele lado, a praia estava quase deserta, e o areal encurvava-se até ao cabo Mondego, com os barcos varados, e um ou outro vulto perdido na areia. Entre os barcos, e também sentados na borda da muralha, havia pescadores cosendo redes que alastravam castanhas em longas tiras. À nossa direita, do outro lado da rua, as casas eram já baixas, com mulheres de preto à porta. Atravessámos vagarosamente a areia, até à beira de água. E continuámos andando pela areia molhada. Os barcos rareavam. Na sombra de um deles estava deitado um par. Eram dois homens; e, quando íamos passando, vi que eles espreitavam um corpo nu, de calção, estendido rente a um outro barco mais adiante. O corpo estava meio de costas para quem passasse pela areia molhada, com a cabeça sobre o braço esquerdo. A mão direita, oculta pelo corpo, devia mover-se lentamente. E um ligeiro torcer-se do corpo mostrou que ela tinha o sexo em riste, passado por cima do calção abaixado à frente. Os outros dois agitaram-se. Quando eu ia chamar a atenção do Macedo para aquilo, tive um pressentimento, e não disse nada. No mesmo momento, o corpo deitou-se de bruços, escondendo a cara nas mãos, e que eu teria visto, se ele continuasse na mesma posição e nós andando. Mas eu estaquei. O Macedo continuava a falar. Os dois homens ergueram os troncos, rodaram e sentaram-se. Um deles tirou um cigarro e ofereceu cigarros ao segundo. E olhavam-nos muito fitos, por trás dos dois cigarros que o primeiro acendia.

– Voltamos para trás? – perguntei.

O Macedo, que parara ao meu lado, falando sempre deste e daquele, pareceu acordar, e viu os dois homens.

– Sabes quem são? Eu conheço-os do Porto. São dois... e devem estar aí à caça de algum. Se calhar aquele tipo que está ali deitado – eu estremeci. – No Porto, toda a gente os conhece. São amigos do Rufininho. O Rufininho está no Porto a tirar Arquitetura. Está cada vez pior. Todo ele se rebola, e dá gritinhos. Lá há uma data deles, mas a gente conhece-os. Em Lisboa também é assim?

Eu só conhecia um, que era lendário na minha família, e que morava defronte de uns tios meus. Quando ele aparecia à janela, ou saía, as minhas primas iam espreitá-lo. Era calvo, baixo e forte, e punha-se à janela, de roupão florido. Na rua, porém, descia a calçada com grande aprumo, e só as ancas dele eram de mulher.

– Eles conhecem-se todos uns aos outros, são uma grande maçonaria – dizia o Macedo. – No ano passado, lá no Porto, à noite, eu saía do cinema, com um colega meu, e um fulano meteu conversa connosco. Devia ter os seus trinta e tantos anos, muito penteado e bem vestido e perfumado. Mas falava com voz grossa. Se o visses, não desconfiavas. Foi andando ao nosso lado, perguntou onde morávamos, convidou-nos para irmos a casa dele. Tomaríamos qualquer coisa. Nós olhámos um para o outro, e fomos. Eu só queria que tu visses a casa dele. E não havia lá ninguém. Deu-nos bebidas caras, era gim, era uísque, calcula. Nós estávamos sentados num sofá, ele sentou-se no meio de nós. Tinha posto música a tocar num gramofone imenso. E depois começou a avançar com a mão. Pousou-a na minha perna. Levantei-me, o meu colega também se levantou. Ele afastou-se de nós, para o outro lado da sala. Avançámos para ele, para lhe dar uma sova. E ele disse que não nos tinha obrigado a vir a casa dele, que se quiséssemos nos fôssemos embora.

– E depois? – perguntei eu, olhando para trás. Os barcos encobriam os vultos.

– Demos-lhe a sova. Mas ele não era dos moles, meu caro, não queiras saber a sova que levámos. Na rua, até ficámos a olhar um para o outro. Quem nos havia de dizer, hein? Parece que há uns que são homens mesmo, embora gostem de homens. Aquele era desses.

– Mas que é que ele queria?

– Tudo, ele dava tudo e fazia tudo.

– Como é que soubeste?

– Porque ele disse. Quando avançámos para ele, ele disse. Propôs que ficássemos quietos, que não nos zangássemos, porque ele fazia

tudo. Quer dizer que ele não faz diferença nenhuma do Rufininho.

– E aqueles que estavam ali adiante?

– Esses não fazem mesmo diferença nenhuma. Calcula que até se tratam uns aos outros por nomes de mulher. Há um café lá no Porto, onde eles se juntam. E é só ouvi-los. Eu nunca ouvi, mas foi o que me contaram. E muitas vezes vi lá o Rufininho, com aqueles dois. Aquilo deviam estar à espreita de algum pescador.

– Pela certa.

Continuámos a andar, e o Macedo conservou-se calado, por momentos. Depois disse: – Olha lá, tu conheces a nossa literatura?

– Qual literatura?

– A nossa. Os livros proibidos.

Eu sabia que havia censura dos jornais. Neles mesmos vinha escrito: «visado pela Comissão de Censura». O amigo de um tio meu, o tio do telegrama ao governo, e que costumava jogar bridge com ele todas as semanas, um major, pertencia a essa comissão. Mas de livros proibidos eu nunca ouvira falar, a não ser daqueles indecentes, muito mal impressos, e que circulavam às escondidas no liceu.

– Que livros?

– Eu empresto-te, e logo vê.

– Como é que os livros são proibidos?

– Estão proibidos. Ninguém pode vendê-los, mesmo estrangeiros.

E se a polícia apanha alguém com eles...

– Que faz?

– Que faz?... Hum!... Mas tu não sabes nada! Que tens andado a fazer tu este tempo todo?

– Eu?

– Sim, tu.

Olhei-o, erguendo as sobrancelhas: – O mesmo que muita gente, suponho eu.

Ele parou a meu lado, cabisbaixo. Parecia mais pequeno ainda. A barba tinha tons azulados na cara dele: – Pois é... Nisso é que está o

mal. Todos vão vivendo, sem se darem conta de nada, sem verem a miséria que há. E, mesmo que não houvesse miséria, sem verem a exploração do homem pelo homem, em que vivem e de que vivem –. Levantou a cabeça para mim, e havia nos seus olhos um tom líquido que me perturbou: – Tu já pensaste como vivem aqueles pescadores? E a gente do campo? E os operários? Tu já pensaste?

Pensara às vezes. Mas tudo me parecia uma espécie de lei imutável que nos separava dessa gente que não tinha educação, não tinha limpeza, vivia como sempre tinha vivido. Tudo me parecia errado no mundo, e naquele dia muito mais. Ou o mundo era, todo ele, um erro muito grande. Mas não pensara nessas coisas tal como os olhos dele falavam húmidos e brilhantes. E respondi: – Não sei. Agora que perguntas, é como se nunca tivesse pensado. Não sei que te diga.

Ele levantou a mão, como costumava, bateu-me nas costas: – Tu és bom rapaz, eu sempre achei que eras.

Ele sorri. E ele, num enleio, recomeçou a andar.

– Queres tu jantar comigo? – perguntei-lhe de repente.

– Quando estou cá, e agora só cá estou nas férias, o meu pai gosta que eu jante com ele. E diz que é um mau exemplo para o meu irmão. Mas, se ele janta fora, é outro caso. Podíamos passar lá por casa, para saber. E eu trazia o meu irmão. Mas nessa altura são contas do Porto. Cada um paga a sua parte, ouviste? Vamos até lá.

Ele morava no quartel, um grande prédio amarelo em frente do rio, com um comprido renque de varandas, ao alto, em cima de uma parede vasta em que se abriam só algumas portas estreitas. Ele subiu, e eu fiquei à espera, olhando os cais, e do outro lado do rio os mastros que saíam da terra. No meio do rio, um barco estava encalhado na areia, em seco. Era uma traineira.

– O meu pai – disse o Macedo à porta – convida-te para jantares connosco –. Eu fiquei contrariado.

– Olha, sabes? Eu hoje disse ao meu tio que não jantava em casa. Apetece-me fazer uma pândega de caixão à cova. Foi para isso que

te convidei. E faço cerimónia com o teu pai, nunca jantei na tua casa. Francamente, tu desculpa, mas...

– Não tem importância. Eu digo que tu não podes. Mas eu vou contigo. Encontramo-nos no Casino. Às dez horas, está bem? – encostou-se à porta. – Também me está a apetecer uma coisa assim. Vamos rebentar com tudo isso por aí. Até logo.

Fiquei só, como de repente quisera. E fui andando até ao varandim, uma série de escadas e patins ornamentais, pelos quais se podia passar do lado do rio para o lado da praia, junto à foz, no extremo da cidade. Num recanto um casal despegou-se e ele traçou a perna. Era gente modesta, empregados, ele e ela. Eu passei para outra plataforma, e uma esquina de um rochedo encobriu-os. Encostei-me na balaustrada de cimento, que imitava troncos de árvore. O sol já se pusera, e só uma mancha avermelhada marcava ainda o lugar onde ele descera. O mar estanhava-se palidamente, aqui e ali sombreado. A praia alongava-se vazia até ao cabo, e os barcos lá longe eram empurrados para a água por grupinhos de formigas. O farol dardejava compassadamente sem que o seu foco já se distinguisse. Vagos e dispersos gritos, que chamavam, vinham flutuando pelo ar que, à beira de água e do lado do rio, parecia adensar-se numa névoa transparente, que vibrava. Em baixo, as rochas eram verdes, com charcos pardos por entre elas.

Acendi um cigarro. Onde iria jantar? Não me apetecia comer. Apetecia-me fugir. Para onde e porquê? E, de repente, ouvi dentro da minha cabeça uma frase: «Sinais de fogo as almas se despedem, tranquilas e caladas, destas cinzas frias.» Olhei em volta. De onde viera aquilo? Quem me dissera aquilo? Que sentido tinha aquela frase? Tentei repeti-la para mim mesmo: Sinais de fogo... Mas esquecera-me do resto. Com esforço, reconstituía a sequência: Sinais de fogo os homens se despedem, exaustos e espantados, quando a noite da morte desce fria sobre o mar. Não tinha sido aquilo. Não era aquilo. E que significava? Seriam versos? Repeti mentalmente: «Sinais de cinza os homens se despedem, lançando ao mar os barcos

desta vida.» Novamente as palavras eram outras, ou quase as mesmas mas diversamente. Tirei um papel do bolso, e escrevi: «Sinais de fogo os homens se despedem, lançando ao mar os barcos desta vida.» Reli o que escrevera. E depois? Olhei o mar que escurecia, com manchas claras que ondulavam largas. Os barcos iam pelo mar fora, e nalguns havia lanternas acesas. «Nas vastas águas...» Nas vastas águas... Era absurdo. Eu fazendo versos? Porquê? Amarrotei o papel e deitei-o fora. Mal amarrotado, ele foi descendo num voo balanceante, até que pousou numa rocha. Aí, vacilou, aquietou-se, e, numa reviravolta súbita, deixou-se cair para o meio das pedras e sumiu. Era quase noite escura. Voltei para a cidade.

XI

As ruas iluminadas fracamente, e vazias de gente, eram tristes. Encontrei uma tasca para jantar. Havia um balcão comprido, de onde o patrão me fez salamaleques, e do outro lado, separadas por baias de madeira pintadas de preto, estavam as mesas, só uma delas ocupada. O criado guiou-me para uma delas. A toalha tinha manchas de vinho. Ele reparou que eu as notara, e, curvando-se sobre a mesa, alisou-a com cuidado, como se tirar-lhe as pregas tirasse as nódoas. Depois, espanejou algumas migalhas com o guardanapo sujo que trazia no braço. E, remirando-se na sua obra, perguntou, com as mãos pousadas na frente do avental que o cingia pelos rins, muito apertado e abaixo do cinto das calças.

– Então o que vai ser? Temos pescada cozida, carapau frito, caldeirada... e também se arranja um bife, se o senhor quiser.

– Pode ser a pescada.

Ele foi ao balcão, e trouxe os talheres e os pratos, e também uma garrafinha de vinho e um galheteiro. «Nas vastas águas que as remadas medem, tranquila a noite está adormecida.» Eram versos, sem dúvida. Mas havia alguma razão para que eu os estivesse fazendo, ou para que eles se fizessem dentro de mim, à minha custa? Eu nunca lera muitos versos, nunca me interessara especialmente por poesia. Na minha família, a literatura não tinha qualquer existência, nunca ninguém fora escritor. Liam-se livros, sem dúvida, mas por desfastio, e sem fixar sequer o nome dos autores. Na minha casa, ainda menos: nem mesmo os havia. Escrever... mas só por piada! Um tio meu costumava escrever todos os anos uma revista, para ser representada pelos banhistas da praia em que ele veraneava. Ser-se escritor, ou qualquer coisa semelhante e de ordem artística, era ainda pior que ser político. Um escritor, um pintor, um ator, não tinham qualquer lugar na escala social. E poeta era sinónimo familiar de distraído, de pobre de espírito, de idiota chapado, quando o não era de pessoa que devia dinheiro a

toda a gente. Mas eu não tinha escrito versos; acontecera que umas palavras, por um acaso qualquer, se me haviam juntado na cabeça. Nada mais. De resto, era tudo um disparate. Os homens não são sinais de fogo... E aquele mar o que era? E que será medir a remadas águas vastas? E a noite estar adormecida nestas águas, quando a noite, de noite, está em toda a parte? Sorri, aliviado. O criado, que chegava com a travessa, julgou que o meu ar se dirigia especialmente a ele e à pescada, e serviu-me com afetuosa solicitude.

– É um peixe divinal. O senhor vai ver. Coisa esmerada. Aqui coze-se o peixe como em parte nenhuma. Há quem venha aqui de propósito, por causa da pescada.

Eu olhei para ele, e vi que era muito jovem, pouco mais velho do que eu, apesar do ar gasto e de uma barriguinha que o avental, tão descaído, lhe empinava.

Reguei as batatas e o peixe, com azeite, e fui dizendo: – Mas agora o movimento vai diminuir, não vai?

– Diminuir, porquê?

– Então, com os espanhóis a irem-se embora...

– Eles estão a ir-se embora?

– Estão. Não sabe?

– E porquê? Não sei.

Fiquei com o garfo suspenso. Numa cidade daquele tamanho, e que vivia dos veraneantes espanhóis, aquele homem não sabia do que se passava. Ele deve ter sentido uma vaga curiosidade, e perguntou: – Mas porque é que eles se vão embora?

– Por causa da revolução.

Pareceu-me que se espantava por amabilidade: – Ah, a revolução...

– A revolução na Espanha – acentuei eu.

– É... eu ouvi falar. Mas os espanhóis não vêm comer aqui.

– E portanto não lhe faz diferença?

– Ali ao patrão é que não faz -. E mostrou uns dentes muito

brancos.

– A si então faz?

– Também não. Que diferença é que me havia de fazer? – e encolheu os ombros.

– Você está contente aqui?

Ele hesitou.

– Está contente com o seu trabalho aqui?

– Ah estou. Não foi fácil arranjar isto. E o patrão é bom.

– Você é mesmo da Figueira?

– Eu? Não senhor. De Soure.

– E veio trabalhar para cá?

Na outra mesa ocupada, bateram palmas, ele foi atender. Entretanto, acabei de comer. Ele voltou, e perguntou se eu queria mais alguma coisa, se eu tinha gostado. Eu não queria sobremesa? Não, não queria. Acendi um cigarro, e ofereci-lhe do maço. Ele olhou para o patrão que nos observava, e que autorizou com um sinal de cabeça. Com dois dedos espetados delicadamente, tirou um cigarro que pôs na boca, fez uma medida para aceitar a caixa de fósforos que eu lhe estendi, acendeu-o, e restituiu-me a caixa, segurando-a como uma senhora bem educada seguraria a chávena de chá. Depois, segurando do mesmo modo o cigarro, puxou uma fumaça, tirou o cigarro da boca e pô-lo diante dos olhos: – Cigarro muito bom, sim senhor. Pois eu sou de Soure. O senhor estuda em Coimbra ou é viajante?

– Nem uma coisa nem outra. Estudo em Lisboa. E sou mesmo de Lisboa.

– Então veio de férias para cá? Lisboa deve ser uma bela cidade, quem me dera ir para lá. Eu tenho um primo em Lisboa. Talvez o senhor conheça. Trabalha numa casa de pasto no Poço do Borratém. Parece-me que é este o nome. Diz que é uma casa formidável. O senhor deve conhecer.

Eu pensei que a casa de pasto não faria diferença nenhuma daquela tasca. Podia até ser muito mais ordinária. Naquele lugar...

Não, não conhecia, mas devia ser.

– Fica aberta toda a noite. E... – pedindo licença, sentou-se diante de mim, curvou-se sobre a mesa para segredar – as mulheres da vida, todas as da vizinhança, vão lá cear de noite. O meu primo arranja cada uma... Ele escreve-me. E é por amizade, para ele as servir bem. O senhor está a ver?

Pisquei-lhe o olho e disse: – De modo que você, se fosse para Lisboa, servia-as bem?

– Ah... Que isto aqui não presta para nada. São todas umas porcas. O meu primo diz que lá elas lavam-se antes e depois. É verdade, não é? Em Coimbra, também não se lavam, que eu conheço.

– Você esteve em Coimbra já?

– Estive, quando saí da terra. Mas não gostei. Com sua licença – e puxou uma fumaça longa –, aqueles estudantes é tu para cá tu para lá, ó galego vem cá, e a gente a tratá-los por senhor doutor. Aqui é melhor, não há disso. Em Lisboa também é assim, não é?

– Lisboa é muito grande. Ninguém sabe quem é estudante e quem não é.

– Elas tratam o meu primo por Senhor Joaquim. Está a ver? E ele não é velho, poucos mais anos há de ter que eu. Ele diz que uma até o lava a ele. Será verdade?

Eu então, para contentá-lo, descrevi-lhe uma prostituta que eu tinha conhecido e que era especialista noutras variações. Essa lavava-nos com requintes, e limpava com requintes, olhando muito de perto, para verificar a limpeza perfeita, e punha um copo na mesinha de cabeceira, onde cuspiam tudo no fim, para beber ou não, conforme a gente quisesse. Chamava-se a Chinesa.

Ele ficou meditando, e depois disse: – Um copo... Com copo e tudo... – e, debruçando-se mais sobre a mesa, confidenciou: – A mim, só me fizeram isso uma vez – olhou de lado. – Foi em Coimbra. Um estudante. E deu-me vinte mil réis. Eu era ainda pequeno, ele agarrou-me e levou-me para um beco. Fiquei todo

assustado. Julguei que ele mo queria comer. Mas o senhor não fique a pensar que eu... Bem, não fique a pensar, hein?

Garanti-lhe que não. Ele insistiu: – Que eu não gosto de homens, foi só aquela vez. Mas julga o senhor que eu não pensei nos vinte mil réis? Pensei. O patrão era mau, batia-me, não me pagava nada. Pensei, sim senhor. Mas tive depois tanto medo, que nem gastei aqueles. Ainda os tenho guardados. O senhor não acredita, mas tenho.

Calou-se, e fez menção de levantar-se. Depois acrescentou: – Estou para aqui a demorar o senhor, que tem a sua vida –. Não, eu não tinha pressa.

– Então, se o senhor não tem pressa, ainda lhe conto uma. Lá na terra, a gente, cá a minha rapaziada, tínhamos um cão que lambia. É verdade. E estava tão viciado, que mal a gente se sentava, vinha logo a correr, com a língua de fora. Ah, mas Lisboa... Eu estou a juntar dinheiro para ir para lá – e levantou-se, muito comercial: – São dez escudos – e debruçou-se para mim, com um sorriso malandro: – Por dez escudos, o senhor comeu uma pescada cozida como não há.

Eu paguei, e dei-lhe gorjeta. Agradeceu com discreto aprumo, e acompanhou-me à porta: – Quando o senhor quiser, cá estamos às ordens. E olhe que ao almoço é melhor.

Fui-me encaminhando para o casino. Já passava das dez horas. Numa esquina, uma mulher chamou-me. Era horrorosa, velha e desdentada. Quem sabe, assim sem dentes, até seria melhor... Nas proximidades do casino, não havia movimento quase nenhum. Mas ouvia-se a música no bar. Entrei, e fui à sala de jogo ver se meu tio lá estava. Não estava. Passei para o bar que me pareceu apinhado, cheio de fumo. Um braço levantado chamou por mim. Numa mesa, estavam o Macedo com o irmão, o Rodrigues, e mais dois rapazes que eu conhecia do ano anterior. Arranjaram-me lugar, e sentei-me.

– Estávamos a pensar que tu já não vinhas – disse o Macedo. E o Rodrigues acrescentou: – Por onde andaste o dia todo, que não me

apareceste?

Olhei-o de relance, e respondi: – Por aí. Desculpa não ter aparecido. À tarde andámos a passear na praia.

– Para que lado?

– Eu já lhe disse que eu e tu fomos para o lado de Buarcos – interrompeu o Macedo.

– Mas que horas seriam, quando vocês por lá andaram? À tarde, eu estive a tomar banho ao pé dos barcos, levei para lá uma pequena que encontrei, e não vos vi – insistiu o Rodrigues.

– Não deve ter sido à mesma hora – respondi eu.

– Mas vocês não me viram?

– Ó homem – disse o Macedo –, quando tu passeias com uma pequena, não é obrigatório que toda a gente te veja.

O Rodrigues espreguiçou-se na cadeira, com um ar de quem rememorava volúpias: – Se vocês soubessem... Atrás dum barco, ia-me arrancando tudo tal a força com que mexia e puxava! – levou as mãos entre pernas. – Fiquei com uma rebarba que dá para a noite toda.

– Guarda-a para ti – disse um dos outros, que se chamava Oliveira, e era de Coimbra.

– Qual para mim! A minha rebarba é pública. Vocês não sabem que eu sou um homem público? Eu sou um homem público – e riu à gargalhada, com o copo de cerveja na mão. – É o que acontece a quem tem uma trouxa como eu. Uma coisa destas pertence à Coletividade, não é, ó Macedo? E lá na Rússia era nomeado logradouro público...

– Acho que não – disse o Macedo muito calmamente. – O menos que te acontecia era caparem-te.

– Ah sim? E posso saber porquê? Lá não usam disto?

– Usam, mas não andam com ele sempre na boca, deixam-no estar calado entre as pernas, para servir só nas ocasiões.

– Mas o meu não fala. Se ele falasse, contava cada coisa...

– Não contava nada que a gente não saiba.

– E que é que tu sabes?

– Tudo. Não disseste que eras um homem público? – a mesa riu toda. – Dos homens públicos a gente sabe tudo. E o que a gente não sabia, eles contam.

– Eles só contam o que lhes convém – observou o irmão do Macedo.

Olhámos todos para ele que, na sua palidez morena quase imberbe, corou.

– Ora a Dona Micaela fez a sua estreia, hein? – disse o Rodrigues.

– Rodrigues, eu não te admito essa brincadeira estúpida – cortou asperamente o Macedo. – Tu deixas o meu irmão em paz com essa história. Ele não é um maricas. Nem faz dominó para os dois lados.

– Tu estás a insinuar que alguém aqui faz dominó para os dois lados?

– Não estou a insinuar nada. Mas tu não repetes essa gracinha.

– O teu irmão não sabe defender-se? Precisa da ajuda do mano?

O outro rapaz, que ainda não falara, interveio: – Parem com isso. Que conversa idiota! Somos todos amigos, e estamos aqui para uma pândega. O que a gente precisa é de mulheres. Com elas é que se quer ver se vocês trabalham assim de língua.

O Rodrigues sorriu: – Se vocês soubessem como é bom... Alguém conhece a história do cardeal, a definição que ele deu?

Todos conhecíamos.

Mas ele, fitando o irmão do Macedo, disse: – Mas ali o Luís não conhece. Conhece? Não? As crianças precisam conhecer estas coisas. Os dois cardeais estavam a discutir como havia de ser a definição. E um deles disse: «Eminência, a melhor definição é “piedosa peregrinação ao local do nascimento”».» Ah, ah, é boa, não é?... Mas o outro cardeal teve dúvidas, e perguntou: «Eminência, porquê piedosa?» E o primeiro explicou: «Eminência, pois não se faz de joelhos?»

O irmão do Macedo sorriu friamente, e disse: – Mas tem de ser

de joelhos? Não pode ser em cima da cama?

Rimos, e o Oliveira disse: – Olha que ele marcou um tento, ó Rodrigues...

– É... o menino é esperto. Ó Macedo, o teu irmão é esperto, eu acho que ele tem vocação.

– Vocação para quê? – perguntou o Macedo.

– Ora... para ficar em cima da cama, ou em pé. Ele é dos que não se ajoelham. É cá dos meus. Quem quiser que se ajoelhe diante de nós, não, Luís? Eu logo quero ver o que é que você faz.

– Se lhe dá gosto, pode ver.

– Se me dá gosto? Nem calculas, meu filho. Só que eu não trouxe o binóculo. E, sem o binóculo, será que tu tens alguma coisa que se veja?

– Eu mostro, quando você quiser.

– É... podemos até fazer um concurso. Talvez ganhes o segundo prémio. Prémio de pelos, esse é o teu irmão quem ganha. Ali o Oliveira com as habilidades que eu lhe conheço lá de Coimbra...

– Tu conheces as minhas habilidades?

– Conheço... Tu ganhas o prémio de demora. Não há puta que te aguento. Tem tempo de almoçar e jantar, e tu ainda não acabaste. Devias pagar o dobro.

– O dobro não pago, mas dou uma gratificaçãozinha... – disse o Oliveira.

– O Matos – o outro dos dois rapazes, e que era de Lamego, mas estudava também em Coimbra –, não sei. Não tenho informações. Mas vamos ver.

– E eu? – perguntei.

– Tu... – e hesitou – tu... ganhas ir de graça, que é a tua especialidade –. Chamou o criado, mandou vir mais cervejas, e continuou: – No amor é assim. Uns sem pagar não arranjam nada. Outros não têm descanso, e ainda são pagos por cima. E outros, às vezes, arranjam-se de graça. Eu gostava de saber como é.

– Se calhar – disse o Matos – é porque tratam bem as mulheres,

porque as tratam como gente.

– Mas não há gente, ninguém é gente – disse o Rodrigues. – Eu não sou gente, vocês não são gente, e não está aqui ninguém que seja. Olhem vocês aí à volta. Vejam aquele careca além, todo babado para a fulana que está com ele. O beijo dele, todo caído, e as mãos dele, vejam as mãos dele. E ela? Quando uma mulher tem aquelas pregas no pescoço, as pregas noutra lugar são mais que muitas, é preciso primeiro afastar com a mão os cortinados. E aquela outra, a magrinha, ali por trás. Aquela não tem buraco onde não caiba um regimento.

– Então está bem para ti, é sapato do teu pé – disse o Macedo.

– Não... que eu gosto de tudo bem apertado, gosto de rebentar tudo à minha frente – e emborcou o copo de cerveja.

Alguns pares dançavam. Ele pousou o copo, e comentou: – Vocês já viram coisa mais estúpida que a dança? Ficam ali a esfregar-se, a esfregar-se, e para quê?

– Para isso mesmo – disse o Oliveira.

– Isso é bom para ti. Devias ficar ali a dançar duas horas, para adiantar serviço.

– Nós vamos ficar aqui toda a noite? – perguntou o irmão do Macedo.

– Ah o menino está com pressa? Olhe que a pressa, às vezes, dá mau resultado.

– Dá?

– Dá. Com as crianças, isso acontece. Vão a correr, e depois não conseguem fazer nada. Que aquilo não é o mesmo que meter a mão no bolso.

– Acho que está na hora de começar. Vamos dar uma volta pelo casino, para caçar as mariposas. Somos seis. Arranjávamos umas três ou quatro, alugávamos um carro, e íamos por aí fora – disse o Matos. – No meu carro, cabem seis pessoas. No outro carro, ia o resto.

– Você tem automóvel agora? – perguntei.

– É o do meu pai, emprestou-mo. Podíamos ir até Coimbra. A minha casa está vazia. O meu pai está em Paris, com a minha mãe, e a minha irmã foi para Lisboa. Sempre era melhor que acabarmos aí numa casa qualquer. Vamos?

– E o *chauffeur* do outro carro? – perguntou o Macedo.

– Levamos uma mais barata, para ele – disse o Rodrigues.

– Porquê mais barata?

– Podes levar mais cara, se quiseres. Ou reparte a tua, e paga a diferença. É assim lá na Rússia?

– Na Rússia não há prostituição – disse o Macedo.

– Então como é que lá se arranjam? É camisa minha e do meu camarada, uma, não é?

O Oliveira interpôs-se: – Vamos lá embora, acabem com isso. Senão, amanhã ainda aqui estamos.

– E ele não tem tempo de começar – disse o Rodrigues, já a caminho da porta do bar.

Não foi fácil arranjar as mulheres que tinham medo da proposta. Para Coimbra? E para onde em Coimbra? As mariposas do Casino recusavam-se, faziam-se caras, queriam o pagamento adiantado. Acabámos convencendo cinco, pagámos adiantado, uma delas recolheu o dinheiro e entregou-o a uma amiga que não queria ir.

O Macedo declarou que ele arranjava o outro automóvel, e que o esperássemos diante do casino. Na rua, ao pé do carro do Matos, elas discutiam e ainda hesitavam. O Rodrigues agarrou em duas, e fê-las entrar para o assento traseiro: – As meninas ficam aí quietas e caladas, senão sento-as no meu colo, aqui nisto – segurou com a mão – e chegam rebentadas a Coimbra –. E entrou para o meio delas.

O Matos, encostado ao carro, conversava com outra das mulheres. E voltando-se para nós disse: – Nós podíamos ir na frente. Um de vocês vinha comigo, e o Oliveira ficava com os outros, porque ele sabe onde é a minha casa.

Eu olhei para os outros. O Oliveira tinha de ficar. Ia deixar o

Luís com ele, à espera do irmão? O rapaz fitou-me de um modo que parecia pedir que o não deixasse ali. Ou ele, ou eu. Mas o Rodrigues saiu do carro, agarrou no irmão do Macedo por um braço, e disse: – Vá lá, entre ali atrás, que eu vou na frente. Aproveita agora as duas, que depois cada um só tem cinco sétimos de mulher –. O rapaz olhou para ele com ar de desafio, e entrou. As duas mulheres saudaram-no festivamente: – Ai o franguinho vem connosco! –. O Rodrigues inclinou-se para dentro: – Haja respeito. Isso não é um frango, é um galo-da-índia. Vocês vão ver do que ele é capaz – e empurrou para o assento da frente a que conversava com o Matos, entrou a seguir, e bateu a porta. O Matos deu a volta ao carro, sentou-se ao volante, e disse: – Eu vou indo devagar. Mas tu sabes ir lá, ó Oliveira –. E o carro arrancou numa grande gritaria do Rodrigues e das mulheres, de quem as duas que ficavam se despediam com adeusinhos de brincadeira.

Ficámos no passeio o Oliveira e eu, cada um com uma pendurada no braço, e que eram por acaso as que pessoalmente tínhamos escolhido. O Macedo demorava. E elas só perguntavam: – Então esse automóvel vem ou não vem? – e a minha, sacudindo a bolsa de asas longas, propôs: – E se a gente fosse para a pensão dormir descansado? –, fazendo-me festas no queixo.

Nisto, vi o Macedo voltando a pé. Enquanto lhe perguntávamos pelo automóvel, ele exclamou: – Aonde estão os outros? Para onde foram? Onde está o meu irmão? Não arranjei o carro que queria. Esperem aí – e entrou no casino.

– Isto está bonito – disse a outra pequena, agarrada ao Oliveira. – Nem Coimbra, nem nada. O que vale é que vocês já pagaram. Vamos mas é para casa. É boa ideia. Os outros foram. Esse aí dentro está a mais. Vamos embora os quatro. É o que eles todos merecem por deixar-nos aqui.

– Não custa nada esperar – disse o Oliveira. – Se a questão do carro não se resolver, estamos sempre a tempo de ir para qualquer lado.

E esperámos. Enfim o Macedo surgiu à porta do casino, com outro fulano que eu vagamente reconheci, que trazia uma mulher pela braço.

– Vocês não conhecem o Carvalho? Ele está com o automóvel, e vai connosco.

O outro, alto e largo, disse: – O que têm é de ir quatro atrás. Sentam-nas no colo.

Seguimo-lo até ao carro que estava noutra rua, eu e o Oliveira, com as nossas duas, entrámos para trás, e o Macedo foi na frente, com a outra no meio. O carro começou a andar suavemente, atravessou a cidade, e entrou na estrada. Nenhum de nós falava, numa sonolência tépida em que as mãos se perdiam sonâmbulas. A mulher que ia meio sentada no meu colo mordida-me a orelha, eu beijava-a, e via, na frente, contra a estrada iluminada pelos faróis, as três cabeças perfiladas. Depois, a cabeça do meio pousou-se no ombro do Macedo, e o Carvalho voltou ligeiramente a cabeça dele. Íamos a grande velocidade. O carro dava saltos largos e macios que nos atiravam molemente uns sobre os outros. E estacou quase de súbito, numa grande chiadeira de travões.

XII

Olhei por cima das cabeças, e vi, na nossa frente, um carro parado e correrias de pessoas à volta. Eram o Rodrigues, o irmão do Macedo, e duas das mulheres. Apeámo-nos, o Carvalho, o Macedo e eu. As três mulheres e o Oliveira não saíram. O Rodrigues e o Luís, de garrafas na mão, perseguiram as duas mulheres. Que era? Que era? Estavam todos bêbedos. Deviam ter-se abastecido de bebidas, antes de saírem da Figueira, e já tinham bebido no Casino. E o Rodrigues gritava que havia um convento em ruínas ali ao pé, por aquele caminho acima (vimos um caminho que subia da esquerda da estrada), e que ele queria casar o Luís com as duas mulheres. O Luís, vendo o irmão, ficou interdito; e depois começou a dizer que elas tinham medo. Elas pararam, olhando para nós, aflitas, julgando que nós vínhamos ajudá-los; e, por entre os nossos vultos, procuravam as outras que haviam ficado dentro do automóvel. Como não as viam, julgavam-se três contra seis. O Matos saiu do carro, e veio ao nosso encontro. O Luís e o Rodrigues agarraram as duas mulheres que começaram a gritar agudamente. Inesperadamente para mim, o Macedo ajudou o irmão a segurar a sua. E o Matos disse: – Tudo para dentro do automóvel. Eu sei o caminho. E até podemos ficar aqui. Há aí um velho que toma conta da igreja –. O Macedo e o irmão, com o Rodrigues, meteram as duas mulheres para dentro do automóvel, e entraram nele. O Matos entrou também, fez marcha atrás, tirando o carro da posição quase atravessada em que estava no cruzamento, e lançou-se pela rampa amarelada. Eu e o Carvalho voltámos para o nosso carro que os seguiu. As três mulheres que iam connosco perguntavam: – Mas para onde vai a gente? – e o Oliveira, sentado na frente, inclinou-se um pouco para trás e respondeu: – Ao convento. Vocês nunca foram ao convento?

O caminho subia em curvas, aos altos e baixos, até que repentinamente se alargou num vasto terreiro com uma igreja ao

fundo, e edifícios dos lados, em ruínas. O Matos começou a buzinar violentamente, logo imitado pelo Carvalho. E o Oliveira e o Rodrigues apearam-se e foram dar socos numa portinha. A porta não se abriu, mas uma janelinha por cima dela, em que apareceu uma lâmpada elétrica a iluminá-los e aos carros, e que perguntou com uma voz aguda: – Que é que querem?

– A chave – gritaram o Rodrigues e o Oliveira, logo imitados por todos nós em coro, mesmo as mulheres que já iam perdendo o medo e riam.

A luz apagou-se, e pouco depois a porta abria-se para dar passagem a um velho magrinho, em camisa de noite até aos pés.

– Vamos casar aqui – dizia o Rodrigues. – Onde está o teu sacristão? – e acrescentou uma série de palavrões indicativos de que o «sacristão» dormia com o velho. Este gania que estava sozinho, que o deixassem em paz, levassem a chave e o deixassem. Mas o Rodrigues e o Oliveira afastaram-no para o lado, e entraram-lhe em casa, enquanto o velho saltitava à nossa volta, na claridade dos faróis acesos. As mulheres empurravam-no, rindo à gargalhada. Nessa altura já estávamos todos fora dos carros. O Oliveira e o Rodrigues assomaram à porta, trazendo um rapaz numa camisa igual à do velho, que foi saudado com grandes gritos. O rapaz tremia de medo, e as mulheres levantavam-lhe a camisa que ele, desesperado, puxava para baixo. O Rodrigues amarrou-lhe a camisa pela cintura, e ele e o Oliveira empurravam o rapaz na frente deles. Os dois Macedos seguravam o velho. Eu, o Matos e as seis mulheres fechávamos o cortejo em direção à igreja.

O velho que todo o tempo não largara a grande chave, abriu a porta. A igreja estava negra como breu, e saía dela um cheiro de bafio e abandono. As mulheres começaram a dizer que tinham medo de entrar nela. E uma disse: – Eu não entro, eu não entro, eu sou religiosa, vocês querem fazer sacrilégios –. Era a que viera entre o Carvalho e o Oliveira. Logo mais duas aderiram ao que ela dizia: duas das que tinham vindo no outro carro. Sentaram-se as três nos

degraus, e a outra continuava: – Para essas coisas, não. Deus castiga sem pau nem pedra –. As outras duas faziam coro: – É um perigo, Deus castiga –. O Rodrigues, sem largar o rapaz, voltou à porta com o Oliveira: – Vocês estão doidas, a igreja não está em uso. Toca a entrar –. Sacudiu o velho que os dois Macedos continuavam a segurar: – Explique aí a essas senhoras que a igreja está profanada –. O velho pigarreou, e com voz trémula disse: – As senhoras podem entrar. A igreja está profanada –. O Rodrigues deu-lhe um safanão: – Conta a história. – A história, a história? – repetia ele. Foi o Matos quem contou.

– Houve, há muitos anos, um crime dentro da igreja, já então o convento estava abandonado. Dois homens mataram o padre, a tiro, no altar. Ele tinha desonrado uma rapariga da família deles. E até dizem que o padre ficou a rondar por aí, feito alma penada.

As mulheres benzeram-se. E uma delas disse: – Eu com almas penadas não quero nada. Nossa Senhora me valha. Se o padre aparece?

O Rodrigues respondeu-lhe: – Se aparecer, o mais que ele quer é desvirgar vocês, que era o costume dele. E disso nenhuma de vocês corre perigo.

Todos rimos, mesmo o velho embora a contragosto. E o Matos disse: – Não se vê um palmo adiante do nariz. Você aí em casa tem candeeiros? Tem? Eu vou buscar.

Foi, e voltou com dois candeeiros de petróleo, um em cada mão. E entrou pela igreja dentro. Um grande estrondo fez as mulheres gritarem. – Que foi? – gritámos nós. O Matos respondeu que devia ser um banco em que tropeçará e que caíra. Um fósforo brilhou ao fundo, um dos candeeiros ficou numa ponta do altar, enquanto o Matos acendia o outro que pousara na outra ponta. Fomos entrando. A igreja era vasta, e apenas tinha nelas alguns bancos desarrumados. Pássaros ou morcegos esvoejaram. Quando o Rodrigues levantou os olhos para o teto, o rapaz desenhenciou-se dele e do Oliveira, e correu pela igreja adiante, em direção a uma

porta que havia ao lado do altar. Mas o Matos, pulando dos degraus do altar, atravessou-se-lhe no caminho, agarrou-o e caiu com ele. Entretanto, o Rodrigues e o Oliveira já estavam em cima deles. Nós, parados em grupo, só víamos uma grande agitação de corpos e de tiras da camisa rasgada. Quando eles se levantaram, o rapaz estava nu, torcendo-se no chão, com as mãos amarradas atrás das costas, os tornozelos amarrados também. Gemia. O velho começou a chorar: – Ai que lhe vão fazer, meu Deus, que lhe vão fazer?

– Descansa que ninguém to capa – disse o Oliveira.

– É conforme – disse o Rodrigues. – Se ele não precisa do instrumento, a gente capa –. Voltou-se para o velho que os dois Macedos haviam largado e que estava sentado no chão suspirando em soluços fundos: – Ele precisa? Ou é você quem fica por cima?

As mulheres riam. Ele suspirava e não respondeu. Foi o Luís quem lhe deu um encontrão: – Responda, não ouve?

E o velho murmurou: – É ele...

– Mas agora a gente precisa de saber se ele só gosta de velhos, ou de mulheres também – disse o Rodrigues. – As senhoras fazem favor de verificar.

Três delas aproximaram-se do rapaz que se torcia no chão, de olhos muito arregalados, e que suspendeu, arquejante, a gemedeira. Os Macedos levantaram o velho do chão, e todos fizemos círculo em volta. E o Rodrigues, debruçando-se para o rapaz, disse: – Se não te pões a pau, estás perdido.

Elas aplicaram-se ardentemente. O rapaz tremia. Nós fazíamos apostas: – Vai, agora vai, ah não vai...

O velho soltou-se dos Macedos, ajoelhou-se ao pé do rapaz, chorando, e pegou-lhe na cabeça que afagava. O rapaz, numa fúria que lhe cerrava os dentes, torceu-se e fugiu-lhe com a cabeça. – Desamarrem-lhe os braços, para facilitar – disse o Carvalho. O Matos abaixou-se e desamarrou. O rapaz, então, enquanto as mulheres o abraçavam e se esfregavam nele, agarrou-se mecanicamente a si mesmo, numa ansiedade em que cerrava os

dentes e os olhos. E uma grande aclamação saudou a ereção momentânea que ele conseguiu.

– Safaste-te – disse o Rodrigues. O rapaz, deitado no chão, escorrendo em suor, sorria apavoradamente.

– E agora – continuou o Rodrigues –, em sinal de gratidão e de que te converteste ao dominó, vais fazer piedosamente uma peregrinação ao local destas senhoras. Calcinhas abaixo! Apresentem-lhe o sacrário!

Daí em diante, tudo foi uma confusão de grandes sombras que se projetavam no fundo da igreja, com toda a gente misturada, as mulheres correndo nuas, toda a gente bebendo das garrafas que o Matos fora buscar ao carro, e com o rapaz nu participando, já com as pernas desamarradas. A certa altura, separando-me da mulher que tinha nos braços, vi o Rodrigues de pé, nu da cintura para baixo, com uma mulher abraçada nos joelhos dele que batia palmas. Marcava o compasso aos movimentos do Luís e do rapaz, ambos no chão em cima de sua mulher. O rapaz acabou primeiro, e ficou como que inanimado. Quando o Luís se levantou, o Rodrigues disse-lhe: – És mesmo para segundo prémio, não tem dúvida – pôs-lhe a mão no ombro, e acrescentou: – Mas isso foi muito bem feito. És um artista –. O Luís espreguiçou-se rindo.

O Rodrigues procurou com os olhos toda a gente, fazendo um inventário do campo de batalha. Descortinou o Oliveira num canto, e aproximou-se do par: – Então isso ainda vai em meio? –. A mulher respondeu-lhe de baixo: – Em meio? Vai na segunda.

O Matos estava de pé, encostado ao altar. O Rodrigues dirigiu-se-lhe: – Então, e tu? –. O outro respondeu: – Eu cá sou rápido, e já emprestei a minha ao Macedo –. Eu e o Rodrigues procurámos então o Macedo com os olhos. Estava quase ao pé da porta, reclinado ao lado da mulher: – Tudo pronto? – perguntou o Rodrigues.

A sombra dele era imensa contra a parede. E, quando o Macedo, levantando-se, disse que sim, o Rodrigues passou-lhe a mão pelo

ombro, e disse: – Tu desculpa, se eu te ofendi com as minhas parvoíces. Mas do que a gente precisa é disto, deixa lá as revoluções. O teu irmão portou-se que foi uma beleza. Olha, lá está ele outra vez –. E estava.

– E o velho, para onde foi o velho? – exclamou o Rodrigues, e desatou a correr pela igreja fora, com a fralda da camisa esvoaçando.

O rapaz nu, que estava abraçado a uma mulher, soltou-se dela e disse, com um riso maligno: – Eu sei onde ele se esconde, venham.

E, guiados por ele, que saltava nu na nossa frente, eu, o Rodrigues, o Macedo, o Matos, o Carvalho, seguidos pelas quatro mulheres que já tinham enfiado as camisas, corremos o largo pátio até às ruínas, onde o rapaz, pulando, entrou. Lá dentro houve gritos. E o velho surgiu, arrastado pelo rapaz que lhe batia. Trouxemo-lo para dentro da igreja.

O Rodrigues, ajudado pelo rapaz e pelo Matos, empurrou-o para o altar, e tirou-lhe a camisa. O velho caía de joelhos e era levantado por eles. O Rodrigues, então discursou: – Aqui têm Vossas Excelências, minhas senhoras e meus senhores, a imagem acabada da decadência humana. Mais cu, menos cu, todos Vossas Excelências, se viverem quanto ele, acabarão assim. Com estas peles caídas, com este corpo desmanchado, com estas lágrimas, com este sexo pendurado, com estas bolas vazias, e procurando escravizar a esta ruína uma juventude como aquela, procurando atraí-la para os buracos da ruína, procurando chupá-la com esta boca imunda. Lembrem-se de que todos acabam assim. E deem graças a Deus e ao Diabo, e peçam a fortuna de morrer cedo, enquanto podem ser cobiçados, enquanto podem atrair, enquanto têm força entre as pernas –. Ajoelhou-se diante do velho: – Pai, dê-me a sua bênção.

O velho levantou sobre ele uma mão trémula e perplexa.

– Agora – disse o Rodrigues –, dê a sua bênção a todos os que aqui estão.

O velho aprumou-se, e levantou a mão.

– E agora – continuou o Rodrigues – vai dar a todos o beijo da despedida.

Entreolhámo-nos.

– Os senhores e as senhoras fazem favor de pôr-se em bicha, e de lhe apresentarem as armas para ele beijar.

Houve um murmúrio de protesto.

– Lembrem-se – disse o Rodrigues – de que estiveram na casa de Deus, de que Deus castiga sem pau nem pedra, e de que precisam, nesses lugares, da bênção do demónio.

O Matos largou o velho que o rapaz continuou a segurar, e veio tomar lugar atrás do Rodrigues. Este disse: – Tu primeiro.

O velho ajoelhou, quando o rapaz o desprende, e suplicou de mãos postas: – Ele, não, ele, não.

– Ele, sim – disse o Rodrigues. E foi por ele que o velho começou.

Vimos saindo, abotoando-nos, e as mulheres compondo os vestidos, seguidos pelo velho que se lamentava da sua desgraça. O rapaz correu à nossa frente em direção a casa, onde entrou. Ao pé dos carros, parámos silenciosos, e sentíamos uma exaustão infinita que era coletiva. O Matos tirou uma nota do bolso, e também o Rodrigues. Estenderam as notas ao velho que continuava a lamentar-se e, de repente, pasmado do valor das notas, pegou nelas sofregamente. Os faróis, novamente acesos, davam à cena um clarão ofuscante.

– Onde está o rapaz? – perguntou um de nós.

– Estou aqui – respondeu ele, saindo de casa e entalando uma camisa nas calças que vestira.

– Toma para ti – disse o Rodrigues, estendendo-lhe uma nota.

Macedo interpôs-se: – Não lhe dê nada.

E o rapaz disse: – Eu não quero nada. Eu só quero que os senhores me levem daqui. Levem-me daqui. Eu não tenho ninguém, ele recolheu-me. Levem-me daqui.

Macedo perguntou: – Mas para onde queres tu ir?

– Para a cidade. Os senhores levam-me.

Então a mulher que estivera com ele disse: – Eu levo-o comigo.

– Hein – disse o Rodrigues –, estás servido, ela quer-te pôr por conta. Mal sabias das tuas capacidades, hein?

O irmão do Macedo ofereceu uma solução: – Ele pode vir, que nós arranjamos, com o meu pai, trabalho para ele.

A maioria já tinha entrado para os automóveis. O Matos e o Carvalho já estavam aos seus volantes. Foi quando o velho se abraçou ao rapaz, chorando, a perguntar se ele o queria abandonar, que não tinham os dois ninguém no mundo, que nós o largávamos na rua logo que chegássemos. O rapaz lutava com ele para desenhencilhar-se. E o velho insistia lacrimosamente: – Tu não conheces o mundo, tu não sabes o que a cidade é, tu vais ser um desgraçado, tu não sabes trabalhar, o que é que tu vais fazer? E eu, que fui como teu pai, que vai ser de mim sem ti? Eles abandonam-te na rua. Tu sabes o que é a rua? Tu vais pedir esmola na cidade –. O rapaz atirou-o ao chão, e tentou enfiar-se num dos automóveis. O velho levantou-se, parecia muito alto, e gritou de punho fechado, com uma voz esganiçada: – Malditos sejam todos, que as doenças vos roam e vos matem! Que a terra se abra para vos comer! Malditos sejam por mo roubarem! Malditos! E tu, quando estiveres morto de fome, que nem tenhas forças para vir de rastos até aqui, para eu te cuspir em cima! E para te dar um pontapé nesse pau miserável que é a tua vaidade! Que ele seque, que ele encolha, que ele te caia de podre! E então hás de vender-te na rua, e ninguém te há de comprar! – e dava palmadas no próprio rabo.

O Rodrigues esbofeteou-o violentamente. O velho caiu, sangrando do nariz, mas continuou dizendo: – Vai, vai com eles, e que o diabo seja contigo!

O rapaz ajoelhou, segurando-lhe a cabeça, e ergueu para nós uns olhos tristes e assustados: – Eu fico...

O Rodrigues olhou para eles, e disse: – Isso, fica com o pai que Deus te deu.

Entrámos nos carros, e eu ainda vi a imagem do rapaz, com a cabeça do velho no colo, e acenando-nos adeus.

Era madrugada, uma madrugada muito transparente, quando chegámos à Figueira, silenciosos uns, dormindo os outros. As mulheres exigiram que lhes déssemos café, antes de as largarmos nas pensões onde viviam. Procurámos uma tasca aberta, até que encontrámos aquela mesma em que eu jantara. Nem o patrão, nem o criado, lá estavam. Uma mulher gorda era quem servia, no balcão, o café a alguns homens. As mulheres sentaram-se todas juntas numa das baías, e nós levámos-lhes as chávenas e os pães com manteiga. Um dos homens comentou: – Estes é que a levam boa, foi a noite toda.

O Matos perguntou-lhe, enquanto pagava ele os cafés e os pães: – Está com inveja?

– Eu? – disse o homem. – Eu com inveja dessa vida airada? Cambada...

No mesmo momento, estávamos envolvidos numa pancadaria com eles que eram três. As prostitutas, aos guinchos, fugiram todas. Do outro lado do balcão, onde as nossas chávenas se entornavam, a mulher gorda gritava: – Socorro! Socorro! Herculano!

O patrão, de ceroulas e camisola, apareceu no meio de nós, e também, só de cuecas, o criado. Conheceu-me logo, e disse no meio da confusão: – O senhor? Fuja, fuja.

Não fugi, e acabámos por dominar os três homens que, gritando insultos, e chamando corno ao patrão, saíram.

O Oliveira disse: – Vamos embora daqui.

– Para onde? – perguntou o Matos que, mais o Carvalho, discutia com o patrão o preço das chávenas partidas.

– Vamos para a praia. Vamos tomar banho para o lado de Buarcos. Do que a gente precisa é de um bom banho – disse o Rodrigues.

O patrão em ceroulas e o criado em cuecas insistiram que não fôssemos, que tomássemos o nosso café. Bebemos rapidamente o

líquido negro que sabia a pano sujo. A gorda rosnava impropérios, e increpou o criado: – Saia daqui, seu malandro, vá-se vestir. Assim nu diante de mim!

O Rodrigues, da porta, disse-lhe: – Se a senhora acha que homens em cuecas estão nus, venha connosco à praia, e vai ver como é.

– Herculano, esse homem está a ser malcriado comigo! – gritou ela. Mas o marido, sacudindo as ceroulas com as mãos, riu para nós, que já entrávamos nos automóveis.

Eu ia agora no carro do Matos, com o Rodrigues e o Luís. Ao voltarmos a esquina, uma pedra partiu o vidro traseiro, e passou rente à minha cabeça. O Matos, sem abrandar, comentou: – Vidro a mais, vidro a menos, até é pouco para a sova que comeram.

Os dois carros pararam à beira da praia, antes do local em que os barcos costumavam estar, e onde só havia alguns, velhos e abandonados, negros no dia que clareava. Despimo-nos, deixando as roupas nos carros, e corremos para a água em cuecas. Mas, à beira de água, o Rodrigues despiu as cuecas, e começou uma dança frenética, com corridas em que as sacudia ao alto, como uma bandeira, no braço erguido. E gritava: – Nus! Nus! Como Nosso Senhor nos pôs nesta vida!

Todos o imitámos, menos o Macedo que foi despido à força, e resistia, segurando as cuecas com ambas as mãos, e protestando: – Não, não, deixem-me, já basta de traições!

Ficou sentado na areia, quando corremos para a água, empurrando-nos uns aos outros, aos gritos, fingindo vergonha. Foi quando à nossa frente um clarão irizou como uma rajada de vento as águas pardas. Voltámo-nos. O sol romperá repentinamente por cima das casas baixas, e dourava-nos dos pés à cabeça. Parados, olhávamos para ele com as mãos em pala, fascinados, sentindo nos tornozelos uma brisa que crepitava pela areia fora. Voltámo-nos então vagarosamente para o mar que estava dourado também. Só o côncavo das ondas se azulava cavo, para espriar-se numa espuma

de ouro.

A meu lado, o Rodrigues segurou-me a mão. Baixei os olhos com aflição e pasmo, e procurei soltar a mão que ele apertou.

– É bonito, não é? É como se o mundo começasse... – disse. E depois, apertando-me mais a mão, segredou-me: – Tu hoje... tu ontem viste-me aqui, não viste?

Soltei a vista sobre o mar, e perguntei em voz baixa:

– Que queres tu que eu te diga?

Ele, desprendendo-me a mão, percorreu com as suas o corpo até às coxas e de olhos fechados murmurou: – Diz-me que a água lava tudo.

O Macedo, com a pelagem brilhando, estava ao nosso lado. E tinha ouvido, porque disse, baixinho também: – Quase tudo.

Os outros estavam todos parados, a olhar para nós. E foi com uma solenidade igual à nossa, que nos seguiram para dentro da água, que não espadanou em volta.

PARTE TERCEIRA

XIII

Era manhã alta, quando entrei em casa. Só a porta da cozinha estava aberta. Minha tia, no fogão, fazia café. Sorriu para mim, e disse: – Bom dia. Já tomaste café? –. Correspondi ao sorriso, e sentei-me calado à mesa da cozinha. Ela pôs-me uma chávena, chegou pão e manteiga para o meu alcance. Serviu-me da cafeteira, e sentou-se num banco ao pé da mesa.

– Estás triste? Os homens são assim... Fazem uma pândega para alegrarem-se, e depois ficam tristes – e fitou-me os olhos azuis e límpidos.

– Não, tia, não estou triste.

– Não? É porque ainda és novo. O teu tio, quando faz das suas, ainda fica pior do que estava antes. Sabes que ele ontem comprou um rádio enorme, só para os espanhóis ouvirem as notícias? Eu quero é saber quem paga. Puseram o rádio na biblioteca, e passaram lá o fim da tarde e estiveram até altas horas, ouvindo as notícias de toda a parte e a jogar com o teu tio. Quando souberam da morte do general, ainda pensaram em ir no comboio da noite para Lisboa. Mas depois ouviram notícias de que os revoltosos estão às portas de Madrid, e mudaram de ideia. Eles dizem que se Madrid for tomada, a revolução ganha, e que, se não for, vai haver guerra civil, e quem sabe, guerra geral. Tu já pensaste? Guerra mundial por causa da Espanha? Tu nunca estiveste em Espanha, pois não? Eu estive, quando me casei com o teu tio. Fomos em viagem de núpcias até Madrid e San Sebastian. Mas não gostei. É tudo muito sujo, toda a gente muito mal vestida, e só se veem descampados pela janela do rápido. Em Madrid, estivemos uns dias num hotel muito bom, na Gran Via. Mas a praia, em San Sebastian, não é melhor que a Figueira. Eu acho que não é. Guerra mundial por causa dessa gente? Tu já pensaste? Esses que aí estão, eu nem os entendo. O que eles querem é pretexto para ficarem de fora. Escondem-se, depois querem ir, depois já não querem. E entretanto jogam as cartas com

o teu tio.

Eu, de repente, deixei de a ouvir. Alguém me sacudia. Levantei a cabeça, e vi-a debruçada para mim: – O melhor é ires para a cama. Senão ficas a dormir aqui na cozinha.

Levantei-me e, tonto de sono, subi para o meu quarto e caí atravessado na cama. Quando acordei, comecei por ver o teto muito distante e fosco. Sentei-me. Descalcei os sapatos. Depois, levantei-me e despi-me, enfiei o pijama e fui tomar banho. No corredor, chegou-me aos ouvidos uma vozeria e um estralejar continuado, sob o que havia um guincho fininho. Estavam a ouvir o rádio. O banho soube-me bem, mas senti a cabeça ainda mais vazia do que ao acordar. Não me lembrava de nada, ou só me passavam no vazio da memória imagens vagas que fugiam ou eu as afugentava, assustadas. Era como se tudo tivesse sido há séculos, com outras pessoas, comigo só de espectador, e eu não me quisesse lembrar do espetáculo desagradável e confuso. E senti subitamente uma saudade cruciante do ano anterior de Lisboa, dos meus amigos de Lisboa, da Maria Helena. Desejei-me dias antes, descendo a avenida com ela pelo braço. Voltei para o quarto, e senti fome. Eram quatro horas da tarde. Vesti-me e desci. Entrei na biblioteca. Os dois espanhóis e meu tio sentados a uma mesa coberta de pano verde, com outra mesa ao lado, coberta de copos e garrafas, jogavam animadamente, enquanto o rádio, entronizado noutra mesa, estalava e roncava, apenas permitindo que mal se ouvisse um sujeito falando frenético. O meu tio saudou-me: – Então, grande pândega, das de arromba. Ah quem me dera na tua idade! Se a tua mãe soubesse que eu te deixava assim à solta, matava-me. E talvez não. Que ela sabe tanto da vida, que era capaz de nem perceber. Aqui entre nós, eu nem sei como o teu pai te conseguiu fazer com ela.

Os dois espanhóis perceberam mais ou menos o que ele dizia, e ficaram de olhos nas cartas, sem os levantar para mim. Eu... estranhamente, não senti o choque que esperava. O meu tio

continuou: – Aqui os nossos amigos estão à espera de ver se a coisa lá em Espanha se resolve agora. Porque, se não se resolve agora, é guerra para lavar e durar. E talvez a gente tenha guerra. Agora é que eu me vou rir. Fico de palanque, e vocês é que dão todos o coiro ao manifesto – e, com um grande uivo, lançou uma cartada que arrebanhou (reparei então) todos os feijões apostados sobre a mesa. Ele vangloriou-se: – Estás-me a ver a ganhar o meu feijão? Agora é a feijões... Mas está tudo inscrito aqui – e mostrou um papel ao lado dele –, e, quando chegar a hora do ajuste de contas, tudo isto é dinheiro. Aqui os nossos amigos, quando a revolução acabar, pagam-me os feijões todos –. Fez o novo assento, contando cuidadosamente os feijões. E, enquanto baralhava e dava com presteza, disse: – Tu já viste, sim tu já tinhas visto, o rádio. É um rádio dos bons. Ouve-se tudo. Parece que a Espanha está dividida em duas, ou em três, ou quatro. E vamos ver o que acontece em Madrid.

Os dois espanhóis tentaram explicar-me o que estava na mão dos revoltosos, e o que não estava. Mas a minha vaga geografia da Espanha não era bastante para eu visualizar as explicações. Além disso, a fome que eu sentia fazia-me surdo e distraído. Assenti de cabeça, e despedi-me. O meu tio gritou: – Isso, põe-te a andar. Quem não joga só perturba.

Desci à cozinha, onde minha tia me deu um lanche substancial.

– Então já dormiste tudo? Estás melhor agora?

– Estou ótimo. Será que o tio quer alguma coisa lá de baixo?

– Acho que não. Ele combinou com uma tabacaria que o empregado venha cá trazer os jornais e cigarros.

– É mais um a entrar aqui.

– Mais um ou menos um, tanto faz. Vem o rapaz da mercearia, vem o do talho, vem a peixeira e a mulher da hortaliça, não faz diferença que venha mais esse. E os espanhóis não saem lá de cima. Nem o teu tio os larga.

– Mas o tio agora não sai? Se começam a sentir a falta dele?

– Sai. Ainda ontem à noite ele esteve no casino. Depois que voltou é que ainda jogou com eles.

– Esteve no casino? Não o vi?

– Não? O casino é grande.

Ficou pensativa, franziu os lábios em bico, e disse: – Eu nem sei por que aturo isto. Podia estar regalada em casa da minha mãe, em Coimbra. Ela está sempre a dizer-me que deixe o teu tio e vá viver com ela, que quanto mais perto dela eu estiver mais ganho da herança. Mas eu não quero que as minhas irmãs, as minhas irmãs estão de mal com ela, não quero que elas pensem que eu me aproveito da situação. E depois... Sabes?... entre dois doidos, o teu tio e a minha mãe, não sei qual será o pior.

Ela ia falando as suas razões e sem-razões, e eu rememorava a figura dessa mãe que pessoalmente nunca vira, mas conhecia de tradição, pelo que meus tios, cada um por seu lado, diziam, pelas lendas que corriam na minha família, pelo que mesmo contavam dela rapazes de Coimbra. Subitamente, enquanto minha tia continuava a falar, vi-me em casa do Puigmal, passando pelo sujeito que chorava, e em casa do Mesquita, vendo-o ao telefone a contar à namorada aquela história. Porque me não lembrara então do caso da sogra do meu tio? Só podia ser por serem, para mim, compartimentos estanques as aulas e as férias. O Puigmal pertencia às aulas. A mãe de minha tia, mesmo comentada à sobremesa dos jantares de família, na minha casa, pertencia às férias. Os casos, de resto, não eram iguais, senão até certo ponto. A sogra do meu tio era viúva. A outra era casada. Aquela não tinha filhos. Esta tinha quatro filhas, e uma raiva medonha dos genros. Todas as filhas tinham, uma a uma, fugido de casa para casarem, menos a minha tia. Por isso, ela não cortara relações com esta filha, cujo casamento aceitara. Porquê? Ambas caçavam os rapazes que queriam. Seria que a mãe da minha tia odiava os genros por gostar deles como homens, ou pela razão contrária? Nesta hipótese, teria ela gostado de meu tio, e detestá-lo-ia por razões diversas das que a faziam

detestar os outros genros? A verdade é que meu tio pagava-lhe na mesma moeda. E isto tornava uma incongruência o facto de ele despedir as criadas, alegando que tinham de ir para Coimbra, por ela estar muito mal. Se ele, quando se lembrava dela (gritando que não precisava do dinheiro que ela aliás não dava mais a esta filha que às outras, ao que minha tia nunca deixava de acentuar), lhe desejava a morte em altos brados! Mas talvez que isto fosse mesmo a explicação aceitável por ele e pelas criadas também. Ele ia a Coimbra, para ver morrer a sua inimiga... Viúva e rica, a mãe de minha tia criara as filhas numa pompa inaudita, no Porto e em Coimbra, e por outras terras onde tinha casas. Aliás, ela passava a vida de casa em casa, sem parar. Só ultimamente se fixava com maior frequência em Coimbra. E diziam as más-línguas que a Lusa Atenas, com a sua população flutuante de estudantes, lhe era favorável à comodidade de um recrutamento fácil e variado. Uma vez, já não me lembrava se o Matos, se o Oliveira, ou outros, tinham falado maliciosamente nela. E o Rodrigues, secundado pelos «figueirenses» de adoção colegial, tinha-a defendido, por atenção a minha tia.

Levantei-me, interrompendo com esse movimento o fluxo de palavras, que minha tia entremeava com o descascar de batatas, que iniciara entretanto.

- Vais sair?
- Vou, tia. E hoje se calhar não janto, depois deste lanche...
- Então isso é coisa séria. Vais ficar fora hoje também?
- Não tenciono. Voltarei cedo.

Fui até à praia, mas, quando me aproximava das barracas, hesitei. As senhoras deveriam já saber, embora sem pormenor algum, da noite passada. Arrepiei caminho. E já me afastava, quando voltei atrás, descí, e fui passando em frente das barracas. Em várias, fui saudado com muita cortesia. Já sabiam que eu chegara... Como iam os meus estudos?... Eu respondia, olhando para o grupo, que já vira, lá adiante, da Mercedes com o irmão, e

outros rapazes e raparigas. O Almeida, ou lá como se chamava, não estava. Cumprimentei os pais dela, e juntei-me ao grupo. O Zé e os outros – a maioria dos quais eu não conhecia – olharam-me ambiguamente. E pareceu-me ver nos olhos do Ramos uma frieza de reprovação. As raparigas, e em especial a Mercedes, desfaziam-se em sorrisos. Era evidente que lhes constara alguma coisa, e, contraditoriamente, num misto de fascínio e de receio, eu subira muitos pontos na consideração delas, como participante de uma aventura fantástica. Longínqua que ela me parecia, a minha memória diminuía-a de tal modo, que só ficava a atração palpitante que elas sentiam por mim. E provavelmente era de todos nós eu o primeiro que lhes aparecia, e aureolado do mistério coletivo de uma pândega terrífica. Eu, inclinando-me para a Mercedes que me dera lugar a seu lado, perguntei: – Você ontem não me conheceu?

– Então não conheci? Eu não lhe falei? Mas vocês pareciam tão absorvidos na conversa, que eu não quis interromper senão o indispensável.

– Foi bom o passeio?

– Foi ótimo – e calou-se.

– Parece que você não se divertiu muito.

– Porquê?

– Diz que o passeio foi ótimo e mais nada...

– Que queria você que eu dissesse? Ir de passeio a Tavadrede não é o mesmo que ir à China.

– Não. Mas em Tavadrede há coisas que ver. Aquele palácio lá é muito bonito. Será que você o viu? Se calhar você nem se deu conta... Não teve olhos para coisa nenhuma.

Ela sorriu, e ajeitou o cabelo que usava caído e lhe enquadrava as feições longas e finas, em que só os lábios grossos destoavam com especial encanto: – Está muito enganado... Eu não perco assim a vista por aí – e fitou-me com uma expressão de desafio.

– Pois sim. Mas você agora não tem licença de olhar como dantes.

– Não tenho? Porquê?

Eu brinquei com a areia, deixando-a cair da mão fechada. Depois, olhei-a, sem responder-lhe.

A conversa generalizou-se, sem importância, até que a Mercedes me disse: – Jorge, eu preciso de falar consigo.

Levantou-se e disse: – Ó mãe, não me sinto bem, estou cansada, volto para a pensão.

O Zé levantou-se também, ao mesmo tempo que eu, e ela deteve-o: – Não, fica. Eu já pedi ao Jorge que me acompanhasse.

Aquilo era tão insólito, que senti todos os olhos pregados nas nossas costas. Saímos da areia para a avenida, e fui caminhando ao lado dela, sem dizer palavra. Já longe, ela parou, e levantou para mim os olhos fundos: – Você já sabe que eu vou casar com o Mário?

– O Mário? Ah o Almeida. Eu conheci-o ontem.

– Mas sabe que eu vou casar com ele, não sabe?

– Sei.

– E que é que você pensa?

– Eu? Que é que eu hei de pensar? Não tenho nada com isso. Você é livre de casar com quem quiser.

Ela ficou olhando a praia e disse depois: – Sou, de certa maneira sou. Mas... eu julguei que você gostava de mim.

– E... que tem isso? É com ele que você casa.

Voltou-se para mim: – E eu gosto dele, sabe?

– Foi só para me dizer isso que me fez vir consigo?

Pousou-me a mão no braço: – Não foi. Mas é uma aventura tão grande...

– Sua e dele, não é?

Ela não respondeu, e retirou a mão. Continuámos a andar. Eu perguntei: – Onde é que ele está?

– Foi ao Porto. Tinha coisas que tratar.

Os passos iam-nos levando para os varandins da ponta da praia. Subimos as escadas, lado a lado, devagar, e encostámo-nos na

balaustrada. As ondas cobriam de serena e lenta espuma as rochas. Ela disse: – Ontem, quando o vi... Responda sim ou não... Você gosta de mim?

Eu senti uma ardência de ternura, e murmurei, passando-lhe a mão pela cintura que ela não desviou: – Gosto.

Ela rodou, ficou encostada a mim: – Porque foi que não nos namorámos, a sério, no ano passado?

– Nem sei – e afagava-lhe os cabelos –, mas talvez no ano passado ainda fôssemos crianças, e hoje não somos.

Passos e vozes fizeram que nos separássemos. Quando o grupo desapareceu, eu apertei-a nos braços e beijei-a longamente na boca que ela entreabria, e no rosto, no pescoço, até que ela, ofegante, me afastou de si. Mas, olhando-me, passou os braços no meu pescoço e foi ela quem me beijou num abraço que envolvi com força, encostando-lhe o corpo à balaustrada e esmagando-lhe os seios contra o peito. Mas, embora sentisse um desejo ardente que palpitava esmagado entre mim e ela, as minhas mãos não fizeram mais do que isso. Quando nos separámos, ela disse, desviando os olhos: – E agora?

Eu segurava-lhe as mãos e beijava-lhe os dedos. Ela repetiu: – E agora?

Olhei-a nos olhos que tremiam: – Agora o quê, meu amor?

– Que vamos fazer?

– O que tu quiseses.

Ela soltou as mãos, e pôs-mas no rosto: – Mas eu não sei o que quero – e vi-lhe os olhos perlarem-se-lhe de lágrimas.

– Não sabes? Queres que eu te diga?

Ela acenou que sim com a cabeça.

– Vais namorar comigo. Eu quero que sejas minha.

Ela afastou-se de mim e pousou as mãos, com os braços esticados a empinar-lhe os ombros, no balaústre, e murmurou: – É tão fácil dizer isso... Também o Mário quis...

Ouvi a voz do Macedo explicando as razões da sedução do

Almeida, e senti uma fúria que me cerrou os dentes: – E tu, de quem queres ser?

A minha voz foi tão sibilada, que ela voltou-se num susto que lhe arregalava os olhos. Novamente passos, vozes e risos passaram por trás de nós. Ela olhou para o chão, e foi assim que me respondeu: – Tua... –. Novamente a abracei e beijei, desta vez sentados no banco de cimento que havia num recanto, e ela abandonava-se-me nos braços, de olhos fechados. E depois ficámos sentados, de mão dada, olhando o mar, enquanto eu falava devagar, numa voz mansa, fazendo planos de vida. Ela não dizia nada, e apenas me apertava a mão de vez em quando. Anoitecia já. O Sol, encoberto por nuvens escuras que se debruavam de vermelho, não se sabia, atentando agora nele, se estava ainda suspenso sobre o mar, ou se já mergulhara nas águas. Eu lembrei-me vagamente dos versos que escrevera na véspera e que deitara fora, ali mesmo. Sorri comigo. E ela disse: – É tarde, vamos embora.

Levantámo-nos, e fomos andando até à pensão. Eu continuava a fazer planos: iria para o Porto, acabaria o curso, estaria sempre com ela, e depois casávamos. Ela ia a meu lado calada, apenas sorrindo às vezes para mim. Na esquina da rua da pensão, apertei-lhe longamente as mãos e perguntei: – Vejo-te logo à noite?

– Não, é melhor não. Amanhã de manhã, na praia – e soltou as mãos, e encaminhou-se para a porta da pensão. Aí, voltou-se, muito esbelta e frágil, com os cabelos caídos, e sorriu-me de relance antes de entrar.

Fui andando para casa. Quando entrava o portão, senti no bolso, e apalpei-os, os postais ilustrados que comprara na véspera. Estavam todos amarrotados e quebrados. Para o que era, serviam. O cão saltava à minha volta. Uma paz cinzenta cobria o jardim todo, e congelava os ramos das palmeiras. Mal ouvi a minha tia que me disse que afinal eu chegava a horas, daí a pouco íamos jantar, e subi para o meu quarto. Fui às janelas e abri-as para trás. O mato que alastrava do mirante à casa estava já na sombra, e restolhava

levemente. Um cheiro de campo, morno e como que temperado de sal marinho, vinha até mim que o aspirei feliz. Sentei-me à mesa, e comecei rapidamente a escrever para a minha família. Mas não se via quase nada e acendi a luz. Quando a acendi, lembrei-me de que tinha de escrever à Maria Helena. Escreveria uma carta acabando tudo. Mas acabando o quê? Eu não tinha compromisso nenhum com ela. A diferença que havia entre ela e a Mercedes era tão grande! Como a que ia de uma escada escura até ao mar largo em frente à balaustrada. Não escreveria. Tudo acabaria em silêncio, eu não lhe apareceria mais. Ela não tivera para mim a mínima importância. E era uma rapariga que, mal me conhecendo, quase se me entregara. E eu mal a conhecia. Senti um baque surdo. E a Mercedes, eu conhecia-a melhor? Noiva do Almeida, não se abandonara aos meus braços e aos meus beijos? Não os procurara até? Porque afinal gostava de mim, e porque eu gostava dela. Ao ver-me, ela percebera que de mim é que gostava. Novamente ouvi o Macedo dizendo as suas tolices. Sim... mas era de mim que ela gostava. E desci para o jantar.

¹ Embora mantendo as duas primeiras letras, o Autor parece ter hesitado no nome desta personagem a quem anteriormente (e posteriormente) chama Manuel. Mantivemos a discrepância. (*Nota de Mécia de Sena nas mais recentes edições da obra.*)

XIV

Ao jantar comi pouco, abstrato, desatento das conversas. Os dois espanhóis e os meus tios pareciam, como a mesa, flutuar no espaço, brilhando em fosforescências vagas, num vozear distante em que talheres tiniam.

Meu tio, chamando fortemente por mim, causou-me um sobressalto: – Rapaz, que é que tu tens? Estás com saudades da tua casa e de Lisboa? Ou estás com saudades da noite de ontem?

Os rostos dos espanhóis e de minha tia sorriam-me com complacência, e ele repetiu: – Tu nem comes, tudo isso é saudade?

– Não, pelo contrário. Não tenho saudades de nada.

– Oh que homem feliz! – e explicou minuciosamente aos espanhóis que eu não tinha saudades de coisa nenhuma, nem de ninguém.

Havia tristeza agora na complacência com que ambos me olhavam, e Don Juan, o mais velho, falando pausadamente, explicou que nós, os portugueses, tínhamos a convicção de que, em nenhuma língua, havia palavra equivalente à nossa «saudade», e que, portanto, os outros povos não sentiam aquilo que nós chamávamos assim. Brincou com pedacinhos de miolo de pão, e prosseguiu: – Mas essas coisas são humanas, não têm nada de transcendente, de especial, ou de especificamente português. As pessoas têm saudades, como os portugueses dizem, de tudo o que hão perdido, de tudo o que não hão tido, ou mesmo de qualquer coisa, pessoa ou lugar de que estão separados. E não é verdade que as outras línguas não tenham palavras para dizer desse sentimento de *la soledad*.

Meu tio exclamou: – Mas *soledad* em espanhol...

– Em castelhano – interrompeu o mais novo, o basco.

– *Soledad*, em castelhano, equivale a «solidão» em português. E a saudade é uma coisa que se pode sentir dentro da gente, mesmo que haja muitas pessoas à nossa volta.

Don Juan sorriu e disse: – Mas, Don Justino, também a solidão se pode sentir entre amigos... *La soledad*... O senhor faz tudo para nos ocupar, nos distrair, nos acompanhar; e eu – levou a mão elegantemente ao peito – eu sinto-a, longe dos meus e do meu país por cujo destino temo.

No silêncio que se estabeleceu, eu disse: – E mesmo a solidão, a gente pode senti-la sem razão, sem saber porquê. Como uma espécie de vazio à nossa volta, ou uma falta de sentido das coisas que nos acontecem a nós ou que a gente vê acontecer.

Meu tio olhou para mim: – Tu estás filósofo, rapaz, essa arte eu não te conhecia. Continua, continua.

– Não tenho mais que continuar. Senti assim.

Don Fernando, o basco, disse: – Porque *usted* é ainda muito jovem, e não aprendeu a viver com a consciência do povo a que pertence. *Usted* é uma vítima desta sociedade em que vive, e que não oferece a um jovem como *usted* nada de verdadeiro que o entusiasme.

– E eu, eu? – exclamou meu tio. – Eu que também sinto o que ele diz?

– *Usted*, Don Justino, é... – e calou-se.

– Diga, diga – exigiu meu tio.

– É um homem muito mais velho, que sofreu desgostos, que não tem uma razão de viver.

Minha tia olhou para o marido, eu fiquei à espera do que sairia de dentro dos olhos brilhantes e das mãos que tremiam acendendo o cigarro acabado de lamber.

– E não tenho mesmo, não tenho – e ficou contemplando o seu próprio fumo que subia. Depois, disse: – Às vezes, nas aulas, eu dou comigo a falar, a explicar, a gritar, a bater nos alunos, porque eu bato neles, e pergunto-me a mim mesmo o que estou ali a fazer. Outras vezes, a jogar, eu fico com as cartas no ar, ou seguindo com os olhos a bolinha da roleta, e pergunto-me que sentido tem aquilo tudo. A única coisa que tem sentido, porque apetece e mais nada, é

uma boa mulher. Mas eu, mesmo com uma boa mulher – e lançou um olhar de viés, muito gelado, a minha tia –, quando aquilo acaba, não sei o que procurava nela, e vejo-lhe defeitos que não tinha visto.

Don Juan quebrou o constrangimento, dizendo: – Porque o amor é cego, e só quando se satisfaz é que vê... até à primeira ocasião.

Mas meu tio mergulhara em melancolia: – Não, não é. O amor não é cego, nós é que somos cegos para ele. A gente olha e não vê. E, quando vê, já passou a ocasião. Tanto faz que seja, porque tivemos alguém que julgávamos que queríamos, como porque não tivemos quem só depois percebemos que afinal a gente queria. E o pior ainda não é isso. O pior é a gente, mais tarde, saber que nos era indiferente alguém que julgámos desejar muito. Vejam o que aconteceu comigo. Eu não fiz a carreira que sempre tinha sonhado. E desespero-me com isso. Mas, se a tivesse feito, se calhar desesperava-me com ela, porque não tenho jeito nenhum para a vida militar que era a minha. Eu estive prisioneiro na Alemanha e fugi para a Holanda, com uma mulher que me deu todo o amor de que era capaz. Também eu lho dei. E depois, quando saí da Holanda para voltar, foi muito menos para voltar que para fugir dela. Nessa altura, conheci esta – e fez de cabeça um movimento que indicava a minha tia – que de resto eu já conhecia. E casei com ela. E gostava dela. Mas sempre ela me lembrava a outra. Das duas uma, ou casei com ela porque ela me lembrava a outra e por isso mesmo, de cada vez que a olhava, me apetecia tornar a escapar, ou casei com ela para escapar da outra, e acabei não escapando de nenhuma. Há ainda uma outra hipótese. É eu ter casado com esta pela vaidade de casar com uma das filhas da Madame Simões, da rica e celebrada Madame Simões, quando me queria convencer e a toda a gente de que a minha vida não tinha acabado, a minha carreira não estava encerrada. Porque eu era um inválido de guerra. Mas o mais certo é que, desconfiado de que não tinha carreira nenhuma, julguei que casava com o dinheiro dela. Depois, nasceu o meu filho... Eu já lhes

contei do meu filho, não contei?

A aflição dos dois espanhóis mostrou-me que, entre duas partidas de poker, ele já devia ter contado, agora, ou já muito antes. E eu nem levantei os olhos para minha tia. Mas meu tio foi interrompido pelo mais velho dos espanhóis que lhe disse, com severidade seca: – Don Justino, essas coisas podem acontecer a qualquer pessoa. Isso não faz que sejam, para quem as sofre, uma dor menor. Mas não se pode ficar a vida inteira chorando uma criança que morreu. Também eu tive um filho que morreu como o seu, e nunca lhe falei nisso.

– Porque o senhor não ficou amarrado a uma mulher que não pode ter outros.

Minha tia saiu. E Don Juan disse: – *Usted*, Don Justino, não perdoa isso a sua esposa. Mas o senhor mesmo me contou que não quiseram, muito tempo, ter outros filhos. E quando enfim tornaram a querer foi que tudo aconteceu. Pense que é talvez a mesma coisa que o senhor disse que sucede com o amor.

Meu tio fitou-o, com a testa dolorosamente franzida: – O quê?

– Saber que era indiferente alguém que desejámos muito.

Houve um silêncio, e meu tio perguntou: – Quer dizer que eu não queria o filho que tive?

– Não o sei – disse cautelosamente, mas com firmeza, Don Juan –, mas talvez que o senhor não perdoe a si mesmo não o ter querido. E seja para castigar-se que pensa tanto nele e o acha tão maravilhoso, e culpa sua esposa pela morte dele, e por não poderem ter outros. Don Justino, eu não quero molestá-lo, *usted* me perdoará de lhe falar assim. Mas eu penso que devemos enfrentar a verdade; e, se não temos coragem de enfrentá-la, porque nos faria sofrer muito no mais fundo de nós outros, ao menos devemos alimentar uma grande dúvida sobre as razões que nos cumprem, para não fazermos sofrer os outros.

– E o senhor acha que eu faço sofrer a minha mulher? – perguntou meu tio, com os olhos fuzilando.

Don Juan, erguendo bem a cabeça que parecia daqueles tribunos de bigodes, que figuram nos livros de história, aguentou-lhe o olhar: – Eu acho.

– Mas o senhor não a vê? O senhor acha que aquilo é capaz de sofrer alguma coisa?

– Toda a gente, Don Justino, é capaz de sofrer. Uma pessoa frívola, e sua esposa não é frívola, pode sofrer pelas suas frivolidades. Uma pessoa de grande consciência e grande sentimento de honra pode sofrer pela honra. Uma pessoa abnegada sofre pelos outros. Uma pessoa egoísta sofre de que nem todos se curvem aos seus caprichos. Parece-lhe que alguma mulher se sentirá feliz por lhe lembrarem constantemente que é menos mulher?

– Qual menos mulher! O que fica é à solta, livre.

– E parece-lhe que alguma mãe aprecia ser culpada, constantemente, da morte de um filho?

– Uma mãe desnaturada...

– Mesmo desnaturada, não gostará que lho digam.

Don Juan aguardou uma resposta de meu tio, que não veio. O cigarro apagado ia de um lado a outro da boca, e uma das mãos enfiou os dedos no cabelo. Então, Don Juan disse: – Don Justino, eu peço-lhe um favor, além dos favores que lhe devemos, tão grandes. E pode ser que este, para si, seja ainda mais difícil do que tudo o que tem feito por nós. Mas não torne a faltar ao respeito a sua esposa, diante de nós.

O outro nem com um gesto reiterou o plural; mas o facto de ficar imóvel, sem olhar o meu tio, falava por si.

Meu tio interpelou-me: – E tu, tu aí, também intercedes pela tua tia? Também reclamas?

Eu, apesar de fascinado pela conversa, e sobretudo pela persuasão com que Don Juan o dominava, não conseguia deixar de sentir-me distante, banhado numa claridade terna e feliz, que me punha crepitações pelo corpo adiante, como se a Mercedes estivesse encostada a mim. Mas, num esforço, respondi: – Se o tio fizesse o

possível por não ofender a tia, assim diante de qualquer pessoa... Ela é tão boa...

Ele soltou uma exclamação e disse: – Pois aí é que está o mal, nisso é que está o mal! A tua tia é boa, sim, e não é preciso pouco para aturar-me. Se ela fosse má, tudo era muito mais fácil.

Foi a vez de o espanhol mais jovem intervir. Levantou-se também: – Don Justino, o senhor é um cavalheiro... Não é preciso dizermos mais nada.

– É, sou um cavalheiro. Pois sou. Mas não prometo coisa nenhuma – e desatou aos gritos: – Mulher! Mulher!

Mas minha tia não veio.

Os espanhóis entreolharam-se, disseram que era a hora de ouvirem as notícias, e saíram para fecharem-se na biblioteca. Eu fiquei diante de meu tio. Ele levantou-se, e disse, com um movimento de cabeça, que indicava os espanhóis: – Tu sabes quanto eles me devem? Quanto eu lhes ganhei até agora? Quantos feijões ambos me devem? Quatro mil setecentos e trinta e cinco.

Nisto, soou o badalo que havia ao lado do portão. Ambos estremecemos. A vozearia, acompanhada de estalos e guinchos, que se ouvia no andar de cima, calou-se. Minha tia veio correndo da cozinha, e parou interdita, tão interdita como nós, entre portas. O badalo soou outra vez, logo seguido dos latidos do cão.

Meu tio apoiou-se na bengala, com a testa franzida, e disse-me: – Anda, vamos ver quem é.

E, a meu lado, pela avenida escura das palmeiras, ia dizendo em voz baixa: – Se for polícia, tu não sabes nada. Se for visita, entra, e a gente recebe-a aqui em baixo – onde sempre, na sala de jantar, recebia as pessoas todas.

Entre as grades do portão, junto do qual o cão rosnava, distinguia-se um vulto que o candeeiro da esquina fracamente iluminava.

Era o José Ramos.

Meu tio reconheceu-o logo: – Ó Zé Ramos, que é feito de si? O

que o traz por cá?

– O senhor tenente desculpe-me vir a sua casa, e, para mais, a esta hora. Mas eu precisava, urgentemente, de falar com o Jorge. E não o encontrei em parte nenhuma... Calculei que estivesse aqui. Mas não quero incomodar.

– Não, não, toca a entrar. A casa é grande, há espaço para muita gente.

– Muito obrigado, mas não vale a pena –. E dirigiu-se-me: – Podíamos dar uma volta, e conversar. Não podes vir?

– Posso.

– Então anda. Boa noite, senhor tenente. E, mais uma vez, queira desculpar.

Saí, e fomos andando os dois, sem trocar palavra. Eu sentia-me tão seguro, que a segurança me dava uma sensação de estranheza, sobretudo ao lado dele. De súbito, ele parou.

– Eu quero que tu me expliques o que aconteceu hoje.

– Explicar o quê? E de quê?

– O que aconteceu com a minha irmã. Escusas de arvorar cavalheirismos, e fazer-te desentendido, porque ela contou-me tudo. Foi por isso mesmo que eu vim procurar-te.

– Se ela te contou tudo, que queres tu que eu te diga?

– O que tu pensas, o que tudo isto significa.

– Eu penso que... Olha, eu gosto dela, sempre gostei, e ela gosta de mim, sempre gostou. Não há mais nada.

– E agora?

– Agora o quê? Agora, namoro a tua irmã. E hás de concordar que nem eu nem ela precisamos de pedir-te licença.

– Sou irmão dela. E ela está noiva. Sabes perfeitamente que ela está noiva.

– És irmão dela, e és meu amigo. Eu considero-te como tal; e também eu te ia procurar para te dar as explicações que me vieste pedir. Se não fui... nem sei... fiquei tão feliz com o que aconteceu, que nem me lembrei de mais nada.

– Mas ela está noiva. Como podes aparecer de repente, e estragar tudo?

– Zé... – nenhum noivado é definitivo. Se eu tivesse andado atrás da tua irmã, para desfazer o dela... Mas precisamente o que mais importa e explica tudo é que eu não andei, foi tudo repentino.

– Por isso mesmo.

Eu segui pela rua fora, sem sequer verificar se ele me acompanhava, e, como que saboreando a felicidade, dizia-lhe: – Mas o acontecer assim de repente é o que prova duas coisas... Que não foi de repente, e que a tua irmã estava enganada. Repentinamente, nós ambos vimos que sempre tínhamos pensado um no outro, e que estávamos à espera um do outro. Mas o que, de verdade, era repentino e sem significado, era esse noivado absurdo.

– Absurdo?

– Sim, pelo que nos aconteceu a mim e à tua irmã.

Ele suspirou, e disse: – Todos os noivados e casamentos são absurdos. E os namoros também. Mas um compromisso não é.

– Pois não. Mas nada impede que, amanhã, a Mercedes diga ao noivo que o noivado acabou.

– Há muita coisa que impede.

– Como por exemplo?

Ele baixou a voz: – Que ela...

Eu estremeci: – Que ela?...

– Sim, que ela lhe pertença.

Eu esbofeteei-o, gritando: – É mentira! Tu queres tirar-ma!

Ele ficou impassível, e disse: – É verdade.

Ficámos silenciosos e parados.

Murmurei: – Porque me disseste isso?

– Porque é verdade –. E, outra vez silenciosos, fomos descendo uma rua.

Estávamos num jardim que eu não conhecia, e havia vultos pelos bancos.

Sentei-me num banco vazio. Ele ficou de pé, diante de mim.

Pousei os braços nas pernas, apertando as mãos.

– Zé... isso não altera nada. Eu gosto da tua irmã, e ela gosta de mim. Não foi o que ela te disse?

– Foi.

– Não é preciso ele casar com ela.

– Casas tu?

– Eu não posso casar ainda. Mas prometo. Se ela quiser. Ela sabe que vieste falar comigo?

– Sabe.

– Não lhe contes que me disseste.

Ele sentou-se a meu lado.

– Vê tu – começou –, eu não acredito nesses preconceitos, eu penso que eles têm o direito de fazerem o que quiserem...

– De fazerem?

– Foi só no Porto. Depois, nunca mais. Tenho a certeza.

– Que é que ias dizer?

– Que penso de uma maneira e que procedo de outra. Porque há de tu casar com ela?

– E porque há de casar ele?

– Por causa dos meus pais.

– Eles sabem?

– Não. Mas, se soubessem, não entenderiam.

– Mas tu mesmo dizes que não sabem. Não precisam de saber. Zé... Desculpa a pergunta que te vou fazer. Não houve, nem vai haver, consequência nenhuma?

– Não. Já passou tempo suficiente. E ele, depois que falou comigo, não lhe tocou mais.

– E porquê? Ele não pensa como tu?

– Mais ou menos. Mas é um colaborador fiel do partido.

– E é por isso que tu o preferes?

– Eu prefiro-o?

– E foi por isso que a tua irmã... – procurei desesperadamente uma expressão natural, anódina, mas só me saiu: – ... acabou nos

braços dele? Ou ele a fascinou, a seduziu?

– Eu acho que uma coisa e outra. Sabes como foi?

– Não quero saber.

E, de repente, ele exclamou, numa voz tensa e ciciada: – Jorge... eu peço-te... esquece o que aconteceu... Nós precisamos dele.

– E que tem a tua irmã com isso? Tu...

– Não, não. Tu não entendes. Agora, não pode ser.

– Porquê?

– Não posso dizer-te. Já falei de mais.

– Mas eu tenho o direito de saber, não te parece?

Ele desesperou-se consigo mesmo, não era já o rapaz frio e distante que eu conhecera: – A culpa é minha. Eu deixei que ele se aproximasse dela, quando já sabia que as mulheres não lhe resistem. Eu deixei que ficassem noivos, para encobrir uma coisa que podia não ter sido mais do que foi. E, agora, nem sequer soube afastar-te, com uma mentira qualquer. Afinal, a minha lealdade para com a família, e os preconceitos, e os amigos, é maior do que a que devo ao...

Eu pus-lhe a mão no ombro: – Para que precisam vocês dele?

– Para pilotar o barco.

– O barco? Qual barco?

– O barco em que vamos fugir para Espanha.

– Quem vai fugir?

– Tu não conheces. Eu, o Macedo, mais uns companheiros, e uns espanhóis que estão escondidos no Porto e aqui.

– Aqui na Figueira?

– Sim.

– Vou dizer-te uma coisa. Há dois escondidos em casa do meu tio.

– Eu já desconfiava.

– Por causa dos cigarros?

– Não só. Mas também porque soube que o teu tio andou à procura de um dos outros. Só podia ser para entrar em contacto. E

que razão teria o teu tio para isso, se alguém escondido lhe não tivesse pedido?

– Vocês estão bem informados.

Ele sorriu, com alguma vaidade: – Nem tanto...

– Mas os que estão lá em casa não são comunistas.

– Agora, não importa. O que é preciso é a unidade de todos os antifascistas.

– E que vais tu, mais o Macedo e os outros, fazer em Espanha?

– Combater.

– Meia dúzia de pessoas... Que é que adianta?

– Adianta como exemplo, como repercussão.

– E aqui, em Portugal, quem é que vai saber disso?

– Toda a gente. Porque a rádio republicana dará a notícia, e a imprensa internacional também. E é um protesto, é como um protesto em nome do povo português. Para que se saiba que ele não está com os rebeldes. Neste momento, é muito importante, para desmentir a arrogância com que o governo os apoia.

– Alguém te mandou ir combater na Espanha?

– Não. Eu até fui um dos que teve a ideia.

– Quando é que vocês vão?

– Está tudo pronto. Só falta resolver umas coisas no Porto. Um golpe formidável.

– E vão daqui?

– Vamos.

– Para o Norte?

– Sim. É mais fácil.

– E podem levar os dois que estão lá em casa?

– Claro que sim. Na altura, eu aviso-te.

– Posso dizer-lhes que falei contigo?

– Podes.

– E o barco, não é preciso pagá-lo?

– Já está apalavrado. Fizemos, estamos a fazer uma coleta. Se eles pudessem dar alguma coisa...

– Eu falo nisso.

Levantámo-nos do banco. O jardim estava já deserto. Só num banco um par parecia ter adormecido.

Vimos andando até uma rua que eu reconheci. Parei.

– Zé... – disse eu. – Não cedo a tua irmã por nada deste mundo. Mas ela que decida.

– Decida o quê?

– Se quer ou não enganá-lo até vocês partirem.

– Tu não podes pôr uma decisão dessas nas mãos dela.

– Como não? Só ela pode decidir. Não posso fazer mais do que isso. Porque ela não vai com vocês, pois não?

– Não. Ela fica.

– Ele já voltou?

– Ele? Ah, ainda não. Só deve voltar amanhã à noite.

– Então, amanhã de manhã, encontramos-nos na praia.

– Está bem.

– Boa noite – e estendi-lhe a mão.

Ele hesitou levemente, antes de apertar-ma: – Boa noite.

XV

Na manhã seguinte, acordei e desci cedo; e, à mesa do café, meu tio facilitou-me entrar no assunto do barco, perguntando o que é que o Zé Ramos me queria com tamanha urgência. Mas a preocupada aflição dos dois espanhóis, e de meu tio também, quando contei, no que lhes interessava, a conversa com o meu amigo, transmitiu-me inquietações que eu não tivera. Na verdade, só o facto de ele haver concluído da permanência deles ali não justificava a precipitação de vir procurar-me repentinamente e o carácter estranho de não haver falado com meu tio, mas, pelo contrário, ter-me levado para uma conversa reservada. Eu, porém, não estava disposto a revelar mais nada. E, assim, do mesmo modo que a complicação de diversos fatores que eu não revelava me fazia ver como improvável e fantástica a história da projetada fuga, esta lhes parecia a eles não só improvável e fantástica, mas também suspeita, tão suspeita que a receberam com muito menos entusiasmo, ou nenhum, do que eu tinha esperado ou eles mesmos sentiriam noutras circunstâncias. Na noite anterior, tentando conciliar o sono, eu, na perplexidade que só aumentara depois que me separara do Zé Ramos, evitara analisar a situação, separando-a totalmente em dois casos diversos: o meu com a Mercedes, que me dizia respeito, e a fuga para Espanha, que dizia respeito aos espanhóis. Agora, a hesitação deles e de meu tio (que se recusava a compreender que o Zé Ramos – eu omitira o Macedo, receoso das relações de meu tio com o pai dele – pretendesse ir combater em Espanha, ou o Almeida, coisa que, por seu lado, os espanhóis admitiam, embora o mais velho considerasse que a luta era da Espanha, e ninguém deveria imiscuir-se com mais que a sua simpatia), pondo em causa a fuga, projetava-se em mim mesmo, pondo em causa, por reflexo, a minha situação com a Mercedes. Defendi-me, dentro de mim, enquanto eles discutiam (e quase condenavam que eu tivesse quebrado o segredo, antes de consultá-

los), dizendo comigo que, se estava falando com eles, eu não falara ainda com a Mercedes. Em sonhos, eu tinha falado. Na mal dormida agitação que a noite tinha sido, eu estivera com ela no mirante ao fundo do jardim, debruçado sobre as ondas que batiam nas rochas do fim da praia, e nas quais um barquinho à vela, com o Almeida ao leme, se afastava e aproximava ao sabor delas. A meu lado, enquanto falávamos, a Mercedes dizia adeus para o barco, e o Almeida correspondia-lhe sorrindo. O Macedo, que estava no barco (mas o Zé não, nem no sonho aparecia), fazia-me sinais obscenos, apontando para o Almeida, e gritava que as mulheres eram todas dele. Eu tremia de que a Mercedes o ouvisse, mas ela não dava mostras de sequer vê-lo, abraçando-se a mim e dizendo que era minha e de mais ninguém. De cada vez que eu a abraçava, tudo desaparecia, e estávamos num quarto de hotel, que era aquela mesma cama em que eu dormia. Mas, quando ia possuí-la, as luzes acendiam-se, e o quarto estava cheio de gente: os meus amigos todos numa grande confusão de rostos, e muitas caras desconhecidas, mas perfeitamente nítidas, que eram «o partido». Entre essa gente, o Almeida não estava. Mas a Mercedes levantava-se e esbofeteava o Macedo. E isto repetiu-se várias vezes, ou me pareceu que se repetia, até que terei adormecido de vez, e acordei com a ideia fixa de falar com os espanhóis e com meu tio.

Interrompendo-os, perguntei: – O que é que eu digo ao Zé Ramos? Vou encontrá-lo agora.

Eles discutiram entre si. A Espanha estava realmente dividida. Os rebeldes conquistavam pouco a pouco os «altos» do Guadarrama, apertavam o cerco a Madrid. Mas parecia que a capital resistiria. Dentro de dois ou três dias a situação ficaria mais definida ainda. O governo, por seu lado, apertava o cerco a Toledo. O desespero, falsamente entusiasmado, com que o Rádio Clube Português incitava os defensores do Alcázar, mostrava que a situação, aí, não era favorável aos rebeldes. O ministério presidido por Giral armara o povo, sem perder o apoio dos liberais, e controlava a situação no

território que se não revoltara ou onde as tentativas de revolta tinham sido sufocadas. Meu tio participava na discussão com apares contraditórios, em que, de súbito, julguei descobrir uma hostilidade muito maior a que os seus hóspedes forçados se escapassem, do que à oportunidade ou ao modo de o fazerem. E, para surpresa de todos, foi minha tia – que voltava da cozinha com café feito de novo – quem, pousando a cafeteira e alisando a toalha, apresentou uma solução.

Eu tinha de dizer alguma coisa ao Zé Ramos, não tinha? Mesmo que a história do barco fosse uma maluqueira impossível, estávamos todos «embarcados» nela (e sorria do seu trocadilho). Eu diria que sim senhor, que eles aceitavam a oferta, e que ficavam à espera de instruções. Não havia outro remédio.

Meu tio, que ficara a olhar para ela, disse: – Mulher, desde quando tu entendes destas coisas?

E, quando ela respondeu – «desde que elas aconteceram cá em casa» –, eu lembrei-me de que não falara no pagamento, em eles contribuírem para as despesas. E informei-os.

O dinheiro que tinham era pouco. Quanto era preciso?

O Ramos não me dissera. Mas, se a coisa fosse certa, eles não iriam deixar de embarcar por causa disso.

– Eu adianto o que for preciso – disse meu tio –, mas acho que não vai ser, porque não acredito que essa história funcione.

– E onde vais tu buscar o dinheiro? – perguntou minha tia.

– Ao seu bolso e ao da sua mãe. Se ela tem que chegue para pagar toda a academia de Coimbra, que dorme com ela...

– Justino!

– Justino, nada. É assim mesmo. Vá a Coimbra, e arranque o dinheiro à sua mãe.

– Mas tu sabes que ela não mo vai dar. Só se eu lhe prometer categoricamente que não volto para casa.

– Pois não volte, e mande o dinheiro pelo correio.

Os dois espanhóis protestaram que aquilo não tinha pés nem

cabeça, que não aceitavam. Eu levantei-me da mesa, dizendo que se fazia tarde para descer à praia, e saí.

Ao aproximar-me da praia, a primeira pessoa que, contrariadamente, vi foi o Rodrigues. Como sempre, e agora mais inquieto, começou por perguntar-me por onde eu andara na véspera, que ele não me vira.

– De manhã dormi. Depois, estive na praia. À noite, não saí.

– Não saíste?

– Não.

– Aquilo é que foi uma borgia, hein?

– Foi.

– Parece que estás arrependido.

– Eu? Arrependido de quê?

Olhou para mim de viés: – Bem... arrependido de algumas coisas... O Macedo está furioso comigo, porque tomou parte naquilo tudo e o irmão também. Mas nisso mesmo é que está a piada. Eu fiz a coisa bem feita, não fiz? Agora, vocês, os puros, já não podem falar de mim. O velho batizou-os a todos com o ósculo da paz.

– Não é a mesma coisa.

– Não é? Pois não, não é...

– Olha, Rodrigues, acaba com essa conversa – e fitei-o: – Tu sabes que eu te vi, quando te mostravas àqueles tipos na praia.

– Mas o Macedo não viu.

– Acho que não, mas foi porque eu o distraí.

– E porquê? Porque é que tu não lhe chamaste a atenção, e não foram ambos ao meu encontro, para me caçarem?

– Porque sou teu amigo, e tive pena de ti, se ele te visse.

– Eu não preciso da pena de ninguém! – explodiu, e logo acrescentou precipitadamente: – Mas o que eu estava a fazer não prova nada. Qualquer sujeito bem fornecido, como eu, e exibicionista, como eu, faz o que eu fiz, se um par de invertidos se põe a olhar para ele.

– Não sei se faz. Mas isso, junto com o que consta de ti, chega e

sobra para te liquidar. E eu acho que tu és um homem e não queres ser outra coisa.

– E quem duvida disso?

– Ninguém, por enquanto.

– Nem por enquanto, nem nunca. Eu não deixo de ser um homem só porque os invertidos passam palavra uns aos outros e me procuram. Ou me farejam, quando passam por mim.

– E, se te farejam, não será porque tu tens para eles um cheiro especial? Porque, quando olham para ti, percebem que podem continuar a olhar?

Ele assumiu ares de cinismo: – Talvez seja isso. E depois?

Eu só queria acabar a conversa de uma vez: – Depois, é contigo.

Mudou repentinamente, e, como fizera à beira de água, segurou-me a mão: – Mas tu não dizes nada a ninguém, pois não?

– Não digo. Mas hás de ficar quieto e calado – e soltei a mão.

– Quietos?

– Não tenho nada com a tua vida. Mas deixas de fingir que atiras com ela à cara dos outros.

Estávamos parados na muralha, e eu tinha pressa de descer às barracas; ele parecia hesitar. Perguntei-lhe se não vinha à praia.

– Importas-te que eu vá contigo?

– Eu? Não te faças idiota – e descemos os dois.

Passei para diante das barracas, exatamente no intervalo ao lado da dos Ramos, seguido pelo Rodrigues. A mãe da Mercedes estava lá sentada, com outra senhora, e, com um sorriso muito seco (ou me pareceu que o era) informou-nos, sacudindo as agulhas do tricot, que os outros estavam todos a tomar banho. A barraca do lado estava vazia, só com roupas penduradas. Mas era a dos Macedos, e despimo-nos lá, baixando o toldo. Quando saímos de fato de banho, o Rodrigues pavoneou-se um pouco por diante das barracas, enquanto eu me afastava já a caminho da água. Ele apressou o passo e apanhou-me: – Viste-a? Reparaste como ela olhou para mim?

– Quem?

– A outra. Sabes quem é?

– Não. Não a conheço.

– Mas eu conheço. É uma prima do Almeida, daquele oficial de marinha, que está para casar com a Mercedes. Ela é cá da Figueira. Já uma vez estive quase a ponto de... Mas um dia é dia.

Íamos andando pela beira de água, e eu, confundindo constantemente as caras que via emergirem das ondas, ou os corpos que corriam ou estavam sentados na areia molhada, não distinguia a Mercedes. Nem nenhum dos outros: o irmão, os Macedos, o Oliveira, as outras raparigas. A meu lado, o Rodrigues continuava a contar a aventura que não tinha tido com a prima do Almeida. Mas que ela fosse prima do Almeida dava-me um especial prazer, e, sem desviar os olhos da minha pesquisa ansiosa, eu disse: – Pois o que é preciso é engatares a gaja. E montá-la. Que aquilo já deve estar um pouco duro. Mas...

Ele completava: – Isso não é dificuldade para mim. Ainda mal entrei, e já rebentei com ela –, quando senti atrás de nós uma corrida que me fez voltar. Era, arquejante, o Luís Macedo.

– Nós estamos ali para trás, na barraca das Silva e Sousa.

Arrepiámos caminho, com ele trotando ao nosso lado, como um cão contente. O Rodrigues falava-lhe afavelmente, em tom chocarreiro.

Eu já distinguia o grupo, e, nele, a Mercedes, e estugava o passo, ao encontro dos olhos dela fitos em mim. Quando chegámos, dei bons dias em volta, sem fixar a Mercedes, e, seguido pelo Rodrigues, cumprimentei as senhoras que estavam sentadas dentro da barraca e eram mãe e tia das duas Sosas, um par de rapariguinhas muito insignificantes que se atrelavam aos Ramos e aos Macedos. O círculo alargou-se para nós, e eu sentei-me ao lado do Zé, ficando com a Mercedes à minha direita. A seguir estavam as duas Silva e Sousa, entre as quais, alongando o corpo reclinado num cotovelo, se deitou o Rodrigues. Estavam depois, fechando o

círculo, o Oliveira e o Macedo. O Luís sentou-se sobre os joelhos e os calcanhares, atrás do Rodrigues. Já todos menos nós tinham tomado banho. Nas costas e nos braços da Mercedes havia manchas claras de areia colada. As duas Sousas, perturbadas pela proximidade do Rodrigues, cacarejavam agudamente, fingindo que o faziam por o Luís ter recommçado uma brincadeira que devia ser anterior a os outros o terem mandado chamar-nos. O Macedo, encostado ao espeque da barraca, olhava o mar. Eu respondia às amabilidades das senhoras que iam efetuando o seu inquérito rotineiro de casamenteiras profissionais. Mas a minha mão, enterrada na areia, encontrou a da Mercedes que ma apertou. Subitamente, e não como acontecera na véspera, desejei não só tê-la apaixonadamente nos braços, mas possuí-la. Tão claramente a desejei não como namorada, que retirei a mão, e mais depressa do que seria discreto fazer. É que senti como uma profanação aquele desejo, como uma traição que eu lhe fazia, porque só de agora saber que ela era «acessível» é que eu podia desejá-la assim. Ela interrogou-me com os olhos; e eu sosseguei-a semicerrando os meus, num sinal de amor, que era também esconder-lhe a culpa que sentia e ela poderia ler neles.

E inclinei-me para o Zé, dizendo-lhe entre dentes: – Falei com eles –. Mas não continuei, porque ele me franziu o rosto, silenciando-me imperiosamente.

Eu não conseguia atentar na conversa. O Rodrigues fazia rir as duas Sousinhas, a tia delas, e o Luís, com as suas piadas. O Macedo mostrava ao irmão e ao Rodrigues um rosto carrancudo. O Oliveira, perto dele, como que traduzia as piadas, para diminuir-lhe a carranca, e traduzia a carranca para evitar qualquer explosão. Mas a explosão veio: – Luís, são horas de irmos para casa. Vamo-nos vestir.

O rapaz deitou-se, e respondeu: – Vai tu. Para mim ainda é cedo.

O irmão levantou-se: – Vamos embora. São horas.

E o Rodrigues disse: – Podes deixar o teu mano connosco. Com

tanta gente aqui, não se perde. Não é verdade que tomamos todos conta dele? – perguntou em volta. E todos em coro, mesmo as senhoras, rindo, confirmaram que ele não se perderia.

O Macedo, então, dirigiu-se diretamente ao Rodrigues: – Então vem tu comigo, que eu preciso falar-te.

O Rodrigues sentou-se, com as mãos nos joelhos: – Agora mesmo cheguei, e ainda não tomei banho. Se é só uma conversa aí atrás da barraca...

O Oliveira pôs-se de pé: – Bem, para mim é que são horas... – e, agarrando no Macedo por um braço, acrescentou: – Deixa ficar o rapaz. Eu vou contigo -. O Macedo soltou-se. Então, no constrangimento que todos sentiam, o Ramos disse: – Realmente, é melhor tu ires para casa. Deixa ficar o teu irmão. Não vais poder guardá-lo sempre. E afinal é um homem.

Todos os olhos seguiam o Macedo que se afastava obedientemente, com o Oliveira, quando senti na minha mão a da Mercedes, e fiquei de cabeça baixa, absorto, vendo-a, pequenina e magra, descobertamente pousada sobre a minha. Quando levantei o olhar foi porque o das senhoras estava já pregado nas duas mãos sobrepostas e em nós. Mas não retirei, nem a Mercedes, a mão. As duas senhoras entreolharam-se entendidamente. E o Zé, desviando-se um pouco, viu, levantou-se devagar, e disse: – Jorge, não vais tomar banho?

O Rodrigues levantou-se: – Eu também vou. Quem toma banho outra vez?

As duas Sousas protestaram que já estavam secas, não iam tornar a molhar-se. Eu e a Mercedes levantámo-nos. O Luís também. Mas o Ramos deteve-o: – Você fica aí a fazer companhia às senhoras, até nós voltarmos.

Ele reclamou: – Mas ninguém de nós tem a roupa aqui...

– Lembras bem. Então, vá para a barraca tomar conta das roupas, ande.

Com um olhar suplicante ao Rodrigues, o Luís hesitou. Mas ele,

por certo preocupado com a cena do Macedo, que aliás as senhoras e as pequenas não teriam entendido, não lhe acudiu.

Fomos descendo para a água, o Ramos falando com o Rodrigues, eu calado ao lado da Mercedes. Quando a espuma se nos enrolava nas pernas, parámos ambos, no preciso instante em que o Ramos e o Rodrigues corriam para dentro de água.

Sem olhar para ela, perguntei: – Então?

– O Zé pediu-me...

– Não me interessa saber o que o Zé te pediu.

– É só por poucos dias... – e deu-me a mão que eu apertei.

– Por poucos dias, continuar com ele, não é? – e fitei-a.

Li-lhe nos olhos um susto e uma dúvida. Mas uma bola de borracha deu-lhe na cabeça, ela vacilou, e dois meninos vieram correndo atrás da bola que já ia na espuma, e chocaram comigo. Quando ficámos outra vez diante um do outro, o susto e a dúvida tinham desaparecido, e ela perguntou calmamente: – Que importância tem, se é de ti que eu gosto?

– Por isso mesmo é que tem importância.

A bola deu em mim desta vez, e voltei-me para ver os dois meninos rindo. Passaram correndo, rentes a nós, para a agarrarem. Fiz menção de persegui-los, e eles esgueiraram-se pela praia fora.

– Vamos andando na outra direção – disse eu, e insisti: – E tu queres que eu fique assistindo ao noivado, enquanto eles não se vão embora?

Novamente a bola bateu nas minhas costas, e eu corri, agarrei nela, e atirei-a ao mar.

– Mas que hei de eu fazer? – perguntava-me a Mercedes, quando atrás de nós já estalava uma grande gritaria de choros e lágrimas.

– Que hás de fazer? – repeti. E os dois meninos, a meu lado, gritavam para toda a gente ouvir: – Ele atirou a nossa bola ao mar! Lá vai ela! Foi este homem que atirou a bola ao mar!

Várias pessoas se juntavam. E um senhor gordo, com o peito cheio de cabelos brancos e a barriga empinada, dizia: – Que

malvadeza! Atirar ao mar a bola das crianças! –. A criada dos meninos, que chegara entretanto e os consolava (o que os fazia gritar ainda mais), exigia, com eles agarrados às saias: – Vá buscá-la! Vá buscá-la! Senão, chamo o cabo-do-mar!

Furioso, entrei na água, nadei, e vim empurrando a bola à minha frente. Quando voltei, a Mercedes provocara uma mutação da atmosfera. Uma senhora, com um menino muito branco e flácido ao lado, exclamava: – Esses meninos são uns demónios! Eu sei, eu sei! Basta-me passear o Quinzinho por aqui, para eles fazerem isso! –. E a criada, sacudindo os meninos, concedia que eles eram muito difíceis de aturar.

Afastámo-nos rindo. E foi ainda com esse riso na boca que a Mercedes tornou a perguntar-me: – Mas que hei de eu fazer?

O riso que continuava absurdo nos cantos da sua boca, quando os olhos fitos em mim já se marejavam de lágrimas, enfureceu-me: – Faz o que quiseres, e deixa-me em paz – e comecei a andar em direção às barracas.

Ela veio correndo, após ter ficado gelada com a minha fúria: – Jorge, não me abandones.

Eu continuei a andar, procurando com os olhos a barraca dos Macedos, onde estava a minha roupa. E não daria com ela, se não visse o Luís sentado na areia, encostado a um dos espeques do toldo, e que me fez sinal com a mão.

Quando cheguei, disse-lhe: – Vai procurá-los, para nos irmos embora –. Ele hesitou, olhando-nos com curiosidade: – Mas eles não tardam aí, e eu não sei onde eles estão.

– Vá procurá-los, Luís – pediu a Mercedes.

Ele levantou-se devagar, e, ao afastar-se, ainda olhou para trás com desconfiada malícia.

– O que é que ele está a pensar de nós? – disse ela.

Eu puxei-a para dentro da barraca. Ela resistiu: – Olha que nos veem – e, ouvindo-a, foi que reparei que, na barraca ao lado, as senhoras já não estavam.

– Que vejam, que toda a gente nos veja – e apertei-a com força, contra mim.

Ela separou-se violentamente, e ficou meio curvada, no canto da barraca, como um animal acochado. Quando me aproximei, deixou-se cair sentada no chão, e ergueu para mim um rosto lacrimoso: – Que queres que eu faça? Eu gosto tanto de ti, oh, como eu gosto de ti!

– Quero que sejas minha.

– Mas eu hei de ser.

– Hoje.

Ela baixou a cabeça, e com a mão fez um lento risco na areia: – Está bem.

Agachei-me ao lado dela, e afaguei-lhe a cabeça que ela me pousou no ombro: – Às cinco horas, estou à tua espera na segunda esquina para lá do casino. Onde há uma loja...

– Eu sei que esquina é – disse ela.

Beijei-a rapidamente: – Espero um quarto de hora por ti.

Levantei-me e ajudei-a a levantar-se. Depois, segurei-lhe a cara que ela desviava.

– Olha para mim.

Ela olhou rapidamente, e fugiu com os olhos.

Sorri-lhe, e repeti: – Um quarto de hora, ouviste?

Ela fez que sim com a cabeça.

Quando eu a ajudava a desamarrar o toldo, para fechar a barraca dela e poder vestir-se, chegaram os outros. O Ramos pegou na roupa dele e veio para a barraca dos Macedos, que o Rodrigues e o Luís logo desamarraram. Vestimo-nos sem trocar palavra. A Mercedes já estava pronta, quando eu saí. O Zé, muito meticoloso em sacudir o último grão de areia, foi quem demorou mais. Saímos da praia os cinco, com o Rodrigues exclamando que havia muito tempo que não tomava um banho tão bom, e insistindo com o Zé Ramos para que confirmasse a qualidade do banho. À entrada do Bairro Novo, o Luís separou-se de nós. Na esquina da rua da pensão

onde estavam os Ramos, eles despediram-se. O Rodrigues convidou-me para almoçar; e teimou comigo longamente, já era tarde, comíamos por aí qualquer coisa. Eu queria ficar só; e, por isso mesmo, nem me apetecia sequer ir para casa. Mas não estava para o aturar. Resisti. Também não parecia bem que eu fizesse de casa da minha tia pensão, não era verdade? Estávamos parados à porta de um pequeno restaurante. Ele sorriu: – A tua tia... Que senhora... Tu desculpa, mas se eu tivesse uma mulher assim... Vai, vai depressa – e entrou no restaurante. Mas logo reapareceu, e chamou-me: – Olha, nunca te apaixones pelas mulheres dos outros.

Fiquei surpreso: – Eu?

– Sim, tu. Nunca se sabe a que ponto são deles, percebeste?

– Não.

E afastei-me.

XVI

Era uma e meia. Entrei, mais adiante, numa pastelaria, e comi dois ou três pãezinhos doces. O melhor era mesmo ir a casa, para que lá não ficassem preocupados, sem saberem se eu falara ou não com o Zé Ramos. Na verdade, eu quase não chegara a falar. Mas, indo a casa, eu podia mudar de roupa, preparar-me. Para quê? Para encontrar-me com ela. Os noivos, no dia do casamento, banham-se cuidadosamente, perfumam-se de loções, barbeiam-se e escanhoam-se com minúcia, para não desagradarem às noivas que vão possuir. Apenas a Mercedes não era minha noiva. E ele, quando a tivera (uma, quantas vezes?), será que começara por preparar-se com esses cuidados? Se preparara da primeira vez, é porque tudo tinha sido calculado como um assalto, uma sedução, ou um encontro com uma amante. Um encontro furtivo, uma aventura. E todos esses preparos, então, faziam parte do fingimento, eram uma espécie de máscara, para compensar a falta de amor verdadeiro, ou esconder com perfumes a natureza vulgar e malcheirosa do lugar de acaso, onde os amantes se encontravam. Ou o lugar era refinado e caro, já arranjado de propósito, como uma casa de putas. Estremeci. Onde a levaria eu? Ela não era uma amante, era a Mercedes. E eu não podia fazer com ela o mesmo que o outro tinha feito. E não podia, de facto. Ele tinha sido o primeiro; e isso ninguém podia tirar-lhe a ele, nem tirar *dela*. E era claro que, pelo menos nesse momento, e noutros continuamente, ela tinha gostado dele, porque, se não tivesse gostado, não aceitaria casar. Como não aceitaria? Depois do que tinha acontecido, ele tinha de assumir a responsabilidade. E só quando me vira é que ela percebera que nunca tinha gostado dele, que de mim é que ela sempre gostara, em mim é que ela tinha pensado, sem saber, quando se lhe entregara. Por isso, cedera tão prontamente à minha exigência. De facto, ela cedera muito prontamente. Prontamente de mais. De mais? Sim. Afinal, ela virame, e logo me atraía para o fim da praia, para no dia seguinte, sem

uma hesitação, responder «está bem» à minha exigência. Mas não era isso uma prova de amor? Não mostrava isso a que ponto ela sempre me amara? Ou mostrava que, agora, tudo para ela se tornava fácil, e, sendo de um, podia afinal ser de outro? Ou, pelo contrário, porque desviara os olhos, tinha pensado que eu já não a respeitava, por saber que ela não era virgem? Mas ela não sabia que eu sabia. Era impossível que o irmão lhe tivesse contado que me dissera tudo. Mas talvez ela pensasse, ou imaginasse, ou até nem claramente soubesse mas sentisse que, não sendo virgem, qualquer outro homem pressentia que ela já o não era? Que haveria, nela, qualquer sinal exterior, no rosto, no corpo, nos modos, que a denunciava a quem tinha experiência de mulheres? Mas isso mesmo é que eu tinha, para possuí-la, para fazê-la minha, de mostrar que não havia. Mostrar que ele não a marcara em nada. Até ao momento, sim. Mas depois? Só o facto de tê-la nos meus braços ia obrigá-la a confessar-me tudo. Tinha de confessar, antes que eu mesmo descobrisse. Confessando, porém, e confessando a mim, aquilo não só deixava de ser um segredo «deles», como passava a ser um segredo *meu*. E, sendo meu, ela passava, por sua vez, a ser mais minha que de ninguém. Ele não podia amá-la como eu amava, nem desejá-la como eu a desejava. Para desejar assim, era preciso um infinito respeito que ele não tinha tido. E tinha-o eu? Se eu não soubesse o que sabia, teria exigido o que exigira? Não era possível pensar assim. A minha situação não era a mesma. Eu aparecera depois do que tinha acontecido. Mas onde a levaria eu? E fiquei recapitulando, na memória, os lugares possíveis que eu conhecia. De súbito, senti uma repugnância extrema em pensar neles. A que estava eu a reduzi-la, imaginando-a nesses lugares? Vendo-a nua nessas camas? Vendo-me nu com ela dentro dessas paredes? Que importância tinha isso? Sim, o lugar não importava afinal. Um lugar era uma necessidade absoluta. A diferença estava toda em como se ia a esse lugar, em que disposição de espírito e de corpo. E se a vissem? Porque pelo menos a veria quem abrisse a porta. Mas eu

podia entrar primeiro, combinar tudo, e abrir-lhe eu mesmo a porta, sem que ninguém pudesse vê-la. E como a levaria eu? Iria ela onde quer que eu a levasse? Se ela recusava? Se se servisse disso como pretexto para evitar cumprir o prometido? Lembrei-me então de uma casinha em Buarcos, onde eu fora uma vez, que alugava quartos, e vi a mulher baixa, toda de preto numa saia rodada, com um lenço preto na cabeça, abrindo cuidadosamente a porta e sumindo no corredor lajeado. Tinha sido à tarde que eu uma vez lá fora, com uma fulana que encontrara na praia. Tinha sido dois anos antes. Ainda existiria a mulher de preto? E a casa? O melhor era lá ir, mesmo para marcar a hora. E, quase chegando a casa de meu tio, desviei-me por um dédalo de ruínas de casas baixas e fechadas, para encurtar caminho. Eu reconheceria a casa? Angustiado, porque aquela casa subitamente me parecia a única possibilidade, e não conseguia sequer já me lembrar de outras, eu tremia de não a reconhecer, ou de a mulher se ter mudado, ou de a casa, com outra mulher de preto, nem sequer existir. Teria mesmo existido? Ou eu estava a fazer qualquer confusão de memória? Revi a cama alta de ferro, as portas de madeira da janela semicerradas, o lavatório de tripé a um canto, os jarros pousados no soalho de tábuas largas e esfregadas, e mesmo ouvi as galinhas cacarejando no pátio para que dava a janela. E se era preciso pagar adiantado? Eu não tinha comigo dinheiro que chegasse. Da outra vez, não tinha sido. Mas eu chegara com uma fulana que a mulher de preto conhecia. Se ela, com medo da polícia, sem saber quem eu era, me dava com a porta na cara?

Parei diante de um renque de casas todas iguais, com uma janela de guilhotina de cada lado da porta. Era uma daquelas. Mas qual? Olhei em volta, não havia ninguém na rua. Escolhi uma das casas, e fiz soar a aldraba de mãozinha. Nada. Tornei a bater. Nada. Bati mais uma vez. Na casa ao lado, a porta entreabriu-se o suficiente para passarem uma cabeça com um lenço preto e uma voz aflautada: – Procura alguém? Aí não mora ninguém.

Eu aproximei-me, e a cabeça recolheu-se, deixando apenas aberta uma pequena frincha.

– Procuro uma casa, por aqui, que aluga quartos.

A porta abriu-se mais, a cabeça reapareceu: – Quartos? Para quê?

– Quartos...

– Ah quartos... É aqui. São cem mil réis por mês.

– Mas eu não queria ao mês. Eu precisava... Eu já uma vez cá estive.

– Não me lembro do senhor.

– Foi há muito tempo, há dois anos... Uma tarde... Quem me trouxe foi uma mulher chamada...

– Chamada?

– Olhe que não me lembro.

– E eu é que me hei de lembrar?

– Mas eu preciso absolutamente do quarto. Às cinco horas. Faça-me esse favor. Eu pago. Tem de ser já?

Ela abriu um pouco mais a porta, para inspecionar-me atentamente. Tinha um sinal de pelo no queixo recurvo.

– Às cinco, não. Venha às cinco e meia. Bata três pancadas, e depois mais uma – e fechou a porta.

Eram mais de duas e meia. Voltei no caminho de casa. Ainda tinha cerca de duas horas, até encontrar-me com a Mercedes. E se ela não aparecesse? Eu estaria lá às cinco em ponto. Esperaria quinze minutos, se ela não aparecesse, ia-me embora. E depois? Mas ela não faltava, eu tinha a certeza de que ela não faltava. E se faltasse? Podia haver um contratempo. Que ela, desta vez, não aparecesse não provava nada. Mas, se ela não viesse hoje, o outro voltava, tudo se complicava, e ela não seria minha *a tempo*, mesmo que o quisesse ser. E ela queria. Mas quererá assim? Se ela recusasse vir comigo àquela casa? Ela podia recusar-se, sem que por isso deixasse de estar disposta a entregar-se-me noutro lugar, noutra oportunidade. Se eu estivesse no mesmo hotel do que ela, talvez

que ela me recebesse de noite, no quarto dela. E não o receberia a ele? Quem sabe se, de noite, ela já deixava a porta encostada para ele entrar? O facto de o irmão me dizer que não tinha havido mais nada entre eles desde o Porto não significava nada: ele podia não saber, ou estar a mentir. Mas também podia ser verdade, e não haver. E ela ter aceitado tão prontamente, não por gostar de mim, mas por ter gostado de dormir com um homem, e ele não ter tornado a possuí-la. Nesse caso, ela não faltava. Mas o que faltava era ela mesma que, afinal, eu não chegaria a possuir realmente. Conforme. Se eu conseguisse ser, na cama, para ela, mais do que isso, se eu conseguisse efetivamente conquistá-la, ela seria minha, seria aquela mesma mulher que eu queria minha. Ela gostava de mim. Ela atirara-se nos meus braços, tendo-o a ele, estando para casar com ele, tendo-lhe já pertencido. Que se me entregasse, como prova do seu amor, eu era quem tinha exigido. Ela cedera, forçada por mim. Viria?

Entrei em casa, e encontrei a minha tia na cozinha, conversando com uma das criadas. Fiquei perplexo, apenas respondi que já tinha almoçado, e subi à biblioteca, onde meu tio e os dois espanhóis estavam sentados à mesa de paninho verde, de cartas em punho.

– A criada está lá em baixo, a falar com a tia – anunciei eu.

Meu tio, de olhos fitos na jogada, fez-me sinal que me calasse, dobrou a parada, os outros mostraram as cartas. Quando arrebanhava os feijões, meu tio levantou os olhos para mim, com um sorriso, e explicou: – Pois está. Ela veio ver se nós já tínhamos voltado, e nós já tínhamos voltado.

– E agora?

Os dois espanhóis encolheram os ombros, com um ar de resignação. Meu tio respondeu: – Agora, eu já falei com ela, e disse-lhe que ela, se não falar, ganha uma parte do contrabando, quando conseguirmos fazê-lo passar.

– E a outra? A outra também volta?

– Claro. Esta até a vai avisar. Também receberá uma parte do

contrabando.

Com um ar de desânimo, estudando as suas cartas, o velho Don Juan suspirou: – Nós outros, agora, somos contrabandistas.

– Eu falei com o Ramos.

Nenhum mostrou interesse. Eu repeti: – Já falei com o Ramos.

Meu tio dignou-se perguntar: – E ele?

Eu senti uma frustração terrível. De certo modo, toda a minha vida estava envolvida naquilo, e eles pareciam tencionar passar a deles ali, jogando as cartas. Respondi secamente: – Na altura, ele avisa.

– Tornou a falar em dinheiro? – perguntou o meu tio, e não ouviu a minha resposta negativa, porque, com uma exclamação triunfante, mostrava as suas cartas aos outros, e arrebanhava vitoriosamente os feijões.

Subi para o meu quarto. Em cima da mesa, estavam os postais, e a carta meio escrita. Sentei-me na borda da cama. Senti um cansaço que me amolecia, me tirava as ideias. Estendi-me de costas, olhando o teto. Eram três e meia. Ao longo do fio da lâmpada, uma mosca perseguia teimosamente outra que se esquivava, aos pulinhos, ou levantando voo e tornando a pousar mais adiante. De repente, assustado, sentei-me na cama, olhei estremunhado o relógio, e eram cinco horas e dez minutos.

Levantei-me, enfiei o casaco numa ansiedade, verifiquei que tinha dinheiro no bolso, e atirei-me pelas escadas abaixo. Atravessei a cozinha, sem responder à minha tia que me gritou aonde eu ia com aquela pressa, e corri pela avenida das palmeiras. A meu lado, vendo-me correr, o cão corria e pulava. E eu deitei a correr pela rua abaixo, sem pensar em nada, sem olhar para o relógio. Entrei na rua do casino, parei a orientar-me, e choquei com o Macedo e o Oliveira. Afastei-os com um empurrão, continuei a correr até à esquina, e parei ofegante, encostado à parede, depois de a ter dobrado para eles não me verem. Olhei em volta. Não vi a Mercedes. Ou não viera; ou já se tinha ido embora, por minha

culpa. Passava das cinco e vinte, eram quase cinco e vinte e cinco. Fechei os olhos de cansaço e de amargura. E senti então uma mão pousada no meu braço, e a voz dela que dizia: – Vamos.

Abri os olhos, fitei-a gratamente. Sorria, e perguntou-me: – Vieste a correr?

– Vim, atrasei-me lá em casa. Desculpa. Mas onde estavas tu? Primeiro, julguei que não tinhas vindo, ou não tinhas esperado.

– Estava dentro da loja.

De repente, lembrei-me de que era preciso sairmos dali quanto antes, para não nos verem. Se o Macedo e o Oliveira tinham vindo na minha direção? E era preciso não perder a hora. Se a mulher, depois da hora, alugava o quarto a outro?

– Vamos depressa. Segue atrás de mim – e embrenhei-me na transição para as ruazinhas, logo adiante. De vez em quando, respirando fundo, voltava-me num relance rápido. Ela vinha vindo, aparentando andar devagar. Quando cheguei a uma esquina de onde se via a casa, parei. Ela chegou, e apontei-lha. Eu batia, entrava, e ficava à espera, do lado de dentro, para ela entrar.

– Não. Eu entro contigo.

Olhei-a. Tinha o rosto ao mesmo tempo muito sereno e contraído. Deu-me a mão: – Vamos.

Descemos juntos a rua. Bati à porta as três pancadas e depois mais uma. Nem me atrevia a levantar os olhos para as casas vizinhas. Tornei a bater. E não me atrevia a olhar para Mercedes a meu lado. A porta entreabriu-se, a cara da velha espreitou, e estávamos ambos logo no corredor escuro, com a porta fechada atrás de nós, enquanto ela abria a porta de um dos quartos que tinham janela para a rua. A Mercedes entrou no quarto, cuja penumbra era claridade em comparação com o corredor, e a velha, tocando-me no braço, disse: – São vinte mil réis, mas podem ficar o tempo que quiserem – e, mostrando-me a chave do lado de dentro, fechou a porta, depois de receber a nota que lhe meti na mão. Dei volta à chave, e virei-me para dentro do quarto. Ela, de pé em

frente da cama, perguntou: – O que é que ela disse?

– Que podíamos ficar o tempo que quiséssemos.

Aproximei-me dela que continuava imóvel, fitando-me.

Eu disse: – Mas, se quiseres, podes ir-te embora...

– Oh Jorge... – e abraçou-se a mim, num soluço.

Beijei-a carinhosamente no rosto, na boca. Ela abandonava-se nos meus braços, mas afagava-me a cabeça que segurava nas mãos erguidas. E, de repente, numa decisão, afastou-me.

– É preciso que tu saibas. Eu...

Tapei-lhe a boca com a mão: – Não, não digas nada.

XVII

Era noite havia muito tempo, quando saímos furtivamente e a acompanhei até às ruas mais iluminadas. Ela deu-me um beijo rápido, apertámo-nos as duas mãos, e fiquei a perdê-la de vista entre as pessoas que passeavam. No dia seguinte, iríamos lá à mesma hora. Pela manhã, eu faria caminho por casa da velha, para marcar. Nada mais tinha importância. Encontrar-nos-íamos todos os dias. Apenas na praia, eu a evitaria o mais possível, porque não conseguiríamos disfarçar que éramos amantes. E nós só nos namoraríamos, aos olhos de todos, depois que eles partissem. Ela entregara-se-me. E eu próprio, espontaneamente, cedera que ela rompesse imediatamente com o Almeida. Se ele descobrisse, o rompimento seria inevitável. E sofreríamos ambos as consequências da responsabilidade da atitude que ele assumisse. Mas nada tinha importância. Logo depois, ela iria comigo para Lisboa, para casarmos. Eu não sabia, nem queria saber, de que viveríamos os dois. Em minha casa. Mas tudo se havia de arranjar. Era um facto consumado.

Evitei atravessar o Bairro Novo, e fui passeando pela cidade, mergulhado numa incrível bem-aventurança. No pasmo de ser possível uma bem-aventurança assim. Andava, e era como se, ao mesmo tempo, não visse as ruas nem as pessoas, e as ruas e as pessoas existissem para que eu, de felicidade, as não visse, mas elas sentissem a alegria que irradiava de mim. Tinha sido tão extraordinário! E tão simples também. Eu nunca imaginara, nem mesmo em sonhos, que o amor pudesse ser uma plenitude tal. Nunca sentira, nem mesmo nos momentos de maior satisfação, nada de semelhante à sensação de total domínio, que fora a minha ao possuí-la. E tinha sido, ao senti-la estremecer e gemer comigo, como se a virgindade dela se tivesse refeito, precisamente quando e porque eu a possuía. Confiança, orgulho, ternura, contentamento, um quebranto de cansaço e também um desejo reacendido só de

pensar nela e não de pensar no que fizera com ela: tudo isso eu sentia, me dava um andar leve, quase dançado, e era inteiramente novo. Eu já sentira, noutras ocasiões, um pouco disto ou daquilo; não sentira, porém, tudo e tão intensamente, sem recapitular, ainda que vagamente, na imaginação, o que se passara. E era o que agora eu não precisava fazer. Mesmo mais: era o que nem conseguia fazer, como se fosse parte de tamanha felicidade, que tudo mergulhasse e se diluísse em mim, na minha carne, no meu sangue, no fundo do meu desejo que, todavia, só de não poder recapitular palpitava docemente pelo corpo todo. Era como se, na vida, nós, de vez em quando, após uma experiência nova, descobríssemos que ainda crescíamos, que ainda não tínhamos deixado de ser crianças. E que havia, dentro de nós, possibilidades infinitas de plenitude. Até a sensação de fome, que repentinamente comeci a sentir, e me fez lembrar que eu não comeria praticamente nada o dia inteiro, se acrescentava à minha alegria. Mas não era que deixássemos muitas vezes de ser crianças, não. Nem a uma experiência nova. Não tinha sido afinal uma experiência nova. Tinha sido, pelo contrário, a mesma experiência de sempre, *como* nova. E nisso estava toda a diferença. Nisso estava que eu me sentisse tão plenamente um homem. E, se me parecia que deixara de ser uma criança, era porque, de cada vez que acontecia uma experiência destas, era como se um novo grau de consciência e de sensação nos relegasse a uma memória distante e imprecisa tudo o que, antes, igual experiência tivesse sido. Todavia, distante e imprecisa, não por inútil, e sim por superada. Mesmo esta capacidade acrescida para eu analisar o que se passava em mim, tão lucidamente, era coisa nova. Apesar de ser, também, um entusiasmo cego que se comprazia em contemplar-se. A fome, porém, insistia comigo. Sorrindo dela, entrei numa tasca para jantar. Sentado à mesa, e comendo e bebendo, verifiquei que tinha muito menos fome do que sentira. E encostei-me na cadeira, fumando, com os olhos perdidos na luz e nos vagos vultos que se movimentavam.

Deitados nus, na cama, lado a lado, ela, com a cabeça pousada no meu peito, teimara em contar-me tudo. Um tudo que eu não quisera ouvir, e que não deixara ter nexo, porque, com os dedos no cabelo dela, lhe afogava as palavras contra a minha pele, em beijos que subiam até à boca. E ela, soerguendo-se um pouco, dissera: – Dei-te tudo. Não tenho mais nada.

Eu beijara-a com uma sôfrega ternura que nos enlaçara outra vez, respondendo: – Tens-me a mim –. E ela, sem dizer mais, entregara-se-me com uma força que nem me deixava possuí-la, a tal ponto me abraçava e segurava, para possuir-me ela. Fechei os olhos com delícia, sentindo as mãos dela nas minhas costas. A memória foi-me um prazer quase doloroso que me fez sair e encaminhar-me para o hotel dela.

Passei pela porta, e parei mais adiante, do outro lado da rua. Era absurdo estar ali. Se alguém me encontrava, que explicação daria eu? Mas o absurdo acentuava-me o prazer de olhar para o hotel, de sabê-la lá dentro, talvez pensando em mim. Como talvez? Pensando em mim. Sorri comigo mesmo de estar a comportar-me afinal como um namorado de quinze anos, tímido, de olhos postos na janela da sua dama inacessível. E foi como tal que eu vi o Oliveira e o Matos atravessarem a rua, por me terem visto, e eu fiquei num misto de inquietação e de satisfeito enleio.

– Que está você aqui a fazer a esta hora? – perguntou o Oliveira.

– Nada.

– Então venha connosco.

– Aonde?

– Por aí – respondeu o Matos.

Fui andando com eles, conversando vagamente, até que o Oliveira me perguntou: – Esta tarde você ia-nos atropelando, a mim e ao Macedo. Era morte de homem?

– De mulher – respondi eu. Eles riram e, quando o Oliveira explicava ao Matos o incidente, já eu me arrependia de uma piada que envolvia a Mercedes. E acrescentei: – É que eu tinha um

encontro marcado. E deitei-me de tarde e acordei em casa à hora do encontro.

O Matos, muito sério, comentou, com um jeito que ele tinha de dizer graças sem olhar as pessoas: – É o mal de uma pessoa se deitar antes dos encontros. A gente só se deve deitar nos encontros, ou depois deles, para não adormecer antes de tempo.

O Oliveira disse: – Sim, mas é conforme. Eu, uma vez, por mero acaso, andei a noite toda numa pândega. De manhã, porque estava tapado nas faltas, fui direito para as aulas. Depois do almoço, olhei para o relógio e pensei comigo que podia ainda ir deitar-me umas horas, antes do meu encontro. Mas achei que, se me deitasse a dormir, nem os sinos da Sé me acordavam, quanto mais o despertador. Fiquei a matar o tempo, andando de um lado para o outro, e à hora marcada entrei na casa da minha deusa que por sinal era um camafeu de primeira ordem –. Voltou-se para mim num aparte: – Você sabe quem é... – e continuou: – Ela recebeu-me com as suas grandezas. Despiu-me todo, enfiou-me o quimono do Japão, todo bordado, que fazia parte do ritual, e deu-me um cálice de vinho do Porto. O Porto também era costume. Eu, à cautela, só tinha bebido água ao almoço. Eu acho que foi só pegar no cálice, e que nem cheguei a beber. Só acordei sentado na porta da minha república, embrulhado no quimono, e com a minha roupa numa trouxa ao pé de mim. Ela, furiosa, tinha mandado o *chauffeur* e o criado despejarem-me lá.

– Isso foi em Coimbra, então? – perguntei eu.

– Foi. Ninguém sabe da história. Eu fiquei tão vexado, que nunca contei a ninguém. No dia seguinte, fiz um embrulho com o quimono, e fui lá. Bati à porta e apareceu o criado com o colete às riscas. «Que é que o senhor deseja?» «Entregar isto, que pode fazer falta à senhora.» E larguei-lhe o embrulho nas unhas.

– Mas ela não tornou a vestir o quimono a mais nenhum – disse o Matos.

– Como é que sabes? – perguntou o Oliveira.

– Porque eu já tinha ouvido falar no quimono, e comigo ficava-se em pelota, deitado nas almofadas.

Desatámos a rir, eu e o Oliveira. Mas o Matos interrogava-se: – Que terá ela feito do quimono? E não teria outro? Deve ter uma data deles.

Rindo, o Oliveira disse: – Se calhar, ficou com medo que os quimonos pudessem ter efeitos soporíferos e antiafrodisíacos. Que eu acho que ela dava alguma coisa à gente no vinho do Porto. Ela dava-te vinho do Porto?

– Dava. De uma garrafa de cristal lavrado, muito esguia. Mas ela também bebia.

– Claro que bebia. Olha que dúvida! – exclamou o Oliveira, e logo, sem transição, parou dizendo: – Mas, ó Matos, que mulher espantosa para fazer gozar a gente, não é? Ainda não encontrei, nem pagando, quem me fizesse metade do que ela inventava. Uma vez, quis forçar, mesmo de nota em punho, uma puta, e ela armou um escândalo dos diabos.

A minha felicidade deixara que aquela conversa se prolongasse e me divertisse. Mas aquela palavra, aquela mulher que não quisera sujeitar-se a fazer o que a senhora fazia, chocou-me. Foi com desgosto que continuei a ouvi-los. Afinal, indiretamente, eu devia respeito à senhora, e eles a mim.

O Oliveira disse: – Quem ela teve e tem de olho é o Rodrigues. Consta que até já lhe mandou o *chauffeur* com recados e o automóvel à porta. Ou ela adivinhou, ou alguém a informou das maravilhas dele. Mas ele não se rende. E até a defende, quando alguém diz alguma coisa. O que, diga-se de passagem, em Coimbra, onde toda a gente a conhece, é sumamente ridículo. E, com ele, muito mais. Toda a gente sabia que ele, quando se deixava levar, passava as noites em casa do Pousada que está para os invertidos como ela para as mulheres. E que ele lhe pagava. Ora se, por dinheiro, ele consolava o Pousada, não há razão nenhuma para não consolar a pobre da velha.

– Ele lá tem as suas razões – disse eu, secamente.

Eles entreolharam-se. E o Matos disse: – Você desculpe. Não há intenção nenhuma de ofender você ou a sua família. De resto, ela não é sua avó. E pior será nós sabermos isto tudo, e falarmos disto tudo, e você saber que falamos, mas não diante de si. O que eu não entendo é como a sua tia, sabendo também tudo isto, ainda lá vai visitá-la. Porque vai, que eu já a vi. E não pode deixar de saber. Aqui, o seu tio diz, alto e bom som, a toda a gente. Até nas aulas ele diz que a sogra dorme com a Academia de Coimbra inteira. O que não é inteiramente verdade, porque me parece que nunca ninguém dormiu em casa dela. Mas a sua tia não pode deixar de saber que são dois e três por dia.

– É mãe dela.

– Lá isso é. Mas não se lembra muito disso, quando está com a gente.

Continuámos em silêncio o passeio. Senti que, se me demorasse mais com eles, a minha felicidade se dissipava, e despedi-me, alegando cansaço.

– Pudera – observou o Oliveira –, depois daquela correria! E ainda foi fazer exercícios de ginástica aplicada... Vá dormir descansado, colher o merecido repouso, seguro de que não acorda de quimono à porta da república. E não leve a mal, ouviu?

Tomei vagarosamente o caminho de casa.

Senti, em mim, uma tristeza que me empalidecia ou escurecia a claridade da bem-aventurança. Não que esta diminuísse. Mas a tristeza era rodeada por ela que se insinuava lentamente por ela dentro, e eu quase que lhe distinguia os veios escuros que se ramificavam, como quando, num copo de vidro, vemos o café avançar, antes de misturado com o leite. Não era a depravação da vida o que me chocava e me entristecia. Nem que a pureza me parecesse uma cidadela ameaçada e inatingível. Precisamente uma das coisas que eu, por experiência, ia aprendendo era que ambas coexistiam da maneira mais insólita e nas situações mais

inesperadas. Havia assomos de pureza profunda, em seres e em momentos de degradação total; e as pessoas puras nunca o eram tanto, que alguma degradação as não rodeasse, que elas aceitavam. O que me doía e me inquietava não era isso, mas que a pureza e a degradação se misturassem tão inextricavelmente, dependessem tão intimamente uma da outra, que às vezes se pudesse não saber não só se as motivações de uma não seriam as logicamente da outra, mas também a que ponto uma não era a outra. Mesmo mais e pior: a que ponto nós não as reconhecíamos, não tínhamos como distingui-las. Na verdade, muito pior que uma poder ser ou parecer a outra era que nós não soubéssemos ao certo, num dado momento e numa dada situação, de qual delas se tratava. Era evidente que ambas estariam presentes, ambas comandariam, cada qual mais ou menos, as motivações e as consequências. Mas que não houvesse meio de saber-se *qual* comandava mais – disso eu tinha medo. E eles também tinham. Os meus amigos, todas as pessoas que eu conhecia, também tinham medo. Nem de outro modo se explicaria que, ao mesmo tempo que pactuavam ou participavam num ato sórdido, se rissem das situações, como se não tivessem sido eles quem participara. E, rindo assim de fora, condenassem a falta de lógica do comportamento dos outros participantes, como se só estes tivessem estado de *dentro*. Era como se, não a pureza e a depravação fossem dois mundos diferentes, mas as pessoas os acabassem formando: de um lado, os que podiam fazer tudo, sem que o mal os marcasse; e, do outro, os que, ao mínimo gesto que fizessem, ficavam marcados irremediavelmente. Todavia, os «marcados» como que aceitavam a própria condição, assumiam sós uma culpa que não era só deles, e mesmo se exibiam por forma a dar-lhe uma realidade exterior, enquanto os «incólumes», aliviados por essas esponjas de culpa, não se comprometiam com eles, nem consigo mesmos. E, nisto, o meu medo era muito diverso do deles. Porque a pureza, para eles, era não se comprometerem, era passarem como uma gaivota, rente às águas, apenas mergulhando repentinamente para apanharem um

peixe; enquanto, para mim, comer de vez em quando um peixe desses não era menos o tê-lo pescado nesse mar sobre que se voava. Mas em que era eu diferente deles? Se era dos «incólumes», aquilo em que eu achava diferença era precisamente o que me igualava a eles: a convicção de ser diferente, de não pertencer ao mundo dos «marcados». Se, sem saber ou sem que os outros soubessem ainda, eu era dos «marcados», também a diferença que eu via me igualava: a convicção profunda de que todos, menos eu, escapavam incólumes ao mal da vida. E foi, então, quando chegava ao portão do meu tio, que notei o que estava implícito nessa visão do mundo, que as pessoas tinham: todas se julgavam incólumes, até ao instante em que assumiam a própria culpa ou a dos outros. Mas o assumir da culpa não queria dizer que as pessoas se reconhecessem culpadas, e só que passavam a comportar-se como as outras esperavam que elas se comportassem. Parei no portão. Não era bem isso, porque afinal assim faziam, pelo contrário, os incólumes. Esses é que não se comprometiam para além do que era o padrão comum, mesmo que fizessem as mesmas coisas que os outros faziam. E, de repente, senti que, para além da identidade em que todos se diferenciavam uns dos outros, uma coisa estava acontecendo, acontecera naqueles poucos dias, na acumulação de coisas que haviam desabado sobre mim: tudo desabava numa desordem sem fronteiras nítidas e passava a ter o valor que cada um lhe desse. Isto, porém, era ainda um segredo de cada um.

Entrei em casa. Estavam acesas as luzes, mas não havia ninguém em baixo. Subi a escadinha para o andar da biblioteca. A primeira pessoa que vi foi o Zé Ramos.

XVIII

Os dois espanhóis e meu tio, que o ouviam, olharam para mim. O Zé dirigiu-me um sorriso afável. Eu observei: – Então estás aqui? – e logo senti o óbvio da pergunta que, todavia, significava menos a surpresa de o encontrar, que uma sondagem inquieta sobre o que ele saberia da irmã e de mim. Mas, ao mesmo tempo, o sorriso dele, apesar de formal, contribuía para dar ao carácter óbvio da minha pergunta um sentido diferente: era como se houvesse, entre nós, uma secreta cumplicidade de parentesco, que a minha posse da Mercedes tivesse selado nessa mesma tarde. Logo reagi comigo mesmo, enquanto os ouvia. Ele era completamente alheio ao que se passara e só a mim e a ela dizia respeito. Eu não podia deixar que as formas habituais e convencionais do convívio viessem, como uma máscara, sobrepor-se, dar um rosto, apropriarem-se do que não tinha outro rosto nem outro nome senão a minha posse dela e a dádiva que ela me fizera de si mesma. Ainda que eu casasse com ela. Estremeci. Mas eu ia casar com ela. Fosse como fosse. E ouvi o Zé que dizia: – ... não há razão para os senhores terem escrúpulos em participar na fuga, de um ponto de vista político. Eu posso garantir-lhes que o Partido aceita que a fuga se faça, embora a ache prematura como ação. Isto quer dizer que o partido não assume a responsabilidade por ela, e que só a título pessoal é que pessoas ligadas a ele participam nela. Se houver um fracasso, e a polícia portuguesa identificar alguém como comunista, o partido declarará que esse indivíduo jamais pertenceu aos seus quadros e que é um agente provocador. Isto, aos senhores, não afeta nada. E até os ilibará de quaisquer contactos que, de resto, em Espanha, estão estabelecidos. As vossas alternativas são: embarcar, ficar aqui, ou reaparecerem. A última hipótese, dado que os senhores são procurados, até porque se esconderam, corresponderá à vossa entrega aos rebeldes, na fronteira. Ficarem aqui, eternamente, é impossível, tanto mais que a luta parece que se estabiliza. Fugirem

num barco que tentará chegar ao Norte da Espanha é a única hipótese. Há ainda uma outra alternativa, com efeito, e que eu agora não mencionei: é tentarem chegar à fronteira portuguesa do Alentejo, que as tropas rebeldes ainda não ocuparam, e passarem-na em qualquer altura. Mas o nosso governo reforçou a vigilância, fortemente, em todo esse setor. Podiam, também, tentar os senhores um embarque em Lisboa, para qualquer outra parte. Precisariam então de passaportes falsos. Estando aqui, como estão, e havendo o barco, parece-me que os senhores não têm outra alternativa. Como comecei por dizer, o vosso caso não é único. E o recado que eu trouxe de Don Marcelino Quiroga, com quem o senhor – e apontou Don Juan – tentou contactar, é a favor da fuga. Resta ainda um pormenor que também estou autorizado a expor e é a dificuldade do dinheiro. O partido faz questão de apenas oferecer os seus préstimos, mas de não contribuir direta ou indiretamente. Por se tratar de uma manifestação de apoio à vossa causa que é a nossa, as contribuições devem ser filhas da generosidade dos que quiserem contribuir. E quantas mais houver, tanto melhor. O barco já está fretado, e temos quem o pilote. O embarque será numa praia ao norte do Cabo Mondego, dentro de três ou quatro dias, talvez antes. Os senhores devem estar prontos para tomar imediatamente o automóvel que vier buscá-los por volta das onze horas da noite. A coisa faz-se, com ou sem os senhores. O dinheiro que falta tem de me ser entregue até depois de amanhã ao meio-dia. São dez contos de réis. Estarei no hotel à espera.

O meu tio perguntou: – Mas, ó Ramos, se a coisa se faz sem eles ou com eles, para que são os dez contos de réis?

Ele, representando aquele papel impessoal de embaixador, em que eu o via pela primeira vez, ou, quem sabe, a segunda, ficou imperturbável, como se já esperasse a objeção: – Porque é a melhor garantia política, que podem ter, de que qualquer diferença do custo não é realmente paga por nós.

Levantou-se: – Eu peço desculpa de insistir. Mas preciso de levar

uma resposta definitiva, agora mesmo.

Os dois espanhóis entreolharam-se. E foi o basco quem respondeu: – Vamos. Quanto ao dinheiro...

Meu tio interveio: – Isso arranja-se –. E, comigo, acompanhou o Ramos, em silêncio, até ao portão. O cão, que estava preso, ladrrou. No portão, o Ramos disse: – O senhor tenente dá-me licença que diga umas palavras em particular ao Jorge? – e afastou-se um pouco, comigo pelo braço, para dizer-me apenas: – A Mercedes falou-me. Obrigado.

Voltámos para dentro, meu tio e eu. E ele, brandindo a bengala, perguntou: – Mas onde se há de arranjar esse dinheiro? Isto é uma chantagem... não achas que é uma chantagem?

– Ele é um político, tio – disse eu –, e estava a recitar uma lição muito bem estudada. Mas chantagem não é.

– Ele pô-los entre a espada e a parede. Que eu não me importo que eles fiquem aqui a vida toda. Mas, se vão empenhar-se para pagar aquilo tudo, quando é que me pagam o que me devem? E eu não tenho crédito para tanto dinheiro. Ah que se aquela maldita velha rebentasse!... E uma quantia dessas nem a tua tia lhe arranca.

Eu tive uma ideia terrível, tão terrível que me fez rir comigo mesmo: – O tio deixa-me resolver esse caso?

– Tu? Mas como?

– Diga à tia que escreva à sua sogra uma carta pedindo, com a maior urgência, para uma aflição, o dinheiro. Eu arranjo um portador que vá a Coimbra e volte com esse dinheiro.

– Mas ela não o dá.

– Tenta-se – disse eu, e, fitando-o com um olhar entre frio e malicioso, acrescentei: – Talvez dependa do portador.

Um brilho súbito se acendeu nos olhos dele, e entrou em casa aos gritos, chamando pela mulher. Subindo a escadinha e encaminhando-se para a biblioteca, parava a cada degrau e cada passo, para alternar a gritaria com comentários: – Mas que grande piada! A velha pagar por isto! Depende do portador, hein? – e ria

com gosto, já lançado na ideia.

Minha tia, de robe e com os cabelos soltos, presos com uma fita azul, vinha descendo a grande curva da escada: – Que berraria é esta a tal hora da noite? Tu estás doido, Justino? É preciso chamar por mim dessa maneira?

– Mulher! Cala-te! Venha escrever uma carta à sua mãe, a pedir-lhe dez contos de réis!

– Dez contos de réis?!

– Sim, dez contos, para pagar o barco em que eles vão fugir.

– Mas tu estás louco? O teu tio está louco? Estão todos loucos?

– Ninguém está louco, mulher. Quem vai pagar é a sua mãe.

– Mas a minha mãe não vai dar esse dinheiro. Isso não tem pés nem cabeça!

– Não tem? Ah, ah... Pois há de ter pés, e duas cabeças... – e dava-me cotoveladas: – Depende do portador, hein?

– Portador? – perguntou ela.

Baixei os olhos para dizer: – Eu arranjo um portador, para ser mais rápido.

– Não escrevo carta nenhuma – disse a minha tia.

– Não escreve? Ah não escreve? Nem tem que escrever. Nós é que escrevemos. Você só copia com a sua bela letra.

Minha tia, sem responder-lhe, começou a subir a escada.

Ele gritou: – Desça! Venha cá.

Ela continuou a subir. Meu tio fez menção de segui-la, numa fúria que lhe contive. Com os olhos iracundos, ele ponderou: – Pois que suba e vá para o diabo. Depois é que vamos ver se copia ou não a carta.

Na biblioteca, os dois espanhóis esperavam por nós, de pé, preocupados e aflitos.

E Don Juan disse: – Don Justino, que despropósito... Tudo isto por nossa causa.

– Por vossa causa, nada! Por causa desses malandros todos, os generais e os curas, e esse patife que ainda vem pedir dinheiro!

Vamos à carta.

E saiu da sala, atravessou o corredor, e entrou no escritório. O escritório não se abria nunca, senão para meu tio escrever cartas, o que nunca fazia. Antes de entrar também, expliquei resumidamente aos espanhóis que íamos tentar arranjar o dinheiro, pedindo-o à sogra do meu tio. Eles tentaram recusar: não fazia sentido, que tinha a família de minha tia com o caso, não queriam de modo algum... Meu tio apareceu à porta: – Isto é comigo. Os senhores não têm nada com isso. Arrancar dinheiro à minha sogra é um prazer que ninguém me pode tirar.

Eles inclinaram-se, deram as boas-noites, e subiram para os quartos. Meu tio, ajeitando a bengala no braço, exclamou: – Anda, que não há tempo a perder. Vamos à carta.

O escritório, alcatifado de escuro, tinha altos painéis de madeira castanha até meia altura das paredes que estavam forradas de papel adamascado *grenat*. Ao longo das paredes havia cadeirões de alto espaldar, pretos, com assento e encosto de palhinha, e as pernas curvas terminadas em garras sobre uma esfera. Duas altas estantes, com cortinas vermelhas por trás das vidraças, ocupavam, uma em frente da outra, as duas paredes de cada lado da porta. Ao fundo, à frente do espaço entre as duas janelas que tinham pesados reposteiros vermelho-escuro, estava uma secretária imensa, negra e barriguda, com uns pezinhos iguais aos das cadeiras, mas minúsculos. Atrás dela, a cadeira em que meu tio se sentou, enganchando a bengala no espaldar, era igual às outras, só que esse espaldar era muito alto, com largos braços e frutas, que brilhavam por cima da cabeça dele.

Abriu a gaveta, tirou grandes folhas de papel branco, e pousou-as diante de si, endireitando-as, compondo o rigor do maço que elas formavam. Depois, puxou mais para o alcance do braço o tinteiro de prata, que era todo em curvas à volta de uma placa que tinha inscritos o nome dele e a eterna gratidão dos alunos de 1930 do Colégio de São José. Das curvas emergiam as boquinhinhas dos

tinteiros propriamente ditos que meu tio, levantando-se, verificou que estavam secos. Afastou o tinteiro novamente para o seu lugar, abriu a gaveta, tirou um lápis, e disse: – Para rascunho, serve –. Do bolso do casaco tirou então a caneta de tinta permanente e pousou-a ao lado do papel: – É para a tua tia copiar depois. Pois vamos à carta. Tu ditas, e eu escrevo.

– Eu dito?

– Claro! Não foste o da ideia? Além de que ela conhece a minha linguagem e eu posso descuidar-me e pôr «filha da puta» na carta. E a tua tia copia.

– Mas ela conhece a linguagem da tia.

– Ora! Também tu. A linguagem da tua tia é ela mesma. Vamos a isto. «Minha querida Mãe»... Não. «Mamã.» Ela trata-a só por Mamã. E depois? «Eu sei que não quer acudir-nos, porque o Justino não a respeita.» Está bem, não está? «O Justino não a respeita.» E é que não respeito mesmo. «Mas as angústias de uma filha que sempre lhe foi fiel não podem ser indiferentes à Mamã.» Isto. É melhor pôr assim do que «não podem ser-lhe indiferentes». As mulheres nunca acertam com os pronomes quando escrevem às mães. «Estou sendo vítima de uma terrível chantagem.» É uma boa piada, não é? O pior é se a velha, lendo da chantagem, fica a pensar que a tua tia me corneou, e não dá o dinheiro, para a chantagem me mandar as provas do adultério e eu me separar... Não... Lembra-te de uma coisa melhor. Afinal ainda não disseste nada. Dita, homem.

Eu estava de pé, deitado para cima da secretária, de modo a ver o que ele escrevia: – Diga mais ou menos a verdade.

– A verdade? E se o portador lê a carta? E se ela se lembra de fazer queixa à polícia?

– O portador não lê a carta. E a sua sogra não há de querer que a tia seja envolvida neste caso.

– Hum... Então diz lá – e pousou o lápis para fazer cuidadosamente um cigarro.

– O tio podia pôr que um foragido está aqui, mas que um polícia exige dez contos para não o denunciar.

– Essa não pega – disse uma voz que era a da minha tia à porta do escritório.

Meu tio acendeu o cigarro, puxou demoradamente uma fumaça, contemplou o morrão, sacudiu com o dedo mindinho uma pontinha de cinza, e disse: – Vem cá, mulher, senta-te aqui – e recuou a cadeira sem levantar-se dela.

Ela veio, com os pompons brancos dos chinelos saindo à frente do robe, e parou ao lado do cadeirão, debruçando-se para ler o que já estava escrito.

– Até onde diz «indiferentes» está bem. Mas emenda aí para «ser-lhe indiferentes», que fica melhor. A minha mãe fica furiosa connosco, se não escrevemos com a elegância que ela gastou tanto dinheiro para as filhas aprenderem.

– Escreve, mulher, escreve tu.

Ela sentou-se-lhe no colo, e começou a escrever. Eu nunca os vira assim. Afastado como ficara da secretária, para ela passar, afastei-me mais ainda. Meu tio notou: – Estás para a tua vida, hein? Mas a tua tia às vezes aprecia o colo aqui do rapaz.

Ela, mordendo a língua saliente ao canto da boca, como uma colegial, escrevia aplicadamente.

– Amanhã – disse eu –, acordem-me bem cedo, para eu levar a carta a tempo.

Minha tia, sem levantar a cabeça, perguntou: – A que horas?

– Lá para as sete – e saí.

Subi a escada lentamente, e entrei no meu quarto. Em cima da mesa, tornei a ver a carta começada e os postais. Era como se tivessem passado anos desde as cinco da tarde. Peguei nos postais e na carta, rasguei-os, e deitei os pedaços pela janela aberta. Não tinha sentido eu acabar aquela carta ou mandar aqueles postais. O que eu queria dizer, a quem poderia dizê-lo? Encostei-me à janela, olhando a noite. Quanto mais a vida parece nossa, e é mesmo a

nossa, mais pessoas se misturam nela. E, quantas mais pessoas se misturam nela, mais temos que dizer sem ter a quem. Porque é impossível falar dela aos outros, sem mostrar a que ponto há ainda outros que estão envolvidos, às vezes sem sequer saberem que o estão. Por isso, talvez, é que as pessoas falavam tanto, sem dizer nada, precisamente para disfarçarem quanto sabiam, e para não revelarem, nem a si mesmas, os segredos de que eram as depositárias. Ou se abandonavam às ordens de alguém, ou de uma igreja, ou de um grupo, ou do que achavam que seria o acaso, para não se sentirem responsáveis por tamanho peso de vidas alheias. Ou ao amor... e, com um baque, reparei que me esquecera da Mercedes. Esquecera-a, por algum tempo, quando me ocupava em tecer uma teia de que ela era o centro. Esquecera-a, não era verdade?, à força de tudo lhe subordinar. Tudo e todos. E sem escrúpulos. Até ela mesma eu, sem escrúpulos, subordinara a ela mesma em mim. Encostei-me à portada aberta da janela. Ou a mim mesmo nela? Ou à liberdade que ela perdera e eu lhe restituíra? Pois que, sem dúvida, eu a libertara. E assim ela o entendera, uma vez que me dissera: «Dei-te tudo. Não tenho mais nada.» Isto é: ao pertencer-me inteiramente, ao dar-se-me completamente, ela despojara-se de tudo, e não havia mais nada que a prendesse.

Voltei para dentro, e comecei a despir-me. Na minha roupa, havia como que um relento de eu ter estado com ela. Na minha pele, pairava um perfume que era dela, mas também um cheiro que éramos nós juntos. Deitei-me nu sobre a cama. Aspirei devagar, levemente. Não, não iria tomar banho antes de dormir. Ficaria assim, sentindo à minha volta a presença dela, uma presença que não só me cingia, como de mim próprio se exalava e era ela mesma habitando em mim. Apaguei a luz. Tornei a deitar-me. Na escuridão do quarto, a presença dela materializava-se em rostos sucessivos que eram instantâneos que eu não vira, quando a tivera nos meus braços, mas que, sem que eu notasse, os meus olhos tinham encantadamente guardado na memória. Eu via-a sorrindo, com os

olhos fechados, num espasmo concluso. Via-a de olhos pestanejantes, a fitar-me. Via-a, com a cabeça inclinada ao lado, e os cabelos afastando-se verticais. Via-lhe a boca entreaberta, ora com os dentes brilhando, ora com os lábios contraindo-se. Via-lhe o perfil na sombra e em contraluz. E via-lhe mesmo o rosto que eu sentira, no escuro, percorrendo-o com as pontas dos meus dedos. Se a paixão era o que eu sentia, nesta paz de vê-la sem imaginá-la, eu estava apaixonado. E não como um menino que sonhasse com amores impossíveis, mas como um homem que reconhecia, no amor da mulher que possuía, a sua própria paixão.

XIX

Não acordei prontamente com as pancadas na porta. Num espreguiçar em que a friagem da manhã me arrepiava foi que ouvi o aviso: «São sete horas.» Levantei-me, fui para a casa de banho, e desci para a cozinha. Da porta, vi as criadas e que minha tia não estava lá mas na salinha de jantar. Deu-me os bons-dias, sorridente, e disse, apontando para um envelope branco pousado em cima da mesa: – Aí está a carta. O teu portador, se trouxer o dinheiro, há de trazer quinze contos.

– Quinze?

– Sim, quinze. Já que se pede, porque é que não havemos de aproveitar a ocasião? – e, erguendo um braço, aconchegou o cabelo.

Engoli rapidamente o café, peguei na carta, e saí dizendo: – Se eu não voltar depressa é porque fui depois para a praia.

A manhã estava cheia de sol e de uma aragem fria que fazia transparente o ar. Nas ruas desertas, passavam crianças raras, com as criadas, atrás, a caminho da praia. Um peixeiro vinha vindo, no seu trote descalço, vestido de escuro, e carregando ao ombro, nas pontas de uma vara, peixe cujo peso a encurvava. Na entrada da pensão, um servente descalço, com as calças arregaçadas, baldeava o chão de mosaico. Tinha o cabelo grisalho, cortado rente. Perguntei-lhe pelo Rodrigues. O Sr. Rodrigues? Aquele rapaz muito alto que estava sempre a dizer piadas daquelas? Ah sim senhor. Mas era cedo. Ainda estava a dormir, pela certa. E rematou: – Se dormiu cá em casa –. Depois, olhou para mim, observando-me desagradavelmente, e disse: – O senhor suba e bata-lhe à porta. É o sete.

Subi, procurei no corredor escuro, e bati. Eu viera a preparar as frases que lhe diria. Mas, diante da porta, todas me pareciam absurdas. Seria como calhasse. Ouvi passos lá dentro, a chave deu uma volta, a cara dele, muito ensonada e piscando os olhos, surgiu.

– És tu? A esta hora? Entra – e fechou novamente a porta à

chave atrás de mim. Foi abrir as portadas da janela. Estava nu, só com o casaco de pijama. – Fiquei a pensar quem seria, quando ouvi bater. Eu tinha mandado que me trouxessem o café só às nove horas –. Atirou para o chão roupa que se amontoava numa cadeira: – Senta-te aí – e deitou-se em cima da cama. Era já tão instintivo, para ele, o exhibir-se, que foi a mexer no sexo que me perguntou: – Que foi que te aconteceu? Nunca me procuraste a esta hora. Deve ser coisa séria. Embora comigo ninguém trate de coisas sérias.

– Mas é uma coisa séria, e só tu a podes resolver.

Ele fitou-me atentamente, voltando-se para mim, e recostando-se na almofada entalada debaixo do braço em que apoiou a cabeça: – O que é?

– É preciso que tu vás a Coimbra levar uma carta.

– Uma carta? A Coimbra? E porque é que hei de ser eu?

– É uma carta de minha tia.

– Da tua tia? – e, num sobressalto com que os pés se lhe atrapalharam no lençol, puxou-o para cima e tapou-se.

– Sim. Uma carta para a mãe dela.

Ele arregalou os olhos num pasmo silencioso, e, sem destapar-se, sentou-se na borda da cama. Até que murmurou: – Mas eu?

– Tu, e é ela quem to pede.

Baixou os olhos para as mãos que aconchegavam o lençol: – Ela lembra-se de mim?

– É um pedido urgentíssimo de dinheiro que ela precisa. Acho que sabes como a velha é – ele olhou para mim, entendendo outra coisa que, na frase, eu não dizia –, uma sovina que não dá um centavo à filha. Telefonar ou telegrafar não serve de nada. Mandar a carta pelo correio, mesmo que houvesse tempo, também não. Ir uma pessoa que a velha não conheça...

Interrompeu-me, ao mesmo tempo que se deitava, com os olhos fitos no teto: – Mas ela não me conhece...

– Eu acho que ela conhece. Senão a minha tia não se lembrava de ti.

Ficou calado e imóvel. Depois, voltou para mim uns olhos vidrados de lágrimas, que quase me fizeram fugir: – E eu levo a carta e trago o dinheiro, não é?

Acenei afirmativamente.

– Deve ser uma coisa terrível... – e havia um vago sorriso nos lábios dele. – Quem sabe desta história?

– Só eu e ela. E tu.

– E eu. Mas eu não sei a razão, nem quero saber. Tu juras que é a tua tia quem me pede isto?

– Juro.

Levantou-se da cama, atirando o lençol. E foi até à janela. Depois, parou diante de mim, tão perto que me recostei na cadeira. Pousou-me uma mão no ombro, curvando-se: – Jorge... ela... de todas as pessoas do mundo... pedir-me isto.

Eu baixei os olhos, e fiquei, diante dele, com o seu baixo-ventre ridiculamente aparecendo do casaco curto.

Ele afastou-se, e começou a escolher roupa na gaveta da cómoda. Sorria com amargura, franzindo a testa. E, comparando cuecas e camisas, dizia: – Tenho de me vestir com cuidado, não é? Para causar a melhor das impressões. Senão, ela não dá o dinheiro. Quanto é?

– Quinze contos.

– Quinze contos?!... Afinal, valho muito mais do que pensava.

Fiz menção de sair.

– Espera. Não vás ainda embora. É contigo que eu me encontro, quando voltar? Quando tenho de estar de volta?

– O mais depressa possível.

– Enfim... as coisas levam tempo. Mas, indo agora, eu posso estar aqui logo à noite. Ou antes.

– Venho ter contigo às dez horas. Achas bem? Aqui mesmo.

Ele, já de calças de pijama, mas sem casaco, e com uma toalha e vários objetos de *toilette* na mão, interrogou-se numa hesitação: – E se a velha não está lá?

– Pelas últimas notícias que minha tia recebeu, há de estar.

Tirei a carta do bolso, e estendi-lha. Pegou nela com cuidado, revirou-a, e disse: – Está aberta. Fecha-a – e restituiu-ma.

Lambi a carta e tornei-lha a dar. Pousou-a na cómoda.

– Então até logo – disse eu, abrindo a porta.

Ele saiu atrás de mim, para a casa de banho. No corredor, parou, enfiando melhor um chinelo que lhe fugia: – Ouve...

– Que é?

A luz que vinha da porta iluminava-lhe o rosto, em nítidos contrastes com a penumbra do corredor. Notei-lhe os olhos sombreados, marginados de pequeninas rugas que o envelheciam, do mesmo modo que outras, aos cantos da boca, lhe davam um ar mecânico ao sorriso. Repeti: – Que é?

– Nada... Não é nada – e afastou-se para o fundo do corredor.

Desci a escada, passei pelo servente que continuava a limpar o vestíbulo, e saí para a rua. Iria a casa, para dizer que tudo se arranjava? Repugnava-me tornar a falar no assunto, sobretudo agora. Iria para a praia? Eu prometera à Mercedes que não iria. Mas eu queria vê-la. Vim para a rua dos cafés, e sentei-me a uma mesa. Passariam por ali. Havia algumas pessoas, poucas, pelas mesas, a maior parte delas tomando o seu café da manhã. Atrás de mim, três espanhóis conversavam. A república comunista estava perdida. A esquadra passara-se toda para os nacionalistas. Os altos do Guadarrama tinham sido todos conquistados. As tropas já estavam na Cidade Universitária, às portas de Madrid. Toda a Galiza caíra. A Itália e a Alemanha iam mandar um auxílio em massa. A França e a Inglaterra não se mexiam. A Rússia também não, que o Staline tinha mais que fazer lá dentro do que aventurar-se com anarquistas espanhóis. Raça danada que era preciso fuzilar toda. E as barbaridades? Tinham de pagar pelas barbaridades que já tinham feito, e que vinham fazendo desde a República. Só em Barcelona haviam assassinado, com requintes de crueldade, dois mil padres e freiras, depois de os terem passeado nus na rua. E de terem violado,

em praça pública, uma data de madres, de virtuosas esposas do Senhor. Em Madrid, os caminhões andavam de rua em rua, caçando todas as pessoas de respeito e de representação, para serem massacradas, e eles, os comunistas, obrigavam as mulheres e os filhos, as criancinhas, a assistir ao massacre. Queipo de Llano, pela rádio de Sevilha, era quem tratava aquela canalha pelos nomes que ela merecia. Em Madrid, eles tinham fuzilado, num só dia, Jacinto Benavente, os irmãos Quintero, Ramiro de Maetzu, e uma data de outras grandes glórias da Espanha.

– *Qué barbaridad!* – exclamou um deles, e perguntou se o Benavente não era aquele autor, muito conhecido, de zarzuelas. O outro, que falara antes, explicou que não: era autor de teatro, sim, mas de teatro sério, até já tinha ganho o Prémio Nobel. Ah, o Prémio Nobel, indignava-se o do Benavente das zarzuelas. Mas uma dúvida lhe surgiu no espírito: Era ele um químico? O primeiro esclareceu-o: havia prémios Nobel para tudo, e para a literatura também. Ficaram então ponderando quantos prémios daquilo tudo a Espanha já ganhara. Não sabiam. Mas era um prémio muito importante que só se dava a grandes figuras de reconhecido mérito, e de celebridade universal. Assassinar um prémio Nobel dado à Espanha era um requinte de selvajaria e de traição à pátria. Só mesmo republicanos seriam capazes de fazer isso. Um dos outros declarou que era falangista e, portanto, republicano. E que não admitia que se confundisse a república com o comunismo. A falange era por uma república unitária que unisse todos os povos ibéricos sob a direção de um chefe que representava o espírito do povo. Era o único caminho, e era o que todos os povos da Europa, que tinham reencontrado o sentido das suas glórias, estavam seguindo: visse a Alemanha, a Itália, Portugal... O outro declarou-lhe que a Itália era uma monarquia. Ora, que importava isso! Monarquia ou república, o que importava era o pensamento do chefe, do *duce*, do *führer*. Então a terceira voz perguntou quem seria o chefe na Espanha: Mola? Queipo? o Sanjurjo que morrera? José António preso pelos

comunistas que o não largariam com vida? Nenhum deles. O chefe seria o general Franco, à frente do Exército de África. Os outros dois riram-se. Franco? Estava ele louco? Franco era um indeciso que não tinha política nenhuma. Então o outro assumiu ares, no tom da voz, de suma inteligência diplomática. Se havia monárquicos e republicanos, falangistas *requetés*, e o diabo, além dos generais, quem podia ficar à frente disso tudo? Só quem não fosse nada. Mas seria ele o homem capaz de ser o *duce* da Espanha? Um general! Ora. Só o Exército e a Igreja eram a unidade da Espanha. E quem, senão o Exército, podia unificar a Espanha? Achavam que os portugueses, gente ainda mais ordinária que os galegos, aceitavam uma Espanha «de mar a mar»? Só à força. Mas a Inglaterra não deixava. Por isso mesmo, por isso mesmo. Uma Espanha forte e fascista não podia ficar com uma porta de portugueses aberta para a Inglaterra. A Alemanha e a Itália encarregavam-se disso. Mais tarde ou mais cedo, com as «democracias» com o rabo entre as pernas, era assunto arrumado. E uma das vozes rematou: – *Entones, Don Valentín, no hay que tener pasaporte para venir a Figuera* –. Riram satisfeitos os três. «Que bestas», pensei eu, e fiquei a imaginar a cara que eles fariam, quando perdessem a guerra. E era preciso que a perdessem. «Espanha de mar a mar», hein? Não queriam mais nada. E o Rodrigues, a caminho de Coimbra, com a carta no bolso, quase me pareceu um mártir da independência pátria.

Nisto, vi passar o Macedo com o irmão, e fiz-lhes sinal. Aproximaram-se.

- Tão cedo já aqui? – observou ele. – Vens à praia?
- Por enquanto não.
- Estás à espera de alguém?
- Não.
- Então, anda.

Arrependi-me de os ter chamado e declarei que me sentia bem ali sentado. O Macedo, então, disse ao irmão: – Vai andando à frente, que eu não demoro – e sentou-se à minha mesa. Inclinou-se

para mim, e segredou: – Está tudo pronto. Não te esqueças da recomendação que te fiz do pequeno, lá em Lisboa, lembras-te? E, aqui, antes de te ires embora, se puderes olhar por ele, eu agradecia-te. Não o deixes andar com o Rodrigues.

– Porquê?

– Não viste ao que ele nos levou o outro dia? Para nos comprometer a todos com os costumes dele, e para fascinar o rapaz. E o caso é que o Luís ficou fascinado. Não tem olhos senão para ele, para o que ele diz, para o que ele pensa. Quando me lembro de que estive naquilo, com o pequeno, não posso perdoar-lhe.

– Mas ele não te obrigou a nada.

– Pois não. E nisso é que está a malignidade dele. Tu não o conheces como eu. É capaz de tudo, só para se vingar de mim.

– De ti? Porquê?

– Porque eu sempre lhe disse tudo na cara. Nunca pactuei com ele.

– E porque não lhe fazes o mesmo agora?

– Já nem tenho tempo para isso. Nem sei o que vai ser de mim.

– Mais uma razão.

– Mas eu não lhe posso fazer sentir que, quem sabe?, lhe estarei a falar pela última vez.

– Não, de facto não podes. No entanto, há sempre uma maneira de dizer as coisas. E ele é inteligente. E acho mesmo que ele não é mau. Se lhe falares francamente, mesmo sem ser num apelo assim de última hora, pode ser que ele te atenda. E, depois de saber que afinal o apelo tinha sido um derradeiro apelo, e longe vá o agouro, melhor te atenderia.

– Achas que sim?...

Eu olhei-o longamente. Teria ele ciúmes do Rodrigues, quanto a uma supremacia sobre o irmão? Ou realmente seriam só as fraternas preocupações que o inquietavam? Ou... – e perguntei: – Desde quando não tens tu uma explicação séria com ele?

Ele não percebeu: – Desde quando? Como?

– Já no colégio, quando os Rufininhos andavam atrás dele, tu sabias que ele se prestava a essas coisas, não sabias?

– Sabia. Mas isso podiam ser criancices, porcarias que eu sempre tive em horror, como toda a pessoa sã. E era o que eu lhe dizia. E ele bem sabe que eu não me esqueço de nada. Por isso me tem raiva.

– E por isso tu lhe tens raiva também.

– Eu?

– Tens.

Ele ficou perplexo. Depois, disse: – Tu é que podias falar com ele.

– De quê? De que não sirva de exemplo ao teu irmão? Posso falar. Agora de que ele não se tenha regenerado à tua imagem e semelhança, não posso, porque sou outra pessoa.

– Isso é muito complicado para mim. Não te percebo.

– Melhor para ti.

– Tu estás a brincar comigo?!

– De maneira nenhuma.

A Mercedes ia passando entre o irmão e o Almeida. Acenei-lhes afetuosamente, e ela atrasou-se um pouco para corresponder mais longamente. Era como que um sinal afirmativo que ela não completou, porque o Macedo voltou-se.

– Não vens agora para a praia? Eu vou com eles – levantou-se e, com as mãos na mesa, insistiu: – Cuidas do meu irmão? –. Eu acenei que sim, e ele apertou-me a mão. Segurando-a, murmurou: – Sabes? Quem arranjou o barco fui eu, com esses pescadores do contrabando, que eu conheço. É tudo gente fixe. Mas não foi fácil –. Fui eu então quem lhe segurou a mão: – Quanto custou isso? –. Ele hesitou um instante mínimo, e disse: – Um dinheirão. – Mas quanto foi? –. Ficou calado. Eu perguntei: – Tu arranjaste o barco, e não sabes isso? –. Desviou os olhos e retirou a mão: – Não tens nada que saber. – Estás muito enganado. Tenho, sim –. Olhou para mim, e tornou a sentar-se: – Esses aí estão a ouvir a conversa. – Não

percebem nada, são espanhóis. – Mas que queres tu saber? Vamos embora daqui –. Paguei a minha despesa, e juntos dobrámos a esquina da rua.

– Então?

– A bom dizer, o barco não custou nada. A rapaziada entusiasmou-se com a aventura. O barco vai ser roubado ao patrão. Mas há uma data de coisas que custam dinheiro.

– Como por exemplo?

– Víveres, armas... muita coisa.

– Só isso?

– Achas pouco?

– Acho.

– Mas a gente precisa de levar dinheiro. Não podemos ir sem dinheiro.

– Toda a gente vai de graça, então?

– De graça, como?

– O dinheiro não é para comprar ninguém? O piloto é de graça?

– Mas o piloto é o Almeida.

– É isso que eu pergunto.

– Claro que é de graça. Que ideia a tua! Eu conheço o Almeida há muitos anos. É um homem de inteira confiança. Está tão entusiasmado como nós.

– E a coisa é certa?

– Certíssima. Só depende de quando chegarem os do Porto.

– Vem gente do Porto?

– Vem. É um golpe tremendo. Tu vais ver.

– E porque é que tudo isso não é feito no Porto? Porque é que não arranjaram o barco no Porto?

– Porque nós o arranjámos aqui. É para despistar.

– Está bem.

– Vens para a praia agora?

– Ainda não. Vai ter com eles.

Ele avançou uns passos, voltou atrás: – Posso confiar em ti?

- Tens alguma dúvida?
- No que te pedi do meu irmão.
- Podes.

Ele apertou-me a mão e foi-se embora. Dirigi-me para Buarcos, a marcar a hora para a tarde. Disse à velha que, salvo aviso em contrário, nos esperasse sempre às cinco horas. E regresssei a casa.

Minha tia estava na salinha de jantar, sentada à mesa, cosendo, e espantou-se de me ver tão cedo: – Já estás de volta? O portador foi?

– Aceitou ir. Deve ter ido.

– O teu tio ainda está a dormir. Eles foram para a biblioteca ouvir o rádio. Quando não estão a jogar com o teu tio, é o que fazem.

Nem na véspera, nem agora de manhã, ela me perguntara quem era o portador. Um portador que se percebia ser muito especial. Não sentia curiosidade, não percebera realmente, ou fazia-se desentendida? E que teriam ela e o tio inventado para dizer na carta? Ela continuava cosendo, e não dava mostras de desejar conversa. Ante o meu silêncio, acabou por dizer: – O mais cómico disto tudo é que, agora que se escreveu a pedir tanto dinheiro, e que se manda uma pessoa de propósito a Coimbra, eles não querem embarcar. Estão a pensar em ir para Lisboa. Sempre quero ver a cara do teu tio, quando se levantar e eles lhe derem conta dos novos planos que têm.

– Eles não querem ir?

– Foi o que eu entendi – e, após uma pausa em que a costura lhe absorveu a atenção, perguntou-me: – Como é que o portador foi? De comboio? De camioneta? De automóvel? Quando volta?

Respondi que não sabia como ele ia, não tinha falado nisso com ele, mas que nos encontraríamos às dez horas da noite.

– E deste-lhe dinheiro para as despesas?

– Não. Nem ele me pedia.

Sem levantar os olhos da costura, perguntou: – É um dos teus amigos?

– É.

Pousou o pano na mesa, examinou o que fizera e o que faltava coser, e disse: – Acho que é melhor tu falares com eles. Também se não forem, tanto melhor. Se cinco contos me fazem muito arranjo, quinze ainda me fazem mais. Desde que não fiquem cá em casa eternamente...

Ergueu para mim o seu risonho rosto de menina inocente. Eu, sem dizer palavra, subi à biblioteca.

Don Juan estava sentado numa das poltronas, fumando. O outro tinha o nariz e os ouvidos enfiados nos estalidos do rádio, mas voltou-se para dar-me os bons-dias em coro com Don Juan.

– Minha tia disse-me que os senhores estão a pensar em irem para Lisboa. É verdade?

Eles entreolharam-se, e Don Juan disse: – É verdade, sim. Estivemos a pensar no caso, achamos que é uma aventura absurda e perigosa. E que, mal por mal, podemos correr o risco de, por Lisboa, tentar atravessar a fronteira do Alentejo. Em Lisboa, mesmo escondidos, estaremos menos isolados do que aqui.

– E só agora é que descobriram isso?

Don Juan assumiu uma expressão contrafeita, porque o meu tom havia sido desabrido. E foi o outro quem me respondeu: – Na situação atual, o barco não consegue passar até à costa da Biscaia. Ou a marinha portuguesa, ou a dos rebeldes, caçam-no. Ao passo que, na fronteira do sul, a posição do governo da República ainda é firme. Entrando pelo sul, eu posso depois, pela França, ir para a minha terra. E Don Juan quer ir para Madrid.

– Se o senhor pode passar, por França, para o Norte, também Don Juan pode, pelo mesmo caminho, passar para Madrid.

Don Juan disse: – E as nossas famílias? Se não entraram em Espanha, devem estar em Lisboa, sem saber de nós, nem nós delas.

– Mas os senhores ouviram o Ramos dizer que estão sendo procurados. Como é que querem tomar o comboio aqui e chegar a Lisboa?

– Podíamos ir de automóvel até outra estação, e depois alugar outro automóvel em qualquer estação antes de Lisboa, onde o rápido pare.

– E com que dinheiro é que fazem isso? Desculpem a pergunta.

– Seu tio nos emprestaria – respondeu-me Don Juan.

– E o dinheiro que se pediu?

– O seu tio pode dá-lo, se quiser, ao seu amigo – disse o outro.

– Mas foi por vossa causa que se pediu o dinheiro.

– *Usted* se engana. É para a viagem, e não por nós, que o seu amigo o exigiu – disse Don Juan.

– Já falaram com o meu tio?

– Logo que ele descer, falamos.

– E se ele não aceita a solução?

Foi o basco quem me respondeu: – Seu tio não pode obrigar-nos a outra solução em que as nossas vidas estejam em jogo.

E Don Juan, com as mãos pousadas nos joelhos, dizia: – É uma aventura... uma aventura...

Saí, subi a escada, fui bater à porta de meu tio. «Quem é?» «Sou eu, tio.» «Que é que tu queres?» «Falar consigo.» «Entra.»

O quarto dele, onde seria, desde que conhecia a casa, a segunda ou terceira vez em que eu lá entrava, era uma desordem imunda. Pontas de cigarro, livros e cadernos, roupa suja, os fatos atirados, as portas abertas de um guarda-vestidos, no chão do qual se amontoavam outros fatos caídos das cruzetas, tudo se acumulava, num cheiro fétido, à volta da cama imaculada cujos lençóis minha tia mudava mais que uma vez ao dia, porque ele às vezes, quando dormia uma sesta, se enfiava neles sem descalçar os sapatos. Sentado na cama, com os joelhos sobressaindo pontiagudos debaixo da colcha, ele perguntou-me: – Então o nosso homem foi?

– Ficou de ir. Mas os espanhóis, agora, não querem embarcar.

– Não querem? Quem te disse?

– Eles mesmos. Querem ir para Lisboa, de comboio.

– Estão doidos? Então a gente arranja-lhes uma fuga tão bonita,

e agora não querem ir? Eu cravo a minha sogra, por causa deles, e não querem ir? É o que havemos de ver. Vão, e vão mesmo.

– Mas eles dizem que o tio não os pode obrigar a uma aventura em que correm risco de vida.

– Não posso? Eles não me conhecem. Vão, e vão mesmo, nem que seja à força, amarrados de pés e mãos. Desta casa é que eles não saem, senão para o barco. Que é que eles imaginam? Que uma fuga espetacular, sensacional, é uma coisa que se arranja todos os dias? Onde é que eles estão? Pendurados no rádio? Volta-te para o outro lado, que eu quero levantar-me.

De calças e sapatos, e com o casaco de pijama e a bengala no braço, parou no meio do corredor: – A que horas chegará o portador da minha sogra? Porque ele, quando voltar, já é da minha sogra... Tu arranjaste um desses rapazes que a conhecem de Coimbra, não? Hum... Espera aí. Se ela não mandar o dinheiro, é uma hipótese, eles estão livres de não ir. Se ela mandar, e eles não quiserem ir, a gente pode dizer, quando os vierem buscar, que não tem o dinheiro, porque não temos nenhuma obrigação de pagar para aquilo. Hum... O melhor é deixar as coisas como estão, até vermos se o dinheiro vem ou não vem. A que horas volta o homem? Às dez?... E mesmo eles ainda podem mudar de ideia. Mas uma fuga tão bonita, uma coisa que pode ter repercussão internacional, ainda mais bonita que a minha fuga para a Holanda... É uma dor de alma. E, se a gente não dá o dinheiro, quem sabe se, por causa disso, não falha tudo à última hora? Quinze contos é um dinheirão. Que a gente, se o dinheiro vier, tem cinco para nós, o que já não é pouco. Se esse dinheiro vier, eu dou-te uma comissão. Não, não... aceitas sim, claro que dou. Quinhentos escudos são teus.

– E a comissão do portador? – perguntei.

– Hein? Ele pediu alguma comissão? Todo o mundo quer comissão nisto? A comissão dele é a minha sogra quem lhe paga, e diretamente. Diz à tua tia que me mande o café. Mas que não me mande o café pela velha, senão atiro com tudo pelo ar – e voltou a

fechar-se no quarto.

Desci ao rés do chão, e dei o recado à minha tia. Ela comentou: – São quase horas de almoço. O que o teu tio quer é armar em galo de capoeira, e agarrar-se à Maria – mas mandou a criada de fora levar-lhe o café, e depois perguntou-me: – Falaste com ele? O que é que ele disse?

– Que o melhor era esperar-se, a ver se o dinheiro vinha ou não vinha.

– O dinheiro deve vir. Nós dissemos que era para nos separarmos, para o teu tio me deixar e se instalar no Porto, porque não podíamos continuar aqui, depois do escândalo, os dois juntos.

– Qual escândalo?

Ela riu-se: – Eu ter metido em casa um rapaz e querer viver com ele.

– A tia escreveu isso?

– Escrevi. Com a minha mãe, é de efeito seguro.

– E isso ficou escrito... Se ela mostra a carta a alguém?

– Não mostra a ninguém. A quem havia de mostrar? Na primeira vez que eu vá a Coimbra, tiro-lhe a carta. O melhor de tudo é que ela vai ficar a pensar que o rapaz é o portador.

– A carta diz isso?

– Bem, dizer não diz. Mas é o que ela vai entender – e olhou para mim divertida.

Sorri-lhe constrangidamente, e subi para o meu quarto.

A «Maria» estava a arrumá-lo. Com a vassoura encostada à porta aberta e o pano do pó pousado na mesa, fazia-me a cama.

– O senhor quer que saia e volte depois?

– Não... pode acabar.

Fiquei ao pé da mesa, a vê-la cirandar em redor da cama. Quando se abaixava voltada para mim, os seios pendiam-lhe redondos. De costas para mim, o vestido esticava-se-lhe nas nádegas. Encostei-me a ela. Não se desviou, enquanto entalava a roupa da cama. Depois, saiu do encosto, e foi entalar a roupa do

outro lado. Daí, olhou para mim. Dei a volta, e, como quem não quer a coisa, empurrei a porta. Mas a vassoura atravessou-se e tive de a desviar. Ela continuou abaixada, entalando a roupa, e eu tornei a encostar-me. Não se afastou, nem se endireitou. Dobrei-me por cima dela e agarrei-lhe nos seios. Ficou imóvel. Empurrei-a para cima da cama, e ela, em silêncio, lutou comigo por honra da firma. Mas não me deixou penetrá-la. E, depois, pegou em roupa suja minha, que estava no chão, e limpou-se, e às minhas calças. Ajustou o vestido, abriu a porta, e saiu com essa roupa na mão. Voltou da casa de banho com ela humedecida, e limpou-me cuidadosamente, sentada na cama. No fim, olhou para as calças, levantou os olhos para mim, e disse: – Vão precisar de ser lavadas – e riu. Era feia de cara, com a boca grosseira e o nariz achatado. Segurei-lhe no queixo. – Largue-me. – Logo à noite? – Não, que o senhor desgraça-me. – Não te desgraço, prometo. – Promete que é só brincadeira? – Prometo. – Depois que o senhor vier, e estiverem todos deitados, eu subo. E agora tenho de ir senão desconfiam -. E, agarrando na roupa suja, no pano do pó, que foi buscar à mesa, e na vassoura, saiu. Despi-me, enfiei o pijama, e fui tomar um longo banho. Quando desci para o almoço, com outras calças, não estava ainda ninguém na sala de dentro. Atravessei para o quintal, e vi que, da porta da cozinha, a Maria me observava. O cão saltou e ladrou na ponta da corrente. Fui andando à volta da casa. Lixo, caixas de cartão vazias e estraçalhadas pelo cão, jornais, um colchão rebentado, enchiam dispersamente o terreno, por trás do prédio. E, do meio daquilo, erguia-se frondosa e imponente a grande árvore. Levantei o olhar para os largos ramos verdejantes que quase tocavam as janelas da casa. Deles pendiam, aqui e ali, escurecidos e podres, farrapos de coisas caídas ou atiradas, e esquecidas. O sol coava-se por entre as folhas que tremiam numa leve aragem que não chegava a fazer moverem-se os trapos. Pássaros, recolhidos do calor, chilreavam, em pios soltos, lá para o alto. Como se poderia subir àquela árvore? Andei à volta dela, e não vi como. Mas devia

haver maneira de conseguir-se. Senti uma agonia que me fez afastar dali e regressar. Entrei em casa. Ao dobrar a esquina, parei a olhar ainda para a árvore. E, ao contrário do que seria de esperar, assim de mais longe, se menos me pareceu suja e rodeada de lixo, não me pareceu tão verdejante: havia nela sombras que a enegreciam. Da porta da cozinha, a Maria chamava-me para o almoço. Passei por ela roçando-me ostensivamente, sob os olhares graves da Micaela, com um buço negro curvado para as travessas. A Maria fez-se de ingénua: – Credo! O dianho do homem! Chegue-se para lá! –. Eu, na porta para o corredor, voltei-me rindo. A Micaela abanou para mim uma cabeça condescendente, e fitou com severidade a outra.

XX

O almoço decorreu silenciosamente, com os meus tios, os espanhóis e eu, todos evitando deixar transparecer o que nos ocupava como grupo e era a viagem deles. Dos olhares furtivos, das frases ocasionais, do à-vontade ostensivo sobretudo de meus tios, as longas pausas silenciosas tornavam-se mais difíceis. A «Maria» servia à mesa, indo e vindo em movimentos ao mesmo tempo graciosos de corpo e pesados no andar, mas não pousou uma só vez o olhar em mim. Comecei mesmo, a certa altura, na inquieta dúvida de se a demora dela no meu quarto não faria parte do silêncio que constantemente se restabelecia. Mas, se a dúvida ficou, a inquietação desvaneceu-se, porque os meus tios não eram muito exigentes nessas matérias... E sorri comigo mesmo, ao perguntar-me o que entenderia a Maria por eu desgraçá-la. Se calhar, a desgraça ou o perigo consistiam, para ela, na continuidade deitada das relações amorosas. Porque, evidentemente, uma rapariga como ela, meio de campo e meio de cidade, e que não era menor, já teria tido, muitas vezes, a oportunidade de levantar as saias para qualquer homem, dada a facilidade com que as levantara para mim. E não era de crer que a resistência que me opusera, por o momento não ser o mais apropriado a convenientes preparativos e satisfações, tivesse sempre levado a melhor. Claro que ela não era já virgem. Resistira-me por honra da firma e por falta de ocasião propícia. Mas também pela superstição de que a entrega total e prolongada é uma das condições para ficar-se grávida: em dormir com um homem, na mesma cama, é que está o perigo... E, de repente, senti duas aflições simultâneas e diversas: que ela não fosse virgem, e que a Mercedes engravidasse. Na minha paixão súbita, e na alegria de possuí-la, nem me lembrara disso. A incomunicabilidade estabelecida à mesa facilitou muito que eu pudesse ficar possesso de pensamentos que, aliás, não se sucediam uns aos outros e eram, antes, uma obsessão contínua; e facilitou também que eu pudesse

levantar-me da mesa o mais depressa que o almoço se aproximou do fim, e subisse para o meu quarto. Mas, se eu temia que a Mercedes engravidasse... e só de repensar o meu temor se fez duplo. Era de que ela engravidasse, e de que eu fosse capaz, amando-a como a amava, de senti-lo. Mas eu podia amá-la e desejá-la profundamente, querer casar com ela, sem que por isso quiséssemos, ou a vida nos permitisse, ter filhos. E que ela tivesse um filho meu, antes do casamento, ou eu ficasse por isso na obrigação de casar com ela, forçaria que ela se sentisse amarrada a mim, visto que eu era pai do seu filho. Amarrados assim um ao outro, haveria condições exteriores ao nosso amor que, obrigando-o a existir, quem sabe se não fariam senão amargá-lo e diminuí-lo? No mundo em que vivíamos, porém, essas condições podiam prender-nos, independentemente de nós; e, se eu tinha temido que elas me obrigassem, tudo o que eu estava pensando não seria, na verdade, o desejo de não me sentir, por elas, preso à Mercedes? Se eu temia ficar preso a ela, que amor era o meu? O desejo de possuí-la sempre e mais, a ternura por ela, tão grande, que nem eu me detinha a pensar que não a conhecia bem, não sabia como ela na verdade era, isso não era amor? E como podia eu, suspenso entre tê-la possuído pela primeira vez e possuí-la novamente, em novas horas de encantamento, que seriam a segunda vez, ter-me encostado à criada e tê-la desejado tão violentamente, que me satisfizera de uma maneira adolescente e precária? Como, a poucas horas de ter nos meus braços quem não era só minha namorada e a mulher que eu mais amava, mas minha amante também, eu pudera agarrar-me àquela fêmea grosseira, não a tendo penetrado apenas porque ela resistira? E ficava ainda a desejar que ela fosse virgem, para desvirgá-la eu? Todas as namoradas que eu tivera, as prostitutas que conhecera, tinham agora, se tentava relembrá-las, o rosto da Mercedes. Esta rapariga não tinha. Por estar muito próxima e distantes as outras, separadas de mim pelo desinteresse atual e pela satisfação momentânea de outrora? Ou porque, na ideia da sua

virgindade possível, ela não pertencia nem ao passado, como as outras, nem ao presente, como a Mercedes? A Mercedes, todavia, eu tivera-a como se ela fosse virgem: a pureza, a timidez audaciosa, o dolorido carinho, com que se me entregara, haviam sido um *como se* que lhe refizera, nos meus braços, a virgindade. Esta, contudo, outro lha tirara. E, se, no amor dela por mim, ele fosse uma memória que assumia o meu rosto e, sobretudo, na memória da sua carne íntima, o meu sexo, nem por isso a minha memória podia ignorar, não que eu não tivesse sido o primeiro, mas que, nela e nas sensações do meu sexo, não houvera aquela resistência física que é preciso rasgar, mesmo quando a mulher se nos entrega, apaixonadamente, sem resistência alguma que não seja a suprema hesitação de que o grande amor é feito. A Mercedes entregara-se-me assim. E por certo não se entregara assim a ele, mas numa tontura física ante o macho habituado a atrair e possuir, e, quem sabe, a desvirgar. E o que ele não tivera, uma ciência instintiva de amar com respeito, ela encontrara em mim e procurara em mim, para castigo dele. Mas que respeito tivera eu, na minha exigência brutal que só podia ser filha de eu saber que ela fora de outro? E que buscava eu na virgindade desejada da criada? Essa virgindade física que a Mercedes não tivera, e a violência física de que «o outro» me despojara? Fiquei horrorizado com a ideia de que esta criada de meu tio, com os seus lábios grossos e o seu nariz achatado, e o seu cheiro de partes mal lavadas, pudesse ser, menos que a satisfação provisória, por conta de outrem (que todas as outras me pareciam ter sido, e ela, simultânea com uma mulher que não era uma imagem desejada mas uma amante que se deseja porque se possui, não podia ser), a realidade da minha frustração animal e primária de não ter tido, para mim, a virgindade da Mercedes. Mas, recordando o meu amor, e o corpo da Mercedes que eu contemplara entregue sobre a cama, antes e depois, vi que precisamente isso é que fazia o meu amor mais fundo. Não era de violá-la que eu a tivera, mas de a reconquistar. E tudo o que de sangrentamente

animal o amor tem procurava-me outra pessoa em que se reconhecesse, ao nível em que o meu amor pela Mercedes, e o meu desejo dela, não podiam nem queriam estar. E isto me fez desejar ardentemente ambas. E se elas engravidavam? Com a criada seria um desastre ridículo que podia destruir a confiança da Mercedes em mim. E a Mercedes? Eu tinha de tomar precauções. Mas como aceitaria ela que eu quisesse tomá-las? Um amor que toma precauções não é um insulto? E estremeci de pensar que, por amor, eu tomaria as mesmas que se usavam com as prostitutas para se evitar uma doença suja e vergonhosa. Fiquei numa perplexidade angustiada e triste. Não pensaria a Mercedes do mesmo modo? Não ficaria irremediavelmente ofendida? Mas nós tínhamo-nos comportado, na véspera, como crianças irresponsáveis. E ela, que precauções tinha ela tomado? A tempo? E quais poderia tomar? Com desespero, vislumbrei a minha imensa ignorância, e sem dúvida a dela, em todas essas matérias. E não só a ignorância. Como e a quem recorrer?... Se acontecesse alguma coisa, haveria maneira, a mesma que toda a gente usava. E os perigos? Quando eu era criança, minha mãe, que às vezes visitava, ficando eu na antessala, sentado numa cadeira estofada, e na companhia de alguma amiga de minha mãe ou de uma das minhas tias, uma parteira (só muito mais tarde, lembrando a placa que havia na porta dessa dama gorda e de modos virilmente despachados, eu a reconheceria como tal), estivera uma vez às portas da morte, a esvair-se em sangue, e eu até brincara longamente, usando-as como canhões, com as ampolas de um remédio, «hemo»-não-sei-quê, que ela tomava quase horariamente. Mas minha mãe fazia aquilo no segredo e na proteção da família. No seu próprio e no meu é que faria isso a Mercedes? E ela podia morrer. Que ela pudesse morrer em resultado exatamente do nosso amor, apavorou-me. Vi passar, diante dos meus olhos, os panos ensanguentados que, nas pontas dos pés, e em silêncio, as criadas retiravam escondidamente do quarto da minha mãe, e eu ia verificar no cesto da roupa suja. Deitei-me na cama,

tapando os olhos com as mãos. Porque não era tudo mais simples e mais fácil na vida? Sobretudo quando, para uns, com todos os perigos, o podia ser? Por que razão a Mercedes e eu podíamos ter de pagar um preço tão grande, que podia ser a própria vida dela? E eu não queria perdê-la, era inconcebível que a perdesse, era inadmissível que a perdesse por ela se esvair num sangue que se misturara com o meu. Também isto sucederia, porém, à Maria, que eu não amava, e mesmo desejava furiosamente com algo de repugnância que ma tornava mais atraente, se ela fosse virgem e eu a desvirgasse. E mesmo que ela o não fosse. Porque uma coisa não era condição da outra, senão naquela dualidade em que o amor não era necessário. E que não fosse necessário, na verdade, fez-me ver como todas as coisas do amor e da carne são ao mesmo tempo independentes umas das outras, e se completam umas às outras, sem que sequer seja preciso que as pessoas sejam as mesmas, nem nós as mesmas para elas. Mas são assim, quando a vida continua. Não podem sê-lo, quando a vida para. Que a Mercedes me desaparecesse, era uma dor excruciante só de ter-me ocorrido. E de que ela desaparecesse, não haveria outros braços que me consolassem. Mas, se eu a perdesse, por qualquer razão que não a morte? Se ela, de súbito, se afastasse de mim e se tornasse inacessível? Que braços me consolariam disso? Poderia eu aceitar perdê-la? Continuaria de facto, tal como antes de tê-la possuído e de saber que a amava tanto, a possuí-la noutras? Que Maria, por mais bela que fosse, mais pura e mais refinada, ma substituiria? Sabendo eu que o rosto e o corpo da Mercedes existiam independentemente de mim, e não para mim, poderiam outros rostos e outros corpos ser momentaneamente ela? Nada, porém, podia afastar-me da Mercedes, agora que ela me pertencia. Nem eu devia pensar em nada senão em que a tivera, a tinha, a ia ter, a teria. A isso eu sacrificaria tudo e todos. E já começara a sacrificar.

Uma das minhas mãos foi tocada, e vi a Maria ao lado da cama. Sorria alvarmente. Pus-me de pé, e disse em voz baixa: – Estás

doida? Agora? Nós tínhamos combinado para logo à noite? –. Mas ela, sem responder, agarrou-se a mim, apalpando-me. Sacudi-a. Ela ficou parada, de mãos semiestendidas. Não compreendia. – É só brincarmos um bocadinho. – Brincar, para quê? Logo é que vai ser – respondi. E percebi que o que ela queria, ou estava habituada a fazer, era «gastá-los», antes de riscos maiores. Repeti: – Logo é que é, está combinado. Vai-te embora –, ao mesmo tempo que desejava nem sequer saber que ela existisse, e a imagem da Mercedes, como que profanada, se interpunha entre mim e aquele mostrengo. Mas abracei-a e perguntei-lhe: – Tens medo de dormir com um homem? Nunca nenhum dormiu? Nunca... – e não concluí a frase. Ela compreendeu, e acenou que não com a cabeça. – E tu queres que eu acredite nisso? –. Ergueu para mim uns olhos ofendidos: – Quem é que o senhor julga que eu sou? –. Evitei a resposta: – Uma mulher que gosta de homens, e de quem os homens gostam. – Mas o senhor não gosta de mim. O que bem quer sei eu –. Segurei-lhe a cabeça: – E é isso mesmo que eu quero, sabes? –. Desviou o olhar: – Bem que sei, é o que todos querem. – Tens de começar por aí. Algum há de ser o primeiro. – É só isso o que o senhor quer, depois vai-se embora, e não se importa mais comigo –. Eu brinquei com a verdade: – E depois vou-me embora, e não me importo mais contigo –. Sem se dar conta talvez, ela esfregava-se em mim. Afaguei-lhe os cabelos e a cara: – Queres, não queres? –. E, quando ia deitá-la sobre a cama, ela resistiu um pouco, e disse: – Ao menos você não me engana –. Depois abandonou-se, arquejante. Excitei-a ainda mais, com as minhas mãos insinuando-se por toda a parte. Mas não ia possuí-la agora, agora não, nem deixar que ela repetisse o jogo da manhã. Levantei-a tonta e trémula: – Agora não. Tenho de sair daqui a pouco. Vem logo, e vais ver como é –. Ela encostava-se à porta. Empurrei-a para fora, e, fechando os lábios, dei-lhe um beijo com força. Ao mesmo tempo que me sentia aliviado por amor da Mercedes que iria ter, todo o meu corpo se exasperava de que eu não tivesse aproveitado a oportunidade. E o meu próprio amor pela

Mercedes não deixava de recluir-se, muito ocultamente, que, logo à noite, a Maria não voltasse. Esperaria por ela; e, se ela não viesse, eu desceria a chamá-la, mesmo com risco de escândalo. Aliás, esse risco, se eu fosse procurá-la, por certo quebraria quaisquer resistências que ela ainda tentasse opor-me. E eu não precisava trazê-la para cima, o lugar era o menos, levá-la-ia para o quintal, para o mirante por exemplo. Isso, para o mirante. Ou para debaixo da árvore.

Mas se ela agora voltasse? Uma inquietação me fez preparar-me, e sair de casa precipitadamente. Antes de encontrar-me com a Mercedes, tinha de passar pela farmácia. A imagem da farmácia, como neste momento reconheci, havia de resto, tanto como a Mercedes, ficado entre mim e aquela mulher que se me entregava tão fora de horas.

Era cedo ainda; mas, depois que saí da farmácia, fiquei ansioso por ver a Mercedes, e com receio de encontrar alguém que me complicasse a vida. Não tinha ânimo senão de correr para a casinha e para, no quarto, sozinho, entregar-me à delícia e à angústia de esperar por ela. Mas, porque era cedo, retive a largura dos meus passos. Entretanto, a frustração que eu sentira por ter-me recusado à criada transferia-se, palpitante, para a ansiedade de ver a Mercedes. De vê-la e de senti-la. E se ela não aparecia? Se ela não viesse? Cheguei à esquina da rua, ainda nesta inquietação que tudo em mim procurava rebater. Faltava muito mais de meia hora para as cinco. Não se via ninguém. E se o quarto estivesse ocupado? Onde esperaria eu? Passei por diante da casa sem parar, e deambulei pelas ruas vizinhas. Crianças e gatos, que parecia não haver na outra, vagabundeavam nelas; e mulheres de pescadores, às portas, conversavam umas com as outras, enquanto alguns homens, encostados às paredes, me olhavam com desconfiança. Desci até à beira da praia, e fui andando distraidamente, na ideia fixa de voltar à casa. E voltei. Quando dobrava a esquina, a porta abriu-se para a rua que continuava deserta, e saiu um rapaz que eu conhecia

vagamente de vista, e que notando-me na esquina, se esgueirou pela rua acima, sem olhar para trás. Deixei-me ficar onde estava. Não tardou que um vulto saísse da porta, por sua vez. Era o Rufininho que, vendo-me, desceu a rua ondulantemente e passou muito rente a mim, mas sem me olhar. Na mesma casa a que ele vinha com as suas conquistas, eu encontrava-me com a Mercedes. Quem sabe se na mesma cama. Foi como se toda a sordidez da vida desabasse sobre ela e sobre o nosso amor. Desejei esperar ali que ela chegasse, para levá-la para muito longe, tão longe que ninguém nos visse, que ninguém nos tocasse, que nenhum objeto tivesse servido fosse a quem fosse. Mas levá-la para onde? Eu não sabia de nenhum outro lugar (e o lugar de que eu não sabia não era já o fim do mundo, mas um quarto em que estivéssemos os dois), e todos os lugares já tinham sido servidos. Em todos já tinham dormido ou estado deitados prostitutas, adúlteras, chulos, pederastas, lésbicas, velhos e novos, gente com saúde e sem saúde, por vício, por desespero, ou por amor. Mesmo quando eu tivesse na minha casa um quarto para mim e para a Mercedes, que poderia ser exatamente o meu, podia eu perguntar-me, e ter resposta, sobre quem vivera ali, e que fizera dentro daquelas paredes, antes de eu e meus pais lá morarmos? Só tendo uma casa feita de novo, com mobília nova, tudo novo, criado expressamente para nós, é que as coisas não teriam manchas das mãos dos corpos de outrem. Mas mesmo isso não era a verdade, porque alguém as fizera, e essa gente que as fizera teria as mãos suficientemente limpas? E eu, neste preciso momento, lavara as mãos depois de ter tocado na outra? Olhei para elas. Entraria, lavá-las-ia num lavatório onde a água correria para outros, e limpá-las-ia numa toalha que, mesmo lavada, o fora de ter servido a outros. A água lava tudo, havíamos dito, eu e o Rodrigues, à beira-mar, naquela madrugada que já me parecia há séculos. E o tempo era como a água, com a correção que o Macedo introduzira: «quase tudo». Mas este quase era, simultaneamente, o que da vida nos fica como vida e com sarro dela. Em nós e nas coisas servidas. Porque se

o mar lavara o Rodrigues dos seus pecados, eu mandara-o para o único pecado que ele não quisera cometer, para mais seguramente possuir a minha Mercedes; e nem sequer já era certo que o sacrifício dele tivesse sido necessário para eu estar ali, e poder continuar a estar, à espera de ter a Mercedes, tê-la, e ela ser minha, como, na mesma casa, o Rufininho se dava às suas aventuras de ocasião. Bati à porta.

A velha abriu-me a porta, encurvando a boca num sorriso solícito que parecia ser a continuação da rapidez com que se desviou para deixar-me passar e fechar a porta da rua atrás de mim. Para a do quarto, entreaberta, deitei eu um olhar de viés. Ela atalhou-mo logo, encostando-a e dizendo-me: – Aí, não, que não está arrumado. O senhor espera um pouquinho lá dentro, venha, se quer ficar aí – e passou-me à frente. No fim do pequeno corredor, à porta do quarto em que eu estivera antigamente, e que fazia esquina com a da cozinha onde vi um vulto que se voltou para a do quintal, parei para lhe responder: – Para aquele, não. Pode ser aqui neste, não pode? – Pode, mas o outro é melhor, e eu arranjo-o num instante, enquanto o senhor espera aqui. Aquele – e o sorriso voltou – é o dos meus fregueses certos... –. Abrindo a porta do quarto do fundo, respondi: – Não... eu espero aqui e ficamos aqui –. Ela encolheu os ombros, e disse: – Como o senhor quiser –. Mas, depois que eu fechara a porta, ela bateu e entreabriu-a: – Quando a menina chegar, eu trago-a para cá – e um impercetível movimento meu fê-la acrescentar: – Mas, se o senhor quer esperar no quarto da frente, pode mesmo o senhor abrir-lhe a porta –. Fiquei hesitante entre esperá-la no quarto que fora o nosso e evidentemente era também do Rufininho, e o outro quarto, onde eu estivera com uma prostituta. E voltei atrás dela ao quarto da frente, reparando, só então, nas imaculadas toalhas que ela tinha no braço. O quarto não tinha aspeto de ter servido, salvo pelo bidé deslocado para junto do lavatório, um molho de toalhas, muito bem dobrado e pousado no chão ao lado do bidé, um amassamento disperso na cama e nas

almofadas, e um vago cheiro acre e excrementício que flutuava no ar e me fez estremecer. A velha, afanosamente, abriu as vidraças e encostou de novo as portadas, voltou a colcha da cama e esticou-a, sacudiu as almofadas que despiu e vestiu de lavado, com fronhas que havia no armário de espelho, pousou as toalhas no lavatório, empurrou o bidê para debaixo da cama, com um sorriso para mim, e apanhou do chão e pôs sob o braço o volume de toalhas servidas e dobradas. Quando acabou, parou à porta: – Está tudo arrumado. Se o senhor quiser... –. Respondi secamente que ficava ali, à espera, mas depois voltava para o outro quarto. Ela mostrou-se então francamente contrariada: – Ocupar os dois quartos não pode ser, o senhor desculpe, mas não pode. Não é só o senhor com a sua menina quem eu tenho para essa hora. Não viu uma senhora à espera na cozinha? Se ele chegar primeiro que a sua menina, vão para o quarto do fundo, não é? E então o senhor tem de ficar aqui. Se o senhor tivesse chegado mais tarde, ficava aqui, não ficava? Viu sair os rapazes, não é? – remirou-se no quarto, com as mãos cruzadas sobre o estômago: – Mas um é o meu melhor freguês, um bom menino que já me tem valido em muitas aflições, e ele não traz aqui senão pessoas decentes, de categoria, porque é muito respeitador da minha casa. Também ele sabe que se cá trouxesse rapaziada da rua, eu nunca mais lhe abria a porta. Isto, fique o senhor sabendo, é uma casa de respeito. Não julgue que é toda a mulher da vida que aqui põe os pés. Só as de juízo, as que são decentes. E o que as pessoas fazem ou não fazem das portas de um quarto para dentro, uma vez que sejam pessoas decentes, ninguém tem nada com isso. A minha casa é limpa, e essas coisas não se pegam. O meu marido que Deus tenha à sua santa guarda – e benzeu-se – era o que sempre me dizia, que essas coisas não se pegam. E é verdade, não é? E depois o senhor vem aqui por não ter outro lugar onde estar à vontade com a sua menina, pois, se tivesse, não vinha. E o que acontece com o senhor é o que acontece com os outros. Todos cá vêm, porque é uma casa séria e segura, e porque

precisam da minha boa vontade. E eu preciso de ganhar a minha vida, com o que o meu santo marido me deixou e é esta casa. E é uma dor de alma não ajudar aqueles que precisam. O senhor quer, só porque fica a pensar na vida alheia, que eu feche a minha porta àqueles que mais precisam de mim e que são os que mais me ajudam a viver? Sim, senhor, os rapazes estiveram aqui neste quarto, e é sempre para este quarto que o menino Rufininho vem. Se o senhor não quer servir-se da mesma cama, porque acha que essas coisas se pegam, vá lá para dentro. Mas não empate a vida dos outros. Fica aqui ou vai para lá? No meio da casa é que não pode ficar, porque, se a sua menina não quer ser vista, ou não pode, o mesmo acontece com as outras pessoas que também não hão de querer que o senhor as veja. O menino Rufininho é que não se importa com essas coisas. Mas os outros também não querem ser vistos com ele. Vai ou fica?

Tirei do bolso uma nota que lhe meti na mão, e respondi: – Fico aqui –. Ela foi fechar as vidraças, encostou as portadas outra vez, e, ao sair do quarto, comentou, sorrindo maliciosamente: – Quando a sua menina vier, o senhor nem se lembra de mais nada. Estejam à vontade o tempo que quiserem. O quarto é seu.

Fiquei só, à espera. E ia sentar-me na cama, quando bateram à porta. Espreitei da janela, e, ao mesmo tempo que ouvi os passos da velha, distingui um homem rente à porta que logo se abriu para ele. Os passos entraram pela casa adiante, e ouvi a porta do outro quarto ser fechada, tentativamente, com força. A casa ficou silenciosa. Tornei a sentar-me na cama, e pensei que, num quarto como aquele, eu e a Mercedes não tínhamos nada que nos protegesse das coisas e das outras pessoas, e de nós mesmos, senão o nosso amor. Precisamente num quarto e numa casa onde o amor podia ser a coisa mais ocasional do mundo, um desejo que não necessitava de mais que a disponibilidade alheia para satisfazer-se, era que nós mais necessitávamos de que ele fosse forte, puro, absorto, e ao mesmo tempo uma entrega, sem reservas, do mais

fundo de nós mesmos. Que nós desejássemos e possuíssemos era uma coisa que poderíamos fazer em qualquer parte. E eu desejava-a tanto! Mas que nos amássemos no desejo e na posse era muito diferente: e era como se, à minha volta, tudo tivesse um ar de hostilidade, por o meu amor exigir de tudo um mais que não podia ser dado, e também um ar de sorna cumplicidade, por o nosso amor ter de aceitá-la para cumprir-se. O pesadelo que eram maravilhosamente estes dias não tardaria em passar. Nada me impediria de ter a Mercedes publicamente, casando com ela, acontecesse o que acontecesse. E senti uma dor finíssima: o que havia de forçadamente e mesmo miseravelmente clandestino no nosso amor era como que a condição da sua mesma pureza, da sua mesma integridade, da sua mesma grandeza. Que ele fosse escandalosamente público ou calmamente legalizado (e que condições verdadeiras tínhamos nós para qualquer das duas soluções?...), eis o que lhe retirava, não um fascínio de aventura secreta, que eu achava indigno que sentisse, mas o carácter de coisa só nossa, não repartida, a bem ou a mal, por mais ninguém. A própria degradação profissional daquela velha e daquela casa, entre hostis cúmplices, era uma garantia dessa solidão a dois, que tinha sido o nosso primeiro encontro ali e que seria o espírito mais íntimo do nosso amor. Nenhum de nós jamais diria ao outro o quanto o outro havia surgido como algo que nos completa o que já se tem, ou como alguém que se rouba expressamente até ao que julgamos contrariamente pensar e sentir. E nenhum de nós poderia apelar para as coisas que eventualmente nos rodeavam, nem para as pessoas que nos conheciam e não sabiam do nosso amor, nem para quem, a dinheiro, nos vendia umas horas de um quarto para nos despirmos e deitarmos. Ali poderiam, contudo, ter-se passado coisas horríveis, havia poucos momentos, e que me perpassaram rápidas numa agonia da imaginação. E nada de horrível se passara, no outro quarto, entre mim e a mulher que pela primeira vez me trouxera àquela casa e a quem afinal, indiretamente, eu e a Mercedes

devíamos a nossa própria apaixonada posse. Quase vi, sem lembrar-me dela, essa mulher sentada na borda da cama, vestindo a camisa e calçando as meias, com um pudor de si mesma, que a Mercedes, na véspera, sorrindo-me, não tivera. Tremi de um horror que só o alívio de não ter sido *neste* quarto fez que se dissipasse um pouco. O amor verdadeiro, desesperadamente verdadeiro, era – reconheci de súbito, do mesmo passo em que me empenhava em reabilitar a imagem comparativa da Mercedes – de um impudor para que nenhuma experiência nos prepara. A indiferença funda pelas pessoas envolvidas torna inocente a maior orgia. E o mínimo gesto de abandono amante choca quem nunca amou como eu amava. Não, não era de já ter sido possuída que a Mercedes me exibira a sua nudez, descuidadamente, com um impudor que outras não teriam tido, e que as faria encobrir, após o amor, em discrição maior, as suas partes mais íntimas. Porque me amava puramente, e porque se me dera, tudo, mesmo a carne mais secreta, era natural aos nossos olhos. Nem eu me ocultara dela, como de outras fizera, que se me entregavam como que fingindo não saberem com que as penetrara ou com que as sujava sem as penetrar. Mas, se ela fora tão natural comigo, por puro amor de mim, também era porque o meu amor e a minha posse física tinham, por outrem, sido despojados de quanto imaginado mistério, e terror, e receio de não ter prazer nem de o dar, existe numa mulher que nunca se entregou. E, se eu andara ante ela como andara, sem o ostensivo exibicionista do deboche, nem o falso respeito da saciedade a dois, era também porque ela, com o seu à-vontade, se me chocara, me libertara do temor oculto de não ter estado à altura do que ela esperava de mim, não em sonhos do que o amor físico seja, mas na realidade do que ele pode ser. Sorri comigo mesmo, clinicamente, de quanto eu devia ao idiota do Almeida que primeiro a possuía, precisamente para, assim e por isso, a perder. E um baque me fez olhar o relógio. Ela estava atrasada quase vinte minutos. Não podia vir? Ou nada valera do que houvera ontem? Que desculpa dera ela para, na véspera,

chegar tão tarde? Que outra inventaria, teria inventado, hoje, que fosse crível? Ela tinha os pais, tinha o irmão, tinha o Almeida, e também as pessoas que a encontrassem na rua, e precisava de explicar a todos, ou evitar de ter de explicar a todos, escapar-se sozinha ao fim da tarde, para reaparecer horas depois, já de noite, com os olhos quebrados e brilhantes em que só os distraídos não reparam. Quem sabe se tudo lhe falhara hoje; quem sabe se, não descoberto na véspera, por qualquer série de coincidências protetoras, o nosso encontro, o fora agora, antes de que a repetição dele nos selasse mais profundamente o comprometimento mútuo? E que seria de nós? Como nos encontraríamos outra vez? Teríamos de fugir. Para onde? Com que dinheiro? E se ela não quisesse fugir? Mas ela queria, ela não pensava em nada. Antes de que pensasse que eu mesmo receava a fuga, enterneci-me com a paixão dela, tão devastadora e tão súbita, como um pequenino fogo que eu acendera, e que, repentinamente, ao sopro de circunstâncias extravagantes, se transformara num grande incêndio. Porque ela não se me entregara de um dia para o outro. Sem que mesmo o soubesse, ela apenas consumara comigo aquilo que, desde que me conhecera, sonhara consumir. Eu havia até sido, afinal, o outro que a possuía, porque estes homens, como o Almeida, que conquistam todas as mulheres, e passam de uma para outra, não têm de seu nem o sexo: é sempre outro, que as não tocou, quem neles e por eles as possui.

Encostado no vão da janela, eu vigiava ansiosamente, todavia, pela greta das portadas, a rua. Um vulto passou rente que não tive tempo de destacar. E fiquei por segundos numa expectativa que me foi desmentida pelo ruído de uma chave que abria a porta. A porta da rua fechou-se, e passos suaves soaram dentro de casa. Alguém que tinha chave. Ou alguém que morava com a velha. Um parente talvez. Tinham sido passos de homem. Quem sabe se a Mercedes estava já parada na esquina, esperando que aquele homem passasse e entrasse. Sendo assim, não tardaria. E fiquei suspenso de vê-la

chegar. Mas não chegou. Olhava eu o relógio constantemente, e admirava-me de que ele mesmo assim, tão continuamente visto, andasse. Não conseguia pensar em nada, nem a minha cabeça pensava nada por conta própria. Era só uma angústia de que ela não viesse, de que jamais nos encontrássemos, de que estivesse perdida para mim. E um desejo furioso, em ondas pelo corpo todo, de abraçá-la, de beijá-la, de possuí-la. Não que o corpo dela cintilasse diante de mim. Pelo contrário, não o via; e era até como se eu estivesse dentro daquele corpo desejado, e o latejar do sangue nas minhas têmporas, e no meu sexo, fosse o da carne dela na dureza dele. Foi assim que só depois de ouvir passos que vinham à porta eu ouvi nitidamente as tímidas pancadas que já haviam soado. E voltei-me para a porta do quarto e vi a Mercedes, encostada, do lado de dentro, à porta que já se fechara. Arquejante e séria, abandonou-se mole, nos meus braços, aos beijos com que a levei até à cama. Abraçou-se então a mim, tão estreitamente que não me deixava despi-la. De olhos fechados, não falava, não respondia às minhas perguntas. E só pouco a pouco, à força de carícias que tanto a distendiam hoje quanto na véspera a haviam retesado, é que pude despi-la e ela se me abriu inteira para mim, como se a ânsia de abraçar-me fosse maior que o seu desejo, e mesmo tão grande que, impedindo os gestos preliminares, fazia do desejo a saciedade. Mas a saciedade foi muito diversa de quanto eu esperasse. Ela entregou-se-me e possuiu-me atentamente, minuciosamente, numa concentração que lhe cerrava com força os olhos e lhe cravava as unhas nas minhas costas, e que não queria que eu, nem para recomeçar, me soltasse dela. Era uma atenção de todos os sentidos, e ao mesmo tempo um alheamento, uma distância de quem procura espaço para, dentro de si, poder guardar nos olhos da memória todos os instantes que a sua carne sentia, de que se apoderava ciosamente. Erguendo-me sobre ela, eu via-lhe o rosto contraído, perlado de um contentamento aflito que parecia, no tremor dos lábios e das asas das narinas, um dolorido desgosto. Com beijos, eu

cobria-lhe aqueles traços, e, ao beijá-los, deixava de vê-los. E, deixando de os ver, sentia-os com os lábios, traçava neles caminhos novos que apagassem aquela contração de dor.

Quando ficámos lado a lado, primeiro de costas, depois voltados um para o outro, com as mãos percorrendo-nos mutuamente em carícias tranquilas, os olhos dela fitavam-me sem expressão alguma. Carícia a carícia no meu rosto, comecei a sentir que ela me estava falando com as mãos, estava, com elas, dando aos seus próprios olhos a expressão que tinham perdido. Algo na minha pele, um retraimento instintivo que eu não senti nem de que soube, lhe terá denunciado que eu entendera uma mensagem sem palavras, que falava de angústia. Mas eu estava imensamente longe dali, naquela situação estranha em que a satisfação feliz nos coloca, se ao lado do objeto da nossa felicidade o sentimos nosso e disponível. O que senti através das mãos dela, eu entendera – e a minha pele se inquietara disso. Mas eu mesmo, lá no fundo, era como que um espectador divertido, assistindo seguro e calmo a uma representação feita em sua honra. Foi mesmo com surpresa que me senti emergir dos fundos crepusculares da felicidade, convocado por aqueles sinais que se me dirigiam. Mas não emergira ainda, e havia até em mim uma recusa a emergir, quando ela disse, ao longo do movimento de um dedo pelo meu queixo adiante: – Eu não devia ter vindo –. Deitei-me de costas, olhando o teto, com uma das mãos pousada no seu ventre: – Porquê? –. Ela demorou em responder, e eu comecei a mergulhar numa sonolência que era um regresso à felicidade e também uma defesa contra o ser despertado dela.

Mas ela disse: – Julgas que foi fácil vir? Achas que posso assim desaparecer sozinha durante horas? Que ninguém dá por isso?

– Quem deu por isso?

Não me respondeu.

– Deixa lá. Se souberem, tanto melhor.

Ela ficou calada, olhando o teto também, e acho que os nossos olhares se encontraram sobre uma mesma mancha escura na

madeira pintada de verde, um verde desmaiado e sujo. A mancha movimentou-se, alastrou, afilou-se a seguir, e acabou por adensar-se mais escura. Fechei os olhos.

– Jorge... eu amanhã não posso vir.

Voltei-me para ela: – Porquê?

Não respondeu nada, e continuou fitando o teto.

– É amanhã que eles partem?

Continuou calada, e eu apertei-lhe o ventre nos dedos, repetindo a pergunta.

– Não sei.

– Não sabes?

– Não me perguntes nada. Tu não imaginas como eu sou feliz contigo, se não pensar em nada nem em ninguém, se não falar de nada nem de ninguém. Eu só queria... – e voltou-se para mim.

Mais tarde, como se nada tivesse havido, continuou a frase: – ... só queria que não tivesse acontecido nada, que estivéssemos como quando nos conhecemos pela primeira vez.

Afagando-a, eu disse: – Também eu queria... Mas, meu amor, é um engano. Se nada tivesse acontecido, não estaríamos os dois aqui, entregues um ao outro, pertencentes um ao outro. E nem tu nem eu saberíamos, de verdade, a que ponto nos amávamos, a que ponto o amor pode ser isto que sentimos.

Ela então murmurou: – Nunca me hei de esquecer de ti, nunca.

Debrucei-me sobre ela: – Nem eu te deixo, querida. Porque havias de esquecer-te? Estarei sempre contigo, estarás sempre comigo, estaremos sempre um no outro.

Abraçou-me ternamente, beijando-me de leve, com doçura: – Não entendes, querido, não entendes. E é tão difícil explicar-te... Quando exigiste que eu fosse tua... Sim...

– Ofendi-te?

– Não. E era o que eu queria, desde que te tinha beijado –. Desviou o olhar, rindo, e acrescentou: – Isso é que é o pior.

Ajoelhei-me na cama, ao lado dela que se sentara na borda: –

Pior, porquê?

Pôs-se de pé: – Anda, vamos embora.

Saltei para o seu lado e segurei-a: – É cedo. E amanhã, sempre não vens? Não? E depois de amanhã?

Vestia-se lentamente, como se eu não estivesse ali. Penteou-se ao espelho. Comecei também a vestir-me. Repeti a pergunta: – E depois de amanhã?

– Como hei de saber? Logo vemos.

Compondo o casaco que enfiara, levei, por hábito, as mãos aos bolsos, e estremeci.

– Perdeste alguma coisa? – perguntou, fitando-me.

– Não, não perdi nada.

– Mas então o que te aconteceu?

– Nada, nada.

– Que encontraste então no bolso, que até mudaste de cor?

– Nada.

– Deixa ver.

– Não há nada que ver.

– Mostra – e estendeu a mão em direção ao meu bolso.

– Não tenho nada que mostrar.

– É coisa que eu não possa ver?

– É.

– E que coisas é que eu não posso ver?

Tirei do bolso o que comprara na farmácia: – Isto, por exemplo.

Recuou a mão e baixou os olhos. Eu, interdito já, tornei a guardar aquilo, sem olhá-la. E fui surpreendido por um longo abraço com que ela me veio, de súbito, procurar a boca. Ainda abraçada, ela disse, rente à minha face: – Obrigada por teres esquecido isso.

– Mas tu sabes o que isto é? Ele usava, não?

Afastou-se de mim, com o olhar baixo: – Não tens o direito de me perguntar. Mas posso responder-te que nunca usou.

Com a mão na chave da porta, disse: – Adeus.

Abracei-a pedindo-lhe perdão. Que me desculpasse. Eu estava doido por ela. Primeiro, não correspondeu ao meu abraço. Depois, abraçou-me e beijou-me com sofreguidão. E disse: – Não me peças perdão de nada. Eu gosto tanto de ti –. E saiu.

Fiquei parado ao pé da porta, não sei quanto tempo. Foi a voz da velha o que me despertou: – Então, tudo correu bem? Está satisfeito? Voltam amanhã? À mesma hora?

Saindo precipitadamente atrás da Mercedes, apenas lhe disse de passagem: – Amanhã, não. Eu aviso.

Subi a rua, e dobrei a esquina. Não a vi. Corri de rua em rua, no caminho mais provável, e também me sentia como que chamado por um rastro dela. Precisava falar-lhe. Precisava sobretudo vê-la. Mas porque correra ela? Como desaparecera assim? Parecia ter-se desvanecido. E, no entanto, um apelo me chamava por aquelas ruas fora, fugindo à minha frente, como se alguém a estivesse raptando e ela chamasse desesperadamente por mim. Não era de mim que ela fugia, não. E eu correra atrás dela, ainda mesmo antes de sentir-me arrastado por aquela força, aquela voz que me chamava. Parei numa esquina, e depois noutra, hesitando. E continuava sempre. Tinha de falar-lhe e de vê-la já, antes que ela entrasse no hotel. Se entrava no hotel e eu não lhe falava... Um pânico me impelia, de não chegar a tempo. A tempo de quê? Eu ofendera-a, magoara-a, ia perdê-la. Mas ela dissera que não viria amanhã, antes de tudo. Antes. Não ia perdê-la por isso. «Não me peças perdão de nada. Eu gosto tanto de ti.» Nas ruas mais concorridas, pareceu-me distingui-la. Atropelando pessoas, diminuí a distância. Perdi-a de vista. E logo voltei a vê-la. E pude segurá-la por um braço, esticando o meu por entre duas criaturas que passeavam. Voltou-se espantada, e não era ela. Passei adiante, e entrei pela porta do hotel. Ela estava junto do balcão, recebendo a chave. Num súbito susto que logo reprimiu, viu-me já a seu lado. Sorriu-me amavelmente. Eu disse: – Porque fugiste? –. Ela abanou a cabeça, com o mesmo sorriso de amabilidade fictícia: – Não fugi. Era tarde. Até amanhã – e logo

emendou, estendendo-me delicadamente a mão: – Amanhã, não. Depois –. Segurei-lhe a mão. Retirou-a e escapou-se para as escadas. No patamar que não se via do balcão, parou um instante, e acenou-me um furtivo adeus. Foi quando percebi que, diante de mim, ao meu lado, durante a cena, ela tivera os olhos vidrados de lágrimas.

Saí para a rua, e só então notei que era já noite. Passava das nove horas. Iria comer qualquer coisa, e voltaria para casa. Para casa? E o Rodrigues? Talvez que já tivesse chegado. Por certo que chegara já. As dez horas tinham sido para maior certeza. Entrei num café, tomei um refresco e comi uma sanduíche. E fui procurar o Rodrigues.

XXI

Na pensão do Rodrigues, o mesmo servente de pela manhã estava à porta, e, com o mesmo ar de cínica malícia, disse-me que podia entrar e subir, *ele* estava no quarto à minha espera. E, rodando sobre o ombro encostado à ombreira, repetiu sublinhadamente o final da frase, quando eu já cruzava rente a ele que se não encolheu ou desviou para que eu passasse. No quarto, havia luz. Bati, e o Rodrigues gritou: – Entra.

Estava completamente nu, estendido de costas em cima da cama, com as mãos cruzadas sob a cabeça que não desviou para me falar.

– Ah és tu... o dinheiro está aí em cima.

Peguei num envelope branco, aberto, mas cujo conteúdo não verifiquei.

– Conta. São só dez contos. Vem dentro um bilhete dela, que eu lhe fiz escrever, explicando por que não deu mais. Como embaixador, não valho senão dez contos. Não é o que ela diz aí?

Contei o dinheiro, e vi o bilhete.

– Mas, no bolso do meu casaco, há mais cinco contos que ela me deu, e que eu ganhei com o suor do meu rosto e de outros lugares. Leva-os também.

– Mas são teus.

– Não, não são meus. Pertencem à tua tia. Leva. Não preciso deles.

Procurei nos bolsos do casaco que estava nas costas de uma cadeira e encontrei as notas.

– Conta. Está tudo certo?

Não respondi.

– Tu entregas a carta com os dez contos e o bilhete, e depois entregas, dados por mim, os outros cinco contos, ouviste?

Acenei que sim.

– Sabes do que eu tenho pena? Sabes? De não ter corneado o teu tio. Eu devia ter pensado que ela não era diferente das outras. Fui

uma besta, um anjo, um cavalo com asas de anjo. Se eu tivesse feito o que queria, ela tinha encontrado o amor que o teu tio nunca lhe deu, e escusava de andar a enganar-me, sim, a enganar-me a mim, porque ela tinha obrigação de saber que havia quem a adorasse, e de andar por aí a dar nele pelos cantos até se meter numa encrenca como esta. Depois, cá o rapaz é que se vende para Sua Excelência se escapar pura.

– Ela está fora disto tudo.

– Está? Tu julgas que ela está? Tu fazes de mim parvo? Tu julgas que eu não li a carta dela? Eu não queria. Mas aquela velha é o diabo. Foi ela quem me leu a carta, me obrigou a ouvi-la. E sabes o que a carta dizia, sabes? Que eu, o portador, era o homem dos sonhos da tua tia, e era também o homem que exigia o dinheiro. E a velha julga que ganhou a dois carrinhos: que me comprometeu e livrou a filha de um malandro, e que pôde lambar de cabo a rabo esse mesmo malandro que trazia de olho. Tu não te ris? Tu não achas piada?

Pôs-se de pé, e sacudiu-me: – Tu não te ris? Não achas piada? Já viste alguma vez uma piada maior?

– Não.

Sentou-se cabisbaixo, na cama: – Nem eu.

Eu não tinha palavras para dizer-lhe. Mesmo que lhe contasse o que estava por trás daquilo tudo – a que ponto eu queria que a viagem se efetivasse levando o Almeida para o inferno, a que ponto minha tia mentira para arrancar à mãe o dinheiro –, mesmo que eu acrescentasse que todos nós – eu, a Mercedes, o irmão, os outros, os meus tios, toda a gente me parecia, ante ele, um bando de crianças irresponsáveis – eu não remediaria em nada o mal de tê-lo escolhido para aquela missão, nem a coincidência dessa escolha com a carta incrível de que ele fora o portador. Mas perguntei: – Tu leste ou ouviste ler a carta? Ou é imaginação tua? Ou a velha inventou, quando ta leu?

Deitou-se outra vez ao comprido: – Tanto faz.

Rebolou-se desesperado na cama: – Não entendes que tanto faz? Não vêes o que aconteceu? O que me aconteceu?

Estendeu para mim a mão esquerda em que, de súbito, vi luzir um belo anel de diamante.

– E dando os cinco contos eu não perco tudo, não dou tudo o que ganhei. Estás a ver? É bonito, não é? E vale um par de contos. Sabes a quem pertenceu este anel? Ao pai da tua tia. E calculas o que eu tive de ouvir? Calculas a alegria dela quando me viu? Calculas que, ainda por cima, ficou toda contente porque, além de ter-me... e as coisas apaixonadas que ela me disse, a babar-se de gozo pelos cantos da boca... além de ter-me, estava a roubar-me à filha?... E, sempre que eu quiser, é só bater-lhe à porta. Nunca pagou tanto, nem deu tanto dinheiro a ninguém, foi o que ela disse. Que eu podia ter tudo o que eu quisesse. Era só pedir. Seria o seu filho querido. Havia de ser uma mãe para mim. O monstro. E até se parece com a minha mãe, raios as partam. Foi uma consolação geral. Mas agora acabou-se tudo.

Pôs-se de pé em cima da cama, segurando o sexo com as mãos, e sacudindo-o: – Mas agora, estás a ver?, acabou-se tudo. Estou livre. Livre. Agora posso vender-me todo. Dar tudo, tudo – e dançava desnalgando-se, afastando as nádegas com as mãos.

– Tu estás doido? – disse eu.

Parou, curvado para mim, com um olhar desvairado que rapidamente se tornou lacrimoso: – Estou. E quem não está?

Atirou-se sobre a cama, e soluçava: – Eu julgava que o mal era uma coisa que havia em mim, uma raiva que me enchia, uma miséria que cobre toda a gente. Mas agora sei que não é. Não está dentro de mim, nem me enche, nem cobre todos. Não existe. Estás a ouvir? Não existe. E, se ele não existe, como posso eu adorar seja quem for que me salve? Não há de que salvar, não há quem salvar, não há quem salve. Não existe.

– Então o que é que existe?

– Tudo o que não tem importância. Só o que não tem

importância é que existe.

Voltou-se para mim: – Sabes o que eu vou fazer? Não sabes? Vou para Lisboa.

Eu ri-me a contragosto, e para desanuviar o ambiente: – E, no fim de tanta tragédia, o teu epílogo é só ir para Lisboa?

Levantou para mim os olhos: – Achas pouco?

– Já pensavas nisso – disse eu, sentando-me na cadeira.

– Já, mas agora é diferente. Vou mandar fazer um cartão de visita, com o nome, e as minhas medidas todas, e estes dizeres: «Todos os serviços ativos e passivos para ambos os sexos e todas as idades. Preço a combinar, conforme os casos.» Que te parece?

– Parece-me que o melhor é fazer uma tabela.

– Uma tabela, hein?

– Sim, para poupares o trabalho de discutir o preço em cada caso especial. Porque, se pensares bem, todos os casos são especiais. E ou trabalhas a preço fixo, independentemente do serviço, ou o melhor é uma tabela.

– Nem tu me tomas a sério, pois não?

– Tomo, sim. Mas essas coisas, as coisas que tu dizes, não.

– Mas tu não acreditas que eu possa sofrer?

– Acredito. Até acho que deves ser, das pessoas que conheço, uma das que mais sofre.

– E que mal fiz eu para isso, não me dirás? Tu és meu amigo, não és?

– Sou.

– E sabes que eu não confio em ninguém senão em ti?

– Porquê?

– Olha, talvez seja porque, nestas coisas da minha vida, tu estás fora de tudo, és uma pessoa que vem a férias, uma pessoa que só me conhece como eu sou, e não como eu tenho sido. Todos os outros são a minha família, e aquele hotel maldito, e os que foram meus colegas de colégio. Todos acham que me conhecem, ou porque alguma vez me agarraram nisto, ou porque sabem que alguém

agarrou. Eu só queria que tu me disseses uma coisa. Seja eu tudo o que for, acabe eu como acabar, tu deixas de ser meu amigo?

– Não.

– Tu juras?

– Juro.

– Queres que eu te diga uma coisa? Eu gosto mesmo de ti. Estremeci.

– Vês? Tiveste um susto. Apesar de seres meu amigo, julgaste que eu te fazia uma declaração de amor. Mas é exatamente o contrário. Eu nunca fiz uma declaração de amor a ninguém. E nunca tive, e acho que não hei de ter, amor por ninguém. E estima também não. Eu só tenho raiva. E a única pessoa ao pé de quem não sinto raiva és tu. Não te tenho raiva. Logo, é porque sou teu amigo. Eu acho que, se tu me traíesses, eu era capaz de perdoar-te, e de dizer muito obrigado ainda por cima.

– Então é o que tens de fazer.

Levantou-se num susto: – Porquê?

– Porque eu já te traí.

– Tu?

– Sim. Fui eu quem se lembrou de te mandar a Coimbra.

Sentou-se na borda da cama, torcendo lentamente as mãos, de olhos baixos. E, sem levantar a cabeça, perguntou: – Isso é verdade? Foste tu?

– Fui eu.

Continuou na mesma posição, fazendo os mesmos gestos. Depois, ergueu o rosto, com os olhos húmidos e um sorriso flutuando nos lábios: – A vida é uma coisa cómica, não é?

– Conforme.

– A mulher que eu amo, a única pessoa que eu sempre amei, e o meu único amigo, quando nunca tive outro, juntam-se os dois, os dois, para isto... É porque eu estou errado, não há dúvida.

– Errado, como?

– Não, não é isso que tu estás a pensar. É que assim como ela

não tinha nada que ver com o amor que eu lhe dedicava, tu não tens nada que ver com a amizade que eu te tenho. É uma coisa minha. Só minha.

Começou a vestir-se, e perguntou-me: – Sabes porque é que eu estava nu? Ela mandou o *chauffeur* trazer-me de automóvel. Quando cheguei, parecia-me que sentia ainda a boca dela em toda a parte. Tomei banho. Eu já tinha tomado em casa dela, no fim daquilo tudo. Foi ela mesma quem mo deu. Mas achava que nunca mais me podia vestir. Que ia ficar nu, aqui estendido, o resto da vida. Toda a minha pele ardia. E agora, estás a ver?, posso enfiar a roupa. A pele ainda me arde. Acho que vai arder-me sempre. Mas já me posso vestir. E, no fim de contas, o meu destino vai ser este de vestir-me e de despir-me, a toda a hora. Tu já jantaste?

– Já.

– E para onde vais?

– Para casa.

– Levar o dinheiro, não é?

– Claro que sim.

– Não te esqueças de fazer tudo como eu te disse.

– Está bem.

– Depois voltas?

– Não.

Parado no meio do quarto, ainda perguntou: – Amanhã, a gente encontra-se?

– Podemos encontrar-nos.

Sorrindo, estendeu-me a mão: – Aperta aqui.

Apertei-lha. Segurou a minha: – Se fores de verdade meu amigo, vais ver quanto a amizade custa. Daqui para diante, tu vais ver. Hás de pagar-me caro tudo isto. Espera aí, que eu também saio.

Descemos juntos a escada, e atravessámos o pequeno átrio onde duas senhoras e um sujeito estavam sentados. O servente continuava à porta, e desviou-se com um «boa noite» canalha. O Rodrigues voltou-se e fitou-o com o sobreceño carregado: – Que

conversa é essa?

O homem encolheu-se irónico: – Conversa?... Eu só dei as boas-noites.

– Então dê outra vez.

– Boa noite – repetiu o homem.

Agarrou-o pelos ombros: – Outra vez.

– Boa noite...

– Isso. Assim mesmo. Aqui o meu amigo é um homem que merece o seu respeito, fique sabendo. E eu – e voltou-se para o átrio –, se estou à disposição de quem me paga e até de quem não me paga, chego e sobro para lhe arrancar «boas noites» e a língua e o mais que for preciso – e largou-o para dentro, com um empurrão.

Veio ter comigo que me afastara, e acompanhou-me um pouco: – Serei tudo o que quiserem, mas não de respeitar-me. Canalhas... Bem, vai à tua vida, que eu vou à minha. Amanhã, a gente encontra-se? Sim? Pela manhã, na praia? Podíamos almoçar juntos. Se não nos encontrarmos na praia, encontramo-nos ali no café onde já estivemos – e separou-se de mim.

Encaminhei-me para casa num cansaço que era enjoo comigo mesmo e com os outros, aflicção pela Mercedes, piedade pelo Rodrigues, uma agonia desesperada que mais aumentava de eu sentir o envelope no bolso. Não conseguia coordenar ideias. Tudo me parecia sem sentido e sem nexo. Mas, ao mesmo tempo, tudo se encadeava e interpenetrava com uma lógica própria, semelhante ao contágio das doenças infecciosas. Era como se um veneno, um miasma, um vírus peçonhento houvesse invadido a minha vida e a de todas as pessoas que me rodeavam, sem que, todavia, se pudesse saber onde estava o foco de infeção. A vida de todos estava contagiando a vida de outros, mas eu não podia sequer dizer quando aquilo começara, desde quando, como uma nódoa alastrante, vinha sujando tudo e todos. Parecia-me, por outro lado, que eu, sem querer, com um gesto, gesto inadvertido e mínimo, provocara e continuava provocando à minha volta uma confluência

de catástrofes, que por sua vez desencadeavam outras. Mas o meu gesto de arrastar o Rodrigues para aquilo não havia sido nem inadvertido nem mínimo. A minha exigência à Mercedes não havia sido inadvertida ou mínima. A minha inabilidade em *esconder* os espanhóis em casa de meu tio, se havia sido inadvertida, não fora mínima. Quem se propusera uma orgia que, no entanto, não pretendia proporções monstruosas, tinha sido eu. Quem tocara na criada, tendo a Mercedes, tinha sido eu também. E lembrei-me, com repugnância e com desinteresse (e também com alguma fúria pela repugnância e pelo desinteresse), de que desafiara a criada para o meu quarto naquela mesma noite. Depois de tudo, mais ela... E também ela acabaria embrulhada numa trama que enredava já... quantas pessoas? Eu, a Mercedes, o Rodrigues, o Almeida, o irmão da Mercedes, os dois Macedos, os dois espanhóis, os meus tios, sei lá quem mais. Pelo menos uma dúzia de pessoas. Mas tinha sido realmente eu quem desencadeara aquilo tudo? Não tinha sido a Mercedes quem viera para mim, abertamente? Não tinha sido o Almeida o meu antecessor? Não tinham, já antes de saberem dos meus espanhóis, o Ramos e os outros combinado a fuga de barco? Não fora meu tio quem levava os espanhóis para casa? Não escrevera a minha tia, com ele, a carta que o Rodrigues levaria à velha? Esta também era, sem que sequer eu a tivesse visto, mais uma pessoa embrulhada na trama que alastrava. E havia mais gente. Mas eu não fizera as coisas, ou só fizera algumas. Mais exatamente, eu desembarcara na Figueira, e uma série de factos e de pessoas, que estavam suspensas no ar, à espera do primeiro que passasse, tinham desabado por ação da pessoa que, por acaso, tinha algum ponto de contacto com elas. E elas haviam sido como aqueles tecidos que se pegam, quando a gente passa, e que arrastamos connosco na passagem. Se todos, como caudas confusas, se misturavam, não eram por isso uma capa que eu tivesse posto nos ombros. Eu estava em férias. Toda a gente estava em férias. Mas a vida é que não estava em férias. E não era bem isto. Havia os que

estavam em férias e os que não estavam. Todavia, os acontecimentos e as pessoas, embora se suscitassem mutuamente para fora das suas linhas próprias e independentes, comportavam-se com aspetos de uma mesma realidade única e profunda de que fossem rostos momentâneos e provisórios. Não seria, porém, o contrário? Não seria que uma desordem comum lhes dava esse rosto, ou provocava a atração mútua pela qual todos acorriam a confundir-se? Ou isto resultava de eu, apenas eu, ser testemunha e ator de várias séries paralelas de acontecimentos? Mas a posição dos outros, ou de alguns deles, não era diferente. Apenas os acontecimentos não eram todos, para eles, os mesmos que para mim. Se havia coisas que eu sabia, e alguns ignoravam, outras havia que quem ignorava era eu. Mas o que era que eu não ignorava? Sabia eu o que realmente se passara entre a Mercedes e o Almeida, entre ela e o irmão? Sabia acaso o que na verdade se passara entre o Rodrigues e a velha? Lera eu a carta que minha tia escrevera? Sabia eu alguma coisa das combinações do Zé Ramos? E, mesmo que soubesse, eu podia sabê-lo, como de tudo, de três maneiras: por me contarem, por eu ter assistido, ou por eu ter participado. Quando não tivesse participado em alguma coisa, mas ouvido ou visto, o que me dissessem, ou o que fizessem diante de mim, seria exatamente a verdade? Sabê-la-iam eles todos do mesmo modo que eu a sabia? Nesse caso, também eles não sabiam nada ou quase nada, e agiam apenas como se soubessem. O sentido que eu desse a uma coisa vista ou ouvida podia não ser, e não era, o que eles lhe dessem. E esse sentido por eles dado podia, por sua vez, não ser o que para outros as coisas tivessem. O que eu estava descobrindo era terrível, muito mais terrível do que a descoberta que o Rodrigues fizera, diante de mim, da natureza do mal, que era não existir. Os acontecimentos não tinham *causa*, as pessoas não tinham *motivações*. Aqueles e estas recebiam uma causalidade *a posteriori*. E, quando provocávamos, voluntária ou involuntariamente, acontecimentos, não o fazíamos por vontade própria, nem levados

por uma fatalidade qualquer. Só a ideia de causalidade é que criava o dilema da autonomia ou da fatalidade. Onde não há causas, nem motivações, não há relação necessária entre o gesto que desencadeia e o processo desencadeado. Se o passado de uma pessoa a condiciona para proceder desta ou daquela maneira, nestas ou naquelas circunstâncias, condiciona-a igualmente para proceder da maneira exatamente contrária. E os acontecimentos, no seu encadear-se, tanto podiam ser entendidos na ordem por que aconteciam, como de trás para diante. Apenas esse duplo entendimento possível era igualmente uma criação da minha imaginação. Mas, como a minha imaginação era anterior aos próprios acontecimentos que criava ou interpretava, estes surgiam, no seu acaso de surgirem (que dependia de tantas outras coisas que eu ignorava e sempre ignoraria), como uma *responsabilidade* minha. Não havendo causas nem motivações de nada, tudo se passava como se cada qual fosse o responsável exclusivo de coisas em que não tinha a mínima responsabilidade. E este estava sendo o sentido da vida. Daí que eu, mesmo à custa de outros, pudesse fazer dela o que me apetecesse, desde que aceitasse como parte do meu apetite as consequências dele que, imprevisivelmente, desabassem sobre mim. No mesmo momento, deixei de entender fosse o que fosse. Na perplexidade confusa em que fiquei, concluí que entender e não-entender eram a mesma coisa. Não-entender era entender claramente que não entendia, do mesmo modo que entender era não-entender que entendia. Um jogo de palavras. E o erro, porque me era de súbito evidente um erro, estava em procurar entender, necessariamente por palavras, o que não pertencia à ordem das palavras. Estas servem para comunicarmos uns com os outros, não é verdade? Mas, se servem para a comunicação entre pessoas que não se conhecem nem às motivações que não existem, elas não servem para explicar coisa alguma, e sim para comunicar coisas cuja única explicação é poderem ou mesmo não poderem ser postas em palavras. Portanto, a experiência da vida, que resulta de

compreendermos as nossas relações com os outros e com nós mesmos, é precisamente o que não pode ser posto em palavras, sem que perca a sua mesma condição de existência, que é acertarmos o passo entre nós mesmos e os outros. Por isso, o nosso conhecimento dos outros depende tanto mais do que lhes não vemos fazer, e do que eles não dizem, quando falam. Depende precisamente do que, ao certo, não podemos saber, e, muitas vezes, nem eles mesmos sabem. Daí que, afinal, as palavras servissem simultaneamente dois fins opostos e complementares: prever verbalmente o provável, e sugerir o silêncio do possível. Não podia haver fórmulas para fixar as pessoas em si mesmas, senão quando as pessoas, no medo de perderem a segurança das causas, as inventassem, e se atribuísssem a si mesmas motivações que não tinham ou que não eram exatamente aquelas. Sendo assim, não havia diferença alguma entre os imbecis e os lúcidos, entre os honestos e os patifes. Ou só uma diferença: o quererem ser lúcidos, e o quererem ser leais. Era então muito pouco o que restava: uma lucidez sempre imperfeita, e uma lealdade sem objeto seguro.

Ao chegar ao portão de casa, dei-me conta de que não só em pensamento, mas no meu caminho, eu deambulava longamente, como se o próprio desfiar das minhas descobertas fosse o tempo de eu aceitar o regresso a casa, com o envelope no bolso, para defrontar mais uma série imprevisível de acontecimentos. De dentro do portão, o cão saltou-me às grades. Abri e fechei com cuidado, para que ele não saísse. A porta da cozinha estava encostada, por certo para eu entrar, mas não havia ninguém lá. Na biblioteca, o rádio rugia. Subi ao quarto de minha tia. A luz estava acesa. Bati. Perguntou-me se era eu, e mandou-me entrar.

Estava de robe, sentada ao toucador, e ergueu para mim, das unhas, um rosto risonho e inocente: – O dinheiro veio?

Entreguei-lhe a carta, de que ela tirou as notas e o bilhete que leu. Rindo, perguntou: – Só dez contos?...

– Os outros cinco estão aqui – e entreguei-lhos. – Foram dados

ao portador que lhos oferece.

– A mim?

– A si.

– É muito gentil da parte dele.

– Também acho.

Aplicou-se a um canto de unha com a tesourinha: – O que o teu tio merecia é que tudo isto fosse verdade.

Não respondi.

– E, se ficou escrito, é como se fosse. Para castigo dele.

Pegou na camurça de polir.

– O que eu fui todos estes anos, meu filho... Sabes o que tenho sido? Uma burra. Sim senhor, uma burra. Porque eu podia ter tido os homens que eu quisesse, podia ter sido adorada e amada como nunca ninguém foi. E ao menos alguma vez, com algum deles, podia ter sido feliz. E passei a vida a ser fiel ao teu tio que é o único homem que nunca me foi fiel, nem me respeita.

– Mas é o seu marido. E nunca a deixou.

– Pois é o meu marido. Achas que isso chega? E nunca me deixou porque não arranjou outra pessoa para escravizar senão eu – fez uma pausa, muito absorta no brilho das unhas, e disse: – O mais extraordinário é que a culpa de tudo isto cabe à minha mãe.

– À sua mãe?

– Sim. Se ela não fosse como é, e se eu, desde pequena, não tivesse visto os homens entrarem e saírem da vida dela como passageiros de um carro elétrico, e até que a comparação não é certa, porque, nos carros elétricos, os passageiros pagam, e não recebem para andar neles, eu não me teria comportado assim. Tinha dado com a cabeça na parede. Mas ela já fez e faz tudo o que eu podia ter feito, e não deixou, nem deixa, ninguém ou nada para mim.

Levantou-se, compondo o cabelo com os braços erguidos: – Mas a tua tia ainda não está velha. Ao longe, ainda parece bem.

– Todas as pessoas, para quem gosta de as ver, parecem bem ao

longe ou muito de perto.

– Ao perto, no escuro, como diz o teu tio –. Pegou nos dez contos: – Leva-lhe o dinheiro. O bilhete e o resto, eu guardo. No fim de contas, são meus, não é verdade?

– A tia é que sabe – e saí com as notas.

Desci a escada e entrei na biblioteca. Estavam os três sentados a jogar, sob os auspícios do rádio estralejante. Meu tio levantou a cabeça das cartas: – Então? O dinheiro veio?

Os outros não se mexeram, e eu respondi: – Está aqui –, e entreguei-lho.

– Mas que é isto? Só os dez contos? E o resto? A velha não deu senão os dez contos? Até parece que adivinhou, que ela é o diabo. E o diabo em pessoa, não haja dúvida.

– Os outros cinco contos também vieram, mas à parte. Ela, a sua sogra, deu-os ao portador e ele mandou-os à tia.

Acompanhando com movimentos da mão as suas palavras, ele disse: – A velha deu-os ao portador, e o portador deu-os à tua tia, e a tua tia vai dá-los a mim, e eu... – ficou com a mão no ar, e soltou uma gargalhada: – Até parece a cadeia da felicidade. E a tua comissão? Quem paga? Ou já recebeste?

– Não recebi, nem quero.

– Essa agora! Pois tu és capaz de fazer circular tanto dinheiro num só dia, e não hás de receber a tua comissão? Que remédio tens tu.

– Deixe isso para depois.

– Depois... morreram as vacas e ficaram os bois. Pois muito bem. Está tudo resolvido – e dirigiu-se aos dois espanhóis: – Os senhores já têm o dinheiro para embarcar. Amanhã pela manhã, aqui o meu sobrinho vai entregá-lo, e, para que não haja *trampa nenhuma*, exige um recibo que eu hei de guardar. De um empréstimo a oito dias, como dívida de jogo, porque tudo isto pode ser uma grande história, e não haver barco nenhum, ou o barco falhar. Se tudo for história, faço queixa à polícia.

– E se nós não formos? – perguntou Don Juan, manuseando as suas cartas.

– Ah... – disse meu tio. – Isso já me constou... É uma hipótese muito triste. Eu nem quero pô-la.

– Triste, porquê, Don Justino? – perguntou o outro.

– Porque é uma hipótese de cobardes que deviam ter pensado nela mais cedo. Mas eu sei que os senhores não são cobardes e que vão cumprir o que se combinou.

Eles ficaram calados.

– Porque, se não cumprissem, e decidissem, é um exemplo, sair daqui de casa, para tomarem o comboio para Lisboa...

– Que acontecia? – perguntou Don Juan, fitando-o.

– Acontecia que seriam presos pela polícia.

– É um risco que corremos.

– Mas é um risco que eu não os deixo correr.

– Quer isto dizer que estamos presos em sua casa? – perguntou o patriota basco, enquanto Don Juan lhe segurava o braço.

– Mais ou menos. Daqui só saem para o barco, se houver barco. O mais que podem fazer é rezar a todos os santos, para que não haja. Porque, se não houver, podem então ir para onde quiserem. E bem veem que eu entro nisto com inteiro altruísmo, já que, se tudo falhar, é que eu ganho mais dez contos, não é? E se os senhores forem... – mas não terminou a frase.

Os dois espanhóis levantaram-se. E Don Juan começou: – Don Justino...

– Don Justino, nada. Eu sou tenente, e aqui em Portugal não há «dons» desde 1910. É tarde... querem repousar-se. Muito bem. Boa noite.

Eles iam a sair a porta, quando ele lhes disse: – Uma coisa... uma coisa... Aconselho os meus amigos a não tentarem fugir daqui. Como sabem, o cão é muito mau. Mas pior do que o cão é que eu já tomei as minhas precauções.

– Precauções... tenente? – repetiu Don Juan.

- Sim... Mas não vai pedir-me que eu lhe diga quais, pois não?
- O pior que pode acontecer-nos é sermos presos pela polícia.
- Isso está o senhor julgando. Mas há pior, muito pior.

Don Juan sorriu, contendo o mais novo: – Não vai *usted* a matar-nos?

– Eu? Que ideia a sua! O senhor não conhece aquela história do fulano que foi preso depois de ter descarregado uma data de balas num adversário? Quando o prenderam, olhou para a mão, e disse: «Isto é que tu és, hein? Fazes-me cada uma...»

Don Fernando disse num rompante: – Pois se o senhor não nos deixa sair, ficaremos aqui em sua casa.

– Não ficam. De uma maneira ou de outra, não ficam. Mas, por enquanto, não saem – e levantou-se num abrir de braços, com a bengala pendurada: – Não saem, até à hora de os homens aparecerem. Vão dar-me a palavra de honra de que esperam até esse momento. Ou os senhores não são homens. Digam-lhes a eles que não vão. Ou os *cojones* não chegam para isso?

Eles ficaram interditos com a grosseria, e pareceu-me que hesitavam entre atirarem-se a ele e fugirem pela porta fora. Mas Don Juan, muito aprumado enfim, respondeu secamente: – O senhor tenente tem razão. Esperamos para falar com eles.

O outro acrescentou: – Dou-lhe a minha palavra de que espero. Mas fique sabendo que não sou medroso. Uma coisa é prudência e outra coisa é loucura.

– Sem loucura não se faz nada – respondeu meu tio. – Loucura é tudo isto, e estamos nela e o vosso país também.

Depois que eles saíram, voltou-se para mim: – Com que então não queres a comissão? Mais fica, já que tenho de gratificar as criadas.

A referência às criadas provocou-me uma agonia contraditória. Eu esquecera-me, pelo menos no primeiro plano da expectativa, que a criada estaria à espera que todos se recolhessem, para subir ao meu quarto. E, por um lado, eu não a desejava já (por cansaço do

dia, por receio de complicações, por repugnância dela), enquanto, por outro, uma fúria súbita me fazia querer que ela subisse, que estivesse virgem, que eu pudesse violar nela toda a estupidez do mundo.

Mas meu tio não parecia disposto a subir, mas à conversa. Fez o seu cigarrinho, repuxando-o e lambendo-o com particular método, e acendeu-o com a mesma lentidão. Depois, apagou o rádio que continuava a guinchar e a estralejar. No silêncio vazio que ficou no ar, e em que toda a «bibiloteca» tomou de repente uma cor nevoenta de distância e desuso, aguardei que ele falasse. Começou por dizer: – Tu já viste estes asnos? Meteram-se na minha casa, devem-me uma data de dinheiro ao jogo, aparece uma maneira de fugirem daqui que é uma beleza, arma-se uma intriga medonha para lhes pagar a fuga, consegue-se o dinheiro, e agora não querem ir... Mas vão. Garanto-te que vão. Porque não se atrevem a sair daqui, e, no momento de entrarem para o automóvel que os há de vir buscar, não terão coragem de recuar.

– Não acha que eles têm razão?

– Razão? Mas que é ter ou não ter razão, és tu capaz de me dizer? Claro que os perigos são muitos. E pode mesmo acontecer que eles não gostem de andar de barco, que enjoem. Eu, quando fui para França, no transporte que levou o meu contingente, enjoei como uma pescada. Mas com a soldadesca toda enjoada, vomitando na palha em que dormia nos porões, e mijando em cima do vomitado, quem não enjoava? Quando voltei... mas eu voltei da Holanda, de comboio. E no avião da Greta... tu sabes que ela se chamava Greta, a minha raptora? Que diabo de nome, era o que eu lhe dizia. No avião, a parte cómica da minha fuga foi que eu também enjoei. Acho que não houve terra da Alemanha, por onde fôssemos passando, em cima de que eu não vomitasse. Olha lá – continuou sem transição –, em que encrenca estás tu metido?

– Eu?

– Sim, tu. Julgas que não se vê na tua cara?

– Na mesma em que estamos todos.

– Não me venhas com conversas, que não é disso que eu estou a falar.

– Então de que é?

– Do que está na tua cara, nos teus olhos... Tu julgas que, quando um rapaz como tu anda metido até ao pescoço, até aos dois pescoços, num sarilho, não se vê na cara dele?

– E que tem isso?

Ele riu, e foi sentar-se numa das poltronas: – Nada... Só que a gente, na tua idade, confunde as coisas todas, e, quando menos espera, ou julga que está apaixonado e descobre que não está, quando não há remédio, ou aproveita-se de uma situação, sem paixão nenhuma, e acaba apaixonado, quando a situação já não rende.

– De qualquer maneira...

– Não há saída, é o que queres dizer? Claro que há, estás muito enganado. Esse engano é que é o da tua idade.

Continuei de pé, em frente dele, deixando que a conversa se prolongasse, ao mesmo tempo para diferir o encontro com a Maria, e para acentuar voluptuosamente o desejo de possuí-la. E perguntei:

– Qual é então a saída?

– Homem, a saída é perceber quando chega a hora de acabar com tudo.

– Mas isso é o que todos fazemos, quando se não gosta da pessoa e já nos fartámos fisicamente dela.

– E quando julgamos que gostamos? – e puxou uma fumaça.

– Nesse caso, tanto faz. Há alguma diferença entre gostarmos e julgarmos que gostamos?

– Há. Olha, homem. Quando tu sentires uma grande raiva de estar preso a alguém, e desejares a toda a hora ver-te livre da pessoa, e, quanto mais fazes por ver-te livre dela, mais a ela te chegas, então gostas. Mas, quando só sentes uma grande paixão, e não pensas noutra coisa, estás convencido de que gostas, mas não

gostas.

– Ao contrário do que toda a gente diz? E do que toda a gente sente?

– Mas que queres tu que as pessoas digam? O que sentem?

Parecia-me irreal, não aquela filosofia, mas que meu tio filosofasse sobre aqueles temas, não sabia se com verdade, mas sem dúvida com uma perspicácia que me perturbava. Ou seria que aquela perspicácia nada tinha de perspicaz, e era apenas um palavreado comum a todos os adultos já vividos? Que perspicácia havia em dizer-se o que todos dizem, ou o contrário disso mesmo?

Meu tio levantou-se: – Bem, são horas de irmos para a cama. Amanhã de manhã, vais entregar o dinheiro ao Ramos, não vais? Fica já com ele. Mas não saias sem levar o recibo que eu hei de fazer, ouviste?

Mas o que eu ouvi foi um ladrar raivoso do cão, um ladrar acompanhado dos rosnidos que ele soltaria se estivesse tentando atacar alguém que se defendesse. Entreolhámo-nos. Saímos para o corredor em direção à escada da qual, de cima, em pijama, se debruçavam os dois espanhóis. Em baixo, vi os vultos brancos das duas criadas em fralda. Meu tio subiu ao quarto dele, e desceu com uma pistola na mão, muito lépido, com a bengala a balouçar no braço esquerdo. Os dois espanhóis desceram atrás dele. Na cozinha, aonde os segui, ele acendeu o interruptor da luz do quintal, que era uma lâmpada na esquina traseira da casa. Mandou que os espanhóis ficassem na cozinha, onde de relance, seguindo-o, os vi numa massa confusa com as duas criadas (e a Maria olhava para mim). Quando saímos, o cão já se calara. Porque, adiante da esquina, estava estendido com o pescoço cortado que sangrava. Alguém entrara e o matara. O silêncio era absoluto. Meu tio percorreu o fundo do quintal. Eu não. Levantei os olhos para a grande árvore que a interposta luz fazia erguer-se em trevas que ela mais adensava, salvo num vago clarão verde que se difundia superficialmente nela, como se fosse um cenário de papelão, do lado fronteiro à parede da

casa. Minha tia recortava-se na luz da sua janela. Pus-me bem em evidência, e perguntei-lhe para cima: – Viu alguma coisa, tia? –. Debruçou-se para responder-me: – Não. Só ouvi o cão ladrar. O que foi?

– Alguém entrou cá dentro e o matou. Veja – e aponte-lhe o cão morto.

Debruçou-se mais: – Que horror! E agora?

Meu tio voltou, e disse-me: – Vai ali para a outra esquina, enquanto eu vou procurar do lado do mirante. Se vires algum vulto escapar-se, grita.

Assim fiz, e, quando passei diante da cozinha iluminada, os quatro vultos apinhavam-se na porta, e mandei que os espanhóis se escondessem para dentro. No escuro, eu distinguia o vulto do meu tio, e ouvia-lhe os passos restolhando no matagal. Passado tempo, um tempo que me pareceu interminável, voltou e disse: – Não há ninguém por aqui. Mas que entrou alguém, entrou, porque matou o cão. A não ser que...

Atalhei-o: – ... tenha fugido depois.

Ele não respondeu, e contornou outra vez a casa, até perto da árvore. O lixo em torno dela parecia suspenso na poalha de penumbra que o iluminava. Meu tio ergueu os olhos para a janela, onde minha tia estava imóvel. E, de repente, apontando a pistola para a árvore, disse entre os dentes cerrados: – Quem está aí em cima, desça, ou leva um tiro.

Ninguém desceu. Ele repetiu a ordem.

Houve uma longa pausa de silêncio, e da árvore veio, trémula de raiva e de firmeza desesperada, uma voz: – Dispare até matar-me, seu filho da puta, mas não desço.

Meu tio ergueu mais o braço.

– Mate-me – disse a voz. – Tire-me daqui, se é capaz.

Hesitei, num relâmpago, em segurar o braço de meu tio. Mas isso podia fazê-lo disparar.

A voz repetiu: – Mate-me, ande, mate-me, dispare, tire-me daqui.

Meu tio baixou lentamente o braço, e disse: – Podes ficar aí a vida toda – e acrescentou um insulto terrível que devia ferir o Rodrigues até ao fundo da alma. Minha tia continuava imóvel à janela. Ele dirigiu-se-me então: – Arrasta esse cão até ao mato do mirante. Vai pelo outro lado.

Obedeci; e, quando regresssei, ele estava calmamente à porta da cozinha, e os outros tinham desaparecido todos. Disse-me: – Espera lá por ele, e põe-no daqui para fora – e foi-se embora para dentro.

Junto da árvore em que já não incidia a luz da janela que se fechara, eu chamei: – Desce daí.

Não me respondeu; e a imobilidade da folhagem era total. Quando eu ia repetir o apelo, ele disse: – Vai apagar essa luz.

Fui à cozinha apagá-la, e voltei. Na escuridão, já o encontrei no chão, equilibrando-se, esguio e recurvo, ora numa perna, ora na outra, para calçar umas sapatilhas que teria deixado perto da árvore. Não trocámos mais palavra. Silenciosamente, ele sumiu na sombra.

Entrei em casa, e fechei a porta da cozinha. Apaguei sucessivamente as luzes, até chegar ao meu quarto, sem encontrar ninguém. No corredor de cima, nenhum quarto estava iluminado. Era como se aquele calçar de sapatilhas, tão rápido ao que me parecera, tivesse durado séculos. Acendi a luz, e comecei a despir-me para deitar-me, sem pensar em nada. Apaguei a luz, e estendi-me sobre a cama. A porta rangeu. Fiquei quieto, subitamente desperto da sonolência que me invadia. Na claridade difusa do quarto, a Maria estava de pé ao lado da cama, e curvava-se para mim. Semilevantei-me, e esbofetei-a. Ela grunhiu de surpresa e de dor. Mas, quando recuava para a porta, eu agarrei-a e derrubei-a em cima da cama, tapando-lhe a boca com a mão. Ela estorcia-se sob mim. Não era virgem. Não era realmente. Retirei-me dela, numa decepção que me extinguiu o desejo violento, e disse-lhe: – Vai-te embora.

Depois que ela saiu, adormeci num sono de chumbo.

XXII

No dia seguinte, quando desci para o café, encontrei todos na sala de jantar, como se nada tivesse acontecido, e a Maria servindo à mesa. Eu perdera, de resto, na multiplicação absurda dos acontecimentos, toda a noção de tempo e toda a preocupação de saber se eram verdade ou sonho. Foi o de que tomei consciência, na surpresa que aquela pretensa naturalidade me causou, quando essa surpresa se não justificava pela atmosfera espessa do confuso esquecimento, que me enchia a cabeça. A conversa decorria amena, com as cafeteiras circulando, e o pão, a manteiga, a compota, as bolachinhas, passando, acompanhadas de sorrisos, de mão em mão. Apenas um frio suspendeu momentaneamente tudo, quando meu tio me disse: – Não te esqueças de sair sem o meu recibo –. Mas logo a conversa se reatou. Eu não participava dela, nem conseguia segui-la: flutuava distante, numa abstenção completa do que se passasse à minha volta. E cáí repentinamente, quando meu tio atirou com uma fatia de pão, exclamando: – Isso não! Isso não! Que tem Portugal que ver com os senhores? União? Federação das Repúblicas Ibéricas? Não queriam mais nada! Portugal tem séculos de existência nas suas fronteiras! Não é como os outros reinos da Espanha, que nunca souberam ao certo onde as tinham! Se a Espanha não tivesse os Pirenéus e o mar à sua volta, nem tinha existido nunca. O que lhes vale é haver uma fronteira portuguesa, ali atravessada, ou vocês, espanhóis, nem saberiam que eram. Assim, ao menos sabem que não são portugueses –. E invocou o meu testemunho: – Tu estás a ver esta gente? Uns querem a Espanha de mar a mar, que ainda ontem ouvi isso no rádio, e os outros querem a Espanha de terra a terra... E isto quando estão com a Espanha dividida em duas, e se matam uns aos outros. Que gente, hein? – e voltou-se para eles: – E é na minha casa que declaram tais coisas? Se calhar, acham que é uma honra especial ser-se espanhol, e que nós só estamos à espera de que a Inglaterra nos dê licença,

não?

– Mas, Don Justino... – começou Don Juan.

– Eu já disse ao senhor que sou tenente sem «don». E não me venha fazer espanhol com títulos que não tenho.

– Mas, tenente – continuou Don Juan –, o que o nosso amigo lhe disse não foi isso. Ele não disse que a Espanha absorveria Portugal. Isso é o que querem os rebeldes e fascistas. Ele disse que a Espanha se constitui numa federação de estados, em que Portugal entra como a Galiza, a Catalunha, as Vascongadas. É a única maneira razoável...

– Razoável, coisa nenhuma! Se nós estamos em pé de igualdade com a Espanha, passávamos a estar em pé de igualdade com as províncias dela, não? Mas isso é descer de cavalo para burro!

Foi a vez de o outro lhe responder: – Tenha paciência, mas a questão não é essa. Porque a Espanha domina nações que deviam ser independentes.

– Mas não são. E que tem Portugal a ver com as aflições dessas nações? Porque não fizeram como nós? Também nós caímos sob a pata, e demos um coice e voltámos a ser livres.

– Livres... – riu Don Fernando. – O senhor chama liberdade a isto em que vive?

– Eu não chamo liberdade a isto em que vivo, não senhor. Mas para que hei de pensar em trocá-la por federações absurdas?

– Para ser possível a revolução social que o seu país precisa. Pensa que, se Portugal pertencesse a uma federação ibérica as potências poderiam impedir a sua evolução política?

– Nem precisariam. Os senhores se encarregavam disso.

– Com o senhor, não é possível conversar de política.

– Dessas políticas, não. Bem, tenho de fazer o recibo – e levantou-se da mesa. Eu segui-o ao escritório, onde ritualmente ele elaborou um recibo, após vários rascunhos. Ao entregar-mo, disse: – Tu não passas o dinheiro para a mão do Ramos, antes de ele assinar esse papel, ouviste? –. Mas teve logo uma inspiração súbita: – Olha

cá uma coisa... – e enfiou os dedos no cabelo – tu vais procurar primeiro o Macedo, hein? A ele é que tu entregas o dinheiro e pedes o recibo. É mais seguro.

Eu estava a pensar, vagamente, na conversa anterior, achando extraordinário que, se eles pensavam da maneira que pensavam sobre a federação ibérica, a discussão com o meu tio não tivesse já estalado antes. Ou seria uma repetição? De qualquer modo, era cómico que eu me tivesse irritado com os tipos que ouvira no café, atribuindo ao fascismo deles os mesmos desígnios que estes, seus adversários, também nutriam. Ou realmente não seria a mesma coisa? Meu tio repetiu a sua iluminação, e acrescentou: – Tu estás a ouvir o que eu digo?

– Estou, tio – e foi quando efetivamente ouvi a referência dele ao Carlos Macedo: – Mas o Macedo porquê? – visto que eu omitira o Macedo, ao primeiro falar no caso a meu tio. Seria que eu omitira? Já não tinha a certeza de nada.

– O Macedo, sim senhor. De quem o conhece, ele não é capaz de esconder coisa nenhuma. Ainda ontem o encontrei, e não tenho dúvida de que ele também está metido nisso. Do pobre do pai é que eu tenho pena... Um filho foge-lhe para Espanha, ou fica metido num sarilho medonho, e o outro vai para Lisboa. Porque a Dona Micaela vai para Lisboa, é ponto assente. Para a Escola Náutica, se não me engano. Até que o irmão me disse que iam pedir-te para ajudar o rapaz por lá.

– Ele já me pediu para o Luís ficar na minha casa. Não sei se os meus pais quererão.

– Isso arranja-se. Eu escrevo ao teu pai. De modo que é ao Macedo que tu dás o dinheiro, ouviste? Assim é muito melhor.

Estremeci de sentir que mais uma pessoa era envolvida involuntariamente na trama, como refém dos acontecimentos, e objetei: – E aonde é que eu encontro o Macedo? Não combinei nada com ele. E o Ramos é quem está à minha espera, só até ao meio-dia.

– Qual até ao meio-dia! Tu julgas que eu acredito nisso? Foi

história dele, para forçar a gente, com um prazo bem fixo, a arranjar-lhe o dinheiro de que ele precisa. Depois do meio-dia, ainda ele há de estar e tornar a estar, em ânsias, à espera de que tu lhe apareças com dinheiro. E tu podes aparecer-lhe, é claro. Mas sem dinheiro. E eles, depois, que se arranjem um com o outro.

Foi com repugnância que me encaminhei para casa do Macedo, e bati à porta. Nem ele nem o irmão estavam. Tinham ido para a praia. Iria procurá-los à praia, ou na praia só estaria o Luís com quem o irmão teria saído ao mesmo tempo? E se eu fosse à pensão do Ramos? Talvez o Macedo tivesse passado por lá. Talvez estivesse lá. E, mesmo em riscos de enfrentar o Ramos e o Almeida, talvez quem eu encontrasse fosse a Mercedes. Uma onda de ternura e de saudade me invadiu, submergindo a inquietação que eu sentia por ela, e que era como que um silêncio em que reboavam desconexos os outros factos, as outras vozes, a outra gente. A ela é que eu queria encontrar, e a mais ninguém. Deveria estar na praia. Chegado às barracas, achei-as vazias, e os vizinhos não tinham visto ainda os Macedos ou os Ramos. Voltei ao Bairro Novo, e entrei na pensão do Ramos. O empregado da porta reconheceu-me, e sim, não tinham descido, estavam com visitas, eu que subisse.

Subi trémulo e, mais trémulo, fiquei indeciso diante das portas dos quartos. Devia ser este o da Mercedes. Bati muito de leve, com os nós dos dedos. À escuta, olhava a um lado e outro, esperando que uma das portas próximas se abrisse repentinamente. A chave deu uma volta, e ela surgiu no intervalo estreito que entreabrira: – Tu? –. De relance pareceu-me mais bela que nunca, com os olhos escancarados, e o cabelo meio despenteado. Empurrei-a para dentro e fechei a porta atrás de mim.

– Estás doido? – mas abandonou-se-me nos braços, frágil dentro da longa camisa que ainda não tirara.

E logo se soltou do beijo, para fechar a porta à chave, dizendo: – É uma loucura. Que é que tu queres? Vai-te embora, sai depressa, podem bater e chamar-me.

Abracei-a, perguntando baixo: – Porque não foste hoje à praia, e ainda estás aqui assim a esta hora?

Encostando a cabeça no meu ombro, e passeando uma das mãos no meu peito, respondeu: – Porque não tinha com quem ir... Hoje, ninguém foi à praia.

Levantei-lhe a cabeça para olhar-lhe os olhos aguados: – Que aconteceu? Alguém nos descobriu?

Acenou negativamente, e sorriu: – Fui à modista a Buarcos, anteontem e ontem, com uma das Silvas. Não te aflijas. Que eu a ela disse que ia passear com o meu noivo -. Fez uma pausa, e acrescentou, pousando-me a cabeça no peito: – O que a gente mente, não é?

Ergueu a cabeça e passou-me os braços no pescoço: – Beija-me mais uma vez e vai-te embora.

O beijo dela era como uma dilacerada despedida. Nos lábios que tremiam nos meus, na língua que vibrava na minha, em todo o corpo dela contra o meu, havia uma como que frialdade contraditória que me aterrou: – Logo, vais? – perguntei, afastando a boca.

O «não posso» que ela murmurou, foi-o mais com os lábios e a língua contra os meus, e dentro da minha boca é que o ouvi.

– Não podes, porquê? – insisti.

– Porque eles vão hoje. É isso que queres saber?

Bateram à porta. Ficámos hirtos e abraçados. Uma voz chamou «Mercedes». Era a do Almeida. Ela disse: – Que é, Manuel?

– Ainda não estás pronta? – e eu beijava-lhe o cabelo, quando ela respondeu: – Ainda não.

Baixo, rente à porta, ele perguntou: – Não posso entrar?

– Não – e eu segurava-lhe a cara com as mãos, pregando os olhos nos olhos dela que se turvavam.

– Eu tenho de sair agora, e só volto logo à tarde – e eu beijava-lhe os olhos.

Com uma voz sufocada, ela perguntou: – A que horas? – e eu

apertava-lhe a cabeça, face contra face.

– Lá para as três horas. Não posso dar-te um beijo? – e ela afastou-se de mim, numa ansiedade exasperada, e levou as mãos à chave. Segurei-lhe com força os pulsos, mas ela lutou pela chave a que deu volta. Fiquei atrás da porta que ela abriu, e não fui capaz de fechar os olhos para não ver os braços dele que a abraçavam num beijo que eu adivinhei.

Ouvi-o murmurar: – Venho buscar-te às três – e ela segurou a porta que ele, no abraço, empurrava para entrar no quarto. Ouvi a voz do Macedo, ironizando sobre o fascínio dele. Quando ela fechou a porta, em sussurros que não ouvi, ficámos um diante do outro, em silêncio, até que ela disse: – Sai agora.

Eu saí. Entre portas, perguntei: – Para onde vais às três com ele?

– Não sei. Para onde ele me levar.

– Sabes o que tu és?

Tapou-me a boca com a mão: – Não digas nada. Não sou. Tu sabes que não sou. Amanhã, fujo contigo – e estendeu-me os lábios.

Eu tirei o lenço do bolso, e estendi-lho: – Limpa-te primeiro!

A expressão dela, crispada e dolorida, retumbou em mim. Mas ela pegou no lenço, limpou os lábios, e beijou-me de leve. Depois, com lágrimas nos olhos, restituiu-me o lenço. Eu fiquei a olhá-la, e a olhar também o lenço que branquejava na minha mão erguida.

– Guarda o lenço – disse a meu lado a voz do Ramos.

Ela fechou-se no quarto. Guardei o lenço no bolso, e perguntei: – Cheguei cedo de mais?

– Muito cedo. Entra aqui para o quarto.

Segui-o ao quarto dele, onde estava o Macedo. Foi a ele que logo me dirigi: – O meu tio foi quem arranjou o dinheiro. Trago o dinheiro comigo – eles entreolharam-se –, mas ele quer um recibo assinado por ti.

– Por mim? Mas não foi aqui o Ramos quem falou com ele?

– Foi. O recado que eu tenho é este.

– Que recibo quer ele? Também trazes o recibo? – perguntou o

Ramos?

– Trago. Feito por ele – e mostrei-lho.

Leu com atenção, e passou-o ao Macedo: – Acho que não tem importância. Podes assinar! Tanto mais... – e fitou-me os olhos claros: – que eu deixo uma carta ao capitão Macedo, assumindo a responsabilidade pessoal pela participação do Carlos nisto tudo. Assina o recibo – rematou para o Macedo.

Ele assinou e entregou-mo. Guardei-o e tirei do bolso o dinheiro: – Aí estão os dez contos.

O Ramos pegou nas notas, verificou a quantia, estendeu-as ao Macedo, e disse: – Junta ao resto. A outra parte antes das três está aqui. Depois, podes entregar metade do preço combinado. Só metade.

– Quando é que vocês vão? – perguntei.

Antes que o Macedo falasse, o Ramos respondeu-me: – Ainda não é certo. Talvez amanhã. Mas é preciso estar pronto para tudo, hoje, depois das onze horas da noite. Diz isto, assim mesmo, lá em casa.

– Como foi que o teu tio soube de mim? – perguntou o Macedo.
– Tu disseste-lhe alguma coisa?

– Não lhe disse nada. Mas ele percebeu, quando da última vez que falou contigo.

Ele ficou cabisbaixo, e depois levantou para o Ramos uns olhos implorantes: – Não sei o que é isto. Eu nunca digo nada, e as outras pessoas sempre entendem o que eu não digo.

O Ramos sorriu friamente: – Por isso é que o melhor é partir quanto antes –. Sentou-se na cama, e perguntou-me: – Se não é indiscrição, como foi que arranjam tanto dinheiro? Para te ser franco, eu, como se diz, dei o golpe, mas não esperava que arrandassem tudo.

– É uma história complicada. Não vale a pena contar. Mas eu acho que devo prevenir-te de uma coisa. É que os espanhóis, agora, não querem embarcar. O meu tio até brigou com eles, porque está

entusiasmado com a fuga. Eles queriam ir para Lisboa, para se passarem pelo Alentejo para a Espanha governamental. Meu tio quase os ameaçou de morte, ou de os entregar à polícia, se eles sumiam lá de casa, e obrigou-os a prometer que era a ti, quando aparecesses, que diriam o «não». A ver se tinham cara para tanto.

– Mas eu não vou aparecer lá. Não sou eu quem lá vai.

– Nem eu – disse o Macedo.

– Então quem aparece? Como há de a gente saber que não é uma cilada?

– Isso mesmo é que eu ia combinar contigo, agora – respondeu o Zé Ramos. – Há de aparecer lá, com um automóvel, uma pessoa que tu conheças. Um dos nossos amigos. Mas não digas nada. Porque pode ser que eu também vá nesse carro. Em todo o caso, e não é mentira nenhuma, vai-lhes dizendo que, ontem, aqui e no Porto, prenderam mais uma data de gente. E parece que em Lisboa também.

– Espanhóis?

– Espanhóis e portugueses.

– E vocês correm perigo?

– Muito. Um dos que foi preso no Porto era dos nossos. Dos que estão nisto do barco.

– E se ele fala?

– Não é desses. Mas nunca se sabe.

O Macedo disse: – Tenho a impressão que eu, se me apertassem para falar, então é que não falava.

– Não seria melhor vocês anteciparem a partida? – perguntei.

Quase que se entreolhavam, quando o Ramos disse: – É uma ideia – e acrescentou: – Ó Macedo, eu preciso de falar em particular aqui com o Jorge.

O outro disse: – Eu também preciso, mas não é nada de particular. É só um instante – e dirigiu-se-me: – Tu, esta tarde, podias ir lá a casa? O meu pai gostava de falar contigo sobre o meu irmão.

- A que horas?
- Pelas três, que eu depois tenho de sair.
- Não pode ser mais tarde?
- Se quiseses. Às seis?
- Eu vou lá.

Ele despediu-se e saiu. O Ramos levantou-se, fechou a porta à chave, voltou-se para mim, e perguntou: – Que tencionas tu fazer?

- Com quê?
- Com quem. Com a minha irmã.

Não respondi. Sentado numa cadeira, de perna traçada, olhava atentamente o meu sapato.

- Ontem e anteontem, estiveste com ela toda a tarde.
- Foi ela quem te disse? E esta tarde ela vai passá-la com o Almeida.

– Não te falaria nisto, se soubesse que teria outra ocasião. Mas não devo ter. Foi ela quem me disse. Esta manhã, mas eu já estava desconfiado. O que te não perdoo, embora seja um preconceito, é que a tenhas levado onde a levaste.

- Onde querias tu que eu a levasse? Para a praia? Para o campo?

Fazia um esforço visível para dominar-se. Os músculos da face alternavam tremuras com endurecimentos súbitos. Continuei: – Ela é responsável pelos seus próprios atos, não é? Parece que, nisto, o lugar não importa. E ela esteve só comigo, ninguém a viu. Não te disse isso?

- E que pensas tu fazer?
- Neste momento, não sei.
- Se tu não tivesses aparecido, nada disto acontecia.

– Pois não. Mas também ela não casava com esse Almeida que arranjou uma maneira heroica de se escapar às suas promessas de casamento.

- Ele não está a escapar-se.
- Não? Então porque não casaram antes?
- Não havia tempo.

– Foi o que aconteceu comigo. Também eu não tinha tempo a perder.

– Tinhas todo o tempo à tua frente. Podias ter esperado.

– Esperado o quê? Que ela caísse outra vez nos braços dele? Se é que alguma vez saiu de lá.

Fez menção de me agredir, mas conteve-se. Fiquei imóvel, intimamente certo de que ele não faria nada, porque queria salvar alguma coisa das relações que sentia a decomporem-se em mim. E ele disse entre dentes: – Tenho a certeza absoluta de que isso não é verdade.

– Não sei se podes ter. Mas eu tenho a certeza absoluta de que, se foi, vai deixar de ser. Porque os ouvi combinarem encontrar-se hoje à tarde, e é para isso mesmo.

– Como é que tu ouviste?

– Porque estava no quarto dela, quando ele passou a despedir-se – e tive a sensação de que traía um segredo muito íntimo, um pudor meu e dela, dizendo-lhe isto.

– Estavas lá dentro?

– Só por uns instantes, quando cheguei. Eu queria falar-lhe. Queria saber porque foi que ela ontem me disse que hoje não podia encontrar-se comigo. E afinal ela não tinha ainda falado contigo nessa altura.

– Mas tinha estado contigo na mesma cama – e, sentado na borda da cama, escondeu o rosto nas mãos.

– Por isso mesmo. E só o facto de vocês poderem estar mais ocupados e em vésperas de partida, não é razão, porque vocês não podem deixar de simular, e é o que têm feito estes dias, uma rotina de veraneantes. Não vão fazer reunião de família, em despedida, pois não?

– Tu não compreendes – e ergueu para mim uma face lívida – que a fizeste perder o respeito por si mesma?

– Uma mulher entregar-se ao homem que ama, ou amar o homem a quem se entrega, não me parece que seja quebra desse

respeito. Sobretudo pelos teus padrões.

– Não é. Mas atraíçoar a sua palavra é.

– Qual palavra? O compromisso de casar com o Almeida, com o homem que a desflorou?

– O compromisso de, antes disso, não tornar a entregar-se a ninguém, nem mesmo a ele.

– Mas a quem fez ela essa promessa? A ti?

– A si mesma.

– Mas ela não se entregou a um qualquer, e sim a quem na verdade amava. Ou não se teria entregue. Às vezes, a gente descobre que a palavra que demos era um erro, um erro não, uma promessa feita sem nos lembrarmos de outras coisas. E foi o que nos aconteceu, quando nos encontrámos. E, se tu não me tivesses dito o que disseste da vida dela, eu não teria exigido o que exigi. Porque fui eu quem exigiu, eu. E ela aceitou e foi comigo.

– Queres dizer que ela apenas cedeu a uma imposição tua.

– Mas uma imposição que eu não podia fazer se não a amasse, e a que ela não cederia, se não me amasse a mim mais do que a todas as promessas.

– Sabes o que ela me disse?

– Não.

– Que, se por amor de ti tinha traído a sua própria palavra, e também o compromisso com o Almeida, não lhe resta direito de recusar-se ao Almeida, quando ele parte de vez.

Era isto que afinal eu temia e que me recusava a figurar no espírito. Percebi que ele não me dava novidade nenhuma e que, desde o princípio, eu sentira aquele dilema. Mas, se esse dilema existia, era porque o amor dela não seria tanto, por mim, que subvertesse todas as outras considerações que nela se dilaceravam. Uma revolta se apoderou de mim, contra ela, e desejei que tudo acabasse e que a levasse o diabo. Mas, no mesmo momento, me assaltou o medo de perdê-la, o pavor de perder o amor dela que era tudo para mim. Que o diabo levasse tudo o que quisesse, todas as

preocupações, todos os ciúmes, todas as palavras dadas por conta dele. Eu queria-a minha, por que preço fosse. Mas apresentei uma defesa: – E tu que achas disso?

Baixou a cabeça para dizer-me: – Acho que é problema deles.

– E meu, não é problema meu?

– Teu, também.

– E teu e desta aventura toda, achas que não é? Será que não tens medo que o Almeida, traído por ela, te traia à última hora?

Após um silêncio, perguntou: – Que queres tu que eu faça?

– Que, de qualquer maneira, os impeças de cometer um erro, a impeças de cometer um erro que a pode destruir, porque, se ela for com ele hoje, e não vier comigo, tudo acabou. E nem tu nem ele estão aqui para salvá-la, se for preciso.

– Salvá-la de quê?

– De lhe perder o respeito e o amor a única pessoa que lhe resta e a quem está presa. A única pessoa que fica. Eu.

– Tu estás-me a pedir que eu seja, contigo, alcoviteiro da minha irmã?

– Não. Estamos a falar como homens que não se esconderam nada de uma mulher, desculpa, que é amante de um e irmã do outro. Mas eu não quero a tua irmã para minha amante. Quero-a para minha mulher. E não posso aceitar que, depois de ser minha, e antes de ser minha mulher, ela seja de outro. Se ela não entende isto, é preciso impedi-la.

– Como?

– Não sei da tua vida, tu é que sabes o que podes fazer. Pela minha parte, estarei aqui à porta às três horas.

– E se eu não fizer nada?

– Se tu não fizeres nada, e se eu não conseguir nada... não sei... mas não me sinto preso à tua irmã, embora goste dela da mesma maneira.

– Como é que tu... Quando eles, logo à tarde, saírem...

– Vai ser como calhar na ocasião.

Levantei-me e dirigi-me para a porta, e ele seguiu-me. Já com a porta aberta, eu disse: – Ramos, se não tornar a encontrar-te, olha, que tudo te corra bem – e estendi-lhe a mão.

Apertou-ma, e disse: – Gostava tanto que tu...

– Sim?

– ... que tu...

O aprumo germânico, muito empertigado, que ele assumia, sem querer ou a contragosto, nas grandes ocasiões, quebrou-se. Apertou-me mais a mão: – Sem ti, que vai ser da Mercedes?

– Ela tem os pais.

– Os pais... Para estas coisas, que são os pais na nossa vida?

Choquei-me, recordando as evidências de intimidade filial, que ele ostentava sempre, embora o pai da Mercedes fosse só padrasto dele. Mas lembrei-me de que o pai dele era, na família, como que um padrasto espiritual dela, e dele também. Como os que não tinham pais de facto se iludiam acerca do que poderia ser tê-los. Foi isto num relance que me fez corresponder-lhe ao aperto da mão dele, que segurava a minha, e não disse mais que «boa viagem», sem olhá-lo.

Na rua, hesitei em para onde ir. Mas refleti que meu tio era tão doido que podia, se eu me demorasse em aparecer-lhe com o recibo, pensar que eu fugira com o dinheiro. Não lera ele na minha cara que eu estava metido em alguma encrenca? E era o que eu devia ter feito: fugir com aquele dinheiro de que eu fora, pela Mercedes, duplamente o intermediário. No momento em que ficara dentro do quarto da Mercedes, devia tê-la desafiado, tentado, seduzido a fugirmos juntos. E ela, como que tardiamente em relação à oportunidade, e antecipadamente ao que eu agora, já sem o dinheiro, me propunha, adivinhara a possibilidade concreta da nossa fuga com aquele dinheiro. Apenas a colocara «amanhã», depois de o dinheiro já não existir para nós, nem de, possivelmente, ela mesma existir para mim. Era assim que se adivinhava a vida: em termos do que tinha sido, e como já não poderia ser. E, quando

acaso se acertasse na adivinhação, era porque não tínhamos chegado a fazer aquilo mesmo por que o adivinhar se tornava possível. Sem o dinheiro na mão, é que eu me lembrava de fugir com ele. Por honestidade, e ele não ser «meu»? Mas era de «alguém» aquele dinheiro? Porque, na verdade, eu não queria fugir com ela, e me desculpava, lembrando-me da fuga, quando faltava o com que fazê-la? Mas para que precisávamos nós de dinheiro? Para irmos para outra parte qualquer, para nos instalarmos fosse onde fosse. Não precisava eu, ali mesmo na Figueira, de dinheiro para ter onde deitar-me com ela? Sem dinheiro, não se fazia nada. Ou nós, viciados nele, não sabíamos fazer nada sem ele. Tudo se comprava e se vendia, e havia formas muito subtis de comprar e de vender e que seria uma vergonha que se desse ou ganhasse por dinheiro. A que ponto eu, a Mercedes, o Ramos, o Rodrigues, os meus tios, o Almeida, os dois espanhóis, os dois Macedos, quem cedia o barco, e a sogra de meu tio, havíamos todos sido comprados ou vendidos, na mesma medida em que tínhamos vendido ou comprado? Ao ponto de não poder saber-se, com clareza, como aquela cadeia tão complexa de relações mútuas que alguns dos atores eles mesmos ignoravam primeiro se formara. Mas este curso de pensamento era uma tentativa para dissipar, no meu espírito, algumas imagens que teimosamente emergiam: a Mercedes, à porta do quarto, em camisa, olhando para mim e limpando os lábios com o meu lenço, os braços do Almeida nas costas e na cintura dela, o Rodrigues ao pé da árvore, equilibrado numa perna só e calçando as sapatilhas, os dois espanhóis fitando meu tio que os atirava para uma aventura, minha tia imóvel, recortada na janela, uma velha horrível, que tinha traços da patroa da casa e daquela prostituta que se me dirigira na noite da orgia, lambendo um corpo que era o Rodrigues, o Matos, e o Oliveira, e um adro imenso, iluminado por faróis de automóvel, em que um rapaz se ajoelhava ao lado de um velho estendido à beira de umas ondas que o sol da manhã iluminava em que um bando de rapazes nus entrava dentro de água. De todas as imagens, a que

outras se sucediam, destacavam-se, absorventes porque iam absorvendo todas as outras, a da Mercedes que se debruçava para a minha cama e eu esbofeteava com o meu lenço branco, e a do Rodrigues (como se ele fosse o meu tio, o Macedo, o Ramos, o Almeida). Com ele e nele, eu profanara o sentimento de uma adoração distante pura que não pudera ter pela Mercedes; e, na Mercedes, eu possuía tudo o que participava simultaneamente desse sentimento e de um corpo desejado apaixonadamente porque já outros o haviam possuído. Era como se eu tivesse assumido o sexo do Almeida e ele me roubasse o resto. Mas nada disto tinha importância, na verdade. O que tinha importância era que eu tivesse a Mercedes inteiramente minha. Não havia dúvida de que eu daria tudo e todos por isso. E mesmo a receberia nos meus braços, se ela estivesse voltando dos braços do Almeida. A paixão, descobri, era isto: ao mesmo tempo, um desejo ansioso e total de posse exclusiva, e um reconhecimento, entre desesperado e feliz, de todos se identificarem connosco. No momento em que, pela paixão, nos sentíamos mais nós mesmos, era quando todos os outros eram nós mesmos em nós. Mas, se assim acontecia, se, no conhecimento absoluto de nós mesmos pela paixão, nos identificávamos afinal muito menos com o objeto dela que com todos os outros seres que, nesse objeto, participavam da sua realidade e mesmo a constituíam, a paixão destruía-se a si própria, ou nós próprios nos destruíamos, e aos outros, nela. Senti uma espécie de vertigem. E logo percebi que nós mesmos inventávamos a paixão. A Mercedes tornava-se, na minha vida, uma «mulher fatal». Mas quem a criara assim, e à fatalidade que inundava e manchava tudo, havia sido eu mesmo. Se eu a perdesse, procurá-la-ia em todas as mulheres; se a ganhasse de vez, perdê-la-ia dentro de mim. Quando eu correspondera à imagem de mim que ela aceitara noutros, e lhe impusera, em troca, mais ou menos que a minha pessoa, o meu corpo, eu abdicara de tê-la como pessoa, porque ela não podia ser uma pessoa dentro de uma imagem, do mesmo modo que eu não podia possuir a minha própria

imagem. Mas quem não seria, no amor dos outros, todas as imagens de pessoas com que elas tinham sonhado? Quem era si mesmo nas imagens dos outros? Não era, afinal, a mulher ideal ou o homem ideal o que procurávamos nos outros; mas nós mesmos nos idealizávamos, éramos idealizados com a imaginada realidade dos que, se sonhados, não haviam sido possuídos, ou que, se possuídos, não tinham sido sonhados. Esta idealização não tinha nada que ver com pureza, com inocência, com gratuidade. Era, pelo contrário, uma soma, uma acumulação, uma confusa mistura de toda a sordidez que não nos atrevíamos a sonhar nos outros ou pelos outros, e em nós mesmos com eles, até ao instante em que, num abraço, num beijo, num olhar, numa posse mesmo distraída, nos transformávamos ou éramos transformados no que nem sequer tínhamos pessoalmente chegado a ser na imaginação da pessoa a quem nos entregávamos. Porque éramos então uma série de momentos alheios, de experiências alheias, a que nos acrescentávamos, rendidos, para sermos nós mesmos em outrem. E, com esta triste ciência toda, que apenas encobria a minha decisão de não perder a Mercedes, fosse qual fosse o preço, eu estava entrando em casa.

XXIII

À mesa do almoço, entreguei o recibo a meu tio que o examinou atentamente, como para verificar se era o mesmo que ele havia escrito. E dei o recado do Ramos, confirmando a próxima partida para que tinham de estar preparados, quando chegasse um carro cujo condutor eu reconheceria, se o Ramos não viesse nele. Todos estavam com um ar de reserva, muito diverso da atmosfera despreocupada que tinha sido a do café da manhã. Mas eu não me sentia disposto a deixar-me penetrar por mais preocupações alheias. No fim de contas, as minhas sobravam-me: e não eram elas uma parte inextricável daquilo tudo? Escapei-me o mais depressa que pude, sem mais palavras, e subi para o meu quarto. Mas logo me lembrei que a Mercedes e o Almeida poderiam antecipar a hora de saída. E precipitei-me para a rua, quase correndo em direção ao Bairro Novo. Que faria eu? Entrava? Esperava à porta? Ficava mais longe, onde da porta da pensão ninguém me visse? Sairiam os dois? Ou primeiro um e depois o outro? Abordaria a Mercedes? Segui-los-ia? Que seria melhor e mais decisivo? E se eles não saíssem? Mas, na pensão, não havia perigo, porque eram obrigados a ser discretos. O mais que podiam fazer era o que já de manhã haviam feito. É claro que saíam. Se não saíssem, isso queria dizer que não acontecera nada. E mais tarde? Podiam aguardar que eu me cansasse de esperar, para então saírem. Ia eu ficar a tarde toda ali de sentinela? Porque o Ramos poderia estar de convivência com eles. Ou eles de convivência um com o outro, contra mim e contra o Ramos. Era ciúme o que eu sentia? Se eu desconfiava de uma total duplicidade dela, e tinha todas as razões para isso, era ciúme. Mas seria ciúme? Ou eu me aproveitava do ciúme e do amor-próprio ferido, para não aceitar responsabilidades em relação a uma rapariga que eu não hesitara, porque sabia-a de outro, em forçar a que fosse minha? Mas quem se me entregara tinha sido ela: quando me arrastara para a varanda do fim da praia, provocando que eu

fosse nela tudo o que eu e muitos outros tinham sido (o homem de quem afinal se gosta) e que ela fosse, em mim, a mulher que em todas se desejou. Eu não a tinha conquistado nesse momento, nem depois, quando a obrigara a que me desse mesmo (menos) que já dera a outro. Se ela viera ter comigo, viera de livre vontade: eu não fora buscá-la, não a arrastara por um braço. Ou não a levava comigo da segunda vez. O que se passara, por certo, havia sido que ela descobrira, ao ver-me, que nunca na verdade gostara muito do outro, ou não gostara tanto quanto supunha, ou que teria preferido que o primeiro tivesse sido eu e não ele. Mas cedera à minha exigência, quem sabe, porque o ver-me lhe despertara o desejo de relações íntimas de que se abstera depois de tê-las tido com ele, de cuja lembrança o prazer frustrado se transformara na possibilidade de recebê-lo agora de quem não tinha sido senão indiretamente, na imaginação, um dos agentes virtuais do prazer que então não sentira. Eu não podia, porém, duvidar do amor dela por mim. Não podia. Tudo o que se passara entre nós nas duas tardes em que fora minha não se teria passado assim, se eu apenas fosse instrumento de um desejo transferido, ou de uma viciosa aventura. Ela tinha sido minha efetivamente. Minha a um ponto em que a posse era mútua; e, se eu, penetrando-a e abraçando-a e cobrindo-a com o meu corpo, segurara com o meu peso e a minha força aquele corpo em que estava, ela correspondendo ao meu abraço recebendo em si a minha carne, envolvera-me nela mesma por completo. Quando se diz que os amantes se enlaçam, é isto o que a frase significa: uma penetração que é um envolvimento recíproco, um laço que havíamos amarrado com a nossa própria carne, e não em que um amarrava o outro, mas com que nos tínhamos amarrado um no outro. Era ciúme, sim, o que eu sentia. Um ciúme, todavia, muito especial, como especial se tornara a nossa situação. Porque era menos uma raiva de que ela estivesse em risco de pertencer àquele mesmo que eu substituíra nela, do que o desespero de não tê-lo substituído tão completamente que ele

pudesse desfazer-se no ar como fumo. Desespero, mais que de possível posse partilhada, que de ser igualado, equiparado em direitos, na imaginação que autorizaria a posse. Na paixão que me ocupava, entendi que era essa equiparação, esse confronto, o que me humilhava. Não que me humilhasse fisicamente, por parecer que eu não tinha sido capaz, fisicamente, de eliminá-lo, uma vez que eu obtivera dela uma anuência e uma entrega, e uma repetição da entrega, que eram suficiente garantia do meu orgulho físico. Mas que me humilhava no que humilhava do nosso próprio amor, se este não era tão poderoso que permitia as simulações a que nos havíamos submetido. Eu comportara-me, atrás da porta, como um amante furtivo que se esconde de um marido inoportuno, quando ele, se eu me tivesse mostrado ao lado dela, era quem teria sido forçado a reconhecer-se, menos que amante furtivo, um marido repudiado ou um amante conclusivo. Eu, não me mostrando, não comprometera a dignidade dela perante ele, nem comprometera o plano em que, soubéssemos-lo ou não, éramos tantas vidas interdependentes. Mas comprometera, perante mim mesmo e perante ela, a dignidade desse amor que era o nosso. Era um amor que não apenas aceitava esconder-se dos outros, e nisso não teríamos, mesmo sem que houvesse «o outro», diversa alternativa (embora esta resultasse precisamente de ter havido esse outro); aceitava também enganar os outros (e exatamente quem havia sido o agente de que ele, como amor, e como posse, recebera libertação que o permitia). E um amor que assim se sujeita a enganar de quem depende, é um amor que se constrói da sujeição de enganar-se a si próprio. Eu não a amava menos, nem a desejava menos: pelo contrário, queria-a mais do que nunca. Mas amava-a como quem ama uma catástrofe; e ela, quando não houvesse o outro para enganar, amaria em mim a catástrofe que o outro não tinha sido, e enganar-me-ia, mesmo sem querer ou sem saber, com o lugar vazio que eu deixara, atrás de uma porta que me escondera, quando a porta se fechasse sobre a nossa intimidade, e ficássemos sozinhos

com os nossos corpos, ou, pior ainda, com o nosso esquecimento de quanto, com uma porta de permeio, ou um lenço estendido para limparem-se os lábios, ambos havíamos sofrido, e nos tínhamos ferido em profundezas onde mesmo a vibração da posse física não chega, por mais total que seja, a menos que não haja, nesses canais distantes da memória, as marcas de uma ofensa, em que o amor se debate e agita, prisioneiro de arestas que o rasgam e que ele ignora para sobreviver-se a si mesmo. Para resistir. Para aceitar-se como amor. Mas eu queria a Mercedes – e vi o Almeida que se aproximava da porta da pensão. Atravessei a rua em direção a ele que só me viu quando alguém, que eu era, lhe estava atravessado na frente. Sobressaltou-se, antes de reconhecer-me, e já depois de cumprimentar-me foi que relanceou instintivamente em volta, a ver se era seguido ou esperado.

– Posso falar consigo? – perguntei.

– Agora?

– Sim, agora.

Ficámos diante um do outro, como se ele esperasse que eu falasse ali mesmo. E esperava, porque disse: – Podemos falar aqui na entrada – e avançou para o átrio.

Sentámo-nos, e eu disse de chofre: – Sou amante da sua noiva – o que o fez soerguer-se de súbito, para tornar a cair sentado, olhando-me com um ar idiota de quem se recusava a compreender o que ouvira. Observei-lhe (e sentia uma grande calma fria, ou apenas a ansiedade trémula e atenta com que, em crianças, torturamos moscas) a pele fina e glabra do rosto contraído, os olhos de garanhão confiado, brilhantes e quebrados, que piscavam confusos, as mãos longas e grossas que tinham ficado no ar, levantadas dos braços da cadeira em que tornara a cair. Repeti: – Sou amante da Mercedes, ela é minha, pertence-me, deixe-a em paz.

Levantei-me e, de pé diante dele, acrescentei: – Você não ia casar com ela. Teve todo o tempo que quis para casar com ela. Agora, é minha. Minha. Pergunte-lhe onde esteve ontem e

anteontem à tarde.

Tentou levantar-se, mas, delicadamente, fi-lo sentar-se outra vez: – Você não tem quaisquer direitos sobre ela. O que aconteceu é uma coisa do passado. E você vai sair da vida dela, porque hoje ou amanhã parte, e não sabe se voltará. Ela não gosta de si, não o quer, largue-a de uma vez.

Com um empurrão súbito, levantou-se da cadeira e atirou-me para longe; e, quando me refiz da surpresa, ele subia a escada para o corredor dos quartos. Subi atrás dele, com um hóspede e um empregado no meu encalço. Parou no corredor, e viu-os. Fitou-me com raiva: – Canalha... Infame... – e bateu na porta do quarto do Ramos. Voltei-me para os dois que me seguiam, e disse-lhes: – Não é nada. Vão-se embora –. Mas eles pegaram em mim, tentando arrastar-me para baixo. O Ramos apareceu à porta, viu o Almeida e a cena no fundo do corredor: – Larguem esse senhor –. Interditos, largaram-me. O Ramos acrescentou: – Fazem favor de descer, que este assunto é particular –. Hesitaram, mas desceram. O Almeida perguntou-lhe: – É verdade? –. O Ramos baixou os olhos: – É. – Você sabia? – Sabia desde ontem. – Porque não me disse? – Porque não quis que você, por tão pouco tempo, tivesse esse desgosto. – Acha bem? – Nem bem nem mal. Aconteceu –. Tudo isto me pareceu rapidíssimo, e dito num tom de atores ensaiando, sem expressão ainda, ou com uma expressividade inadequada, um diálogo dramático. Tão verdade é que nunca se representa bem, na vida, um drama que não foi previamente ensaiado, ou que o facto de um ator ignorar o seu papel torna medíocre a representação de todos os outros. Num impulso, bati à porta da Mercedes. Mas ela apareceu saindo do quarto dos pais.

Quando a vi por trás deles que se semivoltaram para ela, e me vi perante os três, senti uma fina dor de compreender a futilidade de tudo, um vazio que me entonteceu, e quase, na vaga claridade do corredor, eles se desvaneceram como fantasmas cuja ausência me deixava numa pavorosa solidão pacífica. Ela fez menção de avançar

na minha direção, e eles chegaram, instintivamente, a desviar-se para que ela passasse. A dor que eu sentia, um pouco esparsa por todo o meu corpo (muito mais que meramente na dolorida imaginação), aumentou, e mesmo se adensou numa pulsação precipitada que contrastava com a paz que, junta com ela, me circulava paralelamente por onde ela alastrava ou divagava. Não fiz qualquer movimento. E creio que, se o tivesse tentado, não teria podido. A Mercedes olhou-me longamente, depois de ter relanceado os olhos por eles dois. Eu fitei-a firmemente, profundamente, apaixonadamente, sentindo que não sentia em mim paixão alguma, mas o vazio que me horrorizava, e mais ainda pela paixão que se me concentrava no olhar. Depois, voltei as costas, avancei para a escada, e desci devagar. Não sei se sentia ou não o olhar de todos fito nas minhas costas; e muito menos sei se ouvi que ela me chamava pelo meu nome. Talvez que, descendo a escada, eu desejasse, apesar do vácuo frio, que sentia em mim, ouvir esse apelo. Quero crer, porém, que ele foi feito, e que o ouvi. Mas saí para a rua, no mesmo passo lento com que me afastara deles.

Na rua, pareceu-me que o sol estava de uma brancura extravagante que não era só da transição de quem vinha da penumbra para fora. Uma claridade crua e matutina destacava fortemente as superfícies e as sombras, do mesmo passo que lhes devorava o relevo. Escassas pessoas circulavam desprovidas de sombra, transportando em volta como que auras de silêncio. Na esquina parei, para tentar distinguir se era eu quem não via com nitidez o que me rodeava, se era isto o que perdera para mim a realidade material. Ouvi, por sobre um vago concerto de vozes, um reboar longínquo. Nunca notara que dali se ouvisse o mar. Precisamente sempre notara que se não ouvia. Fui-me encaminhando para a praia. Poucas barracas estavam armadas, e os espeques e as travessas delas, como os espeques dos toldos por armar, destacavam-se negros e minúsculos, como fósforos queimados abandonados num lençol que brancamente brilhava. Ao

fundo, o mar parecia branco também, com súbitas pregas escuras. Pouco a pouco, suspenso na distância fofa que me acompanhava, cheguei às varandas do fim da praia, em que fui passando, uma a uma. Quando os meus olhos pousaram na embocadura do rio, uma agonia estalou em mim. Em qual das varandas, que eu não reconhecera, tinha estado com a Mercedes? Passara por essa varanda sem me aperceber. Voltei atrás, lentamente, como se os pés se me arrastassem de cansaço. E a minha memória recusava-se, em absoluto, a recordar-se de onde eu estivera com ela. Reagi desesperadamente, descendo e subindo, de uma para outra das varandas. Nesta? Naquele balaústre? Naquele banco? Contra aquela parede? Na outra? Ou na outra? E era como se elas fossem numerosíssimas, e todas iguais. Sentei-me num dos bancos, e encostei a cabeça à parede. A brancura da atmosfera fez-me fechar os olhos. E foi por muito tempo que fiquei assim.

XXIV

Quando acordei do que não era um sono, a brancura do dia tomara tons de estanho sujo, e o horizonte marinho estava de uma negrura maciça em que o céu e o mar se destacavam por uma linha prateada. Debrucei-me da balaustrada, e vi que a água ondulava gordurosa e baça, desci para a praia deserta como se fosse já o fim do verão. E, ao longo da muralha, fui andando, de olhos distraidamente fitos numa imagem virtual dos próprios passos que iria dando. Não pensava em nada, nem em ninguém. Era um vazio total, uma grande paz, ao mesmo tempo vácuo e algo trémula, o que me ocupava. A praia, à minha esquerda, ia fugindo para trás num devagar balanceado em que oscilavam barcos abandonados e uma ou outra figura que se recortava negra e mínima. Depois, a praia desapareceu, e eu ia entre casas de janelas fechadas que se abriam súbitas e tornavam a fechar-se. Um cão surgiu de uma esquina, era amarelo, e parou a olhar-me suspeito. Passei por ele e rosnoou. Dobrei a esquina, e parei à porta da casa, e bati. O cão veio, e sentou-se atrás de mim. A porta abriu-se e apareceu a cabeça da velha. Quando a ouvi falar como se do queixo agudo a voz viesse, foi que reparei onde estava, que nada queria ou esperava dali. Havia uma surpresa na voz, e também afabilidade, uma afabilidade adocicada. Eu não avisara, como ia ser agora? Mas eu que entrasse, entrasse, esperava um instantinho, tudo se arranjava. Não sei como, dei comigo na cozinha, sentado num banco; e, do outro lado da mesa de pinho, estava sentado um rapaz moreno que me olhava muito fitamente, enquanto comia, com pão, rodela de chouriço. O pão, o chouriço, e a faca que os cortava, todos dançavam da mesa para as mãos e destas para a mesa, quando elas levavam os pedaços, juntas, à boca que se enfolava mastigando. Para a testa caíam-lhe melenas negras. E os olhos, como se não fossem de uma cabeça tão entretida em comer, continuavam a fitar-me, ora calmamente, ora com um leve ar de entendimento que

princípios a incomodar-me só depois de sentir desagradavelmente os olhos pregados em mim. A velha perguntou-me se eu comia alguma coisa, desculpou-se de ele ser um malcriado que comia sem oferecer-me. Ele sorriu, encolhendo os ombros, mas estendeu-me, as mãos, uma com o pão e outra com o chouriço. Recusei. Ele tornou a encolher os ombros, e ostensivamente passou a comer, sem olhar-me, como se eu tivesse desaparecido. E eu, na dúvida do que fazia ali, tive a sensação de que não estava lá. Mas a velha restituiu-me à sua cozinha, dizendo: – Não tarda, o senhor já pode ocupar o quarto e esperar lá. Não faça caso deste vadio. Eu nem sei porque lhe abro a porta e lhe dou de comer. Se não fosse da companhia do meu sobrinho, e não ter eira nem beira...

Ele piscou-me um olho, parou de comer, empurrando de si a faca e os alimentos, e disse: – Coitada, não sabe por que me abre a porta e me dá de comer... E a freguesia que eu lhe trago, ó Ti Mariana? – espreguiçou-se obscenamente no banco, recurvando-se para a frente, e encostou-se à parede: – E só freguesia da boa... – tornou a espreguiçar-se: – Quando não fico aqui de plantão, à espera da freguesia que já conta comigo, não é, Ti Mariana?

– Cala-te, alma do diabo! Que há de este senhor pensar que a minha casa é? Se não fosse pelo meu sobrinho...

– Ora, ora... Se este senhor cá vem, ele sabe o que a sua casa é. E o seu sobrinho... Essa história do sobrinho já cheira mal. O senhor sabe quem é o sobrinho dela?... O sobrinho dela sou eu.

A velha, com as mãos pousadas na mesa, debruçou-se para mim, como que interpondo-se ao que ele dizia: – O senhor não acredite nesse valdevinos. Maldita a hora em que lhe abri a porta pela primeira vez. O meu sobrinho é um rapaz de respeito.

– Eu sou um rapaz de respeito. O senhor não acha que eu sou um rapaz de respeito?

Não lhe respondi. E a velha disse: – Vai-te daqui, alma danada, que não tens cá que fazer. Ainda bem que te vou ver hoje pelas costas, e que te hão de matar, que é o que tu mereces.

– Ó Ti Mariana, a senhora sabe muito bem que pelas costas nunca ninguém me viu. Eu é que tenho visto diante de mim as costas de muita gente – e riu. – E quanto a isso de que vão matar-me... – hesitou subitamente – quanto a isso, a vida são dois dias, e quem não arrisca não petisca.

A velha, junto da chaminé, enxugou uma lágrima com a ponta do avental. Ele abraçou-a: – Vá, deixe-se dessas coisas, o que a senhora tem é medo por mim. Quem tem medo compra um cão –. Ela começou a chorar desabaladamente: – Antes te quero morto que nesta vida triste... Não... não... Se te perco, não tenho mais ninguém... Ai... ai... Não me deixes... Mas vai, e que Deus te acompanhe e te faça um homem... – e, libertando-se dele, sentou-se suspirosa, na borda da chaminé, ao lado de um fogareiro apagado.

– Isso já Ele fez – disse o rapaz diante dela, e de costas para mim. E acrescentou: – Do que eu preciso não é de lágrimas, mas de um copo de vinho, para empurrar o pão e o chouriço que comi. Dê-me um copo, vá.

Ela levantou a cara para ele: – Um copo? Vinho não entra nesta casa.

– Vá buscar a garrafa que tem escondida debaixo da cama, ande. Vá que este senhor também toma um trago.

A velha baixou a cabeça, e murmurou: – Não tenho garrafa nenhuma.

– Tem, sim. Debaixo da cama. Para as suas carraspanas. Vá buscar.

Ela levantou-se, apoiando as mãos nos joelhos, muito alquebrada: – É só para quando me sinto mal...

– Pois é. Mas agora, com a tristeza, está a sentir-se mal. Vá buscar o vinho.

Ela saiu, suspirando em flatos agudos. O rapaz voltou-se para mim, com as mãos nos bolsos das calças: – O senhor está à espera da sua pequena?

Olhei-o sem responder, e, no mesmo momento, senti uma dor

aguda de frustração por todo o corpo. Ele continuou: – O senhor não se ofenda, mas bonita pequena a do senhor. E menina fina, vê-se logo. Eu sei onde ela mora – e balanceou-se nos calcanhares.

A velha voltou com a garrafa já sem os suspiros. Tirou do armário dois copos que pousou na mesa, ao lado da garrafa.

– Ponha um copo também para si, não tenha vergonha – disse o rapaz.

– Eu não quero.

– Para quem não quer há muito – e deitou vinho nos dois copos, estendeu-me um, e pegou no outro: – Beba-lhe, que é do fino. Então, cá vai à saúde – emborcou-o.

Eu fiquei com o copo na mão. E de repente levantei-o e disse: – À sua viagem.

Ele, com o copo vazio na mão, olhou para mim demoradamente, e comentou: – É... mas quem lhe disse que eu vou de viagem?

– Você mesmo, e a sua tia também.

– A gente é que dissemos, foi?

– Foi.

– A tia tá a ouvir? Então a gente falámos nalguma viagem? O senhor ouviu mal.

– Não, até ouvi muito bem.

Aproximou-se de mim: – O senhor não ouviu nada... Se o senhor ouviu alguma coisa, ou fala por aí alguma coisa...

Empurrei-o brandamente e levantei-me: – O que é que acontece?

A velha interveio: – O senhor não faça caso dele... um pobre diabo, não faz mal a uma mosca...

– Ah não faço... Os pais da menina podem ficar a saber do que se passa...

A porta do quarto que se abria, e a da rua também, fizeram que a velha hesitasse entre ir ao corredor ou deixar-nos sós. A hesitação dela deu tempo a que uns passos leves viessem até à porta da cozinha, e um vulto exclamasse numa voz ondeante e trilhada: – Até

logo, Ti Mariana... Oh... – e era o Rufininho especado, entre portas. Olhou sucessivamente para todos nós, e disse: – Desculpem, se incomodo – e demorou especialmente os olhos em mim: – Está à espera de alguém?

– Não de você – respondi, afastando-o para o lado.

– Credo... Ó Alberto, tu deixas ele maltratar-me?

Ainda vi o rapaz, de costas voltadas, vexado da intervenção do Rufininho. E saí pelo corredor fora, seguido pela velha, quando na cozinha soava já uma risada aguda. À porta, a velha deteve-me: – O senhor espere... Não faça caso... Se a menina vem?

– Ela não vem – disse eu.

– Não vem? Então que queria o senhor?

Eu olhei para ela: – Que viesse – e saí para a rua.

Fui seguindo vagarosamente pelas travessas até ao Bairro Novo. Quando acabaria de desenrolar-se o novelo que continuamente ia enrolando mais pessoas nos acontecimentos da minha vida? Toda a gente que cruzava comigo, cruzava porque já estava envolvida, ou era envolvida porque cruzava a cadeia de acontecimentos, cada um dos quais gerava outros que, por sua vez, estavam ligados a alguns dos anteriores ou a todos? Não havia outras pessoas que ficassem de fora? Toda a minha vida teria necessariamente de compor-se de pessoas que estavam envolvidas ou eu envolvera nela, ou em coisas que nem faziam parte dela? Teria de, constantemente, receber a invasão de pessoas e de coisas que pertenciam ao que nela entrara por um gesto de acaso? Quando acabaria esta dança em que os pares entravam e saíam e tornavam a voltar formando outros pares com as mesmas pessoas? Ou trazendo novos participantes que eu não conhecia, mas já o eram mesmo antes de mim? Se eu atravessasse a rua, e pedisse lume àquele velho, ali, sentado à sua porta, será que também ele estava envolvido, e me reconheceria? A Figueira era um meio pequeno, onde todos os fios de uma meada se cruzavam. Mas eu não era da Figueira. E das duas uma: ou sempre uma Figueira se formava à volta de qualquer pessoa, assim que ela

começasse a agir por conta própria (o que imediatamente a envolvia nas contas próprias dos outros), ou a sorte estava fazendo de mim uma espécie de catalisador, que não podia dar um passo, nem ver ninguém, nem falar com ninguém, sem que desencadeasse reações possíveis só com a presença dele, e que apenas aguardavam esta presença para se realizarem. Não porém quaisquer reações, mas só as que, de todas as que poderiam acontecer das mais imprevisíveis combinações, continham elementos comuns a outras em que o catalisador já intervieria. Isto acontecia por poder seletivo do catalisador que eu estava sendo, ou aconteceria com qualquer outro que o acaso tivesse lançado no seio daquela mistura de compostos prontos a recombinarem-se? Esta mesma dúvida me levou de retorno à consideração de se um meio pequeno era pequeno, ou se ele se estreitava, por grande que fosse, em torno de qualquer pessoa, como se a escala das pessoas condicionasse a Figueira que se selecionava em torno dela e por ela. Na verdade, tudo o que me acontecera, eu fizera acontecer, ou descobrira que acontecia, decorreria de condições e de circunstâncias anteriores a mim. As pessoas não tinham nascido no momento em que eu ou outrem se servira delas; e o serviço a que haviam sido chamadas dependera estritamente do que elas tinham sido e tinham feito até então. Mas continuavam elas a ser as mesmas de antes? Eu era o mesmo que tinha chegado à Figueira para passar as férias? Que na verdade sucedia? As pessoas modificavam-se porque os acidentes as modificavam, ou apenas os acidentes permitiam que elas procedessem como realmente eram, mas antes não podiam ter sido? Em certo momento, isto acontecia a toda a gente, ou seria que, de toda a gente, a acumulação de possibilidades se concentrava em meia dúzia, ou mesmo algumas dúzias de pessoas, que, de súbito, entravam numa dança frenética, ao som de uma orquestra que não eram só elas? Mas quantas destas danças havia de cada vez? Uma, em que um grupo entrava, ou o grupo, em que cada dançarino via como sua a dança de todos? Se assim fosse, e em qualquer das

hipóteses, sempre haveria outros grupos contíguos, e outros contíguos a esses, numa proliferação que se perdia no horizonte. E não só no horizonte do espaço, mas no do tempo também. Os meus amigos e conhecidos, os amigos e conhecidos deles, e assim sucessivamente, numa proliferação que abarcava a humanidade inteira, constituíam sucessivos e simultâneos grupos. Mas o que por estes acontecia resultava tanto da entrada de um novo dançarino ou de um novo catalisador, que trazia consigo todas as suas virtualidades de passado e futuro, como estas virtualidades como que se adquiriam ao contacto com os grupos, e se tornavam aquilo que o próprio grupo suscitava. Era como se toda a gente estivesse, no mundo, simultaneamente só e mal acompanhado. Mal, porque não se podia prever nenhum acontecimento, senão como hipótese ambígua, e depois de já estar em marcha um processo que, por entrar connosco num novo sentido, nem por isso era menos um passado alheio que se tornava nosso por participação. Mas nosso, como?

Parei, sentindo novamente a dor aguda, no fundo da cabeça, e no fundo do sexo que havia na minha cabeça. Eu tivera a Mercedes e perdera-a. Mas perdera-a por tê-la tido, ou tivera-a porque, já antes, ela estava perdida para mim? Pensara eu, alguma vez, e autenticamente, em casar com ela? Desejava possuí-la por amor e por sentir o seu amor por mim, ou porque a vira, com todos os preconceitos do mundo em que vivia, como acessível? E ela, entregando-se-me, amara-me de facto, ou quisera destruir em si mesma o próprio amor que me tinha e não sabia que tinha? Ou sabia? Ou era ela capaz de amar dois homens ao mesmo tempo, por amar muito os dois, mas não amá-los da mesma maneira?

E foi então que compreendi, ou desconfiei de que estava compreendendo uma coisa terrível: nós vivemos, sem nos darmos conta até uma hora decisiva (que talvez nós mesmos provocamos *para saber*), em diversas Figueiras pequeninas. Umas latentes no fundo do ser, outras evidentes (e, para quem não tem ainda

experiência da vida, as evidentes são apenas uma única, bem simples e restrita). Em cada uma delas é possível amar-se uma pessoa, por razões próprias desse pequeno mundo. É mesmo possível entregarmo-nos totalmente a essa pessoa. Mas, de repente, mudamos de mundo pequenino. E, nesse outro, podemos novamente entregar-nos a outra pessoa, com a mesma ou com maior paixão. Mas os dois pequeninos mundos, em nós e fora de nós, sendo diversos, coexistem no espaço e no tempo, embora como conjuntos diferentes. E, sem deixarem de ser diferentes, coincidem de súbito, ou as pessoas, neles e em nós, trocam de mundo repentinamente, porque a contiguidade excessiva, que lhes demos, lhes permite (ou impele) o salto. No instante em que isto acontece (e às vezes quando se revelam outros pequenos mundos em que vivíamos sem saber, ou sem ter disso uma consciência clara), a fidelidade a um mundo é traição no outro, ou é-o até no próprio mundo a que se refere, porque a causa ou pessoa ou objeto, por quem a traição se configura, precisamente saltou de um mundo para outro, e veio para aquele em que seria fidelidade, se este mundo a que veio fosse o outro a que pertencia. Quando isto acontece, já tínhamos perdido o que conquistámos, e só conquistámos o que já tínhamos perdido.

Mas, perguntei-me eu, se é assim, não haverá nada que não perdamos, a menos que o não conquistemos? Que sentido podia ter então o amor? Não amava eu a Mercedes? Ou não a tinha amado? Ou ia só amá-la medonhamente agora? Amava-a sim, amava-a muito, nunca amara ninguém assim, e nunca mais amaria ninguém do mesmo modo ou tanto como a amara tão rápida mas tão intensamente naqueles escassos dias. Só que o amor era algo que não tinha afinal que ver com tudo aquilo que eu compreendia ou supunha ter compreendido, ou temia mesmo compreender efetivamente. Ou tinha, na medida em que procurava ser, em nós, a negação daquela mobilidade total em que tudo se desfazia e recompunha. O amor era, em nós, a tentativa desesperada para

eliminar das possibilidades os outros mundos coexistentes àquele em que momentaneamente desejássemos ficar. E só podia ser, no fim de contas, uma espécie de grilheta, chumbada aos pés, com que nos amarrávamos a um mundo que desaparecia (e para perpetuá-lo), sem conseguirmos detê-lo, e apenas conseguindo atrasar a nossa passagem de um mundo para outro a que esse amor não pertencia, e conseguindo perturbar, nesse outro, a ordem dele e a paz que essa ordem nos daria. Não era que nós não possuíssemos totalmente uma pessoa, e que ela se nos não entregasse totalmente. A totalidade é que se referia só ao mundo em que se localizava, e noutro era incompleta ou não tinha sentido. Nenhum mundo, porém, desses pequeninos mundos latentes ou evidentes, que coexistiam em nós, era o que se dizia a nossa consciência ou o nosso ser. Todos eles eram feitos de várias consciências e de vários seres. E a nossa consciência possível de seres viventes fazia-se, e flutuantemente, de pequenas porções desses conjuntos que éramos. O amor, como a paixão política, como até a indiferença, ou a malignidade, eram a tentativa para fundir consciências sem sair delas; e por isso persistiam para além da morte que os feria, de cada vez que, mudados nós de pequeno mundo, todas as razões de ser se haviam perdido em relação aos termos originais. Eu poderia ter a Mercedes outra vez. Poderia querer tê-la. Poderia amá-la cada vez mais. Ela poderia desejar-me como não desejara ninguém. Poderia querer entregar-se-me totalmente. Poderia amar-me sempre mais, mesmo amando, noutro lugar das coisas e da consciência, outra pessoa. A nossa união poderia ser mais íntima, mais completa e mais profunda do que jamais tinha sido. E, no entanto, no momento em que isto acontecesse, e mesmo ficasse acontecendo, o nosso amor não existia, e já tinha morrido antes de ser o amor imenso que se preparava para ser.

Levantei os olhos, não só de dentro de mim, mas da própria rua em que estavam pousados, e vi a Mercedes diante de mim. Na primeira impressão, pareceu-me irreal e absurda, uma pura

aparência que as minhas ideias haviam criado e convocado. E que ela não estava ali. Mas era ela, sim. E falou.

– Onde estiveste?

– Por aí.

– Onde vais?

– A casa do Macedo.

– Porque não esperaste por mim?

– Para quê?

Eu continuava andando, e ela agora ia a meu lado. Procurou a minha mão e pegou-lhe. Já de mãos dadas, ela perguntou: – E para que é que as pessoas esperam umas pelas outras?

– Não sei.

– Não sabes, ou não queres saber?

– Tanto faz.

– Não. Tu já pensaste que a nossa vontade pode ser a dos outros?

– Dos outros, como? – e logo me arrependi de ter caído no diálogo que senti não querer.

– Às vezes, a gente quer uma vontade dos outros, e outras vezes quer que a vontade dos outros se faça nossa.

– Alguma vez quiseste que a minha vontade fosse a tua?

– Sempre. E mais desde que fui tua – e apertou-me a mão.

– Mas não valeu de muito, pois não?... Ou a culpa foi minha?

– Só tua, querido.

Soltei violentamente a mão: – Ainda por cima?

– Por cima de quê? – perguntou ela, com os olhos húmidos e espantados.

– De tudo o que aconteceu hoje.

– Mas tudo o que aconteceu hoje, meu amor, foste tu que fizeste.

– Eu? Também fui eu quem te abraçou, quando eu fiquei atrás da porta?

– Mas quem ficou atrás da porta foste tu.

– Queres dizer que eu não devia ter ficado? Ou que não devia lá estar? Ou que, depois, não devia ter aparecido para impedir que te

entregasses, em despedida, a um homem a quem já não pertences? – e, dizendo isto, sentia a inutilidade de dizê-lo, e a total falta de sentido, que tudo aquilo tinha, dito assim.

Ela baixou os olhos, abatida: – Tu não entendes nada.

– O que é que eu não entendo?

– Tudo.

– Tudo o quê? Que tudo és tu que eu não entendo? O que é preciso entender mais?

Ela calou-se por momentos. Depois, disse: – Tu já não queres gostar de mim?

– Como não quero?

– Então, queres?

Foi a minha vez de baixar os olhos: – Não sei.

– E quando é que vais saber?

– Porquê? Tens pressa? Não podes esperar? Já há outro à espera de vez, e eu posso perder a minha oportunidade, entre esta noite, quando um talvez suma da circulação, e amanhã, quando posso sumir eu?

Ela olhou para mim com uns olhos frios e furiosos, levantou a mão, e deu-me uma bofetada.

– Estás satisfeita?

– E tu?

– Adeus – e adiantei-me, apressando o passo, de onde ela ficara ainda de mão no ar.

Ela correu um pouco, e, também apressando o passo, veio para o meu lado: – Não te livras de mim.

– Sei muito bem que não me livro de ti.

– Perdoa, eu não quis dizer isso.

– Há muita coisa que não quiseste fazer, nem dizer, mas fizeste e disseste.

Ela segurou-me abruptamente um braço que eu sacudi, mas fez-me parar.

– Mas não o ser tua.

– Tens a certeza?

– Tenho. Absoluta.

– Mas fui eu quem te obrigou.

– Foste. Mas eu fiz tudo para isso, não fiz?

– Então que culpa tenho eu?

– Para que perguntas tanta coisa?

– Não disseste que a culpa era só minha?

– Que te importa isso? Já te fartaste de mim tão depressa?

– Não é caso para menos. Não achas que somos muita gente junta? No fim de contas, quando me deito contigo, nem sei ao certo quantas pessoas estão connosco na mesma cama.

– Tu estás doido?

– E não tenho razões de sobra para estar?

– E eu? Será que és capaz de pensar em mim?

– Não estou a pensar senão em ti.

– Tu queres mesmo que eu te deixe?

– Isso é contigo. Tu é que sabes.

– Eu?

– Ou nós dois, se preferes. Mas parece que não chegamos para decidir. Talvez seja pelo mau hábito de termos outras pessoas de permeio. Reúne lá o teu conselho de guerra, e põe a votos a decisão.

– Sabes, tão bem como eu, que o meu conselho de guerra parte esta noite, se é isso que tu queres insinuar. Amanhã, não tenho mais ninguém senão tu.

– Mas hoje ainda tens.

– Jorge, eu não tenho ninguém.

– E que direi eu?

– Tu tens-me a mim.

– Tenho?

– Tens. E hás de ter sempre, queiras ou não queiras. Foi por isso que eu disse que não te livravas mais de mim.

– Então deve ser por isso que eu concordei, não?

Ela sorriu com tristeza: – Mas parece que não adianta muito a

tua concordância. Jorge, para que precisamos nós de estar com esta discussão interminável? Se queres acabar, acabamos. Se queres ficar a discutir comigo a vida inteira, temos a vida inteira para isso.

– Tu é que vieste atrás de mim. Não te chamei.

– Chamaste. Tu não fazes outra coisa senão chamar por mim. E nem sonhas como é insuportável.

– Não respondas, vai-te embora, não ouças.

– Ouve tu uma coisa. Eu podia ter-me entregado a ti, sem te amar. E podia depois, mesmo que tu me deslumbrasses como deslumbraste, continuar a não te amar, e continuar na mesma a entregar-me a ti. Entende isto de uma vez. Podia mesmo julgar que te amava antes, descobrir depois que te não amava, e continuar a entregar-me a ti pelo prazer que me desses, e me desses não só por seres um homem, mas até por, além disso, seres tu. Entende isto.

– Estou entendendo.

– Então entende também que te amava, e que passei a amar-te mais. E que isso não tem nada que ver com outras pessoas, ou deixou de ter. E que também deixou de ter com a raiva que sinto por me teres obrigado àquilo mesmo que eu queria, e me teres sujeitado a ser tua como uma mulher qualquer que tivesses encontrado disposta a ser conquistada.

– Raiva?

– Sim, raiva. E muito grande. Tão grande, que nem te posso ver.

– Então fecha os olhos.

– Foi o que fiz sempre que me possuíste. E que hei de fazer sempre que quiser lembrar-me de ti e de ter estado nos teus braços. E quando quiser que te lembres de mim e que fiques triste por me teres perdido.

– Transmissão de pensamento, hein?

– Chama-lhe o que quiseres.

Ficámos ameaçadoramente, frente a frente.

– Portanto – disse eu devagar –, eu perdi-te, porque te tive, e tive-te por te ter perdido?

– É mais ou menos isso.

– E também por isso é que, tendo-te perdido, não perdi, e, tendo-te tido, não tive?

– Mas podes ter, sempre que quiseses.

– Nos intervalos de outros?

Olhou-me desafiadoramente: – Não. Precisamente porque te amo, os outros nos teus intervalos.

– E dirás a todos a mesma coisa?

– Se me abandonares, sim. Porque hei de precisar deles, para não me esquecer de ti. Mas não quer dizer que seja verdade, e sim que não suporto a vida sem ti, e que pensar em ti não me basta. Depois de ter sido tua como fui, uma pessoa não pode parar mais de ser possuída.

– Foi o que já aconteceu comigo. É a explicação que deste ao outro?

– Fazes tudo para me ferir, e não consegues senão ferir-te a ti mesmo. Eu não tinha, sobre isso, explicações a dar-lhe. E são explicações que só darei, falando a verdade, a ti. Sabes perfeitamente que é assim. Ou queres que tudo seja nada?

– Quero que tudo seja nada.

– É o fim?

– Talvez seja o princípio.

Estávamos parados à porta do capitão Macedo. E ela pediu: – Dás-me um beijo?

Entrámos no portal, e ficámos na sombra que enegrecia pela longa escadaria acima. Abracei-a e beijei-a longamente. Era o que eu desejava: beijá-la assim, sem razões nem consequências, para sempre. Mas um beijo não dura sempre, como a posse não dura sempre, mesmo que fiquemos dentro e sobre o corpo possuído. Foi o que ela pensou, porque disse, de olhos fitos nos meus, quando os nossos lábios se afastaram: – Eu queria era ficar assim, para sempre. Assim nos teus braços, assim com a tua boca na minha, assim calada, assim suspensa fora de tudo, mas em ti. Quando a gente

fala, ou quando a gente se afasta, logo as outras coisas e as outras pessoas se metem entre nós.

Eu afagava-a com ternura, e disse: – Ou até nós mesmos – e ela tornou a beijar-me, com o jeito que tinha de segurar-me a cabeça.

Depois, libertou-se de mim, e, saindo a porta, disse: – Serei sempre tua, quando quiseres, aconteça o que acontecer. Nunca te esqueças disto – e desapareceu.

XXV

Eu fiquei por momentos no portal, e comecei a subir as escadas de pedra, abruptas e sem patamares, que subiam sempre em frente até casa dos Macedos, onde eu nunca entrara. Só quando fiquei parado diante da porta me lembrei do motivo que eles tinham para eu estar ali. Que afinal lhes diria? Ia dizer-lhes que não; que, afinal, tinha pensado no caso, teria muito gosto em servir de apoio ao Luís em Lisboa, estaria inteiramente à disposição para o que fosse preciso, mas não queria a responsabilidade de ele viver connosco; que, de resto, eu não sabia qual a atitude dos meus pais em face da ideia, e que, em última análise, tudo dependia deles; que meus pais eram pessoas que, ao mesmo tempo, falavam muito em responsabilidades e tinham um trabalho imenso, cheio de preocupações e de responsabilidades, para não aceitarem nenhuma... No caso presente, eles não conheciam o Luís ou o capitão; e, se havia coisa de que eles tinham receio, era das pessoas que eles não conheciam, tudo o que não pertencesse ao mundo que achavam prudentemente que era o deles. A proposta era, em qualquer caso, absurda; e eu não queria que maiores envolvimento de pessoas e coisas prolongassem, fosse o que fosse, daqueles dias infernais que tinha vivido. Esses dias, e as pessoas neles, que ficassem na Figueira que tinham feito. Até aí, eu estava envolvido; mas, daí para diante, se quisessem transferir-se para Lisboa, que plantassem lá as Figueiras deles, e me deixassem em paz. Isto mesmo me evocou repentinamente o Rodrigues acorocado sob a grande árvore do jardim de meu tio, e sendo ignominiosamente expulso. Não tornara a vê-lo, depois disso. E quanta culpa tinha eu naquilo? Mas tivera eu tempo de procurá-lo, de saber em que estado ele ficara, quando já antes era tão grande o desespero dele? Hoje, não era possível procurá-lo; amanhã, seria a primeira coisa que eu faria. Bati à porta.

Por trás da criada que ma abriu, estava a tia que eu conhecia.

Muito empertigada e seca, fez-me entrar para um escritório que parecia um gabinete de quartel, pela nudez e pelo carácter impessoal da mobília e da decoração. Mas um gabinete de quartel, a que, para salvaguardar um ar de domesticidade convencional, às granadas e aos modelinhos de peças, sobre a secretária e as consolas, haviam sido acrescentados numerosos *napperons* cujos dentes de crochet pendiam desconsoladamente. Pediu-me que esperasse um pouco, que «o senhor capitão» ainda não chegara, e disse que o Luís, que estava em casa, vinha já. Mas, dizendo isto, sentou-se a fazer-me sala, e ofereceu-me uma cadeira. Estava ela a falar de meu tio, em termos encomiásticos com uma ponta de displicência e algum tempero de moralismo (porque houve uma alusão ao jogo e ao desbocamento dele), quando o Luís entrou. Ao lado da tia, pareceu-me mais homem; e, notando que o tomara sempre por menino, reparei melhor nele. Mas, ao mesmo tempo que a tia falava, e que eu reparava também em como eram assumidos, nele, os ares de adulto, a recordação da orgia na igreja abandonada atravessou-se-me no espírito, e tive a sensação, por um vago sorriso que lhe aflorou nos lábios, que o Luís me leu no olhar com que eu o fitara. Seria de convivência adolescente e promíscua o sorriso dele? Seria, pelo contrário, uma tímida tentativa juvenil para estabelecer uma fraternidade masculina em face daquela mulher que falava? Ou seria, pelo contrário, uma receosa e contraditória tentativa para estabelecer, através de mim, uma ponte para a Lisboa que ele desejava? Era precisamente isto o que a tia estava dizendo, e percebi nas frases dela certo azedume quanto à hipótese de uma vida marítima que o rapaz se propunha teimosamente. Ela insinuou mesmo a que ponto ele teria desejado um curso que não houvesse em parte alguma senão em Lisboa. Novamente o sorriso reapareceu nos lábios do Luís, e não pôde deixar de repercutir nos meus, quando ela começou a falar de Lisboa, embora não declaradamente, como se a capital fosse uma Babilónia. Babilónia me parecia a Figueira que ela achava o suprassumo da paz provinciana, ótima

para educarem-se rapazes. Fiz-lhe o reparo de que, fosse qual fosse o curso superior a que algum se destinasse, não havia universidade na Figueira, e a deslocação para Lisboa, Porto, ou Coimbra, era inevitável. Percebi, então, que, para ela, não existiam cursos superiores de espécie nenhuma, e que a única carreira digna era a das armas, armas secas ou molhadas, conforme se tratasse do Exército ou da Armada (a Aviação não era, para ela, verdadeiramente uma Arma, mas uma fantasia de loucos). Ora, sendo em regime de internato que esses cursos militares se tiravam em Lisboa, os rapazes ficavam submetidos a uma disciplina férrea que ela achava indispensável à formação masculina. O Luís, que se mantivera quase calado até aí, explodiu em diatribes antimilitaristas e anticolégio interno. Ela cortou-lhe asperamente a palavra, declarando que «o mal deles» (e referia-se aos dois sobrinhos) tinha precisamente sido o não terem vivido nunca num colégio interno. E pior do que tudo tinha sido frequentarem um colégio que tinha internato, sem estarem internos. Assim, só tinham sofrido a má influência das queixas dos internos – que sempre se queixam do que para eles é o melhor regime –, sem colherem as vantagens da disciplina. Observei-lhe que os sobrinhos eram, tanto quanto eu sabia, bons rapazes, e não via razão para ela se preocupar tanto com uma disciplina que lhes não tinha feito falta. O rosto do Luís iluminou-se de satisfação, quando ela me respondeu, desabridamente, que nós, rapazes ou homens, éramos todos os mesmos. Até parecia, a darmos crédito ao que ela dizia, que os exércitos e a disciplina deles, tinham sido uma invenção feminina, originariamente apanágio de escolhidas Amazonas entre as quais, pelo menos na nostalgia, ela se contava. No fundo, filha de militares, talvez neta de militares, e irmã dos bigodes militaríssimos do capitão Macedo, ela não perdoava aos sobrinhos que desejassem carreiras que ela achava menos viris. Para ela, o sexo masculino não era completo nem garantido sem uma farda que o cobrisse. E a impressão que aquilo me dava era exatamente a contrária da que

ela supunha em si mesma e de que teorizava. Para eles, o Exército não podia senão ser a vida sedentária e ridícula do pai, que eles associavam a uma grande fraternidade sem rigidez com os velhos guardas-fiscais que ele comandava e que eram, por sua vez, muito fraternos de contrabandistas e dos pescadores que os contrabandistas eram ou fingiam ser. Nunca poderia ser um fim de vida, já que, para eles, não se revestia de fascínio algum, senão por aquilo mesmo em que, pelas teorias dela (por certo pregadas a todas as horas, até à saturação deles), não era Exército. E provavelmente ela mesma se vingava de que o irmão tivesse ficado a vida toda um capitão de província, e não um garboso general rebrilhante de condecorações. De súbito, perguntei-lhe: – O pai da senhora e do capitão Macedo foi general?

Ela suspendeu o fluxo verbal, e olhou-me numa grande perturbação, como se eu tivesse dito uma impertinência que a apanhara desprevenida. E, baixando os olhos para o regaço, ao mesmo tempo que uma das mãos brincava com o *pendentif* que lhe pendia, de um fio de ouro, sobre o seio magro, respondeu: – O nosso pai, que Deus tem, foi reformado em coronel.

– Ah, mas coronel já é muito – disse eu.

Os olhos fuzilaram-lhe: – Muito mais que tenente – disse ela, por certo pretendendo ferir-me no meu tio.

– Muito mais, e mesmo capitão é mais que tenente – comentei eu, deixando-a perplexa. E prossegui: – O capitão Macedo não é o comandante da praça?

– Praça? – repetiu ela.

– Sim, praça. Lá em minha casa, é costume contarem que meu bisavô era «comandante da praça», por ser o oficial mais graduado da cidade onde morava. O senhor capitão não é o comandante da praça da Figueira? – e ri-me interiormente do trocadilho lisboeta que isto era, com o capitão promovido a comandante do mercado mais célebre de Lisboa. Ela respondeu, cabisbaixa – não sei se é... –, enquanto eu estava vendo os bigodes do capitão perpassarem, como

de generalíssimo, por entre montes de couves e gaiolas de galinhas. O Luís ficou exultante, não porque entendesse o meu trocadilho, mas porque a minha ironia lhe foi patente. E percebi que ele detestava igualmente a tia e o pai. Ou, no momento, estava detestando o segundo, na medida em que era o apoio da primeira. Isto, provavelmente, fez que ela expusesse ostensivamente uma hostilidade à minha pessoa em que não deixava de ir algum ciúme por eu ser um lisboeta. Tal hostilidade, senti que me favorecia o afastamento das hipóteses de compromisso, para que eu ali estava. Também o Luís sentiu, e logo interveio, cortando a palavra da tia – que passara a agredir-me viperinamente com frases que eu, satisfeito com elas, não me estava dando ao trabalho de ouvir. E declarou: – A tia sabe muito bem que eu quero ir para a Escola Náutica, que hei de ir para a Escola Náutica, e hei de ser oficial da marinha mercante. E que, se não me deixarem ir, fujo de casa, e vou.

Estremeci, e a frase dele fez que toda a gente e a guerra de Espanha entrassem pela sala dentro, e também a Mercedes se apoderasse do meu corpo que palpitou. Naquele mesmo dia, o irmão dele daria um passo semelhante, mas tão grande que poderia levá-lo à morte, à prisão, sei lá a quê.

A tia impôs a sua autoridade: – Cale-se e não diga atrevimentos. Foge para onde? E com que dinheiro?

Da gente toda que tinha entrado confusamente, emergiram os meus tios, o Rodrigues, a sogra do meu tio, o sobrinho da velha da casa de passe, a velha, o Rufininho, um pandemónio. E ela dizia: – Estes rapazes, fique o senhor sabendo, eu fui uma mãe para eles. E tudo o que eles querem é fugir de mim. E o pai, em vez de ser o pai que eles precisam, esteve sempre por tudo, tratou-os sempre como um irmão mais velho, e agora até ele, no fundo, quer que eles sumam daqui, para não precisar mais de mim, e ficar à vontade – e desatou a fungar sentidamente.

Aquela fungadeira, num sargento à paisana como ela parecia,

era extremamente incongruente; e mais o ficava por não ser de lágrimas, mas antes de uma espécie de defluxo que a mágoa lhe produzira nos seios nasais. Além do mais, ela nunca me vira de perto, para ter liberdade de fazer-me as cenas que estava fazendo. Era como se um vírus que eu transportasse atacasse as pessoas, levando-as a atitudes extemporâneas, ou, talvez melhor, consentâneas não com o mundo de cada uma, mas com o que, sem que mesmo o soubessem, esse mundo tinha de comum, através de mim, com outros mundos igualmente privados e igualmente em crise. Ante aquele espetáculo de que o sobrinho dela desviava constrangidamente os olhos, e com a sala cheia de gente que saltara para fora da minha imaginação e se agitava de acordo com as funções da senhora, eu interroguei-me sobre se seria mesmo um vírus que eu transportava, ou se tudo estava, talvez, obedecendo a uma música oculta, muito desafinada, que era a do mundo todo através de mim, na medida em que eu, saindo do sono da infância e da adolescência, descobria que a vida não era a consciência que encontrara quando me vira e me sentira cada vez mais um homem, mas aquela mesma intromissão de figurantes numa representação que, antes, imaginávamos representar sozinhos. Neste momento, o Macedo entrou, eu percebi que a guerra civil, para que ele e outros pretendiam ir, não havia sido, e não ia ser, senão a terrível demonstração de que todos dependemos de todos, sobretudo para matar e morrer, e de que não era eu quem transportava um vírus, mas a vida que chegara ao ponto de, daí em diante, não poder ser vivida senão como uma doença mortal e maligna, em que as pessoas se serviam umas das outras para satisfazerem a sua ilusão de que não eram para servir. Tudo isto mais o senti que o soletei a mim mesmo; e foi muito rápido, embora tivesse continuado na minha cabeça, subjacentemente à mutação de cena que a entrada do meu amigo provocou.

Porque a entrada dele provocou uma mutação completa. A tia engoliu os soluços. O Luís refluíu à sua atitude de irmão mais novo.

E eu sorri afavelmente, para recém-chegado, com o ar de quem estava fazendo uma visita amena a velhos conhecidos, para falar do estado do tempo. O Macedo desculpou-se-me de vir com atraso, acrescentou que o pai por certo não demoraria, e convidou-me a ir com ele e o irmão lá para dentro, enquanto o pai não vinha. A tia ficou para trás de nós, um pouco reduzida a peça de mobília ou a um dos *napperons* que ela teria sido quem pusera sob o latão muito ensolarinado das granadas decorativas. Vim muito depois a saber que, pelo contrário, ela detestava aqueles *napperons*, por inadequados ao ambiente bélico que ela adorava no escritório, e também por serem relíquias votivas da falecida cunhada, a quem ela atribuía, como os *napperons* faziam às granadas, o ter-se interposto, na massa do sangue dos sobrinhos, entre eles e as belezas fascinantes do militarismo limpo a solarina.

Levaram-me para o quarto de estudo deles, onde havia mesas, cadeiras, livros, bolas de praia, canas de pesca, e sobre um armário modelos de barcos, que eu examinei perguntando se eram do Luís. Este respondeu-me que sim, e sem dúvida mais para sair fora do ambiente que ambos trazíamos connosco e fora a conversa da tia mais a constipação mental dela, apressou-se em mostrar-mos um por um, com manifesto alívio pela oportunidade, e também com uma genuína satisfação infantil pela coleção que tinha. Eram os pescadores quem construía aqueles barquinhos, pacientemente lhes punham cordames etéreos (às vezes bem menos do que a proporção reduzida exigiria) e os pintavam com minucioso carinho. Por trás de nós, eu sentia o irmão mais velho que foi montando uma pergunta que acabou por me fazer: – A minha tia disse-te alguma coisa? Apresentou o relatório das suas queixas? Lamentou-se de que toda a gente queira sair de casa e não vá para a Escola do Exército? Sabes que o meu avô não passou de sargento? Ela disse-te que tinha sido coronel? É mentira. Foi sargento, e ela também ficou sargento toda a vida. O meu pai chegou a capitão. Quem ela queria que chegasse a coronel somos nós, e é isso que ela não perdoa, a promoção na

carreira, já que não na mesma pessoa, ao menos de geração para geração.

– Tu afinal vais dar-lhe uma alegria – disse eu.

Ele riu um pouco amargamente, e desviou a conversa. Deu-me a impressão que o Luís sabia de tudo, mas que o caso não havia sido «oficialmente» discutido entre eles, e, portanto, tudo se passava, sem troca de palavras a respeito, como se ele não soubesse. Visto isso, contive as minhas alusões. E o Luís disse: – A tia começou com a conversa dela, e eu até declarei que, se não me deixassem ir para Lisboa, para a Escola Náutica, fugia.

– Cala-te com essa história. Queres tirar esse curso, tiras. É preciso ires para Lisboa, vais. E o pai não é contra isso, como não foi contra eu ir para o Porto, quando podia mesmo ter ido para Coimbra que é mais perto. A única coisa está em que a gente não conhece ninguém em Lisboa.

– Mas em Lisboa ninguém me come – disse o Luís.

– É conforme. Sempre convém que a gente, quando está noutra terra, tenha alguém a quem se encoste, em caso de necessidade.

A discussão tinha um carácter de repetição bem ensaiada, pelo tom calmo que eles conservavam. Era uma formalidade que ambos cumpriam, de cada vez que o assunto era debatido. Mas as razões e contrarrazões já todas estavam perfeitamente discutidas, e tanto um como outro mutuamente as aceitavam. O mais velho, ponderando que uma pessoa não podia ficar sozinha, porque temia as más influências sobre o irmão. O irmão mais novo, no seu papel de homem que não precisa de ninguém para desembaraçar-se na vida, e que se pretende suficientemente forte para resistir sozinho a «más influências» em que, por dever de ofício, se recusa mesmo a acreditar.

O Macedo disse: – Sei muito bem que o nosso pai te deixa ir, e não se opõe a que sigas um curso com que sempre sonhaste. Mas ele fica mais descansado, é claro, e eu também, se tu estiveres com alguém que a gente conheça, e a que a gente sabe que tu podes

recorrer, se precisares. Sempre isso é melhor que receberes ajuda de encontros de acaso, ou que te apareça alguém que te ajude para te perder.

– Isso não te sai da cabeça – disse o Luís. – Parece que tens medo de que atentem contra a minha virgindade...

– Há muitas maneiras de se atentar contra a virgindade de uma pessoa. E uma delas é convencê-la de que não há nada de mal em fazerem-se coisas que não devemos fazer, desde que a gente as faça porque lhe apetece, ou, pior ainda, porque não têm importância essas coisas nem nenhuma, e a gente pode fazê-las por piada, e porque não nos comprometemos com elas nem com nada.

– Mas, no outro dia, quem foi que nos convenceu disso? Quem foi que te convenceu a tomares parte naquela pândega da igreja? – perguntou o Luís.

– Ninguém me convenceu – respondeu o Macedo. – Mas, por isso mesmo, é que a gente não deve tomar parte em coisas que podemos saber como começam, mas não sabemos como acabam.

Eu disse: – Mas não há nada que a gente possa saber como acaba. Olha lá, tu sabes como a guerra civil espanhola vai acabar? Depende de ti a maneira como ela acabe?

– Isso é diferente. Numa coisa dessas, a gente contribui para defender alguma coisa que vale mais do que nós; e o mal que nos façam ou que a gente faça só tem que ver com esse trabalho a que a gente se dedica. E a maneira como isso acabe não depende pessoalmente de cada um de nós. O que vale é a dedicação, e vale o exemplo. E, mesmo que nada disso valha, ainda há que nos sabemos ligados a uma coisa que é maior do que nós.

– Mas, se achas que não depende de ti o resultado, e que não tens poder algum sobre coisa nenhuma, como sabes que estás contribuindo para uma coisa maior do que tu? – perguntei eu.

– Qualquer coisa que não seja só minha é maior do que eu. E garante a pureza dos meus ideais e da minha dedicação.

– E garante também, se a vês assim, a tua pureza pessoal? Não

poderá acontecer que o teu contributo seja precisamente ela, que é, no fim de contas, o que mais te importa?

Ele lançou um olhar de relance ao irmão, antes de responder-me:

– A minha pureza pessoal, e a de qualquer pessoa, só não estão garantidas, se eu ficar fechado em mim mesmo e na vida das outras pessoas que se cruzarem com a minha. Se eu estiver sozinho.

– Mas – disse eu –, se tu tens assim medo de estar sozinho, ou de que alguém esteja sozinho, porque é que, numas coisas, te preocupa que as pessoas andem mal acompanhadas, e, noutras, achas que a tua salvação não depende das más companhias?

– Quando é que eu disse isso? – exclamou ele.

– É o que eu entendo – respondi.

– Mas não é isso. Se eu estiver sozinho comigo mesmo, corro todos os riscos. Se eu estiver acompanhado, posso julgar melhor do que devo fazer ou não.

– E se estiveres mal acompanhado?

– Mas eu não posso estar mal acompanhado, se estiver com pessoas que pensem o mesmo que eu.

– E também não estarás mal acompanhado, então, se te deixares arrastar, por alguém, para uma vida que tu mesmo, em consciência, aches que é má, e que atenta contra a tua pureza. De resto – e olhei num relance perverso para o Luís – será que alguém é arrastado, salvo em casos muito excepcionais, para alguma coisa que, no fundo, não quisesse fazer, vencidas as repugnâncias que o defendiam?

– Não.

– Não, o quê?

– O mal é uma coisa exterior a nós, contra a qual a gente luta.

– E não é uma coisa interior de que a gente tenha de defender-se?

– Esse mal é outro.

– Como é outro?

– Porque o mal não é uma entidade abstrata que se corporize em nós.

– Então também não se corporiza nos outros cuja má influência tu afinal temes, em certos casos.

– Mas tu não vês que o mal não existe? Que o que há é circunstâncias que podem levar-nos a praticar atos maus que destruam o que nós somos? – quase berrou ele.

– Mas como podem ser maus os atos, se o mal não existe? E como podem eles destruir alguém, se, não havendo o mal, a pureza também não pode existir?

– A pureza existe, sim, e é um desejo de sermos, e de tudo ser, melhores do que somos.

– Mesmo à custa da pureza dos outros? – e, voltando-me para o Luís, pedi: – O Luís é capaz de ir ver se o seu pai já chegou, que eu quero falar a sós com o seu irmão?

O rapaz hesitou e saiu. E, logo que ele saiu, eu disse-lhe: – Tu sabes quem arranjou o dinheiro com que é pago o barco em que vais salvar a República espanhola? Não sabes? Foi o Rodrigues. E sabes como? Não sabes? Vendendo-se à sogra do meu tio, que lhe cobiçava o corpo há muito tempo. E sabes como isso foi feito? Eu mandei-o levar à velha uma carta da minha tia, em que ela pedia que a velha lhe acudisse com dinheiro para uma chantagem. E sabes quem escreveu a carta? Os meus tios. E sabes que o Rodrigues teve sempre uma paixão pela minha tia, e que chorou quando eu lhe disse que era ela quem lhe pedia para ir a Coimbra levar a carta? Sabes que ele foi, como quando era menino, empoleirar-se uma última vez na árvore do jardim do meu tio, para contemplá-la, e para desafiar o meu tio? Sabes que foi apanhado, e o meu tio o expulsou como quem expulsa um cão? E sabes porque é que eu fiz isto? Porque era amante da Mercedes, e queria que o Almeida não deixasse de desaparecer daqui, por vos faltar o dinheiro para o barco. E sabes que o Almeida não era só noivo da Mercedes, mas tinha sido amante dela no Porto? Sabes que eu levei a Mercedes a uma casa em Buarcos, mais que uma vez? Sabes que a essa casa, que tu deves conhecer, vai também o Rufininho com os amantes

dele? Sabes que o sobrinho da dona da casa, e que é um dos tripulantes do teu barco, e um dos contrabandistas teus amigos, é um dos amantes do Rufininho? Sabes...

– Cala-te – pediu-me ele, com a cara escondida nas mãos pousadas na mesa.

– Não me calo. Sabes que o Ramos sabia das minhas relações com a Mercedes? E que me pediu para eu adiar até à vossa partida os encontros, não fosse o Almeida perder a cabeça, e não pilotar o vosso barco? Sabes que os dois espanhóis que estão em casa do meu tio não querem embarcar? E que o meu tio, ameaçando-os com a polícia, os obriga a isso? E que eu também receei que a recusa deles, ou o facto de não resolvermos, por causa de eles não quererem ir, a questão do dinheiro, arrastasse que a viagem se não fizesse?

– Eu sabia de muitas dessas coisas... – murmurou ele.

– Então, se sabias, onde fica, no meio de tudo, a tua famigerada pureza? Quem é que é puro nisto tudo? Qual de nós? Não nos vendemos todos uns aos outros, da maneira mais porca e mais miserável?

– Eu não sabia que o Rodrigues tinha sido metido nisto.

– Mas é à prostituição do que ele tinha de mais puro, no fundo de si mesmo, que tu deves o dinheiro com que vais participar de uma coisa maior do que tu.

– Nele, não há nada de puro. Tudo isso é mentira. São as fitas que ele inventa para se justificar.

– E tudo o que tu fazes não serão as que fazes para te justificares? Haverá alguma coisa que a gente não faça para isso mesmo? Ou para obter o que deseja?

– Ou para se vingar de alguém, Jorge, ou de alguma coisa. Eu peço-te, por tudo, que tomes conta do Luís. Senão, o Rodrigues vinga-se nele. E agora muito mais. Quando ele souber para que o dinheiro serviu, e com a raiva que ele tem de espanhóis, vai empenhar-se em desgraçar o meu irmão, por vingança.

– Mas vingança de quê?

– De mim. Tu lembras-te de eu te contar, porque eu contei, não contei?, como ele me confessara a vida dele? Mas ele não me confessou só isso. Juras que não repetes a ninguém o que te vou dizer?

– Juro.

– Principalmente ao meu irmão? Bem. Tu imaginas o que este rapaz é para mim? Eu sinto nele uma força, uma segurança, uma certeza de ser, que é maravilhosa. É como se fosse meu filho, um filho como eu desejaria que um meu filho fosse. É um homem como eu queria ser. Foi por ele que eu me deixei envolver naquelas porcarias que o Rodrigues provocou por causa dele e de mim. Para que ele não fizesse, ou não visse fazer, sem mim, nada. Porque, se eu me recusava, diante de tanta gente, ou tentava retirá-lo dali, ele podia resistir-me, por achar que eu tinha medo, e estava tudo perdido. Ou podia ficar com a nostalgia daquilo a que não assistira e em que não havia tomado parte, entendes? – e não continuou. Aguardei que ele prosseguisse.

Mas ele não prosseguia. E, após uma longa pausa, voltou atrás na conversa: – Que coisa imunda que é a vida... Quanta gente e quanta porcaria nisto tudo. E o pior é que, quando a gente descobre uma trapalhada destas, fica sem saber o que é mais porco, se as pessoas, se as coisas.

Tive pena dele: – As coisas são feitas pelas pessoas, de modo que estas só é que são porcas. Ou então a porcaria não é exatamente aquilo de que tu tens medo.

– Um medo terrível, nem imaginas – e, de súbito, disse: – Foi o que aconteceu comigo e com o Rodrigues. Éramos muito amigos, a princípio, no colégio. E, naquela pouca-vergonha que o colégio era, nós estávamos fora de tudo. Um dia, o Rodrigues disse-me que o que ele queria era ficar a vida inteira sem tocar em ninguém, nem nele mesmo, ao lado de um amigo como eu. Uma amizade de homens para a vida e para a morte. Mas, ao mesmo tempo, ele era

muito vaidoso da curiosidade e da atração que o físico dele despertava. Exibia-se muito, por brincadeira. E eu briguei com ele por causa disso. Ele respondeu-me que eu tinha ciúmes dos outros. E, para mostrar-lhe que não tinha ciúmes, que a minha amizade estava acima de qualquer ciúme e de qualquer desejo maligno, eu mesmo o tentei a que se aproveitasse dos outros, como o Rufininho que era um menino muito mariquinhas, muito mimado, mas não era o que é.

– E depois?

– Depois, o Rodrigues acusou-me de eu fazer a minha pureza à custa dele mesmo.

– Mas tu nunca tinhas pensado em entrar nessas coisas.

– Nunca, juro-te. Mas ele também não. Eu é que tive medo de que os outros rapazes pensassem mal da nossa amizade.

– E ele?

– Ele dizia sempre: dois amigos não têm medo de ninguém, nem do que os outros pensem.

– Mas, se tu mesmo o empurraste, qual a razão de ele te ficar com raiva, e de tu lhe teres, como tens, uma raiva tão grande?...

– É que eu, uma vez, achei que ele estava tomando o gosto, e denunciei-o. E ele foi apanhado em flagrante.

– Não vejo razão suficiente. No fim de contas, essas coisas aconteciam no colégio, e sempre percebi que vocês não davam grande importância a isso, quando eram apanhados por cima. A denúncia foi mais séria, sem dúvida. Mas foi por isso que ele ficou zangado contigo, ou pelo menos como tu dizes?

– Não. Eu já o tinha ameaçado mais que uma vez. E fiz o que fiz porque ele me desafiou a que eu fizesse.

– E é isso que tu não lhe perdoas.

– Não sei.

– E o que ele te não perdoa...

– O que é?

– Bem, tu sabes. Mas não me parece causa bastante para que ele

persiga o teu irmão. O teu irmão é que pode ter herdado essa fascinação que ele exerceu sobre ti.

– E herdou mesmo.

– Contra isso, eu não posso lutar com as mesmas armas.

– Podes, com outras. O Luís tem muita simpatia por ti. E, de qualquer maneira, convenceu-se de que és condição *sine qua non*, para o pai o deixar ir para Lisboa.

Levantei-me: – O teu pai já deve ter chegado. Quero dizer-te uma coisa. Estou farto de tudo e de todos, como tu, ou mais. Não me responsabilizo pelo teu irmão. É um homem, que se arranje. Já me bastou, até hoje, de envolvimento na vida das outras pessoas e das outras pessoas na minha. Desculpa que te pergunte... Tu já estiveste alguma vez apaixonado por alguém?... Nunca estiveste. Pois eu, no meio disto tudo, estou apaixonado pela Mercedes. Não é uma paixão de namoro. E não sei como isto vai acabar. Estamos aqui nesta conversa, e não sei se tornarei a ver-te. Não me peças compromisso nenhum, em relação ao teu irmão. Sem compromisso nenhum, farei o que puder. Mais nada.

– Mas ele poderia ficar na tua casa.

– Os meus pais nem compreendem o que seja ter hóspedes, e muito menos receberem visitas de pessoas que eles não conheciam já antes de nascer. Não contes com isso. O que eu posso fazer, indo para Lisboa, é arranjar onde ele fique. E, depois, apresentá-lo lá em casa. Como eu já não sou o menino que os meus pais criaram, pode ser que o adotem, que gostem dele, e o recebam bem. É tudo. Vamos ver se o teu pai já chegou.

Ele levantou-se também, e seguiu-me. Já à porta do quarto, eu perguntei: – Que pensas tu do Ramos?

– Do Ramos? A que propósito?

– Todos os propósitos.

– Sob certos aspetos, é...

– Como tu quererias ser?

Ele baixou a cabeça, e não me respondeu.

O capitão Macedo estava no escritório, com o Luís, e cumprimentou-me muito afavelmente, acrescentando que meu tio já muitas vezes lhe falara em mim. E ponderou, cofiando os bigodes: – Aqui os meus filhos também já me falaram em si, muitas vezes. Mas uma coisa é um tio, ou a rapaziada, falando de quem gostam, e outra coisa é vermos nós as pessoas. Ver as pessoas é muito importante – e examinou-me em silêncio, com o ar de comandante que avalia dos dotes, para uma grave missão especial, de um voluntário cujas reais qualidades não conhece.

Passei no exame: – Parece-me que o senhor é bom rapaz.

Eu sorri.

– Não ria. É bom rapaz?

– Acho que sim.

– A forma como um homem declara que é bom rapaz é muito importante. Por aí se vê como se vai poder confiar nele.

– Mas porque é que o senhor capitão precisa de confiar em mim?

Atrapalhou-se, olhou para os filhos, cofiou os bigodes: – É... – e, abruptamente, perguntou: – O senhor não tem oficiais de marinha na família?

– Deve haver alguns.

– Deve? Então o senhor não sabe?

– Bem, não me tenho interessado muito por isso.

– Hum... Aqui o Luís quer ser oficial da marinha mercante.

– É uma bela carreira – disse eu.

– Acha que é?

– Sem dúvida. Mas, de qualquer maneira, é o que ele quer ser, não é?

– Então não acha que seja?

– Tanto faz, não é verdade? O que é muito importante é que ele possa ser o que quer.

Senti o Luís respirar de alívio, e continuei: – Tem de ir para Lisboa. A não ser que embarcasse aqui, para tirar primeiro as derrotas, ou lá como é que chamam a isso.

– Mas eu não quero que ele seja um oficial do bacalhau. Quero-o a comandar paquetes. No bacalhau ganha-se muito dinheiro, mas é um serviço porco. E muito duro, meses e meses sem porem os pés em terra. Veja o senhor esse Almeida que eu conheço de pequeno. O senhor conhece-o?

– Não tenho ideia.

– Não conhece? O que está para casar com a irmã de um dos amigos aqui dos meus filhos. Excelente rapaz. Excelente rapaz, é o que lhe digo, não desmerecendo do senhor.

– Muito obrigado – e fiquei a pensar em qual seria a razão de eu estar sendo tão desagradável com aquele homem.

– Pois o Almeida tem passado a vida no bacalhau, tem ganho dinheiro, e o que faz ele ao dinheiro?

– Não sei.

– Não sabe? Mas sei eu. Gasta tudo em pândegas, quando fica à espera de nova campanha. Isto é vida? A única pessoa que ele respeita é a mãe. A mãe dele é uma boa senhora, foi sempre. Ora os meus filhos não têm mãe. Por isso eu não quero que o Luís, aqui o Luís, ande noutros navios. Só em paquetes.

– Também há os navios de carga. Até há mais.

– E não são tantos como deviam ser para o que o nosso país precisa. É necessário termos uma fortíssima frota mercante.

– Não faltarão então oportunidades para o seu filho.

– É o que eu penso. O senhor janta connosco?

– Não, muito obrigado. Esperam-me lá em casa.

– O seu tio esperar por alguém? Essa é nova.

– É conforme. Se o senhor me dá licença...

Ficou interdito, olhando de mim para os filhos e dos filhos para mim, procurando uma deixa. Eu mesmo lha dei: – Se eu puder ser útil em Lisboa ao seu filho, estou à inteira disposição.

– Ah... muito obrigado, muito obrigado. Apareça sempre. Não quer jantar connosco?

– Fica para outra vez – e despedi-me dele.

À saída, a tia apareceu: – Ele já lhe encomendou o outro filho?

– Já sim, minha senhora.

– Que lhes preste. Ingratos – e desandou pelo corredor fora.

Apertei longamente a mão do Macedo: – Desculpa, se te magoei.
Que tudo corra bem.

Sacudi, com um riso nos lábios, o ombro do Luís, e saí. Era noite fechada, quando cheguei a casa.

XXVI

Parecia-me que há séculos que não entrava lá; e foi com esforço que me recordei de que saíra dali correndo, para estar às três horas – seriam as três horas? – à entrada da pensão, naquele mesmo dia. E, como se diz, ainda a procissão ia na rua. Que sucederia esta noite? Que ainda iria acontecer mais? Porque iriam acontecer ainda muitas coisas. Viriam buscar os espanhóis. Eles partiriam ou não? E depois? Toda aquela gente embarcaria? Como? E como ficariam os que ficavam? E eu com eles? A imagem da Mercedes perpassou-me na mente. Mas foi como que uma aparição hesitante e fugidia que, no entanto, deixou um rastro doloroso. Na sala de entrada, não estava ninguém, mas foi quando a atravesssei que ouvi um trovão que fez estremecer a casa. No átrio onde confluíam a passagem para a cozinha, a escada para cima, e o corredor para as outras salas do piso térreo, quase choquei com a Maria que passava com uma travessa. Esta desequilibrou-se muito mais do reboar do trovão e da surpresa do quase choque, que do rápido gesto, com que lhe pus a mão no rabo, sentindo uma espécie de libertação que era do gesto e também do tropejar cuja esbranquiçada tensão eu sentira durante todo o dia. Estavam todos sentados à mesa, quando entrei na salinha atrás do rabo que tinha apalpado como um menino travesso. Meu tio saudou-me com excessivo entusiasmo, mandando-me sentar e comer. E o entusiasmo dele, que era muito das garrafas que via no chão a seu lado, não me aumentou a sensação que sentira: pelo contrário, fez-me ouvir a chuva que reboava já nas folhas das árvores e no areão do jardim, e que fustigava as vidraças da casa, com um estralejar escorrido que descia atroador pelas escadas até onde nós estávamos. Ouvir a chuva e um novo trovão – e tive de repente a lembrança de que, no caminho e entrando em casa, outros ouvira distantes que não notara –, e ver os dois espanhóis comendo fez-me temer o fracasso de toda a aventura que o temporal podia complicar ou impedir. E logo depois, a colher da sopa ficou-me no

ar, quando percebi que me era totalmente indiferente que a aventura fracassasse ou não. As minhas motivações, se é que as tivera, haviam desaparecido. Ou estavam substituídas por outras, em que eu possuir eventualmente a Mercedes não dependia já de nada ou de ninguém, mas só de mim e dela. De querermos, e de termos as oportunidades. Meu tio falava, minha tia também, mas eu não os ouvia. Fitando novamente os espanhóis, que me deram a impressão de, não os ouvindo também, terem nos rostos um alegre alívio por ter estalado aquela perturbadora chuva (embora eles não soubessem de dia ou de hora certos, como eu de certo modo sabia) que me pareceu que meu tio, na euforia com que falava, não tinha ouvido ainda, senti em mim uma revolta que não consegui destringir se obedecia ao hábito de querê-los numa aventura de que eram parte integrante e que já não me interessava, ou se, pelo contrário, eu continuava realmente interessado nela, ao contrário do que, ao mesmo tempo, estava pensando.

Quando o jantar acabou, vi que meu tio ouvira perfeitamente a chuva e a trovoadas começaram, e que, ouvi-las, fazia precisamente um efeito amplificador na sua satisfação. É que houvera chuva na sua fuga da Alemanha, muita chuva mesmo. Dizia ele:

– ... numa noite assim é que eu fugi do hospital com a Freya². E até chegarmos à Holanda houve sempre chuva, chuva forte, uma chuvinha fininha daquela que se diz molha-tolos, chuva daquela que não é nem chuva nem névoa suspensa, todas as espécies de chuva. Eu, quando sinto a chuva, é como se me escapasse outra vez. A liberdade, para mim, é mesmo uma questão de chuva, penso eu. Sem chuva, não há liberdade – e riu, servindo-se novamente de vinho, e servindo os outros que, calados e sorridentes, não diziam nada. Para eles, a chuva, naquele momento, era liberdade também, mas exatamente a contrária; e tão seguros se sentiam sob aquele teto que a chuva batia e os trovões faziam estremecer, que se permitiam sorrir condescendentemente para uma conversa de fuga, na boca do homem que os tinha presos para que fugissem. Meu tio

continuou: – Eu fui feito prisioneiro naquele dia de abril, em que todos traíram... sobretudo traíram os desgraçados, como eu, que estavam abandonados na frente, exaustos, havia meses. E é claro que o ataque dos alemães não foi por acaso que caiu em cima de nós. Eles sabiam que nós não tínhamos sido substituídos, nem remuniçados, nem reabastecidos. Deviam saber isso pelos espões que tinham em Lisboa, e nem sequer teriam de espionar muito para saber, porque era público e notório que o governo do Sidónio estava no poder para nos tirar da guerra, de uma maneira ou de outra.

Don Juan interrompeu-o, para perguntar quem era o Sidónio, de quem ele não se lembrava bem. Meu tio explicou: – O Sidónio era um homem que tinha sido adido militar em Berlim e que fez uma revolução apoiado no medo que a maior parte das pessoas tinha de uma guerra que era longe e que a propaganda dos monárquicos e dos adversários dos partidos que estavam no poder e tinham provocado a nossa entrada na guerra apresentava como uma manobra política deles para se segurarem no poder para dominarem o país. É claro que toda essa gente o apoiou. E a maior parte dessa gente, agora, está com o governo atual, quando não faz mesmo parte dele. Tudo gente que ficou fazendo a guerra nas ruas da Baixa de Lisboa, ali pelo Terreiro do Paço. A gente que não me contou o meu tempo de serviço e que achou que eu tinha fugido e não voltara para me apresentar ao serviço. Eu! Eu que fui um dos que aguentou aquela derrocada da frente, no meu setor, quando os ingleses nos abandonaram, porque lhes convinha que fôssemos derrotados, para sairmos de uma guerra onde não tinham querido que a gente entrasse para defender as colónias que eles já tinham secretamente partilhado com os alemães, e quando os alemães nos atacaram depois de nós já estarmos suficientemente preparados pelo desleixo do governo português que era a ditadura desse Sidónio, com as mulheres todas atrás dele, de pito aos pulos, porque ele era um machão de encher-lhes o olho e outras partes, e com uma data de homens todos apaixonados por ele. É o que lhes digo. Quando

ele foi assassinado, até os houve que tiveram cheliques em cima do cadáver dele, e no enterro que foi a coisa mais extraordinária, segundo me consta, porque eu só cheguei depois a Portugal, uma coisa extraordinária, com multidões chorando e bombas e correrias, o diabo. Que dia e que noite aqueles, com os alemães em cima de nós, e nós com três meses de trincheira sem sermos substituídos. Foi um desastre, um desastre pavoroso; vem nos livros, mas eles, os responsáveis, os que tinham querido a guerra e os que tinham provocado aquele desastre, todos celebram a derrota como uma grande vitória... Fazem um grande desfile militar, uma parada de impenca, e vão pôr flores no monumento aos mortos da Guerra, na Avenida da Liberdade... Acho que as flores também são para os pobres diabos que, na confusão, eu mesmo tive de matar. Sim senhor, eu. A companhia estava reduzida a metade, quando fomos feitos prisioneiros pelos alemães. Ainda estou a ver, com as granadas a rebentarem por todos os lados, aquela gente metida na trincheira que não era já trincheira nem nada, e os sobreviventes, à luz dos foguetões, de baioneta apontada para mim, porque queriam fugir e eu não deixava, porque se tentassem fugir ainda morriam mais depressa. Se eles saltassem para fora dos buracos, porque o caminho para as segundas linhas estava cortado, ainda seria pior, morriam todos como tordos. Eram muito meus amigos, mas o medo, o medo pânico, endoidece os homens. E queriam matar-me, para fugirem. Então eu puxei da pistola e matei dois ali mesmo, antes que me matassem a mim, e para o bem deles. Os outros acoraram-se todos no chão. E eu sentei-me encostado ao que ainda restava de talude da trincheira, e só tinha olhos para a pistola na minha mão, e para aqueles dois ali estendidos um por cima do outro. Depois, o bombardeamento parou de repente, e já sabíamos que era o ataque deles. Mas ninguém se moveu, quem podia aguentar-se de pé? E assim estávamos, quando os alemães saltaram para dentro, caindo em cima dos meus homens, houve um que se enfiou numa baioneta que estava levantada. Desataram a matar na

gente, como quem esquarteja cães mortos. Eu disparei a pistola toda em cima deles. Depois, doente que eu estava dos gases que tinha apanhado, e daquilo tudo, só acordei numa carroça em que ia um monte de outros, e em que os alemães nos levavam para a retaguarda deles. Éramos todos oficiais, e os outros estavam no mesmo estado que eu ou gravemente feridos. Pela estrada fora iam, de um lado e do outro, filas de prisioneiros que não olhavam para nós. Levaram-nos para um hospital de campanha, onde nos separaram: feridos para um lado, sãos pro outro. Foi quando nos reconhecemos, aqueles que se conheciam da guerra ou da Escola do Exército. Fui mandado para um campo de concentração no Sul da Alemanha, onde havia oficiais de todas as qualidades e feitios. Comíamos comida de porcos, casca de batata, casca de cenoura, lavagem de porcos, e morríamos de frio nas barracas de madeira; e, ainda por cima, nós os portugueses, maltratados pelos ingleses que estavam prisioneiros connosco, e que tinham comida melhor, embora pior que a que comiam os alemães que guardavam o campo. Estes tratavam-nos como cães, perguntavam se não éramos pretos, e uma das piadas era os ingleses responderem que nós éramos. Nós, aos ingleses, respondíamos perguntando-lhes pela saia, fingindo que eles eram todos escoceses, porque não sei se sabem o que acontecia nas trincheiras, no nosso setor, quando um escocês com o garboso saiote se extraviava no meio da soldadesca nossa... Ficava sem poder sentar-se oito dias. Cala-te, mulher, a vida é assim. Eu não me aguentei, de fraco que já estava, e adoeci com disenteria, com pneumonia, com todas as ias e mais uma, o diabo. Quando já nem dava acordo de mim, e ficava dia e noite no beliche em que dormia, a delirar todo o tempo e a borrar-me ali mesmo, apareceu um médico da Cruz Vermelha que conseguiu que eu fosse transferido para um hospital de oficiais, onde estive dias e dias entre a vida e a morte, sem que os enfermeiros e as enfermeiras que me tratavam entendessem uma palavra do que eu dizia, nem eu palavra do que eles me diziam também. Mas tratavam-me muito

bem. Vejam como as coisas são. Se eu tivesse morrido no campo, ninguém se importava comigo. Mas ali, porque lá tinha ido parar por acaso, até me tratavam como se eu fosse alemão. Até que um dia... – e pousou, sorrindo para si mesmo, um cotovelo na mesa, e apoiou o queixo na mão, enquanto com a bengala pendurada do outro braço, a outra mão metia os dedos pelos cabelos – até que um dia, um dia, apareceu a Freya, Freya ou Frieda, nem já me lembro bem. Acho que não me lembro, porque, nos primeiros tempos, quando ela veio e me parecia um anjo, eu não percebia qual era o nome dela. Parecia um anjo. Ou, pelo tamanho, um arcanjo. E era: ela voava.

Houve uma pausa, durante a qual ouvimos a chuva fustigar a casa. Mas a trovoadas, essa parecia ter cessado. Meu tio reatou: – E era loura, loura, loura. E aviadora. Um irmão dela estava doente no mesmo hospital, ela falava francês, e passava pela enfermaria, cumprimentando os oficiais todos que lá estavam. Eu era o único português que lá havia, e ela veio ver como eu era. E viu, garantilhes que viu... Daí em diante, ela vinha e trazia-me pãezinhos feitos em casa, que atirava para cima da minha cama, com o ar de militar à paisana, que ela tinha. Mas era só aparência, para ninguém perceber como ela era um anjo disfarçado. Eu dizia-lhe: *Mademoiselle, vous êtes un ange, je ne savais pas qu'il y avait des anges comme ça en Allemagne*. E ela ria de alto, e respondia: *Et moi qui pensais que les Portugais étaient tous comme des singes. Est-ce que vous n'êtes pas un vrai Portugais?* E eu respondia: *Si je le suis? Venez donc voir de plus près*. E ela ria-se e dizia: *Mais non, parce qu'il y a des singes très dangereux*. E eu respondia: *Mais je ne suis pas un singe, mademoiselle, je suis un Portugais*. E ela dizia: *On dit que c'est bien pire*. E eu perguntava: *Pire que quoi, mademoiselle? Nous faisons tout exactement comme les autres. Seulement, nous sommes des experts, et nous le faisons plus bien que tout le monde. Même les allemands ne sont rien auprès de nous*. E ela ria-se. Quando eu me levantava e ia sentar-me ao sol, embrulhado em cobertores, naquele frio danado,

ela vinha às vezes para ao pé de mim, e até me apresentou o irmão que era aviador também e que ficara sem uma perna, o avião dele caíra e incendiara-se. Ela era aviadora por gosto, mas ele, além disso, era oficial. Esse irmão fazia-me cada cara... Depois, quando eu já estava melhor e me passeava ao sol, ela acompanhava-me pelo jardim fora. E metiam dó as voltas que o irmão dela dava com a cadeira de rodas, para nos espreitar de longe. O que eu queria, no que eu pensava, era dormir com ela, e o pobre do irmão percebia muito bem o meu jogo, e tinha sobejas razões para me vigiar. Ela cuidava dele com imenso carinho, é claro que do alto daquela mesma secura aprumada com que namorava comigo. E ele, apesar de furioso comigo e com ela, e de movimentar a cadeira de rodas para poder seguir-nos com os olhos, e de ficar com uma cara de palmo e meio quando estávamos ao pé dele, não dizia nada. Decidimos fugir para a Holanda. Não fui eu quem teve a ideia, foi ela. Eu só queria dormir com ela, e não me tinha passado pela cabeça que poderia tentar fugir dali para fora. Para mim a guerra tinha acabado, e de resto percebia-se, ali mesmo no hospital, pela cara de toda a gente e pelas entrelinhas das notícias que ela me traduzia, que a guerra não ia durar muito e que a Alemanha estava derrotada. Mas eu estava farto daquilo, e com medo da ideia de ter de voltar para um campo de concentração, passar a fome que já tinha passado, e sofrer o que já tinha sofrido. A partir desse instante em que ela veio com a ideia, fiquei mesmo apaixonado por ela e pela ideia de fugir, que uma e outra eram a mesma coisa. Uma noite, ela trouxe-me uma farda que tinha sido do irmão, e eu vesti-a no jardim e saí com ela. Levou-me para o hotelzinho onde estava a morar, e aquilo é que foi uma noite de núpcias... meu Deus!

– Justino! – interrompeu a minha tia.

– Cala-te, mulher! Isto não é conversa de mulheres. Se não se sente bem, mude-se. Mas, a falar verdade, não foi fácil... Tudo na vida exige prática continuada, e eu havia meses que não via assim uma mulher na minha frente, os meses na trincheira sem ser

substituído, os meses de campo e de hospital... E, antes, quanto tempo havia que eu não tinha tido diante de mim uma mulher assim limpa, assim decente, assim bonita, assim apaixonada? E isto era em fins de setembro, e eu tinha sido preso em abril. Bem, no hospital tinha havido umas porcarias rápidas, com uma ou duas enfermeiras. Mas coisa mal feita. Cala-te, mulher, não me interrompas. De modo que fiquei diante dela, muito terno, e depois na cama, muito feliz, feito parvo, sem ser capaz de fazer nada. Até foi ela quem me despiu todo.

– Justino, precisas de contar tudo isso? – observou minha tia.

– Cala-te, mulher! Uma história não se conta aos saltos, ou ninguém a entende. Depois... adormeci como um santo. Só dei por isso, quando acordei de madrugada, e ela estava debruçada sobre mim, com aquele seu ar de grande anjo da guarda, a ver-me dormir. Era tão confortável o quarto, parecia que a guerra tinha acabado, não havia mais nada senão estarmos ali os dois. Mas logo me lembrei de que tinha fugido, íamos fugir os dois, alguém, de um momento para o outro, batia à porta, e tudo me acabava de uma vez. Agarrei-me a ela, e foi logo, nem ela teve tempo de dizer ai. Até fiquei envergonhado... – calou-se, pensativo. – Saímos, metemo-nos no automóvel dela, e fomos andando pelas estradas fora, e com soldados por toda a parte a fazerem-me a continência. Nunca me posso esquecer que, nessa mesma tarde, atravessando uma floresta que até parecia mentira, uma coisa de conto de fadas, com grandes árvores, com fetos que davam pelo peito da gente, parámos o automóvel, e fomos deitar-nos no meio daquela verdura que era verde e castanha e amarela e vermelha, com o sol coado pelos altos ramos. Aí é que foi uma beleza... mas uma beleza que nos foi interrompida por um guarda florestal – e falou para mim e para minha tia –, um homem alto, com uns bigodes como os do capitão Macedo – e eu lembrei-me que, de repente, «eles» bateriam à porta, se a chuva não lhes estragasse os planos, e logo estranhei a falta de chuva na história do meu tio, que ele dissera tão cheia de chuva –,

que nos interpelou, e ficou gaguejando de pânico, quando eu me levantei a abotoar-me e ele viu bem a minha farda. Até foi nessa altura que eu também a vi. Já no carro, a Freya segredou-me: *Tu ne sais pas que tu est un colonel?* E eu fiz um grande gesto de à-vontade ao guarda florestal que ficara em posição de sentido ao lado do automóvel. Até que chegámos, dias depois, a casa dela que era a dos pais dela, que estava fechada, só com os criados, um par de criados velhos tomando conta, que ficaram muito espantados de me ver. Mas ela mandou que não dissessem uma palavra a ninguém, e eles tratavam-na como se ela fosse uma menina pequenina e eu um dos brinquedos dela. Os pais estavam em Berlim, desde o princípio da guerra. Depois, ela levou-me a um hangar que havia por trás da casa que era um palácio com muitos lustres e muitas estátuas e mesas do tamanho da légua da Póvoa, e mostrou-me o aviãozinho dela. Dali à Holanda era um pulo de avião. Eu nunca andara de avião na minha vida, só conhecia os aviões que voavam por cima das trincheiras. E nunca mais andei de avião outra vez. Naquela noite, depois de jantarmos, fiquei num quarto todo dourado, numa cama de dossel com uns colchões tão de penas, que a gente se afogava neles. E então quando ela veio ter comigo, à luz do fogão com a lenha a arder, numa camisa muito comprida, que arrastava no chão brilhante, a gente ia-se afogando nos colchões de uma vez. De madrugada, chovia se Deus a dava. Como é que a gente levantava voo? Mas levantámos, e lá fomos. Eu enjoei como uma pescada. A chuva encharcava-me todo, e encharcava também um peru assado, embrulhado numa toalha, com as pernas espetadas para fora da toalha, e que ia no meu colo. Depois, a chuva diminuiu e era só um chuvisquinho gelado. E depois uma neblina que não era chuva nem deixava de ser, e que, pelos rasgões que abria, me deixava ver um rio escuro, com margens cheias de aldeias e de cidades que tinham torres muito pontiagudas, cujas pontas passavam tão perto de nós que era de arrepiar. O peru que os criados velhos me tinham posto no colo estava um nojo de

vomitado meu, mas eu não sabia que lhe havia de fazer. Até que uma vez, passando nós sobre um campo onde havia gente, eu atirei com ele. As pessoas desataram todas a fugir, julgando que seria uma bomba. Uma bomba de peru. Já pensaram no efeito de um peru assado a cair do céu? – e, rindo, suspendeu a narração. Mas logo continuou: – Foi pouco depois de eu ter atirado com ele, que nos apareceu, de dentro da neblina, outro avião. Eu senti um nó na barriga, um nó que logo se desatava que era um louvar a Deus. Já devíamos estar a cruzar a fronteira holandesa, e vinha aquele diabo meter-se na nossa vida! Vi as cruces de ferro nas asas dele. Era um avião militar alemão. Estávamos perdidos. Bati nas costas da Frieda, com medo que ela não tivesse visto. Mas fez-me sinal para estar quieto, e continuou a pilotar, na minha frente, como se nada fosse. A mim, com a névoa que se abria e fechava, parecia-me que o avião era uma data deles, uma esquadrilha que nos perseguia. Até que ele veio vindo e ficou mesmo ao lado de nós. A minha pilota, não é pilota o feminino de piloto?, fazia sinais para trás, apontando-me. E eu percebi. Pus o boné que ia caído no fundo do meu assento, e, enquanto segurava com um braço, com a outra mão apontava para as minhas divisas. O outro piloto fez-me uma continência que até lhe ia desequilibrando o avião, e deixou-nos em paz. Isto parecerá história, mas é a pura verdade. E o melhor ainda está para vir. Começámos a descer, e eu vi uns campos com moinhos e vacas, que se estava mesmo a ver que eram a Holanda, e muitos canais também. Eu comecei a tremer, pensando que, com aqueles canais que pareciam fitas de prata, e os moinhos e as vacas, não havia espaço para a gente pousar. E não houve mesmo. Quando pousámos num campo muito liso, fomos andando por ele adiante, e o avião deu uma reviravolta e despejou-nos dentro de água. Esbracejei aflito, estava de pé, com água pela cintura. Mais adiante, a Freya, também com água pela cintura, ria a bandeiras despregadas. E ficámos os dois sentados na beira do canal, rindo um para o outro, e dando-nos beijos. De calças, toda vestida de aviador, e só com o

cabelo louro caído pelos ombros, até parecia que eu estava aos beijos a um aviador que não cortava o cabelo havia muito tempo. Apareceram, armados de chuchos e de manguais, uns campónios que eram tal e qual os holandeses das gravuras, com aqueles socos de madeira e os barretes de renda branca na cabeça das mulheres. A Frieda falou com eles, eles levaram-nos a um posto de polícia na aldeia. Daí, fomos levados para Rotterdam, e não nos internaram, porque ela conhecia gente da embaixada alemã lá. Mas antes disto é que foi o melhor da história. Logo que chegámos a Rotterdam, prenderam-nos num hotel. E, nessa mesma noite, acordámos assarapantados, com dois homens no nosso quarto. Imaginam quem eram? Dois ingleses disfarçados que queriam, por força, que eu fosse não sei que coronel alemão que eles esperavam para preliminares das negociações de rendição da Alemanha! Tivemos, eu e a Freya, um trabalhão até que eles se convencessem de que eu não era nem coronel, nem alemão, mas só um tenente português que fugira para a Holanda com ela. Quando se convenceram, ficaram umas feras, e ameaçaram-nos de mundos e fundos se disséssemos uma palavra a alguém. Eu nunca disse. Mas o caso é que, naquela trapalhada, foi como se eu tivesse iniciado as conversações de paz entre a Alemanha e a Inglaterra, durante a minha lua de mel na Holanda. Porque foi uma lua de mel em toda a linha. Nós passeávamos, dormíamos, comíamos nos restaurantes, íamos aos museus, e não fazíamos mais nada. Eu dizia à Frieda que aquilo não podia durar, que eu não podia passar a vida à custa dela, visto que eu não tinha nem cheta, é claro, e que a delegação de Portugal não queria nem saber de mim, e que eu, com aquela lua de mel, não tinha tempo para procurar trabalho. Também que sabia eu fazer na Holanda, senão aquilo mesmo que fazia com ela? Acho que, no meio da humilhação que eu sentia, foi o tempo mais feliz da minha vida. Depois, veio a paz. A Freya só queria que tudo se normalizasse, para eu voltar com ela para a Alemanha. E eu dizia-lhe que não podia ser, que gostava muito dela, mas que não tinha

pés nem cabeça eu ir com ela para a Alemanha. Então, ela chorava, e era muito estranho ver uma valquíria daquelas em lágrimas, e dizia-me que não fazia mal, ficaríamos a viver na Holanda, e arranjaríamos os nossos papéis para nos casarmos. E, um dia, eu desapareci-lhe da vista e da circulação. Deu-me uma veneta, fiz uma gritaria na legação portuguesa, e fui repatriado. Da Frieda, nunca mais soube. E, quando cá cheguei, deram-me cabo da vida. Acharam que eu era inválido de guerra e reformaram-me, e nunca me deram aquilo a que eu tinha direito. E, ainda por cima, casei com esta mulher loura, que não se chama Freya, nem Frieda, e que o mais que faz não é voar, mas fazer com que os meninos maricas subam às árvores para a espreitarem.

Minha tia levantou-se e saiu, e a narrativa terminou num silêncio constrangido, até porque os dois espanhóis não entendiam a alusão de que só parcialmente suspeitariam. A chuva, que eu esquecera, continuava caindo, já sem força, mas não dando mostras de interromper-se ou de acabar. Nisto, ouvimos nitidamente, num som cristalino que a água lavava, o sino do portão.

Entreolhámo-nos inquietos, eu e os espanhóis. Meu tio levantou-se triunfante: – Meus senhores, chegou a hora. Aí estão os que os vêm buscar. A esta hora, só podem ser eles, não é verdade?

Eu disse: – Vou ver quem é – e saí para a chuva, vendo já, da avenida das palmeiras, um automóvel parado diante do portão. O coração batia-me com força, quando me aproximei. E, na chuva que o candeeiro da esquina tornava difusa e brilhante, vi, de mala pousada no chão, um dos meus primos, aquele com quem eu tinha brigado ali na Figueira. Fiquei dececionado e furioso. Não tinha outro dia nem outra hora para chegar? E que vinha ele fazer à Figueira?

– Abre-me o portão – gritou ele, e fez sinal ao táxi que se fosse embora. Eu abri. E corríamos já pela avenida, e ele dizia-me que em Lisboa ainda não tinham recebido notícias minhas, parecia impossível, quando a sineta soou outra vez.

Meu primo parou. E eu, voltando-me para o portão, vi alguém que a chuva não me deixava reconhecer. Foi apenas um instante em que hesitei sobre o que fazer com meu primo. Se ele regressava ao portão, ou ficava ali, veria as pessoas que chegavam; se ele entrasse em casa repentinamente, não teria meu tio tempo de esconder dele os espanhóis. O que era pior? Mas decidi-me: – Vai para dentro, que eu vejo quem é –. E ele correu para a claridade que se projetava da porta lateral do andar térreo. No portão estava o Carvalho e era dele o automóvel parado, e eu, vendo gente lá dentro, debrucei-me e reconheci, no lugar da frente, o Ramos que me acenou com a mão. O Carvalho disse: – Essa gente vem ou não vem? Não temos tempo a perder. Ainda precisamos de andar quase uma hora, por maus caminhos.

Eu respondi: – Não sei. Tenho de avisar que vocês estão aqui, porque neste momento acaba de chegar o meu primo, aquele que vocês conhecem. Quando ele bateu, o meu tio julgou que eram vocês. Eu volto já.

Corri para casa, e logo deparei com os dois espanhóis, meu tio e meu primo, todos juntos na sala de entrada. E meu tio, apoiado na bengala, dizia: – Pois este também é meu sobrinho, filho de um irmão meu. Claro que não posso ter a mesma certeza de ele ser meu sobrinho que a que tenho daquele, que é filho de uma irmã minha. Mas não tenham receio. Sobrinho meu é como se fosse eu. Quem é? São eles agora?

Respondi que sim, olhando para meu primo que estava completamente desorientado, correndo a vista de uns para os outros, sem entender nada. Meu tio dirigiu-se-lhe expressamente: – Estes senhores estavam hospedados cá em casa, e vão de viagem – e, para eles: – Vão mesmo de viagem, não é verdade? Uma bela viagem! – e, pondo-lhes as mãos nas costas, empurrou-os brandamente para a saída. Eles nem tinham nas mãos as malas com que, passando pelo alojamento deles, eu vira que eles teriam vindo. Mas, entre a surpresa da chegada de meu primo, e o

automóvel esperando na rua, obedeceram docilmente ao empurrão suave e firme de meu tio que saiu assim atrás deles e me chamou: – Jorge, vem despedir-te dos nossos amigos. O Ramiro que suba e vá ver a tia.

Segui o grupo que avançava pela avenida das palmeiras, como se num passeio amigável, com as mãos de meu tio nas costas dos outros dois, durante uma tarde calma luminosa. Perto do portão, Don Juan parou e disse que se tinha esquecido das bagagens. Meu tio, de bengala a bambolear no braço, abriu as mãos no ar: – Mas Don Juan, para que precisa o senhor de bagagens? Eu fui preso na Flandres, levado para um campo de concentração, depois para um hospital, fugi do hospital para a Holanda, vivi na Holanda, e regressei a Portugal, tudo sempre sem bagagem. A bagagem só nos atrapalha a vida. E, quando morremos, até a deixamos ficar.

Don Juan e o outro, porém, resistiram. Queriam as suas malas. Então meu tio começou a discutir com eles, ao mesmo tempo que reconhecia o Carvalho e conversava com ele muito naturalmente: – Como vai o teu pai, rapaz, com a ciência dele? Está em Coimbra? Os senhores são uns loucos. Vão embarcar aí numa praia qualquer, com o mar como ele deve estar, e ainda pensam em acarretar malinhas? Esse automóvel é o do teu pai, rapaz? Bela encrenca para ele, se to apanham. Malas para quê? Ora, deixem-se disso. Ou julgam que eu quero ficar-lhes com as malas? Julgam? Vocês vão daqui direitos ou ainda vão buscar mais alguém? Não? Já está tudo aí? – e inclinou-se para espreitar para dentro do automóvel. Vendo o Ramos, exclamou: – Então o dinheirinho foi na conta, hein? – e logo para o Carvalho: – Aquele fulano ali é outro espanhol, não é? – e para os nossos dois: – Com que então as malinhas?! Pois levem as malas, levem o que quiserem, para as largarem na praia e comprometerem tudo. Jorge, vai lá e traz as malas dos nossos amigos, tem paciência. Onde se viu alguém fazer uma fuga espetacular de mala na mão? A gente não leva nem a escova de dentes. Vai lá – tornou a repetir-me.

O mais jovem dos espanhóis teve uma reviravolta: – Tem o senhor razão. Não precisamos de nada. Muito obrigado por tudo. Adeus.

Don Juan secundou Don Fernando: – O senhor tenente toma conta de tudo, está bem? Muito obrigado.

Meu tio enterneceu-se, abraçou-os efusivamente: – Vão com Deus e com o diabo, que nunca se sabe quem está por cima. Que tudo corra como desejam. Boa viagem.

Eles entraram no carro, o Carvalho sentou-se ao volante, e o automóvel partiu. A chuva continuava a cair. Mas meu tio, afastando-se do portão cujas altas ombreiras sempre abrigavam um pouco, foi até ao meio da rua, ficou de bengala erguida, muito esgrouviado, num gesto de adeus.

Depois, veio para junto de mim, pôs-me a mão no ombro, e disse: – Coitados... Se o teu primo não chegava assim de repente, eles não eram colhidos de surpresa e não iam. Mas lá vão. Agora, acabou-se.

Apressou o passo sob a chuva, apoiando-se em mim e na bengala: – Já estou velho. Até parece que envelheci anos com esta brincadeira – e alcachinava-se. À porta da salinha, sacudindo-se da água, e enfiando os dedos pelos cabelos, sorriu e disse: – Tu sabes quantos milhares de feijões eles me devem? Nem calculas. Mas tenho o recibo de tudo, assinado por eles. Sim senhor. E são homens de honra. Se não morrerem, pagam.

Dirigiu-se para a cozinha: – Anda, vamos tomar um café bem quente, antes de irmos para a cama. Onde é que o teu primo vai dormir? Ora, a tua tia trata disso. Tu sabes de uma coisa? Eu acho que este teu primo é um chato. Mas, sem o Ramos e sem o Macedo, e com o Rodrigues reduzido a nada, até te faz companhia. Ou tu não precisas de companhia?... Como vai essa paixão? Sim, eu sei que é paixão, vê-se na tua cara, basta olhar para ti. Sabes o que eu fazia, se fosse tu? – e fitou-me de chávina em punho.

– Não, tio.

– Ia dormir hoje com a Maria. Mas, como ela dorme no quarto da outra, chamava-a para o meu quarto.

– O tio acha que sim?

– Se acho, meu filho. Quando a gente faz o que fez estes dias e acaba mandando gente para a morte, não há como dormir com um couro qualquer. Eu até vou dormir com a tua tia. Se ela me receber, é claro. Boa noite.

– Boa noite – e comecei a subir as escadas atrás dele.

Parou na escada: – Eu já te disse o que tens a fazer. Chama a Maria, que ela dorme como um porco, e não te aparece se a não acordas.

– O tio acha que eles conseguem partir?

– Partir, eu acho que eles conseguem. Os contrabandistas estão habituados a noites como esta que até foi uma sorte grande. Mas chegar... isso é outra coisa. É uma viagem muito grande, e a marinha portuguesa deve estar colaborando, na vigilância das costas, com a espanhola que aderiu à revolução. Mas, com sorte, tudo é possível. E esses barcos estão habituados a ir até à Biscaia.

– Como havemos de saber?

– Ora, tudo se sabe, mais tarde ou mais cedo.

Precisamente, era essa a minha dúvida, na vida.

² Esta personagem aparecia anteriormente com o nome de Greta. Como Jorge de Sena não pôde chegar a fazer uma revisão do texto, reproduz-se fielmente o original.

PARTE QUARTA

XXVII

No dia seguinte, a manhã estava cheia de sol quente e claro, excelente para a praia, se não fora a humidade da terra molhada pela chuva da véspera, e que se sentia na brisa fria e rastejante, embebida de água que o sol evaporava. O areão do jardim brilhava. Apesar de eu não ter seguido o conselho do meu tio, e de ter dormido mal, num sono em que se agitavam automóveis e barcos na treva, no meio de ondas alterosas e de dunas desertas que a chuva fustigava, acordei e arranjei-me numa sensação de renascimento feliz, como se não tivesse acordado apenas de um sono reparador, que o meu não tinha sido, mas de sono tranquilo após um pesadelo confuso. Tudo me parecia uma história antiga e vagamente relembrada, por cujo desfecho ignorado eu alimentava apenas uma desportiva e diletante curiosidade, sem anseio e sem pressa. Era como se nada dependesse, inclusivamente, desse desfecho: que ele tivesse tido realização completa, ou tivesse fracassado, ou mesmo houvesse culminado num desastre (visto que a hipótese de desastre não seria de excluir), não alterava a situação. Mesmo que não tivessem partido, ou lhes tivesse acontecido coisa pior, as pessoas e os factos a elas ligados pareciam pertencer a um ciclo concluso, a um passado sem nexos com o novo presente daquele dia de sol. A consideração de que, na hipótese de tudo ter corrido bem, não haviam precisamente partido, *mas ficado*, as pessoas que mais diretamente, senão totalmente, estavam amarradas a mim ou eu a elas (de certo modo, é claro) – a Mercedes, o Rodrigues, o Luís –, nem mesmo essa consideração modificava a minha visão matinal. As ligações deles comigo dependiam tanto de tudo o que se passara e culminara na fuga, fracassada ou não, da noite anterior, que também eles eu observava mentalmente com a mesma distância a que os outros iam estando. Sorri comigo de tão grandes e dolorosos dramas, que afinal me não tocavam senão muito de longe. As minhas férias iam finalmente

começar; e cheguei a considerar com benevolência a presença inesperada do meu primo, que decisivamente contribuíra para aquele desfecho, no momento culminante. Foi então que me pareceu que lamentava a facilidade com que tudo se processara, ao fim e ao cabo, e mesmo me sentia algo frustrado nas minhas expectativas dramáticas. Era, retrospectivamente, como se nem eu, nem ninguém, tivesse sofrido o suficiente, ou os acontecimentos não tivessem sido suficientemente trágicos e melodramáticos para tamanhos sofrimentos. Vendo bem, os acontecimentos tinham tido até seu quê de mesquinho e de ridículo. Seria que, na verdade, nada assume a forma que a nossa presunção de sofrer desejaria? E que a vida não correspondia ao nosso gosto sentimental do espetáculo e da importância das coisas? Ou nós, depois dos acontecimentos, deixávamos de poder vê-los nas suas dimensões verdadeiras, que dependiam estritamente das emoções do momento? Ou não deixaríamos de poder vê-los, mas, para que os acontecimentos e as pessoas não ficassem maiores do que nós mais tempo do que é suportável, ou mais tempo do que é do próprio tempo que passa, os *reduzíamos*, por uma espécie de malícia cobarde, a dimensões menores que as que, na verdade, tinham tido, apenas para, diminuindo-os, lhes aplicarmos um efeito de distância, pela qual as coisas e as pessoas, uma vez vividas por nós, não mais são afetadas? Esta redução não seria um artifício que igualava as coisas e as pessoas vividas às que o não tinham sido? Não serviria para equiparar o realmente acontecido ao que poderia ter acontecido mas não acontecera? Não seria uma habilidade do nosso espírito para dar um carácter hipotético virtual à realidade, quando ela nos pesava mais pela responsabilidade que havíamos tido nela? E, quando, portanto, se sentia, como eu sentia, alguma frustração por os acontecimentos não terem assumido mais que os aspetos comuns a outros sem a mesma transcendência, que significaria isso: real frustração, espelhando que exigimos das coisas e das pessoas mais do que elas podem dar (e precisamente porque nos eximimos nós a

contribuir com a nossa parte para essas transcendências), ou consciência de culpa, inerente ao facto de, posteriormente, segundo a nossa comodidade de espírito, termos reduzido a nada ou a muito pouco as pessoas e as coisas comprometidas connosco? Isto me deu uma curiosidade súbita de conhecer o resto dos acontecimentos, embora esta curiosidade se mantivesse no plano de um diletantismo desportivo. Mas seria desportivo, ou uma defesa ante a circunstância de não nos interessar qualquer consequência de atos nossos que escape à nossa presença, à nossa ação, à nossa participação efetiva? Eu não me interessava, ou fingia não interessar-me mais que perfunctoriamente, por aquilo de que não fora ator nem testemunha, tendo sido todavia agente decisivo. Era como que uma vingança por as coisas e as pessoas que manobrámos nos escaparem das mãos, ou por estas, e os nossos olhos, e a nossa faculdade de maquinar não chegarem até onde elas, as pessoas e as coisas, chegam. Elas, embora houvesse quem ficasse na minha vida (teriam ficado?), tinham, a certa altura, saído dela, num automóvel, numa noite de chuva, que até parecia mentira que tivesse sido a da véspera. E isto, no fundo, eu não lhes perdoava, apesar do grande sentimento de alívio, que isso mesmo me dava. E, todavia, as coisas e as pessoas não tinham sido comandadas por mim, ou não o tinham sido só por mim. Era mesmo impossível – e senti que desesperantemente impossível – saber-se ao certo a parte de cada um, a parte que cada um representara em cada um, a parte que cada um representara na parte de cada um. A vida era a coisa mais promíscua do mundo. Mas era como se uma pessoa dormisse ao mesmo tempo com muitas outras, sem nunca ficar sabendo ao certo com quais é que dormia. A única coisa possível era escolher decididamente algumas delas e fazer de conta que nem nós nem elas dormiam com mais ninguém. Talvez que assim acabassem dormindo só connosco. Esta escolha é que era decisiva, na medida em que forçasse dos outros uma escolha recíproca. Mas igualmente decisiva, ou pelo menos com efeitos igualmente limitadores e que

do mesmo modo podiam prender-nos, era a não-promiscuidade intermitente, pela qual, de vez em quando, nos descobríamos dependentes e mesmo desejosos de prisão, sem a reciprocidade garantida de um desejo igual. Era a minha situação com a Mercedes que eu prendera a mim, parecia que para sempre, mas não exclusivamente a mim, quando exigira dela, no momento errado, aquilo que ela pretendia dar-me no momento certo. A segurança da oportunidade era o que nunca tínhamos: e, quando acaso a tínhamos por uma coincidência que nos escapava e só depois reconhecíamos, não tínhamos, então, a oportunidade da segurança.

Eu precisava de saber três coisas: se a fuga tinha tido êxito; se, depois dela, a Mercedes continuava minha, e como; e se o Rodrigues tomava, do que eu desencadeara, o pretexto para destruir-se e destruir os outros. Era, todavia, como se, agora, estas coisas não dependessem já, por mim, umas das outras, mas fossem três novas séries de possibilidades que, mesmo que cruzando-se, não fariam senão repartir-me paralelamente, entre si, se eu não me recusasse a elas. A fuga, na verdade, já não me dizia respeito, com êxito ou sem ele. E por que razão a vida dos outros dois, ou a do Luís que o irmão me confiara, me diria respeito? Eu poderia perfeitamente não trazer do passado, mesmo próximo, responsabilidade alguma, e ter pena de um, olhar pelo outro, e dormir com a Mercedes, sem que isso implicasse nada da minha parte. Eles eram todos uma espécie de salvados de uns dias que tinham sido um naufrágio; ou, melhor, eram algumas das pessoas que tinham ficado no cais, e que, após as lágrimas e o adejar dos lenços, guardam o lenço no bolso e tomam o caminho de casa. Porque haveríamos de embarcar todos no mesmo carro, ou eu no carro de algum deles? Para que precisava eu de saber, mais que por acaso fortuito, se ele se apresentasse, do destino de cada um? E, ainda quando esse acaso se apresentasse, em que estava eu obrigado a deixá-los ser mais do que isso mesmo? No fim de contas, todos eram meus amigos de verão, que eu mal conhecia. Nunca tinham

posto os pés na minha casa, não tinham sido meus colegas em parte nenhuma, nunca tinham andado comigo em Lisboa. Que tinha eu com aquilo tudo? Nada. Mas este nada é que era o tudo, como compreendi. O não ter-se nada em comum, senão as circunstâncias que nos juntam, é que é a verdadeira sujeição mútua. Muito maior e mais profunda que a que me ligava à família, aos companheiros de sempre, a tudo o que sempre tivera um lugar marcado e habitual na minha vida. Tudo isto não é a nossa vida, mas o pretexto em que nos refugiamos, para não sermos atacados por ela. A nossa vida é esse ataque vindo de fora, por mãos ocasionais, e que, descobrindo-nos que não somos «nós próprios» (com tudo o que, à nossa volta, nos dá essa segurança unitária), nos obriga a reconhecermo-nos «nós outros», «nós múltiplos», conforme as ocasiões e conforme as circunstâncias. Eu não era eu, mas eu-Mercedes, eu-Rodrigues, eu-Macedos, eu e toda a gente que não fosse um passado sem tempo nem acontecimentos. E, quando voltasse para casa e para os meus amigos, eu veria que todos, em Lisboa, só seriam «eu», na medida em que deixassem de ser «eu próprio», essa vaga consciência que era um passo intermédio entre a inexistência infantil (quando não há outros) e a existência real (quando só há outros, e nós somos apenas um deles na relação com eles). E isto era verdade para tudo, e era o sentido daquela aventura que, sem mim, se teria passado sem dúvida, mas que não teria afetado todas as pessoas da mesma maneira, fazendo-as, por mim, outras daquilo que seriam sem as confissões a que eu as levara. Todos tinham falado, ou todos tinham calado certas coisas (e não outras, a seu bel-prazer). E, falando e agindo, se tinham transformado. Em quê? Em nada. Em menos que pensavam. Em outra coisa que não a ilusão de eles mesmos serem eles mesmos. As coisas que tinham acontecido – arrastando toda a gente para uma realidade crua e imediata – impediam que todos continuassem calmamente a ser, com inocência ou sem ela, o que tinham sido até aí. A Guerra Civil espanhola fizera isso. As minhas motivações, as dos meus tios, as dos Ramos e dos Macedos, do

Almeida, de todos, eram perfeitamente secundárias. Todas elas haviam convergido num envolvimento geral que a guerra precipitara de dois modos: como repercussão, e como charneira decisiva. A vida de ninguém estava em condições de continuar a ser uma paz podre. Não seria também uma paz limpa. Era uma guerra, com tudo o que ela implica de podridão e de lixo. A minha guerra, como a dos que tinham partido (se é que tinham), começava agora. Contra quem? E em favor de quê? Isso não me aparecia claramente, mas sem dúvida do meu direito, e o dos outros, *de ser neles e por eles*, reciprocamente. Mas contra quem? Contra a exigência de ser, pura e simplesmente, uma unidade ideal e fictícia. E que tinha isto que ver com aquela guerra que lançara a Mercedes nos meus braços, pusera o Rodrigues diante de si mesmo, e a tantos outros, ali, tão longe de tudo e mediante um plano maluco de ação política, fizera igual efeito. Porque a vida de meus tios também não seria a que tinham vivido sempre. Seria pior? Melhor? Diferente, por certo, ainda que, na aparência, continuasse apenas a ser o fracasso que era. E assim as coisas se alteravam, sem se alterarem. Continuavam as mesmas, e não eram as mesmas. Analisando melhor, dois factos haviam iniciado os acontecimentos de que eu participara: meu tio albergara em casa dois espanhóis foragidos; e o Ramos, com outros, decidira realizar uma fuga espetacular para Espanha. Mas não uma piedade política, e sim motivações complexas (jogar com eles e esfolá-los, como sempre fizera a espanhóis veraneantes; e ressentimentos contra a ordem vigente), havia sido o que incitara meu tio. E que incitara o Ramos, o Macedo, o Almeida? Apenas a paixão política, a consciência de que faziam o que deviam? Não só. Mas também não só as motivações pessoais que teriam para isso, ou para serem o que os levava a isso. Compreendi que as pessoas não explicam os seus atos, embora os atos possam ser explicáveis por elas; da mesma forma que uma guerra ou um ideal não agem em nós só pelo envolvimento que em nós provoquem, mas como um estremeção que possibilita

certos acontecimentos. Era inconcebível tudo o que se passara; eu era-o nos termos do que, em anos anteriores, fora o veraneio comedido de certas pessoas e certas famílias, que se rodeavam, para tal, das mais estritas convenções. Seria que, por coincidência, nós, os jovens, tínhamos atingido a idade adulta em que outras coisas eram, ao menos por trás da cortina, possíveis? Ou seria o contrário a verdade? Tudo começara a desabar mercê das circunstâncias, levando-nos a uma liberdade que, antes, mesmo na nossa idade, não haveria? Entregar-se uma rapariga, fugir por qualquer razão um bando de rapazes, as pessoas traírem-se – eis o que não tinha nada de novo. O que havia então de novo no que eu vivera e no que eu estava entendendo? Além dessa visão diversa que eu tinha agora da personalidade, da minha e da dos outros, havia uma certeza de que o mundo deixara de *ser* qualquer coisa de exterior a nós, e que pudesse ser-nos imposta. Era, pelo contrário, aquilo que impúnhamos uns aos outros, a cada instante, na sequência de acontecimentos nossos ou alheios. Por isso, numa cidade pacata, de provinciano veraneio, onde as coisas mais horríveis eram o casino e algumas prostitutas, e um grupo de rapazes guardava, no fundo da alma, os ressentimentos da sua vida e do colégio em que tinham andado e de que o meu tio era professor, tinha sido possível que se tivessem passado, não apenas os horrores implícitos nisso como em tudo, mas uma derrocada que nos arrastara a uma confusão de horrores. Uma confusão? Horrores? E, afinal, nem uma coisa nem outra: ou, antes, a perda do sentido do horror, numa vasta aceitação de tudo como possível e como provável, e ao mesmo tempo a recusa a que fosse possível e provável aquilo mesmo que havíamos feito e continuaríamos fazendo: trairmo-nos uns aos outros, na medida em que precisamente éramos os outros neles.

Senti uma violenta curiosidade de saber o que se tinha passado. Mas quem procuraria eu para tal? Os que tinham ficado, de nada saberiam. O Carvalho, esse sim, que teria assistido à partida deles. Mas poderia eu procurá-lo? À pensão, procurar os Ramos, ou a casa

dos Macedos, eu não podia ir. Decidi ir à praia. Mas para encontrar quem? E desci do meu quarto.

Em baixo, não encontrei já ninguém. Que seria feito dos meus tios? E o meu primo? Que explicação lhe teriam eles dado? Precisava de a saber. Fui à cozinha, onde encontrei as duas criadas que me saudaram risonhas. Por certo haviam recebido já a comissão dos «contrabandistas»... A Maria, especialmente, não parecia recordar-se do que se passara entre nós: toda era sorrisos. Bebi café, e perguntei pelos tios. Estavam em cima ainda. E o meu primo que chegara na véspera? Esse tinha tomado café e saído cedo. Subi, e bati à porta de meu tio. Não me respondeu. Onde estaria ele? Lembrei-me do que ele dissera na véspera à noite. E, como que obedecendo a uma chamada que eu não chegara a fazer, mas sem dúvida porque me ouvira bater, a porta do quarto de minha tia abriu-se, e ela apareceu de roupão, muito penteada. Também ela, como as criadas, era toda um sorriso.

– Ah és tu? Que é que tu queres?

– Queria saber o que é que disseram ao Ramiro.

– Ao Ramiro? Qual Ramiro?

– O seu sobrinho que chegou ontem.

– O Ramiro chegou ontem? Essa é boa. O teu tio não me disse nada.

– Então, faça-me o favor de perguntar-lhe que explicação ele lhe deu de os espanhóis cá estarem e de partirem deixando as malas. Para o caso de ele me perguntar. Mas ele ontem à noite não subiu para falar com a tia, quando chegou?

– Não – e fechou-me a porta na cara. Depois, a porta abriu-se e só a cabeça espreitou: – O teu tio diz que lhe não deu explicação nenhuma a mais do que tu ouviste. E que o melhor é não se falar mais no caso. O teu tio já guardou as malas. Fez isso, logo que subiu; estão no quarto dele. Quanto ao teu primo...

Meu tio gritou lá de dentro: – Estava na casa de banho, e eu mandei-o direito para a cama, num dos quartos vazios. Anda cá,

mulher! – e ela sumiu.

Era evidente um tácito acordo geral, não apenas para apagarem-se os acontecimentos e transferi-los a uma inexistência pretérita, fazendo-se que a vida retornasse ao seu quotidiano, como, mais do que isso, para reconstruir-se, sobre eles e à custa deles, uma felicidade melhor do que a anterior, perfeitamente simbolizada naquela nupcial manhã, em que meu tio continuava na cama de minha tia, a quem, qual um rei, se dignava visitar com o seu corpo, e minha tia se apresentava rejuvenescida e penteada, pondo-me fora da porta, como um espectro incômodo. Seria o mesmo com todos os outros? Estaria eu mais preso do que eles todos queriam estar, a um passado que datava da noite anterior? Seria eu como que uma sobra de um passado que se retirara com a desapareição dos outros todos, da vida dos que, tendo ficado, não queriam saber mais do que haviam feito à custa deles? E porque era então uma sobra? Em que era eu mais sobra do que os outros sobrantes? Talvez porque, naquilo tudo, eu fora o agente de ligação entre eles e os acontecimentos, entre eles e os próprios atos; e porque, assim, só a minha presença os impedia de reverterem a uma «normalidade» quotidiana que, todavia, não poderia ser idêntica à anterior tanto quanto eles desejavam que fosse. Eu era o que sabia de tudo, embora não soubesse; mas, pelo menos, sabia mais que cada um. Sabendo assim, eu era, naquilo tudo, a imagem do que, naquilo tudo, os excedera, e, excedendo-os, os responsabilizava. Mas talvez isto fosse excessivo, e a minha situação de *agente*, mais que de ligação, bastasse a perturbar o esforço de reintegração na série de acontecimentos vulgares que, por invulgares que sejam, não se passam fora da nossa alçada íntima ou da alçada do nosso grupo habitual, e, por isso mesmo, podem não ser tidos por invulgares. Esta sensação de *ser a mais*, subitamente, não o tendo sido antes mais ou menos que os outros (ou até muito menos que muitos deles), deu-me um frio imenso e um grande receio vago. Excluíam-me. De quê? De tudo ou só daquilo? Ou, pelo contrário, era eu

quem me excluía, não aceitando aquele jogo de «as coisas terem sido e acabou-se»? Eu tinha de encontrar a Mercedes imediatamente. E, na verdade, era já na rua, e a caminho da praia, que eu estava. À praia que ia eu fazer? E senti que, à pensão, depois das cenas que se tinham passado, eu não podia ir, mesmo que não fizesse perigar, com a minha presença, a situação dos fugitivos, ou – e estremei – eu próprio não me denunciasse à polícia, se ela estava já ciente do que se passara e nos vigiava a todos. Voltei-me, a ver se era seguido. Não era, a menos que me estivesse seguindo uma mulher que descia a rua com um saco de hortaliças na mão, o que me fez rir. De resto, a desapareição dos que tinham partido poderia não ser ainda conhecida. Um barco que sai não tem nada de suspeito, em princípio; e o Macedo, o Ramos e o Almeida poderiam muito bem ter dado a entender qualquer excursão noturna, de que não tivessem ainda voltado; e não haver, para ninguém, conexão alguma entre eles e o barco. A situação era provavelmente essa mesma, por enquanto. E quem sabe se, transformada depois, por impercetíveis metamorfoses, essa «excursão» numa partida precipitada, numa interrupção súbita do veraneio (porque as pessoas às vezes partem de repente, não se sabe como nem quando), a transformação final não retiraria à aventura a repercussão que eles lhe tinham sonhado. Se toda a gente se empenhasse em eliminar da sua vida o facto (e, com este, os participantes), o risco que eles corriam era muito grande. A praia, embora com a atmosfera um pouco vazia e rala de já fim de verão, que era agora a sua após o êxodo de espanhóis, estava luminosamente animada. E esta animação indiferente ao que rasgara a minha vida e a de tantos outros em duas partes que toda a gente se ocupava em ignorar ou em cerzir, longe de me recompor, não direi com essa gente, mas mesmo comigo, deu-me, ao contemplá-la mais nos ouvidos que viam os gestos gritados dos que corriam e jogavam na areia, um choque, uma agonia, uma revolta. O que tinha acontecido era «alguma coisa», significava «alguma coisa», transformara «alguma

coisa». Não podia ser ignorado e suprimido. Não devia sê-lo. Sobretudo, não devia. Mas este não dever, quem teria de executá-lo e como, sem prejudicar a própria razão de ser dos acontecimentos que era fazerem-se conhecidos por si e não pelo que as pessoas tinham, bem ou mal, pior ou melhor, dado de si mesmos e de outrem para um êxito em que, muitas delas, não estavam verdadeiramente empenhadas, ou nem sabiam que tinham sido empenhadas? Foi «empenhadas», exatamente, o que me passou na cabeça, e me fez estremecer, lembrando-me loja de penhores, com as pessoas como objetos, embrulhadas e etiquetadas em prateleiras, as jaras, os lençóis dobrados, os bibelôs, tudo o que se consegue empenhar. Era isto o que estava acontecendo: as pessoas e os atos delas, embrulhados e etiquetados, em prateleiras de lojas empoeiradas pela miséria, os outros saindo a porta, levando no bolso uma cautela de penhor, que tinham a intenção de perder, ou de guardar como vaga recordação de um objeto que se perdeu por não pagarem-se-lhe a tempo, por calculado desleixo, os juros em atraso. Mas o que tinha acontecido era um acontecimento importante, feito de muitos acontecimentos e de muitas pessoas. Tinha importância. Teria? O que tem importância? Que era importância? A que nós atribuímos, a que as circunstâncias atribuem? Ou uma importância que, dentro de certos limites, é a mesma, e importante, para outros também? Aquele vento, se assim se pode dizer, que contagiosamente nos arrastara, soprara só nas nossas vidas, ou estava igualmente soprando em todas as outras? De outras maneiras, não teria soprado? Quantos, como eu, não afetariam uma total ignorância do que se passara? Todavia, a minha afetação não era idêntica à de meus tios. Eu escondia os acontecimentos ao conhecimento dos que não estavam preparados para conhecê-los: eles escondiam-nos de si mesmos. Eu ganhara e perdera um grande amor: e eles... Seria que, ao contrário, tinham recuperado um amor perdido, o que explicaria a atitude inversa da minha, que assumiam? Mesmo numa ordem inversa, a comparação

repugnou-me. A cópula matrimonial de meus tios, achei-a indigna e torpe. O que houvera entre mim e a Mercedes, com tudo o que eu fizera e talvez não devesse ter feito, e com tudo o que ela confundira de mim e de outros (e eu não?), não era *aquilo*, mas um grande amor. E fiquei estarecido, já na linha das barracas, perguntando-me como era possível que eu pensasse *preteritamente* do meu amor pela Mercedes e do dela por mim. Do nosso amor. Um grande amor. Mas era aquilo um grande amor? Tinha sido? Era? Seria? Um grande amor aquele vazio inominável, em que se debatiam tantas atitudes contraditórias de atração e de repulsa? Na verdade, eu detestava a Mercedes e desejava-a sequiosamente. Não. Amava-a profundamente, e não a desejava senão como uma ocasião de precisamente esquecer, nos braços dela, que a amava. Tanto. Tão dolorosamente. Tão enciumadamente. Tão orgulhosamente. Tão envergonhadamente de continuar a amá-la e desejá-la. Tinha de possuí-la outra vez, hoje mesmo, fosse como fosse. Eu tinha de ver como era a verdade do nosso amor agora que os outros haviam desaparecido do nosso caminho. Teriam desaparecido? E se eu, chegando às barracas «deles», os encontrava todos sentados na areia, muito felizes, jogando o prego como crianças? Isto fez-me diminuir, para uma velocidade difícil de manter, por lenta que era, o passo com que eu ia avançando. Era como se a pressa ansiosa, que eu tinha, de verificar que eles não estavam lá, me pusesse chumbo nos pés. Percebi, então, que já a minha descida à praia e à fila das barracas fora feita calculadamente longe do lugar certo em que eu conhecia que as barracas deles estavam, como se o passar lentamente por diante de outras barracas fosse garantia maior de que, de facto, todos eles tinham desaparecido. Revoltei-me comigo mesmo, semelhantemente ao que me revoltara com a indiferença ou a ignorância dos outros. Eu queria que eles tivessem tido êxito, queria que não fosse insignificante, no mundo, uma aventura que nos envolvera a todos. Mas não era por esta mesma razão que eu temia que eles não tivessem partido, e sim por uma razão idêntica à

que os «outros» tinham para esquecer ou ignorar: também eu os suprimia, e os desejava ausentes e desaparecidos, independentemente do que acontecera ou não.

Mas nas barracas, nas «nossas», não havia ninguém: apenas roupa pendurada na dos Macedos. Aproximei-me dessa roupa que era masculina, e de três pessoas, porque eram três as calças penduradas. Do Luís, do Rodrigues... e talvez que de meu primo, de quem só na ocasião me lembrei. O compromisso que eu, de certo modo, assumira com o Macedo mais velho, de não permitir que o Rodrigues se apoderasse do Luís, veio-me ao espírito, enquanto me despia e pendurava a minha roupa ao lado da deles. E isso era o menos, e até me parecia algo ridículo. Mais grave, no momento, era que o Luís poderia abrir-se com o Rodrigues, ou este forçá-lo habilmente a dar-lhe indícios, com o faro que tinha para os segredos dos outros. E era um perigo enorme, uma vez que, relacionando as coisas, poderia ficar doido de fúria (e tinha, só por si, sobejas razões para está-lo) e praticar algum ato inadvertidamente maligno que pusesse tudo e todos em perigo. Por outro lado, o meu primo vira os dois espanhóis, e percebera a partida deles; mas não sabia a gravidade com que isso implicaria outros factos e outras pessoas. E, se a hábil confrontação feita pelo Rodrigues se representasse diante dele, poderia, também inadvertidamente, fornecer ao Rodrigues dados ainda mais completos sobre os acontecimentos em que eu o envolvera, e, fazendo-o descobrir que o modo como eu e minha tia havíamos usado dele era ainda mais gratuito do que ele supunha, lançá-lo numa fúria ou num raivoso desânimo muito maiores do que poderia ser, agora, o estado de espírito em que ele estivesse. Eu não devia ter abandonado o Rodrigues. Devia tê-lo procurado, depois da triste cena noturna, em casa de meu tio. E nem sequer por cálculo preventivo, nem por amizade; mas por piedade, e também pela obrigação, que eu tinha, de não abandonar quem eu traíra muito mais do que lhe confessara. Na primeira oportunidade, e

precisamente para evitar que ele soubesse as coisas por acaso, eu tinha de dizer-lhe a verdade toda. Quem sabe se, conhecendo-a ele, não reagiria favoravelmente, e não sentiria, lá no fundo das suas ilusões necessárias, menos perda para ele a imagem de minha tia? Talvez que esta imagem ficasse sendo aquele vulto impassível, recortado numa janela iluminada... Além disto, sabendo ele a que ponto os Macedos se haviam indiretamente beneficiado dele, para uma aventura espanhola, era possível que, em vez de vingar-se mais extensamente no Luís, levado por novas e acrescentadas razões, pelo contrário se afastasse de quem também tinha convivência na traição de que ele fora objeto. Para que isto não falhasse, era preciso que eu envolvesse e inculpasse o Luís um pouco mais do que a culpa que ele tinha e era nenhuma. Eu precisava de, com cuidado, avaliar o que tinham conversado os três naquela manhã. E, depois, precisava falar com o Luís e com o Rodrigues separadamente. Quanto ao meu primo, seria preferível, caso ele não tivesse falado, mantê-lo num esquecimento de coisas que, sublinhadas por uma conversa retrospectiva, adquiririam um sentido que, na memória dele, só poderia estar conexo com a experiência que ele, como eu, teria das maluqueiras de que meu tio era capaz. E nada mais fácil do que esquecer maluqueiras assim entendidas como tal. Sim. Mas também nada mais fácil que falar, como tal, nelas, se a pessoa de meu tio viesse a propósito numa conversa inocente.

Sentado na areia, ao sol, encostado a um dos prumos exteriores da barraca, eu pensava tudo isto, enquanto com os olhos procurava distinguir a aproximação deles ou de um deles qualquer. Tive subitamente o desejo de tomar banho, entrar no mar, saltar nas ondas que estavam muito azulmente fascinantes. Mas, se eu saía dali arriscava-me a desencontrar-me com eles. E o Luís era, no momento, a melhor fonte que eu possuía para investigar do que se passara. Não. A melhor e mais segura era a própria Mercedes que eu tinha de procurar o mais depressa possível. Falar com ela, e eventualmente – só eventualmente e se ela se oferecesse – levá-la a

Buarcos. Sem o Almeida, como se comportaria ela? Porque a desapareição dele era muito mais decisiva para ela do que para mim. Sem ele, eu era eu e tudo o que fora do que ele não era, ou o que não fora do que ele tinha sido. Ele deixava de ser a referência próxima que eu completara e substituíra. Mas – e tremi de considerar a hipótese – podia acontecer exatamente o contrário: se ele me tivesse levado consigo, se, no pensamento e nos desejos dela, eu tivesse partido *nele*? Afinal, a maneira como ela falara comigo, como dissera dolorosamente de uma intermitência que me estaria reservada, e que, por constante, não seria menos intermitente, não antecipava isso mesmo? Ou não? Perplexo neste ponto das minhas ideias aflitas, foi com desprazer, como quem é interrompido num ato muito íntimo, que os vi aproximarem-se da barraca, acenando-me despreocupadamente, e talvez fosse também por isso que essa despreocupação me irritou no Luís e no Rodrigues. Nenhum deles tinha o direito, por mim e por si próprio, de, naquela manhã, acenar-me assim, mesmo com meu primo ao lado. Mas o aceno, depois de instantaneamente irritar-me, tranquilizou-me. Se eles acenavam assim, era porque entre eles nada se passara. E só então me lembrei de que as minhas preocupações talvez fossem excessivas, porque o Luís poderia saber do caso apenas muito incompletamente. Não era de crer que, mais que por inferências, ele estivesse a par das clandestinas atividades políticas do irmão. E não seria tão tolo que, adivinhando-as como clandestinas, não fosse minimamente cauteloso acerca delas. Por esta razão, foi o olhar do Rodrigues o que mais me prendeu.

Sentaram-se os três ao pé de mim, e a aversão que tinha por aquele meu primo logo se manifestou. Mesmo não podendo eu falar de nada com ninguém, diante de outrem, o facto de ele estar ali tornava-o ainda mais indesejável do que sempre me parecera. Ao lado dos outros dois, ele era um «a mais», como nunca. Sentindo os olhos do Rodrigues em mim, embora ele os disfarçasse de risos e piadas sem importância, invetivei meu primo – onde se metera ele

na véspera à noite, como chegara inesperadamente, que pressa tinha sido a dele de sair tão cedo pela porta fora, naquela manhã? O azedume era tão evidente, e tão insólito, que ele reagiu respondendo que a casa dos nossos tios era tão minha quanto dele, e que também ele podia veraneiar-se pousado lá, como eu. Esta resposta recordou-me o papel talvez decisivo que ele, sem saber, e com precisamente a chegada inoportuna, tivera na partida dos espanhóis, e no pleno êxito – êxito, que sabia eu? – da aventura que tínhamos preparado. Ele terá julgado que me fizera recuar com as respostas prontas; e deu-me vontade de rir o facto de lhe estar grato por aquilo mesmo que me fizera invetivá-lo, de, na gratidão súbita, não lhe ter respondido torto, por uma gratidão em que ele fazia, pelo contrário, figura de parvo. Pela minha parte, isto desanuviou o ambiente; a conversa dispersou-se em banalidades jocosas.

De repente, o Rodrigues disse, fitando-me atentamente e intencionalmente: – Esta tarde, vou a Coimbra de automóvel. Telefonaram-me muito cedo, e o carro vem cá buscar-me. Achas que devo ir?

– É contigo – respondi, enquanto os outros dois se entreolhavam instintivamente, por pressentimento de alguma coisa séria que ambos ignoravam.

– Estou a pensar em levar alguém comigo, para dividir a carga – continuou o Rodrigues.

– Não podes com ela sozinho? – perguntei.

– Poder, posso. Mas... – e riu para os outros dois – eu não sei guardar nada só para mim. O que partilho com outros até me parece que fica mais meu. Não me dás uma sugestão?

– Olha... – disse eu lentamente – leva o Rufininho.

Os outros dois riram contrafeitos, ou me pareceu que contrafeitos, enquanto ele respondia friamente: – Já pensei nisso.

– Então, se já pensaste, não precisas de pedir sugestões a ninguém.

– Pois é. O pior é se ele morre de medo, quando vir a velha

atirar-se a ele – e dirigiu-se aos outros: – Porque se trata de uma velha rica que gosta de rapazes bem fornecidos, e não se trata do que vocês possam pensar. Por sinal que o Rufininho não é mal fornecido, só que aquilo nunca funcionou senão por conta própria, ou por reação.

– Por reação? – perguntou o Luís.

– Sim – explicou, muito sério, o Rodrigues. – Quando um pau toca por trás no Rufininho, é que o dele se levanta na frente.

– Aí está a tua solução – disse eu, no meio do riso dos outros. – Podes usá-lo como interposta pessoa.

– E ele já tem funcionado assim, mais do que pensas – observou-me o Rodrigues. – Ainda há bem poucos dias, só com encontrá-lo por acaso, fiquei sabendo de uma data de coisas.

Devo ter ficado lívido, recordando as alusões que ele mesmo me fizera quanto a paixões que poderíamos ter pelas mulheres dos outros, e rememorando a voz aguda do Rufininho falando com o sobrinho da velha de Buarcos. Das minhas relações com a Mercedes era indubitável que ele sabia. Saberia também da viagem e de alguém que a preparara? Foi o que logo sondei: – Uma data de coisas? Que coisas soubeste tu? – certo de que ele não avançaria mais do que o necessário a que eu entendesse. E era mais seguro, por causa do meu primo, não recuar.

– Uma data delas.

– Como por exemplo? – e senti os olhos do Luís angustiadamente fitos em mim.

– Ora, ora, tu estás farto de saber, e muito melhor do que eu que não posso acreditar nas mexeriquices de um maricas como o Rufininho.

Recuara, eu tinha-o feito recuar com o meu ataque frontal. E, por isso, insisti: – É portanto coisa que me diga respeito? – e o Luís vacilou entre alívio e nova inquietação.

– É. Quem leva mulheres a casas de aluguer arrisca-se a que os Rufininhos também as vejam. No fim de contas, quem aluga quartos

para viver dessas coisas não pode escolher entre homens e Rufininhos, não é verdade? O importante é que os fregueses paguem.

– Queres tu dizer que o Rufininho me viu? Isso sei eu.

– A mulher – e acentuou chocantemente a palavra –, ele não viu. Apesar de mexeriqueiro, de contar tudo e ter gosto nisso, o Rufininho não inventa. Quem a viu, e a identificou, foi um dos amantes dele.

Ouvindo a voz do sobrinho da velha a ensaiar uma chantagem comigo, perguntei: – Conheces assim os amantes dele?

Os olhos dele fuzilaram: – Não. Mas, se ele me fala de um rapaz que ele conhece, é com certeza desses, por que ele não conhece outros – e, em resposta à perplexidade que sentiu em nós e em si mesmo, acrescentou: – É o meu caso. Todo o mundo sabe que fui eu quem o... desflorou! Por isso, ele me guarda uma tão grata estima – e riu, como que para insinuar que não era a verdade mas uma piada.

O comentário, entre risonho e desgostado, de meu primo – Onde eu vim cair, com que gente eu estou metido! – revelou-me que uma complacência, uma cumplicidade, uma desvergonha coletiva, uma degradação medonha se misturavam com os nobres propósitos de uns ou os apaixonados oportunismos de outros, no «nosso grupo». O que eu soubera e sentira sempre, mas era muito diverso, se denunciado por um elemento alheio; e, mais grave ainda, porque me revelava claramente que nós éramos quem estaria sendo assim, sem quase nos chocarmos já, pelo menos segundo mandam as convenções defensivas, com coisa nenhuma. Porque, para nós, todas as coisas estavam sendo outras, e a degradação era, ao mesmo título que a virtude e o amor, um suporte delas. Mas foi inesperadamente o Luís quem, sem me dar tempo, ripostou: – E em que é que você é melhor do que os outros? –, deixando-me aliás na dúvida de a quem estaria ele defendendo mais, e alertando-me contra o fascínio que o Rodrigues exerceria nele.

Meu primo Ramiro scandalizou-se abertamente: – Melhor? Não se trata de melhor ou de pior. Eu nunca andei com Rufininho nenhum, nunca me prestei a coisas dessas, e nunca falaria nisso diante de outros, se me tivesse prestado. Nem ficaria com a mesma cara, como vocês ficaram, depois de ouvir o que o Rodrigues disse. Tudo tem limites. Estou vendo que, desde o ano passado, todos vocês evoluíram muito. O melhor é eu mudar de freguesia, antes que, na rua, alguém me apalpe o rabo.

Não teve tempo de dizer mais nada, porque o Rodrigues e o Luís se atiraram a ele, esmurrando-o com uma violência que, notei, a vizinhança dos toldos observava risonhamente, tomando-a como um brutal jogo de forças. Eu deixei-me assistir impassível a uma execução em que quase o afogavam de cara contra a areia, e que terminou com ele de bruços e o Rodrigues acavalado obscenamente em cima dele (os vizinhos olhavam agora ostensivamente o mar), dizendo-lhe, com os dentes cerrados: – Seu filho da puta, isto é para você me respeitar, para você ficar sabendo o que eu lhe faço se não tem tento na língua. Depois, levantou-se, enquanto o Luís lhe largava os pulsos. O Ramiro levantou-se também, numa humilhação furibunda: – E tu, aí, tu deixas que eles me façam isto? – e limpava os olhos e a boca cheios de areia e de raiva. Não lhe respondi, e pareceu-me que aquela cena tinha sido comicamente absurda, como que representada por homens que tinham voltado à adolescência, ou, como seria o caso do Rodrigues e do Luís, não tinham saído dela ou não saíam nunca. Isto me aproximou de meu primo, quando o Luís lhe meteu a roupa nas mãos, dizendo: – Suma desta barraca para fora, e não torne a pôr aqui os pés –, embora um rompimento entre eles fosse da minha conveniência e da conveniência geral, pelo isolamento em que confinava o Ramiro.

– Ora... acabem com essas parvoíces. Não há razão para tamanha briga – disse eu, e as frases soaram-me frouxas e descabidas. Deve ter sido o que meu primo pensou, porque se afastou rosnando odientamente alguns palavrões em que nos

englobava a todos. Quando ele desapareceu entre as barracas, comentei: – Agora, lá em casa, quem o atura sou eu.

– Que tipo idiota e antipático que este teu primo é – disse o Rodrigues, sacudindo-se, e desatando a cobertura da frente da barraca, para fechá-la e vestir-se. – Nunca o suportei. Tu lembras-te, no ano passado, daquela história da Odette?

Lembrei-me, e com saudade, de um tempo que me parecia inconcebivelmente distante e sem relação alguma com o presente. Nesse tempo, éramos ainda rapazes. E tinham imensa importância as coisas que nem chegavam a acontecer. Agora, as coisas que aconteciam é que era como se não tivessem importância. Sentado cá fora, no mesmo lugar, encostado ao espedaço, via-os despir os fatos de banho e vestir a roupa, pelas abertas que a brisa fazia ao enfunar o pano caído e só amarrado em baixo. O Rodrigues falava-me de dentro: – Estás a ouvir? Vou mesmo a Coimbra, não é história. Ainda ficas na praia?

– Fico.

– Tinha piada, se tu viesses comigo.

– Tu estás doido?

– Sabes perfeitamente que estou. E que não quero estar doutra maneira.

– Que te preste.

Saíram ambos, levantaram o toldo da barraca. E, amarrando as fitas, o Rodrigues disse: – Acho que vou convidar aqui o Luís.

Este riu-se e perguntou: – Mas o que vem a ser isso?

– É uma velha que eu tenho lá em Coimbra. Se lhe levar um menino como tu, vai ficar doida.

E eu perguntei ao Luís, de chofre: – Onde para o teu irmão que não veio hoje à praia?

Luís arregalou muito os olhos, gaguejou, mudou de cor. E o Rodrigues inesperadamente foi quem me respondeu: – Ah tu não sabes? Essas almas puras repetiram esta noite a pândega do outro dia. Com automóveis e tudo. Mas não convidaram a gente.

Precisamente não nos convidaram aos três. Mas eu pilhei-os com a boca na botija, quando o Ramos e o Macedo se encontravam com o Matos e o Carvalho, ontem à noite. O Luís diz que, pela manhã, ainda não tinham voltado.

A quem estaria ele a mentir? A mim? Ao Luís? Ou realmente não ligara as coisas entre si? Ou pelo Rufininho ele não soubera que ligar? Ou o Rufininho não lhe falara na partida iminente em que o sobrinho da dona da casa de Buarcos estava comprometido também? E como teria sido que se haviam livrado dele, a ser verdade que ele os encontrara no momento em que iniciavam a aventura? Eu precisava, antes de mais, de falar com o Luís, e também com a Mercedes. Mas como separar aqueles dois, já prontos, e a despedirem-se de mim, que estava despido e dissera que ficava? Perguntei ao Rodrigues: – A que horas vem o automóvel buscar-te?

– Às duas.

– Já não tens muito tempo para almoçar e preparar-te, bem vestido e perfumado.

– Perfumado? Ah... tu não a conheces... Do que ela gostou mais foi do meu cheiro. Aspirava-me como se eu fosse uma rosa. Mas era uma boa vingança, se eu levasse aqui a Dona Micaela.

Reagi instintivamente ao epíteto, mesmo contra vontade, como se, realmente, e por procuração do irmão, eu tivesse plenamente assumido a defesa do Luís: – Acaba com essa brincadeira de uma vez. Ou qualquer dia, quando menos esperes, a Dona Micaela monta-te, e tu vais ver como dói o que fazes aos Rufininhos.

– Eu sei. Quando lhes não dói, nem acho graça – disse o Rodrigues.

– Já te proibi que brincasses com essas coisas – observei, fitando-o com firmeza. – Porque há uma grande diferença entre toda a rapaziada falar nisso tudo, por brincadeira, e tu, brincando, falares nisso. Uns falam do que não fazem...

– E eu brinco com a verdade, é isso? Mas a grande confusão – e

agachou-se diante de mim – é que eu não brinco, falo a sério. E vou passar a viver a sério, também. Achas que não tenho direito? – e havia amargura na voz dele.

– Tens. Mas depende da seriedade. E que história é essa de ser uma boa vingança levar o Luís? – perguntei, sem pausa.

O Luís hesitou em sentar-se. E o Rodrigues, pressentindo-o, fê-lo sentar-se: – Agacha-te aí, menino – e reconheci, com espanto, na voz dele, a tonalidade e a expressão de meu tio –, que eu vou falar de coisas que te interessam. Pois não é uma vingança eu entregar a mãe dela ao fulano que ele humilhou tratando-o como se fosse um maricas?

– A mãe de quem? – perguntou o Luís.

– De minha tia – disse eu.

– Da... su... sua... tia?! – gaguejou o Luís.

– Sim – disse o Rodrigues. – É ela a velha que eu tenho em Coimbra.

As vinganças que já se entrelaçavam nele transformavam-se numa reabilitação paradoxalmente viril do Luís. Mas que vinganças seriam essas? Não estaria o Carlos Macedo envolvido também? E o exaltar do Luís não implicaria na degradação do Luís? Quem estaria ele exaltando e degradando naquilo tudo, que não fosse degradação dele mesmo? E a de tudo e todos com ele? Mas que não houvera de degradação em tudo o que havíamos feito? Poderíamos nós atirar-lhe uma primeira pedra? Mas...

A rapidez com que tudo isto me perpassou na mente foi menos rápida que o espanto do Luís e que o transformar-se desse horrorizado espanto que lhe li no rosto boquiaberto, enquanto eu pensava, porque, antes de eu ter tempo de encadear os pensamentos com a fala que ia proferir, já ele disse, com os olhos brilhando: – Era uma boa piada. Você, desculpe, Jorge, mas era uma boa piada, se eu fosse. Até porque o seu tio está sempre a falar na sogra.

A minha indignação foi muito ostensiva, mas, no fundo, meramente formal, porque também eu estava ferido do que meus

tios inescrupulosamente tinham feito e da sem-cerimónia com que haviam pretendido esquecer os próprios atos: – Luís, não admito sequer que isso lhe passe pela cabeça, está a ouvir?

– Mas que mal há em que ele vá – disse o Rodrigues –, se tantos que a gente conhece já também foram amantes dessa velha? Ir com essa velha até faz bem à saúde. É como a gente ir com mais que a mãe, com a avó.

– Bem – disse eu –, são horas de ires à tua vida, ou à tua velha. Ó Luís, espera um pouco, que eu quero falar contigo.

– Vais dar-lhe uma lição de moral? Explicar-lhe que...

– Não vou explicar coisa nenhuma. Quero falar com ele, mais nada.

O Rodrigues pôs-se de pé: – Estás então a mandar-me embora, para ficares com a Dona Micaela por conta? – e a voz dele tinha a intenção de provocar-me e ao Luís também.

– Estou a mandar-te embora, para teu bem, para que não percas quem pode pagar-te a ida para Lisboa.

– É... – e afastou-se. Mas logo voltou, e disse: – Nós podíamos almoçar juntos, andar por aí... Se vocês ficassem comigo, eu não ia. Toda a minha vida a minha mãe me pagou, e agora também esta velha me há de pagar? Toda a gente só existe para me pagar? Não haverá ninguém que me deixe fazer o serviço de graça?

– Mas tu queres que te paguem, não queres?

– Quero. No dia em que não me derem nada, ou não pedir nada, estou perdido. Caio da árvore definitivamente. Porque a minha vontade era que tudo, neste mundo, e sobretudo as piças, fossem gratuitas. Sabes aqueles mexilhões enfiados todos num palito, com molho de pimenta? Eu queria ser aquele palito.

– Que é o que a gente deita fora.

– Isso mesmo, é verdade. E comeram os mexilhões e deitaram-me fora. Olha, Luís, eu...

– Que é? – e o Luís ergueu para ele os olhos que mantivera baixos.

– Nada, nada. Mas não julgues que eu sou sempre assim.

– Assim como?

– Assim tão pau mandado. Até logo – e foi-se embora.

Mal ele desapareceu, eu perguntei: – Partiram? Tudo correu bem?

– Não sei o que correu ou não correu bem, porque o meu irmão não me disse claramente nada. Mas partiram, porque, pela manhã, ele não tinha voltado, e não apareceu ninguém a chamar o meu pai. Eles fugiram para Espanha de barco, não foi? E embarcaram ao norte do cabo, não foi? Juntavam-se na praia com os que fugiam do Porto, não é?

– Que fugiam do Porto?

– Sim, isso eu sei, porque ouvi uma conversa do meu irmão com o Zé Ramos. Os que estavam presos no Porto fugiriam e viriam encontrar-se com eles. A data e a hora do encontro dependiam dessa fuga, julgo eu.

Recordei subitamente algumas meias-palavras deles, as idas ao Porto. Era então isso também. O golpe ia muito mais longe, em complicação audaciosa, do que eu imaginara.

– É tudo quanto sabes? – perguntei.

– É. Quem arranjou o barco foi o meu irmão, através de um rapaz de Buarcos que nos vendia contrabando. Se fosse o Almeida a procurar, a coisa tornava-se muito suspeita.

– Como é esse rapaz? – e a descrição que ele me fez coincidia tanto com o sobrinho da velha da casa de Buarcos, que eu não me contive que não dissesse: – E sabes tu quem esse tipo é? O mesmo que me viu numa casa que é a da tia dele.

– É um dos tipos que anda com o Rufininho, isso eu sabia. E a casa também sei qual é.

– Já lá foste alguma vez?

Ele corou, e disse: – Não... Eu vou dizer-lhe uma coisa... Antes do outro dia, eu nunca...

– Nunca?

– Assim... tudo até ao fim, à vontade, não.

– E não foi uma grande estreia, pois não? Havia gente de mais.

Admirou-se, com o rosto muito excitado: – Não foi? Mas eu achei formidável.

– Formidável, o quê? Ter uma mulher ou duas? Tê-las diante de toda a gente? Aquela palhaçada infame, com o velho e o rapaz? O que é que achaste formidável?

– Tudo. Você já pensou... eu, um rapaz, no meio daquilo, com vocês todos que já são homens. E o velho de joelhos diante da gente. E na igreja. Não faltou nada.

– Nada, para quê?

O que, para nós, tinha sido um delírio imundo (ou, para o Rodrigues, uma convivência geral com os vícios dele) era, para o Luís, uma experiência triunfal. Percebi quanto de revolta contida havia dentro daquele menino calmo, alto e franzino, suficientemente discreto para que meu tio o tivesse apodado de Dona Micaela. Foi o que ele me confirmou, respondendo: – E o meu irmão que toda a vida me pregou moral, não estava ele lá também? E tudo foi por minha causa.

– Tua causa?

– Claro. Não foi para me experimentar, e para humilhar o meu irmão, que o Rodrigues inventou tudo?

– Não me parece que seja um grande motivo de orgulho.

– De orgulho, não é. Mas, quando vi o velho diante de mim... foi como se todo o mundo ajoelhasse diante de mim.

– E para que queres tu o mundo assim ajoelhado diante de ti?

Olhou-me demoradamente, sem encontrar claramente os motivos ou as palavras. Depois, disse: – Porque estou farto de ser mandado. Pelo meu pai que nem pensa em mim, pela minha tia que não é minha mãe, pelo meu irmão que só fala em pureza, pelos professores que me insultam, pelos meus colegas que querem que eu seja assim ou assado, pelo...

– Medo medonho que tens das coisas e de ti mesmo, não?

– Eu não tenho medo de nada.

– Tens, e de tudo. Se não tivesses, não admiravas tanto aquele espetáculo.

– E quem não tem medo de tudo? Você não tem? O Rodrigues não tem? O meu irmão não tem? O Ramos não tem?

– É muito difícil dizer, Luís. Por exemplo, o teu irmão e o Ramos, neste momento, estão jogando a vida.

– E nós todos, não?

– Não é a mesma coisa. Uma é jogarmos a vida, e ficarmos vivos. Outra, muito diferente, é poder-se morrer.

– Você acha que eles podem morrer?

– Essa agora! Onde tens tu a cabeça? Não sabemos se a polícia, vinda no encalço dos fugitivos do Porto, se é que eles fugiram, não os massacrou. Mas, se conseguiram embarcar, o barco pode naufragar, porque a viagem é longa e perigosa; ou pode ser atacado e afundado por navios de guerra; ou pode ser apresado por eles, e os espanhóis fuzilarem toda a gente. E, se chegarem sãos e salvos, podem morrer na guerra. Porque é uma guerra, entendes? Achas pouco tudo isto? – e eu próprio verificava, feita a enumeração dos perigos, que não havia antes tomado consciência plena da magnitude deles.

O Luís ficou impressionado: – Não me tinha lembrado disso tudo. Foi uma loucura o que eles fizeram, e a culpa é do Ramos, eu sei, porque é ele quem manda em toda a gente. Mas é coisa de dar brado, se não falhar.

– E, falhando, também pode dar brado. Tudo depende das circunstâncias.

Levantei-me e comecei a vestir-me sobre o fato de banho, que não molhara: – Se souberes mais alguma coisa, avisa-me logo.

Quando estava pronto, e ele ficara meditabundo, disse-lhe: – Vamos embora. Eu não fiquei aqui, senão para falar contigo.

– Só? Ou também para me separar do Rodrigues? Não foi a procuração que o meu irmão lhe deixou? E que o meu pai, sem

saber, subscreveu?

– Não. Fiquei para saber alguma coisa do que se tinha passado. Quanto à «procuração», como dizes, é minha intenção que ela dependa inteiramente de ti. Tu é que hás de ser quem se servirá dela, se quiseres. Mas não te esqueças de que, com ela ou sem ela, a tua ida para Lisboa está ligada a mim. E talvez o esteja muito mais, quando o teu pai descobrir que o teu irmão desapareceu, e para muito tempo, senão para sempre.

– O Carlos vai demorar muito? – e pareceu-me uma criança perguntando por alguém que tivesse saído do seu horizonte.

– Se vai... Olha... Mesmo que a guerra dure pouco, e quer o governo espanhol ganhe, quer não ganhe, o teu irmão não poderá voltar, enquanto tivermos aqui o governo que temos. Se ele voltasse, ia para a cadeia apodrecer.

– Como é que ele não pode voltar?... Mas eles ganham a guerra, e este governo acaba, você vai ver.

– Queres então que o teu irmão volte depressa? Não estás satisfeito por ficares livre dele?

Já íamos lado a lado, pela rua, e ele parou para me dizer: – É diferente.

– Muito diferente – disse eu, e continuámos em silêncio o caminho, com ele a acompanhar-me no meu (o que notei, quando notei que não sabia para onde estava indo) e a desviar-se cada vez mais do seu. Parei numa esquina: – Olha, Luís, vai para casa. E, se souberes alguma coisa, a gente encontra-se logo ao fim da tarde, no café, aquele além. Enquanto não soubermos alguma coisa, não podemos arredar pé daqui, percebeste? – e fitei-o com dureza intencional.

Ele baixou a cabeça, e apenas perguntou: – A que horas?

– Lá para as cinco ou seis – e separámo-nos com um frio «até logo».

Que ia eu fazer agora? Procurar o Rodrigues, contar-lhe tudo, impedi-lo de continuar aquela aventura ridícula com a velha? Não

podia, antes de saber o que se teria passado ou não. Procurar a Mercedes? E novamente me doeu que me tivesse esquecido dela. Se eu lhe telefonasse de qualquer parte primeiro?

Entrei numa loja, e pedi licença para telefonar. Lá na pensão foram chamá-la, ela demorou tanto, que fiquei pensando se estaria ou não, se queria ou não falar-me, se estaria acontecendo alguma coisa grave que a impedisse de vir ao telefone. Já ia pousando com relutância o auscultador, quase acompanhando com o ouvido o descer dele para o gancho, quando ela atendeu: – Quem fala?

– Eu, o Jorge.

– Ah és tu... Que é que tu queres?

– Encontrar-me contigo.

– Agora?

– Se puder ser.

– Mas agora não posso.

– Não podes, porquê?

– Agora, não. Telefona-me mais tarde. Depois te explico.

– Aconteceu alguma coisa grave?

– Não... não... mas telefona mais logo – e acrescentou num murmúrio: – Não venhas cá.

– Porquê? Por causa do que houve no corredor e na entrada, quando aí estive.

– Também.

– E mais?

– Deixa-me, deixa-me...

– Deixo-te, como? Não queres que fale mais contigo? Não me queres ver mais?

– Mas se eu te estou a pedir que telefones mais logo... – ciciou numa voz dorida e lassa.

– Gostas de mim?

– Gosto. Gosto muito. E tu? – e, porque houve uma impercetível e rapidíssima hesitação na minha voz, ao responder-lhe ternamente que gostava muito, ela silenciou na outra ponta do fio, e só depois

disse: – Telefona. Eu quero...

– Queres o quê? – perguntei, ao mesmo tempo que, repentinamente, desejei não o possuí-la, mas o namorá-la ardentemente e docemente, em passeios de mãos dadas pela praia fora, numa ternura de poente calmo que nos envolvesse os passos em silêncios íntimos. E repeti: – O que é que tu queres?

– Já disse.

– Não ouvi. Estava a pensar em ti, e não te ouvi. O que é que tu disseste?

– Nada... nada... Telefona-me.

– Dá-me um beijo.

Após um breve silêncio, ela disse: – Já dei. Ó Jorge, Jorge... se tu soubesses... e desligou.

Saí para a rua como que entontecido. Afinal, eu gostava dela ou não? Desejava-a ou não? Para que a queria eu?

Esta última pergunta ficou a ressoar-me dentro da cabeça. Para que a queria eu? Para minha namorada (que ela não podia já ser, e também porque depois de as meninas serem, para nós, pretexto de «porcarias», passara igualmente para mim a fase adolescente dos namoros castos)? Para minha mulher? Para minha amante? Podia eu amá-la e querê-la para não mais que amante? Podia eu tê-la e tornar a tê-la, amando-a e respeitando-a? Ou começava eu a tratá-la como uma coisa e não uma pessoa? E ela, que queria ela de mim? Que eu casasse com ela, parecia agora fora de causa no seu espírito. E no meu? Não, eu não queria casar com ela, nem com ninguém, ou, menos que com ninguém, com ela. Esta é que era a verdade. E a verdade era um pouco outra ainda: eu não queria casar com ela, para tê-la; e não queria casar com ninguém, para amá-la. Porque era evidente (era-me agora evidente) que ela gostava de mim, e me desejava. Mas não queria prender-se a mim, ou, melhor, prender-me a ela. O que havia, houvera e haveria entre nós dependia de muitas pessoas e de muitos acontecimentos, de demasiadas pessoas e demasiados acontecimentos, para que as nossas vidas não ficassem

simultaneamente muito ligadas e muito separadas. Os golpes que nos tínhamos dado, com aquela história do amor intermitente, eram muito mais profundos do que eu sentira então. Ou iam tão fundo, precisamente porque o nosso amor, secretamente, era como uma porta aberta, uma casa pública, uma cama onde dormiam muitas pessoas, e juntas. Era-o assim, secretamente, no fundo de nós mesmos, e não porque muitas pessoas soubessem dele, e mesmo que o soubessem. Ele nascera, ou crescera, ou nos tínhamos possuído, porque havia mais gente. E essa gente, ainda que posta fora da nossa vida, deixava nela um vácuo onde, a qualquer tempo, outra gente podia entrar, para repetir o que a primeira gente havia feito. Por isso, ela continuava a querer-me. E por isso eu não queria (e não queria, de facto) casar com ela. Não casar, talvez eu não casasse nunca. Ela talvez casasse. E, solteiro eu e casada ela, eu tê-la-ia (ou ela a mim), sempre que um de nós quisesse. Porque, casasse ela com quem casasse, o marido que ela encontrasse teria sempre de mim o bastante para que ela me fosse infiel com ele, e não a ele comigo. De resto, em que condições estava eu de casar? E podíamos nós ficar mais ou menos amantes alguns anos, para casarmos quando eu tivesse um modo de vida para nos sustentarmos? Que casamento seria esse? O daqueles homens que acabam casando, quando estão velhos e elas também, com as criadas que, além de lhes coserem as meias e cozinharem o almoço, lhes partilham a cama? Nem eu imaginava domesticamente a Mercedes: só de tentar imaginá-la em funções domésticas eu me arrepiava. Todas as imagens domésticas que eu tinha eram imundas, no meu conceito: minha mãe, minhas tias, as mães dos meus amigos. Imundas, não por sujas, mas porque essa gente aceitara precisamente começar por onde acabavam, com o desprezo delas, as criadas para todo o serviço. A Mercedes era, para mim, um amor tão doloroso e total, que eu nem conseguia aperceber-me de como ele era grande. E eu não podia ver-me ao lado dela, numa cama, depois de ter comido o jantar que ela dirigira. Ela não existia no mundo dessas vulgaridades. Existia, é

certo, num mundo cheio de coisas, pessoas, ideias, acontecimentos terríveis, em que a nobreza e a sordidez não era possível separá-las, nem se sabia bem qual era a outra (o que seria uma maneira elegante de pensar-se, com algum alívio, que nem tudo era sórdido). Talvez mesmo que o vulgar não fosse vulgar, e nada houvesse de mais vulgar, apesar do insólito com que aqueles dias me haviam oferecido uma tremenda imagem da vida, do que isso mesmo que me parecia e era terrível. Mas, com tudo isso, ou apesar de tudo isso, ela, a Mercedes, era diferente, uma flor de cor diversa, um corpo de sabor estranho, um ser que, mesmo traindo-me, constituía um padrão pelo qual toda a humanidade seria sempre mesquinha. Havia nela coisas que eu detestava. Os lábios. O modo de dobrar as mãos. A reticência de um pensamento cujos meandros me fugiam. O gosto de apertar as pernas sobre o meu sexo, ou de abri-las quando o aperto me enlouquecia já. A maneira, que ela tinha, de olhar para além de mim. A paixão concentrada que ela punha em absorver-me, como se eu fosse não eu mas um instrumento. Mas, e eu estava descobrindo isso, o que eu detestava era precisamente o que mais me satisfazia, o que mais me prendia a ela, o que a tornava a primeira mulher que eu, não a conhecendo, verdadeiramente conhecia, e a última que eu conheceria, porque nenhuma outra me seria senão alguma coisa dela. E isto era o amor. Era amor. Realmente amor. Mas – e sorri comigo mesmo – como era difícil e incómodo! E como, sobretudo, não era um convívio, mas um acaso! Disto, tremi. Nós éramos um acaso, os nossos encontros seriam de acaso, o nosso conhecimento e a nossa experiência um do outro seriam sempre de acaso, sempre um somatório desconexo e contraditório de fragmentos sem continuidade. Um somatório que não daria nunca uma qualquer soma, qualquer resultado final, mas muito apenas uma existência como em sonhos, de que acordaríamos, às vezes, nos braços um do outro (e, quem sabe, também noutros braços de outrem). Não seria a nossa vida – e eu nem podia dizer «nossa vida», porque esta não era uma, mas as duas

vidas que tínhamos, cada um por conta própria – uma serena realidade, com aberturas de alegre sonho, em que, abraçados e penetrados, conquistássemos um para o outro o que cada um de *per si* não teria. Seria exatamente o contrário. Tudo o que tivéssemos dissipá-lo-íamos, periodicamente e ocasionalmente, nos braços um do outro. Não serviríamos um ao outro de nada. Poderíamos até, e seria o mais certo, sermo-nos prejudiciais: ver-nos-íamos um no outro, como em espelhos. E de cada vez que nos assim víssemos, nas intermitências dos encontros, nos só veríamos piores. Mas não teríamos, de verdade, outros rostos, que não aqueles em que mutuamente nos espelhássemos, para vermos que estávamos cada vez mais longe do que poderíamos ter sido, e cada vez mais perto do que, na intermitência, éramos. Seria isto o amor, podia eu chamar-lhe amor? Amor, esta destruição, de vez em quando, do pouco com que nos havíamos defendido um do outro? Amor, essa desgraça de vivermos como que acorrentados a um feitiço ignóbil, sem pureza nem dignidade?

Já quase no portão de meu tio, a pureza e a dignidade fizeram-me rir. Que eram essas senhoras? Quanto valiam? Por que preço se pagavam? Eu só tinha uma solução: fugir dali, e regressar a Lisboa o mais depressa possível, antes que eu deixasse de acreditar que havia outras pessoas no mundo, além daquelas que me rodeavam e cujas vidas eu ou elas tínhamos confundido. Mas não era isso mesmo afinal a vida? Esta consciência de que não há outras pessoas além de todas as que vivem à nossa volta? Não, não era. Ou só era, ou só iria sendo, na medida em que esse «à nossa volta» se fosse alargando sempre, até abarcar o mundo todo, mesmo que em círculos não-concêntricos, nem inteiramente os mais amplos compreendendo os menos vastos. Essas zonas comuns aos diversos círculos eram as coincidências entre todos nós. E o segredo estava em que nenhum círculo era imóvel, e as coincidências variavam sempre. Podiam mesmo não tornar a repetir-se. Não queria eu então tornar a ver a Mercedes? Que me importavam todos os outros? Era

por causa deles que eu queria vê-la? Porque teria sido que ela me evitara ao telefone? Mas não tinha sido eu quem não a ouvira, quando ela obviamente se me oferecera? Que teria acontecido? Não acontecera, é claro, nada de muito grave, porque ela mesma dissera que não. Qual, pois, a razão daqueles murmúrios telefônicos? Estaria alguém perto dela? E, se não era só pelo que se passara de desagradável entre mim e o Almeida que eu não devia ir procurá-la, o que havia mais?

XXVIII

Entrei em casa, e encontrei na sala de jantar o meu primo. Olhou-me de soslaio, e disse: – Achas que te portaste bem esta manhã? Porque foi que ficaste de lado?

– Tu tinhas-me enrolado juntamente com eles nos teus insultos, e ainda querias que eu te defendesse? Falaste, pagaste.

O Ramiro estudava Direito, era baixo, entroncado e gordo, e arvorava sempre grandes ares de tribuno. A sova e o ter sido montado pelo Rodrigues deviam ter sido, para ele, a última das humilhações. Para ele, e para qualquer. Mas eu divertia-me agora, vendo-lhe a cara ardendo de uma irritação que lhe punha brilhos sedosos nas bochechas rubicundas e no queixinho de rabeca. E, como o queixo lhe tremia, era como se a mão irónica da Odette, pela qual tínhamos brigado em tempos, lho estivesse sacudindo com ternuras de prostituta. – Garanto-te que hei de arranjar meia dúzia de fulanos que agarrem o Rodrigues para lhe dar uma lição. Ele vai ver.

– Vais representar com ele a anedota do chinês?

– Qual chinês?

– Não sabes aquela do administrador colonial a quem, perguntando ele pelas mulheres que havia disponíveis lá na aldeia dos confins para onde tinha sido destacado, recebeu a resposta de que mulheres não havia, mas havia o chinês? Só que eram precisos seis homens para agarrá-lo?

– Muito engraçado.

– Eu acho.

– Quero depois ver se o Rodrigues também acha.

– Quem sabe se não é um favor que lhe fazes? Talvez acabe achando.

– Está tudo depravado. Razão tem o governo em dizer que chegou a hora da limpeza. O Salazar, agora, vai pôr tudo na ordem.

– Ah tu estás do lado da limpeza?

– Estou. E também estou vendo que estás do lado da canalha.

– Então que vieste fazer à Figueira, num momento em que o governo pode precisar de ti para varredor da rua? É capaz de, lá em Lisboa, estar já uma vassoura à tua espera. E eu não estou do lado de canalha nenhuma.

– Eu tenho o mesmo direito que tu de estar aqui.

– Tens. Mas não tens de abusar do de ser parvo.

– Quando o tio e a tia descerem para o almoço, eu já te digo quem é parvo aqui.

– Vais fazer-lhes queixinha? Julguei que já não mijavas nas calças.

– Não, não mijo. Mas vais ver como cago na vida alheia, quando se metem comigo.

– Como só chegaste ontem, não tens ainda muito espaço para a tua diarreia.

– Uma manhã me bastou para saber muita coisa.

– Como por exemplo?

– Quando eles vierem, logo ficas sabendo.

– É comigo?

– Mais ou menos.

– Já estou a tremer.

– Vai tremendo, que é a maneira de, depois, não se ver tanto a diferença.

– O pior para ti é se eles já sabem o que tu vais dizer-lhes...

– Talvez não saibam.

– Talvez não. Mas será coisa que lhes interesse? Porque eles não se interessam muito pela vida de ninguém. E, a bem dizer, nem pela deles próprios.

Era uma subtilidade excessiva para as retóricas que, nele, faziam as vezes de finura. E eu mesmo, com surpresa, li, na cara dele, como eu tinha mudado na forma de compreender os outros, a ponto de formular em palavras essa compreensão, e de ouvi-las. Sorri, mais para mim mesmo que dele, com uma superioridade algo infantil e

satisfeita, que não lhe escapou: – Ri-te, ri-te... *que rira bien qui rira le dernier*.

A francesice irritou-me profundamente: – Todas as bestas fazem citações em francês.

Os meus tios entraram na sala de jantar, seguidos pela Maria com a terrina da sopa. E mais pareciam noivos descendo ao salão, no hotel em que estivessem em viagem de núpcias, que propriamente os donos da casa. Instalaram-se, trocando olhares afetuosos que pouco se estendiam, ou só como de cerimónia, para nós dois. Minha tia serviu a sopa. Meu tio, pondo o guardanapo – e curiosamente hesitou entre pô-lo no colo ou entalado nos gorgomilos magros –, e mergulhando a colher no prato da sopa, perguntou: – Então, Ramiro, tudo bem lá por Lisboa?

– A família está toda boa. E vai por lá uma grande animação. Toda a gente está entusiasmada com a atitude firme do governo na guerra de Espanha.

Meu tio pousou a colher, enfiou os dedos pelo cabelo adiante, olhou para o Ramiro fixamente, e disse: – Toda a gente? Que gente é que está entusiasmada? Só se forem esses militares de borra, que fazem a guerra com palavrões pela rádio.

Sorri, olhando de relance a atrapalhação do Ramiro que não era homem para discordar frontalmente das pessoas a quem, por qualquer razão, se subordinasse. De nariz enfiado na sopa, preparou a reviravolta tribunícia, na crista da qual levantou a cabeça modificada: – Oh, esses... ninguém os toma a sério. Mas há muita gente entusiasmada.

– Tu estás entusiasmado? – perguntou o meu tio, partindo um pedaço de pão.

– Muito. Acho que era a única posição justa.

– Não te conhecia tão firmes convicções políticas. Já estás a pensar em algum emprego? – e meu tio migava pão na sopa.

– Emprego? Credo, tio! Mas é muito justo que se peça a toda a gente que declare as suas ideias. Porque quem não é por nós é

contra nós.

– Nós quem?

– Nós, os patriotas, os que não queremos o país entregue ao comunismo. O tio nem calcula que rede que eles são. É uma conspiração terrível.

– Calculo, calculo. Com que então quem não é por nós é contra nós?

– Claro.

– Mulher! – gritou o meu tio. – Tirem-me da frente esta porcaria de sopa! Até miguei pão nela. Mulher! (e minha tia lançou um olhar acusador ao Ramiro enquanto a Maria lhe retirava precipitadamente o prato) O teu sobrinho é uma besta. Contra nós, hein? Ouça cá, seu alarve! Você veio para a Figueira tomar banhos de mar, ou veio para minha casa comer-me as sopas e ainda por cima dizer-me burrices?

– Ó Justino... – começou minha tia.

– Cala-te, mulher, que és uma idiota. Só uma idiota como tu tem sobrinhos como este.

– Homem, mas eles são teus!

– Meus? Só são meus quando não dizem asneiras. Quando dizem, são teus. Mulher!...

O Ramiro decidiu passar à ofensiva, com um ataque diversional: – E quando fazem asneiras também não são seus?

Meu tio olhou para ele, cruzou comigo um olhar, e disse: – Quando fazem asneiras também *são meus*, sim senhor. Todos os homens fazem asneiras. Os sujeitos que não são homens é que trabalham só de língua.

– Justino, isso diz-se? – interveio minha tia.

– Diz-se e faz-se. Não está farta de saber? – e, com severidade, de colher em riste, perguntou ao Ramiro: – Você fez alguma asneira?

– Que eu saiba, não. Mas...

– Mas o quê?

– Mas há quem faça.

– Escusa de estar a fazer-me sinais com os olhos, a indicar-me o seu primo – exclamou meu tio. – Que asneira fez ele que tanto o incomoda? Desflorou uma virgem, é isso? Levou-a a uma casa de passe, é isso? Está enrolado com ela, e não sabe como se há de livrar, é isso? Você julga que, chegado ontem, já ficou sabendo coisas que ninguém sabia? E ainda me faz essa cara de Santo António de porta de quinta, seu alarve? Ora, vá lamber sabão. Mulher, que é da minha sopa?

Eu ficara entre divertido com a corrida que o Ramiro levava, inquieto com o facto de o meu segredo não ser segredo já, e revoltado por não ter desflorado a Mercedes e me atribuírem um prazer cuja perda me enraivecia. Mas como soubera o Ramiro? Pelo Rodrigues, sem dúvida. Mas meu tio, como soubera ele daquilo tudo? A coisa seria pública? O temor que senti fez-me hesitar sob o seu próprio sentido: era desgosto de a minha intimidade ser estadeada, e a da Mercedes também, ou era receio de a publicidade me atirar com responsabilidades que eu não queria assumir, e que, nesses termos, eu não tinha que assumir? Mas, se eu não queria, ou não tinha que, que amor era o meu? Porque não era em termos de responsabilidade que eu devia raciocinar, para aceitá-las ou recusá-las, mas de amor apenas, não é verdade? Foi durante o silêncio constrangido que se seguiu à invetiva de meu tio que assim pensei, sem levantar os olhos para ninguém.

Meu tio pousou a colher no prato vazio (de que comera a sopa que minha tia lhe servira novamente), e disse: – Jorge... depois do almoço, quero falar contigo.

– Está bem, tio.

– Eu – gaguejou o Ramiro – eu... o tio desculpe, não tinha nenhuma má intenção.

– Acredito, meu filho, acredito. As bestas, quando mordem, não é por má intenção. É da natureza delas morder. Ou dar coices. Agora que já deste o teu coice, almoça em paz. Com que então há gente muito satisfeita lá em Lisboa? Aqui também há. Tu, é claro,

logo que abram o alistamento, vais-te alistar, não é verdade?

– Eu? – espantou-se o Ramiro.

– Quando a gente se entusiasma por uma guerra, alista-se nela, não sabias? – e meu tio esmagava risonhamente as batatas do guisado de carne. – Nas guerras grandes não é preciso a gente entusiasmar-se, porque somos mobilizados, e o governo cuida do nosso entusiasmo. Eu, por exemplo, que era militar, nem precisava de ter entusiasmo. O meu entusiasmo era meramente profissional. Mas uma guerra civil é uma delícia para os entusiasmados. Eu, se fosse a ti, alistava-me. E, não havendo alistamento, fugia para Espanha.

Minha tia e eu trocámos um rápido olhar constrangido e assustado, quando o Ramiro principiou: – Mas nós temos muito que combater aqui dentro...

– Bem, bem – disse meu tio. – Não te preocupes, que eu não te obrigo a dares o corpinho ao manifesto. Mas não me venhas recitar o *Diário de Notícias*.

– Vejo que o tio mudou muito – disse o Ramiro. – E que se interessa agora pela política.

– Eu? – disse meu tio. – Nunca me interessei nem interesse, estás muito enganado. A política é para os políticos. Mas há coisas que toda a gente tem obrigação de perceber.

– É o que eu penso – disse o Ramiro.

– Será – respondeu meu tio. – Todos pensamos isso. As coisas é que podem não ser as mesmas.

– As coisas fundamentais são sempre as mesmas – disse sentenciosamente o Ramiro –, o tio não acha?

– Neste tempos que correm... que é que te parece, ó Jorge?

– Ahn?

– Achas que as coisas fundamentais são as mesmas para toda a gente?

– Depende.

– Comer, dormir, coçar-se – disse meu tio –, tudo isso é igual

para todos. Mas depois...

– Depois? – repetiu obsequiosamente o Ramiro.

Meu tio guardou um silêncio recolhido e meditativo, fitou-o, e disse: – Depois, menino, morreram as vacas e ficaram os bois. E o principal de tudo é não ser vaca.

O Ramiro tentou fazer espírito: – Todos os bois, depois de mortos, são vacas.

– É... – disse meu tio – e nisso mesmo se distinguem dos homens, porque pelos cornos não há distinção nenhuma. Justino! – e, afagando a mão de minha tia acrescentou: – Viu o que é um marido atencioso? Antes mesmo de que se picasse nos cornos, poupei-lhe que me chamasse à ordem. Ou não ia dizer nada? – e para nós: – Talvez não, que, em matéria de cornos, a vossa tia é menos sensível. Com o tempo, as pessoas habituem-se.

Minha tia retirou a mão, e fez menção de levantar-se da mesa. Ele segurou-a: – Deixa-te estar, mulher, que parece mal saíres da mesa, antes de os teus sobrinhos acabarem de comer – (só o Ramiro ainda comia) –, e nem vale a pena por uma coisa que é a mais trivial do mundo. Quem é que, neste mundo, nunca pôs ou nunca usou cornos? E nunca é certo se os cornos são nossos ou dos outros.

Meu tio levantou-se e fez-me sinal para segui-lo. À porta, voltou-se para dentro, e disse: – Olha, Ramiro, toma os teus banhos de mar, come e dorme em casa dos teus tios, faz companhia à tua tia, que o Jorge não tem tempo de a fazer, e, quanto a políticas de Lisboa, bico calado. Aqui é a Figueira da Foz, ouviste?

Subiu para o escritório, instalou-se no trono, enrolou atentamente o cigarrinho, e só me olhou quando, com a cabeça à banda, o acendia. Devia estar à espera de que eu falasse primeiro, mas eu permaneci calado.

– Que história é essa em que tu andas metido, e que o patife do teu primo queria contar-me? – acabou por perguntar. – Que é que tu lhe fizeste, para ele estar tão danado contigo?

– Esta manhã, na praia, quando cheguei, encontrei-o com o

Rodrigues, e com o Luís Macedo. O Rodrigues, como de costume, dizia aquelas brutalidades dele. Então o Ramiro insultou-nos a todos. E o Rodrigues e o Luís deram-lhe uma sova que eu deixei que dessem.

– Hum... e a história que ele ia contar? Não me faltava mais nada senão que eu desse ouvidos, e diante da tua tia, a um intriguista, uma Dona Micaela!

A sova, dada pelo Luís ao Ramiro, pelos vistos resultara numa transferência de título, como numa espécie de campeonato negativo de boxe. Ri-me da promoção do Ramiro a Dona Micaela, o que calhava a preceito com a sua figura redonda e rubicunda. Mas meu tio insistia: – Mas que história é essa?... Que há qualquer coisa não há dúvida.

Seria possível que ele não soubesse nada ou quase nada, e apenas tivesse atirado com deduções hipotéticas para calar o Ramiro? Por isso, limitei-me a dizer: – Não desflorei nenhuma virgem.

– Não? Ela não era virgem?

– Ela, quem?

– Sei lá quem! Não sei, nem quero saber. Mas estás tu metido nalguma enrascada?

– Não, tio. Nesse sentido, não estou. Tenho uma amante, levei-a a uma casa de passe, e hei de tornar a levá-la. E não quero livrar-me dela.

– Tens a certeza?

– Tenho.

– Sabes o que deves fazer? Não? Tomar o comboio e voltar para Lisboa. Ela não é de Lisboa, pois não? Nem pode ir atrás de ti para lá, ou pode?

– Mas para que hei de fugir dela? Porque não hei de aproveitar-me da ocasião, enquanto dura? – e doeu-me na consciência esta maneira de falar.

– Claro que podes, e até deves. O dever do homem é aproveitar-

se das ocasiões, para não chorar depois na cama que é parte quente só quando não está vazia. Mas... – e meditou um pouco – ... se ela é mais velha do que tu, aproveita, porque não há perigo, e todos os rapazes passam por isso, que é preciso, a certa altura, a gente sentir-se mais velho e mais homem do que é. Mas, se ela é da tua idade, escapa-te, ou estás perdido.

– Perdido, como?

– Ah, ela é então da tua idade... como eu calculava. Escapa-te, menino, escapa-te. Ou acabas apaixonado pela única coisa que não deve apaixonar um homem. Não sabes o quê? O buraco que ela tem entre as pernas. É o que mais há, e serve para a gente dar e ter prazer. Mais nada. Mas paixão é outra coisa. Tu esta noite seguiste o meu conselho? Não seguiste, pois não?

– Não.

– Estás a ver?

– Não segui, porque ela não me interessa.

– Como não interessa? Há alguma mulher que abra as pernas prontamente, e que, não sendo repelente, não interesse um homem? Histórias... O que tu não queres é ter outra agora. E o perigo é esse mesmo.

– Mas não é isso, tio.

– Porque é que não é?

Como podia eu explicar-lhe?: – Não há comparação entre uma e outra.

– Não há? Não estão as duas à tua disposição? Ou tu não chegas para duas?

– Claro que chego.

– Ou achas que sujas a tua amada, se meteres nela o que andou na outra? A água lava tudo.

Vi-me à beira de água, na madrugada, com o Rodrigues e o Carlos Macedo, e disse: – Quase tudo.

– É... realmente tens razão... seria uma chatice.

Olhei-o surpreso. Ele continuou o fio dos seus novos

pensamentos: – É... não podes ter a certeza de a Micaela não te pregar alguma doença, e depois... – mas, de súbito, alguma coisa o assustou: – Olha lá, mas tu terás sido tão idiota que... Claro que foste, está-se a ver que foste. A gente sempre é. Olha, se lhe fizeres um filho...

– O tio é parteiro...

Sorriu amavelmente à amargura que sentiu na minha voz, e rematou: – Sou, e muito mais do que julgas. Ninguém é, impunemente, durante tantos anos, como eu tenho sido, professor de rapazes. E olha que são partos muito mais difíceis.

Lembrei-me do Rodrigues, e comentei: – Só que às vezes a criança morre.

Arregalou para mim os olhos, com as sobranceiras muito arqueadas, num espanto teatral: – Ó Jorge... Nos partos dos rapazes, a criança morre sempre.

Fiquei pensativo, e numa grande simpatia por ele. Depois, disse: – Se eu precisar de alguma coisa, falo consigo.

– É isso o que eu quero – disse ele, e levantou-se do trono atrás da secretária a que deu a volta, e pousou-me a mão no ombro: – Sabes uma coisa?... Um dia, hás de lembrar-te com saudades de toda essa aflição em que vives. Vais ver como é. A gente, com o tempo, acaba tendo saudades de tudo – sorriu, e acrescentou: – A vida é uma grande pouca-vergonha.

Eu comecei: – O tio sabe... Parece que eles conseguiram partir.

Tirou a mão do meu ombro: – Eles, quem?

– Eles.

– Isso é um assunto arrumado. Não falemos mais em tal. Acabou-se. Soubeste alguma coisa?

– Ainda não. Mas o Luís disse-me que o irmão não tornou a aparecer. O que eu souber, digo-lhe.

– Podes dizer. Mas não me interessa. Até logo – e esperou que eu saísse, para fechar solenemente a porta do escritório.

XXIX

Saí, pouco depois, para telefonar à Mercedes. E fui descendo a rua, à procura de uma loja de onde telefonar; mas bem eu entendia que, na verdade, fazendo o possível por me aproximar fisicamente dela. Tanto assim era, que os dois ou três lugares com telefone, pelos quais passei, todos me pareceram sumamente impróprios, e talvez não o fossem mais que aquele, já ao pé do Bairro Novo, de onde lhe telefonei.

Ela atendeu logo, para minha admiração e perplexidade (porque, ao mesmo tempo, eu antegozava o prazer contraditório da demora dela, de que fiquei privado, e saboreava o gosto de sabê-la perto do telefone e não fazendo nada senão esperar pela minha voz): – És tu?

– Sim. Então? Estavas à minha espera?

– Estava. Se quiseses...

– Aonde nos encontramos?

– Lá... Achas que pode ser?

– A que horas? Eu chegarei primeiro.

– Às cinco.

– Há alguma novidade?

– Depois te conto.

– Querida... – e houve um silêncio dela, como se tivesse fechado os olhos para que a minha voz a penetrasse melhor.

– Até já – disse ela, por fim, e desligou.

Eram duas e meia. Podia procurar o Rodrigues, tirar algumas satisfações de quem o mandara dizer coisas ao meu primo, porque ele já devia ter dito mais do que dissera diante de mim, ou o Ramiro não teria falado com tão ameaçadora segurança. No fim de contas, dizer que o Rufininho me vira com uma mulher numa casa de passe não era bastante para o que meu primo tentara fazer. Ou teria sido o Luís? Mas como? Dirigi-me para a pensão do Rodrigues, duvidoso de ainda encontrá-lo, se era verdade a história de que o automóvel da velha o viria buscar. Já passava das duas horas.

Mas, de longe, vi-o à porta, com um ar de nervosa expectativa. E, quando me aproximei, logo me disse: – Ah! Afinal és tu quem se propõe para me acompanhar? Tiveste sorte, que o carro está atrasado. Deve ser para me pôr à prova, a ver se eu espero ou não. Mas estou aqui firme, como vês.

– Rodrigues, és capaz de me dizer o que contaste a meu respeito ao Ramiro?

– A teu respeito?

– Não desconverses.

– Nada.

– Nada, além do que disseste diante de mim?

– Foi por isso que aqui vieste?

– Foi, e porque ele se deu ares de saber grandes coisas, e só tu lhas podias ter contado. Até tentou fazer intriga com o meu tio, para se vingar da sova.

– Eu não contei nada. Só disse que tu, agora, não brigavas com ele por nenhuma Odette, e que ele podia ficar descansado, que as putas eram todas para ele.

– E ele sabe quem é a rapariga que eu tenho?

– Sabe.

– Quem foi que lhe disse? Tu ou o Luís? Porque ele chegou ontem à noite, e estava, logo de manhã, com vocês.

– Mas toda a gente sabe.

– Agora, não me interessa quem sabe, nem como. O que eu quero saber é como ele ficou sabendo.

– Eu não disse. E, diante de mim, o Luís também não.

– Juras que isso é a verdade?

– Bem... a verdade não é bem essa. Mas posso jurar que ele me perguntou e que eu respondi que era verdade.

– E tinhas alguma coisa que lhe confirmar isso? Se ele não é meu amigo, nem teu amigo também, precisavas de te abrir com ele?

Sorriu cinicamente, remexendo as mãos nos bolsos das calças, encostado à ombreira da porta: – Eu sempre preciso de me abrir

com alguém... Só depois é que reparo que me enganei na pessoa...

– E como é que ele sabe? Como é que toda a gente sabe? Quem é que sabe?

– Já que queres saber tudo... Olha, o Rufininho viu-te... E lá o gajo dele viu-a a ela, e preparava-se para fazer chantagem com vocês, porque vos seguiu e soube quem ela era. O Rufininho procurou-me, para te avisar de que não fossem mais lá.

– Quando foi isso?

– Ontem à noite. E eu disse ao Rufininho que, se acontecesse alguma coisa, quem me pagava tudo era ele, com a pele dele.

– E foi daí que toda a gente ficou sabendo, a ponto de esta manhã o Ramiro, chegado ontem, saber já também? Achas possível?

– O diabo do carro, que não vem... A velha roeu-me a corda... Ahn? É, realmente parece impossível... Será que o teu primo encontrou o Rufininho e ele lhe disse?

– O Ramiro não fala com o Rufininho. Nenhum de nós fala com o Rufininho. Nem tu falavas.

– Pois não. E não falo mesmo. Nunca falei. Até quando ele... bom... então ainda falo menos.

– Tem vergonha!

– Não te esqueças de que, por teu intermédio ou com o teu testemunho, eu perdi a vergonha toda.

– Mas como foi que o Ramiro soube?

– Pergunta-lhe.

– Não lhe dou confiança para tanto.

– Então...

– Tu sabes mais alguma coisa que não queres dizer.

– E tu? Não saberás também de alguma coisa que não me queres dizer?

Nisto, parou defronte de nós, muito empoeirado, um imenso automóvel preto. Dentro, estava uma velha que se debruçou da janela cujo vidro desceu, e lançou ao Rodrigues um sorriso malicioso e descarado, que me envolveu também, com uma

escorrência demorada e lenta, uma fixidez displicente como a que há nos olhos dos ricos que, a uma montra, olham com desdém o que estão certos de poder comprar. Mas, no olhar dela, que aparei fixamente e com curiosidade, havia também um clarão aquosamente voraz, e trémulo da insegurança ansiosa com que as pupilas vacilavam e tremeluziam. O cabelo louro-escuro encarquilhava-se de caracóis em volta do rosto muito esmaltado de branco, em que os lábios se apertavam finos no interior do vermelho do *bâton* mais amplo que eles. A mão pousada no vidro descido tinha dedos longos e unhas rosadamente oblongas, para as quais, aos dois e três em cada dedo, os anéis pendiam de avultadas pedras. Devia ter sido muito mais bela do que a minha tia nunca fora, mas era como se a minha tia, em vez do ar de pureza distraída que no rosto e nos gestos dela flutuava, estivesse mascarada de harpia carnavalesca ou de Teodora de Bizâncio depois de ter gasto várias gerações de cavaliços, e trouxesse no rosto mal lavado o esterco de prepúcios sujos. A língua dela, que entreabria os lábios para agitar a pontinha, parecia bífida, de gasta neles e não de viperina. Era uma criatura fascinante, da intensa repugnância perfumada que até o automóvel e o *chauffeur* fardado, que se apeara para abrir a porta ao Rodrigues, pareciam exalar. Quando o Rodrigues entrou, passando por diante dela para se sentar do outro lado, ela amparou-o pela cintura curvada, como quem afaga um cão de estimação e de vício; e, quando ele ficou sentado, e mal voltava para mim uma cara de perturbado enleio, ela pousou a outra mão na coxa dele, ao mesmo tempo que me sorria amavelmente, numa despedida que sugeria, como que profissionalmente, quanto aquela coxa possuída poderia, noutra ocasião, ser a minha. O carro partiu disparado e, ao voltar-me um pouco para segui-lo com os olhos, ainda pude ver, na cara do empregado da pensão, que estava pasmado à porta, o respeitoso espanto que os anéis e o carro e os caracóis haviam produzido nele. E, com um sorriso de cumplicidade, que também era da consideração a que o Rodrigues

havia ascendido (e eu, por tabela), o espanto transformou-se em deferência invejosa: – Aquele é que a sabe levar... Chega para todos... –. Eu afastei-me, e levava na imaginação, brilhando, os dentes da velha, que ela não mostrara, mas que deviam ser brancos e aguçados, cheios de laivos verdes, como dentes de vampiro. Na minha cabeça, a boca dela abria-se sombria, rubra, humedecida de filamentos brancos, tépida, aspirante, e, nos dentes afiados como navalhas, atrás dos da frente (afiados e recurvos), havia entalados, como migalhas de pão, pedaços sangrentos e esponjosos dos sexos que ela devorara, depois de os afagar com as mãos cheias de anéis. O próprio automóvel me parecia a boca dela. Tinha forro de carne; ou a boca, por sua vez, ostentava também estofos, e abria-se em gonzos de porta, numa carroceria que, preta, era a cara de alvaiade dela. Entrando no automóvel, o Rodrigues era como as crianças dos sacrifícios humanos, atiradas à barriga ardente de deuses antropófagos. A porta do automóvel, fechando-se, era como uma faca que o castrava. E quem o vendera àquilo tinha sido eu. Foi tremendo de horror, e do desejo de uma ternura branda no seio da Mercedes, que me encaminhei para casa da outra velha.

Subitamente, o aviso do Rufininho, que o Rodrigues me repetira, suspendeu-me os passos. Mas logo me lembrei de que, se eles tinham partido, também o rapaz partira mais a sua chantagem. E só depois me lembrei de que, porque toda a gente (quem?) sabia de nós, nem a chantagem tinha importância. Mas quem estava sabendo? Talvez que a Mercedes soubesse. E bati à porta.

A velha demorou muito tempo a abrir; e, quando finalmente veio, depois de eu ter percebido que espreitara primeiro à janela, mesmo assim não me abriu para que eu passasse.

– Que é que o senhor quer?

– Quarto às cinco horas.

– Não há quarto às cinco horas. Vá a outra parte – e a cara mirrava-se-lhe de malevolência.

– Mas eu já combinei.

– Pois descombine.

– Quer deixar-me entrar, ou quer que eu vá contar à polícia o que sei?

Ela olhou para mim, numa desorientação inquieta: – Contar o quê? – e logo se defendeu: – E quer que eu conte que trouxe a minha casa meninas sérias, para as desgraçar aqui?

Entalei o pé na porta, a tempo de ela mo magoar violentamente com a porta que não pôde fechar, e, passada a maior dor, disse: – Deixe-se de fitas. Abra a porta. O seu sobrinho partiu ontem à noite, não partiu? Eu sei disso. Já sabia quando o encontrei cá.

Abriu rapidamente a porta, suspirando: – Sou uma desgraçada, uma desgraçada. Estes homens nem a minha casa respeitam – e fechou-a atrás de mim.

Segui-a até à cozinha, onde se sentou à mesa, cabisbaixa, sem dizer palavra. Eu fui quem encetou a conversa: – Eu sei que o seu sobrinho, com outros, roubou um barco, e que fugiram nele ontem à noite.

– Não roubaram nada. O barco foi alugado.

– Mas foi para muito longe, e talvez não volte.

– Como não volta? Hão de voltar, se Deus quiser. O barco não foi mais longe do que às vezes vai.

– E o seu sobrinho é dos que voltam com ele?

– Foi o que ele me jurou pela luz dos seus olhos.

– Que história é essa de ele querer fazer chantagem comigo? Também sei disso. E ele mesmo se ensaiou no outro dia, sabe? É costume da sua casa? A senhora recebe as pessoas e ele depois vai atrás delas? Julga que, comigo, dá resultado? Que eu venho aqui com ela não é segredo para ninguém.

– É um patife aquele rapaz, um malandro, um miserável, a minha cruz. Sempre que pode ele faz isso. Um dia aparece morto por aí, que desgraça a minha – e, pelo modo como a voz se lhe entaramelou, percebi que estava bêbeda e que, até então, só para resistir-me tivera senso e fala. Duas garrafas estavam pousadas à

beira da chaminé.

– Mas você recebe parte do que ele arranca, não?

– Ele dá-me todo o dinheiro que ganha. Eu nem sei porque ele faz aquilo. É um menino tão bom, às vezes! – e lacrimejava. – Tão bom! Ele diz que são todos uma canalha, e que se têm dinheiro que paguem os vícios que têm.

– E os vícios dele, quem paga?

– Ele não tem vícios nenhuns. Só a maldade dentro dele.

– E, quando ele se fecha aí num quarto com o Rufininho ou qualquer dos amigos do Rufininho, que são seus fregueses e dele, isso não é vício?

– Não senhor, não é. Os viciosos são eles. Eles que o desencaminharam. Mas ele recebe o seu dinheiro. Mesmo do Rufininho que nos protege tanto, ele recebe sempre. Se não recebesse é que era vício. O Rufininho é tão bonzinho, coitado. E gosta muito do meu rapaz, está sempre a dizer-lhe que hão de ir para Lisboa juntos. Mas o meu rapaz ri-se-lhe na cara, e obriga-o a pagar o preço marcado.

– Preço marcado?

– Sim senhor, o preço que ele marcou ao Rufininho – e ergueu para mim uma face que era como que a da outra velha, se os vícios dela fossem os dos outros. Os lábios descaíam-lhe em comissuras rugosas. Os olhos entreabriam-se com esforço. As rugas da cara estavam profundamente vincadas, não de velhice apenas, mas de sebo negro. Para lavar-se algum dia, ela precisava de limpar as rugas, uma a uma, com a unha afiada do dedo mindinho. A língua arroxeadada pendeu-lhe hesitante, e a cabeça inclinada ao lado, no esforço de levantar-se, parecia de enforcada. E enforcada na vida é que ela estava, de facto. Arrepiei-me de pensar que como todos nós.

– O quarto está limpo e arrumado, o senhor desculpe. Eu estou tão aflita, nem sei o que digo. Entalei-lhe o pé, perdoe. Não o magoei, pois não? O senhor sabe para onde eles foram?

– Não.

– Mas o senhor disse que sabia.

– Que sabia que eles tinham ido, mas não para onde. A senhora é que sabe para onde eles foram, porque me disse que o barco não ia mais longe que onde já tem ido.

– Não sei... não sei... Eles costumam ir até Vigo, à Corunha mesmo, é o que eu ouço dizer. Às vezes mais longe, lá pelo mar acima.

– Então devem ter ido lá pelo mar acima.

Ela ficou calada. Depois disse: – O senhor... se a sua menina precisar de alguma coisa... fale comigo, não procure outra pessoa.

– Precisar de quê?

– Bem... – e fez um esforço para sorrir – ... às vezes, quando as pessoas não têm cuidado, as coisas acontecem... Muitas senhoras me procuram... E é tudo feito com muita limpeza.

– Mas é a senhora...

– Bem... quando é mais barato sou eu... mas quando é mais caro eu tenho uma «curiosa» que é um brinquinho para essas coisas – e adquiriu uma volubilidade apaixonada: – O senhor não vem aqui para fazer filhos, pois não? O senhor e a sua menina vêm aqui para gozarem-se, porque são moços, porque gostam um do outro, porque gostam... gostam, não gostam?

Eu acenei afirmativamente.

– E quer que ela fique com um filho nos braços? E ela quer ficar com um filho seu na barriga? Porque vocês, os homens, julgam que é só meter e descarregar e tirar, e o pior é o que lá fica. E as meninas nunca se lembram disso, quando estão no melhor da festa – os olhos brilharam-lhe: – E é uma festa, não é? Uma festa... – e ficou voluptuosamente rememorando a festa, com os olhos vagos e arregalados. Depois, concluiu, com rosto duro: – Uma festa que acaba mal.

– Porque é que acaba mal?

– Hum... não sabe? Tudo o que começa bem acaba mal, e tudo o que começa mal acaba bem. É assim. O senhor arranhou a sua

menina, tudo corre bem, tudo é uma beleza, é um gozo, não é? E depois a barriga dela cresce, e nasce mais um desgraçado neste mundo de Cristo. E diga-me o senhor, para quê?

– Não sei.

– Para que vem a gente ao mundo? Sim, para quê? Eu sei... eu sei. Para sofrermos. Todos sofremos, todos. E sabe porquê? Porque a gente goza e não pensa. E depois é que são elas. Se a gente pensasse, não nascia.

– Nem fazia filhos.

– Nem fazia filhos, diz o senhor muito bem. E, se eles teimarem em vir, a gente desmancha-os -. Os olhos fuzilaram de furiosa alegria: – Desmancha-os, manda-os para a casa pia. Pia, hein? – e riu, repetindo: – A pia... a pia... – e rematou: – Pela pia abaixo.

Um calafrio me percorreu, de pensar que eu podia ter descido também, num balde despejado, pela pia abaixo (como outros irmãos meus que meus pais não tinham querido). E reagi, pensando maldosamente, como seria bom que soubéssemos, retrospectivamente, quem mandar a tempo por esse caminho. Aquela velha, por exemplo. E se à Mercedes também tivessem feito isso? Mas, então, ela não seria ainda a Mercedes, mas um feto nojento. E ouvi baterem à porta, numa ansiedade feliz, como se eu, a Mercedes, o mundo, só àquelas pancadas, estivéssemos emergindo de uma pia suja, para os braços um do outro.

A velha disse: – Vá, vá abrir, que é ela... Não espero ninguém hoje, a esta hora – e, comigo já no corredor, acrescentou: – Não se esqueçam, aqui estou às ordens, para o que for preciso – e casquinou uma gargalhadinha, a que se seguiu um tombo que me fez sorrir.

Entreabri a porta, e era a Mercedes que entrou, me beijou sofregamente nos lábios, e enfiou para o quarto em que já tínhamos estado.

Dentro do quarto, voltou-se para mim, e disse: – Sabes que estou perdida? Que os meus pais sabem de tudo? Até sabem que, agora,

estou aqui contigo?

– E tu importas-te? Se estás aqui comigo, apesar de toda a gente saber, que nos importa isso?

Colou-se a mim, esfregando o ventre contra o meu, beijando-me com as mãos segurando-me a cabeça: – Só me importa, porque podem querer impedir que a gente se encontre, podem querer obrigar-te a casar comigo.

– E depois?

– E eu não quero que tu sejas obrigado a nada. Não quero ser obrigada a nada. Só quero poder encontrar-me contigo.

Eu ajudava-a a despir-se, ela despia-me, sem que as nossas bocas deixassem de colar-se e recolar-se. Nus, de pé, um diante do outro, ela pôs-me as mãos nos ombros, disse: – Quero ser tua, tua livremente. Se alguma vez eu te quisesse, mesmo tendo os melhores homens do mundo, e os piores homens do mundo, e eu te chamasse e tu não viesses... sabes o que eu fazia?

Enlacei-a, mas ela afastou-me. E foi com as pontas dos seios a roçarem-me no peito que mal a ouvi dizer-me, enquanto as mãos dela desciam e me apertavam o sexo ereto: – Matava-me.

XXX

Quando ficámos deitados ao lado um do outro, e a mão da Mercedes passeava brandamente pelo meu peito, meu ventre, a minha cintura, e eu lhe percorria lentamente o sulco central das costas com a mão que a semivoltava sobre mim, perguntei: – Eles partiram?

Logo que a fiz, não era a pergunta que queria ter feito. Mas ela, sem interromper os seus afagos, respondeu: – Sim, foram.

– Tens a certeza? – e, do mesmo passo que também era uma pergunta que não queria ter feito, senti que me era indiferente afinal saber se tinham ido, porque, para mim, como para outros, era como se tivessem ido.

– Tenho, absoluta.

– Como sabes? – e era como um jogo de perguntas e respostas.

– Porque o Carvalho, conforme tinha sido combinado, quando voltou de os levar, telefonou para mim.

– Para ti?

– Sim, para mim.

– A dizer o quê?

– Nada. Se ele me chamasse ao telefone, era porque tudo correria bem.

– Mas era muito tarde. Ficaste à espera?

– Fiquei.

– E os teus pais não desconfiaram?

– Não. Mas agora já sabem.

Em vez de perguntar-lhe como o tinham sabido, foi de outra ciência que a frase me lembrou: – E como é que eles souberam de nós?

– Porque, ontem à noite, antes de partirem, o Almeida lhes disse.

– Canalha.

Ela suspendeu os afagos, como eu também suspendera: – Não foi. Ele disse que, apesar do que se passara entre nós, casaria

comigo.

– Mas claro que foi. Se ele se ia embora...

Ela soergueu-se para fitar-me nos olhos: – Jorge... Ele não se foi embora.

Sentei-me de repelão: – Não foi?

– Não – e compôs maquinalmente o cabelo –, à última hora não foi, precisamente porque tinha dito isso.

– E tu?

– Eu respondi que não casava com ele, nem casava contigo.

– E ele?

– Ele, o quê?

– Onde está?

– Deve ter-se ido embora hoje.

– Para onde?

– Não sei nem me interessa.

– Não te interessa?

– Sabes o que ele fez ontem? Um escândalo no casino, no meio de uma data de gente, gritando alto e bom som que eu era...

– Cala-te. Que canalha...

– Não é. Ele tem razão. É o que eu sou.

– Não digas isso.

– Porquê? Incomoda-te? Não é o que tu fizeste de mim?

Apertei-lhe os braços: – Se não te calas...

– Que é que me fazes? Bates-me?

Baixei as mãos. Estávamos sentados ao lado um do outro, na borda da cama. E eu, surdamente, disse: – Se não te calas, é o que tu és.

Depois, fiquei sem conseguir levantar os olhos para ela, sem poder fazer um gesto, sem reunir ideias ou palavras seguidas. Longamente assim. Até que, sem bem compreender ou sem querer compreender, a vi rodar sobre si mesma, ajoelhar diante de mim, e abraçando-me as ancas, enterrar o rosto nas minhas virilhas. Inclinando a cabeça, via-lhe os cabelos espalhados no meu colo, ao

mesmo tempo que sentia a boca dela, que me mordida suavemente. Procurei levantá-la, mas ela resistiu. Então, caindo para trás, puxei-a para mim, e fi-la girar até eu lhe segurar as ancas, cego sob o seu sexo, como ela me cingia as minhas. Quando, mais tarde, as nossas bocas se encontraram, já nenhum de nós sabia qual de nós era o outro.

Então, abraçados, na quase noite que invadia o quarto e vinha saindo com névoa negra dos cantos sombrios, apenas não tocando a brancura dos nossos corpos, contámos tudo um ao outro, numa confusão de pormenores e de referências que o outro não entendia claramente, mas percebia profundamente. Tudo o que se passara em nós ambos. Ela disse-me como tinham sido as cenas a que eu não tinha assistido: o irmão, o Almeida, os pais, era como se estivessem, calmos e desprezíveis, sentados ao nosso lado. O mesmo aconteceu com meus tios, os Macedos, o Rodrigues, a sogra de meu tio. Todos não passavam de comparsas do nosso amor. E o nosso amor, muito distante e saciado, não passava de comparsa de si mesmo, e não nos doía de nada.

Quando nos levantámos, nos lavámos e vestimos, ela disse: – Amanhã, os meus pais vão-se embora. Eles também já sabem da fuga para Espanha.

A princípio, não entendi: – Embora? Para onde?

– Voltamos para casa.

– Voltamos?

– Tu também?

– Para onde queres que eu vá? Queres que eu fique? Como?

– Que fiques comigo.

– Aonde?

O meu silêncio desesperado fê-la acrescentar: – Vês como eu sou o que ele disse? Nem sequer tens para onde me levar...

– Não digas isso – e estava imóvel, junto dela. – Não tenho para onde te levar, porque não tenho nada de meu.

– Também eu não.

– Nenhum de nós tem nada senão o outro.

Ela disse lentamente: – E qualquer de nós é de mais na vida do outro.

Abraçou-a e beijou-a, dizendo: – Não... não... isso não.

– Mas é verdade. Queres ver?

– Não quero ver.

Tapou-me os olhos com as mãos, e disse ternamente: – Não vejas... mas ouve. Posso ir para casa de teu tio? Não. Posso ir contigo para Lisboa? Não. Posso ficar na pensão? Não. Posso viver aqui, neste quarto? Não. Tu podes pagar-me nalgum lugar? Não.

– Mas podíamos trabalhar e viver juntos.

– Trabalhar em quê? Só se for nisto que fazemos juntos... Oh meu amor, como eu queria que não fosse assim... Mas eu só posso estragar a tua vida... Sabes?... A gente conheceu-se cedo de mais, ou tarde de mais. E tu só te atreveste a ter-me como tiveste, porque outro me tinha tido antes. E eu entreguei-me a ti, a quem amava, só porque outro me fizera dele e tua também. Antes, não nos teríamos amado como amamos, não é? E, agora, é tarde para começarmos do princípio. Nós não tivemos princípio, meu amor. A única coisa que podemos fazer é não ter fim no nosso amor. Tudo o mais que fizemos por ele, que sacrificarmos por ele, só pode acabá-lo mais depressa, ou acabar com a vida em que podemos tê-lo.

– Como és capaz de dizer tudo isso, como podes pensar tudo isso, tão serenamente?

– Mas eu não estou serena, querido, não estou. Pelo contrário.

– E achas que o nosso amor vai suportar tudo? Vai durar sempre, se não estivermos sempre, a todas as horas, ao pé um do outro?

– Se não durar, mesmo com outras pessoas de permeio, é porque não é o amor que a gente julga.

– E as outras pessoas vão aceitar tudo isso?

– Não precisam de saber.

– Mas, se não souberem, estaremos sendo leais com elas?

– Eu não devo lealdade a ninguém, senão a ti e a mim mesma.

Mas tu já estás a pensar se podes casar com outra, ter filhos dela, e, de vez em quando, apesar deles, seres comigo o que és para mim.

– Não estou.

– Acredito que não estejas. Mas não precisas de mim.

– Preciso de ti a todas as horas, todos os instantes.

– Mas eu não sou de todas as horas e de todos os instantes contigo. Sou só destas horas e destes instantes. Eu conheço o teu corpo, como nunca nenhuma mulher conhecerá, e pertenço-te inteiramente, como se fosse uma mulher que tu pagasses.

– Não.

– Sim... Tu pagas-me com o teu amor. Não com a tua carne só, nem com os teus pensamentos. Quando estás em mim, não pensas em nada, nada, pois não? Nem em mim? Nem em ti? O teu amor, o que eu sinto que amor seja, é isso. Nunca poderias dar-me mais do que dás.

– Achas que te dou pouco, que não sou capaz de dar mais.

– Não. Eu expliquei-me mal, desculpa, querido. O que eu quis dizer é que, para mim, isso é o máximo, é mais que tudo.

Deu-me um beijo esvoaçante e rápido: – Vamos embora.

Saímos para o corredor escuríssimo, e eu abri a porta para ela passar. Mas prendi-lhe a mão: – E agora?

– Eu escrevo-te depois.

– Juras?

– Juro.

A velha surgiu do escuro a meu lado: – Ela não volta mais? Vai-se embora? Mas o senhor volte, ahn?, volte sempre. A casa é sua – e guardou a nota que lhe meti na mão.

Quando já eu ia na rua, desejoso de perseguir a Mercedes e apanhá-la ainda no caminho, ela chamou-me. Parei, e voltei-me. Fazia-me sinaizinhos afetuosos, com a boca em bico que fazia sombra na face, à luz do candeeiro que iluminava a rua. Aproximei-me uns passos.

– O senhor desculpe-me o pedido... Mas, como a menina parece

que não volta... Se o senhor souber alguma coisa deles... alguma notícia... percebe... o senhor dá-ma? E venha sempre que quiser... volte à vontade, com quem quiser... E, se tiver uma dificuldade, paga quando puder...

Já voltara a esquina, correndo, quando as últimas palavras dela, que eu ouvira, se me repetiram na memória. Que insinuara ela? Que a ela não deixasse de recorrer, no caso de a Mercedes ficar grávida? Ou que, para outras aventuras, já que a com a Mercedes parecia finda, me continuasse a servir da casa dela? Talvez que me quisesse insinuar as duas coisas que, para ela, conexas com a cama que alugava, não deveriam ter, por certo, expressão diferenciada. E o que ela queria, também, era não perder contacto com uma das pessoas que poderia, indiretamente, dar-lhe notícias do sobrinho. Não precisei de correr muito, para apanhar a Mercedes. Mesmo o muito que corri quase fez que a ultrapassasse sem vê-la, porque ela tinha parado, encostada a uma parede. Foi ela quem me falou à passagem.

Chorava. Limpei-lhe as lágrimas. Perguntei-lhe absurdamente o que tinha, como que para idiotamente consolá-la. E a pergunta, análoga à que se faz a uma criança que chora por uma razão que sabemos, fê-la sorrir, também como a criança sorri do jogo de fingirmos ignorar o que ela sabe que sabemos, no momento em que a superioridade, que a pergunta lhe concede sobre nós, do mesmo passo anula a importância do desgosto, ou, não a anulando, distancia a causa para o rol das coisas insignificantes e risonhas. Pegando-me na mão, ela propôs: – Vamos voltar para trás? Queres? Vamos ficar lá?

Voltámos. A velha recebeu-nos sem surpresa, como se voltarmos outra vez fosse a coisa mais natural do mundo. Talvez que, habituada a que os pares se sucedessem, ela não distinguisse se eram os mesmos ou outros. E ofereceu-nos de jantar. Eu ia recusar categoricamente, quando a Mercedes declarou que tinha fome e que aceitava sim senhor muito obrigado. Sentámo-nos à mesa da

cozinha, e a velha, comendo de prato na mão, de pé, a mesma sopa de peixe, que nos serviu, olhava-nos e dizia (regando de vinho a sua sopa) com olhos ternos: – São como dois pombinhos... – enquanto eu, repartido entre a fome que também sentia e a irritação que me causava o apetite da Mercedes (que eu nunca vira comer a uma mesa), mal comia ou falava. Ia mesmo perdendo a fala, escandalizado pela intimidade que se estabelecia femininamente entre ambas, com sorrisos e olhares de entendimento, que me envolviam e me vexavam. A velha dizia que gente nova, como nós, precisava de comer bem, e que não havia como o amor para abrir o apetite nem como a barriga cheia para espevitar o amor. E concluiu sentenciosamente: – Com fome, nada se faz bem feito, nem isso – o que provocou na Mercedes um riso aberto e franco, que me enfureceu. Os dentes dela, aparecendo brancos entre o riso, tinham brilhos que me fizeram sentir, no que fisicamente eu dava de mim àquele corpo com dentes, como uma sopa de peixe, gordurosa e fluida.

Pancadas na porta obrigaram-nos a correr para o «nosso» quarto, em que a desordem das roupas e do lavatório davam ao regresso, ao contrário do que seria de esperar, menos um tom de reatado prazer que o contacto com uma sordidez que não tivesse sido criada por nós mas por antecessores ocasionais. Compreendi que o que de nós seja anterior é sempre como uma sordidez alheia, uma espécie de devastação e de lixo, que nós próprios fazemos existindo, e que nos fazem os «outros», os que nos antecederam, e podemos ser nós mesmos. O nojo que sentimos da sujidade e da desordem dos outros não é diverso se «eles» forem ou tiverem sido nós próprios. Mas esse nojo, fazendo-nos outros, precisamente acentua – e acentuou – o gosto de nos reencontrarmos em lençóis amarrotados, como se a liberdade de voltarmos, contra tudo e todos, e fossem quais fossem as consequências, se não realizasse plenamente, qual desordem que era, sem a mesma desordem suja que o nosso amor fazia. As toalhas sujas, a água suja, tudo o que tornava o quarto um antro que só o

arrumo momentâneo escondia, tudo era, afinal, à medida dos nossos desejos. Apertando a Mercedes contra mim, novamente nos espojando nus sobre a cama, o nosso amor tinha todavia um ar de brincadeira gratuita, uma agitação de exuberância vital, como a de crianças rebolando na areia da praia. Não só na vida, como na cama, havíamos abolido qualquer pudor mútuo, aquele último resto de reserva, que as mãos, as bocas, e os sexos, ainda mantêm na convenção adulta de serem partes distintas. E por isso éramos crianças brincando no seu próprio esterco, sem deixarmos de ser o que nem crianças no esterco são. O nosso próprio cheiro de todas as secreções que as mãos e a boca e o nariz tocavam, cheiro que lambíamos esquecidos de todas as repugnâncias, mas sem a audaciosa loucura com que, à tarde, havíamos rompido as últimas barreiras, esse cheiro pairava confundido. E era isso o que lhe retirava toda a repugnância: só é repugnante o que seja de cada um enquanto «um». E nós não éramos sequer como crianças que descobrem pasmadamente a existência de outras crianças: éramos crianças um no outro, penetrando-nos mais longe do que nunca a vida, se vivida no encontro dos seres mas não do que nos seres penetra os outros, permite a crianças ou adultos. Não era, por isso, o cheiro cálido de nós o que mais nos excitava, nos fazia desesperar de as línguas não serem suficientemente longas para beijar. O que nos tornava transbordantes era a segurança tranquila e ansiosa de nos possuírmos sem nos possuírmos, de a posse ser menos uma conquista que uma entrega, menos um avanço em que a extensão do corpo é limitada pelas suas fronteiras de carne, do que um recuo de nós próprios na anulação de impormos a outrem os nossos limites físicos.

Quando nos aquietámos, e eu fiquei no prazer de sentir-me mole contra o seu ventre duro um sexo palpitante dela, não pensei em nada. O meu pensamento era a sensação que a pele dela deixava nas minhas mãos, sempre que, vagarosamente, eu as movesse com delicadeza. Era a sua respiração quase impercetível mas docemente

tépida. E, soerguendo-me um pouco, vi que ela dormia nos meus braços. Dormia tão quietamente, tão serenamente, tão completamente, que era como se estivesse morta. E um arrepio me percorreu de lembrar-me que ela dissera que se matava, se eu alguma vez me recusasse ao seu amor. Mas, vendo-lhe as pestanas pousadas, a boca finamente entreaberta, o nariz afilando-se de humedecido suor, e os seios redondos, e o triângulo negro do ventre, podia eu alguma vez deixar de amá-la? Poderia alguma vez recusar-me a ela? Não. No silêncio do quarto, da casa e da rua, ouvi passos no corredor e a porta que se abria e fechava. Aqueles iam-se embora, com o seu prazer conclusivo. Não tornariam a encontrar-se, porque o encontro fora um fracasso, ou porque era de acaso, e desviariam os olhos quando se cruzassem na rua, até que um encontro fosse já de acaso outra vez, ou, na fome e na memória ilusória, tivessem já esquecido o fracasso da primeira hora ou desejassem transformá-lo numa doce recordação triunfal. Ou seriam amantes por vício, que sofregamente cevavam um no outro, sempre que podiam escapar-se até ali, as substituições frustradas que, cada um, por dentro dos olhos fechados do outro, personificava. Porque amantes como nós ninguém podia ser. Ninguém era. Ninguém seria, a menos que tudo se lhes repetisse exatamente como para nós. E que vidas se repetem, sem que a nossa entre nelas? Com renovada ternura, percorri minuciosamente com os olhos (passeando-os atentamente, mas levemente, não fosse o meu olhar despertá-la daquele sono em que era tão minha) aquele corpo que, como a minúcia me fez entender, não era tanto a Mercedes como o meu próprio corpo realizado noutrem. Não a metade ideal que se procura. Não a mulher pela qual, em nós, somos homens. E muito menos homem feito mulher fora de nós. Tudo isso, vagamente pressentido na acuidade com que a examinava, não era ela, nem a minha relação com ela, com aquele corpo. Mas eu mesmo como amor que se materializa, como realidade que se torna espaço e forma, como sexo que perde a sua solidão de instrumento, para

adquirir a independência de uma solidão autônoma e imprevisível, em que o sexo não é uma parte que estrutura e que domina um corpo, um eixo em torno do qual roda a vida, mas um centro em que ela se detém, um todo em que ela se concentra como coisa viva, e não como coisa vivida. Senti assim a que ponto não é por sermos coisas, ou tratados como tal, que deixamos de existir livremente, ou de existir apenas, sem mais. E sim quando não ascendemos à dignidade que as coisas têm, para perdermos a fragilidade momentânea e fugaz de que somos feitos. Aquele corpo não era a Mercedes mas uma coisa que eu também era, porque nos havíamos libertado de tudo para o sermos. O amor não era um ente espiritual que se corporizava. Seria falso então, uma pobre imitação do seu ser em si. O que o amor era, o que o amor só podia ser, para ser verdadeiro amor, era aquela coisificação num corpo não apenas desejado, não apenas possuído, não apenas minuciosamente reconhecido e devorado por um olhar que complete a posse insatisfeita, mas realizado, recriado não pelos olhos e pelos sonhos, mas pelos próprios gestos e atos do amor. Coisa, rebaixada coisa, seria ele como desejo humano que se visita e consola. Gente, apenas gente, ele o seria, se tivéssemos ficado aquém de nos ignorarmos nele. Mas a dignidade da forma, da existência, da criação, da coisa que não precisa de completar-se com almas ou com pretensos pensamentos de imitado amor, isso o corpo dela atingira, dormindo ali a meu lado. Era e não era um corpo. Era e não era ela. Não porque ela se dissolvesse, e o corpo como seu (e como ela) também, mas porque as minhas carícias o haviam feito, o haviam moldado, sem fazerem dele uma imagem fictícia que somasse, num só, outros corpos imemorialmente desejados. Precisamente o que o transformava numa coisa tão real era que nenhum corpo, nenhuma imagem, entrava ali na composição dele. Tudo tinha sido excluído por ele, nele, e para ele. Até a Mercedes. Até eu. Absolutamente tudo. E foi neste momento que eu compreendi porque não podia amá-la, e adormeci serenamente a seu lado, sentindo que

adormecia.

Enquanto dormia, num repousar que me deslaçava a consciência de mesmo o que acabara de pensar, não deixei de sentir a cabeça da Mercedes no meu braço, nem o sexo dela nos meus dedos pousados. Assisti, como de olhos abertos, ao sonho que eu me via sonhar. A Mercedes levantou-se, vestiu-se, beijou-me na testa e saiu silenciosamente. Mas, ao sair, o corpo dela brilhava nu, entre portas. A velha entrou, seguida pelo sobrinho, este pelo Carlos Macedo, este pelo Rufininho, este pelo Rodrigues, este pela sogra de meu tio, esta pela minha tia, esta outra vez pelo Rodrigues, este pelo Luís Macedo, este pelo rapaz da igreja, este pelo velho da igreja, este pelo Carvalho, este outra vez pela sogra de meu tio, esta pelo meu tio, este pelo meu primo Ramiro, este pela Odette, esta pela Helena, esta pelo Almeida, este pelo José Ramos, este pela criada do meu tio, esta pela noiva do meu amigo Mesquita ao telefone, esta pelo Mesquita, este pela senhora das ilhas que era amiga da mãe do Ramon, esta pela mãe do Ramon, esta pelo Ramon, este por Don Juan de Diós, este pelo vulto que eu entrevira no automóvel, este por Don Fernando, este pela tia dos Macedos, esta pelo capitão Macedo, este pelo meu pai, este pela minha mãe, esta por mim próprio. E depois de mim entraram também tios meus, marinheiros e pescadores, soldados e polícias, e uma pessoa loura que era uma praia com barcos. O quarto regurgitava de gente, todos começaram lentamente, apesar da falta de espaço em que se acotovelavam, a despir-se com método, sorrindo uns para os outros. Com extremo cuidado, dobravam as roupas e atiravam-nas depois para um canto do quarto, onde elas se remexiam e torciam sozinhas e se transformavam, pouco a pouco, em pernas e braços e cabelos. À medida que todos iam ficando nus, nenhum tinha corpo, e eu via, através deles, os móveis do quarto. Este era, ao mesmo tempo, a casa de meu tio por fora, dormitório do colégio que eu visitara, por dentro, e também uma praia à noite, com lanternas fazendo sinais no escuro. Nesse momento, dois automóveis chegaram à beira da

praia, e deles apearam-se, e ficaram outra vez no quarto, apesar de já lá estarem, o Carvalho, o Ramos, o Carlos Macedo, o sobrinho da velha, e o Almeida. Mas este, puxando de uma pistola, deu silenciosos tiros nos pneus dos automóveis, que se esvaziaram. Chegou então um terceiro automóvel, de onde saíram os espanhóis, e mais outras pessoas fardadas. O bar do casino estava iluminado no meio da praia, e a praia era o adro da igreja. Mas, neste, não era ninguém de toda aquela gente quem estava, mas eu, sentado no restaurante, e comendo pescada cozida que o criado me oferecia. O patrão, muito gordo e em cuecas, entretanto, ia passando pelas portas dos cubículos do dormitório do colégio. De repente, muitos tinham um pau na mão, com que rasgavam o lençol da cama, e dos rasgões saía sangue que empapava a areia da praia, a pescada cozida, e a passadeira da escada da pensão da Mercedes. Foi então que a Mercedes voltou e que vi o amigo do pai do Ramon a chorar no quarto ao lado do escritório onde estudávamos. A criada do meu tio abria as pernas, e a barriga dela via-se por dentro, como um corredor varrido e encerado. Todos desapareceram de repente. Ouvi tiros que todavia eram silenciosos, e chegou um quarto automóvel que chiou travando ao pé da cama. Nele, estavam o Rodrigues e a sogra do meu tio. A Mercedes embarcou nele e o carro afundou-se lentamente no mar. Depois, à beira de água, estava morto o José Ramos. Debruçando-me para ele, ouvi o Almeida, no meio do bar do casino, chamando nomes à Mercedes, o José Ramos, sorrindo, piscou-me o olho, e adormeci profundamente, mergulhando numa treva esverdeada e marinha, com cheiro a sopa de peixe, onde perpassaram ainda algumas sombras. Depois, entreabri os olhos, e senti uma agonia terrível em que a sopa de peixe me subia à boca. A Mercedes dormia a meu lado, na lividez que era a da manhã coando-se pela janela. Uma friagem se apoderara de mim, e puxei o lençol para cobrir a Mercedes. E levantei-me devagar, com uma enorme vontade de urinar, como se havia dias não urinasse. Peguei no balde, segurei-o nas mãos, e, quando ia urinar voltando as costas

à Mercedes, percebi que não conseguiria urinar de costas para ela, porque lhe imaginava o corpo e porque, ao mesmo tempo, não tinha vergonha dela. Foi voltado para ela, e vendo-a, que urinei. Ela voltou-se melhor de costas, suspirou. E eu, regressando à cama, descobri-a, contemplei-lhe o corpo e as suas pernas que se afastavam em sonhos, e deitei-me sobre ela, suspenso nos pés e nas mãos, sem tocá-la com mais que o sexo. Ela agitou-se, gemeu, torceu-se, e abriu uns olhos espavoridos e apaixonados. Quando eu a penetrava, disse: – Sonhei que tu me tinhas violado –. Depois, e tudo foi muito rápido, levantou-se, e sentou-se no balde, a urinar rindo para mim. Sentou-se na cama, espreguiçando-se, e depois deixou-se cair atravessada sobre o meu corpo. Eu, lembrando vividamente o sonho que tinha tido, perguntei: – Como sonhaste que eu te violei? –. E ela respondeu: – Exatamente como fizeste da primeira vez –. Noutra ocasião, eu teria julgado talvez que ela sonhasse ainda. Mas agora, não. Ela era o corpo intacto do nosso amor. Seria sempre eu quem, violando-o, o refazia mais corpo do que nunca. O que outro rasgara era outro corpo. E olhei o lençol com que nos havíamos coberto e era inconsútil como só rasgado em sonhos.

Ela levantou-se, e começou a vestir-se. Quando se penteava, eu pensei que, de facto, eu não podia amá-la. Ela era o meu amor. Nada me ficava com que ter-lhe afeto. Eu fechei tranquilamente os olhos, certo de que, assim, eu a teria sempre, tal como ela queria ser sempre minha.

Sáímos sem fazer ruído, e sem que a velha nos aparecesse. O sol passava por cima das nossas cabeças e por cima dos telhados das casas baixas. Um cheiro a maresia quase ardia nas narinas. Fomos andando de mão dada, indiferentes a que fosse aquela a última vez que, por agora e não sabíamos por quanto tempo, estivéssemos juntos. E descemos, passo a passo, em direção à praia. O mar, que já entrevíamos nos intervalos de sorrirmos fugidamente um para o outro, estava muito tranquilo. Na praia deserta, havia, por toda a

extensão do areal, um molho de gente que parecia pescadores debruçados para a rede. Fomo-nos aproximando. Por entre as pernas nuas, distinguia-se na areia uma forma oblonga e escura, como um peixe monstruoso que fosse o foco de atração e de pasmo daquelas pessoas que se agitavam à volta dela. Mais perto, vimos que a agitação não era tão grande como parecia, e que até havia nos movimentos do grupo uma espécie de lentidão solene. Não era um peixe, era um cadáver de homem. Não era escuro, mas pelo contrário muito claro.

Segurei a Mercedes, e disse: – Vamos embora.

Com os dentes cerrados, e os olhos fascinadamente postos no cadáver, desenvencilhou-se violentamente de mim: – Não. Deixa ver – e quase correu para o grupo. Parecia que toda a areia era movediça e me prendia os pés que se enterravam nela. O corpo seminu, estava deitado de costas, obscenamente inchado e coberto de equimoses que eram mordidas de peixe e princípios de podridão verdosa na pele muito branca.

Era o José Ramos, e o grupo alargou-se mecanicamente, para que, aproximando-nos, pudéssemos vê-lo melhor.

XXXI

A Mercedes recuou, de olhos fitos nele, com as mãos na boca, e o grupo comentou que aquilo não era espetáculo para mulheres, e que andava uma mulher a fazer na praia pela madrugada? Eu agarrei-a pelos ombros, e arrastei-a para mais longe.

– Era ele, não era? – perguntou-me, parando e erguendo para mim um olhar vazio.

– Era.

– Eu já esperava.

– Porquê?

– Não foi desastre, tenho a certeza que não foi. Ele matou-se, ou deixou-se morrer. Por nossa causa.

– Não sejas idiota.

Sentou-se na beira do cais, chorando: – Não sou idiota, não. Ele sabia que nos tinha vendido um ao outro. E, no fim de contas, não tinha valido a pena.

– Não digas isso.

– Mas é a verdade. Porque, afinal, tudo correria bem, e o outro não foi preciso para nada.

Apesar das lágrimas dela, havia na nossa conversa uma frieza indiferente que começava a horrorizar-me. Ela continuou: – E ele matou-se ou deixou-se morrer para vingar-se de nós.

– Vingar-se de nós?

– Sim. Tu não imaginas o horror que ele tinha a tudo o que fosse um homem perto de mim, o ódio que ele tinha... ao Manuel... e a ti.

– Mas é natural que ele detestasse homens que, por outras razões, não podia fazer que pagassem... pelo mal que te tinham feito e que te faziam.

– Não é isso. Estás enganado. Ou não era só isso. Ele tinha, apesar de proceder como livre de todos os preconceitos, os preconceitos mais tacanhos. Era como se ele achasse que o mundo

estava todo errado, por não ser um arraial de pureza. Tu sabes como ele começou a ter esta vida que tinha, e para que arrastou toda a gente que estivesse perto dele? Foi quando os alemães começaram a ser nazis, e ele se sentia cada vez mais alemão. A coisa mais difícil para ele era que tivéssemos a mesma mãe e dois pais diferentes, apesar de lá em casa isso não fazer diferença nenhuma.

Eu ouvia-a, com os olhos no grupo ao longe, e o meu horror crescia de estarmos ali sentados a conversar, como se o cadáver do José Ramos estivesse enterrado havia muito tempo, e não fosse o centro, além, daquele molho de corvos da curiosidade.

– Não fazes ideia do empenho que ele pôs em organizar esta viagem, contra mesmo a vontade do partido. Ele queria uma coisa retumbante que compromettesse toda a gente de uma vez para sempre. Mas, se o Almeida não ia e tu ficavas, ele não suprimia um, nem evitava outro. Tu sabes o que uma namorada dele me disse uma vez?

– Ele tinha uma namorada?

– Tinha. Ela disse-me que ele lhe metia medo, tamanha era a dureza com que olhava para ela e falava de quando a possuiria. Tu sabes uma das razões por que ele se matou?

– De tristeza por não ser capaz de deixar de pensar em ti e em mim, de nós termos para ele, afinal, mais importância que tudo o que ele queria fazer – disse eu, sem pensar no que dizia.

Ela abriu muito os olhos: – É. Tu adivinhaste.

Levantei-me: – Vamos embora daqui.

Pôs-se de pé na borda da muralha, ficou olhando para o grupo distante, e disse: – Se tu soubesses como eu gostava deste meu irmão...

Segurei-lhe o braço: – Eu sei.

– E agora ele não está vivo. Não posso tornar a vê-lo. Aquilo já não é ele.

Fomos andando, e eu disse: – Estás enganada. Aquilo é ele.

– Não.

– Sim, é ele. Mas ele não se vingou de nós. Não foi ele quem trouxe o cadáver para ali. Não foi ele quem nos levou à praia para que o encontrássemos. Ele só se vingou dele mesmo. E tudo o mais aconteceu por acaso – e lembrei-me de o ver morto no meu sonho.

– O acaso, dizes tu... O acaso é a coisa mais horrível que há.

– Precisamente porque parece que não é acaso.

Continuámos o caminho, algum tempo silenciosamente. Depois, ela disse: – E agora? Agora que vamos fazer?

– Nada. Ele morreu. Apareceu na praia. Nós não o vimos.

– Não o vimos?

– Não. Tu vais para a pensão, entras no teu quarto, deitas-te a dormir, dormes, e pronto. Não faças o jogo do acaso. Ele que o faça sozinho.

– Ele, quem?

– O teu irmão, ou o acaso. Tanto faz.

– E achas que posso? – e o rosto dela parecia emaciado de velhice.

– Vais poder, porque sou eu que te mando.

– Mas tu não mandas em mim.

– Não mandava. Mas agora mando. Pela primeira e pela última vez.

Ela parou, apertou as mãos sobre a boca, com os olhos em lágrimas: – Ó Jorge... perdoa... mas sou tão feliz... é pavoroso... tão feliz... estou só, só, só...

Estávamos à porta da pensão. A porta estava fechada ainda. Antes de bater, ela disse: – Adeus... até sempre... agora é que é até sempre. Ganhámos.

Abricei-a e beijei-a: – Pois ganhámos.

Ela entrou, e eu afastei-me logo. Umhas esquinas adiante, parei, e exclamei alto: – Ganhámos o quê? – e a mim mesmo respondi que, naquele instante, o que importava era ter ganho, independentemente de saber-se o quê. A morte do José Ramos era

um absurdo cheio de sentidos, ou um sentido cheio de absurdos. Mas não era real, eu não a sentia. Tínhamos visto o cadáver, tínhamos discutido a morte dele, que fizera aquele cadáver, tínhamo-nos separado, mais libertos ainda por aquele cadáver (e, enquanto ele flutuava para a praia, a Mercedes tornara-se-me mais que a vida, e tão distante e tão presente como ela, feita o corpo de que o amor existe), mas essa morte não tinha realidade alguma. Por inesperada? E sê-lo-ia? Por disparatada? E sê-lo-ia? Por incongruente? Mas sê-lo-ia? Não tinha realidade, porque a morte não tem realidade. É uma anormalidade tão espantosa na sua repetição, que não tem realidade alguma. No momento em que é real para quem morre, deixa de o ser, porque quem morre morre; e, para os outros, não tem realidade em si, mas como o vazio que provoca, ou como obstrução que causa. Ou nem isso. O José, morrendo porque tinha querido morrer, ou porque calhara morrer exatamente como talvez desejasse, nem nos deixava um vazio, nem nos obstruía nada. E não era estranho que fosse afinal um simples nada quem tinha manejado tanto das nossas vidas e de tanta gente? Não era. Ou porque ele manejara, num esforço desesperado para não ser o nada que era; ou o manejar a vida dos outros nos torna nada, e tanto mais quanto mais fazemos nossa a vida dos outros. Porque a vida... – e entrei numa tasca para tomar café. Bebendo-o, e trincando o pão com manteiga, pensei que a vida era isso mesmo: um pão que se engole e pesa no estômago, juntamente com o café que o faz pesar menos. E aquele calor na barriga, depois. E os borboríngamos que o café provoca. Pedi licença ao dono da tasca, para entrar na retrete que estava imunda. A vida também era aquela impossibilidade de pormos os pés na merda alheia, o que me fez recuar. Mas era igualmente a dor de barriga inadiável e agoniada que não me consentiu sair dali. As paredes, que a lâmpada no teto iluminava, estavam todas rabiscadas a lápis. A porta, que encostei, tinha inscrições gravadas a canivete. Eram morras ao governo, palavrões, vivas à república, denúncias de que o dono da

tasca era corno, desenhos em que se viam homens e mulheres, ou homens com homens, nas mais variadas posições obscenas, gabações de que alguém, que se nomeava, tinha feito a outro alguém isto ou aquilo, recomendações poéticas como «não cague cantando, que a merda sai dançando», vaidosas medidas de pénis e de testículos, proclamações de preferências sexuais, retratos (e mesmo «autorretratos», como um com a legenda: «este sou eu»), e até jogos de surpresa (como um traço que dava a volta às paredes e terminava com um insulto a quem o tivesse seguido com os olhos). Aquelas paredes eram, como a retrete em que eu estava sentado, uma retrete da vida. As cabeças descarregavam-se nelas, como os corpos no vaso. Subitamente, vi diante de mim, como boiando numa sopa de peixe, o corpo descomposto e decomposto do José Ramos. E, inclinando-me para a frente vomitei para o chão mijado e cheio de papéis sujos.

Fiquei, depois, longamente e estonteadamente inclinado para o cheiro nauseabundo do pequeno cubículo cuja realidade me entrava assim pelo nariz. Quando abri os olhos, a tontura e a agonia haviam passado, e com elas, dissolvida no acre fedor que me invadira todo, a imagem flutuante do Zé Ramos. Levantei-me, limpei-me, arranjei-me. E, agradecendo ao patrão da tasca, esgueirei-me para a rua. Encaminhei-me, na manhã clara, para casa de meu tio. Dentro da cabeça, em torno do corpo resplandecente da Mercedes, esvoejavam os desenhos e os dizeres daquelas paredes.

Empurrei o portão que estava encostado. Percorri lentamente, ouvindo o areão estalar sob os pés, a avenida das palmeiras. À porta da cozinha, estava a criada mais velha que me olhou de esguelha, abanando a cabeça... Subi até o meu quarto, despi a roupa nojentamente suja, enfiei o pijama, e meti-me na casa de banho. Tirei o pijama, e pus a correr a água quente para um banho. Um banho demorado, bem quente, em que eu flutuasse... Não. Que a água não chegasse para eu flutuar, e apenas me cobrisse, com muita espuma. Sentado na borda da banheira, baixei os olhos para o meu

corpo. Depois, dirigi-me ao armário, cuja porta tinha por dentro um espelho. Havia muito tempo que eu não me contemplava, desde que saído da infância usava o espelho da casa de banho da minha casa, para ver-me em várias poses. Mas não consegui mais que fitar-me de relance, e logo fechei a porta. Tudo aquilo que eu via, que era a minha forma total, apodreceria. Só ficaria mais tempo o que se não via, o articulado suporte daquele ser que eu era. E os sentidos e o sexo, tudo o que sentia e propagava vida, tudo o que gozava, tudo o que podia concentrar-se num endurecimento de desejo, rapidamente desapareceria. Seria primeiro podridão fétida, depois uma pasta pegajosa, no fim uma poeira que se não distinguiria do outro pó. Aquilo por que éramos, sentíamos, conhecíamos, existíamos, nos podíamos tornar um corpo triunfante, acabava connosco, não nos sobrevivia: apenas durava mais o cabide daquilo, sem que sequer pudesse aguentar-se de pé. Revi o esqueleto que havia no liceu, pendurado de uma haste de ferro, como um enforcado, e com os ossos presos uns aos outros por araminhos. E a vida era isso: a duração daquele conjunto de carne, pela qual a nossa consciência, as nossas faculdades, o nosso «eu» existia. Compreendi que o meu horror não tinha sentido: éramos a carne, e o nosso sexo, pelo qual éramos, não poderia ser senão de carne, carne delicada e frágil, como a vida.

Entrei no banho, e lavei-me conscienciosamente, com aplicação, como se estivesse cumprindo um ritual sagrado. Não houve pregação de mim que eu não esfregasse repetidamente, com uma suavidade voluptuosa. Depois, deixei-me ficar estendido dentro de água, numa sonolência aprazível, fora do tempo ou do ser. Despertaram-me movimentos no puxador da porta, pancadas nela a seguir. Respondi que ia sair já, não demorava. Limpei-me, vesti o pijama, abri a porta. Não estava ninguém no corredor. Voltei para o quarto, fechei as janelas, deitei-me na cama. Sentia um relaxamento, uma lassidão imensa, um repouso vasto e profundo como não a treva mas só a claridade vaga dentro do quarto, que fazia altíssimo o teto, me

podia sugerir. Não conseguia lembrar-me de ninguém. Mas não me sentia só. Estava só, não me lembrava de nada nem de ninguém, a sensação de repouso era total, não me sentia só. Deitado de costas, olhava o teto altíssimo. Começou então a subir, dentro de mim, uma espécie de soluço. Deitando-me de lado, encolhido, percebi que o soluço era um choro que me sacudia, que pouco a pouco deixou de me sacudir, que se tornou como que plácido correr de lágrimas, e me transportou deslizantemente para um dormir tranquilo.

Acordei, e pareceu-me que tinha dormido horas a fio. Sentia-me ao mesmo tempo vazio e pesado, mas bem disposto. O peso que eu sentia na cabeça era aliás do próprio vazio que, com ele, eu também sentia. Era como se me pesasse o alívio de não me lembrar de nada nem de ninguém; e como se, opostamente, o peso que não tinha nomes nem imagens me desse uma sensação de agradável vazio. Mas a própria sensação de vazio anónimo, como a boa disposição que eu sentia (semelhante à da pessoa que dormiu longamente, após um cansaço que se lhe esvaiu), tiravam daquele peso uma espécie de inquietação, uma consciência fluida de culpado egoísmo. No espreguiçar-me que me distendeu, essa consciência aumentou um pouco, como se, para não tê-la, eu devesse ficar inteiramente imóvel, sem gesto algum que fosse análogo àqueles que a minha memória, para minha paz, suprimia. Mas, no aumento dela, cujas recusas reconheci sem identificá-las, veio também uma ampliação da segurança indiferente que me libertava. E, pouco a pouco, gesto a gesto cauteloso, fui vendo que, se não me precipitasse nos movimentos que fazia, conseguiria levantar-me e viver, sem lembrar-me de nada. Ou, pelo menos, sem que nada reassumisse atrevidamente uma importância que a minha consciência atual se eximia a dar-lhe. Que horas seriam? Onze e alguns minutos. Talvez que eu não tivesse dormido sequer uma hora. Mas aquela consciência recusou-se a conferir o quanto, mais ou menos, eu dormira. Conferi-lo seria reconhecer que dormira muito pouco e devia, portanto, continuar cansado; e também seria, recordando a

hora a que me deitara, reconhecer a cadeia de factos, de que eu viera até ali, e me fizera, após ela, dormir tão pouco.

Foi, neste estado, que, depois de pronto, eu descí, para encontrar a minha tia na sala de jantar, discutindo com as criadas os preparos do dia. Quando me viu, disse: – O teu tio está no quintal. Mas toma primeiro café –. Agradei, dizendo que não queria nada, e saí para o jardim. Contornei a casa e não encontrei meu tio. Vi, por fim, que ele estava no mirante. Atravessando o matagal, corri de súbito, para escapar-me a um cheiro horrível e que me ia fazendo lembrar de tudo. Apenas aceitei, sem mais, enquanto corria – já sob o olhar de meu tio que me vira –, que fosse um cão morto. Meu tio disse: – Que correria é essa? Chegaste tão tarde, que ainda estás a correr?

Não lhe respondi senão com um sorriso fugidio; e sentei-me num dos banquinhos de pedra. Ele aproximou-se, firmou, para seu apoio, a bengala, e, curvado para ela, diante de mim, perguntou: – Então, feliz e satisfeito?

Levantei para ele um olhar pasmado: – Feliz e satisfeito?

– Sim... Uma noite inteira não te deu para as despedidas?

– Como sabe?

– Hum... porque o pai dela andou ontem à noite à minha procura, e queria que fosse com ele surpreender-te lá não sei onde, numa casa em Buarcos. Felizmente que ele também não sabia ao certo aonde, e que pude convencê-lo de que, se tudo estava perdido para ela como ela dizia, tanto fazia que vocês dormissem em paz uma noite, como não. Claro que dormir em paz é uma maneira de dizer. E devem ter partido esta manhã. A estas horas já se foram embora – e calou-se, fitando-me, à espera de que eu dissesse alguma coisa. Mas eu não disse nada, e ele prosseguiu: – A tua sorte é o outro malandro ter feito escândalo, e esse pobre pai ter ficado a saber que não podia exigir nada de ti, sem escândalo maior ainda.

– O outro malandro?

– Sim, *o outro*. Porque o primeiro foi ele, e o segundo foste tu. Ou achas que não?

Nitidamente, eu pegara na expressão, para não tomar conhecimento de que, provavelmente, eles não teriam partido, porque... Mas talvez que ela... E limitei-me a dizer: – Acho que não. De qualquer maneira, isso não tem sentido.

– Mas eu não penso que tenha. O que eu penso é que foste. Embora, é claro, um homem não recuse uma mulher que se põe debaixo dele, seja quem for. Ou que, se a gente lhe toca com um dedo, cai no chão e abre as pernas.

– Não fale assim.

– Está bem, não falo, nem assim, nem assado. Tu gostas dela a valer?

Fitei-o, sem responder.

– Ahn... Mas ela disse ao pai que não casava contigo, nem com o outro. Não casava contigo, porque o outro a tornara indigna de ti; e não casava com o outro, porque nem podia vê-lo. De resto, ele não tem agora obrigação nenhuma de casar com ela. E tu também não.

– Ninguém pensa em casamento.

– E tu também acho que é cedo para casares. E que, de resto, seria uma asneira. Mas quero que tu e ela saibam de uma coisa. Se quiseres, a minha casa está às ordens. Ela podia ficar aqui. Tu transferias-te para Coimbra. Eu arranjo-te aulas no colégio. Podem aguentar-se até fazeres a tua vida, sem precisares dos teus pais. Quero que saibas que, se não casas, é porque vocês acham que não devem, e por mais nenhuma razão.

– Obrigado.

– Não é para me agradeceres que digo isto.

– Eu sei que não – e a conversa tinha, para mim, um ar vago e distante de discussão hipotética sobre coisas longínquas. Uma forma oblonga a distanciava de nós e de tudo. Mas, subitamente, era como se essa forma fosse aquele cão morto cujo cheiro me chegava às narinas.

Meu tio ficou calado. Depois, calado ainda, sentou-se no parapeito, meio voltado para fora, e de costas semivoltadas para

mim. E foi então que falou, muito casualmente, como que falando de pessoas e assuntos realmente longínquos, ou que os acontecimentos, substituindo-se a eles, tornavam tais. Era como se ele aceitasse, e mais do que aceitasse abraçasse por lhe ser conveniente, o jogo de recusas em que eu me confinava. Debruçando-se para fora, como que a seguir com os olhos alguém que estivesse passando na esquina, disse: – Até parece de propósito que a gente esteja aqui. Para mim, tudo começa e tudo acaba neste mirante. Se eu tivesse um filho, um filho já homem como tu, não sei se lhe ofereceria a minha casa, como ta ofereci a ti. Talvez que não oferecesse. E fazia mal. A gente sempre dá melhor, quando não tem a quem dar. Quem sabe... Talvez que até o expulsasse de casa... Não queres mesmo casar com ela?

– Não é possível. E não interessa. Não poderíamos nunca estar mais casados do que estamos – e notei que me fora possível falar assim, porque a forma oblonga retraíra-se, e era um misto confuso de cadáver de criança e de cadáver de cão. E ouvi-me perguntar, respondendo à anterior observação que ele emitira: – Quer que eu me vá embora?

Ele levantou-se e aproximou-se de mim. Enleado, enfiou os dedos no cabelo. Depois, pousou-me a mão no ombro: – Não, não quero. Esta casa é tua.

Ficámos assim por largo tempo, sentindo eu que aquilo nunca seria possível com meu pai, e que, em certas ocasiões senão sempre, encontramos momentaneamente os pais que os nossos, por o serem sempre e de facto, não podem ser, ou estão, por isso mesmo, impedidos de ser. Foi uma coisa que durou segundos; e, após ela, senti que fora possível, porque eu não tinha sido eu (ou a sucessão de eus sucessivos ou recorrentes, que eu era), mas precisamente naqueles instantes fora outras pessoas mais virtuais do que reais. E tive a sensação terrível – que subitamente se me identificou com o vazio que em mim sentia – de que, ao contrário do que supomos, a nossa realidade é feita da existência virtual que todos temos nos

outros e em nós próprios, e só dela. Isso, que me fez estremecer de pânico, deu-me imediatamente uma consciência de liberdade pavorosa: a liberdade humana era exatamente essa virtualidade hipotética que, nos outros e em nós, nos resguarda de *sermos*. O corpo da Mercedes como que me apareceu estendido no chão do mirante, como um cadáver que respirasse brandamente. Eu vi-o. Era aquela coisa esplêndida que tínhamos criado, para além de qualquer existência. E a liberdade era isso, sim, era isso: um corpo absoluto que se tornava, mais que humano, uma coisa mais que coisa; ou a virtualidade total de não sermos senão aquilo que, na virtualidade dos outros, nos dava a realidade de uma irrealidade absoluta também. Éramos nós, por sermos sempre outros, outros que não seriam imagens mal interpretadas de nós mesmos, mas *outros*, os outros que virtualmente eram as janelas que as outras pessoas têm para reconhecerem-se, por identificação virtual, umas às outras e a nós. Somos nós, na medida em que somos os outros *delas*. E é isso o que nos impede de, sendo nós em nós mesmos, não sermos inteiramente livres. O corpo absoluto não está, todavia, isento de ser destruído. A virtualidade absoluta, com a qual podemos sobreviver nos outros, também não. Mas a relação entre ambos esses extremos, eu tinha-a ali exemplificada na mão de meu tio no meu ombro, e, mais ainda, no quase abandono com que eu quase me encostara a ele. Nem eu era eu para ele, nem ele era ele para mim. Mas, naquele momento, esse não nos sermos constituía a nossa realidade de podermos ser muito mais profundamente do que, dali a instantes, tornaríamos a poder ser.

A escassez de tempo em que estas coisas são acontecíveis e duráveis revelou-se-me até no retraimento que senti na mão dele, que desejava já retirá-la, e na minha perturbação que era desejo de que ele a retirasse. Mas nenhum de nós tinha coragem de quebrar o encanto, de assumir a responsabilidade de voltar e de fazer outrem voltar a menos que si próprio noutrem. Mas ele lembrou-se de que tinha no bolso alguma coisa que mostrar-me; e as mãos dele, com a

bengala oscilando do braço, correram pressurosas para um jornal que me estendeu e que eu sofregamente agarrei, sem curiosidade alguma.

O jornal era de Lisboa e o da véspera. Cheio de grandes parangonas sobre vitórias «nacionalistas» na Espanha, e vários retratos de heróis e de supostas vítimas ilustres do terror «vermelho», tinha uma notícia do Porto, muito pequena, dizendo que, das prisões da Polícia, tinham fugido, em condições que faziam crer numa grande conspiração comunista, alguns presos que lá estavam para averiguações, entre eles dois espanhóis suspeitos de serem agentes, em Portugal, do Komintern. O jornal acrescentava, com comentários breves mas indignados, que os foragidos, segundo tudo indicava, haviam tomado o rumo do Sul, para embarcarem clandestinamente em qualquer porto, e que a audácia daquele «golpe de mão» era evidência mais do que suficiente da urgência de o governo português tornar públicas as suas disposições, aliás tomadas desde a primeira hora, de empenhar-se no triunfo de uma luta decisiva, em que estão em jogo não só a civilização cristã, mas a própria independência do país, ameaçada pelos sicários de Moscovo, gente sem Deus, sem Pátria, e sem Família. O comandante da Polícia, que era quem, para o repórter, dera como que uma curta entrevista, afirmava que a redobrada vigilância das forças da Ordem faria gorar o que era nitidamente uma provocação que receberia a resposta condigna.

Olhei para meu tio que perguntou: – Leste? – e depois comentou: – Dois agentes, os dois agentes do Komintern em Portugal, a veranearem-se, nesta altura, na Figueira da Foz...

– Na Figueira? – e reli a notícia. Escapara-me que era dito terem aqueles perigosos agentes sido descobertos, na Figueira da Foz, dias antes, graças à dedicada ação de compatriotas que os haviam reconhecido. Deviam ser os pobres diabos presos na desordem do dia da minha chegada: era cómico. Mas, se por eles se preparava uma fuga espetacular, talvez não fossem, de facto, pobres diabos.

Ou seriam? Porque, afinal, na parte que nos tocava, os dois que havíamos acrescentado ao grupo pareciam e eram pobres diabos cheios de medo.

A sequência de pensamentos de meu tio devia ser paralela da minha, porque disse: – Só de espanhóis foram cinco. Dois nossos, os dois do Porto, e o outro que estava também escondido aqui na Figueira.

Eu observei: – Seriam realmente importantes, para se fazer tudo isto por eles?

Meu tio pegou no jornal, passou os olhos na notícia, e disse: – Ou será que toda a gente foi jogada numa «provocação» que o governo queria que acontecesse? Ou que decidiu tirar partido do que era realmente uma provocação? Lembra-te de que do atentado de Sarajevo, que, fazendo a Áustria declarar guerra à Sérvia, serviu de pretexto à Guerra Mundial, há quem diga que foi instigado pela Alemanha... Ou mesmo pela França também...

– Será que eles passam e chegam à Espanha, a lugar seguro? – perguntei.

– Depende, por esta notícia que só foi publicada porque a censura deixou, ou porque a mandaram publicar... depende do efeito que o governo quiser tirar da coisa. Ou os caçam, para fazê-los confessar e armar um escândalo político; ou os deixam chegar lá, o que será maior prova da interferência que procuram demonstrar.

– De qualquer maneira, conseguem o efeito desejado.

– Quem consegue? – perguntou ironicamente o meu tio.

– Quem montou a aventura toda – respondi eu, sem deter a memória em *quem* tinha sido, já que por trás daquele «quem» podia haver muitos outros que eu desconhecia e tornavam indefinido o pronome.

– Quem a montou foi o Ramos, disse não tenho dúvida. Mas quem o montou a ele é que eu gostava de saber. Mas isso, ainda quando alguém o diga, é o que nunca se sabe ao certo. A política é

isso mesmo.

O nome fora pronunciado. Mas não tinha afinal, para mim, consistência individual alguma, ao contrário do que eu temia. Até me choquei com a indiferença que, inesperadamente, sentia. E disse, para pôr-me à prova: – Quem montou tudo isso não chega a ver o resultado.

– Olha que grande descoberta! – exclamou meu tio. – Alguma vez se vive para ver o resultado de alguma coisa? E, quando a gente vê um resultado, pode ter a certeza de que está vendo o resultado que esperava, ou que ele é resultado do que a gente fez?

– Isso é para quando a gente vê. Mas, quando a gente acabou antes, não há dúvida de que não se viu nada.

– É a mesma coisa – e, após uma pausa, durante a qual me fitou muito sério, perguntou: – Quem foi que acabou antes?

Baixei os olhos e disse surdamente: – O Ramos está morto. Deu à praia em Buarcos, afogado.

– Como é que sabes?

– Porque vi. Eu e a Mercedes descemos à praia, havia gente em volta de um peixe muito grande, e o peixe era ele.

– Ela chorou e gritou? Alguém percebeu que vocês o tinham reconhecido?

– Não chorou senão depois. Acho que ninguém percebeu.

– Ela foi para casa?

– Foi. Mas não vai dizer nada. Tio... Ele matou-se ou deixou-se matar por nossa causa.

– Ora... ora...

– Ou porque tivemos para ele mais importância que tudo isto, ou porque quis vingar-se de nós.

– Ou porque descobriu que tinha sido jogado numa aventura que era uma provocação para dar o efeito contrário do que ele esperava. Quem sabe?

– E agora?

– Agora não falamos mais nisso. A morte dele não altera nada,

pois não?

– Não. Já antes tínhamos decidido que não casávamos um com o outro.

– Vocês vão ficar a vida toda a encontrar-se quando calhar, não é?

– Ela vai escrever-me.

– Pois claro. E tu respondes. E ela escreve dali a duas semanas. E tu respondes um mês depois. E depois mandam-se cartões de Boas Festas pelo Natal, enquanto cada um não arrumar a sua vida.

– Arrumar, como?

– Arrumar ou desarrumar.

– Ou isso.

Meu tio guardou no bolso o jornal, e sacudiu-me o ombro. A bengala bateu nas minhas pernas. Depois, perguntou-me: – Vocês fizeram profissão de ser infelizes?

– Não, tio.

– Pois parece. Vocês, quando estão juntos, são bem felizes?

– Oh tio! Não tem medida.

Ele largou-me o ombro. Afastou-se um pouco, e falou como que para si mesmo: – É... A felicidade é uma coisa terrível. Até mete medo. Acho que é o que mete mais medo. É mais fácil ser-se infeliz... Anda, que são horas do almoço.

E avançou pelo matagal adiante, em direção à casa. Segui-o devagar, quase saboreando agora, num gostoso amargor, o cheiro fétido que me perseguiu algum tempo, esfarrapando-se ainda no meu nariz, depois de eu ter passado por ele. A morte não tinha sentido, não podia tê-lo, por mais que quisessem dar-lho os sobreviventes de uma morte alheia, ou que lho atribuisse um protagonista de sua própria morte. O Ramos morrerá. Eu vira-o, e horrendo. Ele que era a limpeza, a meticulosidade, o aprumo consigo mesmo, vira-o descomposto e nojento. Ele. Porque ele não existia senão naquilo mesmo em que já não existia, aquele monte de carne putrefacta. Meu tio voltou-se, parando à porta da sala: –

Precisamos de tirar dali aquela porcaria. O melhor é abrir-se uma cova em qualquer parte, ou ali mesmo, e enterrá-lo – e entrou aos brados, como sempre, reclamando almoço.

À mesa, porque o Ramiro não tinha voltado, estávamos sós, eu e meus tios. Havia uma intimidade que não era sequer perturbada pelos boleios da Maria servindo com as ancas mais ostensivas que conseguia ter, e os seios mais escapando-se do decote que ela conseguia debruçar sobre as travessas; e que também, apesar de ser produto da repelente paz conjugal de meus tios, não me perturbava a mim. Pelo contrário, ajudava a que me parecesse vulgar, trivial, comum, banal, corrente, mínimo, o desabamento de todos os valores e de todas as significações, que se consumara em mim. E ajudava-me mesmo a algo mais: a que não me doesse a dor de tamanha catástrofe não me estar doendo mais. Comendo com eles, que eram responsáveis, como eu, de muito do que acontecera (pelo menos responsáveis, na medida em que há coisas que fazemos ou não fazemos), era como se estivéssemos comendo na lua, e a lua fosse o mais terráqueo dos lugares. Cheguei a ter vontade de rir, ante o bife com arroz, que, embriagadamente, eu comia sem apetite. Rir de quê? De nada? Do nada? De não haver de que rir? O que era tremendamente cômico, precisamente por faltar o risível. Mas havia uma coisa de que eu podia rir-me. De continuar ali, quando eu era já inteiramente póstumo, muito mais póstumo do que um cadáver. O meu papel de agente e de amante terminara. Querer saber coisas, ver pessoas... era ser póstumo. Querer continuar ali, como se nada fosse... era-me impossível. Meus tios viviam naquela casa que era a deles. Os outros todos tinham as suas casas. Podiam esquecer nelas, e com elas, tudo o que acontecera. Mas, vivendo numa casa que não era a minha, numa terra em que eu não vivia, poderia eu esquecer o que tinha acontecido? E os que partiam, como a Mercedes? E os que ficavam, e não tinham casa, como o Rodrigues? Mas eu não podia partir. Pelo menos, ainda não. E meu tio dizia-me que a casa dele era minha! Na verdade, eu não

tinha casa também. Dei-me conta de que não tinha. A casa de meus pais era-me estranha, e sê-lo-ia muito mais, depois de tudo o que havia acontecido, mesmo que eu me esquecesse de tudo, e me tornasse perfeitamente indiferente ao que me lembrasse, inclusivamente as pessoas que se recruzassem comigo. Porque elas reapareceriam, e os factos também, mais tarde ou mais cedo. E ainda quando, nem elas, nem os factos, me reaparecessem em pessoa ou memória ou analogia, não menos eu estava transformado. Ou, diversamente de transformado, estava reduzido ou ampliado a uma existência mais profunda ou mais superficial, conforme a natureza possível de haver existência que não fosse a suposição corrente de existir-se. Reduzido ou ampliado a mais profundo nível. Reduzido ou ampliado a nível mais superficial. Era-me totalmente inútil saber qual das quatro hipóteses possíveis seria a verdadeira. Essa verdade já não dependia de mim; e, a bem dizer, também não dos outros. Eu perdera a Mercedes, ganhando-a, ou vice-versa. Eu traíra o Rodrigues, libertando-o, ou o contrário. Havia culpa minha, e muita, na morte do Ramos. Até na repercussão dos acontecimentos eu tinha afinal uma parte, como se a política fosse feita de partes sucessivas e convergentes de coisas que não são políticas. Ou tudo, afinal, seria uma política, mesmo a morte dos outros? Ou sobretudo o que fazíamos da vida ou da morte dos outros, para termos nossa uma vida?

Tudo isto me perpassava na cabeça, enquanto conversava mansamente com meus tios; e acabava calmamente de almoçar, quando o Ramiro entrou com a cara e a corrida de quem se apressava nos últimos instantes do caminho, para valorizar e pôr em grande evidência as novidades de que era portador. Com trémulos dramáticos na voz, e um contraditório sorriso triunfal, anunciou: – O José Ramos apareceu morto na praia. Esta manhã, toda a gente foi a Buarcos vê-lo. Deu à costa, afogou-se em qualquer altura. Deve ter sido depois da noitada com os outros. Diz-se que andam à procura do Carvalho e do Matos para explicarem o que se

terá passado.

Meu tio, apanhando migalhinhas e debicando-as na ponta dos beijos, lançou um olhar feroz ao pânico que se lia na cara de minha tia, e perguntou: – E tu? Tu falaste com alguém?

– Com uma data de gente.

– Mas tu não sabes nada. Tu não viste nada.

– Não vi?

– Não. E não admito bisbilhoteiros na minha casa. Pegue na sua mala, e embarque-se para Lisboa, no comboio da tarde – consultou o relógio e acrescentou: – Almoce depressa, e ponha-se a andar. Tem dez minutos para almoçar.

– Mas que mal fiz eu? Oh tio... – e o rosto dele era de suplicante humilhação.

– Nem me pergunte. Suma daqui para fora. Eu depois escrevo ao seu pai, a dizer a razão por que o recambiei.

– Mas...

– Coma e cale-se. Não há mas nem meio mas – e, para mim, determinou: – Acompanhe o seu primo à estação.

O Ramiro disse: – Mas este comboio é o que não dá ligação em Alfarelos.

– E que tenho eu com isso? Faz-lhe algum mal ficar pastando em Alfarelos, à espera do outro comboio, faz? Tem dinheiro para os bilhetes?

– Tenho – respondeu ele com a cara no prato.

– E agora um aviso. Tome bem nota. Se aqui, ou na viagem, ou em Lisboa, você abre o bico alguma vez, e fala em Figueira da Foz ou em alguém, eu vou a Lisboa, ou ao inferno, se for preciso, e capô-o, ouviu?

– Ó Justino... – disse mecanicamente a minha tia.

– Capô, já disse. E armo-lhe uma encrenca lá com os seus amigos, que você vai para a cadeia apodrecer e não pode ficar à solta para ajudá-los a salvar a pátria. Nem eles aceitam nunca mais a sua ajuda. E é uma vez uma carreira tão bonita. Coma, despache-

se, não fique com essa cara de parvo a olhar para mim, que perde o seu tempo.

O Ramiro pousou o garfo, e disse lentamente: – Mas eu fui uma das pessoa que reconheceu o Ramos.

– Reconheceu como?

– Que, quando o vi, disse que era ele.

– Não se preocupe com isso, há mais quem o reconheça. Não julgue que é tão importante que alguém dá pela sua falta, que está muito enganado. Antes que se faça importante é que eu o corro daqui para fora, e o aviso para o futuro. Jorge! Tu fazes favor de o meter dentro do comboio e de só sair da estação quando o comboio sumir no horizonte.

– O tio manda-me mesmo embora... – disse o Ramiro.

– Claro que mando. Julgava que era brincadeira? Eu só brinco com as coisas sérias. Com palhaços como você, seu sobrinho da sua tia, não brinco. Vai, e vai mesmo. Acabou de comer? Está satisfeito, ou quer mais? Não quer mais? Então vá fazer a sua mala. Jorge, ajuda-o a fazer a mala.

Levantámo-nos os dois da mesa, e subimos aos quartos. O Ramiro ia à minha frente, cabisbaixo, e só dizia: – Uma coisa destas... mas ele é doido... – e começou a arrumar na mala as coisas dele, muito devagar. Eu disse: – Não percas tempo, anda depressa.

Endireitou-se com um olhar de ódio: – Tu e ele e todos hão de pagar-me.

– Depois tu apresentas a conta. Mas olha que ele capa-te...

– Capa o tanas. O que ele tem é medo de mim. E vai ver.

– Todos vamos ver. Mas quem não vai ver nada és tu. Acabaste de arrumar?

– Acabei – e a voz fumegava-lhe. Quando saíamos do quarto, voltou atrás. Tinha-se esquecido de coisas no armário. Abrimos a mala em cima da cama, e com fúria calcámos tudo lá dentro. Descemos as escadas. Senti um prazer especial em, quando ficámos diante de meus tios, à porta da sala, informar: – Aqui o Ramiro diz

que todos lhe havemos de pagar por isto.

Meu tio abriu-se num largo e doce sorriso: – Pois claro que havemos de pagar. Tudo se paga neste mundo. Não é verdade, mulher, que tudo se paga? – e, abraçando o Ramiro atônito por tanta doçura, disse: – Dá muitas lembranças a todos, faz boa viagem, podes dizer que a minha casa está sempre aberta a todos os meus sobrinhos, e explicas que, agora, por a tua tia estar doente, não podias continuar cá. O teu primo, por isso mesmo, nem dorme em casa – e tornou a abraçá-lo, rindo feliz da piada.

Saímos correndo tão depressa quanto o peso da mala o permitia. De vez em quando, depois que ele tinha mudado de mão a mala, pousando no chão, bufando e esfregando as mãos uma na outra, eu pegava nela, trotando ele a meu lado, muito rubicundo de cansaço e de raiva. Mas não trocámos palavra, todo o caminho até à estação.

Quando entrei no vestíbulo da gare, senti uma atmosfera estranha, como se as pessoas se vigiassem umas às outras, e todas estivessem sendo vigiadas por olhos invisíveis, cuja ação elas suspeitassem presente. Seria medo meu, e independentemente de meu primo, ou receio de que este dissesse alto alguma coisa comprometedora, ou efetivamente eu passara a sentir uma vigilância constrangedora (porque ela não existia antes, porque existia mas eu não atentava nela, porque se intensificara, ou porque tudo isso se me juntava naquele momento), que pairava sobre as pessoas que se agitavam no átrio. Havia um movimento, que me pareceu anormal, e semelhante ao de fins de meses de férias. E a gralhada dos espanhóis identificava esse movimento como continuação do êxodo. Aqueles eram os que haviam aguardado a evolução dos acontecimentos, para verem de que lado o vento soprava, ou os que achavam melhor regressar a uma terra em guerra, antes que os chamassem, ou antes que parecesse suspeita a demora. Chegada a sua vez na bicha da bilheteira, meu primo comprou o seu bilhete; e eu, por cima do ombro dele, disse: – Compra também um bilhete de gare –, o que ele fez, empurrando-

mo na prateleira do *guichet*. Entrámos a porta para o cais, ajudei-o a acomodar-se, ele sentou-se, eu desci, e ele disse: – Agora, podes ir-te embora –. Não lhe respondi, e fiquei no cais, defronte do lugar dele, repartindo os olhares entre ele e as pessoas que passavam e tomavam os seus lugares e subiam e tornavam a descer e tornavam a subir. Meu primo debruçou-se para o relógio da estação, e disse: – Está na hora, podes ir –. E eu respondi: – O comboio pode sair atrasado –. Ele sentou-se, e respondeu palavrões iracundos. Por fim, quando para mim era insuportável o desejo de sair dali, por me parecerem intencionais e vigilantes todos os olhos que se cruzavam nos meus, o comboio apitou e principiou a andar. Meu primo debruçou-se de repente: – Filhos da puta, hão de pagar-me isto caro –. E eu fiquei no cais acenando um adeus que o metera para dentro quando me viu de braço ao alto.

Saí da estação, olhando de relance para trás de mim, a cada dez passos, e divertido com aquela expulsão em forma. Atirado para Lisboa, o mal que ele poderia fazer ficava adiado e desconexo da Figueira. E não faria nenhum. Quando muito, iria contar horrores da vida que eu estava fazendo na Figueira, aos pais dele que os contariam aos meus. Estes nada fariam, nem podiam fazer. Eu era maior. E de resto a que se podiam apegar? Além disso, os horrores, por grandes que fossem, e por aumentados que ele os contasse e os repetissem, não penetrariam em minha mãe que pasmaria deles, sem conseguir, como sempre, concebê-los. E meu pai, quando eu voltasse, dir-me-ia, com solenidade, «duras verdades», cheio de pressa por voltar à sua rotina. Se nada fosse assim, que os levasse o diabo. Espantei-me com esta expressão. Que mal me tinham feito? Nenhum. Nem bem. Mas eram-me indiferentes. E não era agora que eu ia consentir que entrassem na minha vida pela porta do cavalo. Se me chateassem, eu sairia de casa, e pronto. E o Luís? Que tinha eu a ver com ele? E vi o Carlos Macedo, num barco perdido no Atlântico, entre espanhóis que lhe eram estranhos e a tripulação venal (em que eu via, gingando, o sobrinho da velha), e sem o

Almeida que não fora, nem o Ramos que morrera. E em que condições morrera ele? Pude pensar sobre elas, porque não as estava considerando na sua relação comigo, mas no efeito que estariam tendo ou teriam tido no Macedo e que, retrospectivamente, emprestavam mais dramática e dolorosa ênfase aos seus pedidos em favor da minha proteção ao irmão. Via-lhe o rosto debruçado sobre as ondas, numa solidão de que não saberia como sair com a sua volubilidade sempre tão pronta quando houvesse outros que lha estimulassem. Um rosto contraído e aflito de homem completamente perdido, que vira morrer (como?) o amigo que era, para ele, o chefe e o pensamento. Com uma sensação estranha e mesmo desagradável, reconheci que, se o Ramos tirara dos meus braços a Mercedes (ou reiterara que ela saísse deles), lançara neles o Luís. Poderia eu aceitar como herança aquilo a que pretendia escapar como solicitação amiga? Em que era que, postumamente, os atos ou o destino dos outros podiam influir nas próprias coisas com que não tinham tido intencionalmente qualquer correlação direta? Abandonado pelos outros, o Carlos Macedo recebia, retrospectivamente, uma voz mais implorativa, com que me pedisse proteção para o irmão. Essa acentuação do tom da sua voz não lhe vinha, é claro, de um coro que o José Ramos fizesse com ele, mas de que, morto o Ramos, a solidão dele dramatizava tudo, ao mesmo tempo que lhe atribuía responsabilidades que ele não tivera e, responsabilizando-o, tornava mais premente a transferência de outras responsabilidades, como a que ele me solicitara. Mas, se isto parecia ser assim, não dependeria, afinal, de como e em que circunstâncias o Ramos tinha morrido? Desastre? Suicídio? Assassinato? De qualquer modo, a morte, e de natureza muito diversa da que é a desapareição eventual de um parente, tinha entrado abruptamente na nossa vida, na minha. O Ramos estava, através da irmã e de quanto eu contribuía para aquilo tudo, profundamente envolvido na minha vida. A morte dele, por eventual que fosse, não tinha a eventualidade de uma morte que

diríamos de rotina, e pela qual não somos mais responsáveis que pelo sol e a chuva. Por menos ligada aos factos, não menos sucedera em decorrência deles. Se tinha caído ao mar e se afogara, não menos ele se afogara por ter sido possível que o embarque se desse. E este possível, se alguém decisivamente o possibilitara, esse alguém tinha sido eu. Como então as minhas relações com a Mercedes cediam o passo a uma relação meramente protetora e masculina com o irmão de um outro homem que não tivera papel decisivo na interligação da minha pessoa com a dos Ramos? E foi nesse momento que várias imagens – umas que eu vivera, e outras que eu ouvira evocadas por outros – e várias frases se chocaram umas com as outras na minha lembrança, mostrando-me que a ligação de tudo e todos, através de mim, era muito mais terrível e mais profunda do que eu ou os outros havíamos posto conscientemente em palavras: os Macedos, os Ramos, o Rodrigues, meus tios, o Rufininho, todos constituíam comigo um nó de substituições mútuas, que a morte inesperada do José Ramos cristalizava com transparência terrível: sempre algum fora vendido a outro, em vez daquele mesmo que o vendia. Para realidades medonhas que não cabiam numa relação viril, o Carlos Macedo dera o Rufininho ao Rodrigues. Este defendera-se, adorando minha tia, em vez da mãe que odiava, e odiando meu tio em vez do pai que desprezava. Eu substituíra-lhe essa imagem pela da sogra de meu tio, para poder continuar a ter a Mercedes que me substituíra ao Almeida. O Ramos dera-me a irmã, em troca da possibilidade de a sua aventura se realizar. E, para que o Rodrigues não visse no Luís o Carlos que não tivera, este dera-me o irmão. Quando o amor da Mercedes se me tornava alguma coisa de inatingível, por ser demasiado profundo em mim e nela, e quando o José Ramos morria, e o Carlos Macedo estava para sempre (ou como que para sempre) longe, eu ficava, com os outros, na mesma situação de um grupo de naufragos acumulados numa jangada estreita, e forçados pelas circunstâncias a exercerem às claras, para sobreviver, a

antropofagia espiritual que, às ocultas, todos tinham praticado. Senti que esta antropofagia espiritual (que tão carnal, ainda que só simbolicamente digestiva, eu compreendia que podia ser) era também uma das significações da vida, a partir do instante em que tomamos consciência dela. As crianças devoram antropofagicamente as coisas que as rodeiam, para se apoderarem do mundo em que entram. Mas os homens devoram-se uns aos outros, para continuarem nele. E não apenas as vidas de cada um: também e sobretudo o próprio ser de cada um. Quando alguém é modificado por atos nossos, é como se estes atos fossem um banquete ritual do que ele fora até aí. Por isso, nós recebíamos como responsabilidade, efetivamente, apenas aquilo de que nos tínhamos apropriado como antropófagos: e todos vivíamos de devorar a inocência dos outros. A inocência era só a existência de cada um até ao momento em que outrem se servia do corpo ou do pensamento dele; ou a nossa própria existência até ao instante em que, mesmo que só pelo pensamento, nos servíamos dos outros ou de nós próprios. Mas haveria então inocência de facto? Alguém vivia sem perdê-la? Ou alguém, desde que nascia, podia tê-la? Ou, vivendo, íamos perdendo *outra* inocência a cada novo servir? Estas perguntas pressupunham já uma resposta que residia no âmago do que «substituição» era. Como eu já pensara, esta substituição destruía-nos, na medida em que nos desse *em vez de*, na medida em que, com ela, fugíssemos às próprias relações que nos obrigavam a ser. Mas seria que a destruição (mesmo até ao limite da morte física, como era agora o caso do Ramos) não constituiria uma substituição também? Se não existíamos senão pelos outros e neles, quem me dizia que não éramos livres precisamente na medida em que éramos devorados daquilo que nos impedia de sermos os outros? Que liberdade porém era essa que se fazia de não sermos livres senão na irrealidade e na morte, quando a liberdade não tinha então já afinal sentido algum? Subitamente, numa confusão, todo o fio dos meus pensamentos se interrompeu, como que numa

vertigem à beira de um abismo. Outros pensamentos anteriores, outros fios, tumultuavam aqueles e eram por eles tumultuados. Hesitei ainda numa dúvida: tumultuavam-se ou eu, receoso e aflito, fazia que eles se tumultuassem? Não me estava eu recusando a pensar? Estava. Exatamente recusando-me a pensar. Tudo acabara, ou tudo ia começar. Pensar, para quê – se eu não sabia o que ia acontecer, nem como? E infleti para a pensão do Rodrigues.

XXXII

Ele estava, segundo o homem da entrada me informou, e eu subi e bati à porta do quarto. Entreabriu-a para ver quem era, e, voltando para a cama, deixou que eu mesmo fechasse a porta atrás de mim. Como sempre, estava completamente nu.

– Já estava à espera que tu me aparecesses – disse, de barriga para o ar, traçando a perna, como se estivesse sentado de cadeira.

– Porquê?

– Não sabes que o Ramos...

– Sei. Acho que toda a gente sabe. E eu fui mesmo das primeiras pessoas que o viram na praia.

– Andavas de madrugada por aquelas bandas, não é?

– É.

Ele olhou para mim, alternando os olhares entre mim e as unhas que limpava, e perguntou: – E que culpa tens tu nisso tudo?

– Isso gostava eu de saber ao certo.

– Então não sabes? Por acaso não sabes o escândalo que o Almeida fez no casino? Onde é que ela está?

– Deve ter partido esta manhã para o Porto, com os pais.

– Por causa do escândalo?

– Também.

– E também por causa da morte do Zé?

– Não. Eles partiram sem saber dela.

– E ela também não sabia?

Foi a minha vez de o fitar atentamente. E respondi: – Ela sabia. Ambos o vimos morto na praia.

– E agora?

– Agora, o quê?

– Queres dizer que acabou tudo para ti? Para ele também acabou. E quem o enterra?

– O padraсто há de voltar para isso, não? Eu tenho, tanto como tu, obrigação de enterrá-lo. Achas que só por eu ser amante da

irmã, e o Almeida ter feito o escândalo que parece que fez, ele se suicidava? É nisso que estás a pensar?

– Nisso e noutras coisas. Que história é essa de um barco alugado para irem não sei para onde, não sei quem?

– Quem te contou isso?

– Os meus serviços de informações.

– Mas há uma coisa que eles não te contaram.

– O que é?

– Que foste tu quem pagou esse barco. E que pode ter acontecido que ele tenha caído à água desse barco.

Ele sentara-se na cama, com os olhos arregalados, a boca entreaberta, uma tremura em todo o corpo: – Eu?... Tu... Mas foi pior ainda... Vocês venderam-me para comprarem o barco?

– Foi – disse eu, de olhos baixos, apenas distinguindo-o no limite do campo visual.

Ele curvou-se então para a frente, com a cabeça quase sobre os joelhos. E parecia uma figura insignificante, encolhida, desgrenhada, que tremia de frio e de medo. Nessa posição, perguntou surdamente: – Era tudo mentira, então? Tudo mentira?

– Era.

Levantou para mim um rosto lacrimoso de que as mãos afastavam os cabelos: – E o barco? Para quê o barco? O Almeida também estava nisso? E quem mais?

– Se eu te disser para que foi o barco, ainda ficas mais ferido.

– Diz.

Omitindo os espanhóis, expliquei-lhe o plano do Ramos, do Macedo, do Almeida, sempre à espera da explosão anti-espanhola dele. Mas a explosão não veio, e em lugar dela perguntou-me: – E o Ramos sabia que eras amante da Mercedes?

– Sabia.

Caiu para trás, na cama, calado por momentos, e começou a ser sacudido violentamente por tremuras que torciam. Parecia posseso de um ataque epilético. Levantei-me e debrucei-me sobre ele, para

acudir-lhe, ao mesmo tempo receoso de uma fúria que não poderia deixar de ser contra mim. Mas era riso o que o sacudia. Um riso que o soerguia, que o voltava, que o rebolava, que o agitava em ondulações mecânicas, como se ele estivesse no auge do prazer de um prolongado espasmo sexual. Afastei-me perplexo, chocado, escandalizado, e também inquieto. Aquilo durou muito tempo, ou me pareceu que durava muito tempo. Fiquei encostado à parede, esperando, sentindo um grande nojo daquela nudez que estremecia obscenamente em risos que, pouco a pouco, foram serenando, até que ele ficou de bruços, não já atravessado mas ao comprido sobre a cama.

Depois, voltou-se, olhou para mim com um olhar vago, sentou-se, e disse: – E ao fim de tudo o gajo mata-se... – o que novamente desencadeou ondas sucessivas de hilaridade. Perdi a cabeça e esbofetei-o, para conter aquela histeria. Foi pior. Riu mais. E, a cada bofetada minha, ria mais, num prazer que desafiava gozosamente as minhas mãos que o esbofeteavam. Até que, de súbito, me segurou os punhos, e disse com os dentes cerrados: – Não, não te escapas assim. Ou tu ou eu, um de nós, acaba isto que começaste... – e levantou-se, ameaçador.

Lutei com ele: – Larga-me.

– Não te largo. Que vieste cá fazer? Foi como o criminoso que volta ao local do crime? Tu mataste o Ramos, tu mataste-me a mim duas vezes, tu mataste a Mercedes, tu mataste o Macedo, quantos tu mataste? Quantos? Que queres mais? Que te dê o cu? Que eu...

Consegui libertar-me: – Estás doido? – mas ele atravessou-se entre mim e a porta que cobriu com o corpo: – Não sais daqui sem escolher, não sais. Nem que eu tenha de matar-te – e subitamente agarrou e abriu um canivete que estava sobre a mesa de cabeceira.

– Pousa isso – disse eu.

– Eu mato-te – e brandia o canivete –, eu arranco-te os olhos.

– Pousa isso.

– Tu não tens medo de mim? Tu não tens vergonha de mim?

- Não. Já te disse que pouses isso.
- Mas eu mato-te.
- Se fosses capaz, já tinhas matado. Pousa isso.

Ele avançou para mim, num salto, com o canivete rebrilhando num golpe rápido que me rasgou a manga do casaco e lho fez saltar da mão. Ambos nos abaixámos para apanhá-lo, e demos ridiculamente uma violenta cabeçada um no outro, que nos derrubou, sentados no chão, cada um para seu lado. E assim ficámos imóveis, com o canivete entre nós. Cautelosamente, estendi a mão para o canivete, e apanhei-o. Ele não reagiu. Levantei-me, continuou sentado. Mas, quando ensaiei um passo, agarrou-me as pernas e caí, esticando o braço para afastar do alcance dele o canivete. Ele, porém, não procurou tirar-mo. Tentei libertar-me, e dei-lhe com um tacão na cara. Largou-me as pernas, levando instintivamente as mãos ao rosto, e eu pus-me de pé, fechei o canivete, guardei-o no bolso. Ele continuou sentado no chão, e encolheu as pernas para pousar a cabeça nos joelhos pontiagudos. Hesitei entre sair e esperar qualquer reação dele; e fiquei, porque me parecia que a cena não havia terminado, e eu não tinha o direito de sair, antes que ela se concluísse.

Sem levantar a cabeça, ele murmurou: – Deste-me com o tacão na cara.

– Dei, desculpa.

– Tu vendeste-me aos teus tios, eles e tu venderam-me àquela velha imunda, tu viste o teu tio tratar-me como um cão, e ainda me deste com o tacão na cara.

Não respondi.

– Eu devia matar-te e não fui capaz de te matar.

Tornei a não responder.

– E tenho mais força do que tu, eu podia matar-te, se quisesse.

Continuei calado.

– Mas eu no fundo não quis.

Silêncio meu.

– Se eu te matasse, matava a única testemunha de quem eu sou de verdade – e levantou o rosto para mim. – É como se tu fosses eu mesmo. Se eu te matasse, depois de tudo o que me fizeste, era como se matasse o que tu me deixaste, no fim de tudo.

– Muda de conversa. Um canivete não chega para matar ninguém.

Sorriu: – E o que é que chega para matar uma pessoa? Anda, diz, tu agora és especialista nisso.

– Não sei. Acho que é conforme as pessoas e as ocasiões.

Pôs-se de pé, esfregando a cara, e sentou-se na beira da cama: – Toda a gente me deu sempre tudo trocado, e sempre me trocaram por outro. Que mal fiz eu? Porque é que eu só sirvo para os outros terem e fazerem o que querem?

– E tu não tens feito o que tens querido?

– Não. Nunca fiz o que queria. Nunca tive o que queria. Nunca – calou-se, e prosseguiu meditativamente: – E paguei eu, com a piça e com o único amor que sempre tive, um barco para esses doidos irem combater em Espanha, em Espanha! Na terra do corno do meu pai. Só visto, contado nem se acredita. E tu, o meu único amigo, o único homem em quem eu sempre confiei, foste quem me vendeu. Mas que farsa.

Eu disse: – Mas, se te pareceu que ficavas livre, não ficas agora ainda mais livre?

– Fico... É uma libertação por baixo, assim como quem caga. Lembra-te de que és merda, e que em merda te tornarás, não é o que está escrito na porta dos cemitérios?

– Não. Lá falam em pó.

– É uma maneira delicada de dizer a mesma coisa. E agora, o Ramos, como vai ser?

– Não sei, e pouco me importa. De resto, eu já tinha perdido a Mercedes. O que eu não entendo, desculpa, é como as coisas são inúteis. Tudo isto foi para que a viagem se fizesse, e para que eu conservasse a Mercedes. E eu perdi a Mercedes, e o José Ramos

morreu. E a viagem fez-se na mesma.

– Com o dinheiro que eu ganhei.

Fitou-me com um brilho maligno no olhar: – Mas ainda há uma coisa que tu não sabes... Uma coisa que está para ti, como está para mim o que tu me fizeste... Ela também se entregou ao Almeida.

Entre dentes, eu disse: – Que grande novidade.

– É novidade, sim, para ti. Entregou-se, já depois de ser tua.

– Isso é mentira.

– Não é mentira. Eu vi.

– Não é possível. Mesmo que ela quisesse, não teve nunca tempo para isso.

– Teve. Sabes quando foi? Anteontem à noite.

– Eu dormi com ela esta noite inteira.

– E ele dormiu a outra noite toda.

– Aonde?

– Na pensão dela. Eu vi. Deve ter sido para o calarem, não? Ele já desconfiava de alguma coisa, pela certa.

– Mas como foi que tu viste? Onde estavas tu para ver?

Riu amargamente um riso consolado: – Já estás a acreditar, não estás? Pois eu vi, porque... é mentira, juro-te que não vi nada, que não sei de nada.

– Tu sabes de alguma coisa.

A cara dele estava banhada de riso feroz. Sentado na beira da cama, agarrou o sexo, sacudiu-o, começou a falar com ele: – A gente sabe, não sabe? Vamos contar-lhe o que sabemos? Não? Não queres que eu conte? Queres?

Com raiva e repulsa, eu disse: – É só com isso que tu sabes falar.

– Claro que é. Não é ele a língua dos homens, a linguagem que toda a gente entende? Mesmo os que têm medo de a usar? – e continuou a brincadeira: – Não és a minha língua? Ele diz que só falo contigo. É verdade que eu só falo contigo? É?

– Adeus. Acho que já dissemos o que tínhamos a dizer. Que já fizeste o mal que querias.

– Já, não já? Então estamos quites outra vez. E continuamos amigos – sacudiu outra vez o sexo: – Espera, não te vás ainda embora, que ele quer dizer-te um segredo.

Parei junto da porta, com a mão no puxador.

– Sabes qual é o segredo? Eu digo-te por ele. Aqui este pau não vai descansar enquanto não entrar nela. Ele e o buraco dela foram feitos um para o outro por vocês todos. É o mesmo que juntar a fome com a vontade de comer.

Voltei-me para ele, e disse marcando as palavras muito vincadamente: – Tanto me faz. Se ela quiser ser tua, é-me indiferente, porque não deixa nunca de ser minha.

– Tens assim uma certeza tão grande? Mesmo com o Almeida no intervalo?

– Tenho a certeza absoluta. E na verdade nem me interessa que tenha havido seja quem for, nos intervalos de ela estar comigo.

– Fizeste-a assim tão tua?

– Fiz.

Ele, agora de pé, pegou novamente no sexo, levantou-o para cima para falar-lhe mais intimamente: – Estás a ver? Vai ser mesmo a fome com a vontade de comer. Mas tu vais trabalhar o mais que puderes, não vais?, para correremos bem aquele gajo e os gajos todos, hein?

A cabeça do sexo disse-lhe que sim, e eu saí atirando com a porta. E, ainda no corredor, senti ganas de matar o Almeida. Era preciso dar-lhe uma lição. Mas como? Sem refletir, voltei atrás, entrei no quarto do Rodrigues sem bater. Ele estava deitado na cama, de costas, com os olhos no teto, e masturbava-se. Voltou-se sobressaltado: – Que é?

– Venho propor-te uma coisa.

Ele, cobrindo-se com a almofada, perguntou: – O quê?

– Liquidarmos o Almeida. Se liquidarmos o Almeida, eu faço tudo para que a Mercedes seja tua.

– Liquidar o Almeida? Mas isso é sério? – e logo entrou no jogo:

– Mas matá-lo, não. Capá-lo é que era – e, de repente, mudou de assunto: – Olha lá, então se a viagem se fez, como tu disseste, o Carlos Macedo foi sozinho? Aquela pureza impoluta, perdida por esses mares, no meio de uma data de contrabandistas... que ele de resto já conhecia de pequeninos, aí da praia. Mas que boa piada! Mais uma razão para se capar esse Almeida. Cambada de comunistas malditos! É tudo uma canalha – e a expressão chegou: – Para proteger essa espanholada foi que deram cabo de mim e de tudo, filhos da puta!

– Leste o jornal de hoje? O Macedo não deve ter ficado sozinho. Devem ter ido com ele uns espanhóis fugidos do Porto.

– Fugidos do Porto? Serão aqueles da pancadaria no dia em que tu chegaste?

– O jornal diz que são esses. Diz que eles fugiram e que a polícia calcula que eles tentaram embarcar num porto ao sul do Porto. Mas do barco do Macedo não fala.

– E esse Almeida então queria a Mercedes em troca de ir, e, como não teve a Mercedes que era tua, não foi? E depois ainda ficou por aí a gritar que ela era uma puta, depois de ter feito dela uma puta, porque dormiu com ela, depois de ser tua, a fingir que era o preço de se calar e de ir, hein?

– Deve ter sido isso. Mas então ele dormiu mesmo com ela?

– Dormiu. Eu digo-te a verdade. Dormiu. Depois que eles saíram nos automóveis, eu vi-o entrar na pensão, e paguei ao guarda da noite para ver se ele saía outra vez e ele não saiu. E ao guarda da noite, de madrugada, ele pagou para que ele não dissesse que o tinha visto. Eu ainda te quis dizer, mas tu nem me deixaste.

– E nem sei porque te perguntei isso. Por mau hábito. A Mercedes é minha, mesmo que seja de todos, mesmo que seja só tua. Tão minha, que, se precisas dela para sentir-te um homem, ta empresto. Só te aviso de uma coisa: que ela dormirá comigo, sempre que eu quiser. E os outros só a terão, quando eu não a quiser, e enquanto não quiser.

– Arre... ela até parece o Rufininho comigo.

– Não faças comparações de mau gosto. E sempre te digo uma coisa que nunca disse: essa história de Rufininhos, não acredito. Se isso fosse verdade, tu não falavas nessas coisas a ninguém, e tinhas um medo terrível de que alguém soubesse. Mas, como lá no colégio toda a gente soube disso, tu fazes alarde, para levar na brincadeira a fama que se te pegou.

– A fama e o proveito.

– Mas a fama é maior que o proveito. Eu vi-te o outro dia, na praia, com aqueles fulanos. O que tu és é um menino que cresceu menos que o pau que tem, e não perdeu a mania de exibi-lo aos homens a quem ele faz inveja, e que vive na adoração dele. Quando te agarras a ele, como estavas agarrado quando agora entrei, acho que não pensas em ninguém senão nele.

– Estás enganado. Até há poucos dias, pensava na tua tia. Agora que não tenho em quem pensar, estava a ver se pensava na...

– Cala-te.

– Foste tu quem me puxou pela língua... Cambada de filhos da puta... E para fazerem contrabando com uns espanhóis de borra... Se calhar uns galegos de merda como o meu pai... Vamos cortar a língua desse Almeida?

– Como?

– Deixa o caso comigo. Capá-lo a ele é como capar vocês todos, filhos da puta – e os olhos chamejavam-lhe de fúria. – Quando tudo estiver pronto, eu aviso-te para o espetáculo.

Parecia um demónio desencadeado. E, levantando-se para fechar-me a porta, vi de relance um começo de orgasmo, que não soube se seria resto da excitação que ele começara quando eu entrara outra vez, se antegoço das vinganças sangrentas que sonhava.

Na rua, estava uma tarde serena, muito vazia de gente, e eu lembrei-me de que meu tio estaria inquieto por saber se eu empandeirara convenientemente para Lisboa o Ramiro. Se, até à

véspera, a realidade era como uma brincadeira de crianças loucas, aquela tarde calma mais me revelava que ela, na minha vida, e quando eu pensava que tudo acabara para que eu renascesse, tomara o freio nos dentes. Não era já apenas uma loucura. Começava a ser um massacre. O Ramos morrera. O Rodrigues desejava a Mercedes. E que íamos fazer ao Almeida? Para que fora eu à pensão do Rodrigues? Para entregar-lhe a Mercedes em troca do Almeida? Mas, se a Mercedes estava para mim perdida – e agora eu compreendia o que se passara entre nós na véspera –, se, perdida, era o meu amor maior, e se eu nunca a teria tido se tudo não tivesse acontecido como acontecera, com o irmão, com o Almeida, com o diabo, por que razão eu retornava ao princípio, e lançava sobre o Almeida as culpas que nos cabiam a todos? E, subitamente, senti que não pretendia saber a razão de mais nada, que preferia ser levado por turbilhão após turbilhão, até que a própria violência fantástica que a realidade passara a ser me largasse e aos outros, onde e quando calhasse. Era como se o frenesi que fizera dançar os outros se tivesse também apoderado de mim. E, no desespero que igualmente se me revelou como um abismo fumarento e gélido, esse frenesi servia de libertação, e, mais que de libertação, de paradoxal serenidade. Lançarmo-nos uns aos outros numa espécie de guerra civil.

E a comparação dardejou em mim com tamanha claridade, que parei surpreso na rua. Quando a vida e as coisas atingiam uma tensão insuportável, era necessário assassinar alguém, nem que fosse por procuração. Quando as coisas eram tais, que nos sentíamos roubados, quando descobríamos que, antes de o sabermos já o tínhamos sido, já não possuíamos o que deveria ser nosso, e quando alguém era como que a raça dos senhores que nasceram para roubar, e nós, mesmo roubando de outros, nem mesmo assim refazíamos o património delapidado, estalava uma guerra civil, ainda que fosse uma guerra latente e sub-reptícia, apenas reflexo de um tumulto em que outros morriam por nós. O mundo em que eu

vivia estalara. Ou estalara a fachada dele. O tumulto da Espanha abria fundas ravinas nas nossas vidas, a princípio apenas como um terramoto as abre longe do seu epicentro. Mas, agora, mesmo que as armas não fossem brandidas, mesmo que a política não se definisse, não era já um terramoto distante, mas uma guerra civil que fendera de alto a baixo aquele mundo tão falsamente calmo como a tarde que me rodeava. Estaríamos todos ou de um lado ou do outro, e mesmo os nossos problemas particulares, as nossas amarguras, as nossas traições, tudo deixava de ter sentido, o estrito sentido que teria antes, para só significar em função disso. E, reciprocamente, a guerra civil era sentida em nós como um problema pessoal, uma Mercedes perdida, um Ramos que morria, um Rodrigues que era traído, um Almeida que não aceitara os cornos a que tinha direito. Na claridade que se me fizera no espírito, uma sombra persistiu teimosa, enquanto eu me ria das assimilações que se me formavam em volta dela. E a sombra era como que um aviso discreto cujo sentido eu adivinhava: a verdade não era ainda aquela, mas, por então, não podia ainda ser outra que eu, e todos comigo, ignoraríamos ainda. Entretanto, o Almeida pagaria. E um dia, quando não valesse já a pena, saberíamos porquê. Será que o Ramos, tão convicto politicamente, saberia, ou não? Que se explicassem um ao outro no outro mundo. A menos que, para eles, ou para algum deles, não houvesse outro mundo em que se explicassem. E não havia, disso eu estava firmemente convencido. E era o que tornava ao mesmo tempo tão importante, e tão inútil, que soubéssemos o porquê das coisas. E tão insignificante que nos interessássemos pelos porquês das pessoas. Destas, só os atos importavam: deles gozávamos, ou sofriamos, ou fazíamos sofrer os outros. Ou, por querer ou sem querer, os matávamos. Ou os enfiávamos num comboio a caminho de Lisboa. Ou os fazíamos descer, para o chão sujo de lixo, do alto da árvore da vida.

XXXIII

Minha tia estava sentada com as suas costuras, à mesa da sala de jantar. A luz que entrava, refletida do jardim, punha tonalidades douradas nos móveis que brilhavam, e no cabelo dela, que, como por contraste, adquiria um pensativo sombreado baço. Ela levantou a cabeça risonha, e disse: – O teu tio precisou de sair. Embarcaste o Ramiro?

Ao mesmo tempo que lhe respondia afirmativamente, senti que, mesmo a aludida expulsão do Ramiro, tão dependente de tudo o que se passara, não conseguia alterar a paz doméstica que pairava ali, semelhante a outros tempos agora tão longínquos, mas que, na irresponsabilidade ou no delírio, podiam ser assim reconstituídos.

Ela, sacudindo e estendendo o que cosia, para ver melhor a sua obra (e onde ela tinha e de que tinha tanto que ficar cosendo surgiu-me, de repente, como os véus atrás dos quais ela refazia aquela paz doméstica ou só dela), disse: – O teu tio recomendou que tu e a Maria enterrassem o cão, que não se aguenta mais o cheiro que ele deita.

Nem o cão morto lhe alterou a face calma e vagamente risonha agora, não porque alguma coisa tivesse perpassado dentro dela, mas porque, sem dúvida, e independentemente de qualquer causa, o cheiro em si era razão de incómodo. Para mim, porém, o cão morto foi demais.

- Foi o Rodrigues quem matou o cão, naquela noite – disse eu.
- Deve ter sido – anuiu ela, imperturbável.
- Sabe que ele continua a ir a Coimbra?
- Não tenho dúvida, mas não há de ser por muito tempo. Ele julga que vai durar-lhe muito tempo?
- Não lhe perguntei.
- Nem deves perguntar. Não temos nada com a vida alheia.
- A tia acha que não? Mas fomos nós quem fabricou aquilo, não fomos?

Ela fitou-me com os claros olhos muito límpidos: – Mas não fomos nós quem foi a Coimbra, nem somos nós quem continua a lá ir, nem quem quer que ele vá, pois não? Daí para diante, é que é a vida alheia – e tornou a contemplar o pano.

– Mas o que nós fizemos já foi a contar com as pessoas, com a maneira como elas se comportariam.

– Mas foram elas quem se comportou assim, não foram?

– A tia acha que não somos responsáveis?

– Responsáveis? Olha, meu filho, num conto do vigário tão responsável é quem o conta como quem acredita. As pessoas só acreditam no que querem acreditar.

– E pena? A tia não tem pena?

– Pena de quê?

– Do Rodrigues, por exemplo. Do que aconteceu aqui – e olhei-a num desafio aberto.

– Não. Porque haveria de ter? Ele sempre me pareceu um pouco cómico, e eu achava-lhe graça.

– E perdeu a graça?

– Os homens não têm graça, nem deixam de a ter. São homens ou não são.

– E ele não é um homem?

– Talvez seja. Mas isso é uma coisa que, a não ser em casos muito evidentes, ninguém está em condições de saber. Só o próprio é que sabe.

– E se esse próprio precisa de alguém para ter a certeza?

– Quando alguém não tem a certeza de alguma coisa, não há quem lhe acuda. Ou tem, ou não tem.

– Mas nunca ninguém tem certeza de coisa nenhuma. Por isso é que os outros são precisos. Quer queiram, quer não queiram.

– E as coisas ficam mais certas? – e soltou uma gargalhadinha fina, ao mesmo tempo que me olhava com um relance malicioso, como se estivéssemos discutindo casos vulgares e divertidos, daqueles que nos confirmam que a vida é uma superficialidade

caricata e risonha.

Eu, que me sentara durante a conversa, levantei-me e disse: – Vou enterrar o cão. No fim de contas, a gente passa a vida a enterrar os cães dos outros.

Minha tia franziu o sobrolho, como quem atenta melhor no ponto que está dando, deu um ponto, e comentou: – Sabes uma coisa? Os cães, como as pessoas, são sempre um pouco vadios. E enterrar os mortos, mesmo os cães, é uma obra de caridade.

Já na porta, voltei-me e perguntei ironicamente: – A caridade é que é tudo, não é?

– Muito mais do que julgas.

– Acho que, pelos exemplos presentes, não sei o que ela seja.

– Também me parece que não sabes. Mas acabarás por aprender.

– Vou enterrar o cão.

– É um favor que me fazes e ao teu tio.

Fui à cozinha, e encontrei apenas a Micaela remexendo os tachos no fogão. A Maria devia estar arrumando lá para cima. Mas ela mesma largou a colher de pau, e foi ao fundo do quintal procurar uma pá e uma enxada, que me deu: – Enterre o cão bem fundo. Cães enterram-se bem fundos.

– Porquê? – perguntei, e ela limitou-se a encolher os ombros, como se fosse coisa que eu tivesse obrigação de saber. Depois, foi à caixa da escada, e chamou a Maria.

A Maria, dando às ancas, e com uma blusa de malha que os seios pareciam querer rebentar, desceu as escadas, e ficou ao pé de nós, com uma expressão do rosto, entre expectante e alvar. E riu, quando eu lhe disse que íamos enterrar o cão.

No meio do matagal, perto do cão sobre que zuniam moscardos verdes, e que tinha um ar de carcaça ao mesmo tempo ressequida e gosmenta, nauseabunda, mas de um penetrante sabor adocicado que parecia envenenar a saliva, escolhi, com a enxada, numa abertura de ervas mais baixas e ralas que mostravam a terra, um lugar em que esta me pareceu menos endurecida. Passei a enxada à

Maria, e disse-lhe que cavasse.

– Ah eu é que cavo?

– És.

– Mas eu não me empreguei de criada para cavar a terra. Cave você se quiser.

– Mas foi o teu patrão quem mandou.

– Ora, ora, não cavo – e plantou-se, apoiada à pá, numa atitude de rebeldia teimosa: – Até que eu quero ver se é homem para isso – e balançava-se provocante.

Com fúria, cavei raivosamente, e parei para tirar o casaco que me esquecera de despir. O suor escorria-me pela testa abaixo.

– Ih, como ele está cansado... Cavar não é com ele... – troçou ela.

Continuei cavando, e a cova chegava-me à altura do joelho. Ela abeirou-se, olhou o cão morto, olhou a cova outra vez, olhou para mim que limpava o suor, e disse: – Já chega.

Saí da cova, e ambos arrastámos o cão para a borda e fizemo-lo cair dentro numa revoada de moscas, enquanto da barriga rebentada lhe alastravam vísceras enegrecidas. Eu com a enxada e ela com a pá cobrimos aquilo. No fim, ficámos ao lado um do outro, com as mãos nos utensílios. No meu nariz, o cheiro fétido persistia, como as moscas que teimavam à nossa volta e que pousavam em nós e onde o cão estivera. Ao cheiro que persistia, somava-se o do nosso suor. As mãos dela largaram a pá que caiu levantando moscardos zumbindo, e vieram, num apertão súbito, apalpar-me o sexo. Derrubei-a, e ela levantando as pernas, exibiu a nudez, e disse: – Cava aí agora, mas deita a semente fora.

Quando acabámos, e nos levantámos, ela, enquanto se sacudia e compunha, empurrou a terra com o pé, para cima do que ficara derramado, e murmurou umas rezas.

– O que foi? Porque fizeste isso?

Ela deu-me o braço com ternura animal: – Tem de ser. Senão a terra chupa-te, e nunca mais consegues senão assim. Deus castiga.

Ri-me, e disse: – Então castiga todos os rapazes, antes de eles terem mulher.

Ela ficou séria: – E castiga mesmo.

Vimos vindo até à porta da sala de jantar, eu parei, e a Maria seguiu com a pá e a enxada. Minha tia levantou a fronte, e olhou-me dos pés à cabeça. Depois, perguntou: – Já está?

– Já – e entrei.

– O melhor é ires tomar um banho e mudar de roupa. Trazes esse maldito cheiro contigo.

– Era o que eu ia fazer.

Quando eu subia a escada, a Maria saiu-me ao caminho, e pendurou-se-me no pescoço, tentando beijar-me. Desviei a boca. Lutando para encontrar-ma com os lábios, murmurava: – Logo, vou dormir contigo. Afinal, sempre me quiseste.

Ao afastar-se de mim, a Micaela estava por trás dela: – São como cães, nem se escondem.

A Maria, ao passar por ela, disse: – O que você tem é inveja.

– Inveja, eu? Caticha. O que eu não entendo é como um rapaz limpo como ele vai com uma porca como você.

A Maria voltou-se, arrepanhou o vestido sobre o ventre, e disse: – Anda, velha danada, vem cá cheirar o perfume, não percas, que cheira a homem.

– Croia desavergonhada – sibilou a Micaela.

– Isso, chama-me croia, mas antes ser croia de homem do que croia do dedo – ripostou a Maria, já com a outra agarrada ao pescoço dela.

– Que é isso aí? – disse cristalinamente minha tia, da sala de jantar.

Nenhum de nós três respondeu, elas dispersaram na sombra do vão da escada, e eu subi.

Depois de voltar do banho, fiquei deitado em cima da cama, com a janela aberta, vendo o céu que se esverdinha já com o sol mergulhado abaixo dela. Era de total miséria a sensação que eu

tinha. Aquela posse frustrada de uma fêmea bronca, em cima da cova de um cão assassinado e podre, era bem a imagem da minha vida. Mais do que ela, a mais exata imagem era aquele pé da mesma fêmea bronca, tapando com terra e pisando esfregadamente um pouco do meu esperma, perdido no chão. E, para que, de futuro, segundo as superstições, eu pudesse verter dentro de outras aquilo mesmo que vertera fora, a pedido dela e cautela minha. Depois de tudo, só faltava que um Rufininho ajoelhasse diante de mim. Na degradação a que tudo chegara, não seria difícil, e estremeci de quase pensar que o Rodrigues, hoje mesmo, me parecera que era isso o que queria, e que eu, depois, para perseguir o Almeida e me vingar e vingar os outros dele, lhe oferecera a Mercedes que ele reclamara. Tapando os olhos com as mãos, tentei esquecer tudo. Aliás eu já estava esquecendo tudo, já não me lembrava de coisa nenhuma nem de ninguém com clareza. Mas tanto fazia lembrar como não. Esquecendo, eu sabia que a agonia que sentia era lembrança, uma lembrança que não residia na memória, mas em todo o meu corpo, em todas as minhas vísceras, no bater do coração, nos borborismos dos intestinos, no respirar, no mover das mãos, e não só no sexo mas também nas sensações dele e no enebriamento que ele me causava. Mesmo, como acontecera agora, num ato que fora um impulso súbito, em que não houvera amor, nem qualquer ideia de mim próprio, mas um furioso abandono animal, eu me assistira, eu vira-me, sentira-me, gozara-me, como se outro fosse o que fizera aquilo para minha satisfação. Mais: fosse não outro, mas *outros*, todos os atores da minha vida, em cujas vidas eu era um ator. E, porque todo o meu amor fizera o corpo da Mercedes, e todos comigo o tinham feito, percebi a razão incrível de eu ter *dito* ao Rodrigues que lha cedia. Não se possuía mais ninguém. Todos eram de todos, e sobretudo o que mais amássemos. Desesperadamente me revolvi sobre mim mesmo, numa revolta contra aquela dissolução última da posse. Tudo em mim se rebelava contra a promiscuidade mortal em que a vida se me afundava. E,

simultaneamente, sentia um prazer maligno em imaginar a Mercedes, de perna aberta, recebendo, um após outro, uma procissão de membros eretos. Era como se ela só fosse plenamente minha, aquele corpo absoluto que era mais do que meu, depois que todos a violassem, a deixassem gasta e sangrenta, insensível ao prazer que *alguém* lhe desse. Só então o nosso amor e a nossa posse seriam possíveis. Seriam, se ela estivesse morta. E afinal eu queria que ela morresse. Quem eu queria que morresse era ela. Eu nunca teria paz, nem seria eu mesmo, se ela não fosse morta. A isto, felizmente, numa sensação de alívio, não resisti, e a noite fez-se-me abruptamente, tão dentro do quarto como na janela aberta.

Foi um momento que me pareceu longuíssimo, ou, talvez que ao contrário, uma demorada suspensão que me pareceu momentânea. Mas era como morte, e eu não aguentava mais. Ou a minha vida era um pesadelo de que eu queria sair – e, para o horror de um pesadelo, tanto faz que ele seja, como nos pareça horrível –, e não podia sair doutra maneira dele; ou a morte me aparecia como um pesadelo que cobria de podridão tudo, todos, e eu próprio, e não era morrer o que eu queria, mas livrar-me da morte, da minha e da dos outros, mesmo que, para isso, eu tivesse de morrer. Havia talvez os que nasciam doidos, os que nasciam imbecis, os que iam ficando, pouco a pouco, vacinados contra a sordidez e a malignidade. Mas eu não era de uns nem de outros, ou as coisas tinham-se precipitado tão vertiginosamente, que uma pessoa sozinha não tinha tempo de ficar vacinada contra elas. A vacina fazia efeito, quando já não fosse precisa. Ou a vacina era coletiva, assim como eu me lembrava de uma vez ter sido vacinado no liceu, toda a gente em fila e o médico arranhando todos com a mesma espátula afiada. Mas, coletiva, não nos vacinava da angústia individual, como a que eu sentia e ninguém partilhava. Tínhamos todos mais ou menos partilhado tudo, ou partilhá-lo-íamos ainda mais. Mas aquela solidão agônica que eu sentia, porque era uma solidão, parecia que, da partilha, se aumentava. Aumentando, mais nos atirava uns sobre os outros, e

uns contra os outros – e contra, não sabia eu já se para amar, se para ferir de morte. E, assim num molho inextricável, como um nó de vermes ou de víboras, cada um de nós era uma solidão terrífica, tanto mais terrífica quanto excessivamente povoada.

Era outro mundo o que surgia. Um mundo que ia levar, por certo, muitos anos a definir-se; e que não seria já o mesmo, quando ficasse plenamente definido. Eu devia estar, pobre de mim, no limiar dos horrores. Estava ainda na situação de não saber senão que estava horrorizado, de ignorar, porém, se me horrorizava do mundo em que caíra o mundo ou caíra eu, ou se tudo isso era horrível para quem ainda se lembrava de ter vivido noutro. E por quanto tempo tudo nos não lembraria de uma calma podre, tão podre como a agitação de agora? As pessoas tinham sido elas mesmas, confiadamente seguras do bem e do mal, serenamente fechadas sobre si próprias, mas apenas se sentindo sós, quando lhes faltasse companhia. Agora, não era companhia o que faltava, e não era em mim que eu me sentia só, mas nos outros. Até quando, de nos partilharmos de amorosa fúria, de todos sentirmos que não nos salvávamos uns sem os outros, nem a companhia existia para as horas vagas, e sim para as outras horas mais cheias, até quando seria esse vazio de ficar sós no meio da desordem desenfreada de uma realidade que se fazia de nós todos e de nenhum, porque deixara de ser, rasgada de alto a baixo, a mesma para todos? Que outra coisa que a morte me ajudaria a suportar aquilo? Não aguentava mais. E, danado de raiva, eu abracei o travesseiro, para estrangular e possuir nele a Mercedes, como se ela fosse eu próprio.

Bateram à porta, e a voz da Maria disse: – Venha jantar, o seu tio está a chamá-lo.

Acendi a luz. Entontecido pela claridade, e pelo que tinha para mim de insuportável a realidade material daqueles móveis do quarto, vesti-me. E foi como ébrio que desci as escadas, aos tropeções, até à sala de jantar, cuja iluminação me ofuscou.

Ainda no ofuscamento em que estava, e como parte dele, ouvi a

voz do meu tio, declarando que estava tudo arrumado: – ... ouviste? Senta-te, homem, que até pareces um espectro!

Sentei-me, e ele repetiu o que dissera. Falara com o capitão Macedo, tinham ido ao homem do porto, que era quem mandava nas praias, o padraço do Ramos tinha sido chamado ao telefone, o Ramos estava no Porto com a família, os rapazes tinham contado como naquela noite o Ramos afinal se separara deles e não participara da pândega, as pegas tinham declarado que eles tinham dormido com elas e era verdade, e ninguém reconhecera o cadáver que devia ser de algum marujo estrangeiro, caído ao mar, de algum navio que passava. A autópsia até provara que o cadáver estivera, sem dúvida, muitos dias na água, antes de dar à costa.

– Mas era ele... – balbuciei – ... era ele, eu vi.

– Ora... ora... – disse meu tio, fitando-me com ar escarninho.

– E ela também o viu, era ele – continuei, conseguindo já coordenar algumas ideias.

– Não viu nada. Viu um morto na praia, e, na aflição em que estava, julgou que era o irmão.

– Mas ele não pode estar no Porto, ele está morto. Toda a gente sabe que ele está morto.

– E o que é que importa o que as pessoas sabem? O que importa é o que elas dizem.

– Mas, se ele está morto, não pode estar no Porto.

– Se o padraço dele acha que ele está, que tens tu com isso?

– Mas uma pessoa não desaparece assim – e lembrei-me de outras desapareções: – E o Carlos Macedo? E os espanhóis?

– O Carlos realmente sumiu de casa. O capitão Macedo até pediu que o procurassem em Lisboa.

– Ele não está em Lisboa. Ele embarcou.

– Tens a certeza? – e, para melhor reiterar a pergunta, ficou de garfo no ar.

– Não tenho a certeza de nada – disse eu surdamente, sentindo uma revolta inarticulada contra aquilo tudo.

– Come. A comida está na tua frente – disse meu tio, e eu vi que tinha comido a sopa, e que minha tia me estendia o prato já servido por ela. Peguei no prato, e senti a Maria a meu lado, que me retirava o prato vazio. Olhei a minha tia ansiosamente, como se esperasse dela um sinal que quebrasse aquele encantamento que eu sentia no ar e em mim, e me paralisava. Meu tio, limpando a boca com o guardanapo, olhou-me e a ela disfarçadamente. Mas minha tia, com um leve sorriso nos lábios, movia-se naturalmente no que me parecia uma atmosfera mágica, e descascava uma maçã que ia comendo aos quartos. Era só eu quem estava enfeitiçado, ela fazia parte da feitiçaria. Tive uma súbita vontade de levantar-me da mesa e de fugir, mas só fui capaz de continuar comendo distraído o que nem sabia o que era. Quando acabei, meu tio enrolava e lambia o seu cigarro, acendeu-o, puxou uma fumaça, enfiou os dedos no cabelo, e disse: – Eu tenho muito gosto em que tu estejas cá em casa. Mas eu, se fosse a ti, dava as férias por terminadas, e voltava para Lisboa.

Olhei-o com espanto, sem bem perceber o que ele dizia. E prosseguiu: – Ah, e a propósito, claro que meteste o Ramiro no comboio?

Acenei que sim.

– Muito bem, muito bem. Podias ir amanhã de manhã. O capitão Macedo pediu-me para o Luís ir contigo.

Era então isso. Tinham tudo combinado. Não haviam perdido tempo. E disse: – Desaparece toda a gente, não escapa ninguém.

Meu tio respondeu-me filosoficamente, entre duas fumaças muito chupadas: – É o que acontece, mais tarde ou mais cedo, a toda a gente, neste mundo. Chegou a tua hora de mudares de planeta. Tens dinheiro para o comboio?

– Não – e, na confusa memória daqueles dias, feitas as contas, não teria.

– Isso é o menos. Ainda temos dinheiro para esse bilhete.

Que ele «ainda o tivesse» arrepiou-me. E ainda mais que o meu

bilhete fosse comprado com ele. Todavia, logo após o arrepio, senti um grato alívio pelo empurrão que meu tio me dava dali para fora. Na verdade, eu queria ir-me embora, queria sumir da circulação, queria esquecer tudo, o que eu queria era mesmo indescritível. Levantei-me da mesa. Dirigi-me para a porta. Nesta, voltei-me. Ao vê-los – e minha tia levantava-se então também –, uma raiva enorme fez-me compreender o que eu queria: uma metralhadora com que metralhar o mundo.

– Vais sair? – perguntou meu tio, e a Maria, entre portas, olhava para mim.

– Vou.

O cabelo de minha tia, de pé ao lado dele, brilhava luminosamente. E meu tio disse: – Não desapareças antes de tempo. Lembra-te que partes amanhã de manhã – e pareceu-me que havia, na voz dele, uma hesitação afetuosa e ao mesmo tempo fria, que me ficou nos ouvidos, depois que voltei as costas e saí.

XXXIV

Não pretendia ir para lugar nenhum, não me lembrava de nada ou de ninguém, não desejava nada senão realmente metralhar o mundo. Um massacre que fosse mais real que toda a realidade em que as pessoas eram e não eram elas, morriam e não morriam, eram cadáveres e não eram, sumiam e não sumiam, amavam e não amavam, entregavam-se e não se entregavam, eram de todos e de ninguém, eram e não eram elas mesmas. E, afinal, para lá de serem ou não serem elas, perdiam a própria identidade. Num mundo em que tudo se vendia e se roubava, essa identidade era o único bem, a única propriedade pessoal de nós mesmos para nós mesmos. Na morte, ficamos imobilizados nessa identidade que nos garantiu em vida. E nem mesmo essa identidade era segura, podia ser-nos tirada. Nem sequer trocada, mas pura e simplesmente tirada, renegada mesmo. Era como se, num pesadelo, nós gritássemos que éramos nós – ainda que nós fôssemos, sendo nós, todos os outros, e só com eles fôssemos nós – e à nossa volta todos aqueles por quem éramos cobrissem a nossa desesperada voz com gritos de que não éramos, de que não existíamos, nunca tínhamos existido. E, com efeito, se só por todos os outros éramos o que éramos, dos outros dependia a nossa identidade, e eles eram livres de não a reconhecerem, de a contestarem, de trocarem-na por outra, ou de firmemente no-la recusarem. A identidade era como um passaporte provisório para sermos, que podia durar a vida inteira e mesmo para além da morte, se isso conviesse aos outros, e apenas enquanto lhes conviesse. E, quando repeti comigo que ela era só isso e nada mais, estava diante da casinha da velha, na rua deserta, e um cão que vagamente recordei cheirava-me as calças. Dei-lhe um pontapé no focinho. Ele ganiu, fugiu para a esquina, e de lá ladrou-me furiosamente. Desci a rua, e fui andando até à avenida que bordejava a praia. Parei. Ali, devia ter sido na direção daqueles dois barcos, é que ele tinha aparecido, era que ele estava. Eu tinha-o

visto. Nessa mesma manhã. Ou tinha sido ontem, ou anteontem? Não. Não havia passado sequer um dia que eu o vira, não devia sequer estar enterrado ainda, e não era ele. Incrível. Mas tão incrível como ele estar morto. Ali, na praia, na madrugada clara, no meio de um grupo de sombras negras que se debruçavam para ele. Mais ou menos na direção daqueles dois barcos, onde agora a espuma se espalhava chiante e branca, à luz vaga que lhe chegava dos candeeiros da rua. O vaivém era estrondoso e desbordado, ora sugante e chiante, das ondas que se sucediam, era como um som alternadamente branco e negro que se prolongava pela praia fora. Ao longe, era menos som que uma claridade sonora que se alongava pela areia acima. Nada restava ali, nem em parte nenhuma. E aquilo mesmo por que as pessoas podiam ter morrido não era já a razão que as poderia ter feito morrer, ou a oportunidade da qual e pela qual tinham morrido. Eu vira-o ali morto, ele não estava no Porto, era impossível. Devia estar – aonde? Talvez na capela do cemitério, na do hospital, abandonado e nu e mais podre ainda; e não era ele, mas o cadáver de um marinheiro muito branco e louro que caíra ao mar e se afogara. Um inglês, um norueguês, talvez mesmo um alemão como em parte ele era. E podia acontecer que tivesse caído algum marinheiro ao mar, e que uma família dos confins da Alemanha, um dia, reclamasse aquele corpo já irreconhecível, como propriedade sua. E ele que odiava tudo o que a Alemanha estava sendo, e talvez que a odiasse até em si mesmo! Vagamente a Mercedes falara-me nisso. Alguém me falara. Ou não? Não conseguia lembrar-me claramente. E uma dor terrível, que quase me tirou a respiração e me fez vacilar, crispou-me o peito, a cabeça, as vísceras, e mesmo aniquilou o princípio de desejo que se manifestava no sexo. As coisas e as pessoas podiam ser substituídas, transferidas de identidade e de sentido, suprimidas, tudo. Mas não podiam ser refeitos os acontecimentos com elas. Porque, fôssemos quem fôssemos, fizéssemos e disséssemos o que quiséssemos, os acontecimentos *tinham sido*. Isso era mais importante do que a vida

e a morte. Nem a memória, nem o esquecimento, podiam nada contra esse «ter sido», contra o ter sido não ser outra vez, ou não ter sido diverso do que tinha sido. Ainda quando esse «ter sido» fosse a maior das amarguras, envolvesse traições e mortes, e recordá-lo apenas nos trouxesse a saudade, que eu já também sentia, não do que fora mas do que poderia, noutras circunstâncias, ter sido, ou do que teria sido, se então soubéssemos o que saberíamos depois, e precisamente por não termos sabido então, *tinha sido*. Era horrível, pavoroso, inacreditável, mas tinha sido. Deixara-nos, até na própria carne, uma sensação de crime de frustração, mas todavia tinha sido. E, contra isto, nada prevalecia. Esta era a certeza, era a segurança. E era também a maior dor que se me anunciara violentamente, como se eu devesse, daí para diante, menos senti-la que lembrar-me de que a *tinha sentido*. Ou, sempre que a sentisse, sentir também a recordação de havê-la descoberto.

Fui andando ao longo da avenida, sentindo o mar a meu lado. Havia vultos sentados na borda dela, voltados para a praia, vultos encostados aos candeeiros, vultos na sombra das paredes das casas, e pelas esquinas. Isolados, ou em pequenos grupos, outros vultos circulavam na brisa marinha. Vagas vozes soavam distantes, e, por entre elas, um rádio, ou mais que um, gralhava. Era numa taberna, dentro da qual muita gente se acumulava ouvindo-o, que estava o mais próximo. Eu, no mesmo passo distraído em que vinha, derivei para a porta. A voz, rouca e excitada, dirigia-se violentamente aos inimigos da civilização cristã, exortando-os a deporem as armas, antes que fossem aniquilados pelas forças conjugadas do nazi-fascismo, increpava a França e a Inglaterra, com ironias que se faziam ainda mais roufenhas do que a voz, pela tibieza e a duplicidade com que agiam, manietadas pelas traições da democracia judeo-comunista, e trilava, em estridências não menos roucas mas mais trémulas, para informar os heroicos defensores do Alcázar de Toledo que estivessem seguros de que o mundo lutava em espírito ao lado deles, pois que, nessa mesma tarde, embora a

informação não fosse oficial, o governo português oferecera, respondendo às provocações de que era objeto, o seu apoio incondicional ao general Mola, um dos gloriosos chefes da revolução libertadora. A presciência política do chefe do governo, desse português da têmpera do Condestável Nuno Álvares Pereira e do Infante D. Henrique, porque, como o primeiro salvara a pátria na hora do perigo, e como o segundo pusera-a no caminho dos seus altos destinos, que era o das caravelas que afoitamente penetravam no Mar Tenebroso da decadência das nações entregues ao banditismo vermelho, essa presciência, essa sabedoria haurida nas mais fundas fontes da nacionalidade, não precisara de esperar pelo formalismo de um governo espanhol, para declarar-se à face do mundo, visto que, na guerra santa, o governo estava na indestrutibilidade... tili... tiri... tibilidade – concluiu triunfantemente – da união das armas e dos corações. E, já num grasnido engasgado de tosse, acrescentou ainda: – Heroicos cadetes do Alcázar, flores da juventude da Espanha, podeis dormir descansados, com as cabeças pousadas nas vossas armas devotadas. Como as vossas sentinelas que assistem de olhos esbugalhados à destruição bárbara da vossa catedral em que jaz um rei de Portugal, mas que velam, Salazar está convosco. Ele vela, ele vela! Morte aos inimigos da nossa pátria.

Afastei-me, levando nos ouvidos a gritaria terminada e os acordes marciais dos hinos. De que nossa pátria falava ele? Uma pátria comum a nós e aos tais cadetes? A pátria dele? A minha? A dos meus amigos? Qual? Mas, no cansaço que a dor me deixara e era uma exaustão para lá de tudo o que fisicamente eu consumira e me haviam consumido de mim nas últimas horas, a pátria, para mim, era um corpo que eu via entregando-se-me, deitado numa cama em que se alastrava escorrida uma podridão de cadáver, que os lençóis bebiam como se fossem areia. Era isso o que aquele homem cobiçava? Continuei andando, em direção ao fim da praia, onde as sombras se adensavam das luzes distantes já. E, a meu lado, uma sombra se materializou num vulto esguio que, com uma voz

macia, disse: – Que coisa horrível, horrível, não foi? –. Olhei-o de soslaio, pensei «É agora que ele vai cair de joelhos, com a boca aberta e as mãos estendidas para a minha braguilha», e não contive um riso que, em gargalhadas que se atropelavam, quase me engasgou. Ele recuou, ao mesmo tempo receoso e escandalizado: – De que está a rir? Que graça tem o que aconteceu?... Desculpe, se o incomodei... – e, tão subtilmente como se havia materializado, já refluiu para a escuridão menos escura que o vulto em que surgira, quando o chamei.

– Não... Venha cá, não o mandei embora.

Voltou para o meu lado, já ondulando tranquilo. Mas ainda estava escandalizado; ou, agora que tranquilo, só isso lhe permanecia a toldar a satisfação, que eu percebia ansiosa, pelos olhares furtivos que lançava em volta, de estar comigo.

– Por que se riu? Que graça tem, ai meu Deus, que horror?! Não acha que é um horror?

– O quê?

– Pois não sabe? Ai sabe, não me diga que não – e, mesmo em questão tão dramática, havia coqueteria na voz dele.

Lembrei-me de que nunca falara com ele como estava falando, e quase nunca o vira tão de perto como agora. Mas era como se o conhecesse havia muito tempo, tão profundamente ele estava envolvido na vida de pessoas que o estavam na minha. E mais: a presença dele, a meu lado, tinha realmente muito da «materialização» que fora a minha impressão primeira, porque não só ele estava profundamente envolvido, como ele tinha sido «outros» na raiz de outros serem ou escaparem-se de ser, numa sequência de acontecimentos, que viera até mim. Não era todavia menor o receio de que me vissem com ele; mas, ao enveredar para ruas mais escuras, senti que a suspeição seria mais justificada pelas aparências, e infleti para as ruas mais iluminadas e movimentadas do Bairro Novo. Ele ia lamentando a morte do Ramos, entrecortadamente, com silêncios que eram rememorado fascínio

pela pessoa dele, aludiu ao barco, ao sobrinho da velha, à casa, aos contactos que mantivera com o Rodrigues. Satisfeito por passear-se em público com um homem, esquecido dos desígnios que talvez não tivesse sequer a meu respeito, falava com volubilidade, sem se dar conta de que eu ia calado. Mas, curiosamente, os gestos, os ademanes, o ondular do corpo, haviam adquirido certa rigidez viril; e mesmo a voz não se requebrava tanto, adquirira ponderação e, para não descambar em exclamações em ais de pretensão espanto, quase se fazia rouca. Percebi que, no fundo dele, e até no corpo dele, havia uma saudade de ser naturalmente homem, que o compunha, e que só movimentos súbitos da cabeça que se voltava em demoras de olhares fitando mecanicamente vultos masculinos eram o que desmentia, mais como hábito que ele desejaria, sem o saber, suprimir naquele momento, que como técnica de não perder nenhuma oportunidade que ele não queria encontrar estando a meu lado. Foi quando percebi a diferença, não propriamente entre ele e o Rodrigues, mas entre os comportamentos que tínhamos para com ambos. E, de súbito, perguntei-lhe: – Porque é que é assim?

Embebido no prazer em que ia, e que se fazia aliás das lamentações funéreas que prosseguiam nos seus considerandos, não percebeu a pergunta que repetiu: – Assim quê? – julgando que eu lhe perguntava da razão transcendente das coisas.

– Você.

– Eu?

– Sim, você. Que prazer tem você em rebolar-se? Você gostava de ser mulher, não?

O choque que ele sofreu imobilizou-o, e logo foi um relance de raiva, que, como um banho velozmente oleoso, lhe derreteu insolentemente toda a rigidez. De mão na cinta, disse: – Se eu fosse mulher, os homens não gostavam de mim, como gostam. Sabe? Eu optei.

– Mas quem é que gosta de si? E por que é que você optou? Por ser ridículo? É para chamar a atenção? Mas você só chama a

atenção dos que o acham nojento.

– Quanta pergunta que você me faz, Santo Deus, credo! Que curiosidade a sua!

Era para ofender-me que ele acentuava muito ironicamente a minha curiosidade, e para inverter, por vingança, a relação normal que eu quebrara com as minhas perguntas. Eu, porém, perguntara, não para feri-lo, mas precisamente porque me chocara que ele exibisse um fundo feminino que eu percebera que não era exclusivamente o dele. Mas a curiosidade que eu sentia era de facto muito grande, como se dela dependesse o esclarecimento de muitas coisas, não a razão delas. Não queria que ele ficasse magoado. E disse: – Tenho curiosidade, sim, gostava de saber.

Encostou-se à parede, seguindo com os olhos rapazes que passavam; e foi com o ar de quem estava sendo assediado por um admirador incómodo que pretendia interpor o seu desejo entre ele e outras figuras ou sexos mais apetitosos, que acedeu, num encolher de ombros: – E o que é que quer saber? Pergunte, que eu respondo.

Seria impressão minha, mas a situação estaria a tornar-se suspeita aos transeuntes menos distraídos. E eu sentia olhares que nos fitavam e se esquivavam, ou cabeças que se voltavam para ver melhor quem eu era. Agarrei-o por um braço: – Vamos embora daqui.

– Para onde? – mas deixou que eu o conduzisse.

Dois rapazes que cruzaram por nós, quando dobrávamos uma esquina, arrepiaram caminho, rindo, e um deles demorou-se o tempo de gritar palavrões.

O Rufininho disse: – Uma das coisas melhores que já tive era assim. De cada vez que ia comigo, quanto mais gozava e me fazia gozar, mais me chamava nomes.

Com um apertão no braço dele, eu disse: – Cale-se, e ande para diante.

– Mas para onde é que você me leva? Quem é que julga que eu sou? Julga que chega o primeiro e me leva assim por um braço? – e

deixava-se levar.

E para onde o levava eu? Não sabia. Mas eu queria perguntar-lhe como era que o Rodrigues, recebendo-o por troca, pudera fazer dele o que ele era. O que ele era estava no início de tudo, embora não fosse o início de tudo. E, como uma espécie de «momento», todas as férias, ele passava, seguido por risos ou por vaia, por entre aqueles mesmos de quem fora o bode expiatório: a própria transformação que ia sofrendo, acentuando exteriormente o que ele era, compensava o quanto, no correr do tempo, pudesse ele tornar-se de lembrança vaga de atos esquecíveis como porcamente e irresponsavelmente infantis. Mas ele «optara»: não era isto o que ele tinha dito?

Parei, e fi-lo parar. Olhou-me e disse: – Largue-me, que eu não fujo.

– Você disse que tinha optado...

– Foi. Quando começaram comigo, eu nem gostava. Mas eu gostava deles, e fazia e deixava fazer o que eles queriam. Depois, eu tinha pena de não ser como os outros, não pensar em raparigas, não queria continuar, e eles obrigavam-me, não tinha paz, a toda a hora me procuravam, me agarravam... Mais tarde, você pode não acreditar, mas até ia às mulheres, sozinho, às escondidas, porque eles não acreditariam que eu ia, haviam de querer ver, e, se eles fossem comigo, tenho a certeza de que não seria capaz – e, na pausa que ele fez, ficou suspensa uma melancolia, ou me pareceu que ficara, como reflexo da simpatia que ele supusera numa pergunta que era só curiosidade que não ficava nele, mas passava através dele, quase da mesma forma que outros o teriam penetrado pensando noutros corpos. A pausa fez-me perguntar: – Se isso foi assim como você diz, como pode você continuar a dar-se com eles, ou com o Rodrigues, especialmente com o Rodrigues?

– Ele disse-lhe que tinha sido o primeiro, não disse? Que o Carlos Macedo tinha feito uma aposta com ele?

– Também o Macedo me disse.

– Mas não foi. Ele quer ter sido, mas não foi.

– Não foi?

– Não. Eles não sabiam. Já tinha havido outro, um primeiro. E eu fiz tudo para atravessar-me na frente do Rodrigues, vivia dia e noite a sonhar com ele. Eu não tinha gostado, eu não gostava, mas com o Rodrigues ia ser diferente.

– E foi diferente?

– Como você se engana! Ele não presta o que se julga por aí e faz constar. São mais as vozes que as nozes. Mas, de vez em quando, ele quer provar-me que da última vez não foi feliz e agora é que vai ser. Toda a gente acha que ele não presta, é daqueles que enganam... A gente enche os olhos, e é um engano. Sabe? Ele errou a vocação.

– E você descobriu a sua, com ele, apesar de tudo, não?

– Não. Eu optei – e o verbo tinha para ele um especial sabor. – Mas só depois. Acho que fiquei à procura do que ele me não deu.

A raiva de ele ter sido muito mais, e também muito menos, no princípio de tudo, revelou-me, num choque, o inominável daquela conversa. Afastei-me repentinamente dele, quebrando uma vez mais, agora em sentido contrário, qualquer intimidade com ele. Mas o efeito foi diverso: – Optei, sim, optei, e sabe por qual coisa é que eu optei? Por parecer aquilo mesmo que os outros pensavam que eu devia parecer. E isso o seu amigo Rodrigues deu-me. Sempre que ele me insulta ou me aponta, não faz ideia do prazer com que eu me rebolo.

– Se você fizesse, em Lisboa ou no Porto, o que faz aqui, tinha a polícia às canelas.

Ele riu cinicamente: – Eu? Se eu não fizesse, é que tinha. Assim, já toda a gente sabe que comigo não vale a pena ensaiarem o conto do vigário, que eu não tenho medo de passar por ser aquilo mesmo que sou. E... eu tenho dinheiro para pagar o que for preciso, e quem for preciso... – seguia a meu lado, falando novamente com a voz rouca, andando com passo firme. – E digo-lhe mais, ah digo. Toda a gente tem um preço, toda.

– Suma da minha vista, antes que eu o desfaça!

– Aqueles que eu ainda não comprei são os que eu ainda não quis comprar...

Voltei-me para ele, mas fugiu-me das mãos, sibilando: – Se você me bater, é porque você me quer.

Na turvação que me percorreu, deixei de o ver, e vi que, na rua deserta e afastada em que íamos, havia dois ou três vultos que nos vigiavam, parados também, na expectativa. Apressei-me em sentido contrário àquele em que ele corra. Quem seriam? Na esquina, lancei um relance para trás. Mas os vultos tinham desaparecido. Seguindo-o a ele? Oferecendo-se-lhe? Fazendo o preço? Leiloando-se em volta dele? Atacando-o? E seria verdade o que ele tinha dito? E que o levara a dizer-mo? Atrair-me com uma verdade que pressentia ou supunha mais plausível para o meu gosto? Ou com mentiras que igualmente assim lhe pareciam? Ou sentira-se menos ele, ou mais profundamente outro ele mais verdadeiro, ao dar-lhe eu a oportunidade de falar comigo? Também ele traía. E, traindo-se a si mesmo e aos outros, conseguira o que afinal queria? Ou o que não queria? Tinha havido um primeiro... enquanto os outros haviam ficado na obsessão de o terem desgraçado. E enquanto ele se transformava, para conformar-se aos desejos e às repulsas dos outros. Também eu teria um preço? O horror que se apoderou de mim fez que eu desejasse esmagá-lo, como quem pisa uma barata, mas com algum cuidado, para não rebentá-la toda, e para que aquele nojo branco, que é a barriga das baratas, não se esparrinhe todo sob o nosso pé. Seria esse o meu preço? Mas eu nunca o perseguira, nunca o detestara especialmente, nunca me interessara por suprimi-lo. Sempre me fora indiferente, como não era a outros. Só agora é que eu, num acesso de raiva, queria poder pisá-lo. E lembrei-me de que, ao deixar que se sentisse, talvez sem querer, um homem a meu lado, instintivamente percebera a diferença entre o modo como tolerava o Rodrigues e não suportava ver de perto aquele Rufininho. Não era tanto a virilidade demasiado ostensiva de

um o que o salvava para a tolerância, como não era o efeminamento insolente do outro, o que o confinava numa distância que ele próprio escolhera que apenas fosse diminuída, no convívio com homens, por uma perversa relação do sexo. Não era também o facto de o efeminamento de um estar implicitamente conexo com uma pederastia passiva, enquanto o outro exibia uma disponibilidade masculina que, no seu desejo de afirmar-se e de impor-se, se vingava em gente como o Rufininho, não pelo que eles tinham ou fingiam ter de mulher, mas no que eles continuavam a ser, apesar disso e por isso, de homens. É que aquilo mesmo que atrairia um Rodrigues, e que o mantinha homem (numa relação, afinal, ao que eu via, muito perversa, já que não aceitava, ou até buscava, um Rufininho pelo que ele tivesse de uma virtual espécie diferente ou sentida como tal), era o que o Rufininho só deixava transparecer nos momentos em que se esquecia, por mimetismo natural, da inversão que se tornara a sua maneira de ser. Seria o Rodrigues, ao ceder aos seus desejos (ou ao impor-lhe os seus), menos invertido do que ele? Por certo que não. Mas o Rodrigues desejava a inversão dos outros, ou a que impunha a outros, com o fascínio que lhes despertava (e, nesses termos, teria ele fascinado um Rufino criança que não fosse já, de certo modo, o Rufino futuro?); e o Rufininho não desejava senão a sua própria. O Rodrigues, dissera o Rufininho por perfídia, errara a vocação. E esse «erro», que o punha à disposição de quem quer que se aproximasse dele, numa disponibilidade menos escrupulosa do que voluntariosa (pois que alguns escrúpulos precisamente aumentariam ao Rodrigues o prazer contraditório que transparecia no seu desespero), era precisamente o que lhe dera e tirara o encanto que o Rufino vira nele, e o que lhe permitia que, envolvido com Rufinos de vária ordem, não deixasse de ser tratado, embora com constrangimento que ele próprio se comprazia em intensificar, como um de nós. Por seu lado, o Rufino não desejava senão que o homem fosse um homem, e com ele, sem que ele mesmo o fosse,

senão na medida em que precisava de continuar a sê-lo para atrair homens como o Rodrigues. E isto mesmo, com que ele traía aquilo que ele era, o fazia tão ridículo como sinistro, e o segregava de um mundo em que não tinha lugar. Mas, se o segregava, dava-lhe a liberdade da sua opção; enquanto o Rodrigues se defendia de não ser segregado, com o manifestar-se solicitado constantemente por aquilo que só solicitaria quem se deixasse solicitar. Quando eu dissera ao Rodrigues que ele era apenas um exibicionista, e ao Rufino que, noutras circunstâncias, ele não poderia exhibir-se como exibia ali, pusera o dedo na chaga de ambos. Escondido no nosso mundo, mas homem que gostava de homens, ele seria denunciado e perseguido, se não se escondesse atrás de um profissionalismo mais ou menos confessado; segregando-se publicamente, o Rufinho não era um profissional da prostituição, ainda quando se prostituísse, e, no desprezo que o libertava, adquiria uma respeitabilidade inconcebível. E inconcebível, não por ser ganha por uma criatura como ele, mas por ser feita de assumir exteriormente um efeminamento convencionalíssimo que, provavelmente, o Rodrigues nunca teria, ainda quando deslizesse, ou caísse, numa identidade total com o Rufino, e passasse a procurar quem sabe se mesmo homens como o Rufino para ser, secretamente, o Rufino das horas em que eles se sentissem Rodrigues.

Andando pelas ruas, eu estava quase nas varandas que terminavam a praia. E, na treva, vi diante de mim, estendido no ar, e ao mesmo tempo diáfano de matéria e opaco de desejo meu, o corpo da Mercedes. Aqueles homens que se entredesejavam como homens... sim... eu percebia agora, ainda mais profundamente, o meu amor por ela. Eles procuravam, uns o que de feminino há nos homens e faltava a cada um; e outros o que aqueles tinham de exageradamente masculino, na obsessão de nada terem de feminino. E o velho e o rapaz da igreja? Subitamente, eis que se interpunham entre esta descoberta e o corpo luminoso da Mercedes. As mãos, levantei-as para afastar o que logo era a visão do velho ajoelhado

perante nós. Senti calafrios, e recusei-me a ver a Mercedes, cujo corpo se ajoelhava também. Mas desejei-a tão intensamente, tão para o passado ou para o futuro, que ambos pareciam fantásticos e imaginários, e que pude entender mais além. Ainda que viciosamente, esses homens não arremedavam o nosso amor. Eles eram o sexo antes ou depois dele, quando pelo sexo não buscamos outrem, mas o pretense ou desesperado completamento de nós próprios. O amor de dois seres diversos, diversos mesmo no corpo físico, não é um completamento de nada que nos falte; não é a alma gémea... Não. Noutro sexo idêntico é que eles procuravam a sua carência. O meu amor pela Mercedes não era feito de carências, ou do resto de mim que eu enfim encontrara e perdera nela mas ganhara em mim. Se o seu corpo eu o via tão completo, tão suspenso no tempo e no espaço; se o nosso amor o fizera assim; se eu para ela era por certo um corpo assim fixado para sempre; se era tão indiferente, na dor medonha de não possuí-la, que a não possuísse, que a tivesse perdido quando a ganhara na criação de si mesma; se me apavorava a ideia de que ela me tinha traído constantemente, e me apavorava precisamente porque a traição era a contraditória confirmação de um amor de que eu não podia ter dúvidas; se, ascendendo a tudo o que convergira até àquela completa ausência de identidade, que ela passara a ser na esplendorosa realidade de um corpo que era mais do que uma coisa, uma encarnação de si mesmo e de mim – isso era porque ela não me completara, nem eu a completara, mas porque, da nossa diversidade, um amor que se fizera sexo construíra um sexo que vivia em nós, independentemente de nós. Aquele velho ajoelhado, e que era a inversão de tudo – um respeitável pai encanecido a ser a mulher do filho que o amante não era dele, um homem cuja velhice é o que nos precedeu, a ser um Rufino que nos reverenciava o sexo gratuito –, era também (e como as traições do Rodrigues e do Rufino, menos ao sexo que à vida de si mesmos) uma imagem do mundo, que, para mim, sem que eu o soubesse, nem os outros

comparsas, se degradara perante mim no que tinha de hierárquico, para que o corpo da Mercedes fosse, para além de tudo, esta paixão terrível que eu sentia, e que nenhuma ordem, quotidianamente e convencionalmente ordenada, jamais, nem na minha consciência, nem na mesma pele do meu sexo, ou nos sacões de esgotar-se dentro do corpo amado, me permitiria que eu sentisse. Para que fosse possível tamanha transfiguração (e eu sentia que ela era tamanha e transcendente, sem ter nada que a tornasse algo de especificamente nosso, de excecionalmente destinado a nós, de só acontecível connosco e com mais ninguém), tudo tinha acontecido, mas era necessário que tudo se destruísse e degradasse à nossa volta. Não de mortes e de infâmias esse amor se fizera, apesar de tudo. Sem mortes nem infâmias, nossas e dos outros, todavia, o nosso amor seria apenas um amor que nunca se descobriria mais forte e mais poderoso que tudo aquilo que o rodeava e destruía. E não seria a liberdade necessária, a liberdade inescapável, a liberdade como uma maldição irredutível a quaisquer razões dos outros e do mundo.

XXXV

A minha posse da Mercedes era a tranquilidade, a saciedade. Um desejo que desejava mais que o desejo. Mas... a saciedade que eu agora sentia não seria a saciedade de tê-la tido uma noite inteira que fora, não muitas nem havia muito tempo, mas a da véspera, e não seria que, depois do cansaço dessa noite e de tudo o que acontecera, ainda eu tivera a Maria que, antes, por ela recusara? Eu estava apenas cansado e exausto, para lá de todos os limites. E a isenção e a liberdade em que eu, mais do que as sentia, estava mergulhado, não seriam elas só que eu punha na Mercedes, para livrar-me, a impossibilidade de todo o amor? Porque eu dera-a ao Rodrigues, em troca do Almeida, do mesmo passo que a punha na distância, como um sonho impossível e inútil de que eu podia dispor como de um objeto.

Como tinha sido possível que ele me pedisse e eu lhe desse, primeiro manifestando indiferença, e depois propondo uma troca? E nada me doía que assim tivesse sido. Porquê? Porque eu não a dava verdadeiramente, e dependia do nosso amor que ela o aceitasse como amor – e não aceitaria. E porque, mesmo que aceitasse e me traísse profundamente com ele, ela era, por uma cadeia de eliminações e de substituições, a imagem, agora degradada, de que ele precisava para garantir-se. Ao desejar mulheres, ele só podia desejar as mulheres dos outros, por eles desvirgadas e possuídas. Não eram elas quem excitava, mas a lembrança recalcada e profunda – identificando-o a elas – do membro viril que as possuía. Essa lembrança fazia que, abertas sob ele, as mulheres, e só as habitadas por uma lembrança análoga, fossem como um invertido de costas sob ele, e cujo membro ele sabia do outro lado. Ele, quando não fosse um pederasta, seria um caçador de prostitutas, ou de mulheres alheias. E a Mercedes era alheia, prostituía-se, e, por uma série de interrelações subtis, tornara-se a suprema imagem feminina, mas no polo oposto da degradação, da dupla natureza

que, mais do que infantil e juvenil, era fixadamente a dele. Antes de atingir-se o grau que eu atingira, todos vivíamos, ou podíamos ficar nos vértices ou entre os vértices daquele triângulo da promiscuidade. A Mercedes fora o preço de todos nós, a corporização terrível de que a inocência e a virgindade, em vez de idênticas ou paralelas, são contraditórias. Quando eu acabara, num impulso, propondo ao Rodrigues a troca dela pelo Almeida, e quando ele aceitara, tendo antes dito que a queria e eu respondido que tal me era indiferente na segurança absoluta de possuí-la, eu forcara a ligação da perda da virgindade dela, de que era culpado o Almeida, com a perda de inocência também dela, de que todos éramos promiscuamente culpados; e, nessa ligação, feita na pessoa do Rodrigues, eu reconstituía-lhe, paradoxalmente, a inocência, tal como o meu amor lhe restituía a virgindade. Mas tudo era uma loucura, e isto sobretudo eu sentia, ou a loucura, por ser de tantos, se sentia em mim. Onde ia o Rodrigues encontrar o Almeida? Que poderia fazer-lhe? Nada mais hipotético, mais virtual. E, na manhã seguinte, eu partia, tudo acabava, tudo recuava para um passado fantástico, em que as pessoas ficariam quase sem nome nem rosto, tal como estavam agora: a Mercedes no Porto, o Ramos morto, os meus tios calmos e serenos, o Carlos Macedo num barco a caminho da Espanha, o Almeida prosseguindo as suas conquistas, o Rufininho caçando homens, o Rodrigues repartindo-se entre os homens que eram a virilidade degradada e as velhas que eram a maternidade envilecida. E as relações entre uns e outros tinham sido meramente eventuais, tão eventuais, que as mesmas coisas teriam acontecido com outros, se não tivessem acontecido com eles e comigo.

Era tarde, esfriara, e eu andara em círculos pela cidade. As luzes do casino atraíram-me, como uma espécie de saudade das férias simples que eu podia ter tido. Entrei, com a sensação de que estava a despedir-me, não desses dias em que envelhecera anos, mas das férias que não houvera: a despedida, de certo modo, era como

que tê-las tido. O movimento diminuía muito, e o casino, talvez porque já fosse tarde, parecia vazio. Mas o vazio dele não era o que fica depois de uma festa, aquela desordem que marca, numa sala ou numa cama, a passagem das pessoas. Era um vazio de antes da festa, quando tudo está arrumado e frio, à espera de que as pessoas cheguem; ou um vazio de festa malograda, quando as coisas estão todas preparadas para serem usadas, numa expectativa arrebicada, e ficam melancolicamente arrebicadas, com o pó descendo impercetivelmente sobre elas. No bar, a música tocava sem convicção, e apenas dois pares dançavam. Os criados, aglomerados junto do balcão, olhavam entediadamente a meia dúzia de pessoas, que, na solidão da sala, pareciam estar velando um morto, com murmúrios segredados, e pousando os copos e as garrafas sem ruído. Quando assomei à porta, os criados agitaram-se, num automatismo de solicitude. Mas, porque não entrei, logo retornaram às poses displicentes, e mesmo me olhavam desagradavelmente. Fui até à entrada do salão, que estava numa meia penumbra. E passei à sala de jogo. Havia poucas pessoas na roleta, menos ainda no «monte», certa animação no «bacarat». Era meu tio, rodeado de alguns espectadores, levando a banca à glória.

As fichas diante dele eram um monte esparramado, que os grandiosos e absortos movimentos dele esparramavam mais. Com os cabelos revoltos, o cigarro apagado ao canto da boca, os olhos fitos nas cartas, ia jogando e ganhando numa aplicação metódica, como se a sorte lhe estivesse dependendo de complexos cálculos, ou, também, como se estivesse escutando mensagens ocultas e decisivas dos deuses, com que os cálculos se corrigiam para mais infalível resultado. Apostava empurrando com displicência chusmas de fichas que não contava. E elas retornavam multiplicadas à cordilheira que o separava do *croupier* que, rodeado de *croupiers* inativos, ia dando as cartas e pagando. O fiscal, com as mãos na mesa, de pé, olhava fascinado para o jogo. E mesmo os homens do *guichet* das fichas tinham vindo, e faziam público na massa dos

croupiers. Por trás de meu tio, outros jogadores ou só mirones, com os rostos crispados de inveja e de satisfação vingativa contra o casino, formavam uma claque silenciosa. E, a um canto da mesa, uma velha de cabelos muito brancos era quem continuava a jogar e a perder, sem ver ninguém, e sem que ninguém a visse.

Um gerente veio, abriu caminho, e debruçou-se para o ouvido de meu tio que nem voltou a cabeça. A claque silenciosa como que o expeliu tacitamente, e o homem ficou indeciso, atrás deles, ao lado do *groom* que teria ido chamá-lo. O fiscal, do outro lado da mesa, disse: – O casino não é obrigado a continuar o jogo.

Meu tio empurrou para o meio da mesa quase a cordilheira toda, menos algumas fichas que ficaram para trás como pingos espalhados.

O *croupier* disse: – Há um limite para as apostas.

Um surdo murmúrio de rebelião percorreu a claque de meu tio. O *croupier* imobilizou-se, sem tirar cartas, e de olhos fitos no monte de fichas. Meu tio, muito lentamente, pegou na bengala, segurou-a pela ponta, e passou o punho recurvo no pescoço do *croupier*. A bengala atravessada sobre a mesa deu um sacãozinho: – Anda, estafermo, joga.

Toda a gente estava a ponto de saltar, de um lado e de outro da mesa, e era como se a bengala fosse, ao contrário do que parecia, um esqueleto que sustentasse o desabamento mútuo de dois taludes fronteiros.

O *croupier* inclinou-se ligeiramente para a frente, obedecendo ao sacãozinho que recebera, e quase automaticamente recomeçou o jogo. Houve um ah de alívio, logo um sorriso, e imediatamente depois uma gargalhada que esfusiu em todos. Meu tio ganhou. A claque deu palmas, o *croupier* levantou-se tirando a pala verde e esfregando a testa, os outros *croupiers* vacilaram, o fiscal discutia com um deles, o gerente abriu caminho, e disse a meu tio que, sentado, apoiava contemplativamente o queixo na bengala que me parecia ainda atravessada até ao pescoço do *croupier* e já o não

estava: – Podemos dar um cheque ao senhor. Mas não torna a pôr aqui os pés.

Meu tio levantou-se, apoiado à bengala, tirou do bolso uma caixa de fósforos, acendeu o cigarro apagado e enegrecido, e, com a bengala pendurada no braço, atirou com um piparote o fósforo queimado ao gerente que sacudiu, assustado, o peitilho da camisa engomada do *smoking*: – Cheque? Pagar-me com um cheque? Dinheirinho, e contado. E, se não tem, faça por aí uma coleta de caridade, para me pagar. Não saio daqui sem o meu dinheiro.

A claque fez coro com ele, exigindo o pagamento imediato e em dinheiro. Os caixas correram para a caixa, o gerente sumiu, seguido por algumas das pessoas e os *croupiers*. Junto da mesa, ficaram meu tio, o fiscal, a velha sentada no mesmo lugar, e eu. Foi quando ele, na deslocação do tumulto para outros lados, me viu. Riu com uma satisfação triunfante, e disse, já com uma ténue sombra a perpassar-lhe no rosto: – Ora vê tu... Se eu tivesse ganho este dinheiro todo há alguns dias, quanta gente que eu não tosquiava!... – e ficou com os olhos, ao mesmo tempo, meditativamente no vazio e vigiando o fiscal que arrumava as fichas para contá-las.

Da caixa e do cofre da gerência, seguidos pelo animado tropel dos seus cortejos, vinham maços de notas. Todos os presentes, e parecia que mais gente viera de outros cantos do casino, assistiram à contagem e recontagem das fichas, e à troca delas por maços que a gerência ia entregando a meu tio. Havia um ambiente de solenidade, apesar dos olhos brilhantes, da agitação nervosa das mãos, e das conversas entrecortadas. Quando aquilo acabou, meu tio, com magnificência, empurrou maços de notas aos *croupiers*, que se desfaziam em sorrisos. Entre as gargalhadas da assistência, começou a enfiar os maços em todos os bolsos, com grandes gestos, exagerando o esforço para que coubessem, e descobrindo mais bolsos que fingia ignorar. Depois, meteu-me no bolso dois maços de notas. Pegou noutro, e foi quando vimos que a velha continuava sentada no mesmo lugar, diante do qual ele lho pousou. A velha

ficou impassível. Havia ainda uns dois maços. De um deles, meu tio tirou cuidadosamente uma nota que estendeu ao gerente: – Tome, é a sua gratificação – e que o gerente, siderado de pasmo, guardou distraidamente no bolso. Desatou então os maços sobranes e, numa braçada circular, atirou com as notas pelo ar: – Isto é para quem apanhar –. Saímos ambos, com ele segurando-me o braço e dando à bengala como um dândi de outras eras, por entre os traseiros alçados daquela gente toda de gatas a apanhar as notas que haviam voado longe.

Na porta principal, meu tio deu uma nota ao porteiro: – Vai chamar-me um táxi –. Enquanto esperávamos o táxi, acrescentou: – Com esse dinheiro, até casavas... – o que me fez sentir um baque e uma agonia. Quando o táxi parou, o porteiro apeou-se e ficou ao lado do carro, para abrir-lhe e fechar-lhe a porta. Meu tio curvou-se para entrar, mas tornou a endireitar-se, e procurou nos bolsos qualquer coisa que os maços de notas impedissem que ele encontrasse. Passou-me alguns para as mãos, encontrou um envelope dobrado, levantou os braços e disse: – Torna a pôr no mesmo sítio. Pouco antes de chegares, tinham-me trazido essa carta para ti – e entregou-ma, depois de eu ter repostado devidamente os maços nos bolsos do casaco.

Enfiando para o táxi, perguntou: – Vens ou ainda ficas?

Com a carta na mão, hesitei, mas respondi: – Fico.

– Então, até amanhã. Não te esqueças da hora.

O carro partiu, eu abri a carta.

Era um bilhete do Rodrigues, fugidamente assinado: «Se não quiseses perder o espetáculo, e este bilhete te encontrar a tempo, passa por casa da velha até à meia-noite.» Olhei o relógio. Passava muito da meia-noite. Voltei-me, contudo, para o porteiro, e, com o mesmo ar imperativo de meu tio, mandei-o buscar-me um táxi. Ao *chauffeur*, disse-lhe que íamos a Buarcos, eu indicaria onde ficava. Perto da esquina da rua, apeei-me, paguei, esperei que o carro partisse. E que afinal queria eu? Ao que vinha? Assistir ao que

indubitavelmente seria ou estaria sendo uma execução do Almeida, ou impedir que o rol das loucuras em que as culpas eram sempre de outrem prosseguisse o seu curso devastador? Não sabia. E bati à porta, com a sensação expectante de que chegava tarde, e eu perdera o espetáculo, ou estava livre de interrompê-lo.

A porta abriu-se cautelosamente, e era o Rodrigues: – Até que enfim que chegaste, não se podia esperar mais tempo.

Entrei, e pareceu-me que a casa estava cheia de gente que eu não conhecia, como acontece quando se vela um defunto. A impressão foi reiterada pelo Rodrigues, que me disse: – O homem está aí.

E estava. Como num sonho de vingança, estava estendido na cama em que eu possuía tantas vezes a Mercedes que ele violara e achincalhara, e nu, amordaçado, amarrado de pés e mãos, inerte. Como o tinham e quem o tinha agarrado? Como o tinham trazido até ali? Quem era aquela gente? Então, olhando em volta, reconheci alguns: o Carvalho, o Matos, o Oliveira, outros rapazes. E, no meio deles, o Luís. Como se tinham juntado?

O Rodrigues, mestre de cerimónias, ou cicerone de monumento nacional, explicou-me que ele já se tinha confessado de todos os pecados, já tinha sido condenado, e apenas não escolhera ainda um dos castigos que lhe cabiam: ser capado – e mostrou-me ameaçadoramente o canivete –, matar-se deixando uma carta a desdizer-se de tudo o que tinha feito e dito, ou assinar a carta (que estava aliás já escrita por eles) e ser violado, diante de todos.

– Matar-se, como? – perguntei.

– É esse o problema. Por isso, estou a aconselhá-lo que opte – a palavra fez-me estremecer – por uma das outras duas hipóteses. Mas ele está estupidamente a ver se ganha tempo. Tu é que tiveste sorte com a demora.

Eu olhei para os outros, a ver se aquilo era a sério, se eles admitiam coisa tão monstruosa. Mas todos estavam sérios e impassíveis, dispostos a destruir o homem. O Rodrigues mostrou-me

então a carta. Esta dizia que ele confessava ser um invertido, nunca ter possuído nem violado nenhuma mulher por não ser capaz, e só por ostentação, e para vingar-se da repulsa do Ramos, a quem fizera propostas, andara a dizer que era amante da Mercedes, e que ela era uma puta. A confissão tinha sido exigida por um grupo de amigos, tais e tais – o meu nome e o do Rodrigues não figuravam –, que o surpreendera numa casa suspeita, em companhia de um homem. E terminava por apresentar desculpas à Mercedes, ao José Ramos, e à família.

– Mas isto é mentira – disse eu.

– Claro que é – concordou o Rodrigues. – Mas, se ele preferir a verdade, ela custa-lhe, à escolha, o cu ou o colhão.

O Almeida agitou-se.

– Parece que ele quer dizer alguma coisa – disse uma voz.

O Rodrigues aproximou-se da cama: – Quer dizer alguma coisa?

Almeida acenou que sim com a cabeça.

– Mas está bem livre, se julga que lhe vamos tirar a mordança, para desatar aí aos berros – disse outra voz.

O Rodrigues aproximou-se mais: – Quer assinar o papel? Quer?

O Almeida fez que sim com a cabeça.

Um murmúrio irónico perpassou no quarto.

– Muito bem – disse o Rodrigues. – E que mais escolhe você?

O Almeida ficou imóvel.

– Quer assinar primeiro o papel – disse uma voz.

Agarraram-no firmes, e desamarraram-lhe as mãos para que ele assinasse. Ele lutou um pouco, mas pegou na caneta que lhe estendiam. Assinou, e tornaram a amarrar-lhe as mãos.

– E agora? – perguntaram algumas vozes.

Iria ele escolher a morte?

Não. Voltou-se de bruços, numa resposta tácita.

– Todos são testemunhas de que ele escolheu livremente – disse o Rodrigues, e dirigiu-se ao Almeida: – Se você, amanhã de manhã, for ao jornal declarar que estava bêbado e que era tudo mentira,

este papel não será publicado. Mas não vai ser destruído, fica sempre pendurado por cima da sua cabeça. De qualquer maneira, você está perdido, porque escolheu diante de todos, e todos são testemunhas. E devia saber que ninguém o matava. Você sabia que ninguém o matava. Volte-se, que nem me vou sujar em você. Sujo de você já eu estou. Acho que nem me punha a pau.

Desamarraram-no, tiraram-lhe a mordaca, estenderam-lhe uma roupa toda rasgada e desfeita (deviam tê-lo despido depois de amarrado, era evidente). Ele vestiu-se como pôde, cabisbaixo. E, quando acabou, ficou sentado na cama.

– Pode ir-se embora – disse uma voz que era a do Matos que, quando ele passou, segredou: – E do resto nem uma palavra também, ou a declaração funciona.

Abriam-lhe a porta, e ele desapareceu.

O Rodrigues disse: – Agora, saiam um por um.

Fiz menção de sair, mas ele segurou-me. Os outros foram saindo em silêncio. O Luís disse-me, com voz sumida: – Até amanhã –. Ao Matos, que ficara para trás, segurei-o eu: – Espera. Conta-me o que aconteceu.

Sáímos os três. O Rodrigues disse-me: – Agora, já sabes – o que deu um quiproquó com o Matos que imaginou que eu já sabia o que queria que ele me contasse (e ele não queria contar diante do Rodrigues). No fim da rua, o Matos tinha o carro. Entrámos, eu na frente, o Rodrigues atrás. Quando o carro se pôs em movimento, com o Matos silencioso e absorto a meu lado, o Rodrigues berrou: – E agora vamos os três às putas. É o menos que vocês me devem.

Voltei-me para trás e perguntei: – Onde estava a velha? Quem fechou a porta?

– A velha não está. Foi de viagem. Mas eu tenho uma chave.

Andámos de casa em casa, e ninguém queria deixar-nos entrar, alegando que era muito tarde, fôssemos para diabo.

– Para o diabo... – comentava o Rodrigues. – Como pode a gente ir para o diabo, se já anda com ele?

Por fim, uma casa abriu-se-nos, e as «meninas» apareceram sonolentas, com robes por cima de camisas de dormir.

E eu, repentinamente, lembrei-me do dinheiro que tinha. Mostrei um dos maços, gritei: – Quero uma festa que dure até amanhã pela manhã.

À vista das notas, a patroa perdeu o enjoo que tinha no rosto, e elas acordaram como por magia.

Vieram garrafas de cerveja, copos, o rádio foi aberto e começou a estralejar silêncios. Apareceu uma grafonola, com discos. Elas eram cinco, agarravam-se a nós, dançavam. O rádio guinchava. – Calem essa merda, antes que apareça um filho da puta a ladrar nele – disse eu, e contei ao Matos o que tinha ouvido. Ele já sabia.

– Agora, dançam só as cinco – disse eu, e atirei-me para o sofá. O Rodrigues pôs-se no meio delas: – Comigo, dançam comigo – e o Matos veio sentar-se a meu lado. O disco acabava, era sempre a mesma, loura e gorda, que corria a mudá-lo ou repeti-lo, e sentou-se num banquinho ao lado, afastada da dança:

O Rodrigues ordenou: – Duas a duas, batem pratos – como dirigindo uma quadrilha. Duas a duas, elas, arregaçando as camisas, esfregavam-se ao compasso da música.

– Como foi que o Ramos morreu? – perguntei.

– Não é ele.

– Bem sei que não é ele. Como foi que morreu?

– Beijem as relíquias – disse o Rodrigues, e elas passaram uma a uma diante de nós.

– Quando os carros chegaram à praia, ainda era cedo, e o carro do Porto não tinha chegado. Mas o barco já estava ao largo, trocaram os sinais, e veio o batelzinho à praia.

– Agora, visita preliminar às catacumbas – disse o Rodrigues, e elas não entendiam o que ele queria e que era que nos mostrassem os rabos, abaixando-se diante de nós. O Matos e eu levantámo-nos e chocámos com cada um dos rabos.

– Os espanhóis discutiram com o Ramos e com o Macedo, e

também com o outro espanhol, e não queriam embarcar. Quase à força, o Ramos e os dois marujos, que tinham trazido o batel, meteram-nos no batel, e levaram-nos para bordo. O batel voltou, e o Ramos mandou que eles ficassem aos remos, para estarem prontos a fugir, se fosse preciso. Por esta altura já era tarde, e o automóvel do Porto não vinha. Estávamos na praia só eu e o Ramos e o Macedo, porque o outro espanhol tinha embarcado também, e o Carvalho não era já preciso e voltara.

– Agora, cerveja em cascata.

Uma delas, morena e musculosa, subiu para cima de uma mesa, e nós bebíamos-lhe, por baixo das pernas, a cerveja que as outras lhe entornavam no peito. Duas delas vieram comigo e com o Matos para o sofá, e nós reboávamos com elas que nos apertavam o sexo com gritinhos, e protestavam que as arranhávamos com as unhas. As outras duas despiam o Rodrigues que se abraçava às pernas da que servira para a cascata, e lhe enfiava a cara entre as pernas dizendo que ela era esponjosa ali, se embebera de cerveja que era dele. A patroa interveio, que até ali fora invisível desde a chegada das cervejas: – Não, que as meninas estejam nuas é uma coisa, mas os fregueses é uma indecência –. Dei-lhe uma nota: – Vá-se embora, para não ver. Eu pago – e ela foi, com as raparigas atrás, fazendo-lhe surriada, que dormisse com o cão, que o cão estava à espera dela na cama.

– E depois? – perguntei ao Matos, enquanto apertava os seios da que voltara para mim, e a outra o desabotoava.

– Foi quando ouvimos chegar o automóvel. Os espanhóis do Porto vinham, e com eles, e era quem conduzia, um homem conhecido do Ramos.

– Quero as cinco, todas cinco – disse o Rodrigues.

– Estou farta de estar em cima da mesa – gritava a morena.

– Uma na boca, uma em cada mão, uma na minha frente, outra atrás de mim. Calem-se. Ele paga.

Mas a que ficara em último lugar protestava. Não. Nunca tinha

feito isso, que não fazia.

– Ele paga!

– O fulano e os espanhóis ficaram furiosos, quando souberam que eles já tinham embarcado e contra vontade, os outros dois, quero dizer.

– Venham para a pirâmide, dispam-se, cada um atrás das do dedo.

Despimo-nos, e toda aquela massa oscilava e estremecia, em desencontros que interrompiam alguma das satisfações do Rodrigues. A morena, em cima da mesa, começou a uivar. Depois, o grupo desfez-se nos estremeções do Rodrigues que, ainda agarrado eu e no auge aos ombros da minha, com as mãos por baixo dos braços dela, vi que erguera a ajoelhada na sua frente e a beijava sorvidamente na boca.

Limpei-me a uma camisa que estava no chão, e voltei para o sofá, com o Matos, e com a morena que, vacilante, tombara da mesa para cima do Rodrigues. Ela arquejava no meio de nós. E o Rodrigues sentado no chão exigia que as outras quatro, uma por uma, lhe dessem as relíquias a beijar. Ia contentar todas. E a que o tinha lambido na catacumba teria um tratamento especial.

Recostado no sofá, e com os olhos semicerrados, o Matos disse, por sobre os seios da morena cuja cintura eu abraçava: – O outro então disse que não havia tempo a perder, que as estradas já estavam todas vigiadas, e que o Ramos iria com ele para o sul – e calou-se a um movimento da morena. Empurrou-a para fora do sofá, dizendo: – Vai, vai espertá-lo, que ele merece que lhe pagues na mesma moeda. Ela foi juntar-se à massa que rodeava o Rodrigues.

– O Ramos respondeu que não ia, que não podia ir, que o dever dele era embarcar, que era o responsável por tudo. Não era responsável por nada, dizia o outro, mas seria, se não lhe obedecesse. O Ramos respondeu que não obedecia, que queria partir, que era responsável perante as pessoas que arrastara para ali. O Macedo não dizia nada, os dois espanhóis também não, e eu

muito menos. O outro então veio até ao barco, eu também fui, e os outros também. Os espanhóis embarcaram, e eu percebi que o Macedo não sabia que fazer. Mas o tipo mandou que ele embarcasse. E disse ao Ramos que entregasse ao Macedo todo o dinheiro que trazia, e os papéis também, não sei que papéis, tudo. E que, se ele embarcasse, e não viesse com ele, era o agente provocador que ele desconfiava que ele fosse. Estávamos os três na praia, e os do barco diziam que não tardava que as ondas o virassem. O tipo mandou que o barco se fosse embora, e o barco foi. «Vamos embora», disse o homem, e voltou-se para mim e disse «Já fez o que tinha a fazer, obrigado, agora o assunto é connosco». Mas eu senti que não devia abandonar o Ramos que não queria ir com ele, e respondi que não me ia embora, visto que o Ramos estava no seu direito de querer ir comigo para casa, se não queria ir com ele.

– Já todas estão servidas – dizia o Rodrigues, segurando agora a morena e puxando-a de onde ela estava para fazê-la montar-se nele, e explicou às outras que, agarrando-a pelos braços e pelas pernas, a rodassem, e dava às ancas sob ela, enquanto as outras pareciam cavalos de nora, que, ao passar, o pisavam.

– E o Ramos disse-me que me agradecia muito, mas que eu não fazia nada ali, a questão era entre os dois. Que eu ouvisse bem que ele não era um agente provocador. E pediu-me, como prova de que não era, que eu me viesse embora.

– E você veio?

– Não, só me afastei. Mas voltei logo, quando os ouvi alterar violentamente.

– Assim não – gritava o Rodrigues. – Rodem certo ou quebrem-me o pau.

– Quando voltei, percebi que o homem tinha um casaco na mão, e tropecei nos sapatos do Ramos. Onde é que ele está? Foi a minha pergunta. E o tipo estendeu-me o casaco, e fugiu para o automóvel dele e foi-se embora.

– Isso, isso, parem, agora parem, larguem-na.

- E depois?
- Eu vim para o automóvel e voltei.
- E o casaco?
- Trouxe-o comigo.

Elas tinham desabado todas sobre o Rodrigues, e riam às gargalhadas.

- Onde está?
- Queimei-o.
- E os sapatos, onde estão os sapatos?
- Ficaram lá. É que eu vim à beira de água, com a espuma a dar-me pelas pernas acima, e chamei, chamei, chamei por ele. Não me respondeu.

O Rodrigues, enovelado entre elas, sorria beatificamente. Depois, levantou a cabeça, e perguntou: – E vocês que estão aí a fazer os dois sozinhos? A namorar? A velar o morto?

Elas riram, e eu disse: – Ele nadava muito bem.

– Pois nadava. Acho que ele não conseguiu alcançar o barco.

Primeiro, não respondi; depois, murmurei: – Eu acho que tanto lhe fazia alcançá-lo como não.

O Matos levantou-se, vestiu a camisa. Levantei-me também: – Espera... e agora então não é ele.

– Era o menos que eu podia fazer, não era?, entrar no jogo.

Vestindo a minha camisa, eu disse: – Mas, se ele estivesse vivo por aí escondido, não era o que ele quis provar que não era.

– Mas ele está vivo no Porto, e o tipo sabe que ele está morto no necrotério da Figueira.

– E como é que a família aceita uma coisa dessas?

– Então vocês querem abandonar-me e a estas meninas, na hora de irmos todos para a cama? – perguntou o Rodrigues, do novelo que fazia com elas.

– Mas a família não sabe, julga que ele partiu. Ninguém preveniu a família. Pelo menos não veio aí ninguém.

Pousei-lhe a mão no ombro, e, sem fitá-lo, disse: – A Mercedes

sabe, ela viu-o comigo, de madrugada.

– Olhem para eles, olhem, com as mãozinhas nos ombros, e depois sou eu quem gosta de homens, ai! – e as raparigas riram e imitaram o ai efeminado.

O Matos perguntou-me: – Você quer ficar, ou quer ir para casa?

– Podíamos ficar.

– Com esse diabo?

– Com esse diabo – repeti.

Ele encolheu os ombros, e aproximou-se do grupo: – Vamos então para a cama.

A morena disse: – Eu já tenho a minha conta. Vou para a cama, mas é sozinha.

– São quatro para três – disse eu. – Alguém ainda quer duas?

Uma das outras disse que, se lhe dessem licença, também queria deitar-se sozinha. As outras insinuaram que ela o que queria era ir dormir com a morena, mas as duas, fazendo gestos obscenos, saíram juntas da sala, depois de receberem cada uma a sua parte.

– Vamos de uma vez – disse o Matos. – Levanta-te daí.

O Rodrigues levantou-se, e tinha um ar esgazeado e exausto. No corredor dos quartos, parou ao pé de mim, e declarou-me a meia-voz: – Juro-te que não sei como o não capei, para te oferecer a piça dele.

Aquilo foi dito com uma voz tão sem tonalidade, que o fitei perscrutadoramente, tanto quanto mo permitia um cansaço ébrio que me desfocava a visão. Estava só com ele, porque, entretanto, elas tinham entrado nos quartos, e o Matos com outra se fechara já num. Nus, com as roupas no braço, estávamos diante um do outro, e havia nos olhos dele um frio cortante e fixo. Brandamente, empurrou-me um pouco pelo corredor adiante, e agachou-se diante de mim. Fechando os olhos, senti-me coberto de suor frio. Ouvi-lhe a voz: – Com que então foi com isto que a fizeste tua? –. Não respondi, e ainda que quisesse não poderia. Esperei. Não aconteceu nada. E foi com alívio que ouvi a voz dele junto da minha cara, e

abri os olhos: – Tens isso sujo de merda. Lava-te primeiro.
Entrou num dos quartos, e eu entrei no outro.

XXXVI

Lavei-me, antes de deitar-me ao lado da mulher que era a que o lambera. Era-me impossível querê-la e impossível dormir, tal o meu cansaço e o meu nojo. E também porque, se eu me deixasse adormecer, não acordaria mais. Ela brincou um pouco com o meu sexo, por obrigação profissional, dizendo ternuras mais para ele do que para mim. Depois, aborreceu-se, disfarçou o aborrecimento, acomodou-se nas roupas: – São horas de fazer ó-ó. Dorme e não mijes.

Eu fiquei reclinado nos almofadões que eram suaves e macios, fumando, numa agonia que o fumo aumentava. Bateram à porta. Sobressaltei-me. O Rodrigues entrou: – Troca comigo, essa é que é minha – e trazia já a roupa dele no braço.

Sem dizer palavra, peguei na minha roupa, tirei do bolso umas notas que lhe dei, e fui para o outro quarto. E a outra era esforçada e perita. Conseguiu sugar-me, não sei se com sangue, o último resquício de vida, que eu sentia em mim. Na exaustão de que desmaiei num sono profundo, ainda gratamente lhe afaguei a cabeça.

Sinos e silvos soavam, um tiquetaque vibrava no vazio. Depois, um apito de comboio, um marulhar de rodas, um tinir de despertador. Abri os olhos que desejavam o relógio. Eram sete e meia. Vesti-me, procurei os sapatos que não me lembrava de ter descalçado. Deixei uma nota na mesinha de cabeceira, e, pé ante pé, saí. Não sei como cheguei a casa. Quando entrei na sala de jantar, depois de ter visto a cabeça da Maria, que, da cozinha, surdira a reconhecer-me, encontrei meu tio sentado à mesa, tomando café.

– Chegas a tempo de tomar o café e de andar. Estava a ver que não vinhas. A tua tia ainda dorme. Está a cozer a bebedeira de ontem à noite.

– Bebedeira?

– Claro! Que julgas tu que fizemos quando eu cheguei a casa

com aquele dinheiro todo? Abrimos champanhe. Senta-te e come.

Sentei-me, e comi.

– É bom que te vás embora – e falava como se fosse eu quem tivesse decidido e não ele por mim –, porque, se ficasses por cá mais uns dias, eu acabava tendo de despachar-te morto para casa dos teus pais.

O pão fez-se uma pedra que não passava.

– Não vale a pena engasgares-te.

– Eu já sei como ele morreu.

– Sabes? Quem te contou?

– O Matos.

– Ah, ele ainda anda por aí?

– O Matos quase viu. Foi como se tivesse visto.

Ele não respondeu, limpava os lábios com o guardanapo. Fazendo o cigarro, disse: – Agora, estou rico para muito tempo. Acho que vou mandar uma prenda à minha sogra.

– Ontem à noite, castigámos o Almeida.

– O Almeida? Porquê? Sabes o que eu vou fazer?

– Ela sabe, só ela é que sabe. O padraсто afinal não veio.

– Vou perdoar a dívida dos feijões àqueles asnos.

– Eu vendi-a.

– És testemunha de que eu rasgo os recibos.

Tirou do bolso a carteira, e dela os papéis. Rasgou-os metodicamente em pedacinhos bem quadrados. Ambos ficámos em silêncio.

– Vai fazer a tua mala. A estas horas, já o capitão Macedo está na estação a pensar que não vais.

– Para onde é que eu levo o Luís?

– Para tua casa, para uma pensão que tu conheças, sei lá.

– O tio não escreveu?

– Escrever para quê? Tudo se arranja sempre. Vai fazer a mala.

Subi ao meu quarto. Enquanto arrumava a roupa, entrou a Maria.

– Bem que você veio, não foi? E agora põe-se a andar.

Não respondi, e fechava a mala, quando ela disse: – Se eu tiver um filho, você vai ver.

– Um filho, como? Feito quando? Só se nascer da cova do cão.

– Isso, ria-se... Vai ver se ele nasce da cova do cão ou não nasce.

Peguei na mala, comecei a descer a escada. Ela, atrás de mim, dizia: – Primeiro, você não quis e mandou-me embora, depois quis e foi como se viu, e esta noite antes quis ficar com sabe Deus quem do que comigo. E agora vai-se embora.

– Arranja outro pai para a criança.

Quando entrei na sala de jantar, meu tio disse: – Anda, que o automóvel já deve estar aí.

– O automóvel?

– Sim, o automóvel. Ontem, mandei que o táxi estivesse aqui.

Sáímos, e ele acompanhou-me pela avenida das palmeiras, cujo saibro chiava sob os nossos pés. A Maria vinha atrás, como um cão.

O automóvel estava parado um pouco abaixo do portão. Meu tio voltou-se para a Maria e disse: – Que está a cheirar? Vá para casa.

Ela ficou interdita.

– Vá para casa, não ouviu? Ou julga que também vai para Lisboa?

Ela regressou lentamente, com as mãos nos bolsos do avental.

Meu tio disse: – As mulheres, contigo, até parece que são cães e tu um candeeiro. Ficam cheirando onde mijaram.

– Nem todas.

– Devem ser aquelas em quem tu mijaste.

O *chauffeur*, com vénias cerimoniosas, abria a porta.

– O tio não vem?

– Eu? Isso querias tu, para ser eu a pagar o táxi. Não, não vou, as despedidas incomodam-me muito – e soltou uma gargalhadinha.

Chegara o momento de ele representar o ritual de mandar alguém embora. E fiquei na expectativa do abraço, das recomendações, das demonstrações de simpatia. Mas não veio nada.

Pelo contrário.

– Que estás tu à espera? Põe-te a andar – e apoiava-se secamente na bengala.

Entrei no carro que arrancou, e ainda me voltei para vê-lo. Mas ele rodara e sumira para dentro do portão.

Na estação, estava pouca gente. Comprei o bilhete, e passei para o cais. Empertigado junto do comboio, vi o capitão Macedo. E o Luís? Que era feito dele?

O capitão, cofiando o bigode, deu-me satisfações. Foi a palavra que empregou: – Venho só para lhe dar uma satisfação, agradecer o que estava disposto a fazer pelo meu filho, mas ele não vai. Por enquanto, não vai. É melhor assim. Bem me basta... – e ia por certo acrescentar «perder um filho», mas fez agulha da frase para outra linha: – ... eu não tenho podido dedicar-me aos meus filhos, com as minhas ocupações, não é verdade? Desejo-lhe muito boa viagem.

– Muito obrigado.

Mas ele não se ia embora. Até que disse: – Se o senhor souber alguma coisa...

– Não estou em condições de saber nada, se é isso que pensa.

– Sim, mas às vezes, por acaso...

– Só por acaso.

– Muito boa viagem – e finalmente despegou-se. Ainda fiquei a olhar-lhe as costas ligeiramente curvadas no jeito de namorar para o lado as damas a quem dava o braço. Subi para uma carruagem, arrumei a mala no porta-bagagens, sentei-me, encostei a cabeça, fechei os olhos.

No mesmo momento, a porta abriu-se com estrondo, e o Luís, esbaforido e arquejante, atirou-se para cima do banco fronteiro.

– Ele estava à porta a vigiar, foi só o tempo de saltar pelo outro lado e correr. A minha tia fez um escarcéu, mas eu fugi.

Murmurei: – Estou vendo.

– Você tem dinheiro, não tem? Emprasta-me para o bilhete?

– Tenho.

Soaram os ruídos da partida, e o comboio começou a andar. Ele espreitou da janela, e depois recostou-se com um suspiro fundo: – Até que enfim, cá vamos. Estou livre.

– De quê? O seu pai maltratou-o alguma vez?

– Não, mas antes maltratasse. Agora, vou dormir, que não preguei olho toda a noite, só à espera da hora.

Estendeu-se no banco, ajeitou-se, despiu o casaco que enrolou debaixo da cabeça. E respirou fundo, num espreguiçamento feliz.

– Você não trouxe bagagem nenhuma? – perguntei.

Abriu os olhos, fitou-me: – Eu era para trazer uma malinha. Mas a minha tia agarrou nela, quando eu saía – sorriu e acrescentou: – Foi o que me valeu, afinal, para poder fugir.

Acomodou-se novamente e fechou os olhos.

Vendo-o franzino e longo, estendido diante de mim, imobilizado numa respiração tranquila, e sem bagagem, só com o casaco dobrado sob a cabeça cujos cabelos pendiam revoltos ao sopro que vinha da janela, levantei-me e fechei-a. Mas uma friagem percorria o compartimento, e como que lhe soprava na camisa aberta sobre que ele cruzava as mãos. Desci a minha mala, tirei um outro casaco, arrumei a mala na prateleira, estendi o casaco sobre o peito dele.

O comboio apitou passando por um apeadeiro. Do outro lado da linha, a estrada corria, mais perto, mais longe, mas sempre rente a um talude mais elevado em que de repente, logo sumido, se abria um caminho íngreme. A linha contornava ora o terreno mais alto, ora as planuras alagadiças em que o rio só às vezes mostrava, por entre as ervas, fragmentos prateados. Inclinando-me um pouco para a janela da outra portinhola, pude, numa curva, ver no alto umas paredes brancas, uma torre, que rodaram e desapareceram.

Sentei-me direito, com a cabeça encostada, e com os olhos caídos contemplando, da cabeça aos pés, aquele rapaz que, confiante em mim, dormia. Não me era nada, eu mal o conhecia, não sabia que fazer dele. Mas era como se ele fosse meu filho, um filho que todos, homens e mulheres, tinham feito no fundo mais

fundo de mim. E ele instintivamente percebera isso. Saíra, já crescido e adolescente, de uma cova em que eu enterrara um cão morto. Eu não o conhecia. Mas não o conheceria melhor, se o tivesse gerado, e se ele tivesse crescido ao pé de mim, se ao pé de mim tivesse, sem que eu soubesse ao certo quando, deixado de ser criança, para ser um homem.

Despertei, ouvindo que me chamavam. Adormecera eu também. Mas era ele quem me chamava: – Sabe o que eu vou fazer?

– Não.

– Vou escapar-me para Espanha, e procurar o meu irmão.

– Não vais, que eu não deixo.

– Não deixa? Jura que não deixa?

– Juro.

Calou-se, e depois disse: – Importa-se de me dar a sua mão?

Inclinando-me para a frente, estendi-lhe a mão em que ele pegou, apertando-a: – É como se eu não tivesse mais ninguém senão você; mas não preciso de mais ninguém.

– E vais ver que nem de mim precisas.

Apertou-me a mão mais, e logo afrouxou o aperto.

– Você perdoa-me tudo isto?

– Não tenho que perdoar-te.

Ele suspirou, fechou os olhos, ficou com o braço estendido, segurando-me a mão na dele.

Carinhosamente, eu disse: – Luís...

– Que é?

– Os homens não se apertam as mãos por tanto tempo.

Mas não deixei que, numa reação súbita, ele ma largasse, e acrescentei com a mesma suavidade: – Ouça, Dona Micaela, só os meninos medrosos é que fazem isso.

Abriu para mim uns olhos sorridentes, tirou a mão, e enfiou-a debaixo do casaco. Estremeceu num arrepio de conforto, e disse: – Eu não tenho medo de nada.

– Sei que não tens. Mas hás de aprender a ter medo de tudo,

menos de ti mesmo, que é o mais seguro. E agora deixa-me em paz, que também eu não preguei olho toda a noite.

Mas ele ficou cheio de curiosidade: – O quê? Depois daquilo, ainda foram para algum lado?

– Fomos às putas.

– Quem? – mas, como eu não respondi, mudou para «aquilo»: – Foi uma coisa estupenda, não foi? O tipo saiu dali corrido.

– Todos saímos corridos. E aqui vamos corridos os dois.

– Mas...

– Cala-te e dorme – e estendi-me ao comprido no meu banco, com as mãos cruzadas sob a cabeça.

O comboio parou, num grande entrechocar de ferragens, alguém abriu a porta, olhou para dentro e tornou a fechá-la. O comboio recomeçou a marcha. Eu sentia-me adormecido, mas não dormia.

O Luís chamou-me: – Jorge...

– Que é que tu queres mais? – e voltei a cabeça para ele.

Sorriu-me, aconchegou-se: – Nada.

PARTE QUINTA

XXXVII

Depois, deitado na cama, sentia-me arder. Não conhecia ninguém, via vultos à minha volta, que com esforço procurava não distinguir, ou que, talvez mais exatamente, e porque se me misturavam com muitos outros, era como que se eu quisesse convocar e se me escapavam. As paredes do quarto andavam lentamente à roda, com pequenas paragens na rotação, que me causavam calafrios. De vez em quando, das paredes emergiam protuberâncias que ondulavam, se separavam, se confundiam, e encolhiam até serem como pequenas e quase impercetíveis borbulhas que logo, e noutro lugar, começavam de novo a crescer e eu sentia que eram as mesmas. Por vezes as protuberâncias esculpiam-se de concavidades, eram como rostos sem rosto, que eu, fechando os olhos, fazia desaparecer. A cama tinha um tremer de comboio em marcha, que, todavia, corria rente às ondas do mar. E, nas minhas costas, juntamente com as tábuas finas e longitudinais do banco em que eu estava deitado, havia um pique-pique incómodo de areia. No entanto, a comichão nas costas era levemente saborosa, dava-me uma sensação de existir, uma tranquilidade que não havia em mais nada fora ou dentro de mim. A minha boca, cujos beijos eu sem cessar humedecia, parecia-me calcada por beijos invisíveis que, com a mão, eu afastava, porque queria respirar fundo, e a secura ardente queimava-me o peito e as gengivas. Mas os beijos não eram de ninguém, nem eu desejava que o fossem. O calor era muito, o suor escorria por mim todo, e de vez em quando eu atirava com a roupa que tinha um peso de chumbo. Alguém me cobria novamente, com uma brancura de lençol que eu não sabia se era a luz do pequeno candeeiro de cabeceira, se a que vinha da janela com as portadas encostadas. Em certos momentos, eu adormecia, e era como se ficasse acordado numa espartina tão viva, que a noite ou o dia me pareciam solidões intermináveis; noutros, eu estava acordado, e tudo à minha volta mergulhava

numa sonolência que anulava todas as formas e todos os contrastes. O mais curioso de tudo, pensava eu, era o silêncio das vozes: não havia vozes no quarto, nem na memória, nem na minha mesma fala. Quando, distraidamente, me dei conta disto e senti a curiosidade de verificar aquele curioso silêncio, era como se eu tivesse desaprendido de ouvir, de falar, ou de rememorar, como sons ou como figuras, as palavras. Foi então que, com grande esforço, tentei focar a visão sobre alguns objetos. Estes haviam perdido a forma, eram flutuantes, muito maiores do que eu, e tinham até uma luminosidade que estava ao alcance da mão. Mas não eram objetos que eu reconhecesse, ainda que os tocasse. De resto, levantar um braço e alongar os dedos para eles correspondia à sensação de que o braço se me despegava, e aderiria coladamente ao objeto sem me transmitir que ele fosse. Fazê-lo regressar ao seu lugar era extremamente difícil, e sempre o quarto, nesse momento, aumentava desmesuradamente de tamanho. A maneira como isto acontecia nem sempre era a mesma: ora as paredes, ou apenas um par fronteiro, se afastavam, ora o teto se erguia para longe, ora, mas mais raramente, a cama me fugia debaixo do corpo, e o meu peso fazia o possível por cair com ela, acompanhando-a. Isto dava-me vertigens que eu podia regular, apertando mais ou menos as pálpebras, a ponto de sentir-me em pé, caminhando às voltas, num corredor escuro. Sempre no fundo do corredor havia uma árvore, ou melhor, não uma árvore, mas o lugar de uma árvore, um lugar no espaço, em forma de árvore, mas que eu não sabia ser uma árvore, embora soubesse que era o lugar de uma. Estendendo as mãos para o lugar, eu encontrava coisas a que as mãos se pegavam, escorregadias ou umas ou outras, e sem nome ou forma. O calor e os calafrios então misturavam-se: os calafrios eram quentes, como crispções de uma água tépida que a minha pele fosse, e o calor, nuvem ardente de vapor que me envolvia, tinha, pelo contrário, um frescor com laivos gélidos. Sem palavras e sem formas, apenas sentindo que existia pelo toque de sensações que não eram coisas ou

pessoas, como a areia em que me deitava, e no meio de um quarto que tinha quase sempre o meio a um dos cantos, e que tinha uma amplidão poligonal, de muitos lados, sem portas, onde apenas a claridade das portadas da janela, entreabertas e que todavia não eram portadas de janela mas uma espécie de fenda fluida por onde entrava ora escuridão ora claridade, eu, sem ser eu, não me conhecendo eu, estava como se antes de ser eu, antes de aprender a distância que regula a qualidade das formas, e as palavras que as limitam, antes de nascer-se, ou antes de voltar da morte à vida.

Não me sentia, porém, doente, nem sabia se estava vivo ou morto, nem isso tinha importância. Mesmo o dizer que eu «estava» não é exato, porque, na suspensão de ser, que era a minha, o «estar» não tinha sentido algum. Na verdade, *não estava, nem era*, porque me situava (sem ser *eu* quem situava aquilo que se diz *me*) fora do espaço e do tempo. Todavia, este fora não era *fora*, e antes melhor seria dizer que era *dentro*. Do espaço e do tempo. Um dentro de que saía, menos por movimento meu que por recessão deles; ou um fora em que eu entrava, mais por mudança de qualidade deles que alteração minha. E, no entanto, eles mudando me mudavam, sem que nada mudasse no inteiro vazio que me rodeava ou que de mim se projetava para o interior de uma consciência que eu tivesse, ou para o exterior de outra que eu abandonasse. Tudo isto, com uma sensação de grande angústia, me comunicava, ou eu a isto dava, um aprazível bem-estar. Não um bem-estar de quem se sente repousado e feliz, nem o de quem se imagina liberto de um pesadelo. Pesadelo aquilo era, e também contrapesadelo contra um maior. E eu não me sentia repousado e feliz. Acontece que não me sentia, igualmente, não-repousado e não-feliz. Era como se um pesadelo não fosse temeroso, porque nele se obnubilava gradualmente um pesadelo real. E, subitamente, sentei-me na cama, e chamei:

– Mercedes!

E uma voz, ao meu lado, disse: – Você dormiu dois dias.

Voltei-me para a voz, e vi, sentado numa cama ao lado daquela

em que eu estava, o Luís.

– O que é que eu gritei?

– Nada. Acordou.

Reconheci o meu quarto, onde tinham posto uma outra cama, aquela em que ele estava sentado. Mas o quarto pareceu-me diferente, não apenas por terem aberto espaço para a outra cama.

Espreguiceei-me sob o lençol: – Dormi dois dias? Que horas são?

Ele estendeu-se na cama, com as mãos por trás da cabeça, olhando o teto: – O seu tio telegrafou para a sua mãe, pedindo para eu ficar aqui até arrumar a minha vida. Diz que falou com o meu pai, que está tudo resolvido.

Não respondi.

Ele gaguejou um pouco, e disse: – O telegrama... o dinheiro... o seu tio...

Não pude deixar de rir comigo. E comentei: – Você não precisava de pôr-se a olhar o teto para dizer-me isso. Nem era preciso telegrama do meu tio.

Ele sentou-se na beira da cama outra vez, com um pulo: – Lisboa é uma cidade formidável, não é? Cada rua com casas... E tanta gente como a Figueira no verão.

– Pelos vistos, você não dormiu dois dias como eu.

– Acha que parecia bem, eu ficar a dormir assim, numa casa que não é a minha?

– Onde está a minha mãe?

– Está lá dentro. Ainda há pouco aqui veio espreitar. Quer que vá chamá-la? – e já estava de pé junto da porta. Mas parou, sem olhar-me, e perguntou: – Jorge... você desculpe... mas não quer tratar-me por tu? Sempre tratou.

– Quando foi que eu não tratei você por tu?

Ele apontou-me com um dedo estendido: – Agora mesmo – e eu ouvi a minha frase contraditória, ao mesmo tempo que sentia um baque dentro de mim, como o de uma porta que se abre com o vento. Mas pela porta não entrou nada.

– Não... – e a língua entaramelou-se-me – ... faças caso.

O rosto desanuviou-se-lhe, e saiu, fechando a porta.

Logo a porta se abriu para entrar a minha mãe, seguida por duas criadas, uma que eu nunca vira, e pelo Luís.

– Filho! Que horror! Até pensei em chamar o médico, meu Deus! Mas o Luís disse-me que não era preciso, que não tinhas nada, era só cansaço da viagem. Também quem se lembra de vir nesse comboio horrível da Linha do Oeste, que nunca mais chega? E depois... com os atrasos... Todos os comboios andam atrasados por causa da guerra! Mas tu estás bem? Queres almoçar? Tragam o almoço do menino – e as duas criadas saíram, revirando-se todas para aquele homem que estava sob um lençol, era um menino, e tinha dormido dois dias.

– Mas eu não quero comer aqui, vou levantar-me – e, atirando com o lençol, pus-me de pé, e caí sentado na cama.

– Vê, Luís, vê? Ele não está bem. Fizemos mal em não chamar o médico. Eu vou mandar chamar o médico.

– Não chama coisa nenhuma. Não tenho nada. O que preciso é de tomar banho e de comer.

– Mas podias primeiro comer o almoço na cama, e depois levantavas-te. Deves estar tão fraco... Não é verdade que ele deve estar fraco, Luís?

Não havia dúvida de que ele a tinha conquistado, o que era uma vantagem para me aliviar das solitudes dela. Mas irritou-me a promoção do Luís a conselheiro áulico. E ia mandá-los sair a ambos, quando as solitudes que por tanto tempo me haviam gasto a paciência me pareceram cómicas – e, nesse instante, percebi que eu tinha dormido para esquecer-me de tudo, e nada seria como dantes. Minha mãe como que pressentiu alguma coisa, porque disse: – E eu que estava precisada de um filho mais novo que não fosse arisco como tu...

– Pois aí o tem. Trate dele e deixe-me em paz – mas a frase saiu-me acompanhada de um sorriso que os envolveu e tranquilizou. A

porta abriu-se para assomarem travessas fumegantes. E eu acrescentei: – Levem isso daqui –. Mas, quando minha mãe enxotava as travessas, e, por trás dela, muito esguio e frágil, o Luís ainda correspondia ao meu sorriso com outro que já se esbatia numa ansiedade, senti que tinha ciúmes de ambos: dele, porque me pertencia, a mim é que se confiara; dela, porque tão facilmente aceitava a intromissão de um outro mundo no que afinal era agora, por esquecimento e contraste, mais meu, ou, subitamente, por não querer ter nenhum mais, eu pretendia que o fosse. Não abri porém a boca para dizer o que queria e não sabia que era: a mesma recessão das coisas, que eu sonhara ou sentira, prendeu-me a língua, ao contrário do que antes, por falta de hábito, e com a diferença do sorriso, não acontecera. Sem pensar, pensei que, entre o inferno que eu visitara e a terra a que voltara, eu não tinha escolha possível quanto à realidade de ambos os mundos: a negação de um não era a realidade do outro. Minha mãe e o Luís pareciam esperar a minha palavra como uma revelação, lado a lado, num parentesco que se fazia através de mim e do que acontecera e eu vira acontecer ou soubera que acontecera. Olhando-os, era perfeitamente indiferente que o acontecido tivesse sido real ou não, no total ou em parte. Uma e outro, juntos, eram-me pontos de referência: dela eu nascera, ele era como uma lembrança que nos deixa em testamento alguém que desejaríamos não recordar. Mas ou ambos não eram reais, ou não o era eu. E efetivamente eu não recordava. O tempo que eu dormira um sono que não era de dormir fizera a sua obra. E o Luís, ao lado de minha mãe, estava exatamente na situação dela. O desapego entre mim e os meus pais – senti então – era muito maior do que eu supunha, e tão grande que aquele rapaz (testemunho incómodo de acontecimentos suprimidos) não estava mais longe de mim que ela. Mas também tão revelado por quanto acontecera à margem de meus pais e de que o Luís fora efeito, que esse desapego se iluminava da ternura contrafeita que eu, já fora do entressonho, me descobri por ele. Não era o carinho do comboio, quando eu

afinal me dissera coisas aparentemente semelhantes, levado pela emoção da fuga final a tudo. Era, diversamente, um desapego em que me sentia responsável por ele, do mesmo passo que me sentia impotente para dirigir-lhe os passos. Assim como se um anjo da guarda – esta imagem passou-me na mente e fez-se sorrir para mim mesmo – não tivesse outro poder senão o de afligir-se, mudo e torcendo as mãos, e também encolhendo os ombros, à beira do precipício que o seu protegido contorna perigosamente e onde por certo irá cair. Não cairia nunca por minha culpa, mas eu nunca poderia impedi-lo de cair, se a culpa fosse dele. Ao lado de minha mãe que frisava os lábios e alçava as sobranceiras na mais elegante e convencional das expectativas maternas, foi de repente como se ele ficasse invisível. Culpa, não. Isso não. Culpa, como? Eu não ia deixar que ele interferisse com a minha vida.

Levantei-me devagar, sentindo realmente uma fraqueza imensa. E empurrei-os a ambos para fora do quarto.

Encostado aos pés da cama, suspirei de alívio. Eu precisava de estar só, absolutamente só, para pensar. Em quê? Em nada. Outra vez o quarto me pareceu estranho, não só como se eu não tivesse vivido nele muitos anos, mas ainda como se tudo o que nele havia, e eram as pequenas coisas acumuladas ao longo da minha vida, apenas fosse o rebotalho de um sótão ou de um quarto de arrumações, quando as pessoas se mudam e deixam ficar um lixo de cadeiras partidas, malas esventradas, trapos, papéis rasgados, a que nenhuma recordação está presa, e que nenhuma curiosidade dignifica. Fui até à janela, cujas portadas abri. Levantando as cortinas, olhei o prédio fronteiro cujos azulejos branco-amarelados brilhavam ao sol como uma praia vertical que o céu azul lambesse. Senti uma tontura agoniada que me fez encostar a cabeça à vidraça; e, no mesmo momento, ouvi uma voz silenciosa que estrondosamente me ciciava uma qualquer coisa que eu já ouvira. Não eram palavras, mas eu ouvia como se fossem. Era uma espécie de batimento cadenciado em que sons se sucediam abstratos,

análogos e diversos, como espectros de palavras. Por vezes o batimento formava-se de sons que se prolongavam, outras vezes havia suspensões súbitas, em que ficava flutuando apenas a memória das cadências sonoras, inaudíveis, sem sentido. Nessas ocasiões, a agonia aumentava, num vago tremor que se tornava ansioso, expectante, como que suplicando que aquilo não parasse. Dir-se-ia que, daquela continuidade ininteligível, dependia não só a existência mas o valor de tudo. Um tudo que não eram as coisas, nem as memórias, nem os sentimentos, nem as culpas, nem as amarguras, nem a vida, nem a morte, nem o mundo, nem o amor, nem a saudade, nem a frustração de tudo ter sido ou não sido; que não era também as ideias das coisas, ou a noção de memória com que a memória se reconhece, ou a imagem mental dos sentimentos ou das culpas ou das amarguras, nem era a sensação de estar vivo ou de ter visto ou ter sentido a morte, nem era a ideia de saudade ou de perdas não-coisas. Um tudo que, sendo nada, era ele mesmo o valor de que tudo dependia. Pouco a pouco, como precipitados que, tomando cor e fluida forma, vão pousando sólidos no fundo de um tubo de ensaio (ou, inversamente, como ondulantes formas de peixes que se destacam da sombra das águas, para, à superfície, brilharem em velozes mas nítidos lampejos de escamas de que o brilho se propaga à água que elas roçam), os sons abstratos e o batimento começaram a possuir solidez, opacidade, arestas, enquanto a silenciosa voz ia regredindo para um limbo tranquilo. Na concreção que se formava, a ansiedade tornava-se mais febril, mais exigente, mais confiada de si mesma, e era como se eu, não sabendo de mim, não desejando nada, não pensando em nada, nunca me tivesse sentido tão duramente lúcido. Foi quando li palavras que não sentira ter escrito, num papel que não sabia ter procurado. «Sinais de fogo, os homens se despedem, / exaustos e tranquilos, destas cinzas frias, / lançando ao mar os barcos de outra vida.» Fiquei olhando para o papel em que as linhas ondulavam de precipitadamente escritas. Mas não me demorava a lê-las, na

intenção de compreendê-las. Para mim eram perfeitamente compreensíveis, independentemente do que diziam. O que naquilo havia de estranho era que a compreensão que eu podia ter delas, se não dependia estritamente de elas serem claras e lógicas, igualmente não dependia do que eu compreendia nelas, porque tudo ao que elas aludiam aparecia transformado por outro sistema de relações, situado não no plano da memória ou da fantasia sobre a memória, ou no de a memória ser suprimida, mas num outro de que a memória, ou o que dela fosse aceite ou negado, era apenas um elemento que contribuía para o que ali estava escrito. No entanto, era como se tudo aquilo a que as palavras aludiam estivesse estritamente contido nelas, ao mesmo tempo que, por um paradoxo que devia ser do sistema diverso de relações, essas palavras eram menos que isso e estavam, elas mesmas, contidas no que as continha, sem que, todavia, as duas áreas coincidissem: cada uma delas, comida na outra, não deixava de ser maior e mais extensa do que a outra.

Aquilo eram versos, e aproximadamente os mesmos que antes me haviam aparecido, embora, sem recordar os de então, me parecesse que não eram exatamente os mesmos. De qualquer modo, e isso gelou-me de terror, coisas tinham acontecido depois, e aquelas sequências de palavras (porque eram três sequências que se justapunham), ainda que ligeiramente modificadas (se acaso estavam), não podiam pretender significar o que significariam antes. E, portanto, ou era adivinho, ou havia entre acontecimentos uma correlação inescapável que podia ser adivinhada, ou aquilo visava a dar sentido ao que o não tinha, ou era, pura e simplesmente, um *flatus vocis*, feito de palavras e de sentimentos, que os factos, por mero acaso, haviam soldado juntos, e que persistiam em flutuar na memória verbal, sempre que ela se esvaziasse por qualquer causa. Mas por que razão qualquer destas hipóteses devia acontecer daquele modo, em linhas sucessivas a que se chama versos? E, se eu não sabia nada de versos, nem

particularmente apreciava «poesia», por que haviam eles de acontecer-me a mim? Ter escrito aquilo não me dava satisfação alguma. Pelo contrário, despertava-me uma sensação de perplexidade, como se uma nova responsabilidade, que eu não solicitara a mim mesmo, estivesse a formar-se na minha consciência: a de escrever quando sentisse aquela expectativa ansiosa a brotar de um vazio, e a de supor ou forçar a suposição de que aquilo significava alguma coisa para mim ou para os outros.

Nisto, a porta abriu-se, o Luís entrou, e eu rapidamente guardei o papel no bolso do pijama.

– Então, que aconteceu? Você vem ou não vem almoçar?

– Não aconteceu nada – respondi, e logo pensei que, mentindo, não mentia, porque o que acontecera era nada, ou algo equivalente a nada.

– Você sabe o que o seu pai me disse que ia arranjar e que é melhor para mim?

– O quê?

– Eu embarcar primeiro como praticante. Depois tiro o curso. Eu já sabia que se podia fazer assim. E ele disse que me arranja isso.

– Como?

– Ele conhece gente numa companhia. Há um comandante que é amigo dele.

Lembrei-me então do comandante Abreu, cujos bigodes retorcidos se ergueram diante de mim com arrogância e que às vezes, muito raramente, quando estava em Lisboa, nos fazia visitas tímidas que contrastavam com o seu garbo imponente.

– É uma ideia.

– Você não acha?

– Acho.

Após um silêncio, ele disse: – Sempre que eu voltar, venho para cá, está bem?

– Claro que está.

– É que assim eu começo logo a ganhar dinheiro.

– É melhor.

– Parece que você não aprova a ideia.

– Não aprovo? Porquê?

– Porque você não diz nada.

– Mas que é que eu tenho a dizer? Você não veio para entrar na marinha mercante? Portanto, entra. Mas também na Figueira podia ter entrado.

– Pescando bacalhau, não? Seis meses no mar, metido num chaveco, sem ver terra, como o Almeida?

– Como quem? – e a secura violenta da pergunta fez-nos sentir a ambos que era como se ele me tivesse mordido.

– Isso é o que eu não quero ser – explicou ele, baixando os olhos.

– Não... tu queres ser só uma coisa parecida... – e sorrindo-lhe acrescentei: – Além de que tu querias escapar-te de casa e espanejar-te em Lisboa, não é?

– Também.

XXXVIII

Nos dias seguintes, mostrei-lhe Lisboa, como eu mesmo nunca a tinha visto, subi a lugares onde nunca subira ou me detivera, apontei-lhe desses altos, com proficiência, edifícios em que nunca reparara, fomos à Outra Banda, e devassámos com método todas as casas de meninas, que eu conhecia, mais outras onde nunca entrara. Nenhum dos meus amigos estava em Lisboa, e esses dias foram umas férias como eu nunca tivera, habituado, como estava, a passar as férias grandes fora de casa. Depois, tínhamos dinheiro à larga, porque meus pais, por atenção para com meu tio, não queriam receber nada do Luís. Fizemos figura de alentejano rico nos *dancings*, vimos duas vezes todos os filmes que passavam nos cinemas, e voltávamos para casa a desoras, cansados e felizes. Pela manhã, já tarde, quando nos levantávamos, o Luís namorava, postado um pouco para dentro da janela do quarto e com grande cópia de sinais e de atléticas exhibições do magro torso nu, uma pequena loura que, um dia, aparecera no prédio fronteiro. Depois, o namoro desceu à rua, e ele, no seu entusiasmo, não pensava noutra coisa, e passava a vida de sentinela, à espera de um sinal, e corria a comprar, para minha mãe, na mercearia, no lugar de hortaliça, etc., coisas semelhantes às que a pequena ia comprar, e de que minha mãe não precisava. As criadas faziam enorme troça dele, um tanto furiosas por a profusão de salsa as privar de pretextos para fazerem o mesmo, quando lhes apetecia dar ar à pluma. Era popularíssimo com elas, a quem eu, no meu papel de irmão mais velho, me sentia inibido de conceder atenção, embora uma delas claramente a merecesse e estivesse disposta a recebê-la. Às vezes, durante a noite, o Luís, depois de fingir acreditar que eu não fingia ter já adormecido, esgueirava-se para o quarto delas. Quando mais tarde voltava dava-se, estendido em cima da cama, a longos espreguiçamentos sublinhados com suspiros de macho satisfeito, que uns e outros se destinavam, com discreto exibicionismo, a

consolar a expansividade frenética que se tornava a sua. Os dias, que se mantinham quentíssimos e luminosos, sucediam-se sempre iguais. E, uma vez, ao almoço, minha mãe perguntou, com a colherinha de salada de frutas suspensa diante da boca, porque é que nós não íamos à praia, a qualquer das praias da linha de Cascais.

Sentados de cada lado dela, na sala de jantar, de cuja penumbra se erguiam brilhos de cristais e pratos que minha mãe fazia limpar todos os dias (o que fazia meu pai comentar que não havia prata que não perdesse peso com tanta esfrega), foi como se uma bomba tivesse rebentado no meio da mesa; passado o clarão do choque, entreolhámo-nos, eu e o Luís.

Praias, barcos, mortes e desapareições, tudo havia sido suprimido por tácito acordo. Cartazes, mapas como o que meu pai tinha pregado na parede do escritório, cheio de bandeirinhas, berros de telefonia a toda a hora e por toda a parte (eu ouvira-os nitidamente, quando debruçado do Miradouro de Santa Luzia mostrara Alfama e o Tejo ao Luís), as conversas apaixonadas de visitas ou parentes, todos vibrando de justiceira convicção de que, falando, contribuíam para salvar a civilização ameaçada pela anarquia, as parangonas dos jornais que minha mãe esparramava por todas as mesas e cadeiras da casa, e de que agora, além da necrologia e dos crimes, lia demoradamente os grandes títulos, nada disso conseguira despertar-nos. Não tínhamos visto, nem ouvido nada, desde a chegada a Lisboa, ou melhor, desde que eu acordara. Havíamos-nos sempre esgueirado pelos intervalos disso tudo. E, de repente, a proposta, feita à sobremesa, de que fôssemos à praia, lançada por uma pessoa que ignorava o especial significado que tudo aquilo para nós pudesse ter, trazia de roldão, para cima da toalha branca e bordada, um fétido odor de cadáver, de traição, de sordidez, de torpeza, de que nem naquele momento se erguia a memória de alguma dignidade.

Minha mãe prosseguiu: – Claro que o Luís está farto de praia.

Quem vive numa praia não lhe acha graça. E está a gozar Lisboa. Mas, no verão, com este calor, não ir à praia até parece mal. No verão, os rapazes vão sempre à praia. E é muito importante para a saúde. Quem vai à praia no verão, constipa-se menos no inverno – e sorveu e mastigou gulosamente as frutinhas da colher.

O Luís disse: – E a senhora? Nunca vai à praia?

– Quando era rapariga, ia muito, fique sabendo – respondeu-lhe minha mãe, sorrindo amenamente suspeitosa de que ele estava a troçar dela. – Íamos para Espinho. Oh, se eu agora voltasse a Espinho, não reconhecia nada. Espinho deve estar muito mais para dentro. O mar todos os invernos avança mais um pouco, leva casas e tudo. Na praia, naquele tempo, havia cada onda... O banheiro levava-nos ao colo para dentro de água, e eu e as minhas irmãs, ao colo dos banheiros, fazíamos uma gritaria, esperneando, fingindo que tínhamos medo. Aqui, nestas praias perto de Lisboa, não há ondas que se vejam, a não ser nas marés vivas. Mas ainda não é o tempo delas. Vocês devem ir à praia. Tomavam o comboio cedo, levavam um lanche, ou comiam lá, e voltavam à tarde. Podiam até tomar dois banhos, um de manhã, ao chegarem, e outro à tarde. No meu tempo, ninguém tomava banhos à tarde. Só pela manhã, bem cedinho, e tudo contado pelo relógio, dez minutos da primeira vez, doze da segunda, e assim por diante até meia hora...

– E depois vinte e cinco, tudo para trás, até ao zero, não? – perguntou o Luís.

Minha mãe, com *coquetterie*, deu-lhe no braço uma palmadinha furtiva: – A fazer-se engraçado, hein? Pois fique sabendo que havia quem recomendasse esse método, que se chamava... sim... o regressivo. Eu acho que vocês podiam ir amanhã.

– Para onde? – perguntei eu.

– Hum... deixa-me ver... Até à Cruz Quebrada é tudo muito porco e muito ordinário, ao que me dizem. Caxias é praia pequena, não presta. Paço d’Arcos é uma praia velha.

– Velha? – estranhou o Luís.

– Sim, é uma praia antiga, como Cascais, para onde só vão pessoas de outro tempo, quando havia reis.

– E o Estoril? Podíamos ir ao Estoril. Eu ainda não conheço o Estoril – disse o Luís.

– Oh, o Estoril, não, é uma praia muito cara. E tem o casino, é um horror – observou minha mãe, e eu e o Luís entreolhámo-nos numa confiança irónica. – Antes dos Estoris, Parede é medonha, tem o sanatório, é uma praia cheia de tuberculose óssea, ninguém para lá vai. Acho que vocês podiam ir a Santo Amaro d'Oeiras ou a Carcavelos. Oh, mas em Santo Amaro estão os teus tios, o teu tio Sarzedas – explicou-me –, que cabeça a minha, agora vão sempre para lá. É a melhor praia. Eu, se fosse vocês, ia a Santo Amaro. E tu, Jorge, podias apresentar o Luís às tuas primas, seria muito mais agradável. Na linha, não há outra praia como aquela. Vou telefonar ao teu tio, para o escritório dele, a dizer que vocês vão lá amanhã – e levantou-se da mesa, e saiu.

Diante um do outro, ficámos ambos a contemplar a louça do almoço, pelo meio da qual havia um mundo de detritos, alguns dos quais nem nos eram comuns. E o Luís disse: – Porque é que não havemos de ir?

– Tens razão. Mas procurar os meus tios e as minhas primas, não vou.

– Basta de tios com praia, ou de praia com tios, não é?

– Nem mais – e pensei que ele não sabia da missa a metade.

Nessa tarde, fiquei só no meu quarto, o Luís saíra a passear sozinho. Procurei entre papéis, numa gaveta para onde o mudara, o pedaço em que escrevera os versos. Li-os desapeadamente. Aquilo não rimava, nem eu sabia se os versos estavam certos. Certos ou não, assim me haviam aparecido. Mas que importância tinha aquilo para mim? Alguma, porque os guardara. Levantei-me, procurei entre os meus livros, na estante, uma velha gramática com um apêndice, de que eu me lembrava. Folheei com atenção o pequeno tratado de metrificação. Os versos tinham sílabas de uma a doze,

com acentos em sílabas certas, como eu teoricamente sabia, as rimas eram emparelhadas e cruzadas e não sei que mais, havia aliterações também, e os versos deviam agrupar-se em estâncias ou estrofes, formando poesias. No singular, a poesia era tudo isto, sem diferença nenhuma. E as páginas, com os seus exemplos em destaque (citações que me pareciam muito más e não me diziam nada), que li e reli, não me explicaram o que, pela decepção, parecia que eu esperara delas. Aquilo só ensinava a fazer versos a quem não precisasse de os fazer. E eu precisava? Porquê e para quê? Porque tudo perdera o sentido para mim e eu precisava de inventá-lo ou redescobri-lo? Porque me sentia completamente só e necessitava de silêncio, e, em consequência, precisava de palavras que dissessem não dizendo? Mas, de qualquer modo, qual a razão de aquelas palavras me perseguirem, sempre as mesmas ou quase as mesmas? E, se eu nunca me interessara por coisas como versos, se era um homem como os outros, se sofrera como outros podem sofrer, qual a razão de começar a escrever versos? Mas o que me acontecera era talvez invulgar. Talvez eu não fosse como os outros (e quem era como os outros?). E quem se interessa por versos alguma vez começou. Deu-me vontade de rir a controvérsia que se estabelecia em mim. O riso instantaneamente se transformou numa dor como que física, mordendo-me de raiva o corpo, e percorrendo-o todo, da cabeça aos pés. Uma fúria, um desespero, uma ânsia de quebrar o mundo, uma vontade de morrer e continuar vivo, um desejo de gritar em altos brados que nada era nada, uma danação contra o que desabara sobre mim, atiraram-me, encolhido e torcendo-me, para cima da cama. Não, não podia ser. Tudo o que acontecera era impossível, idiota, ridículo, absurdo, uma conspiração de loucos para roubar-me a vida. Eu não tinha nada que ver como aquilo, só porque, durante meia dúzia de dias, fora amante de uma rapariga envolvida em acontecimentos que não me diziam respeito. Tê-la fodido não dava à vida nem a ninguém o direito de me foder a mim. Se ela me tinha enganado, me tinha usado, ora, eu também a tinha

usado e bem. Foi quando a dor aumentou, a ponto de eu começar a tremer do medo de endoidecer. Rebolava-me na cama, sem abrir os olhos, de punhos cerrados, com os joelhos na barriga, chorando engasgadamente, dando uivos.

Minha mãe entrou assustada: – Que é que tu tens? Que é que tu tens? – e as criadas espreitavam da porta.

Ser observado naquela amargura de fim de mundo deu-me algum alívio, certa segurança de que, se me consolava de saber-me visto, era porque não estava inteiramente só com menos que mim mesmo, porque era de mim mesmo que me tinham roubado, precisamente quando eu descobrira que podia ser um *eu*.

– Nada, não tenho nada. Deixem-me.

– Doi-te a barriga?

E, como eu continuasse a rebolar-me a um lado e outro, encolhido, o diagnóstico veio fulminante: – Ai é apendicite, meu Deus, tenho a certeza de que é apendicite! Vou chamar o médico já.

Sentei-me na cama: – Qual apendicite, qual nada! Sabe o que eu tenho, sabe?... É dor de corno.

– Isso são modos de falar? Isso são modos de falar... à... tua... mãe? Tu não tens idade para isso.

– Para dor de corno ou para falar em dor de corno?

Minha mãe saiu, atirando com a porta.

Eu estendi-me, num grande esgotamento, em que a dor não diminuía, apenas se tornava mais fina e funda, mais íntima, mais familiar, quase um prazer contraditório que me chamava de longe, com um fascínio irresistível, embora eu a sentisse muito perto, encostada às paredes, que me fazia quase visíveis, de uma vontade que se lhe fechava. No roçar-se lamentoso dela por essas paredes havia uma volúpia quase sexual que me palpitava, em leves saltos, na cabeça, no baixo-ventre, no sexo. Era todavia muito diversa do prazer de começar desejando um corpo que se adivinha ou se contacta, ou de imaginar a posse de um corpo desejado. Era uma volúpia de desejo e, ao mesmo tempo, de prazer consumado,

recebido e dado. Mas, sendo isso, comunicava não menos um ímpeto de sair de mim, sair do quarto, da rua, da cidade, do mundo, num sair que não era fuga, mas um atravessar deles, lento e calculado, como quem, no meio de um grupo de pessoas, ou na rua, ou num transporte público, leva a mão ao bolso, para apalpar nele um papel com uma morada, um bilhete que recebeu, uma pequena lembrança que lhe foi oferecida, algo sem outro valor que o de ser secreto, ignorado, talvez até apenas o de não valer nada para outrem.

Arranjei-me e saí. Quando descia as escadas, minha mãe apareceu em cima, no patamar: – Para onde vais tu? Estás melhor?

Parei, e olhei para ela, suspensa sobre o corrimão, afetando sinceramente as suas obrigações de ansiedade materna, que lhe não permitiam, em consciência, ouvir sair, sem uma observação, o filho que podia ter uma apendicite ainda que só de amargura. Mas a afetação, que era uma das coisas que nela mais me irritava, e com que escondia, não só comigo mas com tudo e todos, e creio que ela mesma, uma distante indiferença, não me magoou nem chocou. De repente, recebi algo como que uma revelação, e vi que aquela indiferença oculta sob uma capa atenciosa era defesa contra o facto de, na vida, não lhe haver acontecido nada, o facto de a vida ter sido, e ser, para ela, menos do que possivelmente ela esperara: era uma espécie de assumida interinidade, como a de um pequeno funcionário que exerce interinamente, com zelo, um cargo superior, para o qual sabe que não será nomeado nunca.

Minha mãe continuava no patamar, à espera da minha resposta que apenas demorou a rápida suspensão de um meu olhar abstrato. Sorri-lhe «filialmente»: – Acho que estou melhor. E apetece-me sair, faz-me bem.

– Se a dor te dá outra vez na rua? Não queres tomar uma aspirina? Ou um pouquinho de sal de frutas?

– Não, obrigado. Não me demoro. Até já.

Na rua não me deu a dor; mas, na claridade serena que precedia

o fim da tarde, e que, descendo de um céu azul com nuvens desfiadamente brancas, pousava pálida e tépida sobre as casas e o ar e os poucos transeuntes lentos, deu-me outra coisa: a consciência de que precisava viver, embora não como naqueles dias em que fingira não ter havido um medonho passado recente – eu podia não recordar, mas não podia esquecer, e, se não era possível que a vida e as coisas tivessem para mim o mesmo sentido sem-sentido, que mais ou menos tranquilamente tinham tido desde que eu nascera e me soubera depois poder pensar a ideia de ser uma pessoa, não menos me cabia aceitar que o sem-sentido tivesse agora um sentido provisório, em que a continuidade de ser-se alguém deixara de ser independente de não haver ou não ter havido acontecimentos, para depender todavia apenas da circunstância de os acontecimentos poderem ser só parcialmente nossos. O provisório não era necessariamente uma insegurança que se substituíra à segurança falsa de quem nunca se viu envolvido com vidas alheias: podia ser um estado de consciência, uma aceitação expectante, um receber peças de um *puzzle* (sem pensar que o *puzzle* deva ser pessoal e intransmissível, a não ser lá onde o que se não transmite nem comunica é menos o incomunicável que o inverificável). O tanto que eu sabia e ficara sabendo de mim e dos outros era precisamente a medida do quanto ignorava deles e de mim. E aquilo que, de cada um, cada um não consegue saber, é exatamente aquilo que de cada um lhe não é dado saber, ou porque a comunicação não é possível, ou porque se não dá entre aqueles dois senão a um comum nível médio, ou porque o incomunicado é precisamente o modo de existência comum desses dois, no escasso instante em que o fluir do tempo, em um, se cruza com o do outro. Era como se eu tivesse descoberto que somos rios paralelos (não tinha eu já pensado isto?) que às vezes se unem, para logo se separarem com águas que, embora misturadas e comuns, não correm num mesmo leito. O que palavras pudessem pretender dizer de tudo isto o diriam tanto menos, quanto mais analiticamente o julgassem dizer. Porque a

consciência racional é feita de palavras e de frases, mas a representação do *antes dela* só poderia ser uma forma de consciência, quando as palavras não dizendo dissessem e dissessem não dizendo. Por isso, nenhum tratado de metrificação ou mesmo de mais do que isso podia informar-me do que poesia fosse ou da experiência de versos aparecerem. Um tratado daqueles parte do princípio de que há formas prévias a qualquer experiência (e há, quando vivemos num mundo que conserva as suas impostas fórmulas como modos de experiência válidos), e de que a experiência de aparecerem versos não é necessariamente correlata com as razões íntimas de escrevê-los. Só me diriam alguma coisa outros versos, ou livros que relatassem, mesmo imaginosamente, vidas. Que as vidas fossem imaginadas não alterava nada, e antes pelo contrário, ao valor do que eles dissessem: como podia eu conceber a realidade, sem ser capaz de imaginá-la? Qualquer realidade não-imaginada seria sempre menos que realidade. Tudo o que me acontecera ou acontecera comigo estivera todavia fora do imaginável – sim, mas na aparência só. O horror estava na minha surpresa constante com o inimaginável de uma catástrofe desencadeada a uma escala que não me era habitual. O espantoso e o monstruoso não podem, porém, ser-nos habituais, nem a experiência da vida pode ser feita de experiências incomuns. Mas que as experiências nos deem o conhecimento de que os limites do possível não são os do provável ou do previsível, eis o que nos daria consciência de que a própria vida é, ou pode ser, a qualquer instante, um furacão que arrasta para o seu torvelinho criaturas inocentes e desprevenidas, que larga, com a mesma indiferença, num estendal de cadáveres e de detritos, espantados de se verem juntos.

Sentado à janela do carro elétrico em que ia olhando a rua que deslizava e parava a meu lado, perguntei-me ainda: e que utilidade tinha tudo isso ou escrever disso? Para quê? Sim, para quê? Que utilidade tinha aquele papel com palavras figuradas, que eu trazia

no bolso? Para mim, tê-la-ia? Para outros? Se os outros não sabem que uma pessoa começa a escrever, nem lhe pediram que o fizesse, que interesse tem isso para eles? E, se eu também não desejara escrevê-las, que utilidade teriam para mim? Não seriam uma forma que eu, dentro de mim, encontrara, para escapar-me à recordação concreta e à consciência agônica de pensar claro no que o não podia ser? Não seriam, em vez de valiosos símbolos da verdade, habilidosas fórmulas de exorcismo, como quem queima ervas à sexta-feira para afugentar as bruxas? Ou como quem reza novenas para encontrar os objetos perdidos? Sem dúvida que eram também isso. Mas eram também um modo de dar presença externa e concreta ao que fosse uma angústia ou uma amargura complexa e confusa, demasiadamente funda e vasta para ascender ao nível da razão lógica, ou demasiadamente obsessiva e asfixiante para transmutar-se em sentimento, em comoção, em algumas lágrimas de alívio. Todavia, o que eu começara a fazer não iria, pelo contrário, acrescentar uma angústia a outra? Se eu não escrevera facilmente, se eu não encontrara saída para o que principiara a escrever, se eu não acabara, não iria agora passar a sofrer de uma adicionada aflição que seria a de conseguir, de cada vez, dizer o que não sabia sequer dizer? Já no bolso aquele papel me queimava e pesava, sem que eu soubesse que desenvolver do que escrevera. E, se eu forçasse, se eu trabalhasse em cima daquilo, arrancando palavras umas das outras, que certeza podia eu ter de que, de certa altura em diante, eu não estaria inventando, apenas para concluir falsamente o que, dentro de mim, era possivelmente outra coisa diversa? E quem me garantia que, dentro de mim, *o que era* não podia supor-se diverso, precisamente porque, existente noutro plano, não o era nem deixava de o ser? Sendo assim, que significação e que valor podia ter a transformação de *o que* não era, *naquilo* que passava a ser?

Levantei-me do lugar, e apeei-me. No momento em que respondia a mim mesmo, parado na placa da paragem, vi a meu

lado o Almeida que saltara da plataforma traseira do mesmo carro elétrico. Agarrou-me num braço que procurei livrar empurrando-o. Mas, por entre os encontrões que já faziam gente voltar-se e parar, ele disse: – Não faça escândalo, olhe que não pode explicar nada.

Fiquei quieto. Atravessámos a rua, e ele chamou um táxi que passava.

– Vamos.

Já dentro do carro, ele deu uma morada na Graça, e recostou-se no assento: – Havia dias que eu andava atrás de si, a ver se o apanhava sozinho.

– Que é que você quer?

Indicando com o queixo as costas e o cachaço do *chauffeur*, pediu-me silêncio com semicerrar dos olhos. E, enquanto o carro subia para a Graça, eu olhando de viés, e fugidamente, o perfil do Almeida, senti que não só não valia a pena mandar parar o carro, para sair e escapar-me, como havia entre mim e ele uma atracção que nem por arrepiar-me de repulsa e raiva menos me prendia. Era um sentimento estranho, em que não havia qualquer curiosidade do que ele pretendia de mim, nem nenhum receio do que pudesse pretender. Mas, ao mesmo tempo, junto com o desgosto e o desagrado de tê-lo ali quase a roçar-se por mim (e um vago encostar da perna que ele tinha aberta, forçado por uma curva do caminho ascendente, fizera-me apertar os joelhos), o que eu sentia era como que uma resignada identificação com ele, como se ter assistido à sua humilhação, à humilhação do homem que me precedera ou usara da mesma vagina nos intervalos do meu uso (e estremeci de horror à imagem visualmente anatómica disso mesmo), tivesse afinal criado entre nós mais do que uma camaradagem e uma cumplicidade, desagradáveis sim, mas imediatamente reais a partir do momento em que um de nós apelasse para o outro. O próprio facto do apelo, independentemente das razões boas ou más, agressivas ou não, era o suficiente para que essa relação se revelasse estabelecida e firme. Quando o carro parou numa daquelas ruas que

descem para os Caminhos de Ferro, e ele se inclinou para a frente, com o porta-moedas na mão, e estendendo o braço rente ao ombro do semivoltado *chauffeur*, eu demorei os olhos mais no perfil que, senti, se fazia mais atento ao ato de pagar, talvez pela estranheza de eu o observar sem hostilidade alguma. Apeando-me (e eu estava do lado do passeio), pensei se aquele acanhamento estudado com que ele deu a volta por trás do carro que partia, e me agarrou suavemente num braço, a empurrar-me para uma porta que com a outra mão fez que se abrisse na minha frente, tudo sem olhar-me, não escondia na verdade, menos uma estranheza, que a estranheza de ter percebido que eu sentia por ele o mesmo que ele, igualmente aflito, se sentia sentir por mim, na perplexidade de me ter seguido, e de trazer-me ali, e de eu afinal ter vindo. Subia eu maquinalmente as escadas do patamar da entrada, quando ele disse: – É no segundo andar, eu moro aqui, no quarto independente –. Deu-me subitamente vontade de rir a situação que, com quarto independente, de porta para a escada, como naquele tempo se dizia, tinha o seu quê de dúbio. E, logo depois, estremeci de medo – medo de que aquilo fosse uma espera, em que ele ia vingar-se em mim, com a ajuda de algum grupo de galfarros, do que lhe tinham feito a ele. Esse receio ainda persistia quando ele enfiou uma chave à fechadura e abriu a porta do quarto. Mas, antes de ver que o quarto estava vazio (e também quase vazio de móveis), pensei que seria muita coincidência que houvesse ali gente à minha espera, visto que ele não tinha tido certeza alguma de encontrar-me. No entanto, o melhor era demorar-me o menos possível.

Como se me tivesse adivinhado o pensamento, ou porque o meu receio era mais visível do que eu supunha disfarçar, ele disse, ao fechar a porta atrás de nós: – Não lhe quero mal nenhum. Não pense que o trouxe aqui para me vingar – e sentou-se na cama estreita que, com uma cadeira onde havia roupa pousada, e uma mala no chão, era, além de uma incongruente Nossa Senhora muito azul e oleográfica, pendurada na parede, a única mobília. O vazio

luminoso que eu vira da obscuridade do patamar estreito não me iludira, mas não me permitira ver como o quarto estava sujo, e a cama, em que ele se sentara, por fazer. Sem levantar-se, ele atirou para a cama as roupas que estavam na cadeira, e fez-me sinal que me sentasse. Sentei, e instintivamente recuei a cadeira que, onde estava, me colocava demasiado perto dele.

– O que é que você quer de mim? – perguntei, e a pergunta soou-me a óbvia, como se não tivesse importância saber-se, ou como se eu já soubesse o que ele queria.

– Desde que cheguei que ando a rondar a sua casa, que o segui por toda a parte (posso dizer-lhe por onde você tem andado com o rapaz), sempre à espera da ocasião de falar-lhe. Precisava absolutamente de falar consigo. A minha ideia não era trazê-lo aqui. Era só falar consigo. Quando você resistiu é que me lembrei que seria melhor, não havia outra maneira. Mas agora que você está aqui, não sei o que queria dizer-lhe – e levantou para mim um rosto amargamente sorridente que me fitava com uma incômoda franqueza.

– E eu é que hei de saber?

– Aquilo que aconteceu não tem importância, foi uma garotada – e baixou os olhos numa pausa que me deu tempo de ficar na dúvida sobre que acontecimento ou acontecimentos haviam sido uma garotada.

– O quê?

– O que me fizeram.

– Então que veio você fazer para Lisboa? Atrás de mim, para falar comigo?

– Eu podia ter-lhe escrito, mas eu não sou de escritas, e de qualquer maneira era perigoso. E preciso que você compreenda...

– Compreender o quê? Que explicação é que é preciso que você me dê?

– Eu tinha de vir para Lisboa, não vim por sua causa.

– E depois?

– Quero que você saiba que foram eles quem me embrulhou naquilo tudo.

– E que tenho eu com isso? Eles, quem?

– Eles dois.

– Desde que você esfregou o joelho no dela, no escuro do cinema? – e era eu quem agora o fitava, mas com dureza irônica.

– Não, mais tarde, na Figueira. Mas agora tenho de continuar. Afinal, ele morreu. Foi por isso que eu vim para Lisboa.

– Vai embarcar aqui para Espanha?

Ele levantou-se, foi à janela, cujas cortinas poeirentas coavam demasiadamente a luz do fim da tarde, e murmurou: – Há coisas mais importantes que uma mulher.

Subitamente ouvi-me dizer: – Depende das ocasiões e das pessoas. Para nós, parece que não há.

Voltou-se: – Está enganado, como você está enganado. Ela não tem a mínima importância para mim.

– Então – e havia alguma surpresa na minha voz – qual é a importância que eu tenho para si? Se eu não tenho nada que ver com as outras coisas? – e senti que era como se eu mentisse.

– Você tem. Não compreende que tem?

– O que é que eu tenho?

Voltou a sentar-se: – Importância. Você é uma das pessoas que sabe tudo. É mesmo a única pessoa que sabe tudo.

– Mas eu não sei nada. Precisamente nada é o que eu sei.

– Não acredito. Não foi o que me disseram.

– Então enganaram-no. E deixe-me dizer-lhe que eu julgava que quem sabia tudo era você.

– Não é verdade. Disseram-lhe isso?

– Ninguém me disse nada.

E era como se o crepúsculo, ao adensar-se, trouxesse consigo um sombrio manto de absurdo, que nos cobria e prendia ali um ao outro: – Talvez que não haja mais nada que saber – murmurei num cansaço – e que ninguém saiba nada de nada.

– Não, eles jogaram connosco como quem joga a bola. A diferença é que a si o atiraram para fora, e a mim me atiraram para dentro.

– Dentro de quê? – e arrependi-me da pergunta, pois que senti que ele queria arrastar-me para «dentro».

Mas ele não respondeu, a preparar a rede com que me pescaria. E, de repente, foi como se um grito o tivesse feito voltar a cabeça e largar a rede das mãos. Mas baixou a voz para perguntar: – Você gostava muito dela?

– E você?

Ele sorriu liberto: – Francamente, não sei. Um homem como eu teve todas as mulheres que quis, quando quis, voltou a ter uma que já tinha tido, tem duas ao mesmo tempo, mas é tudo tão rápido, tão não sei como... Se eu a tivesse namorado... Mas, assim, era ao mesmo tempo a mesma coisa, e também era que eu já tinha idade de ter juízo, de casar... Claro que, se eu tivesse casado com ela, ou se eu casar com outra, é para ter alguém certo, que gosta da gente, que nos pertence e a mais ninguém e que...

– Serve para repousar nas horas vagas das outras? – perguntei com azedume.

– Você acha que um homem pode satisfazer-se com uma mulher só?

A conversa começava a tomar uma direção académica e abstrata, como de dois amigos filosofando sobre a vida. Levantei-me, não aguentava mais.

Ele levantou-se também, e ficou quase encostado a mim. Dei uns passos para a porta. Seguiu-me, e, quando eu abria a porta, segurou-a para perguntar: – Diga-me... gostava dela?

– Que tem você com isso?

– Tenho. Bem sabe que tenho. Quero saber.

– Eu não gostava dela. Eu gosto dela.

Apesar do escuro, vi que os olhos lhe cintilaram: – É formidável na cama, não é? Capaz de tudo. Que boa foda, não é?

Os meus socos foram tão violentos, que caiu para dentro do quarto e eu tombei sobre ele. Rolámos engalfinhados, numa saraivada de golpes, e a cadeira enrodilhcou-se em nós, entalando-nos sob a cama. Era muito mais forte do que eu, os braços e as pernas dele pareciam tenazes, os dentes branquejavam-lhe como presas de lobo. Numa reviravolta, ficou sobre mim, e, ao soerguer-se para melhor me apertar o pescoço, a cama de ferro desmontou-se e desabou sobre nós.

De surpresa, largou-me o pescoço, e ficámos ambos, como náufragos solidários, a desenhencilhar-nos da cama. Ouvi pancadas numa porta, e uma voz de mulher perguntando inquieta: – Sr. Almeida! Sr. Almeida! Quem está aí?

E ele, saindo de sob a cama e compondo o penteado: – Não é nada, não se incomode, acho que foi a cama que caiu.

Levantei-me também, e disparei para a saída. Ele, com a cara na porta de comunicação para o interior da casa, sossegava a mulher: – Não, não se incomode, não é preciso, eu cá me arranjo.

Desci a rua apressadamente, mas ele vinha a correr atrás de mim. Voltei-me perto de um candeeiro já aceso, a que me agarrei para assestar-lhe um pontapé, a que se esquivou.

– Ouça, ouça... Desculpe.

– Deixe-me. Olhe que eu grito por socorro. Vá-se embora.

Recuou uns passos e parou, descomposto, com os cabelos lamentavelmente brilhando à luz do candeeiro numa desordem que os embaciava, e de mãos abertas para mim: – Ouça, juro que não era o que eu queria dizer-lhe.

– Vá-se embora.

– Ainda há de ouvir falar de mim.

Virei-lhe as costas e continuei a descer a rua. Ouvi-lhe os passos, mas não me voltei.

– Eu não sou quem você julga. Há de ver.

Nisto, um vulto despegou-se de um portal e também de uma sombra de mulher, mesmo a meu lado, e deve tê-lo segurado: – Que

é que você quer do homem? Largue-o. Vá-se embora.

Ele deve ter desistido, porque, no fim da rua, à esquina, voltei-me, e não vi ninguém. Só a luz do candeeiro, e escassamente, ocupava a rua.

A esquina precipitava-se numa curva de inclinada hélice para uma rua larga e sombria, ao fundo da qual passaram amareladamente as luzes de um carro elétrico carregado de gente. Chegado lá em baixo, fiquei perplexo noutra esquina, sem conseguir coordenar ideias ou uma decisão. A luz de um candeeiro fez-me lembrar que também eu estaria numa boa figura, e estava: a camisa fora das calças, o botão do colarinho rebentado, o que era o menos, e um rasgão no peito dela. Entalei a camisa, tentei apertar o casaco mas o botão faltava, apertei-o com um dos botões inabituais. Sentia a nuca dolorida, e ainda os dedos dele no pescoço. Mas uma enorme paz me invadia, tão grande, que tive de focar os olhos para a claridade com que ela acrescentava a iluminação da rua. Procurei no bolso o papel que não encontrei. Queria escrever, tinha de escrever. Mas, ao enfiar a mão no bolso da caneta, senti humidade. Estava quebrada, e os dedos voltaram-me cheios de tinta. Nada tinha importância: rasgado, sujo de tinta, eu tinha de arranjar com que escrever. Encontrei um lápis. E na carteira encontrei enfim um papel. Enquanto não escrevesse, não saberia que escrever, e portanto não podia escrever apenas mentalmente. Dando voltas ao papel que se me furava contra a carteira, escrevi:

Sinais de fogo, os homens se despedem,
exaustos e tranquilos, destas cinzas frias.
E o vento que essas cinzas nos dispersa
não é de nós, mas é quem reacende
outros sinais ardendo na distância,
um breve instante, gestos e palavras,
ansiosas brasas que se apagam logo.

Parei relendo o que escrevera. Faltava qualquer coisa. O que faltava? Não conseguia lembrar-me. Vi então um papel flutuando entre duas águas, vi águas tremulantes de reflexos, e vi uns barcos que deslizavam sobre elas. Os barcos de outra vida. Que outra vida? Que barcos? Não faziam sentido os barcos ali, e agora. Eu suprimira os barcos do sentido completo do que escrevera, embora, relendo mais uma vez, um qualquer claro sentido me escapasse. Guardei o papel no bolso, um táxi passou, chamei-o. No táxi, cujo *chauffeur* me fitou desconfiadamente quando parou perto de mim, recostei-me num repouso embalado. «Eu não gostava dela. Eu gosto dela.» Não, não ia pensar mais naquilo. Para quê?

Em casa, abri a porta, entrei para o meu quarto que estava às escuras. O vulto do Luís recortava-se na janela, e voltou-se para dentro. A janela fronteira estava iluminada, e a menina fugiu para dentro, quando acendi a luz.

– Em que estado você está? Que aconteceu? – perguntou o Luís aproximando-se.

Estendi-me em cima da cama, depois de tirar o casaco. Espreguicei-me, respirei fundo: – Nada. Encontrei... calcula quem?

– Quem?

– O Almeida.

– O Almeida está em Lisboa?

– Está. Jogámos à pancada.

– E agora?

– Agora, nada. Acho que era o que nós precisávamos.

– E quem ganhou?

O rosto dele, debruçado para mim, acendia-se de uma curiosidade que me fez sentir a imensa distância no tempo de vida, a que ele estava de mim. Sorri-lhe: – Não sei. Ganhámos ambos.

Sentou-se na beira da cama, ficou calado. Depois, perguntou: – Ele também ganhou?

Olhei-o. Condescendi: – Bem, talvez eu tenha ganho.

– E ele é forte.

– Não tanto como parece.

Levantou-se, contemplou-se apreciativamente: – Hum... Uns são fortes e não parecem...

Rindo, eu completei-lhe a frase: – ... e outros não parecem e são muito fortes – mas, sem bem saber porquê, não era a ele, para quem ria, que eu olhava, e sim o bolso do meu casaco manchado de tinta.

XXXIX

Os dias correram daí em diante, como num sonho de realidade amável. Minha mãe contagiava toda a gente em casa, no entusiasmo dos preparativos para o embarque do Luís, que meu pai conseguira. Aliás, a entrevista do Luís com o comandante Abreu que, uma noite, chegara para esse efeito (ele dissera ao meu pai que queria primeiro conhecer o rapaz, assim em família, como que para um exame prévio que meu pai achara sem sentido, e minha mãe logo considerara extremamente razoável e de bom augúrio), havia sido triunfal, comicamente triunfal.

O Abreu entrara, emproado como um pardal imenso, cofiando os bigodes brilhantes, e seguindo minha mãe para a sala, de esguelha, como se, indo atrás dela, estivesse ainda a dar passagem, reverentemente, àquela senhora. Na sala, sentado no sofá, com meu pai numa poltrona, minha mãe noutra, e eu numa cadeira mais distante (a sala tinha as suas hierarquias de assento), ele hesitava, como sempre, antes de acender o inevitável charuto que lhe tremia entre os dedos, apesar da insistência de minha mãe em que fumasse à sua vontade, ora essa. Suspenso de uma insistência maior de minha mãe (e que ouvira trémulo e respeitoso), estivera mesmo a ponto de queimar os dedos no fósforo já aceso. Depois, entre baforadas cuja espessura o tranquilizava, animara-se um pouco, recordara pela centésima vez alguns episódios da viagem extremamente sem episódios, que meu pai fizera a Angola, no navio que ele comandava. Meu pai, que o conhecia desde os bancos do liceu, sorria pacientemente, chegava a ajudar-lhe a memória em alguns pormenores. De resto, aquelas conversas pareciam-me sempre uma espécie de jogo entre eles: um a fingir que se não lembrava, o outro a fingir que não percebia que o outro apenas fingia lapsos de memória, para que a memória fosse ritualmente comum. Minha mãe ajudava à missa, com a erudição adquirida nas sucessivas visitas, ao longo de anos: e tanto fazia que fosse aquela

famosa viagem o que se recordasse, como acontecimentos insignificantes dos tempos da escola que eles haviam frequentado juntos, e ela não. Após estes preliminares, o drama do charuto repetia-se com o vinho do Porto, que minha mãe teimava que ele tomasse – um cálice, um calicezinho só – e que ele sempre acabava por tomar – uma gotinha, minha senhora, uma gotinha só. Tocada a campainha (era sempre meu pai quem se levantava para tocar a campainha, a um sinal discreto de minha mãe, quando ela achava que a discussão atingira o grau de cerimónia requerido pelo Abreu), a criada entrava com a bandeja do vinho do Porto, com os cálices esguios, já preparada, na sala de jantar, desde que se sabia que era o Comandante quem batera à porta. Servia minha mãe o Porto (havia alguns anos já que eu também participava), a criada pousava a bandeja na mesa e retirava-se, e todos ficávamos de copo na mão, após um golinho, à espera do juízo concentrado e definitivo do Comandante Abreu. Cheirando o *bouquet*, com fingida volúpia (sempre pensei que ele na verdade detestava vinho do Porto), ele declarava excecional o vinho, contemplava-o à transparência, tomava um outro gole, suspirava fundo, pousava o cálice na mesa, e, ao pousá-lo, os dedos tropeçavam-lhe no charuto: um pouco de cinza caía na mesa, para grande consternação do Comandante que, confundindo ainda mais o cálice e o charuto, tirava o lenço de seda branca, cujas pontas lhe apareciam no alto do casaco assertoado, para sacudir de leve o pano da mesa, ajudado por meu pai que se levantava para evitar que o cálice se entornasse. Às vezes, não era a cinza o que caía, mas o cálice que respingava, e então meu pai segurava o charuto, para que o lenço adejasse no pano da mesa, enquanto minha mãe afogava de «não-tem-importância» as desculpas aflitas do Abreu. Posto isto, começava a conversação propriamente dita que ou versava tópicos de ocasião, ou algum assunto que especialmente trouxera o Comandante a nossa casa, como foi o caso desta vez. Apesar de já informado por meu pai, ele preferia ouvir a história toda desde o princípio. No fim, um silêncio

prolongava-se carregado de expectativa, e o Comandante, envolto em baforadas de fumo, meditava longamente, de olhos semicerrados, a resposta. Desta vez, o que ele disse foi: – Pois muito bem, vamos lá a ver o rapaz.

O Luís, que ficara lá dentro à espera de ser chamado, entrou, não a um sinal de campainha (as campainhas, não sendo a da porta da rua, eram só para as criadas), mas porque meu pai se levantou e abriu a porta da sala. Quando ele entrou, fez-se um silêncio ominoso. O Comandante, redobrando as baforadas do charuto, inspecionou-o de alto a baixo, atentamente, com os olhos semicerrados, como se estivesse comprando uma escrava nos mercados da Arábia. De resto, os bigodes, o fumo do narguilé, o aprumo empertigado, davam ao Comandante um ar de *sheik* entendido em escravos. Minha mãe despertou-o da contemplação absortamente judicativa, levantando-se, e dizendo: – Bem, agora eu retiro-me, porque precisam de conversar entre homens – que fez que o Luís meio se voltasse num sorriso acanhado com que lhe seguiu o vulto até cerrar-se a porta, após o que todos casquinámos em coro com o Comandante que disse: – Senta-te, rapaz, senta-te – e um novo silêncio caiu. Dando uma palmada na coxa, e inclinándose para a frente em direção a meu pai, ele sentenciou: – Acho que temos homem, sim senhor.

O suspiro do Luís, suspenso durante o silêncio, ouviu-se na sala. E o Comandante lançou-se numa loquacidade que eu nunca lhe vira, nem mesmo em outras ocasiões em que as conversas de homens a que minha mãe nos deixasse ultrapassavam um pouco os temas de quando ela estava presente. O Luís fazia muito bem em escolher a carreira da marinha mercante, não havia carreira melhor para um rapaz solteiro, e mesmo que casasse (ele não casara) era sempre melhor, porque a cada regresso a esposa estava à espera como uma noiva, e o tempo em Lisboa nunca durava mais que o normal para uma lua de mel (risos), e uma pessoa voltava as costas a terra, saía a barra, e era como se o mundo não existisse para aborrecer as

peças, ou as peças não aborrecerem o mundo. Não que numa viagem ou outra não houvesse problemas sérios, ou peças aborrecidas. Mas não eram os de terra. Eram outros, e tinham de ser resolvidos de acordo com as leis do mar. O Comandante fazia grande questão de acentuar a total diferença de qualidade e de nível entre as leis terrestres e as marítimas, que, para mais, tinham a vantagem de ser internacionais e de não mudarem de país para país. De resto, o que era um país? Um país era um porto, um cais quando havia cais, e em muitos portos não havia. Um silêncio, que desse tempo a esta verdade calar em nós e especialmente no Luís, foi convenientemente envolto em nuvens de fumo. E o Comandante passou a enaltecer a dureza da vida do mar, como escola de carácter e de virtudes. Sobretudo na marinha mercante, e repetia: – Na Marinha Mercante – no que era uma implícita crítica à Marinha de Guerra. A crítica então disfarçou-se em especulações historicistas. Quando era que Portugal tinha sido grande? Quando? Quando tinha tido uma forte marinha. Mas que marinha era essa? Sim, que marinha era? – e a pergunta ia direta ao Luís. O Comandante, porém, não o deixou responder. Cofando as pontas do bigode, com método, uma após outra, declarou: – Mercante, mercante, sim senhor. Tinha canhões, lá isso tinha, porque os mares estavam infestados de piratas. Mas nos porões, que tinha? Pimenta. Pimenta. E mais pimenta. Grandes tempos esses – concluiu, como se estivesse garantido pelo seu próprio testemunho pessoal.

À saída, o Comandante permitiu-se pousar a mão no ombro do Luís. E, como a conversa animara, e nós tínhamos contado que o Luís fugira de casa para embarcar, o que havia tempo que não era segredo, o Comandante comoveu-se, e confidenciou: – Olha, rapaz, aqui tens tu um homem que também fugiu de casa para embarcar –. Minha mãe veio de dentro para despedir-se, ele desceu a escada como quem descesse solenemente da ponte de comando para o convés, e desapareceu sob o patamar. Quando se fechou a porta, meu pai exclamou: – Esta agora! Mas quando foi que ele fugiu de

casa para embarcar? –. Todos nos entreolhámos, sem saber a resposta. – De que é que vocês estão a falar? – perguntou minha mãe. Meu pai explicou. E ela: – Ora, como é que se pode saber? Às vezes, uma pessoa foge, e ninguém sabe –. Meu pai insistiu: – Mas eu conheço-o de pequeno, ele não fugiu de casa, é história –. Mas minha mãe não se rendeu: – Ora, ora, lá estás tu com as tuas teimosias. Tu vivias em casa dele para saber? Ele que diz que fugiu é porque fugiu – e chamou a criada para que recolhesse o vinho do Porto e lavasse os cálices.

Depois disto, haviam começado os preparativos. Minha mãe fazia cálculos cândidos sobre o número de peúgas, e de camisolas interiores, e de cuecas, que seriam necessárias numa viagem que duraria dois meses e meio, ida e volta. E eu, assistindo ao interesse risonho mas consolado com que o Luís participava daquelas intermináveis considerações, às vezes via, entre mim e ele, a imagem do Abreu, soltando baforadas de fumo e cofiando os bigodes, e pensava em quantas vezes dois meses e meio seriam necessárias para que o Luís, ainda que diferente, fosse como ele, ou como o Almeida – e estranhamente sentia os dedos do Almeida apertando-me o pescoço. Mas o caso em si, ou o que havia parecido ser uma ameaça, não me inquietavam. As fardas do Luís vieram do alfaiate, e foi uma festa de Carnaval nesse dia. Vestiu-as todas uma por uma, mostrou-se para trás e para diante à minha mãe (a quem nem mesmo as fardas tiravam da ideia que a vida que ele ia iniciar não eram umas férias grandes na praia), foi à cozinha roçar-se pelas criadas que davam gritinhos ciciados, como se uma farda fosse uma espécie de falo ereto, e várias vezes correu à janela do quarto para mostrar-se à namorada que, por qualquer razão, não estava em casa, ou havia sido proibida, logo a partir daquele dia, de aparecer à janela. A vontade dele era sair para a rua. Mas, entre as instruções de primeiros socorros quanto ao comportamento do oficial da marinha mercante em terra, que o Comandante Abreu dera na sua visita, contava-se a de que os oficiais, e os praticantes com maioria

de razão, visto não serem mais que postulantes a oficiais, não usavam farda na rua, a não ser no ultramar eventualmente, para não se confundirem com os outros, os da Marinha de Guerra, que aliás também, ao contrário dos do Exército, raro andavam fardados na rua. A farda era, no caso, algo de estritamente conexo com o mar, ao que parecia, ou mais: uma veste ritual de que o oficial se abstinha em terra, como um príncipe incógnito. Nas explicações do Abreu não houvera azedume nenhum, nenhum desgosto quanto ao facto de terem forçosamente de andar à paisana em terra; pelo contrário, dir-se-ia que as cotoveladas dos terrestres não poderiam senão macular a pureza virginal e marinha da vestimenta sagrada. À noite, quando meu pai voltou (tivera de jantar fora), a farda, a instâncias de minha mãe, foi envergada outra vez. O Luís hesitara, e era como se já houvesse, entre ele e meu pai, uma distância irreparável (apenas provisoriamente vencida por cabos de amarração e por pontes, entre um navio e o cais): meu pai já começava a pertencer à raça dos terrestres. As mulheres, como sucedera com minha mãe e com as criadas, eram todavia possuidoras de um estatuto especial que, sem lhes tirar a qualidade de terrestres (como acontecia com o sacerdócio, as mulheres não podiam ser oficiais de marinha), as fazia, pelo sexo, mediadoras entre a terra e o mar. Mas era uma mediação sem dignidade, que as igualava todas numa mesma categoria de prostitutas de porto, apenas destinadas a receber, sem relação íntima, o sémen represado por dias de navegação solitária. Que eu não me sentisse excluído, e que o Luís mantivesse, no meio das exhibições, a mesma intimidade comigo (e, ao descobrir as variações de comportamento que se desenhavam já, eu temera ciumentamente perdê-lo, como um pai ou uma mãe a que o filho subitamente se descobre um homem provido de um sexo que é um mundo à parte a contaminar todas as relações), por certo que resultava de eu, para ele, ser um pouco pai, um pouco irmão, sem ser na verdade isso que, se eu o fosse, seria precisamente a raiz da exclusão. Todavia, diversamente de quando

eu me perguntara, em piada que cobria uma inquietação funda, em quanto tempo bastaria para ele se parecer com o Comandante Abreu, eu percebi que precisamente a ambiguidade e a irrerealidade da relação, aliás tão recente, que se estabelecera entre mim e ele, me garantiam talvez uma intimidade que não era agora que se reconstituiria com a família dele. Para mais, irmão e pai que eu era, eu era também um companheiro de aventuras promíscuas que, recordadas mais tarde, não abririam um abismo de ferido pudor, entre nós ambos, como seria o caso com o irmão dele.

Esta comparação fez-me pensar em qual teria sido o destino do Carlos. E logo me chocou que, durante todos aqueles dias de Lisboa, o Luís nunca me tivesse falado nele. Não era de crer que ele tivesse esquecido ou fizesse por esquecer tudo o que se passara. Afinal, não tinha tão grandes razões como eu, para tanto. Na verdade, ele ficara sempre um pouco de fora dos acontecimentos – e, até estes se terem desencadeado, a relação dele com o irmão tinha sido a de um rapaz que entra na adolescência (ou os outros reconhecem que ele entrou, embora já tivesse entrado muito antes), com alguém que, irmão, é já um homem. Isso não durara mais tempo, podia dizer-se, que a relação dele comigo. E eu ficara, o irmão desaparecera, e não tinha o Luís, com o pai ou a tia, relações que suprissem, completassem ou firmassem uma ligação recente que o destino cortara tão abruptamente. Além disso, eu tinha sido o caminho para Lisboa e para o mar, a sua nova vida cuja branca pele, já envergada, ele pavoneava diante de mim, em benefício dos outros espectadores. O irmão desaparecera antes de tudo isto, antes de, no comboio em que fugira, o Luís se haver confiado à minha guarda.

Neste momento, senti contraditoriamente que não queria ser guarda de ninguém, não aceitava que as circunstâncias (e as mesmas que me haviam transformado) me impusessem qualquer responsabilidade por alguém que eu na verdade não tinha escolhido, mas, ao mesmo tempo, temia não ser suficientemente guardião, e que o Luís se me escapasse, ainda que guarda eu não

fosse ou deixasse de o ser para ele. Estávamos no quarto, e ele, mais uma vez perscrutando as janelas fechadas do prédio fronteiro, hesitava em despir a farda que acabou por despir. Sem ela, e em trajes menores, voltava a ser o menino frágil, magro, e abandonado. Mas a que ponto ele seria realmente isso, e não representava esse papel para mim, e por mim, e até para si mesmo, foi o que me perguntei. A incerta convicção de que era forte (uma força que havia dependido de eu tê-lo sido na luta com o Almeida) talvez encobrisse uma real força que não tivera ainda oportunidade de revelar-se a si mesma, ou que seria talvez daquela espécie de força que é mais uma resistência inarrancável de caniço ao vento, e não é todavia a força dos fracos que se abaixam, rendem, adulam, e se levantam, com um coice baixo, na primeira oportunidade. Não essa força, embora às vezes ambas as espécies se confundam, mas a de quem é flexível, precisamente porque é, simultaneamente, uma haste frágil e uma raiz segura. O que ele fizera, fugindo, podia ser uma irresponsabilidade infantil, da mesma forma que a tranquilidade com que ele se instalara em minha casa, como se sempre aí tivesse vivido. Mas, por outro lado, essa tranquilidade era também a segurança de quem está bem em toda a parte, porque não precisa realmente de parte nenhuma para subsistir. Um navio, com o chão sólido a balançar suspenso sobre profundidades que a cada momento poderiam abrir-se para engolir a solidez, talvez fosse afinal o seu *habitat*.

À medida que ia pensando isto, respondia vagamente ao que ele me dizia sobre a vida que ia empreender, o serviço que teria, o que se esperava de um praticante. Mas, apesar do interesse que ele me merecia, e não apenas por estar ocupado com o fio dos pensamentos, eu não conseguia interessar-me a sério por aqueles pormenores tão importantes para ele. Era como se tudo aquilo fosse mais insignificante do que realmente seria, e totalmente destituído de valor para as nossas relações. O que fosse quotidianamente a vida dele, na carreira que encetava, era-me na verdade indiferente.

Senti que, do mesmo passo que temia ser excluído de uma relação mais do que fraterna, que me era cara, não havia em mim o desejo de participar indiretamente como é desejo habitual das relações afetivas, do que afinal seria parte de uma vida que, essa, não me era indiferente. Compreendi então em que nível diverso o que eu sofrera colocara, ou colocava ainda, toda a minha afetividade: um nível mais profundo, ou mais à superfície (ou uma consciência de que profundidade e superfície se identificavam), que o dos hábitos adquiridos de sentir e pensar as relações humanas. Eu podia interessar-me seriamente por alguém, sem me interessar em nada pela sua vida. Ou mesmo mais: a vida das pessoas que me interessassem era precisamente o que deixara de interessar-me, sendo em contrapartida este desinteresse o sinal distintivo daquele interesse. Mas, então, como distinguiria eu, na vida, na minha vida, as pessoas que me importavam, e as que, elas mesmas, me eram totalmente indiferentes? Não seria que eu me desinteressara por completo de todas as outras pessoas, sem distinção alguma? E que o interesse por aquele rapaz, de quem eu era uma espécie de protetor, apenas servia de capa ao que não tinha outro nome que o de indiferença? Seria que eu perdera a comunicação com os outros, no pior sentido, que é o de dar-lhes, ou permitir-lhes, a ilusão de que a comunicação subsiste? Ou seria que eu apenas, através dos choques que sofrera, acordara para a ciência lúcida de que uma comunicação não existe?

Ou... bem mais simplesmente – o meu desinteresse não seria apenas, no caso presente, uma generalização racionalizada da circunstância de o Almeida ser um oficial da marinha mercante? Marinha de comércio ou de pesca, tudo era marinha mercante. E toda a visão de um desapego, a que eu respondia com outro, proviria apenas de eu ver nesse homem, sobretudo depois do que provocara os meus socos, quem desrespeitara uma mulher por quem eu tinha mais e menos do que respeito, e não soubera ou não quisera, pelos hábitos de vida que adquirira, fazê-la sua mais que

eventualmente. Era como se eu o condenasse exatamente pelo amor que ele lhe não dera, e que todavia abria o vazio em que o meu penetrara. Esta expressão – que foi a que me passou fugazmente no espírito, embora não tão claramente – arrepiou-me: as analogias físicas que ela suscitou deram-me uma agonia terrível. E, na agonia, comecei a ouvir claramente o que o Luís dizia.

– Acho que andarei de praticante uns dois anos, antes de ficar em terra para frequentar a Escola Náutica. Mas hei de arranjar e mudar de navio, para andar noutras carreiras, e ver o mundo todo.

– Para começar, é o melhor («era como se o vazio aberto no ventre da Mercedes estivesse dentro de mim, numa sensação de caverna sombria em que eu estava preso, vendo pela abertura estreita, sem poder fazer nada, os movimentos de vaivém de sexos que a possuíam»).

– Hei de ir ao Brasil, e percorrer a Europa toda, e hei de ir ao Oriente, e à América. Depois, eu conto-lhe tudo, como são os portos e as cidades, e as mulheres todas que eu tiver, que diferença é que há entre elas («o meu terror, que me fazia suar frio, era que o orgasmo se desencadeasse, inundando-me, sujando-me, afogando-me, mas os sexos entravam, uns lentos, outros forçando a passagem, nunca era o mesmo, ou eram sempre o mesmo e o orgasmo não vinha»), umas largas, outras estreitas, umas mais longas, outras mais curtas, umas, eu sei que é assim, li num livro, que são melhores e dão mais jeito de gatas, por detrás, outras são melhores se apertam as pernas, de largas que são («e então, com terror, vi que a entrada se fechava e a atmosfera ficava pesada, cheirando a sangue e a carne podre, e uma massa pegajosa crescia ao meu lado, apertando-me contra as paredes húmidas»), hei de fazer um diário de tudo...

– Para releres, quando fores velho? («a massa sufocava-me, comprimia-me dolorosamente, até que as paredes começaram a contrair-se periodicamente, em espasmos cada vez mais fortes») Ou para fazeres um estudo comparativo que nunca mais acaba? («de

repente, a entrada rasgou-se, e a enorme massa que me sufocava arrastou-me consigo para fora») Isso é o que não vale a pena escrever.

– Não é por escrever, que ideia, é para ficar tudo registado – e ria, acrescentando com a mão sobre o sexo: – Porque este sujeito não tem memória nenhuma.

(«numa onda de água suja e de sangue, eu estava lado a lado com uma criança sobre a areia de uma praia») – É o que tu julgas. Ainda és muito novo, e ele não tem muito de que se lembrar. Mas, quando fores mais velho, e se gostares de alguém, vais ver se ele, de cada vez, não se lembra de todas as outras vezes, mesmo que tu não te lembres.

Ele olhou para a farda pousada sobre a cama («e sentia-me exausto do pesadelo que dormira acordado, e que não recordava com precisão, mas havia em mim um sentimento, não uma sensação, de alívio, como se tivesse vomitado»): – Então, hoje é dia de celebrarmos. Vamos às putas («mas era como se areia tivesse absorvido toda a sujidade e todo o sangue, e eu me sentisse limpo e livre») E fodo a mesma.

– Queres ir depois, ou antes, com a mesma? («entendê-lo, não, que estava ele a pensar?»)

– Não, não é isso. Vamos os três para o quarto juntos, e... – mas calou-se enleado, incapaz de continuar, ou porque não soubesse ao certo o que é que queria, ou porque temesse a minha reação.

(lembrei-me da ideia de um por trás e outro pela frente, «mas assim não») – Olha, essas coisas a frio não têm graça.

– A frio?! Mas se eu estou a pensar nisso, como é que é a frio?

Levantei-me: – Vamos lá – e, quando já saíamos, foi que eu respondi: – Nessas coisas, quando a gente pensa primeiro, é sempre a frio.

Na porta da rua, o ar quente e a escuridão (apesar das luzes da rua) fizeram-me estremecer. Era como se ele estivesse comigo, crescendo a meu lado dentro da caverna.

XL

Mas, no elétrico em que descemos à Baixa, com uma brisa a bater-me no rosto, o mal-estar desapareceu-me, ou melhor, ficou reduzido a um pequeno nódulo tranquilo que se fazia sentir sob a animação que se apoderou de nós. Era como uma inquietação, uma tensão receosa, semelhante ao que anos antes eu sentira, assim num carro elétrico, na primeira vez em que havia ido a uma casa de prostituição. Falando animadamente com o Luís, eu sorria de leve comigo mesmo – dir-se-ia que era a primeira vez –, sem que o sorriso me dissipasse a apreensão que se mantinha inalterável. Havia de resto, no ar, uma agitação qualquer que, pouco a pouco, se me foi tornando visível. Os olhares que o Luís deitava para fora, e que seguiam para trás alguma coisa de quando em quando, tal como os meus, mostraram-me que alguma coisa de especial acontecia. O carro elétrico estava quase vazio, mas nas ruas (aliás não mais cheias de gente que noutra noite de verão) era evidente uma movimentação peculiar, em que a expectativa atenta dos que não circulavam contrastava com a forma dos grupos, ou alguns grupos, que as percorriam.

– Mas que é que há hoje? – perguntei tanto a mim mesmo como ao Luís.

– Não sei, mas... – e voltava-se, seguindo com os olhos, de cabeça erguida, para bem ver para fora a um lado e outro do carro.

Quando chegávamos à Baixa, e as poucas pessoas se levantavam para apeiar-se, eu parei ao pé do condutor que estava na plataforma a falar com o guarda-freio.

– O que é que há?

Eles dois entreolharam-se, e olharam-nos reservadamente. Foi o guarda-freio quem respondeu: – O comício no Campo Pequeno. Já começou.

A palavra «comício» era tão pouco do vocabulário corrente naqueles anos, e tão conotada de agitações pré-históricas, que eu a

repeti interrogativamente.

O guarda-freio, homem moreno, entroncado, baixote, de meia-idade (o condutor, alto e magro, era mais jovem), disse: – É um comício, sim. Não viram nos jornais, não ouviu na telefonia? É, hoje há um comício em favor da revolução em Espanha.

O condutor acrescentou com um sorriso dúbio: – Nós não fomos, porque estamos de serviço...

– No Campo Pequeno? Aonde? – perguntou o Luís.

– Na praça de touros – explicou-lhe o condutor, e logo perguntou: – Os senhores não são de Lisboa? Chegaram de fora?

– Chegámos – respondi eu.

– Então não vieram para a tourada – comentou o condutor, com um riso furioso nos olhos.

– Ó 273... – disse o guarda-freio – cuidado com a língua.

– Também agora já é tarde para lá irem – prosseguiu o condutor.

– Nem queremos – disse o Luís. – A gente vai às putas.

– Ao menos essas não têm a cona tão funda – disse o condutor, e dirigiu-se ao guarda-freio: – Mas isto estoura, não é que estoura, ó 1460?

– Agora?... Cala mas é a boca.

Eu disse: – Nós somos de confiança. Boa noite – e apeámo-nos.

O condutor pendurou-se amigavelmente da plataforma: – Vão mesmo às putas? E eu que ainda tenho mais três horas de serviço... Cuidado com as camisas. Anda aí um esquentamento que é um caso sério.

Entrámos silenciosos no Rossio que atravessámos em direção aos Restauradores. Magotes de povolêu, uns de curiosos, outros berrando desembaraçadamente, coalhavam os passeios. Alto-falantes cobriam de clamores, e de uma voz que rouquejava gaguejante de excitação patriótica o bru-á-á. Havia gente que vendia bandeirinhas. Mas não havia muita gente que as comprasse, porque quase ninguém ostentava bandeirinhas consigo. Por certo que os interessados, se os houvera, já tinham passado por ali, ou se

tinham concentrado ali, ocasião em que se teriam fornecido dos distintivos do seu entusiasmo. De resto, tal como alguma da gente que se movimentava na praça, os vendedores de bandeirinhas deveriam estar à porta da Praça de Touros. As pessoas que por ali constituíam grupos que logo se desfaziam pareciam-me de duas espécies diferentes que se distinguiam pela forma como ficavam paradas. Umas eram a fauna habitual daquele lugar e hora, mas em concentração superior à do costume: criaturas noturnas, sem modo de vida certo, ou com modos incertos de vida, e as que desciam, à noite, da sua vida regular, para deambularem junto delas. Mas outras, que não conheciam tão bem como aquelas o espaço em que andavam ou paravam, destacavam-se forasteiramente, e seriam pessoas trazidas de outros pontos do país para a grande manifestação taurina a que haviam aderido pela oportunidade de visitarem a capital por convite ou a baixo preço. Provavelmente sem dinheiro, não se atreviam a subir à prostituição do Bairro Alto; e, atraídos e fascinados, não se dispunham a recolher-se ou não tinham aonde. Era por certo para essa fração da multidão que alguns rapazes circulavam a distribuir panfletos que juncavam os passeios e a rua. Entre o bru-á-á da praça e a gritaria dos alto-falantes não havia comunicação real. Até certo ponto, o pretexto de ambos os ruídos era o mesmo, mas essa simples coincidência era como que uma zona neutra de silêncio, que os separava e onde, simultaneamente, flutuavam bandeirinhas que ninguém comprava, e eram pisados panfletos que ninguém lia.

Um dos vendedores de bandeirinhas como que farejou em nós recém-chegados, e aproximou-se, oferecendo-as, dizia ele, a metade do preço «para acabar». Enxotámo-lo, com uma específica hostilidade que ele sentiu, mas que, contraditoriamente, o colocou mais a nós. E seguia ao nosso lado, com quatro bandeirinhas em punho, que o braço estendido levava à nossa frente, as quatro já pelo preço de uma. As bandeiras não eram bandeiras, e sim uma composição delas: a portuguesa, a italiana, a alemã, e uma bandeira

com a Cruz de Avis, rodeavam todas a bandeira espanhola. E havia por sobre elas dizeres vários. O homem que as vendia era magro, muito moreno, com uma cara de fome e barba crescida, em que os olhos brilhavam irritados. Em mangas de camisa branca e suja, e calçando alpargatas rotas, trotava ao nosso lado, insistia agora em que o ajudássemos a viver, em que o salvássemos do prejuízo de não vender as bandeirinhas. E passou à ameaça: só os comunistas é que não compravam bandeirinhas daquelas.

Parámos na esquina do elevador da Glória, e o Luís respondeu ao homem: – Então toda esta gente é comunista, se ninguém lhe compra as bandeiras.

O homem ficou furioso, começou a levantar a voz: – Pouca vergonha... Ainda por cima fazem pouco de quem é pobre... Coitados dos pobres se essa canalha ganhasse... Gente sem caridade... Malandros, assassinos...

Juntava-se a pouco e pouco um círculo de pessoas vindas dos magotes ali mais numerosos. A consciência de ter público excitou o homem que deixava já de falar para nós de maneira a intimidar-nos e forçar-nos a comprar as bandeiras, para dirigir-se ao círculo: tornado tribuno, eram o espetáculo e a vingança o que o atraíam agora. Tentei afastar-me dele, usando o próprio círculo de pessoas como cortina que nos escondesse e o retivesse. Mas nem o círculo se abria facilmente (as pessoas sentiam que, se nós escapássemos, parte do espetáculo se dissolveria no ar), nem o homem largava o Luís que o sacudia por uma manga da camisa, a mandá-lo calar.

– Malandros, patifes... estes meninos é que são os piores... Vejam os senhores... um homem anda a ganhar a sua vida, oferece as bandeiras a meio preço, a menos que meio preço, ao custo para acabar, e ainda fazem pouco da gente... Mas tudo vai mudar, hoje tudo vai mudar... A gente vamos pôr na cadeia esta malandragem toda. Eu tenho a minha mãezinha entrevada lá em casa, à espera que eu lhe leve uns tostões, e não levo nada por causa destes malandros. E ela, coitadinha, a rezar o dia todo a Nossa Senhora de

Fátima para que dê vida e saúde ao nosso presidente, para ele nos salvar desta cambada. Não está direito.

Os circunstantes não se moviam, nem falavam. E não parecia que algum estivesse disposto a comprar-lhe as bandeirinhas. Mas nos rostos não havia simpatia nenhuma por nós. Éramos meninos finos, homens finos, bem arranjados, tínhamos ar de cidade e de boa vida, não havíamos descido da província nem dos bairros excêntricos, e toda a hostilidade das distâncias sociais se acumulava repesa, contra nós. Não era também simpatia pelo vendedor, demasiado «sem classe» para que alguém se identificasse com ele; era, todavia, uma oportunidade para assistir à humilhação dos «bem educados», dos «bem vestidos», dos «que não precisam de trabalhar». Consegui separar o homem e o Luís, e semiatravessar o círculo. Logo a massa de gente se dividiu em dois círculos, um que rodeava o homem a esbracejar e a brandir as bandeiras, e outro que de nós queria saber o que tinha acontecido. O próprio acaso da repartição (e já que, fechados os dois círculos, era difícil transitar de um para outro sem que a pessoa ficasse marginal de ambos) começou imediatamente a agir sobre os componentes respetivos, com aqueles que nos rodeavam a simpatizarem connosco, embora, de início, a hostilidade apenas se transformasse numa curiosidade escarninha.

Eu explicava que não tinha sido nada, que o homem era um atrevido e um louco. Havia teimado connosco para comprarmos as bandeiras, e nós não tínhamos comprado. Mais nada. Algumas pessoas duvidavam, queriam mais: afinal não estavam ali juntas num círculo para nada, e sentiam-se como que roubadas na solidariedade que nascia nelas. No outro círculo, os ânimos exaltavam-se, excitados pelo palavatório do vendedor, e rostos irados voltavam-se para nós.

Um dos rapazes dos panfletos aproximou-se do grupo mais agitado, e o vendedor passou automaticamente a segundo plano: na voz dele era evidente o azedume do tribuno que perde os seus

aderentes em favor de um outro astro. O rapaz lançava olhares ameaçadores para nós, por cima do círculo que agora era uma eclipse deformada em favor de um dos focos, que ele era. A altura dele dava para que os olhares passassem por cima das cabeças dos papalvos. E não tardou que ele viesse atrás dos olhares, forçando os dois círculos a unir-se num só. Brilhantemente penteado, o rosto era-lhe ocupado por um longo nariz (não um nariz comprido) que se estendia desmesuradamente das arcadas superciliares até às narinas e mesmo parecia continuar-se em volta da boca e pelo queixo ossudo adiante até morrer na pontiaguda maçã de Adão, sua última metástase. E as mãos dele, que levantava a comandar silêncio para interrogar-nos, tinham, nos dedos longos e protuberânticos, qualquer coisa de nasalmente análogo. Mas o nosso círculo ondeou de ressentimento com a intromissão, e com o facto de ela o reduzir a parte de um anel amorfo que perdera, para quem era já um círculo autónomo, qualquer coletiva razão de ser. A discussão generalizou-se, com as vozes a subirem de intensidade, a ponto de mais dois dos distribuidores de panfletos furarem a massa para apoiarem o companheiro que viam cercado sem saberem porquê. A força que eles fizeram para romper o anel indignou alguns dos componentes deste (membros do nosso círculo ou não). Já havia pessoas que perguntavam malignamente a razão de eles estarem ali em vez de estarem no Campo Pequeno, e que tinham eles com o que se passava, etc. Um sujeito mal-encarado procurava asperamente tirar satisfações das cotoveladas que levava. E o tumulto favoreceu que eu e o Luís, num roldão de povo (que talvez não tenha sido inteiramente ocasional), nos víssemos fora do ajuntamento onde braços se levantavam acompanhando impropérios. No mesmo momento, um fulano de meia-idade, com um grande chapéu desabado e uma gravata *lavalère*, agarrou em nós, um em cada mão, e arrastou-nos pelo passeio fora. A mão dele, no meu braço, era de ferro, e o Luís quase ia de rastos. Resistíamos, protestávamos, mas ele só nos largou à beira de um automóvel,

cujo *chauffeur* fardado veio a correr do outro lado para abrir a porta, de boné na mão, como se fôssemos personagens importantes que tomassem o seu carro, pacífica e solenemente, à porta de uma recepção.

– Entrem aí – e atirou-nos para dentro um após outro, forçando-nos a sentar só com o arremesso do corpanzil dele embarcado a seguir. Dentro do carro, alisando as luvas cinzentas de outras eras, deu ordem ao *chauffeur* (– António, vamos –), com uma voz suavemente autoritária, a mesma com que logo nos pregou um sermão: éramos doidos? Fazer provocações ali, nos Restauradores, precisamente naquela noite, quando a canalha da ditadura só queria pretextos para justificar a tourada que era a criação de uma «Legião Portuguesa» para combater o comunismo?...

Eu e o Luís, entalados no carro, nem nos entreolhávamos de perplexos. O cavalheiro (era a melhor forma arcaizante de pensar nele para classificá-lo) ironizava: seríamos nós, o que era outra hipótese, meros provocadores? Não éramos? Não? Não tínhamos cara de ser. E ria, acendendo um charuto. Dizer-lhe o que íamos fazer parecia-me ainda mais absurdo que o salvamento de que havíamos sido objeto. O dócil silêncio do Luís por certo significava um semelhante entendimento da situação. Após guardar no bolso do colete onde brilhava uma corrente de relógio o cintilante isqueiro, o nosso salvador reatou o sermão: que tivéssemos cuidado, muito cuidado, não nos expuséssemos estupidamente, perdão, juvenilmente, oh com a esturrada coragem dos jovens, e sim guardássemos as energias para o momento oportuno, e o momento agora não era oportuno. Ou alguém nos levara a pensar que era? Sim, ele sabia de grupos que pensavam assim, que queriam ação ostensiva, agitar o povo. O pior é que o povo estava adormecido por anos de propaganda e de censura, atemorizado pela polícia, receoso de perder o pão de cada dia. E quem não era povo era funcionário público, podia ser posto na rua. A verdade é que só os velhos republicanos resistiam, e era preciso que ninguém deixasse que a

causa da república fosse envolvida na questão de Espanha, por muito que a simpatia fosse pela legalidade do governo republicano espanhol, contra os militares que, aliados ao clero e aos potentados, faziam agora em Espanha, com sangue, o que dez anos antes haviam feito à sorrelfa em Portugal. Ajudar os republicanos espanhóis era uma coisa, e mesmo um dever dos democratas todos, certo, certíssimo. Mas um envolvimento direto em contramanifestações era fazer o jogo da ditadura que não esperava outro pretexto para acusar toda a gente de comunista. Ora a república, a velha e gloriosa república, podia ter sido tudo... um pouco desordeira, até, o que ele concedia, ah concedia. E liquidada por divisões lamentáveis, mesquinhas lutas pelo poder, traições de muitos que agora eram ministros da ditadura ou se preparavam para sê-lo (o carro parara à porta de um palacete na Graça). Mas comunista ou coisa parecida é que nunca fora, dizer-se isso era uma infâmia. Liberal, liberal e democrática é que tinha sido, pois não era verdade? (nós assentíamos ambos, de cabeça) Era a verdade. E ele achava que a república devia ser ainda mais liberal do que tinha sido, quando fosse restaurada. Mais liberal para a esquerda, à moderna, porque da outra vez tinha sido demasiado liberal para a direita e o resultado ali estava, sim ali estava o resultado, com a morte das instituições, com os monárquicos a governarem um simulacro de república. E interrompeu-se para recomendar ao *chauffeur*: – António, amanhã, lembra-me esta, não vá esquecer-me, um simulacro da república –. O que era preciso, sim, agora mais do que nunca, era prudência, muita prudência. Resistir, resistir sempre. Mas nada de imprudências.

Foi com surpresa que ouvi outra voz, a do Luís, perguntar: – Mas sem fazer nada, como é que se resiste?

– António, estes senhores entram para tomar um café e um cálice de Porto. Oh não recusem, precisam de refazer-se das emoções. Depois o António – que saíra, e de boné na mão, abrira a porta, junto da qual ficara perfilado – vai levá-los a suas casas. Não é

todos os dias que um velho republicano trava relações com dois correligionários da nova geração -. O Luís e eu apeámo-nos acanhados e constrangidos, e o ilustre senhor, ainda meio sentado e durante o arranco com que se projetou afinal para fora do automóvel (ele estava sentado do lado oposto), olhava-nos com paternal superioridade, numa ironia condescendente que se transformou na delicadeza firme com que as mãos enluvadas, pousando de leve nas nossas costas, nos empurraram para a larga porta que já se abria na nossa frente e onde um porteiro muito velho e corcovado, de libré, estendeu uma mão mecânica para receber os chapéus que não tínhamos. À nossa frente subia uma enorme escadaria de pedra, com uma passadeira vermelha muito estreita para a extensão dos degraus. Lanternas como as das carruagens antigas, mas com lâmpadas elétricas, ajudavam um lustre pendurado ao centro da entrada a iluminar aquele espaço. Mas nem lustre nem lanternas conseguiam exorcismar a atmosfera sombria, bafienta, ecoante (os passos ora ressoavam, ora se tornavam silenciosos) daquela entrada pomposa e baça.

- Subam, façam favor de subir - disse o nosso anfitrião. E o movimento dele pela escada acima, apesar da lentidão que era como que um saborear dos degraus, forçou-nos a subir na frente dele. Ao cimo da escada, outro criado, este mais novo, em mangas de camisa, mas com um colete de risquinhas pretas e brancas, encaminhou-nos e ao patrão através de um reposteiro pesado que se abriu para um salão comprido e estreito, que parecia uma correnteza, a um lado e outro, de reposteiros iguais. Entre cada par de reposteiros amarelados, havia consolas cobertas de bibelôs, e cadeiras douradas, e um espelho de moldura dourada na parede.

- João - disse o dono da casa atrás de nós que íamos atrás do criado -, serve o café na biblioteca.

O João levantou um dos reposteiros da direita para que nós penetrássemos na biblioteca que era uma sala redonda, não muito grande, azul e dourada, cujas paredes eram estantes cheias de

livrinhos encadernados, uns mais altos, outros mais baixos, mas quase todos muito finos de lombada. Havia cadeiras douradas também, de pernas e braços e costas em volutas rococós, e com flores puídas no estofado dos assentos e dos espaldares. A um canto, uma escrivaninha, tinha um tinteiro de louça, com penas de pato. O dono da casa sentou-se à escrivaninha, numa cadeira moderna, giratória, que destoava inteiramente do conjunto. Quando ele se sentou, convidando-nos com um gesto a ocuparmos cadeiras próximas, senti que, como essa cadeira, ele destoava também um pouco daquilo tudo. Sem luvas e sem chapéu desabado, que entregara ao mordomo à entrada, não tinha o mesmo ar imponente que nos dominara. As mãos papudas e muito brancas igualmente pareciam não ser as mesmas que, como de ferro, nos haviam agarrado. O cabelo negro e lustroso, tinha-o ele penteado rigidamente de um lado a outro da cabeça, para esconder a calva que, na frente, lhe fazia uma testa de bebê com um barretinho preto. Em silêncio, com os olhos piscando risonhos para nós, fitou-nos longamente. Eu e o Luís esperávamos, sem olhar um para o outro, até que a boca apertada e fina, de lábios pálidos, se abriu para dizer: – Não quero demorá-los. Estejam à sua vontade (o nosso à-vontade apenas se manifestou em passearmos os olhos pela sala redonda e as lombadinhas). Depois do café e de um cálice de Porto, tomam café e Porto sem dúvida?, apenas lhes quero mostrar outra das minhas coleções, para se distraírem das emoções. Oh não quero que me agradeçam nada (não tínhamos agradecido nada), o que fiz não foi mais do que era meu dever num dia como hoje, e foi tirá-los de dificuldades. Não de desculpar-me a intromissão (e a maneira como acentuou a palavra mostrava que ele não estava inteiramente convencido de que não fôssemos provocadores, a soldo de Moscovo, cujas manobras ele desfizera, de acordo com os seus planos de combate à ditadura), mas concordarão comigo que a ocasião era inoportuna e que poderiam ter-se visto em muito mais lençóis. Mesmo que tudo fosse por acaso, se a polícia viesse e os levassem

para a esquadra, podiam ser envolvidos numa trama qualquer, serem transformados num pretexto, sabe-se lá qual. Aquela rapaziada da Vanguarda podia armar-vos um grande sarilho. O que eles querem é forçar o governo a aceitá-los como tropa de choque. E, como sabem que o governo não cai nessa, porque só quer que haja coisas organizadas por ele ou que não haja nada, estão desesperados. Hoje, a criação da Legião Portuguesa já é um roubo e um rombo (repetiu com gosto, sopesando as rimas: roubo e rombo) nas ambições deles. Amanhã, a criação de um movimento juvenil, que vai ser criado, oh eu sei bem o que se planeia, acabará com eles. Vão ser forçados a dissolver-se. De modo que, para essa gente que os manobra, é o agora ou nunca (o criado entrou com uma enorme bandeja carregada com um bule de prata, açucareiro de prata, chaveninhas, cálices esguios, uma garrafa de cristal mais esguia ainda, que pousou numa mesinha de pé-de-galo, a um canto). E agora vamos tomar o nosso café (o criado começou a servir, primeiro nós, depois o dono da casa), e um calicezinho de Porto, não façam cerimónia, esse vinho do Porto merece a vossa admiração (o criado serviu o vinho). Espero que admirem esse vinho que não encontram em parte nenhuma. É das minhas lavras, não o vendemos (o Luís perguntou, quando o criado se retirava: – O senhor tem quintas no Douro?). Oh não me julguem um proprietário, não. Uma pequena quinta no Tua, que dá por ano um par de pipas, que mal chegam para obsequiar os amigos. Todos os anos lá passo as vindimas, com a família (olhei-o surpreso, porque ele parecia uma pessoa acima das contingências medianas de ter-se uma família, de que não havia sinais na atmosfera da casa). O meu jovem amigo admira-se? Supõe que numa casa como esta não há uma família? Há. Mas a vantagem de uma casa espaçosa, não direi grande, para que não se julgue que chamo palácio a esta choupana, está em que todos podem viver juntos, sem ficarem em cima uns dos outros. Aliás... de onde são os senhores? De Lisboa? Ah da Figueira o senhor, e o senhor de Lisboa. Muito bem. Linda cidade a

Figueira. Houve tempo em que eu, às vezes, no verão, passava lá uns dias. Ah o senhor também? Um dos meus filhos é que estuda em Coimbra, eu nunca estudei em Coimbra, foi sempre um dos meus sonhos Coimbra, ah o Choupal, as serenatas, o Penedo da Saudade, a Sé Velha, as pequenas tascas, as repúblicas, que belo nome, as repúblicas, e correto, porque significa a organização democrática das pensões, o pior é que Coimbra foi sempre o centro da reação, com aqueles catedráticos de Direito que agora são quem todo-lo-manda neste país, o meu filho é estudante de Direito, de resto, pois é, então gostam do vinho?, sirvam-se de um pouco mais, por obséquio, não façam cerimónia, a casa é vossa, o meu filho, tenho dois, mais ou menos da vossa idade, sim das vossas idades, este é o mais velho, ele vai muito à Figueira. Oh eu sei o que são rapazes, também fui rapaz, e, deixem-me dizer-lhes, no meu tempo rapaziadas eram rapaziadas (entreolhámo-nos, o Luís e eu, sem perceber se as rapaziadas dele tinham sido mais ou menos inocentes do que as nossas). Naquele tempo, a gente fazia loucuras com muito pouco dinheiro. O meu filho não pensa assim, nem é capaz de conceber uma pândega sem dinheiro. Cresceu doutra maneira, nunca lhe faltou nada. Eu tive de trabalhar muito, com estas mãos... (e erguia-as, brancas e papudas, inverosímeis para qualquer trabalho manual) O meu outro filho, que vive aqui em Lisboa comigo, é diferente, um rapaz muito sossegado, muito estudioso, eu às vezes até lhe digo que deve sair, esparecer, mas ele não quer. Aos senhores não será preciso que os pais os mandem sair, não é verdade? Mas por certo que conhecem o meu filho, o que estuda em Coimbra («Talvez», disse eu, «como se chama ele?»). Eu sempre lhe digo: estuda e goza a vida, meu filho, que a política vem depois. A política dá cabo da vida das pessoas, é coisa para homens maduros. O que eu sacrifiquei à política, o que eu podia ter sido! (e lançava em volta da sala um olhar de comiseração pela sua vida perdida...) Agora, há rapazes que se interessam pela política, mas são manejados, ah são (e lançou-nos um olhar perscrutador). Não digo

que todos sejam. Muitos têm o fogo, a generosidade, o entusiasmo, o calor (fazia uma pausa a cada palavra, à procura da seguinte), o altruísmo, próprios da juventude. Mas a política é outra coisa muito diferente. Se querem que lhes diga, uma velhacaria. É preciso ter-se muito espírito de sacrifício pela causa, muita paciência, e diria mesmo que muito estômago, para engolir as combinações sórdidas de uns, a mesquinha de outros, a pequenez de quase todos. Já não há homens como os da República. Nós, os sobreviventes, temos sofrido muito. Perseguições, divisões, traições, um nunca acabar. Mas resistimos. O importante é resistir. Mas então os senhores conhecem o meu filho, hein? Ele está na Figueira agora. Tem exames em outubro na universidade, não vem a Lisboa neste verão. O nome dele é Alberto, como eu. Alberto Coelho Júnior (não, não conhecíamos, mas amigos nossos com certeza que conheciam). Ah, é pena. O meu rapaz também se interessa muito por política, mas muito fiel à república. Realmente não o conhecem? Pois é pena. É muito conhecido, tenho a certeza de que, se os senhores fossem de Coimbra, estudassem em Coimbra, o conheceriam. E é meu filho, tem o mesmo nome que eu. A mim, quem me conhece? Sim, quem me conhece? Os senhores conhecem? Não, não se acanhem, vejo que não conhecem. Que obrigação têm de me conhecer? De resto, eu sou um homem modesto, recluso, que não aparece senão no cabeçalho de um jornal. Há vinte anos era diferente: na política, nas letras, toda a gente sabia quem eu era. Mas que me importa isso? Há anos que só resisto no cabeçalho de um jornal fiel à república. Há anos que não publico um verso e não quero publicar. Para quê? Para esses modernistas que eu ensinei a escrever e me copiam acharem que estou fora de moda? E, depois, eu descobri que não se pode ser ao mesmo tempo republicano e modernista, sem que os correligionários desconfiem, e com razão, que uma pessoa é fascista. É uma tristeza. Uma tristeza. Mas tenho o jornal. Que jornal? Mas *A Democracia*, qual havia de ser?... Tenho os meus livros. E os meus pássaros. Sim, os meus pássaros, uma coleção que

hei de doar ao Jardim Zoológico. Depois de verem os livros, vou mostrar-lhes os pássaros, ou zologicamente falando, as aves, uma vez que eu tenho muitas outras aves além de pássaros que, como sabem, são apenas uma das famílias das aves. Primeiras edições e aves raras são a minha perdição. É no que gasto o dinheiro. Mas as duas coisas completam-se, correspondem-se. Só coleciono o que canta, ou que é ornamental, vistoso, elegante. Digamos, coleciono o que voa, ou com as asas materiais ou com as asas do espírito. Tudo isto aqui à volta são todos, todos, os livros de poesia que se publicaram e publicam em Portugal. Bons e maus, igualmente encadernados, porque, bons ou maus, todos são de poetas. Mas as minhas aves são todas exóticas, todas, como a poesia é exótica mesmo na própria língua. Compreendem como as duas coleções se completam? A República, a poesia, as aves raras. A República e a poesia, só portuguesas. As aves só de outros mundos. E há aves feias, aves muito feias, muito estranhas, erradas como versos maus. Que hoje não tem importância que os versos estejam errados ou não. No meu tempo, quando errávamos um verso, era de propósito, agora nem sequer é de propósito que alguém erra versos. Como é que podem errar de propósito o que nem sabem como é certo?... Os senhores gostam de poesia? Não sabem se gostam, pois não? Ninguém é ensinado a amar a poesia... Mas como ensinar-se o que não se aprende? A poesia é a criação do sonho e da beleza que não há no mundo. O poeta é o que sente e vê o que os outros não são capazes de ver. Alguém que existe num mundo diferente, feito de delicadeza, inteligência e sensibilidade, e de lá nos manda notícias, notícias não, mensagens de encantamento. A linguagem do poeta... Mas que estou eu aqui a falar do que não interessa a ninguém? No mundo de hoje, toda brutalidade e grosseria, a poesia morreu, não tem lugar nenhum. Seria possível hoje uma Rosália de Castro? A pobre Florbela matou-se. E eu nem escrevo nem publico os meus versos inéditos. Para quê, sim, para quê? (ficou meditando, olhando as lombadas por cima das nossas cabeças, num silêncio que

se prolongava, e o Luís levantou-se e tirou um livro da estante por trás dele. Chamou-me com um aceno. Levantei-me para ver o que ele me mostrava: o livro fechado, com as páginas por abrir, dentro da encadernação. A voz soou junto de nós:) Há poetas que é melhor não abrir... Venham ver as minhas aves.

Seguimo-lo por um corredor comprido, semelhante ao salão, só que um corredor atravancado de móveis ao longo de uma das paredes de onde a espaços reposteiros pendiam, até uma varanda envidraçada que ele iluminou. Imediatamente uma gritaria encheu a varanda muito larga e a todo o comprimento da casa. Uma passarada multicolor esvoaçava em vastas gaiolas, e em dezenas de poleiros araras, papagaios, catatuas, sacudiam as asas e abriam para nós os bicos recurvos. Um cheiro de capoeira flutuava no ar. Olhando a um lado e outro, fomos indo atrás do dono da casa, que fazia gestos amigos aos animais mais íntimos, dizia ternurinhas para as gaiolas, e parou no fim da galeria, junto de uma gaiola onde um enorme pássaro dormia sem dar a mínima importância à agitação da restante coletividade. Perguntou-nos se sabíamos o que era. Uma águia, disse o Luís. Não, não era uma águia, mas muito mais que uma águia... Não adivinhávamos? Oh, era um condor dos Andes, essa nobre ave dos píncaros inacessíveis, símbolo das alturas e da liberdade, que Rubén Dario, o grande Rubén Dario cantara. Eu não sabia quem era Rubén Dario, e o Luís menos o saberia. Mas contemplámos aquela imperatriz das aves, cujo ar dorminhoco e indiferente, penas ricas, e aspeto desmazelado do corpanzil, não sugeriam cordilheiras magnificentes que das alturas ela contemplasse desdenhosa, com o olho mortiço que entreabriu para nós. O nosso anfitrião comentou: – O condor está para os Andes, como o albatroz para os mares. Conhecem o poema de Baudelaire? (eu lembrava-me das aulas de Francês) *«Ses ailes de géant l'empêchent de marcher.»* Os marinheiros tinham apanhado o albatroz, e a ave, coitada, habituada a sobrevoar livremente as ondas, não sabia andar no convés do navio, tropeçava nas asas. É o

que acontece com todos nós, os que voámos alguma vez. Fica-se a vida inteira a tropeçar nas asas, e a dar com a cabeça na gaiola. E não é preciso ser-se um condor ou um albatroz (voltou-se para as outras gaiolas). Vejam. Até os passarinhos, aqueles a quem São Francisco de Assis falava, sofrem o mesmo. Também eles pensam que só sem a gaiola é que são livres. Puro engano. Puro engano, meus amigos (e olhava em volta, como um demiurgo que regesse a liberdade do mundo alado). É uma coleção bonita, não é? Algumas destas aves custaram-me mais caro que muitas primeiras edições de poetas. Mas não quero prendê-los mais tempo. Não quero que pensem que os vou guardar numa gaiola dourada, como as que Salomé tinha no jardim.

Passou pelo meio de nós dois, e regressou pelo mesmo caminho à biblioteca. Aí, abriu uma gaveta que havia na base de uma das estantes, e tirou dois livros oblongos e amarelecidos, de capa violentamente colorida. Oh eram dois dos livros que ele publicara havia anos, que retirara do mercado, e que nos ia dar como lembrança do nosso auspicioso encontro. Um dos livros (e para escrever a dedicatória perguntou-nos os nossos nomes) chamava-se *Horas Mortas da Princesa Longínqua*, e vagamente se distinguia no vermelho e preto da capa uma princesa retorcida entre pavões. O outro, que o Luís recebeu, era *Sonhos Dourados do Infinito Bronze*, e tinha na capa uma figura sentada entre torres esguias, iluminadas por um sol tremendamente poente. Não, não devíamos folheá-los ali, nem sequer abri-los. Os livros dele não eram para ser abertos, a não ser que um dia sentíssemos o desejo de comungar esteticamente com a fantasia poética, a visão saudosa, enfim, etc., de um poeta menor, um pequeno poeta que se reformara da poesia. Podíamos mesmo, se quiséssemos, abandonar os livros em qualquer parte, atirá-los fora na rua, quem sabia se um qualquer pedinte, um mendigo de estrelas, os não recolheria... E tocou uma campainha.

O criado apareceu, e recebeu ordem de nos acompanhar à porta. Recusámos o transporte em vão. No patamar da escadaria, o poeta

despediu-se de nós efusivamente, recomendando que aparecêssemos de visita, seria sempre um prazer para ele. Mas, quando à porta nos voltámos para uma última medida, já ele desaparecera do cimo da escada. O *chauffeur* segurava a porta do automóvel, com o boné na mão. Entrámos, e a porta do palacete fechou-se. O *chauffeur* voltou-se no assento para perguntar aonde nos levava.

– Deixe-nos aí em baixo, na Avenida Almirante Reis, em qualquer lugar – disse eu. E o carro desceu silenciosamente as curvas sucessivas, até parar na Avenida. Habitados ao cerimonial, instintivamente esperámos que o *chauffeur* saísse para abrir-nos a porta. Mas ele não se levantou; e nem se voltou para perguntar: – Aqui está bem? –. Respondemos que sim, e apeámo-nos. O carro partiu.

Ficámos os dois na borda do passeio, calados, cada um com o seu livro na mão. Por fim, o Luís perguntou: – Como é que pode haver uma pessoa assim?

– Assim, como?

– Isso tudo... a casa, os livros, os papagaios, a maneira de ele falar... Parece maluco. E deve ter dinheiro como milho.

– Não é mais maluco que qualquer de nós. O que ele vive é noutro mundo.

– Noutro mundo? Oh... Quem me dera uma casa daquelas, com aquela gente toda a servir-me.

– Para quê?

– ... Sabe você o que eu fazia, se a casa de repente fosse minha? Soltava a passarada toda, era uma revoada que Lisboa ficava cheia deles, com araras na Avenida da Liberdade. Depois, vendia os livros todos. E depois... E depois... depois... dava festas ali dentro, com as portas abertas para quem quisesse entrar, e havia de ser uma borgia até tudo ficar em cacos.

– E depois?

– Deixava tudo aberto, e ia-me embora.

– Para onde?

– Para onde... E para onde é que eu vou?

Não respondi. E, após um silêncio, perguntei: – E para onde é que nós vamos agora?

– Ah, para casa, não.

– É tarde. E já não são horas de ir para lugar nenhum.

– Nunca é tarde. Vamos por aí fora. Dê cá o livro que eu guardo-o no bolso com o meu. Se os perder, talvez que um, como foi que ele disse?...

– Mendigo de astros.

– Isso. Pode ser que um desses sujeitos veja luzir o pirilampo na rua, e o apanhe. Venha daí.

Fomos descendo a avenida deserta. E o Luís perguntou: – Que é que quer dizer mendigo de astros?

– Não sei. Provavelmente, uma pessoa que pede a esmola de coisas que não há.

– Mas isso é um disparate ridículo.

– Também acho. Mas no tempo dele se calhar não era.

– Deixa ver quando foi que ele publicou estes livros.

Parámos junto de um candeeiro, a ver as datas. Não foi difícil encontrá-las, porque estavam misturadas no desenho das capas. Uma era 1912 e outra 1915.

– Ih... – observou o Luís. – Ainda eu estava no rol dos impossíveis, como diz a minha tia. Há mais de vinte anos! Isto são livros velhos.

– Há livros mais velhos ainda. Com séculos.

– Mas é diferente. Não estão assim na gaveta de ninguém.

– Podem estar nas estantes, como ele os tinha.

– Será que ele leu aquilo tudo? Ou que tem tudo fechado como aquele que eu descobri?

– Terá lido os que lhe interessam.

– Então para que é que quer os outros?

– Não viste que os coleciona? Uma coisa é colecionar e outra coisa é ler.

– Eu, se tivesse livros, lia tudo.
– Mas tu não lêes nada.
– Nunca tive tempo. Quando tiver tempo, hei de ler.
– Agora a bordo do navio, vais ter muito tempo.
– Quem disse que vou ter muito tempo? Não vou. E o tempo de olhar para o mar, quando não tiver nada que fazer? A olhar para o mar gasta-se muito tempo.

Estávamos já nas ruelas estreitas em que a avenida se afogava. Havia vultos pelas esquinas, e um cheiro de lixo e de esgoto entrava asperamente pelas narinas, juntamente com um aroma de maresia (que podia ser de peixe podre nas sargetas). Fomos andando até uma tasca, a cuja porta havia mulheres encostadas, a falar com rapazes mal vestidos que gracejavam com elas. A tasca estava muito cheia de gente, não entrámos. Mas um dos rapazes despegou-se do grupo e veio atrás de nós.

– A esta hora já ninguém lhes abre a porta – dizia ao nosso lado.
– Mas, se quiserem vir comigo, a coisa arranja-se.

– A gente arranja-se sozinho – disse eu.
– Ah arranja? Como? À mão? – e ria um riso desbocado.
– Onde é que é isso? – perguntou o Luís, fingindo não ouvir a provocação.

– Quanto é que me pagam?
– A você? – perguntei eu.
– Pois, a minha comissão. Se a gaja abrir a porta a vocês, é porque sabe que leva de mim, se não abrir. E vou buscar outra. Lá mesmo na pensão.

– Onde é? – perguntou o Luís.
– Aqui perto. É só virar aquela esquina.
– Vamos lá – disse o Luís, e puxava por mim.
– Quanto é que você quer para si? – perguntei ao rapaz.

Ele parou no meio da rua, com as mãos nos bolsos das calças apertadas: – Vinte mil réis está bem? Vocês são dois, não é? – depois, chegou-se a nós com um bafo de vinho, e segredou num

sorriso: – E, se vocês me derem cinquenta, eu também entro na dança, e vocês veem coisas que nunca viram. Até que eu estou com uma rebarba...

– A gente já viu tudo – disse eu.

– A mim com essa gaja nunca viram. E ela é uma artista. Não era aqui que ela devia estar, mas numa casa fina, onde fosse gente que a apreciasse.

– Ela faz tudo o que a gente quiser? – perguntou o Luís.

– Tudo. Nem precisa pedir-lhe. Mas eu dou-lhe uma palavrinha primeiro. É para ficarem a noite toda que querem as gajas?

– Não – disse eu.

– Mas, se gostarem, podem ficar a noite toda. É só pagar-lhes o quarto, que elas têm de pagar os quartos.

– A gente paga o quarto – disse o Luís.

– Então venham.

À porta do prédio, cuja escada estava iluminada por uma lâmpada suja suspensa do teto altíssimo, hesitei. O Luís que fosse, que se... Mas ia deixá-lo sozinho? Se o assaltavam e roubavam? Ora, tinha idade para se defender. Ele, porém, não me deu tempo à decisão, porque já subia atrás do rapaz. Subi também. No segundo andar o nosso guia bateu à porta que uma velha magra abriu: – Não há quartos, está tudo cheio – e tentou fechar a porta (não sem que eu ouvisse a velha segredar-lhe que dois de uma vez não queria, que o Sr. Agostinho estava à espera dele havia horas). O rapaz disse: – Mas é para a Suzete que eles vêm –. A velha abriu a porta para nós entrarmos, e estendeu a mão: – São vinte escudos. – Mas é um quarto só – disse o Luís. A velha fitou-o um momento, e disse: – É a mesma coisa –. O Luís pegou da carteira e pagou-lhe. O rapaz interpôs-se entre ele e a velha: – E eu? –. O Luís deu-lhe outra nota de vinte escudos, e ele esgueirou-se pelo corredor comprido e bateu a uma porta demoradamente, fazendo sinal que nos aproximássemos. A porta abriu-se, encobrendo-o a falar com a mulher. Contornámo-lo, para vê-la. Era ainda muito nova, com o

cabelo oxigenado, e boa realmente. Ela, esticando o pescoço para ver-nos, discutia: – A esta hora, dois? Vão à merda. Chama a Rosa, que ela está aí –. O rapaz deu-lhe uma leve bofetada na boca: – Engula a merda. Eles já me pagaram a comissão. Você faz o que eu mandar, sua puta –. Ela ripostou: – Quem se mete com chulos que fazem dominó para os dois lados, é o que dá –. Ele ia bater-lhe outra vez, segurei-lhe o braço: – Deixe lá a mulher, se ela não quer, vamos embora. – Não senhor – dizia ele –, já pagaram, têm direito ao serviço – e empurrou a mulher para dentro do quarto: – E vais-me pagar o que disseste. – Se calhar não é a verdade? – sibilava ela. – Vai, vai, que tens aí o velho à tua espera –. O rapaz subitamente mudou de atitude, e, pondo as mãos sobre o volume do sexo, sorriu para nós, piscando os olhos: – Quem tem uma coisa como esta chega para tudo – e, já à porta, disse à mulher: – E agora muito juizinho, e fazes tudo que eles quiserem, hein? Senão, não comes mais daqui.

Ficámos os três dentro do quarto, exatamente como o Luís tinha desejado.

Ela sentou-se na borda da cama, espreguiçou-se, e disse: – Que vida a minha... Que tipo nojento... – e desfiou entre dentes uma série de palavrões. A seguir, sorriu-nos e declarou: – Cada um de vocês paga-me vinte paus – e despiu a camisa de rendas, que vestia, atirando-se para trás na cama. Como eu ficara imóvel, e o Luís parecia entre fascinado e arrependido, ela abriu as pernas, arreganhou-se com as mãos: – É só para verem? Então olhem.

O sexo dela era de uma delicadeza belíssima, rosado e estreito, com as bordas brilhando suavemente, não parecia ser de uma mulher por certo usada por centenas de homens de todos os feitios, e tinha um aspeto discreto e virginal que contraditava o gesto grosseiro com que ela o exhibia. O Luís deve ter sentido isso mesmo, porque se ajoelhou a contemplá-lo e a apreciá-lo com os dedos. Ela rebolava o corpo, soltava risinhos, e, num golpe de rins, sentou-se outra vez na borda da cama, e agarrou a cabeça dele pelas orelhas:

– Despe-te, vem cá –. O Luís, sem despegar os olhos dela, despiu-se vagorosamente, e ficou de pé, diante dela, segurando na mão o sexo teso. Ela olhou para mim: – E tu? Não te queres despir? Despe-te, vem cá.

Não me despir seria ainda mais ridículo que despir-me, mas eu apenas sentia uma agonia funda, um desejo de ir-me embora, de correr pela rua fora, sozinho, apesar de me sentir já preso àquele sexo delicado e tranquilo. Despi-me, e aproximei-me dela que me manipulou o membro que refletia a divisão que eu sentia. Era ao meu sexo que ela falava como a uma criança: – Não sabe o que quer, queridinho? Vá lá, vá lá, eu sei o que tu queres... Vá, ponha-se em pé, como este menino aqui do lado... Vá, levante a cabecinha, não tenha vergonha... Vergonha de quê? Não vê que fica um bocadinho maior do que ele? Só a sua cabeça é que não é tão grande, vê? – e fez-nos cair na cama com ela.

Abraçados a ela, éramos um envolvimento de pernas e de braços, em que, contra a perna dela, senti que o meu sexo amolecera. Ela também percebeu, e foi verificar com a mão. O brio profissional irritou-se-lhe. Afastou o Luís para dedicar-se a mim, usando várias técnicas sem resultado. Eu levantei-me da cama: – Ele que vá. Fica para outra vez.

Mas o Luís, agarrado a ela, arquejou: – Não, não, ele primeiro – e, como eu começava a vestir-me, veio segurar-me as mãos numa súplica: – Não, não, venha – e arrastou-me para a cama onde, numa fúria, me abracei à mulher e a penetrei enfim. Quando acabei e me despeguei de cima dela, o Luís estava de joelhos na cama, ao meu lado. Ela fez menção de levantar-se, mas ele, atirando-se-lhe para cima, não lhe deu tempo, e penetrou-a violentamente. Fui lavar-me, desviando os olhos dos movimentos rítmicos dele, e procurando não ouvir os roncos desvairados que ele soltava. A excitação dele parecia desmentida pela demora interminável em aquilo acabar. Mas os movimentos eram agora mais controlados do que a princípio: com horror, percebi que, apesar da excitação, ele

protelava o fim, para gozar atentamente o sentir-se no que eu deixara lá. Sem pensar claramente, compreendi o que desde o início da noite afinal compreendera: aquilo era o que ele desejara, no que não deixara de pensar, e que as oportunidades lhe tinham principescamente concedido. Larguei o dinheiro em cima da cómoda, abri a porta e saí. Que o levasse o diabo.

No corredor escuro, não havia ninguém. Na escada também não. Na rua, fui andando até que um táxi passou, que eu chamei. Entrei em casa. No meu quarto, despi-me, vesti o pijama, fui à casa de banho, mergulhei num longo banho. Voltei ao quarto. Estendi-me em cima da cama. O que eu sentia era um cansaço infinito, uma repugnância de tudo e de mim mesmo, uma vontade de dormir para sempre sob uma água murmurante que me lavasse e me ensurdescesse. Mas não tinha sono algum. E uma claridade de madrugada raiava na janela semicerrada, quando a porta se abriu e o Luís entrou silenciosamente.

Fiquei imóvel, de olhos quase cerrados, mas ansiosamente observando os gestos dele. Havia em mim uma angústia, uma raiva de ter cedido, uma vontade de que ele desaparecesse de uma vez: e um medo, uma inquietação do que ele faria agora. Mas que poderia ele fazer agora? Assaltar-me? Nunca eu pressentira nada que me fizesse supor qualquer intenção dele. O que acontecera fora uma criancice sem significado. Entretanto o Luís despiu-se, foi lá dentro. Sem significado, não; mas sem o significado que eu estava a atribuir-lhe e que me apavorava porque eu tinha afinal cedido à ideia dele, eu tinha-me prestado às imaginações dele, e tinha sido no meu esperma que ele friccionara o sexo, que ele ejaculava. Eu entendia e não entendia o que lhe passara pela cabeça nessa noite, como uma ideia fixa, de que o meu sexo era parte, e tão forte e obsessiva, que as circunstâncias se haviam vergado a ela. As circunstâncias e eu mesmo. O Luís voltou, fechou devagarinho a porta, sentou-se na beira da cama dele. Olhava-me, e acabou por chamar-me muito baixo, a perguntar se eu estava a dormir. Não

respondi. Continuei imóvel, de olhos fechados agora, mas tremulamente atento. Um suor frio cobria-me, como quando o Rodrigues se agachara diante de mim, e eu pensara nem sei o quê. Ele tornou a chamar, e disse: – Eu sei que você não está a dormir. Preciso de falar consigo. Quero que você não fique zangado, a pensar mal de mim.

Abri os olhos, movi-me ligeiramente, fiquei a olhar o teto em sombra já pálida, mas não voltei a cabeça para ele (que todavia estava dentro do meu campo de visão). E não respondi. Se aquilo tivesse acontecido por acaso, numa orgia em que mais do que um montasse de seguida a mesma mulher, teria sido diferente. Mas não houvera acaso nenhum, pelo contrário: a mulher não tinha tido importância, a mim é que ele, de uma maneira ou de outra, escolhera. E tanto ele sentia a consciência pesada, que insistia em explicar-se. Explicar o quê? Era melhor não explicar nada. Calar-se. Dormir e deixar-me dormir. Amanhã, eu daria uma solução ao caso. Mas ele continuou: – Você não quer falar comigo; e deixou-me lá sozinho; quando a porta bateu, já nem o vi. Porque é que você se veio embora? Foi por causa do que fiz? Mas que mal tem? O que é que você está a pensar de mim? Foi por eu ter querido que você fosse primeiro? Se eu tivesse ido depois, você não se importava?

– Cala-te.

– Mas eu não quero que você fique zangado comigo. Você é a última pessoa do mundo que eu deixo que se zangue comigo. Eu não tenho ninguém senão você.

– Cala-te.

– Deixe-me falar – e tinha a voz embargada. – Foi por ser tão seu amigo, que eu quis que um dia isto acontecesse. É verdade, eu queria que isto acontecesse uma vez. O mal foi eu não lhe ter dito primeiro o que queria e porquê.

– Cala-te, e desaparece.

– Não me mande embora. Já faltam poucos dias para eu embarcar. E depois, se você quiser, nunca mais aqui volto, você

nunca mais me torna a ver. Mas não me mande embora. Faltam poucos dias. Se você quiser, zanga-se comigo no dia em que eu partir. Mas agora ainda não.

– Cala-te.

– Deixe-me explicar o que é que eu queria.

– Já tiveste o que querias. Não há nada que explicar.

– Mas não é o que você pensa, juro que não é. Como é que você pode pensar uma coisas dessas, conhecendo-me como me conhece?

– Ninguém conhece ninguém. E nada acontece até um dia.

– Deixe-me explicar.

– Se não há nada de mal, o que é que é preciso explicar?

– Há de mal o que você ficou a pensar. É por isso que eu preciso explicar.

Não disse mais nada. Ele ajoelhou-se ao lado da minha cama a soluçar. Sentei-me de um salto, como se ele tivesse estendido para mim uma mão suspeita. E não me contive: – Que vem a ser isto? Agora, ainda por cima, temos essa maricada das lágrimas? Os teus colegas é que sabiam, quando te chamavam Dona não sei quê.

Ele soluçou mais, e a espaços dizia: – Não repita isso nunca... Você nunca acreditou nisso... Se você tivesse acreditado, nunca me teria deixado vir consigo... Você sabe que eu sou um homem, um homem de verdade. E tenho provado mais que uma vez.

– Quando há outros ao pé, para ajudar.

Levantou para mim um rosto lacrimoso: – É verdade. Isso é verdade. Mas é porque eu tinha muito medo de falhar, sempre tive. Com tudo o que me fizeram, o que diziam, se você soubesse de quanta maldade os outros são capazes, eu tinha medo, medo de que, se falhasse, eu realmente não fosse um homem, como eles diziam. E você acreditou em mim, você aceitou-me, e não foi por eu ser irmão do meu irmão, foi por mim, eu sei que foi. No comboio, tive a certeza. Por isso é que eu queria... queria... assim como que a sua bênção. Depois de fazer o que fiz, posso ir sozinho pelo mundo fora.

– E precisaste disso, para ir aos quartos das criadas, cá em casa?
Precisaste da minha unção?

Abriu para mim uns olhos espantados: – Mas se elas são suas criadas!

– Nunca as fodi.

– Mas pode, quando quiser.

Fiquei a olhar para ele, que sorriu: – Está tudo explicado? Não está zangado comigo?

– Está bem. Não se fala mais nisso.

Foi sentar-se na beira da cama, e eu puxei a roupa para cima de mim, preparando-me para dormir. Agora era só sono o que eu tinha.

Mas ele não se deitava, tinha alguma ainda em mente. Não tardou que murmurasse: – Jorge, posso pedir-lhe uma coisa...

– O quê?

– Jure que não pensa mal de mim.

– Depende.

– Jure, e eu juro que não peço nada de mal.

– O que é que tu queres?

– Levante-se da cama, por favor.

Levantei-me, e fiquei de pé, junto dele que se levantou também.

– Agora – pediu em voz muito baixa – abrace-me com quanta força tem.

– Ahn?

– Abrace. Não tenha medo.

Abracei-o, e senti que ele se colava inteiramente a mim, abraçando-me com força. Perplexo, deixei-o estar, até que ele se soltou. Sorria triunfante, e deitou abaixo as calças do pijama. Depois, sacudindo o sexo flácido, disse: – Se a amizade que eu tenho por si, grande grande como é, fosse o que você pensou, isto não ficava assim. Tenho a certeza que não ficava.

Deitei-me outra vez. Ele atirou-se nu para cima da cama, e a claridade da janela iluminava-o já. De olhos fitos no teto, continuava a sacudir o sexo.

- Que é isso? – exclamei.
 - Nada. Nem consigo pôr-me a pau.
 - Vá à merda por uma vez.
- Puxou a roupa até aos ombros. Voltei-lhe as costas.
- Jorge...
 - Que é agora?
 - Nada... Obrigado.

XLI

Passava do meio-dia quando acordámos com uma das criadas a bater à porta. – Pode entrar – disse o Luís, e era aquela com quem ele dormia.

– A senhora manda dizer que são horas de levantar para o almoço.

– Vem cá – disse o Luís.

Ela olhou para nós desconfiada, e deu uns passos para dentro.

– Vem ver isto à luz do dia! – e atirou com o lençol, exibindo-lhe uma ereção. Ela gritou: – Desavergonhado! – e saiu a correr.

Sentei-me na beira da cama: – Não achas que já basta de criancices?

– Qual criancice, qual nada. Ela já o conhece, até tem camisas para lhe pôr.

– Camisas?

– Sim senhor. Diz que as achou na rua...

– Usadas, não?

– Novinhas em folha. Agora é que lhe deu a vergonha. Não comprei uma camisa para usar com ela. É ela quem as compra, está bem de ver, não vá alguma vez a gente esquecer-se.

Saiu para a casa de banho. Quando voltou, vinha preocupado: – Acho que fiz asneira e que ela foi fazer queixa à sua mãe. Que é que ela terá dito?

– Espera que eu volte – e saí para a casa de banho.

Minha mãe veio da cozinha ao meu encontro: – Isto não pode ser. Esse rapaz é doido. Eu nem quero crer, é lá possível – e erguia para mim um rosto afogueado. – Nem é coisa que eu fale, o teu pai que resolva quando chegar.

– Não é coisa que eu possa resolver?

– Tu estavas lá... Tu deves ter visto... Ela diz a verdade?

– Ela quem? O que é que aconteceu?

– Vai à cozinha e fala tu – e enfiou-se para o seu quarto.

Na cozinha, a vítima chorava sentada num banco, enquanto a outra remexia tachos em cima do fogão.

– Que é isso? O que foi que você disse à senhora?

– O senhor... o menino... estava lá, bem viu o que ele fez.

– Eu não vi nada.

– Não viu... – e lamentou-se com lágrimas de raiva para a outra:

– São todos os mesmos, encobrem-se uns aos outros.

A outra mergulhava o nariz nos tachos, provava deles com a colher de pau.

– Está bem, eu vi. E depois?

– Quem é que ele julga que eu sou? Uma galdéria? Uma mulher da vida?

– Se calhar você nunca viu aquilo? Não sabe o que é? Só as mulheres da vida é que veem o que você viu?

A outra engasgou-se de riso com uma colherada que provou. Ela ficou furiosa e exclamou: – Isso, agora façam pouco de mim, ainda por cima.

– Mas quem é que está a fazer pouco de si? Você entrou, quando ele se levantava. Aconteceu por acaso, pronto, acabou-se.

– Por acaso? – repetiu ela, sem entender.

– Por acaso. Vá dizer à senhora que foi por acaso, que você entrou no quarto, quando ele se levantava.

Ela começou a chorar baixinho: – Mas ele não tem direito de me desrespeitar. Fui sempre tão boa para ele.

– A gente sabe disso... Vá dizer à senhora que foi por acaso, e deixemo-nos de histórias.

Ela ficou quieta, rubra de indecisão e de impotência. Temi que o escândalo maior estourasse: – O melhor é você ir-se embora hoje mesmo.

Fitou-me com os olhos a arder: – Está a mandar-me embora?

– Não. Estou a dizer que é melhor ir-se embora. Vá dizer à senhora que não houve nada de mal, mas que você havia tempo que queria mudar de casa.

– E eu é que me hei de ir embora? E ele fica a rir-se, não?

– A rir-se de quê? Você não é livre de ir para onde quiser, quando quiser? E de que é que ele há de rir-se mais do que os outros?

– Outros? Quem julga que eu sou? – e levantou-se trémula de desespero.

– Uma mulher que tem o direito de fazer o que quiser e ninguém tem nada com isso. Mas que, se se queixa, perde o direito que tem.

Isto era difícil de mais para ela que ficou na mesma postura, mas mais quieta e contida. A outra parou interdita, a olhar para mim. Aproveitei para chamar a minha mãe que me seguiu até à porta da cozinha, que não cruzou, como se na cozinha houvesse qualquer coisa imprópria de uma senhora, naquele momento. A criada, sem olhá-la, levantou-se e disse: – Minha senhora, o que aconteceu foi por acaso... eu entrei no quarto... – e desatou a chorar: – Mas eu quero ir-me embora, não fico aqui nem mais um dia.

Minha mãe percebeu que havia mais alguma coisa por trás daquilo (será que não sabia já?), mas fez-se desentendida: – Que é isso? Que mal lhe fizeram? Estava aqui tão bem... E eu bem contente com o seu serviço... Mas pronto... quer ir-se embora, vai. Faça-lhe as suas contas. Depois de servir o almoço, pode ir.

E ela serviu-nos o almoço, aos três.

Entusiasmando-se com as notícias do jornal do dia, que celebravam em largos títulos as heroicas resoluções do comício da véspera, minha mãe já não pensava no constrangimento de minutos antes, e, a tal ponto não queria pensar nisso, que não prestava atenção à nossa narrativa dos acontecimentos por que tínhamos passado. Enquanto a criada servisse à mesa, recusava-se a aceitar qualquer presença nossa, para lá da convencional de sermos comensais. Assim que ficámos sós a remexer o café, condescendeu em ouvir o relato das nossas aventuras que lhe pareceram ridículas, a comparar com a decisão unânime do comício que, em aclamação, aprovara o pedido ao governo de criar-se uma Legião Portuguesa. E

o homem dos papagaios era para ela a imagem acabada da corrupção lendária da República. O que era preciso era que todos se arregimentassem, prontos e decididos, para fazer frente às ameaças que pesavam sobre o país.

– Acha que o pai vai alistar-se? – perguntei.

– Credo, que ideia! O teu pai é lá homem para isso. Nem tem idade. Aquilo é para gente nova.

– Não, está enganada, é para todos. Tanto para ele como para mim.

– Para ti? Era o que faltava.

– A mãe quer que todos se arregimentem para salvar a pátria, e não quer que eu ou o pai nos alistemos? Se todas as senhoras como a mãe pensam assim, quem é que se alista?

– Aí é que bate o ponto – e, muito compenetrada, tentou formular claramente as ideias que as suas reacções lhe suscitavam: – Alistam-se todos os que não têm mães que sejam senhoras, e essa gente da política porque é obrigação deles. Coisas como essas têm muita mistura.

– O que a mãe teme é que os alistados sejam mandados para Espanha.

– Não temo nada. Sei muito bem ler o jornal. Isso não é para ir para Espanha. É para combater o comunismo aqui.

– E para marcarem as pessoas que não se alistarem. Vai ver. Aí é que eles querem chegar.

– *Eles?* Eles quem? Que maneira é essa de falar na minha casa?

– Os da política. A mãe mesma falou neles.

– Eu?

– Sim.

Ela olhou para mim e para o Luís (que todo o almoço procurara ser invisível, apenas participando da narrativa da cena nos Restauradores e da forçada visita ao colecionador de poetas e pássaros, como uma espécie de discreto eco meu), franzindo o sobrolho: – Essas controvérsias do disse-não-disse, essa maneira de

criticar tudo para pôr as pessoas contra a parede, estabelecer a confusão, é coisa de comunistas. Toda a gente sabe. É a falta de respeito por tudo, a desordem, a... (e, depois de hesitar se diria, resolveu-se e sublinhou:) imoralidade, o amor livre, a pouca-vergonha em tudo. Não quero isso na minha casa. E é um perigo (o tom de voz mudou subitamente), um perigo. Os tempos vão muito agitados. À mínima coisa uma pessoa pode ter a polícia pela porta dentro (começou a excitar-se com a ideia), já pensaram nisso? A polícia! Era só o que faltava que uma família de respeito tivesse dares-e-tomares com a polícia. Ontem, por exemplo, se esse sujeito não vos tirasse do burburinho, onde é que vocês estavam agora? No chilindró, sim senhor, no chilindró, como qualquer vadio. E o susto? O susto que eu teria, sem saber onde tu estavas? É por isso que... (o curso das palavras levava-a a um choque entre a «liberalidade», com que os rapazes deviam ser tratados para as suas rapaziadas, e a «autoridade» doméstica, com que os rapazes são defendidos dos perigos, os dois extremos pendulares da sua «filosofia» de vida, que era muito mais uma arte refinada de não tomar consciência de coisa nenhuma que perturbasse o fluir benigno da existência)... que todo o cuidado é pouco. Não há como ficar de fora. A gente apoia, ou não apoia, mas de fora. Os outros que se arranjem. E o melhor é recolher a casa cedo, não sair à noite, que de noite é que sempre acontecem as coisas piores (a noite da ordem familiar, do não-comprometimento, dos «outros que se arranjem», era anterior à invenção da eletricidade e da iluminação pública, no tempo do «de noite todos os gatos são pardos»). Os tempos vão agitados, o melhor é não sair à noite (o que contrariava fortemente a conceção da virilidade como o direito de sair à noite, de «ter a chave»). E não passem pelos Restauradores tão cedo.

– Mas o homem das bandeirinhas não está lá ainda a vender bandeiras – disse eu.

– Não estará a vender bandeiras, mas pode estar a vender outra coisa. E os outros também podem andar por ali.

– Ora – disse eu – todos têm mais que fazer. O homem das bandeirinhas, a esta hora, vende lápis na Estrela ou em casa do diabo, e os outros foram à sua vida.

Minha mãe levantou-se da mesa: – Hoje estás para a discussão. Continua por esse caminho que vais bem. Eu tenho mais que fazer. Preciso de despedir a rapariga, de lhe pagar. E aonde é que eu vou arranjar outra, assim de repente?

O Luís ficou cabisbaixo e enleado, como se se tivesse esquecido que a criada se ia embora por causa dele. E minha mãe falava como se o serviço não fosse cair duplicado em cima da outra criada, mas em cima dela, e explorou a situação, para o castigar: – E logo nesta altura, com os preparativos da sua partida... O que vale é que faltam poucos dias...

O Luís deu um salto na cadeira, que assustou minha mãe que não esperava tão violenta reação: – Quantos são hoje?!

– Hoje? Porquê? – exclamámos minha mãe e eu.

– Que horas são? – e agarrava no jornal espalhado na ponta da mesa.

Debruçámo-nos todos sobre o jornal. 29. 29 de agosto. No relógio da sala de jantar eram 3 horas da tarde.

– É hoje que eu tenho de ir buscar a papelada à Capitania – disse o Luís, e precipitou-se para o corredor.

Minha mãe seguiu-o com os olhos: – Este rapaz é doido. Não regula. Ainda bem que é só por uns dias, para haver sossego nesta casa. E decência.

– Não se fala mais nisso. É um caso arrumado.

– Arrumado?... Muito bem arrumado... Mas também quem é que se lembra de fazer o que ele fez?

– Toda a gente se lembra, e só não faz, porque não calha.

Minha mãe fechou os olhos para murmurar: – É incrível ao que se chegou nesta casa. Que atrevimento...

– Qual atrevimento?

Abriu-me uns olhos severos e conspícuos: – O teu, a falares

assim, diante de mim, como se eu fosse uma dessas mulheres com quem andas.

– Não ando com mulher nenhuma.

– Tu bem me entendes. Olha lá, são horas de voltar para casa às horas a que voltaste esta noite? E vocês nem vieram ao mesmo tempo.

– Mas não andei nada. Só andei de elétrico, de táxi...

– Isso, a gastares o dinheiro que não ganhas. Quando ele te sair do bolso, vais ver como é. Vocês não sabem o que é trabalho. O Luís vai aprender, não tarda.

– E o que é trabalho?

– Não comeces outra vez com as perguntas parvas. Vai, vai para a rua. Os homens não se fizeram para estar em casa.

– De dia.

– Porquê de dia? Quem foi que falou nisso?

– Porque à noite é perigoso andar na rua.

– Vieste muito mudado da Figueira. E ainda estou para saber porque foi que tu vieste. Para o Luís vir para cá, não era preciso que tu viesses também.

– Estava farto de Figueira. E eu não vim atrás dele, ele é que veio atrás de mim. Queria vir para Lisboa, não é?, e, como eu vim, também veio.

Levantei-me da mesa: – Acho que vou dar uma volta.

A criada apareceu à porta: – A senhora dá licença?... quando a senhora quiser, podemos fazer as minhas contas.

Minha mãe foi para a cozinha. Eu saí.

Tomei um carro elétrico até Belém, mudei para outro até Algés, que estava parado a fazer horas, com duas ou três pessoas dentro, e o guarda-freio e o condutor sentados no banco da frente, a conversar e a fumar. A massa branca do Mosteiro dos Jerónimos fez-me pensar que eu nunca vira por dentro a Torre de Belém, apenas entrevista por trás de montes de carvão e misturada com gasómetros, quando se passava no comboio do Estoril. Eu nem sabia

como se chegava lá, aonde se descia do elétrico. Fui perguntar ao condutor. Ele e o guarda-freio discutiram o caso. Nenhum deles tinha a certeza, mas ambos concordaram em que o caminho para lá devia ser o mesmo que para o Forte. O melhor era eu descer no Largo da Princesa. Eu não sabia onde era? Um largo ao lado do carro elétrico, com um chafariz, logo ali adiante? Eles indicavam-me. Voltei a sentar-me. Uma das pessoas já sentadas dobrou-se para trás no seu banco: era à Torre que eu queria ir? Havia lá um guarda, ele até o conhecia, que morava perto. Mas o homem, coitado, cansava-se de estar a tomar conta de uma coisa onde ninguém ia, e onde se gelava de frio mesmo no pino do verão, e nem sempre lá estava. Se ele não estivesse, eu que perguntasse no Forte, ao lado da Torre. O guarda costumava deixar a chave às sentinelas. Mas para que queria eu ver a Torre por dentro? Aquilo por dentro não tinha nada, ele já lá tinha entrado. E fitava em mim uns olhos inquiridores. Era um homem de meia-idade, muito grisalho, com ar de sapateiro ou qualquer outra profissão assim doméstica. Vestia modestamente um fato coçado que perdera a cor e podia ter sido castanho ou pardo. Tinha, porém, gravata: uma gravata muito esfiada, com nódoas. E estava para a conversa. Eu não era de Lisboa, pois não? Era? Quem diria. Que eu parecia de Lisboa, lá isso parecia. Mas essa ideia de visitar a Torre... Eu era estudante, não? Claro que era. Via-se logo. Ele também tinha sido estudante... – o carro pôs-se em movimento, ele sentou-se direito no seu lugar, interrompendo o discurso que emitira molemente, com voz monótona, um pouco roufenha. Passados uns escassos instantes, voltou-se para trás outra vez, a avisar-me de que eu devia sair na paragem seguinte à dele, mas não recomeçou a conversa, como se a disposição só lhe desse com o carro parado. Quando ele desceu e o carro retomou o andamento, levantei-me e toquei a campainha, o que fez o condutor vir a correr cobrar-me o bilhete. Ao velho não fizera isso, talvez porque soubesse que ele tinha passe. Apeei-me e fiquei defronte do largo. Muitas vezes passara por ali de elétrico,

vagamente reconhecendo a existência daquele largo que nunca vira. Ao atravessar as linhas dos carros e ao pisar nele, que era calçado irregularmente de pedras arredondadas cuja curvatura o tempo não delira, umas azuladas, outras brancas, todas à mistura e que não formavam passeio à beira da rua, mas desciam continuamente para uma valeta pouco funda, reparei que o largo era fechado por três lados com uma balaustrada de pedra, a que se encostavam antigos bancos de pedra também, daqueles que são uma laje de bordas trabalhadas, assente em dois enormes pés cortados em voluta, semelhantes esses bancos aos que, de espaço a espaço, havia ao longo da rua. O chafariz erguia-se elegante no meio daquele espaço de cuja calçada, e alteando-a com as invisíveis raízes, brotavam, esguias e grossas, árvores esparsas. A um lado e outro do largo desciam azinhagas, e outra havia por trás dele. As casas – modestas e antigas como ele – emergiam do outro lado das azinhagas, com as janelas dos andares à altura do balaústre, o que as fazia distantes e próximas, ao mesmo tempo. Os bancos ao longo da rua eram como que a separação entre dois mundos: um, em que já havia carros elétricos passando por entre muros velhos, e outro, ali recolhido, em que o tempo se suspendera uns dois séculos atrás, e onde apenas se ouvia o gorgolejar ténue da água caindo de uma das torneiras do chafariz. Deserto o largo, quietas as casas, a brisa que sacudia levemente as folhas e as sombras nas pedras azuis e brancas da calçada acrescentava a tudo, não um ar de sonho, mas de realidade perdida, de espaço não ocupado pelo tempo circundante.

Sentei-me num dos bancos, e fiquei a saborear aquela paz, aquele isolamento, aquela claridade que a passagem de um elétrico de quando em quando amarelava fugidamente. Às vezes, percorrendo distraidamente certas porções de Lisboa, houvera à minha volta, ou deslizara a meu lado, alguma atmosfera como aquela. Outras vezes, numa rua modificada e alargada, em que demolições inconclusas enchiam de escombros e de lixo, ou de

paredes interiores semidemolidas em que sinais de vida ainda se agarravam, um dos lados da rua, eu sentira que, do lado oposto e não atingido pelas modificações, um velho palacete, ou uma correnteza de humildes casas, projetavam uma aura semelhante àquela, apenas já marcada por uma condenação senil. Ainda outras vezes, como por exemplo, na Graça, na Estrela, nas Amoreiras, ou na Costa do Castelo para Alfama, a atmosfera mantinha-se, mas mais palpitante, como quando, ao silêncio que só os passos cortavam, se sobrepunha no ar um eco de vozes, de gritos longínquos, de burburinho feito da agitação tranquila em muitas ruas diversas. Mas, ainda que em lugares mais vetustos, mais pitorescos, mais sujos de passado, eu pudesse ter sentido mais fortemente ou mais sugestivamente uma atmosfera assim, talvez que nunca antes me penetrasse tanto, e tão pacificadamente, como na simplicidade quase mesquinha daquele largo agora, uma consciência de que o passado pode ser, sem história e sem memória, sem azedume ou saudade, sem culpa ou inquietação, um espaço em que se para, menos para regressar a ele, que para estar nele sem regresso algum. Um espaço que se não procura ou se nos não impõe teimosamente, mas um espaço que se encontra sem que ele tenha de comum connosco mais que a coincidência de estar ali.

Subitamente, passou por mim o desejo de dizer isto mesmo. E preparei-me para escrever. Lentamente, escrevi. Mas o que ficou escrito era inteiramente outra coisa, pelo menos a uma primeira leitura que logo após eu fiz com admirada surpresa. Pareceu-me que aquilo precisava de um título, e tornei a reler na dúvida de que, se o título era necessário, aquilo dissesse completamente o que o título esclarecia. Reli ainda uma vez, já com o título inscrito:

GAIOLA DE VIDRO

Como paredes através das quais
o mundo vemos pelo ser dos outros,

quem vamos conhecendo nos rodeia,
multiplicando as faces da gaiola
de que se tece em volta a nossa vida.

No espaço dentro (mas que não depende)
do número de faces ou distância entre elas)
nós somos quem nos somos: só distintos
de cada um dos outros, para quem
apenas somos uma face em muitas,
pelo que em nós se torna, além do espaço,
uma visão de espelhos transparentes.

Mas o que nos distingue não existe.

Isto, que procurei analisar, não me parecia que tivesse qualquer relação direta com o que eu desejara dizer. Era outra coisa, como que anterior, ou que eu sentia anterior, ao sentimento ou impressão que me levava a escrever. Eu quisera dizer de uma suspensão do tempo, de um estar-se num espaço em que nos encontramos com um passado sem memória. E, pelo contrário, falara da vida como de uma gaiola de vidro, um prisma de tantas faces à nossa volta, quantas as pessoas com quem nos vamos cruzando. Falara sobretudo, ou ainda que indiretamente não menos sobretudo (embora diversamente), de memória. Pois que seria aquele ser conhecido de outrem, como um espelho em que os outros se remiram, apesar de verem o resto do mundo através de nós? Mas, na verdade, tal como o largo que me sugestionara, eu despira a memória de qualquer correlação temporal, de qualquer memorização definida. E, provavelmente, quando eu quisera falar do largo, eu apenas quisera escrever aquilo mesmo que escrevera (ou algo que se tornara aquilo uma vez que as palavras se haviam sucessivamente organizado), e o largo tinha sido idealmente a imagem daquelas paredes em que eu me sentia irremediavelmente

preso como ser vivo e pensante, mas uma imagem suficientemente abstrata para propiciar que as memórias que eu não queria lembrar, todas as confusas e angustiantes recordações demasiado físicas, se me transformassem graciosamente numa meditação em que, tornadas as pessoas objetos anónimos, sem forma humana e sem voz, a vida era uma permanência concreta, mas despojada de relações pessoais – algo de sentido mais para dentro que a incomodidade, e mais para fora que a necessidade de conviver. No entanto, a palavra «gaiola» retinha, no contexto, uma alusão à liberdade que cada vez mais eu via que não há, e que, contraditoriamente, nenhuma solidão me daria. Levantei-me, para ir visitar a Torre. Mas, quando já descia uma das azinhagas, e passava a rua do fundo, em que as casas me mostraram a sua realidade de estarem assentes no chão, em face do muro de suporte do largo, tive de parar para escrever mais:

Nas vastas águas que as remadas medem,
tranquila a noite está adormecida.
Desliza o barco, sem que se conheça
que espaço ou tempo existe noutra vida,

– após estes versos, houve no meu espírito um vazio total. Seguidamente escrevi:

ou nesta, em que da noite o respirar
é um sussurro de águas contra o casco

– linhas estas que me repugnaram intuitivamente, e risquei, para continuar assim:

em que os barcos naufragam, e nas praias
há cascos arruinados que apodrecem,
a desfazer-se ao sol, ao vento, à chuva,

e cujos nomes se não veem já.

Faltava um final. O que poderia ser? O paralelo entre o nome que as intempéries apagaram, e o que a noite não deixa ver. Tal, porém, como acontecera no poema anterior, o final era uma coisa separada, ainda que continuação do mesmo discurso, da mesma ideia condutora. Comecei a escrever – «Tal como à noite...» – e novamente risquei. O final que escrevi não me satisfez, pareceu-me mais restrito que o que estava antes:

Ao que singrando vai, a noite esconde o nome.

Mas, ao escrevê-lo, levantei os olhos do papel, e vi um homem, que me olhava com pasmo, encostado numa das esquinas, ao sol. Por certo, espantava-se de ver um fulano parado na rua a escrever, e ou já ali estava e observara-me enquanto eu escrevera, ou parara precisamente assistindo à cena para ele insólita. É possível que a minha insatisfação com o final (que tinha o ar de precipitado, de coisa acrescentada para acabar) tivesse já sido a intromissão, de que eu não fora consciente, de um olhar fito em mim. Guardei apressadamente o papel no bolso, e estuguei o passo, tal como o sujeito que, num recanto deserto, se acorrou para satisfazer as suas necessidades, e se vê descoberto por um transeunte inesperado, se limpa desajeitadamente e puxa envergonhado as calças, e se afasta sem olhar para trás. Foi exatamente a comparação que me surgiu e que me irritou profundamente, como um insulto porco que eu tivesse lançado a mim mesmo. Depois, reagindo, meditei que tudo o que eu escrevia tinha o mesmo carácter de ato privado e vergonhoso, e que a diferença entre os dejetos do corpo e os do espírito estava apenas em que aqueles eram a sujeição física e malcheirosa de existir-se dia a dia, mas algo que não tinha sentido em si, enquanto os do espírito eram a sublimação de fezes mentais, a transformação do inabsorvível pela experiência da alma, em

refinamento de experiência noutro plano. Aquilo que eu escrevia resultava da minha vida, do que na minha vida fora inaceitável e intolerável. Tão intolerável e inaceitável, que, para continuar a viver e a saber que vivia, era necessário que palavras diversas da realidade (uma realidade que apenas era real como recordação, como nódoa negra e dolorida) recriassem uma experiência genérica, noutro plano do espírito, em que a experiência inenarrável se reduzisse ou ampliasse a uma visão das coisas ou das relações humanas, e as palavras produziam uma nova forma que, simultaneamente, era alheia a mim e aos outros, sem deixar de, para mim, ser a mesma presença informe e asfixiante de que essa forma emergira. Provavelmente, não era assim com todos, visto que haveria outras pessoas que gostariam de sentir-se observadas no ato de escrever, do mesmo modo que muitos só sentem prazer sexual, imaginando que se observam a si mesmos ou que são observados, ou sendo-o. E o que aconteceria com os outros, os que não escreviam, aqueles a quem não acontecia o que me acontecera a mim: escrever? Sofreriam eles mais ou menos do que eu? Sofreriam diversamente como? Estas perguntas fizeram-me estremecer, e não menos que a comparação desagradável que me lançara naqueles pensamentos. Era eu diferente dos outros? Estivera, desde sempre, destinado a sê-lo? Ou um conjunto de circunstâncias excessivamente extravagantes me transformara o suficiente para isso? Mas, se as circunstâncias haviam podido ter um tal resultado, não seria porque já eu estava destinado à diferença, no caso (que poderia dar-se ou não dar-se) de um conjunto delas agir sobre mim? Eu não queria ser diferente dos outros em nada, e não me sentia diferente. Pelo contrário, o que eu descobrira, ou descobria, é que *todos são diferentes*, desde que a hora e o momento surjam. Todavia, se nem todos escrevem, porque escrevia eu? E escrevia compulsivamente, sem ideia nenhuma de arte, de composição, de plano prévio, de realização de alguma coisa que valesse por si mesma como uma criação autónoma? Ali ia eu, com três poemas em

papelinhos, no fundo do bolso. Comecei a sentir-me ridículo, um pouco infantil, idiota, já que eu nunca pensara em mim como poeta, nunca me contemplara mentalmente como personagem literária. Poeta, para mim, como para a minha família, e para os meus amigos, era uma pessoa algo caricata, segregada da normalidade da vida, e que se instalava na personalidade romântica de falar por conta própria ou dos outros, como se o que ele dissesse fosse da mais alta e especial transcendência, não o sendo realmente para ninguém, a não ser em ocasiões muito especiais. Um tio meu escrevia versos às vezes, para divertir-se e à família em reuniões de aniversário. Mas isso era uma piada, por piada, e todos achavam que não tinha consequências para além das gargalhadas que ele provocava com os seus trocadilhos a que eu na verdade nunca achara muita graça. Será que eu, quando não lhe achava graça, já estava preparado, no fundo de mim, para sentir a poesia como uma coisa íntima, privada, profundamente comprometida com a nossa própria vida, e portanto incompatível com a parvalhada de uns pés quebrados que rimassem à sobremesa?

Estava já perto da Torre, cuja imagem me distraiu. Não a via inteiramente, porque a muralha que se continuava do baluarte do Forte me encobria a sua parte mais baixa. De resto, o que aparecia à minha frente, ao seguir pela estrada de macadame escuro, era a porta do Forte, que se abriria na parede inclinada, se não estivesse, como estava, apenas entreaberta, e sem sentinela à vista. Diante dela, obliquei à esquerda, entre o baluarte e um muro vermelho acima do qual brilhavam montes de carvão. Passada a aresta do baluarte, um não extenso descampado, com esparsas ervas altas e pequenos montes de lixo e calça, prolongava-se até à borda da muralha. Fui por ali em direção à Torre, tal como, pelas azinhagas e sem vê-la, me orientara até à estrada do Forte. Nas proximidades da Torre, e contornando-a a alguma distância só pelo lado de que eu vinha, a muralha descia em rampa meio desfeita para uma estreita praia suja. À beira de água, corriam e saltavam rapazes, uns de

cuecas rasgadas, outros inteiramente nus, cujos montes de escassa roupa coloriam espaçadamente o sopé da Torre. Quando me vislumbraram descendo à praia, uns correram a esconder-se atrás da muralha que avançava do Forte, enquanto outros precipitadamente corriam para as roupas. Por certo me haviam tomado por qualquer guarda que os impedia de tomar banho ali, ou que por vezes passava para impor decência aos que andassem nus. Vendo, porém, que eu me dirigia para a Torre e não para as roupas deles (que provavelmente o guarda costumava confiscar para forçá-los a vir até ele), pararam a olhar-me disfarçadamente, um ou outro regressando descuidado à brincadeira na água. Alguns deles não eram já meninos, mas adolescentes. Um, enfiando umas cuecas, veio a correr até mim. Quando se aproximou, estendendo uma beata e pedindo lume, entendi o que ele procurara entre os farrapos, ao curvar-se sobre a roupa. Dei-lhe lume. A beata levou tempo a ficar acesa, mas pressenti na demora como que um propósito que nem o tamanho da beata, nem a maneira habituada como ele inclinava a cabeça para que o lume do meu cigarro pegasse, justificavam. Já a beata estava acesa, e ainda ele continuava a fingir que chupava nela, contra o meu cigarro, para acendê-la. E os olhos dele, fitando-me de esguelha, foram o que me chamou a atenção para o que, disfarçadamente, a outra mão fazia e era coçar o sexo pela abertura das cuecas, de modo a que tudo ficasse ao mesmo tempo exposto e encoberto. Recuei, franzindo o sobrolho: – Já está aceso, hein? Põe-te a andar –. Ele endireitou-se, olhou-me em desafio: – A passear por aqui? Há praias melhores aí para cima. – Mas eu venho ver a Torre. – A Torre? – e indicou-a com um movimento de ombros, sem se voltar para ela. – A Torre está fechada – acrescentou. Eu afastei-me para contornar o monumento e procurar a entrada, do outro lado. Na sombra, junto das escadas enterradas parcialmente na areia, estavam duas mulheres com dois homens que pararam de rebolar-se por cima delas, quando eu assomei na esquina. A porta estava de facto fechada. Os quatro, sacudindo-se da areia, ficaram

sentados a olhar-me suspeitosamente. Muito mal-encarados, os dois homens pareciam avaliar a minha carteira. As duas mulheres eram menos que prostitutas: no riso alvar que lhes estagnara nos rostos, havia a marca de vadias de arrabalde, entregando-se por uns cobres atrás de um tapume, sobre um monte de lixo. Para mostrar que era a Torre o meu fito, subi os degraus e bati à porta. Um dos homens, atrás de mim, disse: – Não está aí ninguém. Já há pedaço vieram aí uns senhores e foram-se embora, e mais vinham de automóvel –. Agradei e voltei à praia, lembrado de que a chave estava no Forte, segundo me dissera o homem no carro elétrico. O rapaz que me pedira lume espreitava-me da esquina, e correu a sentar-se ao pé das roupas. Não devia ter acreditado na minha atitude, talvez habituado a um ritual de cautelosas repulsas prévias que era necessário vencer (uma tira de praia na Figueira me perpassou diante dos olhos, com o Rodrigues a exhibir-se para os tipos deitados a distância), e assobiava ciciadamente. Fui ao Forte, e, quando chegava ao portão, a sentinela saiu cá fora: – Quem vem lá? –. Perguntei-lhe pela chave da Torre, e se era possível visitá-la. O soldado, baixo e pequenino, olhava-me de baixo para cima, num concentrar de atenção que lhe fazia a testa mais curta: – A chave? Só perguntando ao nosso oficial de dia –. Pois vá perguntar ao oficial de dia. Ele chamou para dentro e apareceu outro soldado. Esse sabia, sim, que a chave ficava na casa da guarda, quando o homem que mostrava a Torre se ia embora, nas horas de mostrar o monumento; e foi chamar o sargento. O sargento veio. Era um homem gordo, de barba muito cerrada e negra, com as pernas finas tornadas incrivelmente finas pelas polainas pretas de couro: parecia um passarinho azulado. O que é que eu queria? Que estava ali a fazer? Visitar a Torre? Mas a Torre estava fechada, não podia ser visitada. Porquê? Ora porquê! Ordens. Sim senhor, ordens. E eu que fizesse o favor de sair de perto do Forte, não era permitido a ninguém estar ali. Porquê? Ora porquê! Ordens. Sim senhor, o Forte estava de prevenção. E olhou para mim façanhudo, para acentuar a

gravidade do facto. Logo que eu repeti a palavra interrogativamente, caiu em si, numa grande atrapalhação. Nitidamente, falara demais. A prevenção devia ser uma espécie de segredo de Estado, que ele deixara que eu soubesse, sem ser família dele ou vizinho. Gaguejante, esclareceu: – Prevenção é uma maneira de dizer. Exercícios. São exercícios – e retirou-se solene para o interior. Os dois soldados ficaram no portão, como se estivessem preparados para defendê-lo de um assalto meu. Não valia a pena insistir numa situação ridícula, e fui-me embora. Quando vinha a meio caminho da estrada que conduzia ao Forte, lembrei-me de que o meu plano inicial não havia sido visitar a Torre, mas ir de passeio até Algés. Hesitei. Talvez fosse possível seguir por fora dos comboios. Era, sem dúvida, pois que eu me lembrava de ter visto gente nas praias que eram contínuas até Algés, quando uma ou outra vez, ainda em tempo de praia, passara de comboio para Oeiras ou para o Estoril. Voltei para trás, decidido a seguir a estrada que passava ao longo do Forte. Quando cheguei à encruzilhada em frente do portão, o mesmo soldado baixinho surdiu entre portas: – Para onde é que o senhor vai? Não sabe que é proibido o trânsito pela estrada militar? Não pode passar –. A estrada era, ao que eu verificava, apenas uma escassa dezena de metros ao longo do baluarte, que terminava em montes de entulho. Em tempos idos, teria continuado, porque o macadame, já com as pedras muito soltas, desaparecia subitamente sob os montículos; mas, para diante, agora só havia tufos de ervas, e umas tábuas que deviam ser barracas onde viveria gente. Expliquei que eu apenas queria ir até à praia. Apontei-lhe que, se aquilo além eram barracas, a gente que lá morava passava por ali. Ele desesperava-se com a minha teimosia, e refugiou-se em dizer que essa gente, como morava nas terras, passava, ora eu não morava, não podia passar. Sim, aquela gente... – e teve um argumento luminoso: – Mas isso nem é gente, isso é menos que gente, por isso é que podem passar, como os cães e os gatos vadios – e ria feliz da descoberta,

mostrando uns dentes tortos e sujos. Mas acabou por deixar-me passar, rendido pela piada que achou a eu dizer que fizesse de conta que eu era um cão ou um gato, e guardara apressadamente, olhando de soslaio para o portão, o cigarro que lhe dei.

Atravessando o descampado, eu pensava nele e no rapaz que me pedira lume. Ele talvez se tivesse criado entre porcos e galinhas, numa aldeia das serranias, com o frio do inverno a entrar pelas frinchas da porta, e a lama dos pedregais a secar-lhe nos pés e nas pernas. Aquela gente que como sombras circulava entre as barracas também tinha galinhas (que andavam por entre as ervas). A sujidade, a falta de conforto mínimo, o nível de pobreza e de ignorância, deveriam ser muito pouco diferentes. Mas a descida à cidade, a farda, os contactos sórdidos pelas ruas escusas, haviam dado ao soldadinho uma consciência pretensa de ser superior a quem, numa grande metrópole em que ele muitas vezes se sentiria perdido, vivia nela como um lixo sempre varrido para mais além que a porta da vida. Ele sentia-se parte de alguma coisa de que «aquela gente» não era parte. Por certo que a maneira como lhe explicavam, aos gritos ou com ordens cuja razão, se a tinham, ficava ignota, o seu papel – a bandeira gloriosa que ele servia, o Exército invicto a que ele pertencia, etc. –, essa maneira não calava nele senão no sentir-se mais macho, mais arrogantemente macho, como se a farda fosse um afrodisíaco garantido por haver outras fardas. Mas isso era o suficiente, com a tranquilidade do rancho e da cama, para que ele, obedecendo à pressão que sustentava a sociedade que ele servia e não tinha por ele a mínima consideração, sentisse uma intransponível distância, em qualidade, entre a sua pessoa e os seres quase rastejantes que tinham de agachar-se para entrarem nas suas tocas de tábua e lata. Quando voltasse à aldeia, começaria por sentir-se despaisado, quem sabe chegaria a sofrer a falta dos banhos que nela nunca havia tomado. Pouco a pouco, porém, o esforço que fizera, ou que lhe tinham imposto, para habituar-se a um estilo de vida, que ele sabia provisório (e queria

provisório às suas horas de saudade da terrinha), revelar-se-lhe-ia insensivelmente como o que na verdade tinha sido (uma artificialidade temporária), e ele mergulharia aliviado no pé descalço e na porcaria, sem todavia perder o desprezo por «aquela gente» que, em Lisboa, era menos do que gente (dando-lhe a ilusão, que eu daria a ele mesmo, de continuar a ser mais do que ela). O outro, o rapazinho que me pedira lume, era diverso. Esse (a quem também soaria a hora de ser soldado, se entretanto uma vida precoce de miséria e vício o não incapacitasse para tamanha honra) não se sentiria mais parte ou menos parte de uma coisa dentro da qual nascera e se criara, sem participação alguma. O olhar dele, os gestos dele, mostravam que ele se reconhecia à margem, e que só alguma malícia, ainda que em escala modesta e mesquinha, lhe garantia os contactos ocasionais necessários à sobrevivência. Lixo de arrabalde (talvez que nem por isso achando, menos do que o outro, que a gente das barracas da praia lhe era inferior), ou de bairro excêntrico, a sua posição era todavia superior, na verdade, ao do mero parasita que teima em subsistir, e que o consegue apenas porque nem se preocupam com regá-lo de inseticida. Superior, já que a sua marginalidade era, reciprocamente, uma necessidade social que ele, vendendo-se, podia exercer. As conversas que eu ouvira, os gestos que eu notara, as figuras que eu conhecera, naqueles dias da Figueira (e revi o Rodrigues aos pulos sobre a cama, nu, desnalgando-se de desespero, ou o não sei quê, cujo nome me fugia, a rebolar-se pela rua adiante), eram apenas a outra face horrenda, de que a outra face, mais triste ainda, se me acabara de patentear nuns olhos malandros e numa mão sabida. As obsessões deles, a promiscuidade deles, as confusões de sentimentos dos meus amigos naqueles dias terríveis (que teimavam em prolongar-se), eram uma brincadeira adolescente, mesmo que a prostituição os marcasse (e a fama do Rodrigues não estava limpa disso), a comparar com o que eu adivinhara naquele corpo adolescente e nu, que tinha como um dos seus biscates ser um submundo oculto e

disponível. Um calafrio me percorreu, ao notar que ele se parecia com o Luís. Mas pareceria? Ou apenas a juvenilidade esguia os tornava semelhantes, por acentuada no paralelo de situações ambíguas? Uma repugnância retrospectiva me encheu todo, ao recordar o corpo do Luís contra o meu, naquela demonstração absurda de si mesmo, que ele ansiosamente provocara. Que nos havia defendido, que me havia defendido? Seria que a prova o era de alguma coisa? Que fronteira incerta e flutuante separara o Luís de mim e de uma catástrofe? Entre o rapaz que quisera abraçar-me para provar-se que não me desejava, e o rapaz que se exibia para verificar se eu o desejaria, qual era a diferença fundamental? Uma ereção? Nem um nem outro a tinham tido. Seria que a diferença podia residir numa disponibilidade para a prostituição a que um crescera habituado? Ou que haveria, como eu estivera sempre certo de que haveria, uma inata diferença, pela qual uns são, e outros não? Mas o que se prostitui seria necessariamente? E o que não se prostitui, ou tem horror de prostituir-se ou de que alguém se prostitua para ele, necessariamente não seria? Por certo o amor. Mas pensara eu, alguma vez, em amar as prostitutas? Que tinha o amor que ver com isso? Amara o Luís a criada que eu fizera, com a conivência de minha mãe, desaparecer de nossa casa, num golpe de miserável mágica? Com amargura avalei que a havíamos tratado sem respeito, como a um gato que se leva num cesto até às terras de arrabalde, onde se larga, quando se tornou incómodo por mijar nos tapetes (assim se fazia em minha casa, com os gatos). Qual era o limite de tudo, nas relações humanas? Estava já muito longe do Forte, seguira ao longo da muralha, e a praia da Cruz Quebrada, com as suas barracas, eu via-a lá longe, na direção do sol poente que a cobria de uma espécie de neblina de entardecer e de distância à beira de água.

Parei, sentei-me no muro, e um comboio vinha que passou rente a mim. O amor, o sexo, a amizade, as relações domésticas, as relações ocasionais, as rotinas diárias, a política, tudo – nada disso

constituía um todo harmonioso de que às vezes o equilíbrio se rompesse. Eram como numerosas superfícies em movimento, que se sobrepunham, coincidiam parcialmente, intersetavam-se, afastavam-se, segundo uma multiplicação de acasos tão grande, e uma possibilidade combinatória tão variável com as pessoas envolvidas ainda que ocasionalmente, que a ideia de uma lei, de uma ordem, de uma regra, de uma norma, de um limite seguro entre o bem e o mal, nem sequer seria válida para uma aldeia perdida nas montanhas, isolada do mundo, onde meia dúzia de pessoas apenas repetissem, de geração em geração, os mesmos gestos e os mesmos passos. Numa vida, como a que eu via que a vida era, em que tudo dependia de tudo, e tudo correspondia a tudo, onde se diria que a regra seria a quintessência acumulada de uma experiência de grandes números, é que precisamente a regra se tornava fluida, ou falsa, ou imposta por uns a todos os outros, em nome do que na verdade não era diretamente comum a todos. Porque nas diversas superfícies deslizantes em que a cada instante alguém mudava de superfície sem deixar de pertencer a todas elas, nem toda a gente estava na mesma situação. Uns eram mais livres do que outros, não por fazerem o que lhes apetecia, quando lhes apetecia, e por poderem fazê-lo (no que eram escravos de uma liberdade feita da não-liberdade dos mais), mas porque ou tinham força suficiente para recusar, ou não sentiam desejo (por não terem tendência para isso) de usar de si mesmos e dos outros no plano em que se cruzavam. O não sentir desejo seria algo de igual a ter força para resistir? E que condições seriam necessárias para resistir? E resistir a quê? Ao que era? Ao que seria? Ao que deveria ser? E quem definia soberanamente tudo isto? A minha consciência? Qual (psicológica, moral, política, sei lá o quê)? A autoridade da maioria? A ditadura? As igrejas? Os hábitos, os preconceitos, os egoísmos, as invejas e as ambições?

A noção de qualquer garantia transcendente, de uma ordem ideal envolvendo o mundo, mas consentindo a maldade e a

injustiça, a degradação e a traição, a sordidez e a infâmia, ou, mais que consentindo, alimentando-se delas, dava-me vertigens de náusea. Não. Tudo menos um vazio feito da estupidez da morte. Tudo menos o que fosse uma miragem induzida pelo pânico ante a solidão e a incerteza. Mas seria que, noutros tempos, a solidão e a incerteza teriam sido menos complexas e contraditórias do que eu adivinhava e pressentia? Se, então, os homens acreditavam no outro mundo, a ponto de se mortificarem para chegarem a ele mais depressa, numa agonia das suas vidas presentes e da vida em si, sofreriam com menos esperança de que a vida pudesse ser melhor, ou pudesse ao menos ser aceite como única e insubstituível, apesar de tudo? Não. A questão não era essa. Todo o mal da vida existira para eles talvez muito mais do que para mim: para alguns, como hoje para muitos outros, bem mais, sem dúvida. O sofrimento, porém, media-se pela sensibilidade, pela capacidade inata ou adquirida de sentir diferenciadamente, em diversos planos ao mesmo tempo, a injustiça do mundo. Contudo, esta injustiça não podia ser medida, ou não seria justiça o seu contrário, pela consciência maior ou menor de ser-se injusto ou de ser-se vítima de alguma injustiça. Se assim fosse, e mesmo que fosse, não seria isso uma injustiça maior? Mas que era a injustiça? O fazer aos outros o que não quiséssemos que fora feito a nós? O não pensar-se uma pessoa como podendo ser outro, a qualquer instante, em qualquer situação diferente? Era também isto, mas não só.

Saltei do muro para a praia que era uma língua de areia, com barcos varados nela. Desci até à beira de água, onde pequeninas ondas gorgolejavam suavemente, quase sem espuma, por entre detritos de toda a espécie. Sentei-me na borda de um dos barcos.

Aceitar uma ordem, defender uma ordem, impor uma ordem, era reconhecer que, nem que fosse provisoriamente, a injustiça era inevitável. Mas a desordem total seria o reino do mais forte, do mais maligno, do mais violento, e não necessariamente a possibilidade de harmonia e de justiça. Disso emergira a

humanidade. Emergira? Ou substituíra progressivamente violência por indiferença à violência, injustiça por insensibilidade à injustiça, egoísmo por inconsciência, medo da morte por medo da vida?

Levantando os olhos em direção ao poente, vi que uma enorme sombra se interpunha entre mim e a luz. Uma alta, oblonga e recortada sombra negra, em que não reparara antes, apesar de tão grande. Caminhei para ela, sentindo a areia a entrar-me nos sapatos. Aproximei-me mais da água, para caminhar na areia molhada. Aquilo atraía-me. Não era uma atração violenta, feita de curiosidade e de excitação. Era uma simpatia estranha, como se aquela massa escura fosse alguém que eu esperara conhecer e que me aguardava agora, numa expectativa tranquila, ao fim de uma rua deserta, aonde o sorriso implícito na atração não podia ser para outrem que não para mim. Quando entrei na zona de sombra que aquelas formas projetavam, e saí da contraluz em que as via, elas começaram a adquirir volumes definidos e uma coloração diversa, entre negra, castanha, e avermelhada. O que me parecia uma coisa gigantesca que eu primeiro não vira transformava-se numa confusa construção, alta sim, mas não mais umas três vezes do que eu, e em que o irregular e o incerto dos contornos tinham todavia uma dureza como que afiada, enquanto as superfícies pareciam arredondar-se humidamente de oleoso brilho. Quando fiquei junto delas, que menos pareciam cravar-se na areia que nascerem da praia (o que era como que indicado pela delicadeza de sutura entre a areia molhada e elas, marcada por um fio de água rente), os meus olhos não queriam reconhecer, no que viam, dois barcos de ferro, encalhados e desmantelados, reclinados um contra o outro. Era possível passar entre ambos, como numa nave escura, onde o poente punha reflexos de vitral. Mas, assim como recusava identificar dois barcos, igualmente a comparação da nave me era negada pelo encantamento da atmosfera negra, castanha, vermelha, dourada, rescendente a maresia, a ferrugem, a sol e a recessos que a luz não penetrava senão como um brilho que se projetava de fora,

sem pousar em nada. Contornei os barcos. Do lado do sol que iluminava rasante o que eu não distinguira a princípio (e que era, com o outro, a forma que se me recortara à beira de água), essa atmosfera diluía-se no ar que, desse lado, tinha um acrescentado cheiro de terra, de ervas, e de lixo podre. Sentei-me na areia, perto do que havia sido as proas de ambos, que se afilavam por cima de mim, ao mesmo tempo agudas e rombas... Que espécie de barcos teriam sido? Como haviam encalhado ali? Quem os encalhara juntos? Para quê? Inúteis, como que invisíveis até que se estava perto deles, quanto durariam ainda? E as posições deles, um apoiado no outro, e um deles parecendo escorregar contra o outro a que todavia servia de suporte (ou o contrário?), quanto tempo durariam?

Um ligeiro mal-estar começou a invadir-me: um misto de enjoo, tontura, frio, palpitações fugidias. Deitei-me para trás na areia. O céu azulado e de ligeiras nuvens pálidas enchia-se de pontos brancos que se perseguiam. Fechei os olhos. Os pontinhos brancos, em fundo vermelho agora, continuaram a perseguir-se, mas eram em menor número, e organizavam-se em serenos cortejos revoluteantes. Uma pesada sonolência me amolecia todo, sem aliás retirar-me, e pelo contrário intensificando-me a audição. O sussurro das pequenas ondas, a areia deslizando-me perto da cabeça, o movimento das ervas que a brisa da tarde agitava, e vozes longínquas (umas nas praias, outras em terra), tudo se orquestrava minuciosamente. Um clarim soou, talvez no Forte. Uma tremura cadenciada tornou-se o estrondo de um comboio que passou e se tornou rapidamente numa tremura de que emergiu outro comboio em sentido contrário. Depois, repentinamente, houve um silêncio absoluto, uma quietação total, ou eu deixei de ouvir, por momentos. Também os movimentos de luzes, que eu via por dentro das pálpebras, se suspenderam, deixando-me apenas na visão uma penumbra irregular. Foi um instante apenas que isto durou, e, entreabrindo levemente os olhos, tive a impressão de que as proas

dos barcos deslizavam uma contra a outra, para tombar sobre mim. No céu que empalidecia, as formas recortadas deixavam um rasto branco dos seus contornos: e era como se os barcos navegassem intersetando-se, num avançar estático de que eu fosse o rumo.

Levantei-me exausto como de uma grande viagem. E, subitamente, no crepúsculo que avançava como negros charcos de água que uma leve neblina esbranquiçada unisse, começou a destacar-se um corpo imenso, branco e nu, que, suspenso no ar, flutuava para mim, com as pernas abertas e o sexo róseo entreabrindo-se húmido e palpitante rodeado de cabelos negros. O ventre arfava, e os seios oscilavam, e as pernas pendiam como da borda de uma cama. Era ela, sim, ela, que vinha gigantesca ao meu encontro, fazendo com as mãos crispadas os seios tremer. Era o que eu desejava, era o que ela era: aquele sexo cujos lábios se abriam rosados e brilhantes. Poderiam dezenas tê-la possuído, dezenas de membros tesos ter entrado nele, e ter roçado humidamente nas paredes dele, violentamente, até que, no entrechocar dos púbis, a inundassem um após outro. Era meu aquele sexo, para mim é que se abria. E todos os que se abrissem para mim seriam sempre aquele mesmo imenso e brilhante e húmido, atraente e repulsivo, escorrendo de todas as posses, sujo de todos os contactos. Com as minhas mãos no meu sexo, penetrei-o, senti-me mergulhado numa ardência que me queimava todo. As ancas ondulavam à minha volta; e em sacões que me crispavam de agonia, de raiva, de fúria, aquele corpo foi-se reduzindo até ser, na areia, pequenas poças de esperma, que eu olhava, tonto e desvairado, com espanto e amargura.

Uma saciedade contraditória, como de saudade lancinante que se adiasse tranquila sem deixar de ser agudamente física, se me ajustava à frustração humilhada. Limpei-me com o lenço. Olhei aflito em volta, com a sensação que antes não tivera de milhares de olhos escarninhos a observar-me o ridículo. Mas não havia ninguém. Caminhei até ao murete da linha dos comboios, e procurei

na vedação de arame, que encerrava as linhas pelo outro lado, uma abertura por onde passar. Encontrei-a mais adiante. Como num entressonhar, fui andando até chegar a uma azinhaga ao fim da qual via postes de elétrico. Foi quando uma onda asfixiante de bem-estar, um bem-estar irónico, sardónico, casquinante, estourou dentro de mim num silencioso grito que retiniu nos tímpanos, nos muros, na atmosfera já sombria da azinhaga. – Quanto de ti, amor, me possuiu no abraço...

Febrilmente, e ao mesmo tempo com a serenidade de quem está seguro de que as vozes lhe falam e não vão calar-se (eu já ouvia as cadências continuar-se), escrevi:

Quanto de ti, amor, me possuiu no abraço
em que de penetrar-te me senti perdido
no ter-te para sempre –
Quanto de ter-te me possui em tudo
que eu deseje ou veja não pensando em ti
no abraço a que me entrego –
Quanto de entrega é como um rosto aberto,
sem olhos e sem boca, só expressão dorida
de quem é como a morte –
Quanto de morte recebi de ti,
na pura perda de possuir-te em vão
de amor que nos traiu –
Quanta traição existe em possuir-se a gente
sem conhecer que o corpo não conhece
mais que o sentir-se noutro –
Quanto sentir-te e me sentires não foi
senão o encontro eterno que nenhuma imagem
jamais separará –
Quanto de separados viveremos noutros
esse momento que nos mata para
quem não nos seja e só –

Quanto de solidão é este estar-se em tudo
como na ausência indestrutível que
nos faz ser um no outro –
Quanto de ser-se ou se não ser o outro
é para sempre a única certeza
que nos confina em vida –
Quanto de vida consumimos pura
no horror e na miséria de, possuindo, sermos
a terra que outros pisam –
Oh meu amor, de ti, por ti, e para ti,
recebo gratamente como se recebe
não a morte ou a vida, mas a descoberta
de nada haver onde um de nós não esteja.

Tive a sensação de ter escrito em segundos tudo isto. Mas, ao querer reler, eu quase não via as letras na noite que me rodeava já. E dei comigo a pensar estranhamente em que, ainda quando eu não amasse realmente aquela mulher, a esquecesse, mesmo a detestasse, não sei, era como se o amor ficasse em palavras futuras comigo para sempre. O mundo podia desabar à minha volta, eu podia sofrer o inimaginável, mas a eventualidade libertadora, aquela náusea extravagante, isso ficaria comigo, indestrutivelmente, como um destino descoberto. Não um destino como vida sofrida num dia a dia, uma sucessão dolorosa de causas e efeitos de um gesto que se não sabe nunca que consequências tem. Não. Um outro destino-não-destino, que estava fora do tempo e do espaço e da vida, porque era a essência expressa do outro destino comum: a gratuidade essencial do pensamento que se descobre com os pés enterrados no destino que é a vida, mas a cabeça no puro nada. Não um outro mundo além do mundo. Não uma outra vida fora da vida. Mas um estar em si, na vida como fora dela, um estar fora dela, como só nela. E, num calafrio, percebi que, ganhando o direito a ver e a libertar-me, eu perdera para sempre a segurança de viver. Viveria

seguro como nunca, acontecesse o que acontecesse, sem dúvida. Mas, entre mim e a inocência de estar com os outros, haveria, daí em diante, não um muro de palavras sentimentais e consoladoras como da poesia de que eu não gostava, mas um vácuo frígido, feito da eventualidade de elas criarem um sentido e uma relação em tudo, se eu deixasse que elas aparecessem. Era como se uma última virgindade que só alguns por acaso perdem me tivesse sido tirada, e eu ficasse isolado, contraditoriamente e irremediavelmente sujo de essencial pureza, de tudo e todos. A vida e eu mesmo nunca mais seríamos o que a vida e um eventual eu mesmo podiam ser, na experiência de saber-se deles. Por mais que eu sofresse e os outros sofressem, nunca mais seríamos senão um espetáculo absurdo e sem sentido, a que, de repente, num grito silencioso, uma ordem de palavras viria dar realidade. E o terrível era que, sabendo que tal me podia acontecer em qualquer momento, nenhum momento da vida seria no futuro um momento insignificativo, mas qualquer coisa que podia ser substituído imprevisivelmente por *outra coisa* que, não sendo senão mental, era uma realidade absoluta que tiraria a tudo a realidade possível. Rememorando vagamente (pois que as palavras se recusavam à memória) tudo o que escrevera, senti que só a realidade, a outra, a que se considera realidade, eu procurara. Não era a outra-outra, ou uma outra-outra, o que eu pretendia atingir, na desordem angustiada da minha vida. E, com certo orgulho triste, eu sentia que, enfim, a realidade estava dentro de mim. Apenas só eu podia vê-la e ouvi-la. Sim, era isso. E talvez por essa razão os poetas publicam versos (pelas razões contrárias que fazem os falsos poetas publicá-los). Se a realidade estava em mim, naquelas ocasionais ordenações de palavras que representavam transpostamente a minha vida, o publicar versos era tentar estabelecer pontes entre as pessoas que, na vida, não nos entenderiam nem nos encheriam o frígido vazio entre nós interposto, e que, não entendendo claramente o que para mim também não era claro, seriam levados por momentos a viver lá

onde a realidade estava como um dado de experiência decantada e transposta. Mas não. Como podia eu pensar em publicar alguma vez o que eu sentia tão profundamente íntimo, tão nuamente exibido? E que conhecimento dado aos outros me compensava daquela pavorosa, e ao mesmo tempo (sentia-o agora) orgulhosa e cínica, perda de uma inocência última? Nenhum. Provavelmente, não haveria altruísmo algum em comunicar. Pelo contrário. Mas o desejo de, como na vida, desvirgar todos. E dar-lhes a beber não as dores, nem as palavras das dores, mas o medonho facto de as dores doerem tanto mais quanto maior o vácuo. Encostado a um poste, eu vira passar elétricos iluminados, sem mandá-los parar. Sim. Da infelicidade podia fazer-se a felicidade de criticar a infelicidade sem deixar de ser infeliz. Ou vice-versa – e ri-me. Depois de tudo, não era caso para menos. Tudo o que me acontecera ou acontecera aos outros – a vida e a morte – acabava em palavras sibilinas em que não havia resquício da sordidez ou do ridículo, nem da mesquinharia, nem da traição, nem sequer do acaso com que as pessoas se traem umas às outras muito mais do que sequer sonham que o fazem. Palavras, ordem de pensamento ainda que não nitidamente lógico, onde às vezes nem sequer pensamento houvera, mas um ímpeto desastrado ou bem sucedido. Ali estava eu, para todos os efeitos transformado em poeta, por obra e graça... Ora bolas. Por aquele andar, nem o tempo nem as palavras me chegariam. Gastaria tudo a vagabundear com papéis no bolso, e sempre entregue à expectativa de, como de um subterrâneo de alquimista, detentor da pedra filosofal (uma pedra filosofal que, em vez de fazer ouro com metais ignóbeis, abstraísse palavras da merda da vida), subissem à consciência os refinamentos quintessenciados de acontecimentos e experiências que, medíocres ou não, mudavam de pele em mim, como de planeta. De resto, eu nem sequer sabia se aquilo prestava para alguma coisa. Mas, tendo aquilo surgido como surgira, alguma vez eu aceitaria que não prestava? E, não aceitando, não era precisamente em poeta que eu ficaria?

XLII

Nos dias seguintes, com um maço de papéis escrevinhados no bolso, eu sentia-me distante e desdenhoso de tudo. Ninguém sabia que aqueles poemas existiam, e provavelmente ninguém percebia uma distância que, no meu comportamento doméstico com meus tios ou com o Luís, não se manifestava exteriormente. Talvez lhes parecesse que eu regressara enfim a uma rotina calma em que o Luís também se instalara com alguma ostensividade. Nele, isto era por certo também o efeito de aproximar-se a data do seu embarque que estava por dias. E, à inquietação febril de começar uma nova vida, somava-se-lhe o desejo de sentir-se bem radicado num mundo familiar que, por lhe ter sido tão recente e superficial em certo sentido, possuía, pela inteira novidade em que não havia intimidade de família a complicar as coisas, um encanto maior. Por isso, algum acanhamento que lhe ficara (e desagradavelmente a mim também) da sua experiência para comigo e o que sentiria por mim se diluía no fictício prazer com que ele se entregava à saudade antecipada de uma casa que nunca fora a sua. A distância que eu sentia refletia-se também nos acontecimentos políticos. A gritaria que os jornais faziam, todos animados de zelo governamental, a vozearia dos comentários histericamente radiofónicos, as ponderadas considerações de estratégia militar para salvação da civilização cristã que debruçavam, com calor e atenção, meus pais e meus tios que nos visitassem, sobre o mapa da Espanha, apenas me pareciam uma agitação gratuita e ridícula, em que várias pessoas procuravam encher de mortos e feridos longínquos a tranquila paz de vidas que nada queriam saber, senão a sua rotina diária, do que acontecesse no mundo. Para mim, havia naquilo tudo alguma coisa de muito concreto que, no entanto, era como se tivesse aparecido noutro plano da realidade, noutra vida. Um cadáver, e um barco que, curiosamente, não o tendo visto, era o que, mais que o cadáver que eu vira, me surgia nas imagens da memória, e lutando com um mar

bravo para atingir algures as costas da Espanha. Mas, se, para quem em minha casa discutia aquilo tudo, o irreal se tornava uma realidade de notícias e de mapas (tendo anteriormente sido uma realidade talvez muito diversa que os jornais distorciam), para mim os minúsculos acontecimentos que eu diretamente ou indiretamente testemunhara e de que fora agente tomavam cada vez mais o carácter oposto de uma fria imaginação, toda irreal, que eu não tinha onde objetivar simbolicamente com bandeirinhas de conquistas no papel. Havia nisto uma espécie de armistício, senão assinada paz, entre mim e as minhas memórias. E, na rotina diária de que eu me sentia superiormente distante, o próprio sorriso irónico que eu não deixava de projetar sobre o que me parecia uma vaidade infantil contribuía para tirar a tudo a virulência, e sobretudo ao que me transformara talvez para sempre.

Foi neste estado de espírito que recebi o dia em que fui acompanhar o Luís a bordo, para onde na véspera a bagagem dele já tinha ido. O almoço foi fúnebre, com minha mãe muito lacrimosa. Certa expansividade no entanto tímida, uma juvenilidade um pouco desbragada, um carácter ansiosamente alegre, que havia no Luís, ou o Luís assumira para ela, como que correspondiam aos insatisfeitos impulsos de uma maternidade que, assim, eu não satisfizera nunca, nem permitira nunca muito rente a mim. Sem inveja nem ciúme, olhando os dois, eu ria-me um pouco daquilo, sentindo mais do que eles o prazer contraditório com que ambos representavam as suas tristezas. E era como se eu fosse espectador desdobrado do que seria uma saudade aflita que minha mãe sentisse por mim ou eu pela minha casa: sentimento bastante inédito e que, divertindo-me, todavia projetava num outro plano a tristeza que eu sentia por o Luís partir para uma vida de que, por completo, não retornaria jamais, sem dúvida, à mesma intimidade para comigo de quem se descobre uma espécie de alter ego. Através dele eu saboreara ultimamente delícias familiares a que nunca fora sensível. E a terrível proximidade equívoca em que ele se colocara em

relação a mim revelara-me profundezas da pessoa humana, que eu experimentara, nos dias da Figueira, de relance ou de surpresa, mas sem a continuidade com o meu passado infantil, que se estabelecera quando o Luís ocupara momentaneamente e provisoriamente um lugar, na minha afetividade doméstica, que eu sempre deixara vago. Isto me fazia compreender a que ponto eu vivera como num sonho, sem me aperceber sequer ou quase sequer de meus pais que me haviam dado a vida e me tinham garantido a subsistência, e também como até então eles se teriam mantido numa invisibilidade de que, na verdade nem com o Luís, meu pai emergira. E, no automóvel que nos levava ao Cais da Fundição, aos Caminhos de Ferro, onde estava o navio do Luís, lembrei-me de súbito com espanto e uma aflição estranha de que não conhecia meu pai. Eu crescera tranquilamente, filho único como se o não fosse, sem que meus pais se ocupassem excessivamente de mim. Tinham sido como uma máquina modestamente eficiente no garantir-me do que eu precisasse, e uma das coisas que por certo me haviam dado era uma assistência discreta que me fizera, não sentindo a falta de nada, não sentir também a falta deles. Minha mãe, necessariamente mais próxima de mim, sempre me parecera um pouco superficial e cómica, uma figura que não pedia que a tomassem a sério para lá ou para dentro do quotidiano. Neste quotidiano, meu pai pouco aparecia; mas, como era todavia uma presença diária, o pouco que ele pessoalmente representava não fazia fome de intimidade maior. Eu fizera-me homem sem que eles se tivessem preocupado com isso, e eu não me preocupara com ser homem ante eles. Mas esta água morna da minha infância e da minha juventude era, na verdade, o que me dera a força de paixão que se desencadeara em mim. Tão grande, tão violenta, tão ciosa de si mesma, que, nas várias transformações que assumia, se concentrava sobre si própria, numa egoísta exclusão de tudo. Seria realmente egoísta? Se o fosse, preocupar-me-ia eu tanto com os outros que se haviam envolvido na minha vida? Ou precisamente a liberdade que eu tivera de ser eu

mesmo sem me dar conta, sem ter de lutar para sê-lo, era o que acumulara uma fúria tamanha de amor e de amizade, como a que, via agora, eu sentia?

Olhei de relance o Luís, sentado a meu lado, que logo sentiu o meu olhar e o retribuiu. A excitação do embarque, porém, sobrepunha-se nos olhos dele a tudo o mais. Era um brilho incomunicativo, em que havia uma espécie de vaidade juvenil do grande acontecimento.

– Daqui a três meses estou de volta – disse ele.

– Três meses passam depressa.

Não respondeu logo. E já chegávamos ao cais, quando comentou: – Três meses passam depressa, pois é. O pior é que a gente nunca sabe o que encontra quando volta.

Saindo do táxi e pagando-o (era curioso como o Luís, como que filialmente, sempre me deixava pagar tudo), eu respondi: – Ora, o mesmo que havia antes.

Ele ficou parado na borda do passeio, ao pé do portão, sem entrar no cais.

– Vamos, são horas – disse eu.

– E se eu não embarcasse?

– Tu estás doido? Não embarcar agora?

– Não sei. Acho que não quero embarcar.

– Claro que embarcas. Devias ter pensado nisso antes. Vamos.

– Até parece que você me quer mandar embora.

Fitei-o, e ele baixou os olhos: – Eu? Não dei um passo para nada disto.

– Não deu. Mas também não deu nenhum para eu ficar.

– Não sejas idiota. O que é que querias que eu fizesse?

– Não sei.

– Então se não sabes, não digas tolices. Vamos embora.

– Eu quero que você se despeça de mim aqui.

Foi quando percebi que havia em mim uma grande tristeza de que ele partisse, e que me impedira de perceber a confusão de

gente, de carros, de bagagens, que havia à nossa volta e em que estávamos como que escondidos.

Estendi-lhe a mão: – Boa viagem, Luís, e felicidades. Até à volta.

Ele agarrou-me na mão, e logo depois estava abraçado a mim, a chorar.

Eu bati-lhe no ombro, e dizia: – Mas que é isso? Tu não vais deportado para o fim do mundo, daqui a três meses estás de volta, que é isso? – e afastei-o brandamente.

Limpou rapidamente os olhos, observando em volta se alguém reparara nele. Toda a gente estava absorta na precipitação do embarque, e as pessoas apenas reparavam naqueles dois sujeitos como empecilhos da passagem: as malas contra nós eram testemunho disso. Enleado, o Luís ficou um instante diante de mim, que não fiz um movimento. Depois, foi levado na onda de carregadores e de passageiros que se engolfava pelo portão. O braço dele fugidamente ergueu-se da massa para acenar adeus.

Vim andando pela rua fora, na claridade crua que contrastava, pelo vazio branco, com o tumulto da entrada do cais. O que eu sentia era contraditório: um grande alívio por o Luís se ir embora, algo revoltadamente eu sentia; mas também uma amargura que me fazia pensar que todas as pessoas que me não fossem no fundo indiferentes, ou a quem eu o não fosse, eram precisamente aquelas que intensamente passavam por mim para sumir-se num tumulto anónimo. Seria, como ele dissera, que eu não fazia nada para segurá-las, ou o que fazia era exatamente o que as não seguraria, por elas ou por inadequação às circunstâncias? E que sentido tinha segurar as pessoas? Quais eram e como as pessoas que a gente segurava: as que nos queriam, ou as que nós queríamos? E não parecia que fugiam precisamente as que não desejaríamos perder, ou as que contraditoriamente nos inquietavam com a sua presença? A Mercedes eu perdera (o nome fez-me estremecer ao soar-me mentalmente), o Luís que era como um irmão e filho era como se tivesse já partido. Aquela, que eu desejava fisicamente com uma

ansiedade mais do que física, eu não queria vê-la nem tê-la outra vez. Este, que eu estimava profundamente, era com alívio que o vira desaparecer. No fundo, o que eu queria era regressar a um estado de inocência, de que ambos me haviam roubado, e, embora sentindo que o regresso era impossível, instalar-me na sossegada complacência de mim mesmo e da vida como a de toda a gente (tal como, na aparência, toda a gente a vive até que saibamos que uma, e outra, e outra, não...), ainda que levando para ela a certeza inquieta de que nenhuma mulher me seria mais do que a recordação da que eu perdera, e de que nenhum amigo me tocaria sem que eu suspeitasse nem que só das suas intenções subconscientes. Talvez que o tempo fosse pouco a pouco elidindo tudo isto, e eu viesse a sorrir de lembrar o passado, ou mesmo recebesse a graça de esquecê-lo. Sonhos ou pesadelos ou sucessivos círculos infernais que se me haviam em cadeia mostrado nas raízes da vida, esquecesse-os eu, seria alguma vez pelo menos a inconsciência que tivera até ao envolvimento trágico em que as circunstâncias me haviam dado e tirado o amor da minha vida, me tinham conduzido a servir de agente para a destruição e a morte de pessoas que me eram indiferentes ou com cujas motivações eu não estava diretamente envolvido? Não tinha eu lançado numa consciência de traição (que o lançaria em todas as aventuras sórdidas a que só numa rebelião juvenil ele se entregara) o Rodrigues? E em que medida eu não salvara da morte o José Ramos, ou o Carlos Macedo que eu nem sabia onde estava? Não me manifestara o Almeida a que ponto dependia de mim?

Parei na rua, um pouco aterrorizado com o facto de conseguir, sem terror, pensar em todos eles. Esvair-se-iam já no passado, a partir do momento em que o Luís cruzara o portão do cais? Ou seria que, pelo contrário, e diversamente do que todos aqueles dias do meu regresso a Lisboa sucedera, agora se me instalavam na consciência para ficar? Um mal-estar raivoso me fez rever a visão da praia, a posse imaginária da Mercedes. Mas, ao mesmo tempo

que agudamente sentia a frustração da posse virtual (como antes não me ocorrera) e uma espécie de vergonha por um gesto juvenil que saíra dos meus hábitos de homem, era como se o que acontecera na praia me tivesse libertado, tivesse reduzido a Mercedes e a minha paixão por ela ao nível do desejo adolescente, satisfeito solitariamente. O estranho, porém, é que novamente eu sentia uma fome horrível de tê-la, e a que a minha mão, agitando-se no bolso das calças, já correspondia. Consultei a carteira, a ver se tinha dinheiro que chegasse, e chamei um táxi que me levasse a uma das casas que eu conhecia.

Ao princípio da tarde, não havia movimento de freguesia, e a sala estava vazia. Mas a patroa chamou três mulheres, com uma das quais subi a escadinha estreita que levava aos quartos. Despimo-nos ambos, e na cama abracei-a furiosamente, beijando-a e entrelaçando as pernas na dela. Ela arfava profissionalmente, murmurando profissionalmente incitamentos, a sua simulada satisfação por um tão grande ímpeto de desejo. Não tardou, todavia, que eu percebesse que, a despeito do desejo ansiosamente violento, o meu sexo se mantinha inerte. Mais do que inerte: era como se eu sentisse nele um localizado frio. Não houve habilidades da mulher que o despertassem, nem as minhas mãos o conseguiram.

Cansados de esforços vãos, ficámos deitados na cama, em silêncio, ao lado um do outro. O desejo que eu sentia era ainda o mesmo, mas estava algures em mim, envolto por uma indiferença que nem me deixava sofrer claramente a humilhação do fiasco. Afagando-me o peito, ela perguntou: – Tu és casado, não és?

– Porquê?

– Porque às vezes com os homens casados isso acontece. Vêm às meninas para variar, e já não sabem variar.

– Não, não sou casado.

– Então estás preocupado com alguma coisa.

– Também não.

– Estás sim, que eu sinto. A gente aprende a conhecer quando é

que um homem tem alguma coisa que o aflige. A tua mulher corneou-te?

– Já te disse que não sou casado.

Um silêncio prolongou-se entre nós.

– Eu conheço-te – disse ela. – Já te tenho visto cá, o que é que nunca subiste comigo.

Havia como que uma leve tristeza profissional na voz dela: eu nunca a escolhera, e, quando a tinha escolhido, afinal não me interessava. Realmente, nem me lembrava de a ter visto antes.

Voltei-me para ela, com a mão a apalpar-lhe o sexo: – Alguma vez é a primeira.

Ela pôs-se a cavalo em cima de mim, esfregando o sexo e o ânus no meu membro. Mas foi em vão. Sentei-me na borda da cama, disposto a ir-me embora. Ela perguntou: – Queres que eu chame outra menina?

– Não.

– Não pagas mais por isso. Deixa por minha conta.

– Não, não quero.

– A gente bate pratos, e tu depois...

– Não.

– E se eu chamar o criado para me lambar, queres?

– O criado?

– Sim, é um rapaz que a gente aí tem. Tu és freguês, eu chamo. E lambe que é um gosto, havias de ver – e, após uma pausa constrangida, os olhos brilharam-lhe para acrescentar: – E não se importa de dar o cu.

– Quem é que tu julgas que eu sou?

– Nada, quero lá saber quem tu és. O que tu és é um freguês que teve uma nega comigo.

– Nunca nenhum teve?

– Ora, quantos... – e veio roçar-se por mim... – Só que nenhum era bonito como tu... Não quero que te vás embora assim.

– Eu pago-te na mesma.

– E achas que uma pessoa se sente bem de receber sem ter trabalhado?

Quase me deu vontade de rir aquela consciência profissional, mas respondi: – Pago-te o tempo perdido, tanto faz.

– Tanto faz? Eu não sou um táxi, não vivo de tempo, eu vivo disto... – e arreganhava o sexo com as mãos.

Comecei a vestir-me, e ela veio agarrar-se a mim: – Não te vás embora assim chateado, vem para a cama outra vez.

Deixei-me arrastar para a cama, onde ela me despiu a camisa e as cuecas que eu já vestira. Novamente nos rebolámos os dois, mas agora era eu, e não o sexo que levemente enrijecia, quem não sentia desejo algum. Não queria senão ir-me embora, acabar com aquilo. Ela, entre dentes, num simulado (e talvez não simulado já) misto de fúria e de ternura, ciciava palavrões, frases obscenas, palavras doces. Mas a agonia que eu sentia de ouvi-la e de senti-la contra mim era insuportável – não, eu não queria – e despeguei-me dela e recomecei a vestir-me.

Na borda da cama, ela ficou interdita, sem fazer um gesto, e, quando lhe estendi o dinheiro, disse: – Agora que estás a pau, vais bater a punheta para casa.

Saí para a rua, fui descendo a Rua do Alecrim até ao Cais do Sodré. Sentei-me num dos cafés com mesas à porta, e havia em mim como que uma serenidade que mesmo se recusava a que eu coordenasse ideias sobre o que se passara ou sobre fosse o que fosse. Dois engraxates, com a caixinha-banco, vieram disputar-me os meus pés, cada um alegando que eu o chamara primeiro. Eu não tinha chamado nenhum, e eles bem o sabiam. Sorrindo, disse-lhes isso mesmo, e que decidissem qual deles me engraxaria, ou que repartissem um sapato por cabeça. Um deles olhou-me de soslaio, repuxou as calças para cima, agarrou na caixa, e foi-se embora. O outro, sem dizer palavra, acomodou-se, ajeitou-me um dos pés no suporte, e aplicou-se atentamente em engraxar-me, com a ponta da língua mordida entre os lábios, e de vez em quando levantando

para mim uns olhos vazios, como os dos cães quando se coçam olhando-nos. Numa dessas vezes, parou de engraxar e desatou a rir, apontando com o queixo.

– O que é?

– O senhor está com tudo à mostra...

Estava, havia-me esquecido de abotoar as calças. Baixando o pé, e rindo em silêncio, abotoei-me disfarçadamente. Quando acabei e repus o pé, o rapaz puxou dedicadamente o brilho, parando para cuspinhar no pano.

No momento em que ele acabara e me competia mudar de pé, uma proa começou a surgir na nesga de rio entre a última esquina à beira de água e a estátua, e um casco cinzento deslizava nesse intervalo e a proa apareceu depois da estátua. Levantei-me para ver melhor. O rapaz fez um gesto de contrariedade, e voltou-se no banquinho: – Que é que o senhor tá a ver?

– Aquele navio.

– Ora, navios é o que mais passa aqui.

– Mas estou só a ver aquele.

O rapazinho levantou-se, e ficou a meu lado a olhar também: – Alguém da sua família vai nele?

– Não.

– Pois eu se ficasse aqui a ver navios morria de fome.

O navio acabou de passar do outro lado da estátua e sumiu. Sentei-me, e o rapaz começou a engraxar-me o outro sapato. Nisto, o criado do café aproximou-se com ares severos, e exclamou para ele: – Vocês, seus vadios, sabem muito bem que não podem engraxar aqui. O café tem engraxador.

O rapaz retorquiu que estava quase a acabar, que eu era quem o tinha chamado (e, ao mesmo tempo, os olhos dele pediam-me que o não desmentisse). O criado afastou-se ameaçando-o: que se livrasse de parar ali outra vez.

– O senhor tá a ver como é a vida? Eu pago a minha licença, eu pago ao meu patrão, eu pago ao malandro que tem este largo por

conta, a polícia não me deixa ficar parado se ninguém tiver o pé aqui, e ainda vem este filho da mãe a encher-me a porca da vida, porque neste lugar há outro que dá metade do que ganha ao dono do café. Já se viu uma coisa assim, diga-me lá, já se viu? – e levantava para mim o rosto magro em cuja testa as melenas tremiam de indignação.

Concordei que não, com pena dele que, olhando em volta, resmungou: – O senhor desculpe, eu não sei o que é que o senhor pensa, mas isto não pode continuar, não pode. Cada um tem direito ao seu trabalho, pois não é?

– Claro que tem.

Ele olhou-me desconfiado, e depois o rosto abriu-se-lhe num sorriso: – Tou a ver que o senhor é dos fixes. Aposto que o senhor trabalha.

Sorri para ele, para evitar a resposta negativa que, na solidariedade que ele julgava ter encontrado, me envergonhava. O que ele tomou por uma afirmativa, e o fez dedicar-se ao sapato com entusiasmo. No fim remirou-se na sua obra, e achou que este sapato estava menos lustroso que o outro (que havia sido engraxado antes da solidariedade): – Dê cá o outro pé, para umas puxadelas extra.

Levantou-se quando acabou, guardou o dinheiro que lhe dei, e com a caixa na mão, disse: – Não é sempre que o senhor fica engraxado como ficou agora, hein? – e demorou-se parado à beira das mesas, num desafio ao criado que já voltava para enxotá-lo e que ele cobriu de insultos, afastando-se com acintoso vagar, certo de que o criado o não perseguiria para não fazer escândalo, e não ferir a dignidade do estabelecimento. Eu paguei e atravessei para apanhar um elétrico no Corpo Santo. Saltei para o primeiro que passou e vinha cheiíssimo. Pouco a pouco, consegui encaixar-me na plataforma, comprimido entre o fundo e o aperto de pessoas na minha frente. Um enorme lombo gordo e perfumado se encostava a mim, de uma senhora loura cujo rosto eu não via. As nádegas dela, a cada sacão do carro, roçavam-se com pesquisadora força. Depois,

foi a mão que veio ficar entalada contra as minhas calças. Recurvando-se alongadamente, ia fazendo movimentos de impercetível contração contra o meu sexo que, gradualmente, o asno, lhe correspondia. Dois dedos enfiaram-se na braguilha, desabotoaram-na o suficiente para entrar, e procuraram passar as cuecas. Como o não conseguiam no aperto, voltaram atrás para desabotoar mais um par de botões, e, com outros, entraram a agarrar-se ao sexo que suavemente apreciaram no contorno da cabeça e na macieza da haste. E começaram um movimento rítmico. Não me faltava mais nada... Com esforço, levei a mão ao bolso, e segurando o sexo, impedi o movimento. Os dedos lutaram com os meus através do bolso, e, porque não venciam, a senhora agitou-se violentamente, e começou a gemer ofendida, a chamar a atenção: – Seu atrevido... seu patife... a abusar de uma senhora... quem é que julga que eu sou... deixem-me passar... deixem-me sair daqui... –. A plataforma, no aperto em que ia, não podia mais que voltar para mim olhares irados e chocarreiros. Como é que eu ia livrar-me daquele sarilho? Já vozes se levantavam apoiando a senhora, e pessoas espetavam os pescoços do aperto dentro do carro, adivinhando o escândalo. O condutor abriu caminho até à porta: – O que é que foi?

A senhora garganteava trémula: – Este homem... este homem... porco... desavergonhado... – e o carro parou num burburinho que desceu para a rua, e no qual eu pude parcialmente abotoar-me. Um polícia veio da plataforma da frente, e abriu caminho para o meio do grupo que me cercava e ao condutor e à senhora. O que ia sair dali? Uma dama oferecia-se para acompanhar a senhora à esquadra, para a esquadra é que eu devia ir. E, nisto, um rapaz alto, mal vestido, abriu caminho também: – Para a esquadra, qual nada! Eu conheço essa mulher, é useira e vezeira em fazer estes escândalos, quando a gente a não deixa... Já fez isso comigo uma vez! E sou capaz de jurar que há neste elétrico mais homens a quem ela fez o mesmo! Se este senhor vai para a esquadra eu também vou –. Várias

pessoas riam, comentavam em voz alta: – Ah, com que então, a senhora roça-se... –. O polícia tentava impor respeito e ordem: – Na esquadra, é que isto se resolve –. O rapaz alto agarrou na senhora por um braço: – Vá, ande lá para a esquadra, que eu conto como uma vez deixei a senhora acabar e não aconteceu nada senão eu ficar todo esportado, e como, outra vez, não deixei, e a senhora desatou aos gritos e a fazer escândalo –. A senhora chorava, pedia ao polícia que a livrasse daqueles malandros que estavam combinados contra ela. Mas os circunstantes estavam abalados, a dama que acudira voltara para o carro sub-repticiamente. E, de uma janela do carro, um senhor bem vestido debruçou-se para dizer: – Com licença das senhoras aqui presentes, eu posso testemunhar que essa mulher costuma fazer isso que esse rapaz conta. E sempre quero ver se ela afirma que eu estou feito com ele e com o outro que ela acusa. – Para a esquadra, para a esquadra – exclamava o polícia –. Mas a senhora não queria ir, sentia-se mal, quem sabe se se tinha enganado, tinha sido um engano, ela ia encostada na roda do travão...

– E confundiu as bananas, não foi? – disse o rapaz que me defendia. Foi uma gargalhada geral, e o próprio polícia teve dificuldade em manter a seriedade. De dentro do carro, vinham gritos: – Acabem com isso, vamos embora –. E, atrás de nós, já gente saía curiosa de outro carro que a paragem do nosso impedia de seguir. A senhora, chorando e suspirando, pedia ao polícia que a deixasse ir para casa, ela morava perto, ia a pé... O condutor subiu, as pessoas subiram, e ela subiu para o carro de trás. O polícia ficou ainda na rua, ao pé de mim e do rapaz, que não havíamos subido, e comentou: – Panasca já eu apanhei a fazer isto, mas uma senhora...

O rapaz disse: – Olha a dúvida... esses não protestam, se a gente não deixa...

Do carro, o condutor gritava: – Então sobem ou não sobem?

O polícia correu para a plataforma da frente. Nós dois entreolhámo-nos rindo. O carro começou a andar. E o rapaz disse: –

Está convidado para um copo.

– Eu é que lhe devo um copo. Se não fosse você...

E ele: – Lá isso é verdade. Vamos ali abaixo a uma tasca. Mas quer que lhe diga uma coisa?... Ela nunca me fez o que eu disse. Mas já conheço o jogo. E ela já deve ter feito o mesmo tantas vezes, esportando uns ou levando outros à esquadra, que nem sabe quem é quem. De resto, veja o senhor, ela não conhece as caras de ninguém, a mão dela é que conhece colhões. Quando eu falei, ela ficou logo sem saber. É para que aprenda: quem quer e não tem, pague, não é verdade? Mas ela, a filha da puta, é das que em casa até o gato é capado.

Entrámos na tasca, e pagámo-nos mutuamente o vinho. De copo na mão, ele voltou-se meio para o renque de mesas ao longo da parede, e meio para o patrão que servia. E, de galhofa, contou a história. Os homens e rapazes que enchiam a taberna riam, e outras histórias semelhantes foram contadas também. O patrão, ante a vitória contra a senhora e contra a autoridade policial que fora engrolada, serviu-nos de graça uma rodada, já com toda a gente de pé, junto a nós no balcão. Saí quando o rapaz saiu, dizendo que tinha de ir jantar para voltar a fazer serão. Na rua, despediu-se efusivamente de mim, e acrescentou: – Mas, para a outra vez, o melhor é não deixar, que eu posso não estar no carro elétrico... – e com o dedo espetado contra o meu peito. – Que ele há gajos que dão tudo por uma punheta no aperto...

– Não sou desses.

– Nunca tinha sido, é o que quer dizer, não é? Você ainda está com a braguilha meio desabotoada... – mas logo abriu as mãos no ar. – Tá... não leve a mal... Amigos, hein? A gente deve aproveitar todas as ocasiões. Bom, até mais ver – e estugou o passo pela rua acima.

Fui caminhando lentamente para casa. A vida realmente apostara em pôr-me à prova: não havia sucessão absurda de acontecimentos trágicos, ou grotescos, equívocos, ou puros,

insignificantes, ou incompreensíveis à força de significado, que ela não pusesse em mim ou no meu caminho. Era como se eu, um dia, mercê de um gesto inocente e gratuito (ou de cuja não-gratuidade eu não suspeitara, ou de cuja não-inocência eu não cuidara), tivesse aberto as portas do virtual, do eventual, do irracional, irreparavelmente. Ou, ao contrário, avançando descuidadamente, ele tivesse penetrado sem retorno numa supra-realidade que era a realidade mesma, apenas mal pressentida por quem realmente não vive. Mas afinal – quem é que vivia? Quem calmamente ia de nora em nora, e de dia em dia, ano para ano, até ao fim, sem nunca perceber mais do que escassamente que lhe acontecia, ou quem se lançava num torvelinho de acontecimentos? Entre estes extremos sem dúvida que a decisão pendia para os últimos. Mas era eu um deles? Lançara-me eu num torvelinho, ou via-me no meio dele, sem quase poder compreender que relação havia entre os diversos acontecimentos que pareciam formá-lo? Subitamente tudo, na minha vida, me surgia como destituído de sentido e de propósito, um misto gratuito de horror e de grotesco, em que vagamente algumas luzes de amor e de amizade – estranhas, contraditórias e dúbias como fogos-fátuos – haviam fugazmente brilhado, desde que eu como que nascera para uma consciência da vida como agitação vácuca. Ou não isto, mas... sim... era como se a vida dos outros assumisse subitamente o aspeto de uma gigantesca conspiração coletiva cujas motivações profundas, cujas razões imediatas, e cuja lógica essencial eu não conhecia. Por deficiência minha, ou por não haver que conhecer? Provavelmente por ambas as razões que ambas seriam válidas para toda a gente: apenas uns tomavam consciência (voluntariamente ou conforme as circunstâncias que lha forçavam) e outros a não tomavam ou recusavam tomá-la, ou aceitavam a explicação que lhes fosse dada. Uma coisa era certa: eu estava completamente só, inteiramente separado, e destituído de comunicação com os conspiradores da vida. E o pior de tudo é que, sentindo melhor o que me parecia sentir, eu era um deles. O que eu

me deixava escrever seria uma prova de que eu era: enquanto uns agiam, eu compunha mensagens cifradas. Acerca de quê? Talvez que do segredo maior: no momento em que a vida me aparecera como uma coisa terrível, uma rede inextricável de perigosas e catastróficas responsabilidades sempre imprevisíveis, eu descobria que a imprevisibilidade não era senão o sinal de que o maior horror da responsabilidade estava em não poder haver responsabilidade alguma. As pessoas existiam para se iludirem a si mesmas e às outras, para se torturarem a si mesmas e às mais, para se entredestruírem por amor, por amizade, ou por distração. Tudo isto se organizava numa conspiração colossal, sem fito ou nexos mais que a intenção firme de sobreviver triunfalmente menos à morte que à própria vida.

Quando cheguei a casa, minha mãe e meu pai estavam a acabar de comer um jantar que a cozinheira servia. Havia na atmosfera, ou era impressão minha, como que uma estranha sonolência: dir-se-ia que as luzes perpassavam pelo meio das coisas e das pessoas, sem as iluminar, apenas nimbando-as de vagos reflexos, fluidas irisações, uma nevoenta distância. Dei as boas-noites, sem que me respondessem, e fui lavar-me e arranjar-me. Ao sentar-me à mesa, o mesmo silêncio prosseguiu, e eu, na sequência dos pensamentos que me haviam trazido até à porta de casa, interrogava-me, olhando a sopa que ia comendo, sobre se era eu quem projetava aquele silêncio que então entrara comigo, ou se, pelo contrário, ele me aguardava já, por qualquer específica razão que eu não entendia. Mas a dúvida na verdade não me inquietava: havia em mim uma aceitação de tudo, uma vazia amargura, um encantamento irónico. Realmente, tudo podia acontecer ou não acontecer, sem que me surpreendesse jamais. O golpe podia desabar, que eu sofreria um doloroso choque, mas uma surpresa não. Nada seria inesperado para mim: apenas eu não saberia nunca o que seria inesperado ou não.

Meu pai, sem levantar os olhos da aplicada atenção com que ia descascando um pêssgo a toda a volta do fruto (gostava muito de exibir depois a hélice completa), perguntou: – Então o rapaz sempre embarcou?

Servindo-me do guisado que a criada me estendia, respondi: – Acho que sim.

– Achas que sim? Essa agora! – e as voltas ao pêssgo faziam-se mais cuidadosas no aperto final da esfericidade dele.

– Despedi-me dele à entrada do cais, que foi onde ele quis despedir-se, e mais tarde vi o navio sair. Acho que ele ia a bordo.

Minha mãe comentou: – Era o que faltava que não tivesse ido – mas, após uma pausa, acrescentou: – Rapaz maluco, desavergonhado, má companhia.

Meu pai fez a sinuosa fita da casca oscilar no ar, e não disse nada. Minha mãe prosseguiu: – Acontece cada uma! Cai assim um fulano do céu aos trambolhões em casa de uma pessoa...

– Foi o seu irmão quem o recomendou, não foi? – e meu pai agora cortava, com garfo e faca, o pêssgo em pedaços, como se não tivesse sido ele quem falara.

– Não, ele chegou primeiro e a recomendação veio depois.

Com uma garfada no ar, meu pai disse: – Tanto faz. E não vejo qualquer vantagem em falar-se mais no caso. Veio, esteve aqui, arranjou-se-lhe o emprego que ele queria, embarcou, acabou-se.

– Daqui a três meses, bate aí à porta outra vez.

– Não tem nenhuma outra em Lisboa.

– E as pessoas que não têm casa em Lisboa estão autorizadas a aboletar-se aqui?

O meu pai, sem a olhar, sorriu, e disse: – Se tens pena do rapaz, e não sabes se hás de sentir pena ou não, isso não é razão para os outros pagarem as favas. Pelo menos eu.

Minha mãe ficou perplexa, como sempre lhe acontecia com algumas respostas calmas e irónicas dele. Os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas, e o que disse foi: – A frieza com que tu falas destas

coisas! É de arrepiar. Uma pobre criatura pode desaparecer, que a ti não te aqueça nem arrefenta.

Ele acabava de comer o seu pêssego, e pousou arrumadamente os talheres no prato, depois de chegar para o lado a casca: – Todos os dias, neste mundo, desaparecem milhares de pessoas, de uma maneira ou de outra.

Quem sentiu um arrepio fui eu. Minha mãe fungou: – É outra coisa. São pessoas que a gente não conhece. Não faz diferença nenhuma.

Meu pai continuou o mesmo jogo de reduzir à inconsequência as sensibilidades dela: – E uma viagem ainda faz menos. E ainda faz menos, quando uma viagem, isto é, quando fazer viagens é um modo de vida.

– Quando comesas com isso de nada ter importância... – e limpava os olhos com o lençinho que tirara da manga.

Ele deu-lhe uma leve palmada afetuosa na mão mais próxima, e levantou-se. Levantei-me também, fui para o quarto. Ao acender a luz, foi que me dei conta de que as transformações que o Luís acarretara nele haviam desaparecido. Tudo estava como dantes. Sentei-me na borda da cama, e a arrumação do quarto assumia um ostensivo ar de atraente sossego anterior a tudo. Isso comunicava-me uma leve agonia que, por contraste, acentuava um cansaço imenso. Este, porém, limitava-se aos acontecimentos do dia, que no entanto eu não recordava claramente, ou não fazia esforço para recordar. Assim, o cansaço e a agonia como que se equilibravam num oscilar balanceado, precário, que, pouco a pouco, pendia para que o cansaço fosse agradável, vazio, ignorante de motivos, razões e causas. Um as palavras indistintas perpassavam lentas, combinando-se e descombinando-se na minha cabeça. Recostando-me na cama, senti um sorridente prazer em deixá-las fugir, dissolverem-se hesitantemente, com recorrências murmuradas como as crespas vibrações e contravibrações à superfície de uma água escura e quieta que se imobiliza oleosamente num espelho tranquilo.

XLIII

Acordei com uma límpida claridade a entrar pela janela cujas portadas eu me esquecera de fechar. Mas o que me acordara era um burburinho que eu ouvia lá dentro, agitação, falácia pela casa adiante. Era cedo ainda, oito horas. Mas sentia-me repousado, bem disposto, e reagi com curiosidade. Que seria? Levantei-me, fui ver. Minha mãe andava de um lado para o outro no corredor, dava ordens à criada, que fosse à mercearia já, já, antes que ela fechasse, se é que tinha aberto, trouxesse batatas, bacalhau, arroz, e sal, que não esquecesse o sal. A criada aprestava-se para sair, voltava atrás para acrescentar na memória mais uma recomendação, mais um nome na lista. Meu pai só dizia que era preciso calma, não se ouvia nada, seria boato, era preciso saber primeiro o que acontecera. Foi o que eu perguntei. A resposta veio dramática de minha mãe: o padeiro trouxera a novidade, tinha dito que houvera uma revolução. Meu pai comentou que, se tinha havido, já não havia, visto que tudo estava sossegado. A criada parecia espavorida com a ideia de uma revolução, mas ansiosa por ir à rua, a pretexto de mercearias, para saber do que se tratava. Minha mãe, às observações de meu pai, respondia: – Já não se lembrava do que uma revolução era? Não se lembrava de como tudo fechava por causa dos assaltos às lojas? E daquela vez que tinham ficado dias sem ter onde comprar nada? Ele respondia que, ora essa, dessa vez, com tiros e tudo na rua, o merceeiro nunca deixara de mandar o pobre do marçano a saber se era preciso alguma coisa, a trazer as compras.

– Mas que foi que o padeiro disse?

– Que houve uma revolução esta noite.

– Aonde?

– Aqui em Lisboa! – e minha mãe acrescentou: – Eu estava mesmo à espera que isto acontecesse qualquer dia. Já estavam cansados de paz e sossego, é o que é. E agora vai ser o mesmo

inferno de dantes.

– Mas não sabemos o que aconteceu realmente, e está tudo tão calmo, não se ouviu nada, será um boato. Ou a coisa não foi séria – dizia meu pai.

– Claro que foi séria! Essas coisas são sempre muito sérias. Daqui de casa não sai ninguém – e minha mãe fitava-me e a meu pai –, que eu não quero ficar numa aflição, e sozinha aqui, sem um homem em casa. Deus me livre.

– Tu estás doida? Então não hei de ir para o emprego?

A criada, à porta, hesitava. Minha mãe dardejou uma ordem: – Vá lá à mercearia, e de caminho pergunte o que é que houve – e ela saiu.

Meu pai disse: – O melhor é eu telefonar para o escritório, a saber o que se passou, o que é que há.

O telefone naquele tempo, na maior parte das casas, era um imponente bibelô preto que ninguém usava senão em emergências extremas. O telefone só tocava, ou só era levantado do gancho, em correlação necessária com momentosos eventos.

– Isso, telefona, pergunta para lá – apoiou minha mãe, e em procissão seguimos atrás dele em direção ao objeto, no fundo do corredor, na esquina para a sala de jantar, sobre uma peanha de que pendia um *napperon* branco que mais fazia ressaltar a nobre dignidade do monstrinho negro.

Quando meu pai falou, era evidente que tudo corria normalmente no escritório, apesar da excitação que se sentia que o telefone estava a transmitir e que ele pontuava de movimentos afirmativos de cabeça e de alguns ahs intercalados. Pousando o auscultador no gancho, meu pai deixou correr uns instantes, saboreando a solenidade da expectativa, e depois resumiu o que ouvira: – Parece que a Armada se revoltou, e alguns navios iam pelo rio abaixo, e os fortes meteram-nos no fundo. Mas não aconteceu mais nada. O governo domina a situação, já acabou tudo.

– Ora... – comentou minha mãe – isso é sempre o que os

governos dizem. O melhor é esperar até amanhã, e, se não houver tiroteio entretanto, é porque então é verdade.

Não me contive: – Mas também houve este tiroteio agora, e não se ouviu nada cá em casa...

Minha mãe ia responder-me asperamente, quando a criada voltou afogueada de notícias: – Ai minha senhora, lá na mercearia estava um ror de gente (Veem? – triunfou minha mãe para meu pai) e diz que houve uma revolução e que já acabou mas não se sabe se acabou ou não porque pode rebentar outra coisa e que foram uns navios da guerra (– *De guerra* – emendou minha mãe) que desataram aos tiros e mataram os oficiais todos e depois foram ao fundo porque o governo mandou que fossem metidos ao fundo e os fortes foi que os meteram ao fundo e agora não se sabe mais nada e parece que está tudo quieto. Minha senhora, as batatas subiram, e o bacalhau e o arroz também, e o Sr. Joaquim (era o dono da mercearia) diz que podem faltar e por isso é mais caro.

– Estamos como dantes – comentou minha mãe –, sempre que lhe cheirava a revolução esse homem subia o preço de tudo. É mau sinal.

– Vou mas é para o escritório, que já estou atrasado – disse meu pai.

– Não, não vais, que eu não quero ficar sozinha, numa inquietação destas.

– O rapaz está aí.

– Quando é que ele parou em casa alguma vez? Assim que estiver arranjado, sai-me pela porta fora, que não há quem o agarre.

– Bem, até logo. Depois eu telefono – e foi saindo com minha mãe a clamar no patamar da escada: uma falta de juízo e de prudência, e ela abandonada à sua aflição.

Fechada a porta, minha mãe voltou-se para mim: – Tu tens alguma coisa que ver com isto? Tu estás metido nisto? – e a criada fitava-me com um olhar pasmado.

– Eu?! – e, quando ia rir-me de tão absurda pergunta, senti que

não podia rir nem responder, e que era como se eu estivesse envolvido naquilo, metido naquilo até ao pescoço. Praias, pessoas, fragmentos de falas, uma proa enorme, e Forte, tudo redemoinhava à minha volta, e afogados, de bruços, vogavam lentamente, deixando um rasto de fios de sangue que se dissolvia na água.

Minha mãe mandou a criada para a cozinha, arrastou-me para a sala de jantar e fechou a porta.

– Valha-nos Deus! O coração bem me dizia! E agora?

– E agora o quê? A mãe não entende. Eu não estou metido *nisto*, em revolução nenhuma, é outra coisa.

– Que outra coisa? Eu logo vi que toda esta vadiagem havia de acabar mal.

– Não faça misturas nem confusões (e eu sentia que em mim tudo era mistura e confusão), deixe-se de romances. Já disse que não tenho nada que ver com coisa nenhuma. E – foi uma inspiração – acha que, se tivesse, tinha ficado em casa esta noite?

O argumento impressionou-a: – Não sei... Talvez não... Juras que não andas com gente perigosa?

– Juro – e, ao mesmo tempo, perguntava-me quem seria ou não perigoso.

– Tem cuidado, não te desgraces, nem nos desgraces a nós.

Fui para a casa de banho, a pensar naquela filosofia: «não te desgraces, nem a nós», como se desgraçar voluntariamente ou por inadvertência, ou por inesperada consequência, *os outros* fosse decididamente secundário. Tremi, reconhecendo naquilo o pior dos egoísmos, sem dúvida. O egoísmo da inocência, da ignorância, do conformismo, o egoísmo pavoroso dos que se querem, e querem os outros, inocentes, ignorantes, e conformados, cada um fechado sossegadamente na sua paz, e defendendo, pior que com ferocidade, com bondade e até honesta doçura, as fronteiras invioláveis do seu primeiro, segundo ou terceiro andar, mais as pratas e os filhos, contra a invasão de qualquer grito de angústia. Estendido no banho, deixando-me embebedar de ensaboado calor, não me sentia lavado

ou repousado. E o próprio parcial flutuar na banheira dava-me uma sensação de horror. Mas recusava-me a recordar fosse o que fosse, a fazer ligações entre os acontecimentos e as pessoas. De súbito, levantei-me, ou uma ideia levantou-me: se o *forte*, um dos fortes que tinham entretanto afundado os navios, estava de prevenção na véspera, era porque o governo sabia o que ia acontecer – e ou não sabia a extensão do que ia acontecer, e esperara pela saída da revolução, para agir depois, ou sabia perfeitamente a extensão dela, e deixara que tudo acontecesse, porque isso muito melhor servia os seus fins. E navios iam ao fundo, pessoas eram mortas, por um frio cálculo de vantagens políticas. Estava eu, porém, isento de ter feito cálculos semelhantes? E tinha sequer a desculpa de um plano de ação, que, por idealismo ou por reles cálculo, ou mesmo por obediência a sórdidos interesses que tivesse por missão defender, me justificasse? Mas justificar era afinal o mesmo que estar dentro da justiça e da razão? Mas que justiça e que razão não serviam para justificar tudo?

Vesti outra vez o pijama, fui tomar café. Sentada à mesa, minha mãe lia atentamente o jornal. Debrucei-me por cima do ombro dela, para ler também.

– Senta-te e come primeiro, que são mais do que horas – porque embirrava que alguém lesse por cima do ombro dela, e nem o sensacionalismo do caso lhe alterava o reiterado hábito.

Enquanto eu comia, ia-me recitando excertos de noticiário. Mas eu detestava ouvir ler por frações: – Leia, que eu leio depois.

Mas minha mãe prosseguiu apaixonadamente: – «Uma revolta a bordo do navio *Afonso de Albuquerque* e do contratorpedeiro *Dão...*» Ora aí está. «Algumas dezenas de cabos e marinheiros tomaram conta dos navios»... Coisa de gente ordinária... Marinheiros, ui que gente!... Ah, espera, «marinheiros, representando uma pequena parte das guarnições daqueles barcos, tomaram conta dos navios»... Foram poucos, está-se a ver... «prenderam os oficiais de serviço»... Prender os oficiais, que indisciplina... «e tentaram sair a barra para

se irem juntar à esquadra marxista espanhola»... Para onde é que eles iam?

– Juntar-se à esquadra espanhola, à do governo.

– Qual governo, aquilo não é governo, estás a ver o resultado dos maus exemplos? Ouve, espera. «Um fogo violento e certo das baterias de Almada e do Alto do Duque reduziu os rebeldes à impotência»... Bem feito, foi a tempo... «Em poucos minutos»... Durou pouco, por isso não chegámos a ouvir nada... «obrigando-os a arvorar a bandeira branca, quando os navios estavam já a meter água»... Meter água? (Ir ao fundo – expliquei eu). «Aparte estes dois navios, toda a esquadra se manteve absolutamente disciplinada.» Afinal foram só dois navios. E não mataram os oficiais (havia na voz de minha mãe como que uma decepção inconsciente que a levou a percorrer o jornal com precipitada atenção). Não, não dizem nada de terem matado os oficiais.

– Só podiam matar dois, um em cada um.

– Essa agora! Pois não há tantos em cada navio?

– Há, mas vão ficar a casa. É como nos quartéis. E é o que aí diz, não é? «Prenderam os oficiais de serviço.» O que quer dizer que só estavam lá os oficiais de serviço.

– É... não mataram os oficiais de serviço... Mas não diz aqui se os navios foram ao fundo... Foram só dois, porque aqui diz que «dos vinte e um navios que ontem se encontravam surtos no Tejo apenas dois se sublevaram, capitaneados por pequenos comités». Aqui está... «Desembarque dos mortos, dos feridos e dos presos...» Vês?... Houve mortos e feridos.

– Os marinheiros e os cabos.

– Ah espera... o governo já sabia (estremeci). «O governo, que já conhecia as intenções dos sublevados, tinha tomado as providências necessárias para os reduzir imediatamente à obediência.» Olha, e vão castigar «os oficiais e sargentos que não tenham empregado todos os esforços para dominar a insubordinação».

– Como é que é isso?

– Como é? Claro que devem ser castigados.

– Mas, se eles não estavam a bordo, porque só estavam os oficiais de serviço, é porque não sabiam de nada, e o governo também não. Ou o governo sabia e eles não, e como é que agora pagam pelo que não sabiam?

– Não me perguntes isso a mim. Mas que confusões estás tu a fazer? Olha, sabes que mais? Quem manda, manda. O governo lá tem as suas razões. Oh que horror... Tinham a bordo exemplares, diz aqui, do *Marinheiro Vermelho*. Que horror.

– Horror porquê? A mãe já viu esse jornal alguma vez?

– Nem preciso, basta o nome. Marinheiro já é gente de bebedeira e facada, homens cheios de vícios, ainda por cima «vermelho»! Onde é que tu vais?!

– Vou ver navios.

– Tu não sais daqui! Bem basta que o teu pai tenha saído, por obrigação. Quem o mandou telefonar para o escritório?! Claro que logo disseram que não havia nada, aquela gente não perdoa nem uma revolução. Mas tu não tens nada que fazer. A tua obrigação é ficares em casa para defenderes a tua mãe.

– Defender de quê? – e a discussão eternizava-se, com vaivém de razões em círculo e a minha mãe dramaticamente já na porta da rua, de braços abertos, e a criada atrás de mim, suplicando que eu não saísse, a senhora estava tão aflita, eu não me dava conta?

Saí, atirando com a porta que logo se abriu para a minha mãe me lançar maldições lacrimosas, entremeadas de aterrorizados avisos pelos riscos que eu corria; e, do alto do patamar, os clamores seguiram-me até à rua. Na rua, não tinha para onde ir, e fui descendo a caminho da Baixa.

Não se sentia nas pessoas e nas coisas alteração alguma. Talvez em tudo um ar de acontecimento, certa movimentação à porta das mercearias e outras lojas, pessoas que ostensivamente paravam na rua de jornal aberto (para darem ênfase à atmosfera que pressentiam ou que desejavam pressentir) e depois procuravam os

olhos dos restantes transeuntes, em busca de tácito calor comunicativo. Mas, e seria talvez impressão minha, os outros olhares furtavam-se. Era como se dois pares de olhos se levantassem de um jornal, ou se cruzassem para comunicar um silencioso acordo ou um começo de conversa, e logo recuassem a refugiar-se numa cauta reserva. Subitamente, senti que a solidão que era a minha, a de saber que sabia e não sabia o quanto sabia, não era senão um caso particular de outra solidão maior que se abatera sub-reptícia sobre tudo e todos, e a que todos se sujeitavam sub-repticiamente. Não era que as pessoas fossem coniventes de uma revolução falhada, uma rebelião, uma «intentona», como eu me lembrava de ouvir dizer quando era pequeno, e temessem denunciar-se com um gesto ou uma palavra. Algumas, por certo, leriam o jornal com o mesmo ansioso prazer de a ordem e a disciplina serem mantidas, que houvera na voz de minha mãe. E, todavia, essas mesmas sentiam-se sós e incomunicáveis, por terem aceitado que a ordem e a disciplina fossem uma coisa exterior a elas, defendida por outros, em nome de um governo que tomara sobre si o defini-las e se atribuía a onisciência mesmo de revoluções que chegavam a sair e causavam mortos e feridos. Ainda que se entusiasmassem umas às outras, seria sempre um entusiasmo triste, como forçado pela necessidade de compensar o que nem saberiam haver perdido ou abandonado.